PREFEITURA DE SANTOS
Secretaria de Educação

Santos
Cidade Educadora

Plano de Curso

Ensino Fundamental

1º ao 5º ano

2012

SUMÁRIO

Apresentação 9

Plano de Curso - 1° ano

Orientações Didáticas

Ciências 13
Matemática 16
Informática Educativa 26
Língua Portuguesa 27
Inglês 31
Arte 34
Educação Física 38
História 40
Geografia 43
Ensino Religioso 46

Conteúdos

Ciências 63
Matemática 64
Informática Educativa 66
Língua Portuguesa 67
Inglês 68
Arte 69
Educação Física 71
História 72
Geografia 73
Ensino Religioso 74

Plano de Curso - 2° ano

Orientações Didáticas

Ciências 77
Matemática 80
Informática Educativa 90
Língua Portuguesa 91
Inglês 97
Arte 100
Educação Física 104
História 106
Geografia 108
Ensino Religioso 111

Conteúdos

Ciências 128
Matemática 130
Informática Educativa 132
Língua Portuguesa 133
Inglês 135
Arte 136
Educação Física 138
História 139
Geografia 141
Ensino Religioso 142

Plano de Curso - 3° ano

Orientações Didáticas

Ciências 145
Matemática 148
Informática Educativa 160
Língua Portuguesa 161
Inglês 167
Arte 170
Educação Física 174
História 176
Geografia 179
Ensino Religioso 183

Conteúdos

Ciências 200
Matemática 202
Informática Educativa 204
Língua Portuguesa 205
Inglês 207
Arte 209
Educação Física 211
História 212
Geografia 214
Ensino Religioso 215

Plano de Curso - 4° ano

Orientações Didáticas

Ciências 219
Matemática 224
Informática Educativa 237
Língua Portuguesa 238
Inglês 245
Arte 248
Educação Física 253
História 255
Geografia 258
Ensino Religioso 261

Conteúdos

Ciências 279
Matemática 281
Informática Educativa 284
Língua Portuguesa 286
Inglês 288
Arte 290
Educação Física 292
História 294
Geografia 296
Ensino Religioso 298

Plano de Curso - 5° ano

Orientações Didáticas

Ciências 301
Matemática 307
Informática Educativa 321
Língua Portuguesa 322
Inglês 329
Arte 333
Educação Física 338
História 340
Geografia 342
Ensino Religioso 345

Conteúdos

Ciências 363
Matemática 365
Informática Educativa 368
Língua Portuguesa 370
Inglês 372
Arte 374
Educação Física 376
História 378
Geografia 380
Ensino Religioso 382

APRESENTAÇÃO

"(...) Protege-me das incursões obrigatórias que sufocam o prazer da descoberta
e com o silêncio (intimamente sábio) das tuas palavras e dos teus gestos
ajuda-me serenamente a ler e a escrever a minha própria vida."
(Ademar Ferreira. In: ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.)**

Caro(a) professor(a),

Com o intuito de nortear o planejamento de suas ações pedagógicas, a curto, médio e longo prazo, apresentamos o **Plano de Curso do 1º ao 5º ano**, revisado segundo *a nova ortografia*. Ressaltamos que este plano é anual, não dispondo, portanto, de uma divisão bimestral dos conteúdos, visto tratar-se, como o próprio nome diz, de um plano, e não de um planejamento. Dessa forma, caberá a você, professor, após o período de conhecimento de seu grupo-classe, o que compreende os diferentes procedimentos diagnósticos, estudar este plano e as orientações didáticas que o precedem, a fim de construir, com autonomia, o melhor percurso pedagógico junto a seus alunos, ou seja, elaborar o "planejamento" propriamente dito.

Os conteúdos apresentam-se divididos em **conceituais** (conhecimento de conceitos, fatos e princípios), **procedimentais** (um "saber fazer") e **atitudinais** (valores, atitudes, regras e normas). Cabe ainda dizer que, em razão dos conteúdos conceituais, manteve-se a divisão por disciplinas, o que, no entanto, não invalida a abordagem interdisciplinar do trabalho em sala de aula. Resguardadas as especificidades de cada área do conhecimento, o que, em sua maioria, constrói-se por meio dos conteúdos conceituais, é por intermédio da aprendizagem dos outros conteúdos que a interdisciplinaridade ocorre. Certos procedimentos também se aplicam com exclusividade a uma disciplina, porém, em sua maioria, assim como as atitudes a serem desenvolvidas pelas crianças, esses perpassam todas as áreas do conhecimento, em maior ou menor escala, durante certa etapa de sua aprendizagem. É nesse sentido, portanto, que seu planejamento deve se orientar, buscando garantir a construção dos saberes próprios de cada disciplina, concomitantemente à dos que se apreendem de uma forma transversal.

Importa dizer que, ao falarmos dos conceitos mais específicos de cada disciplina, não estamos dizendo que o vínculo entre esses saberes não possa ser estabelecido, até porque ele existe naturalmente nos conhecimentos instituídos, mas sim que há conceitos próprios de Língua Portuguesa, os quais não dizem respeito à Matemática e vice-versa. Portanto, não é necessário "forçar" tal aproximação, criando situações de aprendizagem vazias de significado. Por outro lado, há conceitos que pertencem a mais de uma área, demandando, assim, que sejam construídos interdisciplinarmente.

Desse modo, professor, buscando auxiliá-lo no planejamento de suas ações e intervenções em sala de aula e na elaboração de atividades significativas para a aprendizagem de seus alunos, elaboramos algumas orientações para cada área do conhecimento, em que se abordam mais profundamente esses aspectos apresentados. Recomendamos a leitura desse texto paralelamente à leitura do plano em si.

Indicamos, no decorrer deste documento, algumas sugestões de referências bibliográficas para aprofundamento dos temas aqui expostos. Sugerimos também que você acesse o ***Site* da Educação** (http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc), no qual poderá encontrar subsídios teórico-práticos para *download*, além de outras informações interessantes. Lembramos ainda que estamos à disposição para esclarecer eventuais dúvidas, apontar sugestões, analisar coletivamente as dificuldades, a fim de colaborar na escolha dos percursos pedagógicos mais adequados para a efetiva aprendizagem de nossas crianças.

Nossa intenção é fortalecer, cada vez mais, a parceria entre nós, educadores, cujo objetivo comum é a excelência da qualidade de ensino e o desenvolvimento pleno e feliz das potencialidades de nossos alunos.

Departamento Pedagógico
2012

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

1º ANO

Ensino Fundamental

CIÊNCIAS

Considerações gerais sobre o ensino de Ciências

Para construir uma proposta pedagógica sobre o ensino de Ciências, devemos levar em consideração que as ciências naturais agrupam os conhecimentos relativos à natureza, sobre os fenômenos naturais, elaborados e acumulados pelo homem, de geração a geração.

Para aprender Ciências, é necessário ter contato com a realidade para interiorizar o mundo que nos rodeia. Dificilmente, os alunos poderão ter uma aprendizagem que lhes seja útil para a vida se nos orientarmos por uma didática com enfoque abstrato, baseada apenas na memorização de fatos e conceitos. Desse modo, o que poderemos conseguir é desmotivá-los nessa área do conhecimento.

Nos anos iniciais, são inúmeras as possibilidades de trabalho com os conteúdos de Ciências Naturais. É possível a elaboração de algumas explicações objetivas e mais próximas da Ciência, de acordo com a idade e o amadurecimento do aluno, muito embora ainda persistam “explicações mágicas” para alguns fatos.

Esse é o momento em que as crianças têm uma primeira aproximação com as noções de ambiente, seres vivos, corpo humano e transformações de materiais do ambiente por meio de técnicas criadas pelo homem. Podem aprender procedimentos simples de observação, comparação, busca e registro de informações, e também desenvolver atitudes de responsabilidade para consigo, com o outro e com o ambiente.

O papel da observação

Observar é um procedimento importante do fazer científico. Para tanto, o professor deve considerar a possibilidade de os alunos observarem de forma direta e indireta fatos e fenômenos que nos rodeiam. Observar significa ir mais além do que simplesmente olhar, é empregar qualquer um dos órgãos dos sentidos com o interesse voltado para atender um determinado objetivo.

Observação direta é quando há contato direto com o objeto ou fenômeno que está sendo observado, por exemplo: observar, em um jardim, as folhas das árvores, dos arbustos, das folhagens e gramíneas. Indireta é quando o objeto se encontra representado por diferentes linguagens: fotos, vídeos, gravuras, mapas, esquemas, maquetes ou mesmo instrumentos e aparelhos.

Comparação

Comparar é uma forma de coletar dados durante uma observação. Os alunos podem comparar entre si objetos, seres vivos, materiais, etc. Por exemplo: comparar vários tipos de folhas encontradas em um jardim e depois classificá-las, usando diferentes critérios, como forma, tamanho, textura, cor, etc.

As habilidades de observação e comparação de semelhanças e diferenças permitem a estruturação de processos mentais mais elaborados, assim como a reconstrução de categorias de ideias, ou seja, de modelos científicos, tais como argumentar, sintetizar, analisar, identificar, entre outros.

Investigação

É muito importante também propor investigações, em que os alunos possam apresentar suas hipóteses sobre o assunto em estudo, fazer suposições sobre os fatos e/ou fenômenos, trocar ideias com os colegas. Esses momentos necessitam da intervenção do professor no sentido de apresentar situações favoráveis à expressão de ideias, incentivar a sua manifestação e o encaminhamento na busca de informações que permitam a sua verificação.

Experimentação

Por meio dela, os alunos podem pôr em ação algumas de suas ideias sobre fatos e conceitos e testar hipóteses, levantadas em um determinado problema, vistas pela ótica infantil e mediadas pelo professor. A atuação do aluno é, nesse sentido, fundamental. As experiências sugeridas não devem, portanto, ser consideradas como meras demonstrações de um conjunto de informações fornecidas pelo professor, mas como um desafio para que os alunos coloquem em prática os conhecimentos que já possuem.

Leitura e escrita

O ensino de Ciências pode potencializar a aprendizagem da leitura e da escrita, incentivando o contato do aluno com diferentes tipos de textos, a argumentação oral e o registro escrito dos conhecimentos adquiridos. Nessa fase, a capacidade de narrar ou descrever um fato pode ser enriquecida pelo desenho que progressivamente incorpora detalhes do objeto ou fenômeno observado. Além do desenho, outras formas de registro podem ser usadas: recorte e colagem, elaboração de listas, tabelas, pequenos textos, com a ajuda ou não do professor, utilizando e aprimorando os conceitos e procedimentos adquiridos em Língua Portuguesa e Matemática.

A aprendizagem do vocabulário científico não deve ser priorizada e nem realizada por meio de memorização, mas sim por meio de múltiplas aproximações com a realidade dos alunos e, sempre que possível, em situações reais de comunicação, por exemplo, na produção de um texto coletivo. O professor deve ensinar o aluno a discernir o uso do termo e do conceito em diferentes contextos, ressaltando a distinção entre o significado comum e o científico.

Em suma, pessoas que sabem ler e escrever bem, consultar enciclopédias e outros tipos de documentos, que sabem argumentar e defender suas ideias, que sabem ouvir e discutir questões, estão aptas a aprender um assunto de seu interesse, a qualquer momento, independentemente do banco escolar.

A abordagem dos conteúdos

Nas séries iniciais, apesar de o ensino de Ciências ser orientado por uma proposta de conteúdos, deve-se priorizar o desenvolvimento da criatividade e da imaginação. Normalmente, os conteúdos são extensos, mas eles abrem um ”leque” de opções para a abordagem da ciência. O importante, qualquer que seja o critério usado para a seleção dos conteúdos pelo professor, é que ele privilegie o que é mais pertinente para aquele momento.

Como dissemos, é fundamental que o professor, num primeiro momento, leia o plano, com os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, do ano em que está atuando. Após essa primeira leitura, parte-se para elaboração do seu próprio planejamento. Uma boa opção para um planejamento eficaz é trabalhar com temas significativos, por meio de projetos dentro do âmbito da própria classe. Esse procedimento facilita a interdisciplinaridade.

O ensino de Ciências deve ser priorizado logo no início do ano letivo, independentemente do nível de alfabetização dos alunos, pois representa uma estratégia a mais para alcançar os objetivos da alfabetização. O professor deve elaborar atividades que visam a facilitar o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, auxiliando-o no processo de alfabetização.

Os conteúdos, embora organizados por temas específicos (ambiente, ser humano e saúde, animais e plantas), não devem ser trabalhados de maneira linear, ou seja, o professor tem a liberdade de organizar o seu trabalho em temas abrangentes ou gerais. A sequência a ser desenvolvida fica a seu critério, o importante é articular os conteúdos dos diferentes blocos.

O objetivo é iniciar a criança no estudo das ciências e das coisas da natureza, dos animais e plantas, de si própria e sua relação com os outros, com a tecnologia e com o mundo. A abordagem do conteúdo pode ser realizada por meio de elementos do dia a dia das crianças, que têm, por um lado, o seu aspecto individual e, por outro lado, a sua parte universal, o que representa a sua comunidade. É importante desenvolver os conceitos num determinado contexto, de forma que os conteúdos possam ser trabalhados da mesma maneira como analisamos os acontecimentos do cotidiano.

As crianças nessa fase da vida são extremamente curiosas, buscam explicações para o que veem, ouvem e sentem. Quando chegam à escola, já trazem um

repertório de representações e explicações para o mundo que as cerca. É importante que tais representações encontrem, na sala de aula, um lugar para sua manifestação.

Outra característica dessa fase é o egocentrismo, ou seja, a criança tende a não se diferenciar de seu meio, seu referencial é ela própria e, portanto, o meio é a sua própria extensão. Sendo assim, uma boa estratégia em Ciências é iniciar com temas relacionados ao corpo humano e sua interação com o ambiente. Priorizar atividades de exploração do próprio corpo, num primeiro momento, e depois de outros elementos presentes no ambiente, auxiliará a criança a sair de seu egocentrismo inicial promovendo a aproximação com outros seres do ambiente. A exploração dos órgãos dos sentidos é muito importante na aproximação da criança com o ambiente.

Vários conteúdos do bloco *Ser humano e saúde* podem ser trabalhados em conexão com o bloco A*nimais e Vegetais* e também com o bloco A*mbiente*. Quando o professor estiver trabalhando com conteúdos relacionados ao corpo humano, pode fazer uma "ponte" com outros seres vivos, por exemplo, comparando as características do corpo humano, relacionadas ao revestimento do corpo, órgãos dos sentidos, alimentação, locomoção, modo de vida, entre outras, com as características de outros seres vivos, particularmente com os animais. Deve também estabelecer relações com o ambiente, como a identificação dos elementos vitais para a manutenção da vida relacionados à presença da água, luz e solo, verificando as adaptações que alguns seres vivos apresentam para sobreviver nesses ambientes.

É importante também, para um trabalho mais amplo, que o professor planeje uma abordagem que permita a integração da área de Ciências com as demais áreas do conhecimento, principalmente com Geografia e História, em que um mesmo tema é proposto, mas com os enfoques de cada área. Por exemplo, ao analisar um lugar ou uma paisagem, observar as mudanças ocorridas pela ação do homem ao longo dos tempos, as organizações sociais, a família, as profissões e os aspectos físicos da paisagem local, como relevo, rios, construções, etc.

Os conteúdos devem também ser articulados aos os temas transversais relacionados à pluralidade cultural, saúde, educação ambiental e ética, por exemplo, quando se abordam a importância de preservar e conservar o meio ambiente, o respeito às pessoas e suas diferenças, etc.

Ciências	**Educação Física**	**Arte**	**Matemática**	**Geografia/ História**	**Língua Portuguesa**
Corpo humano e suas partes. Os pés e as mãos. Tamanho (altura do corpo). Idade. Comparação entre seres vivos. Semelhanças e diferenças entre o corpo do homem e de um animal escolhido pela classe. Patas de animais. Cuidado com o corpo e o ambiente. Higiene do corpo.	Movimentos amplos do corpo e habilidades manuais com brinquedos. Movimentos na frente do espelho. Expressões faciais. Posturas corporais. Lateralidade. Imitação de animais e seus modos de vida.	Impressão dos pés e das mãos. Quebra-cabeça (partes do corpo). Recorte e colagem de figuras de revistas e jornais. Jogo da memória: animais. Autorretrato Dobradura de animais. Músicas que falem das mãos e dos pés, que apresentem as partes do corpo. Música que fale de um animal. Exploração do silêncio e de sons com a voz, o corpo e materiais sonoros diversos.	Uso dos números para representar a idade. Indicação com os dedos da quantidade relativa à idade. Grosso e fino. Maior e menor.	Colegas da classe. Identidade. Nome próprio. A história de cada um. Semelhanças e diferenças sociais. Brincadeiras .	Conversa informal. Nomeação das partes do corpo. Uso da linguagem oral para relato de vivências. Nomeação de figuras e animais.

MATEMÁTICA

Ao pensar o processo de ensino-aprendizagem da Matemática nos anos iniciais, é preciso refletir sobre como a estrutura do nosso Plano de Curso pode se transformar em prática educativa. Para atingir os objetivos, precisamos considerar que trabalhamos com salas heterogêneas, reconhecer os interesses variados dos alunos e seus conhecimentos prévios e valorizar seu grande potencial criativo. A função do professor é associar-se aos alunos na busca de novos conhecimentos. Alunos e professores interagem e crescem no processo. Para isso, é necessário:

- desenvolver uma concepção do conhecimento matemático como ciência viva, aberta à incorporação de novos conhecimentos;
- analisar e refletir sobre os conceitos e procedimentos expressos no Plano de Curso;
- transformar o conhecimento matemático formalizado em conhecimento escolar, de modo que possa ser compreendido pelo aluno.

Nessa concepção de ensino, rompemos com a ideia de que cabe ao professor transmitir os conteúdos por meio de explicações, exemplos e demonstrações seguidas de exercícios de fixação. O conhecimento matemático não deve ser encarado como um conjunto de conceitos a serem memorizados. Por sua vez, acentuamos a ideia de que o aluno, além de ser agente da construção de seu conhecimento, em situações de desafio, nas quais é estimulado a estabelecer relações entre os conhecimentos já construídos e os novos, também aprende na interação com seus parceiros. A cooperação entre os alunos na busca de soluções, o levantamento e confrontação de hipóteses favorecem a construção e ampliação do próprio pensamento. As ideias matemáticas apresentadas na escola devem relacionar-se com a vivência das crianças. Dessa forma, além de explorar ideias numéricas e contagem, podemos trabalhar com noções de geometria, medidas e estatística.

As crianças têm ideias próprias, sentimentos, interesses; estão inseridas numa cultura e são capazes de aprender Matemática e desenvolver-se cognitivamente. Assim, no processo de transformação do saber científico em escolar, é necessário considerar as condições cognitivas, sociais e culturais de quem irá aprender, contextualizando o conhecimento e estabelecendo relações com suas vivências cotidianas. No entanto, devemos garantir a ampliação desse conhecimento de forma que os alunos possam observar regularidades, buscar generalizações e transferir estes conhecimentos a outros contextos. Por isso, as interferências e problematizações feitas pelo professor no desenrolar das atividades propiciam a ampliação gradativa das noções matemáticas.

A Matemática faz-se presente em diversas atividades realizadas no cotidiano pelas crianças. Sendo assim, devemos oferecer aos alunos várias situações que possibilitem o desenvolvimento do raciocínio lógico e da criatividade e a capacidade de resolver problemas. O ensino dessa disciplina pode ampliar as possibilidades de os alunos compreenderem e transformarem a realidade.

As orientações que seguem têm como objetivo contribuir no planejamento de situações didáticas que favoreçam a construção das competências esperadas. Ansiamos que todos os alunos tenham oportunidade de vivenciar diversos tipos de experiências de aprendizagem, considerando aspectos transversais, a utilização de recursos adequados e a vivência da matemática de forma rica e diversificada. Assim, todos os alunos deverão ter oportunidades de se envolver em diversas experiências de aprendizagem, tais como:

Resolução de problemas

Toda criança encanta-se por desafios. Quando falamos sobre a resolução de problemas, é possível esclarecer que não há necessidade de o aluno possuir todas as informações e conceitos envolvidos na situação-problema. Outro aspecto que exige esclarecimento é que trabalhar apenas com os problemas convencionais pode levar o aluno a uma postura de fragilidade e insegurança diante de situações de desafio maior. Bons problemas são aqueles relacionados à realidade do aluno e que envolvem temas motivadores, favorecendo a aprendizagem.

Sendo assim, acreditamos que, ao trabalhar com a resolução de problemas, o professor deve saber que:

- problema é toda situação que permite problematização, ou seja, um processo investigativo.
- a essência está no problematizar; cada pergunta nova transforma-se em um novo desafio para o aluno.
- é necessário criar um ambiente de produção ou de “re-produção” do saber.

Enquanto resolve situações-problema, o aluno aprende matemática, desenvolve procedimentos e modos de pensar e põe em prática habilidades básicas como verbalizar, ler, interpretar e produzir textos.

No processo educativo, também podemos propor aos alunos a formulação de problemas. Quando os alunos formulam problemas, percebem a relação entre os dados apresentados, a pergunta e a resposta; e articulam o texto, os dados e a operação a ser usada. Formular problemas é uma forma de estimular a capacidade inventiva e questionadora dos alunos e uma forma de fazer matemática por meio da possibilidade de questionar, levantar hipóteses, comunicar ideias, estabelecer relações e aplicar conceitos.

Para que os alunos sejam capazes de formular seus próprios problemas, é preciso que eles tenham contato com diferentes tipos de problema, tendo, assim, um repertório como apoio. Ao formulá-los, os alunos precisam reconhecer os dados disponíveis, a situação criada e evidenciar a existência de um problema por meio da pergunta inventada. É preciso que as crianças leiam o que fizeram, relatem dúvidas e debatam sobre as incompreensões, semelhanças e diferenças entre os textos.

O professor pode organizar a sala para produção coletiva e deve encontrar formas para fazer intervenções: reproduzir o texto em transparência, reproduzir textos com algum tipo de incorreção para que os alunos identifiquem as falhas, misturar textos bem elaborados com textos que apresentam falhas e modificar os textos de acordo com a resposta.

Para a formulação de problemas, é necessário que se criem uma intenção real e um destinatário efetivo para as produções dos alunos: sorteio de problemas para serem resolvidos por todos da classe, troca entre os alunos, construção de uma folha com aqueles criados pelas crianças, seleção de alguns criados e troca entre classes da mesma série, criação de um banco de problemas, confecção de um mural com os mais interessantes e desafiadores e envio para jornal da escola ou página na Internet, livro de problemas, problemateca. Uma sugestão é pedir que os alunos formulem problemas com palavras específicas da linguagem matemática: adição, dobro, divisor. Outra é a criação de problemas que tenham uma certa estrutura textual: poema, problema com rima, charada, conto, etc.

Formular problemas é uma ação mais complexa do que resolver problemas, pois os alunos devem lidar com as dificuldades da linguagem matemática, da língua materna e da combinação de ambas. Assim, torna-se um instrumento de avaliação o tempo todo, pois fornece indícios do que os alunos estão dominando ou não. Nosso desejo é que os alunos se tornem leitores e escritores em matemática.

Dessa maneira, a resolução de problemas estabelece um contexto de aprendizagem que favorece a integração do raciocínio e da comunicação. Os problemas devem ser desafiadores, envolvendo diversas estratégias e métodos de resolução e precisam estar sempre presentes nas aulas de Matemática, porém não de forma rotineira, mecânica e repetitiva.

Jogos

Acreditamos no ensino da Matemática de corpo inteiro. Propor jogos nas aulas dessa disciplina é uma maneira desafiadora e prazerosa de os alunos participarem ativamente do processo de construção do conhecimento. Os jogos no ensino de matemática estimulam não só o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, como também propiciam a interação e o confronto entre diferentes formas de pensar e permitem ao aluno vivenciar uma experiência com características sociais e culturais. Por meio dos jogos, podemos trabalhar, de maneira lúdica, conteúdos importantes na educação matemática.

As tentativas, os erros e até mesmo os fracassos durante os jogos devem ser encarados de maneira desafiante e podem ser revistos de forma natural durante as jogadas, sem deixar marcas negativas, propiciando novas tentativas, permitindo que a criança desenvolva iniciativa, autoconfiança e autonomia. Assim, os conteúdos atitudinais também estarão presentes nessas aulas. As crianças aprenderão a trabalhar em grupo, respeitar regras, ajudar seu adversário a melhorar suas habilidades e entenderão que, num jogo, um jogador ganha e o outro precisa perder. Na medida em que o professor propuser boas questões aos alunos, estes poderão potencializar suas capacidades para compreender os conceitos matemáticos presentes nos jogos.

Existem jogos infantis praticados no mundo inteiro. Quando o professor escolhe jogos de outros povos para trabalhar com os alunos, enriquece suas aulas, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar, podendo, por exemplo, localizar num mapa ou globo terrestre os países citados, contar histórias desses povos, proporcionar a fabricação do jogo com material alternativo, etc. As crianças também poderão criar seus próprios jogos ou modificar regras. Na bibliografia desse trabalho, você poderá encontrar sugestões de *sites* e livros para pesquisa.

A relação entre o jogo e a Matemática é muito significativa, principalmente para crianças dos anos iniciais, pois é nesse período que elas devem encontrar o

espaço para explorar e descobrir elementos da realidade que as cerca. Os alunos devem ter oportunidade de vivenciar situações ricas e desafiadoras, as quais serão proporcionadas pela utilização dos jogos como recurso pedagógico.

Por isso, ao optar por trabalhar a Matemática por meio dos jogos, o professor deve levar em conta a importância da definição dos conteúdos e das habilidades presentes nas brincadeiras e o planejamento de sua ação. Além de jogar, as crianças devem conversar sobre o jogo, discutindo o que foi fácil, o que foi difícil, dicas para se jogar melhor, entre outras coisas. Essa comunicação permite que os alunos reajam frente às ideias dos outros e que considerem pontos de vista alternativos. O diálogo capacita os alunos a falarem de modo significativo sobre seus conhecimentos, suas dúvidas, suas aprendizagens. A partir da discussão estabelecida, das diferentes respostas obtidas, o educador pode perceber o raciocínio de cada aluno e planejar as intervenções apropriadas.

Além da socialização de ideias, os alunos poderão registrar suas descobertas com desenhos ou textos coletivos. Escrever sobre Matemática ajuda na aprendizagem das crianças, encoraja reflexão e clareia ideias. Assim, o jogo não se tornará mero lazer, mas uma nova forma de aprender Matemática.

Nas situações de jogo, a criança é capaz de construir conceitos de uma forma muito mais lúdica e prazerosa, assim como lançar mão dos conhecimentos matemáticos que já possui de forma mais integrada e "inteligente". Além disso, um jogo pode servir como ponto de partida para uma atividade de investigação, em que os alunos levantam e testam hipóteses, argumentam e comunicam oralmente ou por meio da escrita suas conclusões, enfim proporcionando a investigação e a relação com outras áreas do conhecimento.

Brincadeiras infantis

Toda criança, de qualquer idade ou realidade social, brinca. Utilizar as brincadeiras infantis nas aulas de matemática é muito mais do que tornar o processo de ensino mais significativo e prazeroso. Brincando, as crianças desenvolvem muito mais que noções matemáticas. Enquanto brinca, o aluno amplia sua capacidade corporal, sua consciência do outro, a percepção de si mesmo como um ser social, a percepção do espaço que o cerca e de como pode explorá-lo. Contudo, para utilizar as brincadeiras de forma produtiva, é preciso levar em consideração alguns aspectos. A brincadeira escolhida deve permitir que todos os jogadores possam participar ativamente. Desencadear processos de pensamento nas crianças possibilita a auto-avaliação do seu desempenho.

As brincadeiras são apresentadas desde as mais simples até as variações mais complexas. Quando os alunos já estiverem familiarizados com elas, uma sugestão é propor a variação de regras ou maior complexidade da brincadeira. Crianças que tenham maior conhecimento podem auxiliar as demais. É importante também que o professor abra espaço para brincadeiras que as próprias crianças (ou ele mesmo) conheçam ou queiram inventar.

As brincadeiras precisam ser feitas com frequência. Sugerimos uma ou duas brincadeiras no máximo por mês, em uma aula, toda semana, para que os alunos aprendam a brincar e também compreendam os conceitos matemáticos nela envolvidos. O professor deve garantir a repetição da brincadeira, para que todas as crianças tenham oportunidade de aprendê-la e superar suas dificuldades, vencendo os desafios propostos e apreendendo todas as regras.

Sempre ao final das brincadeiras, o professor deve reunir a turma para fazer um fechamento da atividade, assim como propusemos para os jogos; pode ser uma roda em que os alunos falem sobre como foi jogar, o que foi fácil e o que foi difícil, e tomem decisões sobre como realizar a brincadeira numa próxima vez. Também é fundamental que o professor preveja sempre algum tipo de registro sobre a atividade realizada, que pode ser: desenho sobre a brincadeira ou relatório final, que poderá ser um texto com a descrição das regras ou pistas com a melhor forma de se jogar. Na produção do texto dos alunos que ainda não escrevem convencionalmente, cabe ao professor articular todas as informações e registrar por escrito o texto oral produzido pelos alunos.

Matemática e o ensino da Língua

Sugerimos a integração entre a Língua e a Matemática, pois acreditamos ser essa uma parceria extremamente importante e necessária. É fundamental que as crianças sejam estimuladas a buscar soluções para os cálculos e problemas e que tais soluções sejam discutidas coletivamente. O professor deve criar oportunidades para as crianças verbalizarem suas construções mentais sobre o que foi trabalhado.

Nesse sentido, usar a literatura infantil "[...] poderia ser um modo desafiante e lúdico para as crianças pensarem sobre algumas noções matemáticas e, ainda, servir como um complemento para o material tradicionalmente utilizado nas aulas: a lousa, o giz e o livro didático*"*.(SMOLE, 1996, p. 68)

Por meio da conexão entre literatura e matemática, o professor pode criar situações na sala de aula que encorajem os alunos a compreenderem e se familiarizarem mais com a linguagem matemática, estabelecendo ligações cognitivas entre a língua materna, conceitos da vida real e a linguagem matemática formal.

Utilizando a literatura infantil nas aulas de Matemática, o aluno volta ao texto muitas vezes para acrescentar outras expectativas, percepções e experiências. Desta forma, a história contribui para que ele aprenda e faça matemática, assim como explore lugares, características e acontecimentos na história, o que permite que habilidades matemáticas e de linguagem desenvolvam-se juntas, enquanto lê, escreve e conversa sobre as ideias matemáticas que vão aparecendo ao longo da leitura. É neste contexto que a conexão da matemática com a literatura infantil aparece.

Segundo Smole (1999), ao decidir trabalhar com histórias infantis nas aulas de matemática, é preciso atentar para alguns aspectos:

- Conhecer a história antes de apresentá-la aos seus alunos para saber quais as possibilidades de trabalho que ela permite e se estão adequadas à sua classe.
- Lembrar que nenhuma exploração matemática pode vir antes da própria história e nem tampouco deturpar o sentido da história.
- O primeiro requisito para uma exploração de matemática a partir de um livro de histórias é que as crianças gostem e se envolvam com ele, com os personagens, etc.
- O ideal não é explorar um livro a semana toda, mas aos poucos, com emoção, expectativa, problematizações especialmente preparadas para isso. O ideal é que o professor faça isso em uma aula por semana, assim um mesmo livro pode ser trabalhado de um a dois meses com a turma.
- Não há necessidade de um livro para cada aluno. Você pode ter um livro por duplas, grupos de 4 ou mesmo um único livro em transparência, álbum seriado, etc.

Ao escolher um livro infantil para ser explorado, o professor poderá analisar a capa, propor aos seus alunos que façam a leitura intuitiva, levando-os a colocar suas expectativas em relação ao texto a ser lido, procurar discutir as palavras novas presentes na história e escutar e perceber as críticas e opiniões dos alunos sobre a história.

A leitura poderá ser feita em vários dias, possibilitando a conversa com a classe sobre as possibilidades dos próximos acontecimentos, podendo até mesmo registrar em forma de texto coletivo a continuação sugerida pelas crianças. Depois, pode ser realizada a comparação da versão dada pela classe com a originalmente proposta no livro. Alguns livros não apresentam um final definido e, nesses casos, os alunos podem elaborar o final da história.

Além dos livros infantis, os jornais e revistas também são fontes de materiais interessantes para as aulas de matemática, pois trazem assuntos que podem ser explorados em sala, aproveitando os fatos e acontecimentos que fazem parte do dia a dia.

Os textos de jornais e revistas oferecem uma oportunidade para trabalharmos com os alunos conceitos de matemática, ao mesmo tempo em que podemos desenvolver habilidades de leitura, escrita, seleção de informações e resolução de problemas. Jornais e revistas possibilitam explorações numéricas, apresentam gráficos e tabelas de diferentes tipos, enigmas, charadas e quebra-cabeças enriquecendo a proposta de resolução de problemas.

Para a realização desse trabalho, também é preciso observar cuidados necessários: ao selecionar um artigo, um gráfico, uma tabela, uma propaganda, um passatempo ou outro texto qualquer de jornal e revista, é importante que o professor tenha traçado quais são seus objetivos, verificar se o texto escolhido tem uma linguagem acessível aos seus alunos, adequar o tempo à sua proposta, pensar na organização da classe e em quais são os recursos necessários, e prever problematizações e registros que os alunos produzirão.

A escrita em matemática é marcada por um processo de idas e vindas, no qual a intervenção do professor fará com que os alunos progridam e escrevam textos cada vez mais complexos. O professor precisa valorizar o hábito da leitura e escrita e os alunos precisam adquirir o hábito de revisar a sua escrita antes de a considerarem concluída. Assim, os textos, o original e a sua reescrita, possibilitam a observação das semelhanças e diferenças entre eles e a problematização com o objetivo de alcançar a clareza e o aperfeiçoamento do texto. Para reformular um texto, é necessário ter clareza do que se pretende alterar, assegurando a fidelidade tanto aos conceitos matemáticos quanto aos aspectos linguísticos. Nesse contexto, produzir textos em matemática auxilia na apropriação do vocabulário específico e na compreensão de noções matemáticas.

Realização de projetos

Os projetos didáticos são situações que partem de um desafio, de uma situação-problema e que sempre têm como um de seus objetivos um produto final. Na maioria dos casos, os projetos envolvem mais de uma área de conhecimento sendo, portanto, interdisciplinares. Por meio dos projetos, os professores podem introduzir o estudo de temas que não pertencem a uma disciplina específica, mas que envolvem duas ou mais delas. Os projetos didáticos são feitos com o propósito de construir boas situações de aprendizagem, nas quais se evite compartimentar o conhecimento.

Os temas dos projetos podem surgir da curiosidade dos alunos em aprender algo, de uma situação-problema que esteja ocorrendo na escola ou na comunidade, de uma experiência vivenciada pelo grupo de alunos, por um fato da atualidade ou de uma questão suscitada a partir do projeto anterior. O conhecimento inicial da meta que dá origem ao projeto é fundamental para que os alunos possam compreender as decisões que vão sendo tomadas durante a realização do mesmo. Ao delimitar o tema, o professor precisa conhecer o que os alunos já sabem a respeito, que opiniões têm, que hipóteses levantam, que são habilidades tão necessárias no aprendizado da Matemática.

Durante o desenrolar do projeto, deve-se estabelecer uma cumplicidade de propósitos entre os alunos, e destes com o professor, provocando o surgimento de um ambiente de trabalho criativo, no qual cada indivíduo pode contribuir com suas aptidões, ou estar disposto a enfrentar o esforço de aprender algo novo e que se mostrou necessário em função do próprio projeto. Assim, os projetos didáticos propiciam o estudo de problemas reais, o que implica a necessidade de uma abordagem interdisciplinar.

Além de vivenciar ricas experiências de aprendizagem, os alunos devem ter a oportunidade de utilizar recursos de natureza diversa. Materiais manipuláveis são um recurso privilegiado para introdução e suporte de conteúdos escolares, promovendo, mais uma vez, momentos de investigação e comunicação entre os alunos. Ressaltamos a importância da exploração do Material Dourado para a assimilação do conceito da dezena por meio da manipulação, visualização e trocas. Outros recursos que podem enriquecer as aulas de Matemática são a calculadora e o computador. São instrumentos alternativos que promovem um aprendizado dinâmico, contextualizado e que envolve a resolução de problemas.

Por meio das atividades propostas, procuramos:

- ampliar a forma como encaramos os alunos em sala de aula considerando suas dimensões afetiva, cognitiva e social.
- expor um modo mais dinâmico de abordar os conteúdos de matemática.
- diminuir a distância entre a matemática e as demais áreas do conhecimento, especialmente arte e língua materna.
- favorecer uma compreensão da matemática como ciência, como jogo e como instrumento de resolução de problemas .
- não desprezar os conhecimentos matemáticos que vêm da criança e de sua comunidade.
- pensar em como considerar as diferenças e ritmos de aprendizagem entre os alunos.
- rever concepções de conhecimento e inteligência que conduzem as ações docentes.
- buscar formas de envolver a comunidade no trabalho da escola.
- ter, na avaliação e no planejamento, aliados para uma reflexão constante sobre o ensinar e o aprender.

Nosso desejo é que os alunos não percam a curiosidade pelo saber matemático e que, pelas experiências vividas na escola, sejam capazes de tomar decisões, construir, modificar e integrar ideias, tendo a oportunidade de interagir com outras pessoas, com objetos e situações que exijam envolvimento, dispondo de tempo para pensar e refletir acerca de seus procedimentos, de suas aprendizagens e dos problemas que têm que superar na vida real.

Organização do Plano de Curso de Matemática

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, decidimos organizar nosso Plano de Curso em blocos de conteúdo, contemplando o estudo dos números e das operações, o estudo do espaço e das formas, o estudo das grandezas e das medidas e o tratamento das informações cotidianas (dados estatísticos, tabelas e gráficos).

Nosso desafio foi selecionar, dentro de cada um desses blocos de conteúdos, quais conhecimentos e competências contribuiriam para o desenvolvimento intelectual do aluno, aprimorando seu raciocínio lógico-matemático, sua criatividade e sua capacidade de analisar e de criticar.

Atualmente, os alunos precisam de muito mais do que uma coleção de informações memorizadas; precisam de procedimentos de busca e de interpretação de informações, precisam saber pesquisar e comunicar suas ideias, conhecer técnicas e dominar estratégias para resolução de problemas, entre outras coisas. Assim, no processo de seleção de conteúdos, preocupamo-nos em identificar não só os conceitos, mas também os procedimentos e as atitudes a serem trabalhados em classe, o que trará certamente um enriquecimento ao processo de ensino e aprendizagem.

Os conteúdos foram organizados de forma espiralada, ou seja, um mesmo tema é trabalhado várias vezes. Contudo, sempre que é retomado, surge sob um novo enfoque, de modo a permitir ao aluno muitas oportunidades de aprendizagem. O conteúdo matemático deve ser contextualizado em situações típicas da infância, tornando-se mais significativo para os alunos. Assim, nenhum bloco de conteúdo será esgotado num único momento. A retomada de temas em diferentes momentos do processo possibilitará a integração de diversos conteúdos.

Para enriquecer e facilitar o trabalho que será realizado em sala de aula, apresentamos um conjunto de sugestões didáticas que deverão ser adaptadas a cada realidade. Lembramos que todo trabalho realizado em Matemática deve partir de uma situação concreta. Para esse fim, recomendamos a organização de materiais diversos, que serão manipulados pelos alunos no decorrer do ano. O professor poderá propor que os alunos tragam botões, contas, pedrinhas, palitos de picolé, bolinhas de gude, figurinhas, caixas de fósforos vazias, embalagens, rótulos, jornais, folhetos de supermercado etc. Esse material deverá ser devidamente selecionado e organizado.

A seguir, você encontrará a descrição de cada bloco de conteúdo, juntamente com orientações e sugestões para a concretização dos conteúdos propostos no Plano de Curso.

1. Números e operações

Os conteúdos deste bloco deverão ser trabalhados de forma contextualizada, em que o número e as operações apareçam nas mais diversas situações: quantificar, medir, ordenar, codificar, ou seja, trabalhar com o sistema de numeração decimal possibilitando situações reais de contagens, cálculos, comparações e ordenações, oferecendo oportunidades aos alunos para refletirem a respeito do valor posicional dos algarismos nos numerais.

Trabalhar a história do número propiciará o reconhecimento de problemas vividos pela humanidade, resgatando a histórias de lugares, tempos e povos antigos e ajudando ao aluno a entender melhor a Matemática.

As operações fundamentais (adição, subtração, multiplicação e divisão) deverão ser trabalhadas a partir de situações-problema, nas quais, aos poucos, o aluno irá ampliando seu conceito de número. Para que a criança construa o significado de uma operação, é preciso que ela se depare com diferentes situações em que essa operação se aplica ou não, conhecendo as ideias e propriedades de cada uma delas.

Ainda em relação às operações, desejamos que o trabalho que será desenvolvido possibilite a busca de estratégias próprias para resolução de problemas, em que o aluno perceba que um mesmo problema pode ser resolvido por diferentes operações e que diferentes problemas podem ser solucionados utilizando-se uma única operação.

Outro aspecto que merece destaque são as atividades que envolvam estimativas, arredondamentos e cálculo mental. É importante que o professor encontre situações que privilegiem a construção dessas competências, tão necessárias no dia a dia.

Ressaltamos que, para o trabalho com esse bloco de conteúdo, é importantíssima a exploração de jogos, material dourado e ábaco, que auxiliam na compreensão do sistema de numeração decimal e das quatro operações e até mesmo da calculadora tão utilizada no cotidiano dos alunos.

Sugerimos também:

- Verificação, por meio de sondagem com jogos e brincadeiras ao ar livre, se há a necessidade inicial de trabalhar o vocabulário adequado aos conceitos matemáticos, que se referem à grandeza (maior, menor, curto, comprido, etc.), à posição (em cima, embaixo, na frente de, atrás de, etc.), à direção e sentido (para frente, para trás, para o lado, etc.). Também explorar as noções de *muito*, *pouco*, *nenhum* por meio de objetos ou, até mesmo, com as próprias crianças.
- Rodas de contagem que estimulem os alunos a buscarem estratégias que facilitem a identificação de quantidades. Formar coleções com diferentes

objetos, como adesivos, lacres de alumínio, miniaturas, bolinha de gude, figurinhas, contribuem de forma significativa para que os alunos contem todos os elementos, mantendo a ordem ao enunciar os nomes dos números e observando que o último número corresponde ao total de objetos da coleção.

- Exploração da história do sistema de numeração, observação de fotos dos desenhos nas cavernas, nos ossos, dos diferentes registros dos povos da antiguidade. Propor contagem em nós de corda, com os dedos das mãos, com pedrinhas, etc.
- Construção de fichas de identificação de cada aluno contendo números que indicam diferentes aspectos, por exemplo: idade, peso, altura, número de pessoas que moram na mesma casa, data de nascimento, número de animais que possui, entre outros. Proporcionar um espaço onde as crianças possam trocar as fichas e ler e interpretar as informações numéricas.
- Exploração dos números em contextos significativos: resultados de partidas de futebol, canais de TV, quantidade de objetos da sala de aula, de seu material escolar, etc.
- Atividades de comparação de quantidades entre duas coleções, verificando se possuem o mesmo número de elementos, ou se possuem mais ou menos, utilizando para isso diferentes estratégias: correspondência um a um e estimativas.
- Construção de sequências com materiais, sons, gestos ou movimentos do corpo, proporcionando a descoberta da regra da sequência feita.
- Localização de números numa sequência, identificando o antecessor e o sucessor. Para tanto, atividade como ligue-pontos com números, em ordem crescente e decrescente, para formar desenhos, são recomendadas. Outra sugestão é explorar músicas e parlendas que trabalhem a contagem, por exemplo: “A galinha do vizinho”, “Um, dois, feijão com a arroz” etc.
- Elaboração de cartazes com números recortados de jornais e revistas para que os alunos possam comparar e ordenar números.
- Construção e exploração de jogos e desafios matemáticos.
- Criação e resolução de problemas por meio de registros pictóricos, escritos ou numéricos.

2. Espaço e forma

Para compreender, representar e descrever o mundo em que vive, é necessário que o aluno saiba localizar-se e movimentar-se no espaço e perceba o tamanho e forma dos objetos que o rodeiam. Os conceitos geométricos trabalhados nesse bloco de conteúdo visam ao reconhecimento do espaço onde o aluno vive, por meio de atividades que trabalhem lateralidade, deslocamentos no espaço, pontos de referência e também observação, construção e comunicação de figuras geométricas planas e espaciais.

Sugerimos que o trabalho seja realizado a partir da exploração de objetos do mundo físico, de obras de arte, pinturas, desenhos, esculturas e artesanato, o que permitirá conexões entre a Matemática e outras áreas do conhecimento. O uso de embalagens, sucata, tangram e dobraduras é um importante recurso para o trabalho com os conteúdos deste bloco.

Apontamos outras ideias, como seguem:

- Situar pessoas ou objetos numa lista ordenada, por exemplo: ordenar uma sequência de fatos, identificar a posição de um jogador numa situação de jogo; jogos de trilha para indicar avanços e recuos numa pista numerada.
- Registro e observação dos números das ruas: Onde começa ? Onde termina ? A numeração de um lado é igual à do outro ? Como se dá a numeração entre uma casa e outra: é ou não sequencial ? Levantamento do número da casa dos alunos.
- Jogos e brincadeiras em que seja necessário situar-se ou se deslocar no espaço, recebendo e dando instruções, usando vocabulário de posição. Exemplos: jogos de circuito, caça ao tesouro, brinquedos cantados.
- Manipulação, observação, percepção e descrição das peças dos Blocos Lógicos. Classificação das peças em grupos conforme solicitação do professor.
- Organização de exposições com desenhos e fotos de formas encontradas na natureza ou produzidas pelo homem, para que os alunos possam perceber suas formas.
- Modelagem, em massinha, de objetos, reproduzindo formas geométricas, e organização de exposições com os objetos construídos.

- Jogos para adivinhar um determinado objeto referindo-se apenas ao formato do mesmo.
- Atividades de dobradura para identificar eixos de simetria e retas paralelas.

3. Grandezas e medidas

Neste bloco, trabalharemos com situações reais de medição, em que os alunos observarão o que se pode medir e como pode fazê-lo, usando medidas não-convencionais e convencionais.

Mais uma vez, ressaltamos a importância do trabalho com a história da Matemática, possibilitando a constatação da trajetória do homem em buscar instrumentos de medida cada vez mais precisos. É interessante que os alunos vivenciem processos de medição com palmos, pés, passos, etc. É importante que as crianças percebam que usando partes do corpo ou objetos, como lápis e palitos, como unidades de medida, pode haver diferenças nos resultados das medidas.

O professor também poderá promover atividades de estimativas sobre medidas e uso de instrumentos de medidas como balança, metro, fita métrica, relógio, calendário. Também poderá explorar jornais de propaganda de supermercado, receitas culinárias, etc.

Sugerimos ainda:

- Construir o metro com pedaço de barbante e realizar medições.
- Graduar a altura dos alunos.
- Explorar as medidas de massa e capacidade encontradas em embalagens.
- Trabalhar as medidas a partir de receitas culinárias.
- Organizar a rotina, contagem dos dias da semana, calendário com as atividades escolares.
- Produzir cédulas e moedas de papel para que as crianças levantem suas ideias sobre as formas de pagar produtos, cujo preço pesquisaram. É o momento de levantar ideias, não de apresentar resultados exatos. Com essa atividade, o professor pode observar o que os alunos já sabem sobre o uso do dinheiro, se já compreendem o valor de cada nota e moeda, se sabem calcular o troco, etc.

4. Tratamento da informação

Neste bloco, pretendemos explorar diferentes formas de organizar e comunicar informações numéricas, bem como iniciar um trabalho de exploração de algumas noções de estatística e probabilidade. Assim, o professor poderá criar atividades de leitura e produção de listas, tabelas e gráficos, coleta e organização de dados estatísticos. O tratamento da informação estará presente em todos os demais conteúdos como uma ferramenta importante para que o aluno analise e perceba regularidades.

Sugerimos a exploração de jornais e revistas e a relação de dados obtidos a partir de pesquisas realizadas em outras áreas do conhecimento. Propomos:

- Organização de listas relacionadas a assuntos diversos: lista de chamada, lista dos aniversariantes do mês, lista de programas de TV preferidos, animais de que mais gostam, entre outros.
- Criação de tabelas a partir de resultados de jogos. Por exemplo: quantas crianças fizeram 2 pontos? Quantas fizeram 4 pontos?
- Construção de gráficos de barras a partir de resultados apresentados em tabelas

Bibliografia sugerida

ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro de. **Jogos Divertidos e brinquedos criativos.** Vozes.
ALLUÉ, Josep M. **O grande livro dos jogos.** Tradução Afonso Celso Gomes. Belo Horizonte: Leitura, 1998.
BORIN, Júlia. **Jogos e resolução de problemas: uma estratégia para as aulas de matemática.** São Paulo: USP, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Criatividade e novas metodologias.** São Paulo: Peirópolis, 1998.
BRENELLI, Roseli Palermo. **O jogo como espaço para pensar.** Papirus, 1996.
BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos:** se o importante é competir, o fundamental é cooperar! Santos: Renovada, 1997.
_____. **Jogos cooperativos:** o jogo e o esporte como um exercício de convivência**.** Santos: 2001.
BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura.** Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. São Paulo: Cortez, 2001.
CARDOSO, Virgínia Cárdia. **Materiais didáticos para as quatro operações** – São Paulo: USP, 2002.
COLL, César. **Os conteúdos na reforma.** Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
D`AMBRÓSIO, Ubiratan.**Educação para uma sociedade em transição.** Campinas: Papirus, 1999.
_____. **Transdisciplinaridade.** São Paulo: Palas Athena, 1997.
_____. **Educação Matemática:** da teoria à prática. Campinas: Papirus, 1996.
DANTE, Luiz Roberto. **Didática da Resolução de Problemas de Matemática**. São Paulo: Editora Ática, 1994.
DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 2001.
DINIZ, Maria Ignez de Souza Vieira; SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **O conceito de ângulo e o ensino de geometria**, São Paulo: USP, 1998.
FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender**. O resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.
GIORGI, Cybele. **Gente miúda na cozinha.** SESI, 1991.
GRANDO, Regina Célia. **O Jogo e suas possibilidades metodológicas no processo ensino-aprendizagem da Matemática.** Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 1995.
GRANDO, Regina Célia. **O Jogo e a Matemática no contexto da sala de aula.** São Paulo: Paulus, 2004.
GUELLI, Oscar. **Contando a História da Matemática:** A invenção dos números. São Paulo: Editora Ática, 1992.
GWINNER, Pat. **"Pobremas" enigmas matemáticos.** Vozes, volumes I, II, III e IV.
IMENES, Luiz Márcio Pereira. **Brincando com números.** Scipione.
KAMII, Constance. **A criança e o número:** implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos. Tradução Regina A. de Assis. Campinas. Papirus, 1990.
_____. **Aritmética: novas perspectivas:** implicações na teoria de Piaget. Tradução Marcelo Cestari T. Lellis, Marta Rabioglio, Jorge José de Oliveira, Campinas.Papirus, 1992.
_____. **Reinventando a aritmética.** Tradução Elenisa Curt. Campinas: Papirus, 1988.
_____. **Jogos em grupos na educação infantil.** Trajetória Cultural.
KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.
_____. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação.** Petrópolis: Vozes, 1993
LEAL, Mariana Kawall. **Ideias matemáticas de povos culturalmente distintos.** Global.
MACEDO, L., PETTY, ALS, PASSOS, N.C. **4 cores, senha e dominó**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
_____. **Aprender com jogos e situações problema**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
MACEDO, Lino de. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**: Artmed.
_____.; MACHADO, Nilson José – **Jogo e projeto: pontos e contrapontos**/ Lino de Macedo, MACHADO Nilson José; ARANTES, Valéria Amorim.– São Paulo: Summus, 2006.
MACHADO, Nilson José. **Matemática e língua materna: análise de uma impregnação mútua.** São Paulo: Cortez, 2001.
_____. **Matemática e Educação: alegorias, tecnologias e temas afins.** São Paulo, Cortez, 2002.
MARINCEK, Vânia (coordenado por). **Aprender matemática resolvendo problemas.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
MIRANDA, Nicanor, **210 Jogos Infantis.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia .
MONTEIRO, Maria Therezinha de Lima. **Construção das operações**. Editora Vozes.
OCHI, Fuzako Hori, PAULO, Rosa Monteiro, YOKOYA, Joana Hissae, IKEGAMI, Kazuwo João. **O uso de quadriculados no ensino da geometria**. São Paulo:

USP, 2003.
PANIZZA, Mabel, **Ensinar matemática na educação infantil e nas série iniciais**: análises e propostas/ organizado por Mabel Panizza. Tradução Antonio Feltrin. Porto Alegre: Artmed, 2006.
PARRA, Cecília, SAIZ Irma , LERNER Delia , GÁLVEZ Grécia , BROUSSEAU Guy , SANTALÓ Luis A. , SADOVSKY Patrícia , CHARNAY Roland. **Didática da Matemática – Reflexões Psicopedagógicas,** Trad. Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
PEREIRA, Maria das Graças Barbosa. **Jogos uma forma de ensinar e aprender matemática.** Belo Horizonte: Editora Universidade, 2001.
SAMPAIO, Fausto Arnaud. **Matemágica – História, aplicações e jogos matemáticos.** Papirus.
SMOLE, Katia Cristina Stocco, DINIZ, Maria Ignez e CÂNDIDO, Patrícia. **Resolução de problemas.** Porto Alegre: Artmed, 2000.
_____.SMOLE, Katia Cristina Stocco. **A matemática na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed.
_____. **Ler, escrever e resolver problemas.** Porto Alegre: Artmed.
_____.; DINIZ, Maria Ignez e CÂNDIDO, Patrícia **Brincadeiras infantis nas aulas de matemática.** Porto Alegre: Artmed, 2000.
_____.; ROCHA, Glauce Helena Rodrigues, CÂNDIDO, Patrícia Terezinha e STANCANELLI, Renata, **Era uma vez na Matemática: uma conexão com a literatura infantil.** São Paulo : USP, 2004.
TAILLE, Yves de La, **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
ZASLAVSKY, Cláudia, **Jogos e Atividades Matemáticas do Mundo Inteiro** - Diversão Multicultural para idades de 8 a 12 anos. Rio Grande do Sul: Cotidiano Pedagógico, 2000.
SESC. **A volta ao mundo em 80 Jogos**, São Paulo, Sesc, 2001.

Sugestão de *sites* interessantes

www.aprendebrasil.com.br ;
www.mathema.com.br;
www.exatas.com;
www.canalkids.com.br;
www.educar.sc.usp.br
www.terrabrasil.net/folclore
www.matematicahoje.com.br
www.novaescola.abril.com.br
www.somatematica.com.br
www.ciadaescola.com.br
www.tvcultura.com.br/artematematica
www.vello.sites.uol.com.br (site oficial do Ubiratan D´Ambrósio)
www.luizdante.com.br
www.ime.usp.br/caem/
www.educarede.com.br
www.revistapatio.com.br

***Sites* de jogos matemáticos**

www.origem.com.br
www.brinqmania.com.br
www.jogos.antigos.com.br
www.ludomania.com.br
www.septima.com.br

INFORMÁTICA EDUCATIVA

Considerações gerais sobre a Informática Educativa

Presente nas Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino, o Laboratório de Informática Educativa deve, diante do seu caráter educacional, servir como fonte de conhecimento, estabelecendo relações entre os diversos eixos da Matriz Curricular do Ensino Fundamental e promovendo a interdisciplinaridade.

Assim, estruturado em um ambiente de busca de conhecimento, tem como objetivo encorajar o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, as **TICs** (PCs, Periféricos e Acessórios, *Softwares*, Mesas Educacionais e Internet), possibilitando a criação de novos relacionamentos nas escolas, instigando a aprendizagem e levando informações atuais e seguras a todos os que participam da vida escolar, colocando o "Mundo" como espaço de aprendizagem.

Planejamento Pedagógico

O professor de Ensino Fundamental, subsidiado pelo Professor Orientador de Informática em Educação (POIE) e orientado pelo Coordenador Pedagógico, deve criar situações educacionais em que o aluno possa explorar conteúdos significativos, por meio de recursos tecnológicos, possibilitando diferentes formas de abordagem do conhecimento e diferentes suportes de investigação de temas específicos, garantindo um trabalho integrado com as atividades desenvolvidas em sala de aula.

Desse modo, os POIEs, responsáveis pelos laboratórios nas Unidades Escolares, devem participar da elaboração do projeto pedagógico da escola, divulgando as possibilidades existentes, propondo atividades / projetos integrados aos conteúdos dos vários anos e das diferentes disciplinas, organizando mostras, eventos e feiras de Informática Educativa na Unidade Escolar.

Objetivos

Na Fase Inicial do Ensino Fundamental (1º ao 3º ano), a informática educativa busca:

- incentivar a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas atividades cotidianas;
- desenvolver a percepção visual e auditiva, a coordenação motora, a memorização, a convivência em grupo, a inter-relação de pensamentos, ideias e conceitos, a utilização das linguagens como meio de expressão e comunicação.
- propiciar, como elemento articulador de conteúdos curriculares, a aquisição de novos conhecimentos.
- desenvolver a habilidade para organizar informações, levantar hipóteses e pensar estrategicamente.
- desenvolver a capacidade de expressão por meio da criação, edição e exposição dos próprios projetos interdisciplinares, integrando textos, imagens, ferramentas de desenho e pintura, animações, efeitos especiais, recursos de som e vídeo.
- ensinar valores importantes para a formação do "Cidadão do Futuro".

LÍNGUA PORTUGUESA

"Há crianças que ingressam no mundo da linguagem escrita através da magia da leitura e outras que ingressam através do treino das tais habilidades básicas. Em geral, os primeiros se convertem em leitores, enquanto os outros costumam ter um destino incerto."

(Emília Ferreiro, **Passado e presente dos verbos ler e escrever**)

Como já dissemos, o Plano de Curso é um instrumento que visa a orientar o trabalho do professor de forma que este possa contemplar, de forma organizada e sistemática, o mínimo necessário a todos os alunos da nossa rede.

Como tal Sistema está organizado em fases[1], é imprescindível que haja uma integração entre o trabalho e o conteúdo desenvolvido nos anos iniciais, de forma a tornar o ensino mais coerente e significativo, especialmente no que diz respeito às competências e habilidades esperadas em Língua Portuguesa, área do conhecimento que instrumentaliza o aluno em todas as situações de interação e ação em sua vida cotidiana.

Assim sendo, propomos um trabalho baseado em práticas de Linguagem epilinguísticas, ou seja, praticar a língua partindo de situações reais de uso social, em que o aluno pode agir reflexivamente sobre a mesma antes de chegar aos conceitos, normas e regras pertinentes a qualquer idioma.

As atividades metalinguísticas, ou seja, de sistematização e normatização da língua, serão priorizadas nos anos relativos à Fase Complementar (4º e 5º ano). Contudo, vale ressaltar que isso não quer dizer que a Gramática Normativa não será trabalhada nos anos iniciais. Pelo contrário, ela estará presente sim! O que muda, entretanto, é a forma de abordagem, pois entendemos que seja necessário partir do seu uso, nas situações reais de produção de texto, e não a partir de listas de exercícios esvaziados de significado e sentido para as crianças dessa faixa etária.

> Durante muito tempo a tradição escolar definiu como conteúdo de leitura o aprendizado da decifração. Ler, emitindo sons para cada uma das letras, era a situação que ilustrava a aprendizagem da leitura. Hoje, sabemos que não basta ler um texto em voz alta para que seu conteúdo seja compreendido, e a decifração é apenas uma, dentre muitas, das competências envolvidas neste ato. Ler é, acima de tudo, atribuir significado. Além disso, se queremos formar leitores plenos, usuários competentes da leitura e da escrita em diferentes esferas, participantes da cultura escrita, não podemos considerar alfabetizados aqueles que sabem apenas o suficiente para assinar o nome e tomar o ônibus. Isso não é tarefa simples: implica redefinir os conteúdos de leitura e de escrita. Não se trata mais de ensinar a língua, suas regras e suas partes, isoladamente, mas de incorporar as ações que se fazem com textos no cotidiano de um centro urbano como Santos. No nosso dia a dia lemos com os mais diferentes propósitos: para nos informar sobre as atualidades, para localizar endereços e telefones, para fazer uma receita, para saber como vão pessoas que estimamos, para nos divertir ou emocionar, para tomar decisões, para pagar contas, para comprar algo, entre outros. E escrevemos para distintos interlocutores, com diferentes intenções, nas mais variadas situações: para relatar como estamos para pessoas distantes, para solicitar algo, para reclamar de alguma coisa, para nos lembrarmos daquilo que temos de comprar, para prestar contas do nosso trabalho, para anotar um recado para alguém, entre muitas outras ações. São ações que podem e devem ser aprendidas, traduzidas em comportamentos – de leitor e de escritor – que precisam ser ensinados. Claro que é necessário aprender o sistema de escrita e seu funcionamento, mas esta aprendizagem pode ocorrer em situações mais próximas das situações reais e com textos de verdade – que comunicam e que foram feitos para leitores. Trata-se então de trazer para dentro da escola a escrita e a leitura que acontecem fora dela. Trata-se de incorporar, na rotina, a leitura feita com diferentes propósitos e a escrita produzida com diferentes fins comunicativos para leitores reais. Enfim, trata-se de propor que a versão de leitura e de escrita presente na escola seja a mais próxima possível da versão social e que, assim, nossos alunos sejam verdadeiros leitores e escritores. [2]

[1] Fase Inicial: 1º, 2º e 3º ano. Fase Complementar: 4º e 5º ano.

[2] São Paulo : SME / DOT, 2006. 104p.: il. – v.2

A organização de uma rotina de leitura e escrita [3]

Organizar uma rotina semanal de leitura e escrita é fundamental para orientar o planejamento e o cotidiano da sala de aula. Ela se expressa na forma como são organizados o tempo, o espaço, os materiais, as propostas e intervenções do professor e revela suas intenções educativas.

Nessa proposta de alfabetização, a rotina deve contemplar situações didáticas de reflexão sobre o sistema de escrita alfabético e a apropriação da linguagem que se escreve. Deve haver uma diversidade de atividades com diferentes propósitos e, ao mesmo tempo, uma repetição delas para que o desempenho dos alunos seja cada vez melhor. Não é preciso inventar novas atividades a cada dia, mas é importante variar o gênero que vai ser trabalhado (contos, parlendas, listas, poemas, textos instrucionais, etc.) e o tipo de ação que o aluno vai fazer com cada texto.

Em função disso, organizamos um quadro orientador em que é apresentado o que uma rotina semanal de leitura e de escrita deve contemplar. Por exemplo: leitura diária em voz alta pelo professor, leitura realizada pelos alunos mesmo quando ainda não leem convencionalmente, situações de produção escrita pelo professor e/ou pelos próprios alunos, além, é claro, de situações de trabalho com a oralidade.

Veja como é possível organizar a rotina para o trabalho com leitura e escrita nas séries iniciais:[4]

Situação Didática	Objetivos (o que os alunos aprendem e como)	Exemplos de algumas atividades	Frequência	O que é importante observar
Leitura realizada pelo professor	· Compreender a função social da escrita. · Ampliar o repertório linguístico. · Conhecer diferentes textos e autores. · Aprender comportamentos leitores. · Entender a escrita como forma de representação.	Leitura em voz alta realizada pelo professor: • textos literários; • jornalísticos e sobre curiosidades (científicos e históricos).	Diária – texto literário. Semanal – jornal e científicos.	Oferecer textos de qualidade literária em seus suportes reais. Ler com diferentes propósitos.
Análise e reflexão sobre o sistema de escrita	· Refletir sobre o sistema de escrita alfabético, buscando fazer a correspondência entre os segmentos da fala e os da escrita. · Conhecer as letras do alfabeto e sua ordem. · Observar e analisar o valor e a posição das letras nas palavras, visando à compreensão da natureza do sistema alfabético. · Compreender as regras de funcionamento do sistema de escrita.	Leitura e escrita dos nomes dos alunos da sala. Leitura do abecedário exposto na sala. Leitura e escrita de textos conhecidos de memória. Leitura e escrita de títulos de livros, de listas diversas (nomes dos ajudantes da semana, de brincadeiras preferidas, de professores e funcionários), de ingredientes de uma receita, de rótulos, etc.	Diária (quando há na classe crianças não-alfabéticas).	Organizar agrupamentos produtivos. Garantir momentos de intervenções pontuais com alguns grupos de alunos. Solicitar a leitura (ajuste) do que é lido e/ou escrito pelo aluno.

[3] São Paulo : SME / DOT, 2006. 115p.: il.
[4] São Paulo : SME / DOT, 2006. 115p.: il.

Comunicação oral	· Participar de diferentes situações comunicativas considerando e respeitando as opiniões alheias e as diferentes formas de expressão. · Utilizar a linguagem oral, sabendo adequá-la às situações em que queiram expressar sentimentos e opiniões, defender pontos de vista, relatar acontecimentos, expor sobre temas, etc. · Desenvolver atitudes de escuta e planejamento das falas.	Reconto de histórias conhecidas ou pessoais, de filmes, etc. Exposição de objetos, materiais de pesquisa, etc. Situações que permitam emitir opiniões sobre acontecimentos, Curiosidades, etc.	Duas vezes por semana.	Observar com atenção como as crianças se comportam numa situação em que têm de ouvir e falar uma de cada vez. Identificar quais crianças precisam ser convidadas a relatar, expor ,etc.
Produção de texto escrito	· Produzir textos buscando aproximação com as características discursivas do gênero. · Produzir textos considerando o leitor e o sentido do que quer dizer. · Aprender comportamentos escritores.	Produção coletiva, em dupla e individual – de um bilhete, de um texto instrucional, etc. Reescrita de textos conhecidos – coletiva, em duplas, individual.	Uma vez por semana.	Envolver os alunos com escritas pré-silábicas na atividade – produzindo oralmente, ditando para o professor ou o colega.
Leitura realizada pelo aluno	· Desenvolver atitudes e disposições favoráveis à leitura. · Desenvolver procedimentos de seleção de textos buscando informações. · Explorar as finalidades e funções da leitura. · Ler com autonomia crescente. · Aprender comportamentos leitores.	Roda de biblioteca com diversas finalidades: apreciar a qualidade literária dos textos, conhecer diferentes suportes de textos. Ampliar a compreensão leitora: leitura de textos que os alunos ainda não leem com autonomia, mas que pode ser mediada pelo professor (leitura de textos informativos, instrucionais, entre outros). Ler sem saber ler convencionalmente utilizando índices fornecidos pelos textos.	Uma vez por semana.	Ler várias vezes um mesmo texto com diferentes propósitos. Garantir que conheçam o conteúdo a ser explorado. Antecipar as informações que os alunos vão encontrar nos textos.

Pensando em gerenciar melhor o tempo didático da sala de aula, sugerimos que os conteúdos sejam organizados em modalidades organizativas, conforme classificação adotada por Delia Lerner em seu livro “Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário” (Artmed). Tais modalidades organizativas têm a função de permitir com que o professor priorize de forma bastante prática e coerente os conteúdos que pretende desenvolver, sem privilegiar excessivamente alguns e deixar outros de lado. Rosaura Soligo sintetizou as ideias expostas por Delia Lerner no texto que apresentamos a seguir.

Formas de organizar os conteúdos escolares [5]

Os conteúdos escolares podem ser organizados de diferentes formas:

- Atividades permanentes.
- Atividades sequenciadas.
- Situações independentes: ocasionais ou de sistematização.
- Projetos.

Atividades permanentes

São atividades que acontecem com regularidade (diariamente, semanalmente, quinzenalmente, etc) durante um período (curto ou longo) porque são importantes para o desenvolvimento de determinados procedimentos, hábitos ou atitudes.

Ex: Leitura diária feita pelo professor, Roda semanal de conversa ou leitura, Oficina de produção de textos ou de arte, Hora das curiosidades científicas ou das notícias, etc.

Atividades sequenciadas

São atividades planejadas em uma sequência inclusiva: o que vem a seguir depende do que já foi realizado (e aprendido) anteriormente. São muito parecidas com os projetos, mas não têm um produto final. Os próprios projetos são constituídos por atividades sequenciadas.

Ex: Atividades para ensinar as operações matemáticas, para ensinar a produzir um determinado tipo de texto, para ensinar um jogo complexo, etc.

Situações independentes

Ocasionais: são aquelas que não foram planejadas previamente, mas que se considera relevante inserir ou "aproveitar" no trabalho. Podem ser propostas pelo professor ou pelos alunos. Ex: Assuntos importantes que são notícia e que interessam aos alunos, fatos ocorridos na escola ou na comunidade, materiais interessantes enviados pelos pais ou encontrados pelos alunos, etc.

De sistematização: são aquelas que contribuem para que os alunos sistematizem os seus conhecimentos sobre um determinado conteúdo aprendido. Embora não decorram de propósitos imediatos, essas atividades têm relação direta com as expectativas de aprendizagem definidas para um determinado período. Ex: Situações de retomada do que foi ensinado sobre um determinado conteúdo para organizar as informações disponíveis e favorecer a sistematização (pelos alunos) dos conhecimentos adquiridos.

Projetos

São situações didáticas em que o professor e os alunos têm propósitos comuns e se comprometem com a conquista de um produto final, que é fruto do trabalho de todos e tem um sentido social real ("produto", nesse caso, não significa algo "palpável", mas sim um resultado: pode ser uma festa, uma mostra de trabalhos produzidos, uma apresentação pública de leitura ou jogral, a organização de uma biblioteca de classe, um livro, jornal ou texto, etc.). Nos projetos, as ações propostas ao longo do tempo são planejadas de forma sequenciada, têm relação entre si e fazem sentido em função do resultado que se deseja alcançar.

Ex: "Coleções" (organização de coleções para aprender conteúdos matemáticos), "Brincadeiras" (resgate de brincadeiras antigas e produção de um livreto de textos instrucionais), "Paisagens" (estudo de como pintores de diferentes épocas retrataram as paisagens e organização de uma mostra com produções da classe), Animais em extinção (estudo de alguns animais em extinção e produção de uma pequena enciclopédia), etc.

[5] Texto produzido por Rosaura Soligo, a partir de ideias defendidas por Délia Lerner e Mirta Castedo.

INGLÊS

O objetivo principal do ensino de inglês do 1º ao 5º ano em nossa rede é tornar a língua inglesa familiar para os alunos. Ao assimilar um vocabulário básico, expressões simples em situações reais, que façam sentido à sua vida, o aluno passa a desejar aprender mais, entendendo a real importância que a língua inglesa tem nas nossas vidas. Isso significa ensinar-lhes por meio de aulas descontraídas, interessantes, com atividades lúdicas, músicas, uso de fantoches, jogos, máscaras e demais recursos para que a criança seja envolvida de forma prazerosa no processo de aprendizagem.

Como dissemos, é fundamental que o professor, num primeiro momento, leia seus planos de curso anual para elaborar seu próprio planejamento. A relação dos conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais) deve servir de referência para a elaboração do planejamento, plano de aula e a seleção das atividades a serem desenvolvidas ao longo do ano.

Sugerimos que o professor siga uma abordagem metodológica global que desenvolva prioritariamente a habilidade oral (escutar e falar) por meio do lúdico, do sensorial e das ações, introduzindo gradualmente as habilidades de leitura e escrita, como suporte ao aprendizado oral. Aqui entram as atividades de encenações (*role-play*), movimentos que expressem a letra de uma música e de ***TPR*** (*Total Physical Response*) para executar instruções, jogos de adivinhação, troca de papéis, trabalho em pares ou grupos, além de exercícios de compreensão oral (ao escutar o professor, um *CD*, vídeo ou colega) para obter informações.

A habilidade de leitura deve ocorrer indiretamente (com associação de palavras a um desenho ou procura de palavras), de forma a criar um ambiente alfabetizador, sem obrigar o aluno a saber ler e escrever. A escrita não deve ocorrer nesta fase, salvo em situações particulares ou quando o aluno pedir para fazê-lo. No 1º ano, o professor de inglês deve ser o escriba, quando for necessário registrar a escrita de cartazes contendo as atividades feitas pelos alunos, ou em outra ocasião em que ela seja necessária, **sempre em letra bastão maiúscula**, mesmo que a criança peça a letra cursiva ou já esteja alfabetizada.

A criança de seis anos precisa que as aulas sigam uma rotina, portanto, sugerimos que o professor, ao chegar, cante uma música, depois introduza o conteúdo a ser aprendido oralmente por meio de atividades orais (com materiais de áudio, vídeo e estímulos verbais do professor), físicas (com encenações e atividades de *TPR*), artísticas (desenhos, recorte e colagem, uso de massa de modelar, pintura, etc.), revisão do que foi aprendido e feito na aula, e termine com uma música. Nesta fase, a criança gosta e precisa de repetição. Assim, o professor deve manter as mesmas músicas durante várias aulas e diversificar as atividades para que os alunos aprendam o mesmo conteúdo em 3, 4 ou 5 aulas, por meio de atividades diferentes.

Como as crianças nessa idade não podem concentrar-se por longos períodos de tempo, é preciso estar sempre pronto para o inesperado. O professor deve ter todos os materiais prontos à mão (*posters, flashcards,* jogos) para poder mudar a atividade se algo não funcionar bem e deve-se recorrer a diversas técnicas para obter a atenção dos alunos sem que seja necessário levantar a voz. Estas técnicas podem ser tão simples como apagar e acender a luz quando for preciso obter silêncio na sala. Outra técnica poderia ser começar a cantar uma música de que as crianças gostem, bem baixinho, apagar as luzes e acalmá-los. Uma nova opção seria fazê-los mudar de posição, ficar em pé e fazer alguma atividade se estiverem sentados, ou sentarem em círculo se estiverem de pé, ou sair da classe. Colocar música em volume baixo enquanto as crianças trabalham também ajuda: música calma para trabalhar, ou *rock* para atividades motoras grossas.

Durante as aulas, o professor deve desenvolver técnicas básicas associadas ao aprendizado, como: memorização, previsão, cooperação, criatividade e expressão física. O professor deverá fazer muitas perguntas aos alunos, desafiá-los a pensar, a recordar, a imaginar, a adivinhar, incentivando-os a participar dos trabalhos em grupo, dos jogos e das demais atividades. É preciso ter em mente que há crianças com estilos diferentes de aprendizagem, umas são mais visuais, outras, auditivas, e ainda há as que são mais cinestésicas.

É necessário ter recursos prontos para serem utilizados em cada aula. Este é mais um motivo para trabalhar em equipe com os docentes de todas as áreas. Em inglês, recursos visuais, como os *flashcards,* e imagens, recursos materiais, como *realias* (material concreto), fantoches, chapéus, material de áudio, vídeo, *DVD*, etc. Se os *flashcards* estiverem com o vocabulário escrito, as **letras** devem ser digitadas **claramente em letra de fôrma maiúscula** ou **escritas** com caneta ou pincel atômico preto, como já dissemos.

Na preparação da aula, as atividades mais agitadas deverão ser previstas para o final da mesma; do contrário, os alunos podem se animar demasiadamente e perder de vista o objetivo da aula. Devem-se utilizar diversos tipos de atividades, além de alternar as em grupo, duplas e individuais. Trabalhar oralmente de maneiras diferentes, oferecendo variedade, é útil e eficaz, considerando-se o tempo relativamente curto de concentração dos alunos e os seus diversos estilos de aprendizado. A maior parte do tempo de aula deve ser gasta na apresentação dos novos elementos e nas atividades de *listening* e *speaking*. O tempo gasto com os exercícios de colorir, associar, circular e desenhar deve ser menor, visto que enfocamos o desenvolvimento da competência comunicativa.

As aulas não devem ficar “presas” ao uso de livro, apostila ou material fotocopiado. Também é bastante útil haver um local onde se possam expor os trabalhos

das crianças. Os *posters* podem ser feitos de papel pardo ou cartolina contendo as produções dos alunos. Uma mostra bem organizada pode ser a base para discussões, promovendo interdisciplinaridade e também envolvendo os pais no sentido de acompanhar o progresso de seus filhos. Para ser bastante eficaz, a mostra deverá ser renovada frequentemente.

Compreensão oral (*listening*)

Os alunos devem ser expostos o máximo possível ao inglês em sala de aula. CDs e DVDs são ótimos recursos audiovisuais. A quantidade de inglês utilizada para dar instruções deve aumentar gradativamente e, por conseguinte, deve-se estabelecer o hábito de responder às atividades habituais em inglês. Pede-se aos alunos que executem um certo número de atividades de **TPR**, ou "*listen and do*", durante as quais se praticam os elementos linguísticos. Ex.: *Good morning/afternoon; hi; How are you?; fine, thanks; stand up; sit down; line up; come here; please; thanks/thank you; you're welcome; bye-bye; see you; very good; great; beautiful; May I go to the toilet?; yes; no; let's sit in a circle; draw; you can do it better/nicer; repeat; ask; answer; look; listen; point; sing; let's sing; let's go; etc.*

Produção oral (*speaking*)

Deve-se dar aos alunos um "período de silêncio" no início do ano, durante o qual eles escutam o inglês sem pressão de responder oralmente. Os alunos não devem ser forçados a responder verbalmente enquanto não estiverem prontos. No entanto, devem ser incentivados a fazê-lo por meio de atividades orais e de repetição, principalmente em grupo. As canções oferecem a oportunidade de utilizar o idioma oralmente dentro de um contexto seguro.

Uso de canções

Se as crianças não aprendessem melhor com músicas, programas de TV infantis não existiriam. A música é extremamente importante nas aulas de inglês. Além disso, ela deve ser apresentada com gestos, movimentos e até coreografias que representem o que está sendo cantado. O professor precisa estudar bem a música, a pronúncia correta das palavras, além de praticá-la antes de expô-la aos alunos. Há vídeos e livros, além da *internet*, em que estes movimentos são demonstrados e explicados.

Uso de fantoches

Os fantoches são excelentes para ensinar inglês às crianças, pois as atraem e podem ter uma série de funções: apresentar conteúdos, fornecer um elemento cômico, fazer encenações, dar segurança, além de parabenizá-las. Ele pode falar aos alunos (fornecendo, assim, um modelo linguístico) de forma engraçada, enquanto o professor permanece sério no comando da situação. O professor pode apresentar o conteúdo novo como se o fantoche fosse parte da turma (nesse caso, finja “errar”, não entenda algo), de maneira que os alunos possam corrigi-lo. Ele também pode cantar e encenar canções. O fantoche mostra aos alunos que não é errado não saber alguma coisa e lhes dá a oportunidade de corrigir seus erros - uma tática que deixará os alunos seguros de si, além de ser uma ocasião divertida na aula. Alguns professores têm o hábito de usar o fantoche para cumprimentar os alunos no início da aula (fazer o fantoche dar-lhes a mão, abraçá-los, acariciá-los), o que faz com que os alunos se sintam mais seguros e interessados. Há momentos em que o próprio aluno pode utilizar o fantoche, pois é o fantoche (e não ele) que está falando ou agindo. Isso lhe dá a chance de falar, cometer erros, responder a perguntas e sentir-se no comando, sem estarem psicologicamente expostos. Os alunos podem até criar seus próprios fantoches e utilizá-los durante as aulas, como os de dedo (feitos com cartolina e desenhado pelos alunos), de meias (com a ajuda dos pais, eles podem costurar botões para fazer os olhos; lã para os cabelos, etc.), presos em palitos de sorvete, feitos com rolos de papel higiênico, potes de iogurte ou de *yakult.*

Pronúncia

O ensino do inglês (e até da língua materna) requer máxima atenção aos modelos de pronúncia oferecidos, porque, nesta faixa etária, as crianças são muito sensíveis e receptivas a novos sons. O professor precisa estar atento à sua pronúncia para ensinar corretamente.

Interdisciplinaridade

O professor de inglês deve estar em sintonia com o professor de classe e os demais professores especialistas, pois os conteúdos de inglês podem ser trabalhados constantemente de forma interdisciplinar.

- O trabalho de apresentação em inglês (*What's your name? – My name is* _____) envolve também o trabalho de **português**, por conta do conhecimento do próprio nome e do nome dos colegas.
- O uso dos números em inglês deve ser trabalhado durante todo o ano, complementando as atividades desenvolvidas nas aulas de **matemática**.
- Algumas danças, atividades de expressão corporal e brincadeiras podem ser trabalhadas junto com o professor de **educação física**.
- Com o professor de **arte**, podem-se trabalhar melhor a música, rimas, expressões corporais, gestuais e faciais; jogos dramáticos (*role-play*) e fantoches; as cores, por exemplo, em atividades de pintura, modelagem, montagens, desenho e colagem.
- Quando o professor de inglês trabalhar as preferências em relação a brinquedos e animais de estimação, pode trabalhar junto com o professor de classe os conceitos, procedimentos e atitudes de **história**.

Avaliação

Avaliamos constantemente nossos alunos, mas nem sempre conseguimos lembrar o nome de todos e seu desempenho nas aulas. Sugerimos manter um controle das atividades feitas e dar uma nota para o **empenho do aluno durante as aulas**. Esta avaliação pode ser feita, por exemplo, com cinco a dez alunos por vez, sem que eles saibam que estão sendo avaliados.

Outra forma de avaliação pode ser por meio de projetos em grupo. Caso a escola não possa fazer cópias das provas, o professor pode usar as atividades da apostila para avaliá-los, sendo permitido consultá-la, mas não o colega ao lado neste momento.

Devemos ter em mente que o ensino de inglês do 1º ao 5º ano deve fazer parte dos momentos prazerosos, quando a autoestima do aluno é reforçada de forma positiva. Assim, não podemos exigir perfeição das crianças, ainda mais porque os conteúdos conceituais são revistos em todos os anos, de forma espiralada, proporcionando a assimilação (*acquisition*) de um conteúdo específico em momentos diferentes. Assim sendo, o professor de inglês não deve ser inflexível em relação às notas.

É imprescindível ainda elogiar sempre o empenho dos alunos e dizer *very good, excellent, good work, great*, etc., certificando-se de que eles compreendam o significado dessas expressões. **É muito importante elogiar a produção do aluno, mesmo que não esteja como o professor esperava.** Temos que ter em mente que o aluno tem somente 5 ou 6 anos, está se empenhando e precisa ser motivado. Deve-se deixar claro que é preciso errar para poder aprender e é para isso que eles estão na escola. Assim, o professor e o grupo têm de fazer alguns "combinados". **Tentar falar em inglês, ser corrigido e não ter medo de errar** devem estar nessa lista. Os alunos precisam se sentir confortáveis para falar, mesmo que, a princípio, esteja "errado".

Referências bibliográficas

DEL PASO, A. et alli. **Squeeze 3 – Teacher's Edition**. Mexico, D.F.: Macmillan, 2006.

HARPER, K. et alli. **Kids United – Livro do Professor 1**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HERRERA, M.;ZANATTA, T. **New Parade 1–Teacher's Edition**. New York: Addison Wesley Longman, 2000.

MELO, L. et alli. **Spaghetti Kids – Teacher's Book 1**. São Paulo: Macmillan, segunda impressão, 2002.

SALVADOR, R. W. **Kinder Steps – Teacher's Guide Level 3**. Mexico, D.F.: Richmond Publishing, 1999.

REETZ, A. et alli. **Let's Go 1 – Teacher's Book**. Hong Kong: Oxford University Press, 2000.

ARTE

Música

A importância da Música para a criança é evidente e indiscutível. Porém, para que a criança faça bom uso e se beneficie da linguagem musical é preciso que esta seja apresentada de forma cuidadosa e adequada, principalmente na primeira infância.

> Nessa idade, em contato com diferentes formas de representação e sendo desafiada a delas fazer uso, a criança vai descobrindo e, progressivamente, aprendendo a usar as múltiplas linguagens: gestual, corporal, plástica, oral, escrita, **musical** e, sobretudo, aquela que lhe é mais peculiar e específica, a linguagem do faz-de-conta, ou seja, do **brincar**. Sua relação com o outro, consigo mesma e com diferentes objetos da natureza e da cultura que a circundam é mediada por essas formas de expressão e comunicação. (Ensino fundamental de 9 anos - Orientações gerais. MEC, p.20)

Conceitos e teorias não devem ser tratados nesta fase. A música deve fazer parte do dia a dia da criança para que haja uma "intimidade" com esta linguagem tão prazerosa. Não se trata apenas de incluir na rotina da criança canções para a hora da entrada, lanche, saída, etc. Momentos de apreciação, relaxamento e execução musical podem e devem ser vivenciados durante todo o processo de aprendizagem, como uma forma a mais de expressão, uma linguagem que, muitas vezes, chega mais fácil ao âmago da criança, deixando-a mais feliz e confiante.

Projetos interdisciplinares são fundamentais, pois envolvem a música com as outras áreas do conhecimento, possibilitando o uso da linguagem musical em outras situações, além de favorecer a assimilação de outros conteúdos.

Segundo Stateri (1997), "[...] as emissoras de TV e rádio não divulgam as tradicionais músicas folclóricas, mas somente as populares, sendo muitas de péssimo gosto, com textos inadequados para as crianças sem se falar na tessitura e "desaprendizagem" da língua nacional. Isso é bastante preocupante porque essa invasão de canções populares, de pouco ou nenhum valor musical, levam a criança a uma deformação da estética musical." Não podemos esquecer de que, nós, professores, também somos vítimas desta situação, muitas vezes nos deixando levar pelo modismo e nos habituando a aceitar ou mesmo gostar daquilo que nos é imposto.

É importante que o professor faça um diagnóstico da sua classe, pois ele precisa saber qual é a real vivência musical de seus alunos, por meio de atividades simples de pulso, acento, altura e canto e até mesmo uma conversa, para saber qual é o universo sonoro em que eles vivem. Desta forma, o professor poderá elaborar seu planejamento direcionando seus objetivos e estratégias de acordo com cada classe, explorando os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais do Plano de Curso, de forma mais significativa.

O planejamento do professor precisa ser flexível. As ações devem estar abertas a mudanças e adaptar-se a imprevistos ou projetos que podem surgir no decorrer do ano, principalmente quando se estabelece uma parceria com o professor de classe. Nesse processo é importante **avaliar**, observando e refletindo sobre o que está dando certo ou errado, replanejando quando necessário.

Vale lembrar que trabalhamos *tudo ao mesmo tempo e o tempo todo*. Embora os conteúdos estejam organizados por tópicos (pulso, acento, fonte sonora etc.), estes não devem ser trabalhados de forma linear. Ao trabalhar pulso, por exemplo, por meio de um jogo musical, o aluno está também exercitando sua percepção auditiva, rítmica e melódica, lateralidade, atenção e prontidão. Uma brincadeira cantada pode envolver mais de um conteúdo, mesmo que a ênfase, naquele momento, esteja em um tópico específico.

Outra sugestão é que o professor leia o plano de curso de outras disciplinas, para que possa interar-se dos conteúdos que o professor de classe irá trabalhar, assim, facilitando a interdisciplinaridade. Em Ciências, por exemplo, a orientação é de que se inicie com atividades de exploração do próprio corpo, o que é bastante pertinente a muitos jogos musicais. O elemento lúdico (o jogo) é muito importante para que a criança se entregue de forma espontânea à aprendizagem. O elemento descontraído que o jogo proporciona favorece a expressão e a comunicação, ao mesmo tempo em que permite reforçar os hábitos adquiridos e assimilar a realidade.

O som e o silêncio

Recomendamos a observação, audição e identificação dos sons de diferentes ambientes, como o escolar, do bairro, de casa, ou seja, os sons do dia a dia. É fundamental ainda ressaltar a importância do silêncio e promover a sua produção (musicalmente ou não), numa sociedade tão cheia de ruídos, os quais produzem estresse, dificultam a concentração, entre outras complicações.

Expressão corporal, gestual, facial e/ou plástica

O desenvolvimento físico-motor por meio do movimento, danças e dramatizações é essencial para a aprendizagem e interpretação musical. A vivência e a reação da criança a diferentes estilos e culturas musicais por meio do movimento contribuem para a aquisição de conceitos, a assimilação de padrões e estruturas e o desenvolvimento da memória musical, a consciência da pulsação, do ritmo e do caráter das peças musicais.

Durante a apreciação musical e o canto, a expressão corporal, gestual, facial e/ou plástica são ferramentas que auxiliam a criança a expor suas impressões, estimulam sua concentração e seu envolvimento com a prática musical.

Escuta e apreciação de obras musicais (regionais, folclóricas, eruditas, variadas)

Educar musicalmente implica também desenvolver na criança o prazer de ouvir música (boa música e num volume adequado) e, dentro desse trabalho de apreciação musical, a tarefa principal do professor é saber interessá-la, cativando-a e envolvendo-a emocionalmente. A apreciação musical não precisa ser encarada como uma atividade estática. Como já foi exemplificado anteriormente, ela pode ser feita junto com a expressão corporal, gestual ou plástica. É interessante que o professor comente a obra e destaque aspectos que possam ser identificados pela criança, como dinâmica, timbres, falar sobre o compositor e/ou função daquela música (cantigas de trabalho, de ninar, danças, músicas que contam uma história, etc.). A apreciação pode ser feita também em momentos de relaxamento, com exercícios de alongamento ou não (principalmente a música erudita). Outra forma para se conduzir a apreciação é a apresentação dos instrumentos, seja por fotos, vídeos ou mesmo pela Internet, nas salas de informática.

Canto coletivo

A cada momento, a criança vivencia a alternância entre atuar e observar, cantar e ouvir. Aprender a ouvir o outro, a perceber a consonância ou dissonância do todo e encontrar a maneira adequada de com eles se relacionar; este é o grande aprendizado que ela pode fazer por meio da música. Podemos dizer que crianças que se exercitam, coletivamente, repetindo a mesma canção ou peça instrumental, com a intenção de aprimorá-la, estão praticando uma vontade social construtiva e buscando, em conjunto, a harmonia do todo.

O cantar é a grande alavanca da educação musical da criança pequena. O cantar é a bagagem que o aluno traz consigo. Desde bebê, escuta as cantigas de ninar na voz da sua mãe; mais tarde, suas brincadeiras são na maioria cantadas ou ritmadas. É a principal fonte de produção musical da criança e é quando ela põe em prática os elementos que aprendeu na aula.

> A escolha dessas canções é das mais melindrosas. A linha melódica deve ser bem nítida, clara como um fio de água que corre em direção definida: os intervalos devem ser naturais; os ritmos facilmente assimiláveis; e, se necessário, adaptado ao andamento normal da canção às possibilidades das crianças. […] Quanto a sutilezas de tendências modernas ou exóticas, é preferível reservá-las para mais tarde – a sutileza transcende, normalmente a capacidade receptiva das primeiras idades. (Raquel Marques Simões – Canções para Educação Musical).

Portanto, sugerimos que o professor cante muito com seus alunos, mostre-lhes a importância da expressão e da articulação, trabalhe a dinâmica das músicas e os ajude a conhecer um universo sonoro diferente do que normalmente conhecem. Como o professor deve ser uma referência para o aluno, é necessário cuidar da própria voz e começar a ensiná-los a cuidar da voz deles, por meio de ações aparentemente muito simples, como não gritar, e explicando-lhes que as nossas

“cordas” vocais não podem ser trocadas como a de um violão, desestimulando a ação de gritar, cantando ou não.

Lateralidade

De acordo com Granja (2003, p. 211),

> Uma proposta de Educação Musical centrada na percepção deve considerar o papel do corpo e do movimento na construção do conhecimento. A expressão musical é feita por um corpo, que percebe, conhece e se movimenta de acordo com um projeto, uma intencionalidade. A escola deveria dar mais atenção ao corpo como instrumento de conhecimento, estimulando atividades de autoconhecimento, percepção corporal, reeducação do movimento, que possam contribuir para uma maior capacidade de concentração e prontidão para a aprendizagem.

Cantar, brincar, jogar. Se a criança se movimenta, está exercitando sua lateralidade. O professor pode associar uma atividade de pulso, por exemplo, com movimentos corporais para a direita e para a esquerda. Um exercício de altura com movimentos para cima e para baixo. Andar pela sala ou pátio seguindo o pulso de uma canção sem esbarrar nos amigos ajuda a criança a conhecer o seu lugar no espaço, controlando o tamanho do passo, a velocidade e a noção espacial.

Artes visuais

A metodologia da área de Artes visuais deve levar em conta, antes de mais nada, as fases de desenvolvimento cognitivo de quem vai aprender. Segundo Piaget, as crianças entre 6 e 10 anos de idade estão saindo do estágio pré-operacional e entrando no estágio representacional. Isso concede-nos alguns parâmetros:

- A criança já consegue dominar alguns instrumentais de artes;
- É capaz de criar símbolos e representações;
- Consegue compreender o processo de expressão e criação;
- Começa a se interessar mais pelo mundo ao seu redor do que por si mesma.

Tendo em vista essas possibilidades da criança, o trabalho prevê a apresentação de imagens situadas em determinado tempo e espaço, contextualizadas como manifestação cultural de uma sociedade específica. Prevê-se o uso dos mais diversos materiais, respeitando-se a idade da criança, para que as suas experiências sejam diversificadas e para que possa perceber, de fato, todas as possibilidades e limitações desses materiais. Chama-se a atenção da criança para os detalhes de algumas obras, para que desenvolva um senso crítico e estético, necessário para a leitura de imagens.

As atividades permitem ao aluno experimentar, ter outras experiências, conhecer a vida de alguns artistas, prestar atenção a alguns fatos e materiais interessantes e se expressar por meio dos conhecimentos que adquiriu. Elas estão intimamente ligadas aos objetivos que se pretende atingir e servem de ferramentas para sua concretização. Ressalte-se que a ordem dos conteúdos propostos pelo plano poderá ser alterada, no momento do planejamento, para contemplar o trabalho interdisciplinar.

A avaliação é um instrumento importante no processo de ensino/aprendizagem. Não é apenas uma etapa do processo, e sim uma atividade continuada que deve acompanhar o processo todo e não só um produto final. Na área de Arte, o processo deve levar em conta as etapas do desenvolvimento cognitivo e emocional da criança.

Na fase inicial do Ensino Fundamental (1º, 2º e 3º anos), a criança ainda busca o domínio de forma e da representação. Ela mais pesquisa do que se expressa. Muitas vezes, seu trabalho muda no meio do caminho, num processo divertido e prazeroso de pesquisa. Os trabalhos em grupo permitem que a criança aprenda a ouvir a opinião dos outros, a argumentar sobre suas ideias e a desenvolver o respeito pelo seu próprio trabalho e pelo trabalho de outro.

Leitura de imagens

Quando uma obra de arte é observada, a criança inicialmente percebe os elementos mais simples (cores, texturas, linhas, formas, etc.) e gradativamente vai percebendo os mais complexos. Adquirindo este conhecimento, a criança terá condições de fazer uma leitura conceitual, já que a leitura informal ela já faz naturalmente, tendo em vista seu contexto histórico e pré-requisitos adquiridos fora da realidade escolar, os quais deverão ser aproveitados.

Exposição

A exposição da produção artística das crianças faz parte do ensino de arte. Quando o aluno expõe seus trabalhos aos pais e familiares, ele está completando o ciclo do fazer artístico. Quando organizamos uma exposição, aprendemos mais sobre o conteúdo que foi ensinado. Devemos envolver os alunos nessa produção.

Visita a Museus

Uma das atividades que contribuem não só para a área de Arte, mas para todas as outras áreas, é a visita a museus e exposições de arte. O museu é um espaço onde estão expostas obras de arte, organizadas por diferentes critérios: tempo cronológico, escolas e estilos, etc. Os alunos deverão fazer um registro sobre o que viram, perceber os critérios de organização do espaço e o tipo de postura para a visitação.

A arte deve ser entendida como conhecimento e linguagem. Por meio da arte, temos acesso aos sentimentos e aos pensamentos das comunidades de qualquer época, povo, cultura ou país. A arte é uma linguagem por tratar-se de um sistema de representação que utiliza principalmente signos não-verbais (cor, luz, forma, som, gesto, movimento, etc.) com os quais o artista/aluno, com alguma intenção, compõe uma obra atribuindo significado a esses elementos.

O professor de Arte é um alfabetizador artístico/estético, o mediador entre arte e aluno. Seu objetivo maior será tornar seus alunos leitores e produtores de textos visuais, pictóricos, musicais, cênicos, gestuais, conhecedores de uma parcela da produção artística realizada desde que o ser humano habita o planeta.

Espera-se que os alunos, progressivamente, adquiram competências de sensibilidade e de cognição em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, diante de sua produção e no contato com o patrimônio artístico, exercitando sua cidadania cultural com qualidade. O aluno poderá desenvolver seu conhecimento estético e competência artística nas diversas linguagens de área de Arte/Artes Visuais, Dança, Música, Teatro, para que possa progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e emitir juízo sobre os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade.

EDUCAÇÃO FÍSICA

"De cada um, de acordo com as suas habilidades,
a cada um, de acordo com suas necessidades."
(Karl Marx)

O objetivo principal da educação física escolar do 1º ao 5º em nossa rede é dar a oportunidade para que todos os alunos desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando a seu aprimoramento como seres humanos. Nesse sentido, cabe ressaltar que os alunos que apresentam deficiências físicas não devem ser privados das aulas de Educação Física, sendo papel do professor proporcionar e incentivar o conhecimento e a vivência das modalidades paralímpicas, contribuindo, assim, para a integração e inclusão de todos os alunos.

Independentemente de qual seja o conteúdo escolhido, os processos de ensino e aprendizagem devem considerar as características dos alunos em todas as suas dimensões (cognitiva, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social). Seja num jogo recreativo, pré-desportivo ou numa dança, o aluno deve aprender, além das técnicas de execução, a discutir as regras e estratégias, apreciá-los criticamente, ressignificá-los e recriá-los.

A educação física escolar deve permitir que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais e se enxergue como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana, contribuindo para a adoção de uma postura não-preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e das pessoas de que dele fazem parte.

Outro aspecto fundamental é o conhecimento sobre o próprio corpo, seu processo de crescimento e desenvolvimento, que são construídos concomitantemente com o desenvolvimento de práticas corporais, ao mesmo tempo que dão subsídios para o cultivo de bons hábitos de alimentação, higiene, orientações sobre a boa postura, saúde e atividade corporal, para o desenvolvimento das potencialidades corporais do indivíduo, permitindo compreendê-las como direitos humanos fundamentais.

Sugerimos que o professor adote uma visão ampla da educação física escolar, transitando pelos diversos conteúdos propostos (jogos, atividades rítmicas e expressivas, conhecimentos sobre o corpo), dentro de um contexto cooperativo, social e de autonomia.

Sabendo que as crianças nesta faixa etária podem pensar em símbolos, mas ainda não podem usar a lógica, elas necessitam de diversos estímulos (visuais, auditivos e cinestésicos), sugerimos então que sejam utilizados materiais coloridos de diversas texturas e tamanhos, músicas entre outros recursos. Lembramos também que, nesta fase, as atividades devem envolver todo o grupo, pois a concentração ainda está presente em curtos períodos.

Os jogos devem ter regras simples e todos devem participar do início ao fim. Os jogos e as brincadeiras pertencentes à cultura popular são um grande aliado nesta fase, assim como elementos construídos com sucata podem trabalhar a imaginação e a criatividade.

Compreende-se a dança, neste momento, como um estímulo para a expressão corporal, coordenação motora e espacial, musicalidade, criatividade e interação do grupo, sem a preocupação com estilo ou técnica. Podemos oferecer, assim, o contato com músicas do universo infantil, da cultura popular e outras que estejam fora do seu cotidiano.

No que diz respeito ao conhecimento do próprio corpo, propomos que isso seja vivenciado tanto durante as atividades práticas como também por meio de desenhos, construção de bonecos, filmes, teatros de marionete e outros.

Interdisciplinaridade

Segundo João Batista Freire, a educação física "trabalha no plano da ação motora, mas quando a maneira de propor as atividades provoca tomadas de consciência, aquilo que era material (corridas, saltos, giros) torna-se conceitual. Em sala de aula, trabalha-se no plano dos conceitos. A relação entre a educação física e outras disciplinas, embora muito estreita, é pouco percebida."

Muitas vezes, trabalhamos de maneira interdisciplinar sem nos darmos conta disso, como no simples fato de solicitarmos a uma sala que se divida em dois grupos com o mesmo número de alunos. Assim, quando utilizamos as múltiplas linguagens nas atividades práticas, estamos ampliando ainda mais as possibilidades das relações entre as disciplinas.

Numa simples atividade de solicitar à classe que todos corram e tragam um determinado objeto (variando entre cor, tamanhos ou quantidades), estamos trabalhando noções de seriação e classificação. Outro exemplo seria estimular as crianças com histórias e músicas ouvidas e vivenciadas, colocando como desafio completá-las e cantá-las em voz alta, utilizando sua imaginação e percepção.

Considerações finais

O nosso plano de curso é anual, em que se sugerem conceitos a serem desenvolvidos durante o ano. Portanto, fica a critério do professor utilizá-lo na sequência que mais se adapte a sua realidade, podendo também incluir outros conteúdos importantes para sua realidade, sempre respeitando a faixa etária com que se está trabalhando.

HISTÓRIA

Os conceitos de espaço e tempo são fundamentais ao desenvolvimento do pensamento histórico. Por isso, faz-se necessário que sejam trabalhados de forma contextualizada, para que possibilitem não uma mera constatação, mas a ampliação dos conhecimentos e vivências dos alunos por meio de questões problematizadoras e que os levem a compreender como e por que as coisas acontecem e aconteceram. É necessário que o aluno compreenda que a história se constrói pela ação humana e que ele, como sujeito histórico, é parte atuante no processo de produção de conhecimento.

É importante que o aluno vivencie diferentes formas de organizar o tempo a partir dos conceitos de anterioridade, posteridade e simultaneidade em relação aos modos de vida no Brasil atual e em outras épocas, e da presença de diferentes tempos históricos no mesmo tempo cronológico. A proposta é que os alunos identifiquem mudanças e permanências em relação a nomes, aniversários, calendários, família, brincadeiras e escola.

Nome

Ao trabalhar com o nome, o aluno poderá perceber que a história está presente em coisas naturais como o nome das pessoas. Atividade como recorte em jornais e revistas devem ser desenvolvidas de forma lúdica, como procurar as letras iniciais do nome, ou a troca de letras para formar outros nomes. Seria interessante montar quadros de caça-palavras com os nomes dos amigos da classe ou nomes conhecidos da família, ou das pessoas que trabalham na escola ou com nomes preferidos dos alunos. Para introduzir o tema, há várias músicas, como **Todos os Nomes**, de Bia Bedran, que pode ser encontrado no *site* http://www.biabedran.com.br/ .

Outra temática é explorar o tema dos apelidos e abordar questões sobre preconceito e diversidade. A pesquisa sobre a origem do nome deve ser bem orientada pelo professor. O importante é que eles percebam que os nomes têm história, entram e saem de moda, têm origens diversas (indígena, estrangeira, bíblica) ou podem ser inventados pela família como a junção de nomes de pais e mãe, por exemplo. É importante que os alunos troquem informações com os colegas. Livros sobre os significados dos nomes podem ajudar no trabalho.

Aniversário/calendário

A utilização da certidão de nascimento possibilita a introdução do conceito de documento. O que é um documento? Que documentos a criança conhece? Para que servem? Onde podem encontrar? No caso da certidão, a criança encontra informações sobre a sua vida. Deve-se tomar cuidado para não provocar situações de constrangimento entre os alunos.

Ao trabalhar com o tema *aniversário*, é importante ressaltar a carga emocional, pois crianças adoram comemorar. Além de constituir um marco na vida do aluno, é importante que elas percebam que os modos de comemorar são diferentes e mudam com o tempo. O assunto poderá ser trabalhado de forma interdisciplinar com Ensino Religioso.

A identificação do mês de aniversário no calendário possibilita a construção de gráficos com dados coletados, como: mês em que há mais aniversariantes; mês em que não há; em que há menos; se há pessoas que fazem no mesmo mês em que certo aluno faz, quem é a última ou a primeira da sala a fazer aniversário e assim por diante. Assim, a conexão com a matemática será bem interessante.

Pode-se trabalhar com calendários de diferentes culturas, como o calendário indígena, muçulmano, asteca, etc., pois permite que eles construam uma reflexão sobre outras maneiras de medir o tempo. A construção de um calendário com a turma possibilitará a consolidação da aprendizagem. Os alunos poderão trazer para a sala diferentes calendários em tamanhos e formatos diferentes para que eles escolham o calendário que querem construir.

Dentro da perspectiva de se trabalhar com diferentes fontes de conhecimento histórico, a foto do aniversário é um importante registro documental. É importante ressaltar que o objetivo não é apenas ilustrar a atividade, mas trabalhar com a fotografia como fonte de informação: a data, quem são as pessoas, o local, se lembra dele ou não, quais presentes ganhou, etc., ou seja, as memórias de um passado recente. Caso haja crianças que não tenham esse registro, peça para desenharem a cena do aniversário.

Família

O diálogo nas rodas de conversa sobre organizações familiares pode gerar um trabalho de percepção sobre as mudanças e permanências nas organizações familiares. O importante é que o aluno perceba que há diferentes tipos de família e que essa organização transforma-se com o tempo. Para isso, é importante que a análise seja iniciada com a própria situação familiar: com quem mora, quantas pessoas fazem parte da família, etc.

A utilização de fotos de famílias atuais e antigas possibilita abordar esta diversidade. Para ampliar esta abordagem, utilize obras de arte e faça uma releitura coletiva do quadro escolhido. Depoimentos ou entrevistas com pessoas mais velhas podem contribuir para o aprofundamento das questões.

Di Cavalcanti**. Família na praia (1935)**

Fernando Botero. **Família (1996)**

Escola

Observar o espaço e organização do local possibilita discussões a respeito das mudanças ocorridas na própria escola ao longo do tempo e sobre as mudanças e permanências ocorridas nas salas de aula atuais.

Com o objetivo de desenvolver a reflexão e conscientização pode-se questionar sobre a importância da escola para os alunos e do direito da criança à educação, independentemente da sua condição social.

Brincadeiras

O estudo sobre brincadeiras contribui para o desenvolvimento da noção de tempo histórico. Ao trabalhar com esse tema, deve-se considerar o conhecimento prévio dos alunos, as brincadeiras que costumam praticar no dia a dia e, dentre as brincadeiras citadas, quais eles acham que são antigas ou não.

O trabalho com o foco nas brincadeiras preferidas das crianças possibilita a construção de gráficos, sistematizando os dados e a interligação com conceitos matemáticos.

O tema brincadeiras possibilita a discussão sobre o consumismo desenfreado nos dias atuais, a necessidade da reciclagem e o uso de brinquedos artesanais. No *sit*e http://www.portinari.org.br/, encontram-se telas de Portinari sobre o tema *brincadeiras*, que possibilitam a construção de jogos, releitura das imagens e sua interpretação sobre o tema.

Portinari. **Crianças Brincando.**

GEOGRAFIA

No Plano de Curso do 1º e 2º ano, valorizamos a importância da **alfabetização cartográfica**. Partindo da observação, a criança aperfeiçoa sua percepção e as maneiras de representar o mundo que a rodeia. A representação do espaço é muito importante e nos auxilia a compreender a localização e as diferentes formas de ocupação.

Mapa

O mapa é o meio mais eficaz e conhecido de representação do espaço. É uma convenção, que utiliza signos que podem ser compreendidos por diferentes pessoas em diferentes locais do planeta. Mas, para a criança, isso não é tão simples assim. Portanto, a primeira coisa que mapeamos quando iniciamos um trabalho de cartografia com crianças pequenas é o próprio corpo – o que chamamos de trabalhar com a escala um para um - ou seja, cada centímetro registrado no mapa do corpo corresponde a um centímetro real.

Depois, as crianças passam a mapear outros espaços como: a sala de aula, a escola, a rua da escola, até o bairro e a cidade. Nessa segunda etapa, o professor pode introduzir a noção de **legenda**, criando símbolos junto com as crianças que representem as carteiras, o lixo, a lousa, etc. Para o mapeamento das ruas, criam-se símbolos para as moradias, a escola, hospital (se houver) e outros.

Para o desenvolvimento da representação em diferentes visões, os alunos podem desenhar objetos vistos de cima, de frente e de lado, o que vale mais é a observação de que, em cada posição, o objeto é visto com uma “forma” diferente. Essa observação é fundamental para as produções futuras que privilegiarão a visão do alto, como em um mapa convencional.

Na fase dos 6 aos 8 anos, as crianças ainda desenham o que sabem e não o que veem, portanto, o professor deve respeitar sua produção – pois se utilizam de transparências e confundem perspectivas. Porém, é fundamental solicitar que falem sobre suas produções, pois é por meio da fala que os alunos tomam consciência do espaço real. Com o desenvolvimento dessas atividades, há grandes chances dos desenhos se aprimorarem.

É importante trabalhar desde o início com vários tipos de mapas, ao mesmo tempo, na sala de aula, explicando que cada um deles possui um objetivo. O mapa da cidade é diferente do mapa do país. Um mapa físico é diferente de um mapa político, e um mapa-múndi é diferente de um globo. Essas diferenças devem ser discutidas com as crianças. Assim, elas vão aos poucos se habituando com a linguagem cartográfica.

Maquete

O grupo pode escolher os materiais que irá utilizar para produzir a maquete. Essa tarefa possibilita que o grupo aprenda a se organizar para realizar tarefas em conjunto. A atividade da maquete permite que o aluno perceba o registro cartográfico convencional, ou seja, a maneira como se faz em mapas e plantas. Nessa linguagem, a visão que se tem é vertical, ou seja, visão do alto. É algo que exige um grau de abstração, pois a visão que temos no dia a dia é lateral.

É importante registrar as percepções do grupo sobre todas as atividades, pois as noções de escala, proporcionalidade, visão do alto e criação dos próprios códigos surgirão dessas discussões. É claro que os alunos utilizarão uma linguagem mais simples, mas a elucidação e o registro dessas descobertas são fundamentais para a futura elaboração e compreensão de mapas mais complexos.

Medida padronizada e não padronizada

Atividades de medidas da classe podem despertar a curiosidade a respeito da **medida padronizada**. Ao preencher o quadro, eles registram de quem é o pé que foi utilizado como padrão. O professor deve instigar o grupo com perguntas como: e se fossem os pés de outra criança? E se fossem os meus pés? A medida seria a mesma? Esses questionamentos devem ser feitos até que as próprias crianças percebam que, se cada um utilizar um modelo de medida, as pessoas não conseguirão se entender a respeito da dimensão dos locais, altura e largura de coisa, altura de pessoas, etc.

Medidas é um tema comum à área de Matemática, porém, nesse primeiro momento é importante somente uma introdução, ou seja, as crianças vão pensar sobre a importância de medir objetos e lugares. Em Geografia, o conceito que está sendo construído é o de proporcionalidade, uma vez que o tamanho do que

representamos não é o tamanho real do representado. Futuramente, nas séries mais adiantadas, os alunos, com esse conceito construído, reconhecerão a função da escala em um mapa convencional.

Estudo do meio

O Estudo do Meio é um grande aliado nesse processo de alfabetização cartográfica. Ele permite que o aluno conheça o espaço, o represente com desenhos, e se desdobre em outras atividades interdisciplinares de produção de texto, estudo da fauna e flora locais, utilizando medidas convencionais e não-convencionais. No caminho de casa à escola, por exemplo, é importante que os alunos observem e comparem suas próprias produções e as diferentes maneiras de representar um mesmo espaço.

O professor deve conduzir discussões no sentido de que se perceba que elementos facilitam a visualização do espaço e que elementos dificultam. Aqui, deve acontecer uma discussão sobre padronização com questionamentos como: se cada um desenhar de um modo, dá para uma pessoa que não conhece o local compreender o mapa?

Para problematizar essas questões, o professor pode trazer para a sala vários tipos de mapas e conversar com as crianças sobre o que há de diferente e o que há de comum entre eles, e também entre esses mapas e os mapas elaborados pelas próprias crianças.

Fotografia: fonte de informação

Os alunos poderão comparar o ontem e o hoje ampliando suas noções do papel do homem nas transformações dos espaços. Por meio de fotos antigas, de preferência de um lugar conhecido de todos. O ideal é que cada aluno traga uma foto, para ter diferentes visões do mesmo local, mas, se isso não for possível, o professor pode reproduzir uma foto (tipo xerox) para que cada aluno tenha uma imagem para comparar. Se os alunos puderem sair da classe e se posicionarem no local próximo de onde a foto foi tirada, a atividade será ainda mais rica.

O registro sobre as mudanças é fundamental, pois as crianças colocarão suas hipóteses e observações a respeito dessas mudanças. Nas atividades com fotografias e entrevistas (aprofundado posteriormente), é possível trabalhar conceitos das áreas de História e Geografia ao mesmo tempo, como já dissemos anteriormente. Em História, o aluno construirá o conceito de permanências e mudanças, e, em Geografia, da transformação do espaço por meio do trabalho humano atendendo necessidades sociais, culturais, políticas e econômicas.

Entrevistas

A entrevista com um funcionário antigo ou morador antigo de bairro pode ser uma experiência muito especial para a turma. Converse com seus alunos antes, para a elaboração de questões. Gravar a entrevista é um bom recurso para o registro posterior. Mas, se possível, ensaie antes com a classe para que, na hora da entrevista, a turma se preocupe com o depoente.

As respostas podem ser registradas em forma de texto coletivo. Mas se na classe já houver alguns alunos formulando o nível alfabético de escrita, a turma pode ser dividida em grupos para que funcionários diferentes sejam entrevistados.

Essa atividade é importante para que as crianças reconheçam que os espaços são modificados pelo homem, e que pessoas diferentes possuem experiências particulares na relação com os espaços.

A construção do conhecimento em geografia

Morro da favela, 1924,
óleo sobre tela, 64 x 76 cm.
Coleção Sérgio Fadel, Rio de Janeiro

A geografia é uma ciência de observação, que deve ser a habilidade mais desenvolvida com os alunos em uma experiência significativa de construção da noção de espaço.

O espaço que cerca o aluno deve ser o ponto de partida para a observação: a sala de aula, a casa, a escola, a rua da escola, os arredores... Mas não para por aí. E o espaço distante? Como pode ser percebido?

Para isso, a geografia pode contar com muitos aliados: música, fotografias, filmes, histórias em quadrinhos, diários de viajantes, matérias de jornal, pinturas, grafites, esculturas, e outros recursos podem e devem ser utilizados para que o aluno conheça outros povos, lugares, construções, etc.

Essas representações do passado e do presente podem auxiliar de diversas maneiras, mas é interessante que o professor os tenha como ponto de partida e não como recurso complementar. Ao invés de ler um texto no livro didático e complementar a informação com imagens, o professor pode primeiro levar a imagem e criar questões a respeito dela estimulando a curiosidade. Utilizando-se a obra “Morro da Favela”, de Tarsila do Amaral, como exemplo, pode-se perguntar: Que lugar é esse? Quem são essas pessoas? O que estão fazendo? Como vivem? Que tipo de construção é essa? Que materiais foram utilizados na construção? Que tipo de mão-de-obra? Quanto tempo demorou? A que classe social as personagens pertencem? Que tipo de relevo é esse? As construções são próprias para esse tipo de relevo? Você conhece algum lugar que se pareça com esse da imagem? Como é?

É claro que as perguntas devem ser adaptadas à faixa etária e ao objetivo proposto. Aos poucos, o professor deve habituar seus alunos a construírem também suas próprias perguntas, levantando hipóteses próprias.

Com as informações em mãos, os alunos podem construir um texto sobre o que aprenderam e uma lista de perguntas sobre as dúvidas que permanecem. A partir delas, pode-se realizar um trabalho de pesquisa em livros, textos da Internet, enciclopédia eletrônica, comparar com outras imagens, comparar com o local onde vivem e outros procedimentos de pesquisa que se julgar necessário.

Além dos textos, os conhecimentos apreendidos podem ser organizados em álbuns de textos, desenhos, gráficos e esquemas. Cartazes, peça de teatro, jornal impresso ou falado também podem encerrar um trabalho desse gênero, que podem culminar em uma exposição. Não é necessário que todo trabalho resulte em uma exposição, mas vale ressaltar que um bom trabalho exige um tempo de planejamento, levantamento de interesse junto aos alunos, assim como das dúvidas e conhecimentos prévios trazidos por eles. Material diversificado nas diferentes etapas de pesquisa e constante avaliação do que está sendo feito são bem-vindos. Um produto final que contenha as informações apreendidas pelos alunos também é muito importante.

Enfim, conhecer a construção das noções e representações do espaço é essencial para que a reprodução de informações dê lugar a uma elaboração de conhecimento verdadeiramente significativo.

ENSINO RELIGIOSO

"A religião é uma das maneiras, mais intensa,
de trabalhar o valor do amanhã."
(Mário Sérgio Cortella)

No que se refere ao aluno:

O Ensino Religioso é uma das dez áreas do conhecimento definidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais aprovadas em 1998 pelo Conselho Nacional de Educação. A Diretriz nº. 4 afirma que: "IV – Em todas as escolas deverá ser garantida a igualdade de acesso para alunos a uma Base Nacional Comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional, a Base Nacional Comum e sua Parte Diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma curricular, que vise a estabelecer a relação entre a Educação Fundamental e: **A) Vida Cidadã através da articulação entre vários dos seus aspectos como**: a Saúde, a Sexualidade, a Vida Familiar e Social, o Meio Ambiente, o Trabalho, a Ciência e a Tecnologia, a Cultura, as Linguagens; **B) as Áreas de Conhecimento**" (Prof. Sérgio Junqueira – Curitiba/PR).

As Áreas do Conhecimento são marcos estruturados de leitura e de interpretação da realidade, essenciais para garantir a possibilidade de participação do cidadão na sociedade de forma autônoma. Cada uma das dez áreas contribui para que os estudantes compreendam a sociedade em que vivem e possam interferir no espaço e na história que ocupam, pois uma das preocupações da Educação Básica é a formação do cidadão e que os estudos que as crianças e adolescentes realizam contribuam para os estudos e o trabalho que exercerão posteriormente. Ou seja, é uma relação do presente, uma releitura do passado e uma construção do futuro (Prof. Sérgio Junqueira – Curitiba/PR).

O Ensino Fundamental tem por objetivo a formação básica do cidadão, da qual o Ensino Religioso é parte integral. O Ensino Religioso escolar é essencial para esta formação do cidadão, entretanto, são **proibidas quaisquer formas de doutrinação ou proselitismo, ou seja, a catequese, a pregação, a iniciação nos fundamentos de determinado sistema religioso,** sendo assim eliminada a alternativa do Ensino Religioso confessional.

No que se refere ao professor:

Em virtude da integração recente do componente curricular de Ensino Religioso à matriz curricular do Ensino Fundamental, faz-se imprescindível a participação dos professores na Formação Continuada em Ensino Religioso, que compreende estudos com embasamento filosófico, histórico, sociológico, antropológico, fenomenológico e ético, visando ao aprimoramento pessoal do educador e a consequente melhoria na qualidade de vida de maneira integrada.

Objetivos gerais da Formação Continuada para o professor que ministra Ensino Religioso:

- desenvolver conhecimentos para a compreensão dos valores humanos;
- aguçar a percepção para o sentido da vida;
- oferecer suporte à ação cotidiana do educador, visando à promoção de uma sociedade humana, solidária, fraterna e justa;
- contribuir para afirmação de autoimagem positiva por meio do efeito multiplicador do exemplo, de forma afetiva nas relações intrapessoal e interpessoal;
- suscitar o espírito aberto ao diálogo e a capacidade de fazer perguntas em todas as situações, exercitando a interdisciplinaridade na vida;
- exercitar o viver e o conviver em harmonia;
- fomentar no educador o gosto pela pesquisa, descoberta e organização de métodos de trabalho que aproximem educando e educador;
- estimular o aprofundamento no estudo da história das religiões, principalmente no Ensino Fundamental.

Sugestões de leitura para aprimoramento do professor		
Título do livro	**Autor**	**Editora**
Aprendendo a lidar com gente	Lucila Rupp de Magalhães	Casa da Qualidade/EDUFBA
Dicionário das Religiões	Mircea Eliade	Martins Fontes
Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa	Antônio Geraldo da Cunha	Editora Nova Fronteira
Didática de Ensino Religioso: Estrelas da Vida	Therezinha Motta L. da Cruz	FTD
Dinâmicas, Vivências e Jogos Grupais	Albigenor e Rose Militão	QualityMark
Diversidade Religiosa e Direitos Humanos	Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República	http://www.gper.com.br/documentos/diversidade_religiosa_e_direitos_humanos.pdf.
Felicidade não tem cor	Júlio Emílio Braz	Moderna
O diálogo das religiões	Andrés Torres Queiruga	Paulus
O Homem e seus Símbolos	Carl Gustav Jung	Nova Fronteira
O Poder do Mito	Joseph Campbell	Palas Athena
O suspiro dos oprimidos	Rubem Alves	Paulus
Os Direitos das Crianças segundo Ruth Rocha	Ruth Rocha	Cia. das Letrinhas
O Sagrado e o Profano: a Essência das Religiões	Mircea Eliade	Martins Fontes
Tratado de História das Religiões	Mircea Eliade	Martins Fontes
Violência Urbana (Coleção “Folha Explica”)	Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis Almeida	Publifolha

“O diálogo aproxima os homens entre si e do mundo em que vivem.
É capaz de transformá-lo e, transformando-o,
o humaniza para a humanização de todos”.
(Paulo Freire)

Considerando que a educação é sempre uma atividade intencional, a ser medida pela referência a uma finalidade ou projeto, ela configura práticas sociais movidas por interesses inerentes à cultura, felicidade dos indivíduos e sobrevivência da espécie humana.

“Tudo o que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e viver [...]”
(Leonardo Boff)

Kant, um dos mais influentes filósofos da modernidade, postula que ***o homem é a única criatura que precisa ser educada, entendendo educar por cuidar de sua infância*** (Kant, 1996), tanto para defendê-la do mau uso de sua liberdade instintiva quanto para guiar e instrumentalizar o bom uso da liberdade, medido pelo benefício que vier a causar, frente ao mais razoável e prudente, ao bem-estar em seu modo de viver e conviver.

Quais seriam as tarefas da educação hoje, quando as diretrizes educacionais têm como fundamento principal “formar o cidadão?

O que significa formar um cidadão, entendendo este como alguém que possui direitos, isto é, que se define pelo “direito de ter direitos? Como uma educação pode conferir ao educando o direito de ter direitos? O que poderá ser educar o cidadão, quando seu ambiente de vida é o do truncamento, às vezes, violento, da experiência democrática de vida? Se, além do cidadão, caso se queira educar a “pessoa”, pautando-se por valores de dignidade e liberdade humana, que compromissos éticos precisam ser assumidos educacionalmente?

Em seu trabalho cotidiano, os educadores deparam com problemas práticos que demandam compreensão de questões de fundo. Por exemplo: o que é necessário hoje para promover a autonomia do aluno?

O ideal da “autonomia” dos indivíduos, pelo menos quanto a seu pensamento crítico e criativo, tem-se tornado um valor universal da educação. Como tem sido codificado esse ideal de autonomia nos currículos e normas escolares? Se todo processo cognitivo resulta em construção coletiva, em que sentido ainda assim é preservada alguma autonomia individual, mesmo quando autonomia limitada ao pensamento?

Enfim, o problema da educação é o problema do homem, sua realização e crescimento, sua vida pedindo mais vida. Para tanto, é necessário que se discutam e se criem meios e ambientes adequados, que se reflita sobre fundamentos, métodos e propostas para educação das crianças com a finalidade de atingirmos os objetivos almejados.

Então, estimular o pensamento nas crianças, desde seu contato com o ambiente escolar e o universo simbólico em geral tem sido considerada uma opção educacional com razoável consenso entre educadores contemporâneos, herdeiros dos ideais de uma educação democrática e emancipadora.

Segundo Cunha, o ensino da filosofia tem sido caracterizado, em toda sua tradição, por trabalhar com as questões do pensamento, não só do pensamento dos valores e crenças legitimados como científicos ou como filosoficamente estabelecidos, mas também do pensamento cotidiano carregado de valores e crenças, existencialmente associados à experiência de vida compartilhada. Ora, o compartilhamento de experiências de vida constitui o fato filosófico primeiro, na medida em que é compartilhando significados que formamos nossas crenças e valores.

As crianças, desde a educação infantil, já vivem suas primeiras experiências de vida de compartilhamento de um universo simbólico, composto por significados, crenças e valores. Vão com esse universo, formando suas primeiras imagens de si mesmas e do mundo que as rodeia. Diz-se que formam seus primeiros conceitos abstratos, a partir de noções de ordem emotiva, articulando sensações e sentimentos. Firmam os primeiros traços sociais de seu caráter socioemocional, o qual poderá servir de base para seu caráter moral (Cunha, p. 18, 2002).

Várias questões do pensamento já são colocadas para as crianças desde a educação infantil. O estado de espanto, maravilhamento ou dúvida que elas podem experimentar é semelhante ao de filósofos calejados em seu treino metódico de fazer reflexão e crítica filosóficas. Isso já bastaria para se considerar válido o ensino de filosofia às crianças desde a educação infantil. Acrescente-se a validade educacional de se desenvolverem habilidades, sempre mais aprimoradas, de pensamento rigoroso em cada contexto, mais aberto democraticamente tanto à sua afirmação quanto contestação. Isto é importante educacionalmente, porque se quer formar cidadãos autônomos quanto ao exercício do pensamento crítico e criativo.

Ainda segundo Cunha, deve-se privilegiar a questão do pensamento do “cuidado”.

> O cuidado atento e permanente é condição da investigação em geral, mas o cuidado com as emoções e julgamentos emotivos tem sido pouco tematizado, tanto no ensino de filosofia, quanto em práticas de educação para o pensar. Ora, o pensamento cuidadoso é o único que pode dar conta da fragilidade intrínseca dos valores, por mais nobres que sejam, como o da verdade ou justiça, por ser ele capaz de enxergar os ambientes nos quais estes se instalam com maior ou menor facilidade. Os contextos socioemotivos da formação de hábitos e inculcação de valores, sejam ou não democráticos e emancipativos, constituem um foco para onde dirigir o pensamento cuidadoso e as questões que a ele são endereçadas.
>
> Neste sentido, o pensamento cuidadoso é considerado a base para a prática filosófica do diálogo entre emoções e razões. E as crianças são ainda muito sensíveis a questões que envolvem o cuidado, pois seu interesse pela significação de tudo ainda é virgem, no sentido de ainda não-viciado por pré-julgamentos e outros hábitos mentais.

A proposta, então, é que a filosofia com as crianças deva retirar seus principais temas e suas principais questões a partir do pensamento que exercita o cuidado. Tanto o cuidado acerca de ideias e emoções, quanto o cuidado a respeito da influência dos contextos de significação. Estes contextos, por ambientarem socioemocionalmente as interações sociais, condicionam atitudes subjetivas e intersubjetivas, responsáveis pelo compartilhamento de sentimentos básicos – os do amor, medo, raiva, tristeza e alegria – e, até mesmo, de sentimentos mais complexos, como confiança, amizade, coragem, respeito, justiça e verdade.

Deste modo, o filosofar com as crianças permite que elas construam significados enquanto formam a consciência de si, mobilizando simultaneamente elementos dos domínios afetivo e cognitivo. Habilidades de diálogo e pensamento vão consolidando, de um lado, competências crítico-reflexivas sensíveis a critérios de verdade ou justiça e, de outro lado, competências interpretativas sensíveis tanto aos contextos socioemocionais particulares, quanto a generalizações baseadas em conceitos progressivamente mais abstratos.

Pretende-se que esta sensibilidade para o pensamento abstrato que vai se desenvolvendo pouco a pouco, seja alimentada com questões e diálogo entre os pontos de vista diferentes, sendo o fio condutor do aprimoramento das competências de julgamento e escolha, base para o exercício da liberdade e cidadania.

O pensamento é a atividade humana pela qual se produzem ideias e valores. Com isso, são construídas as crenças e normas, que regulam o comportamento e costumes de cada grupo humano. Por meio de ideias e valores, justificamos essas crenças e normas, disciplinando e formando as novas gerações.

É importante que tenhamos claras quais competências e habilidades devemos esperar das crianças / adolescentes ao final de cada etapa (fase inicial, fase complementar e fase final), de forma que possamos traçar metas precisas e objetivas em nosso trabalho. Sendo assim, buscamos que, no decorrer do Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano, os alunos sejam estimulados a:

- desenvolver o espírito de participação, por meio do diálogo, aprofundando as motivações para a autêntica autonomia;
- descobrir sozinho formas de resolver situações-problema do cotidiano escolar, refletindo sobre ações corriqueiras;
- participar do estabelecimento de regras que lhes afetam diretamente, exprimindo suas opiniões até que se coordenem os pontos de vista para o estabelecimento de regras comuns;
- valorizar o diálogo, como a forma de resolver conflitos de maneira eficaz e, principalmente, inteligente;
- entender as normas coletivas e interiorizar valores humanos por meio do convívio para além do mundo familiar;
- atuar de forma cada vez mais independente, percebendo-se agente transformador do meio ambiente;
- conhecer e compreender os diferentes significados dos símbolos religiosos na vida, na convivência com as pessoas e nos grupos sociais;
- perceber que os símbolos religiosos expressam a ideia do Transcendente de maneiras diversas nas diferentes tradições religiosas, respeitando-os;
- compreender que sua identidade religiosa se constrói em reciprocidade com o outro;
- perceber o valor da reverência ao Transcendente, que é Um só e expresso de maneiras diversas pela simbologia religiosa e com diferentes nomes;
- adotar no dia a dia atitudes baseadas nos valores éticos, de solidariedade, de cooperação, de tolerância e de repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- conhecer os elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no próprio contexto social (familiar e escolar);
- analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais;
- compreender o direito à diferença na construção de estruturas religiosas que têm na liberdade o seu valor inalienável;
- refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano;
- formular questionamentos existenciais, em profundidade, dando respostas adequadas embasadas nas informações obtidas;
- perceber que as representações do Transcendente de cada tradição religiosa se constituem no valor supremo de uma cultura;
- desenvolver seu espírito de participação adquirindo critérios para a formação de seus juízos de valores e aprofundando as motivações para a autêntica cidadania;
- eleger critérios de ação pautados na justiça, detectando e rejeitando a injustiça quando ela se fizer presente, assim como criar formas não violentas de atuação nas diferentes situações da vida;
- conduzir-se coerentemente por determinadas regras, legitimadas por convicção de princípios de que estas regras representam valores universais;
- compreender o significado das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas;
- compreender o sentido da História e da origem da *palavra sagrada* na história das tradições religiosas;
- relacionar a história das tradições religiosas com as práticas religiosas significantes para os diferentes grupos sociais;
- compreender as representações do Transcendente, na Tradição Religiosa, como valor supremo de uma cultura e expressão de sua relação com Ele;
- entender a fundamentação das diferentes crenças em seu contexto sociocultural;
- refletir sobre o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano.

Desse modo, no Plano de Curso Anual de Ensino Religioso do Ensino Fundamental, priorizamos o **diálogo** como recurso indispensável e que deverá permear todas as atividades propostas. Partindo da observação e reflexão, a criança/adolescente aperfeiçoa sua percepção e expressa verbalmente suas impressões sobre o mundo que a rodeia, opinando, questionando, criticando.

As orientações / sugestões que seguem têm como objetivo contribuir no planejamento de situações didáticas que favoreçam a construção das competências esperadas. Vale ressaltar que o professor deve adequar as atividades sugeridas de acordo com as experiências, a faixa etária e o ano de escolaridade de seu grupo-classe.

Diálogo / Linguagem oral / Pesquisa

"O sorriso fala todas as línguas."
(Vivian Magalhães, co-autora, com Vanessa Amorim, do livro Cem Aulas Sem Tédio *- Sugestões Práticas, Dinâmicas e Divertidas).*

Durante as atividades sistematizadas, promover situações que ofereçam oportunidades de reflexões dialogadas, favorecendo as trocas entre os alunos e turmas contribuindo para que haja maior entrosamento e aperfeiçoamento das relações interpessoais.

Cultivar diariamente o hábito do diálogo sobre assuntos diversos, tanto os sugeridos pelos alunos como os selecionados criteriosamente pelo professor que se coloca para escutar afetivamente as crianças/adolescentes e incentivá-los na escuta respeitosa aos relatos e opiniões dos companheiros. Elucidações e comentários, por parte do professor, aprofundando os pontos de vista relatados e mediando situações polêmicas para que não haja discriminações de qualquer natureza sobre o assunto exposto.

Relatos dos alunos de situações que presenciaram, por exemplo, que envolveram preconceito, injustiça, discriminação.

Com seis, sete anos, a criança adora imitações, assim podemos aproveitar e proporcionar um momento de descontração, mas com muita informação com a dinâmica dos animais. Durante a atividade, o professor vai acrescentando informações sobre os animais escolhidos, perguntando às crianças o motivo da escolha e conscientizando-as de que todos os animais são importantes para o equilíbrio ecológico.

- A primeira criança vai pensar em um animal de que não gosta, imitá-lo e os outros vão tentar adivinhar qual é o animal.
- Outra criança continua, sendo que o animal já escolhido não poderá ser repetido (lembrar as crianças que aves, répteis, anfíbios, mamíferos, peixes, insetos são animais).

Conversa informal com mostra de fotos de crianças com fome (do Nordeste, da África, por exemplo), pode ser um bom recurso para despertar para a compaixão com o sofrimento do outro. Para as crianças do 4º e 5º ano de escolaridade, solicitar a coleta das fotos individualmente. No dia marcado para a entrega das fotos, organizar a classe em grupos, juntar todas e distribuí-las igualmente entre os grupos formados. Cada grupo deverá analisar as fotos recebidas e produzir uma história coletiva levando em consideração o que demonstram as mesmas. Finalizar com a confecção de um álbum, com as respectivas fotos, cujo nome deve ser escolhido pelos alunos.

Apresentação de filmes que abordam questões sociais, valores universais, histórias dos povos indígenas / africanos, para análise em grupo. *Kiriku e a feiticeira* é um ótimo exemplo de filme que aborda costumes dos povos africanos.

O uso de filmes ou histórias, bem selecionados e com temas que favoreçam a discussão, gera uma riquíssima reflexão dialogada, principalmente se cada criança / adolescente for incentivado a formular perguntas, a dar opiniões e a fazer suas críticas sobre o tema abordado. Para culminância do trabalho com a história ou o filme selecionado, a montagem de uma dramatização pode ser bem proveitosa e de preferência que cada criança /adolescente escolha qual personagem prefere desempenhar. Caso mais de uma criança / adolescente queira o mesmo personagem, quando único, estimular que o grupo dê sugestões para resolução da situação e a sugestão de consenso deverá prevalecer. Pretende-se o tempo todo favorecer a **participação efetiva** do aluno em todo o processo.

O diálogo nas rodas de conversa sobre as preferências, as necessidades, os desejos, os sentimentos pode gerar um trabalho de reflexão sobre as diferentes preferências e características das pessoas. O importante é que a criança perceba que as pessoas têm diferentes atitudes frente às mesmas questões e tenha oportunidade para opinar, argumentar, enfim, expressar-se.

Propomos, ainda, a pesquisa na sala sobre os gostos / preferências de cada criança em relação aos programas televisivos, aos times de futebol, às cores, aos animais de que mais gostam, etc. A partir desse levantamento, formar uma roda de conversa e fazer perguntas que permitam abordar a diversidade existente entre as pessoas, ressaltando a riqueza dessa diversidade, pois seria muito monótono se todos usassem os mesmos tipos de roupas e cabelos, gostassem das mesmas cores, torcessem pelo mesmo time de futebol, assistissem ao mesmo programa de televisão, etc.

Desse mesmo levantamento de preferências, outra atividade pode ser realizada se abordarmos os programas televisivos infantis, direcionando o diálogo com perguntas de tal forma que as crianças percebam aspectos positivos e negativos dos temas veiculados pela televisão: incentivo ao consumo de produtos desnecessários; culto à aparência em detrimento do caráter; uso habitual / abusivo de bebidas alcoólicas no cotidiano das telenovelas e propagandas; banalização do uso de medicamentos; estímulo à sexualidade; perfil de herói como "justiceiro", ou seja, *olho por olho, dente por dente*; programas de humor que promovem a violência (pegadinhas, torta na cara, humilhações, etc.).

Aproveitando o tema sobre a mídia televisiva, propor a montagem de uma dramatização referente a uma determinada propaganda, que pode ser escolhida pelo grupo ou selecionada pela professora desde que os alunos conheçam. Após a dramatização, analisar a mensagem subliminar da propaganda junto com os alunos, como por exemplo, a propaganda da doação de órgãos (cachorrinho percebe que o homem que passou em frente ao portão teria recebido algum órgão de seu dono, aparentemente o coração, pelo que a mensagem sugere). Discutir os aspectos positivos e negativos das propagandas e a força de convencimento que têm, estimulando ao consumo ou convencendo passivamente a pessoa sobre algo, sem nenhuma reflexão ou crítica.

A montagem de um painel (papel grande) dividido pela metade, de um lado "O que me deixa feliz" e do outro lado "O que me deixa triste", pode ser uma excelente oportunidade para trabalhar com a ideia do Transcendente. Os alunos vão falando o que lhes deixam felizes e a professora registra de um lado. Procede-se da mesma maneira em relação ao que lhes deixam tristes, registrando do outro lado. Para finalizar, a professora pode mediar uma reflexão sobre as semelhanças e diferenças do que lhes deixam felizes / tristes e as reações que estes sentimentos provocam em cada um.

Também, por meio de discussão dialogada, promover dinâmica, com a montagem de painel em grupo ou individual, com figuras recortadas de revistas, de acordo com os desejos, as necessidades básicas e o que já se tem (mas não se valoriza), como no exemplo seguinte. A seguir, promover uma reflexão sobre o que realmente é importante para sermos felizes.

O tema ainda possibilita a discussão sobre o consumismo desenfreado nos dias atuais e a necessidade urgente da reutilização / reciclagem de materiais, inclusive para a construção de brinquedos artesanais.

EU DESEJO	**EU PRECISO**	**EU TENHO**
CARRO DINHEIRO VIAGEM	SAÚDE ALIMENTAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA LAR	SAÚDE ALIMENTAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA LAR

Ainda sobre o tema "felicidade", podemos aproveitar o poema a seguir, criando com as crianças / adolescentes outras rimas.

Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz!

Passarinho na janela,
pijama de flanela,
brigadeiro na panela.

Gato andando no telhado,
cheirinho de mato molhado,
disco antigo sem chiado.

Pão quentinho de manhã,
dropes de hortelã,
grito do tarzan.

Tirar a sorte no osso,
jogar pedrinha no poço,
um cachecol no pescoço.

Papagaio que conversa,
pisar em tapete persa,
eu te amo e vice-versa.

Vaga-lume aceso na mão,
dias quentes de verão,
descer pelo corrimão.

Almoço de domingo,
revoada de flamingo,
herói que fuma cachimbo.

Anãozinho de jardim,
lacinho de cetim,
terminar o livro assim.

Otávio Roth – Editora Ática

A partir do 5º ano de escolaridade, o Ensino Religioso já deve enfatizar a **observação, reflexão e informação** no respeito à diversidade cultural / religiosa do Brasil. Então, promover uma conversa dirigida sobre a "imposição" do cristianismo aos índios e aos africanos, pelos colonizadores portugueses, pode ser um bom começo para a compreensão do porquê do preconceito com as tradições religiosas de matriz africana e de matriz indígena.

Numa *roda de conversa* com o objetivo de conhecer os alunos, diminuir a timidez e favorecer que todos se coloquem, formular questões (tendo a preocupação de que todos respondam pelo menos uma das perguntas, nesta atividade o ideal é que ninguém deixe de participar), como:

- Se você fosse uma casa, como gostaria de ser?
- Que presente você gostaria de dar e para quem?
- Que presente você gostaria de ganhar e por quê?
- Se você fosse uma fada ou um mágico, que mágicas gostaria de fazer?
- De todos os natais que você vivenciou, qual foi o mais marcante – aquele de que você tem saudade – e por quê? (normalmente, nesta pergunta a criança não fala do brinquedo que ganhou, mas de algum momento especial com uma pessoa querida, então o professor pode acrescentar que o importante de verdade é o carinho recebido de quem amamos e não os brinquedos caros que ganhamos). Infelizmente, nos dias atuais, as crianças têm tão poucos momentos de lazer junto aos familiares mais queridos que é bastante provável que muitos não tenham sequer esses momentos para lembrarem.

No 6º ano de escolaridade, as pesquisas sobre líderes que mudaram a história da humanidade de sua época podem ser muito importantes para promover discussões sobre valores universais, ética e responsabilidade social.

Também é um bom momento para sugerir aos alunos a elaboração de uma lista de valores que consideram importantes para nortear as atitudes das pessoas. Seria interessante que os alunos já tivessem trabalhado com atividades que envolveram os nomes de alguns valores, ou, então, o professor apresenta uma lista de onde os alunos poderão identificar os que consideram relevantes. Solicitar que cada aluno classifique os valores listados por ordem de relevância para si mesmo. Organizar a classe em grupos, entregando para cada grupo um provérbio / pensamento que aborde o tema valores, como nos exemplos abaixo. No grupo, deverão discutir e socializar o pensamento e a conclusão dos valores realmente indispensáveis para a boa convivência.

As frases célebres / pensamentos / provérbios podem servir como boas reflexões em dinâmicas. O pensamento ou provérbio é dividido em frases (de maneira que fique com duas partes cada pensamento) e distribuído aleatoriamente entre os alunos que deverão achar seus pares, ler, refletir, discutir e socializar.

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião.
Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar."
(Nelson Mandela)

"Há duas maneiras de viver a vida: Uma, é como se nada fosse milagre. A outra, é como se tudo fosse milagre."
(Albert Einstein)

"O futuro não é um lugar aonde estamos indo, mas um lugar que estamos criando.
O caminho para ele não é encontrado, mas construído e o ato de fazê-lo muda tanto o realizador quando o destino."
(Antoine de Saint-Exupery)

"Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível."
(Francisco de Assis)

"Se um dia tiver que escolher entre o mundo e o amor... Lembre-se:
Se escolher o mundo, ficará sem o amor, mas se escolher o amor, com ele conquistará o mundo!"
(Albert Einstein)

A partir do 7° ano de escolaridade, os alunos têm muito interesse por novidades e palavras novas. Então, pode ser um excelente momento para sugerir uma pesquisa sobre a origem – etimologia – de algumas palavras. Para motivá-los ainda mais, mostrar que a palavra *companheiro*, por exemplo, teria sua origem "*com pão*", pois as pessoas se reuniam em volta da mesa e dividiam o pão; a palavra *entusiasmo* seria "*deus dentro de você*"; já as palavras *acordar, coração e coragem* teriam a mesma origem em "*cor – dar cor*"; e a origem da palavra *promessa* seria a divindade grega "Prometeu" cujo nome significaria "*aquele que vem antes*".

O dicionário etimológico, Dentro do Dentro (Mercuryo), de Manoel Whitaker Sales, é um divertido livro de histórias que explica o significado de 101 palavras, bem como as alterações que algumas delas sofreram ao longo dos tempos. A partir dessa leitura, é possível descobrir, por exemplo, que a palavra "trabalho" vem do latim medieval *tripalium*, um instrumento de tortura da época. E que "deletar" – ao contrário do que pensamos – não é um neologismo, originado do inglês. Veio do latim *deletare*, que significa "apagar" (Monique dos Anjos) http://super.abril.com.br/superarquivo/2003/conteudo_295018.shtml

No 8º e 9º ano de escolaridade, já é possível utilizar o **júri simulado** para o debate envolvendo temas polêmicos, mas do cotidiano, como: programas televisivos com mensagens subliminares; consumismo exacerbado; culto à aparência, promovendo a busca excessiva de cirurgias plásticas; pena de morte; sistema de cotas para negros na Universidade; doação de órgãos; eutanásia; sexualidade (aborto, gravidez precoce, violência sexual); adoção de crianças brancas em detrimento das negras; guerra; preconceito (pré-conceito, julgamento sem aprofundamento); assistencialismo (o ideal seria: *dar o peixe ou ensinar a pescar?*); uso de bebidas alcoólicas desde a adolescência; exercício pleno da cidadania; conceito de herói (justiceiro, violento, pacificador?).

Como nessa faixa etária (9º ano), os alunos estão muito interessados em temas que abordam a sexualidade, propor uma pesquisa em grupo sobre como as diferentes tradições religiosas tratavam questões sexuais, tabus. Será uma descoberta muito interessante para os alunos se pesquisarem sobre os povos mais antigos, como Roma Antiga, onde, segundo pesquisadores, o sexo era tratado como qualquer outro assunto do cotidiano sem esses tabus que criamos, de sequer pronunciar "pênis", pois parece até ofensa. Ressaltar que, ao tratar desses assuntos, o professor deve estar bem preparado porque certamente deverá mediar algumas situações que surgirão no decorrer das discussões.

Para aprofundar as reflexões e discussões, provocar os alunos com questões como:

- Quais as semelhanças e as diferenças entre a Inquisição e o Holocausto?
- Por que no calendário que usamos cada dia do ano é atribuído a um santo católico?
- Qual a diferença entre ateu e agnóstico?

Enquanto os ateus negam a existência de Deus, os agnósticos alegam a impossibilidade de provar a existência – ou não – de Deus. Embora existam relatos de povos primitivos que não acreditavam em nenhum deus, a expressão ateísmo (que significa, em grego, a negação de Deus) foi cunhada no final do século 16, época da Inquisição. "Pode-se afirmar que o ateísmo é subproduto da Inquisição. Quando a Igreja católica quis suprimir toda e qualquer dissidência, seus métodos inquisitoriais levaram à formação de um judaísmo clandestino e às primeiras declarações de secularismo e ateísmo na Europa", afirma Armando Araújo Silvestre, cientista da religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. Já a expressão agnosticismo ("deus desconhecido", também em grego) é mais recente e atribuída a T. H. Huxley, cientista inglês do século 19.

Ele elaborou essa expressão para descrever seu próprio estado mental, não para negar totalmente Deus, mas para expressar dúvida quanto à possibilidade de atingir o conhecimento e para protestar ignorância a respeito de um grande número de coisas, diz Silvestre (Deus em Xeque – Marina Motomura). http://super.abril.com.br/superarquivo/2003/conteudo_295047.shtml

Há ainda outras teorias para tentar explicar o ateísmo. Alguns autores afirmam que também são ateus os pertencentes a alguma religião, mas não são praticantes da mesma. Por fim, há ainda o grupo vinculado ao ateísmo moderno, ou seja, aqueles que acreditam em Deus, mas não possuem vínculo com nenhuma religião ou grupo religioso (HEERDT. Mauri Luiz, BESEN. José Artulino e COPPI. Paulo De. **O Universo Religioso: as grandes religiões e tendências religiosas atuais**. São Paulo: Editora Mundo e Missão, 2005.).

Alguns alunos têm muita timidez e não questionam mesmo que tenham dúvidas, então sugerimos implantar uma “caixa de dúvidas” que o professor deve ler em casa, até para melhor entender cada questionamento, e responder na próxima aula sem identificar o nome do aluno.

Contação de histórias: uma arte antiga

“Ah, como é importante na formação de qualquer criança ouvir muitas histórias [...]
Escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor,
e ser leitor é ter todo um caminho de descobertas
e de compreensão do mundo, absolutamente infinito [...]”
(Luiz Vilela, 1995/UNISANTA – Curso de Formação de Contadores de Histórias: Blá Blá Blá...)

Efetivamente, deve ser a história contada a primeira manifestação artística surgida depois da linguagem articulada, por causa dos poucos elementos e materiais de que precisa: em princípio, somente o domínio da oralidade expressiva.

Um contador de histórias, em todo tempo e lugar, encontrou quem o escutasse. Nas sociedades tribais primitivas, essa atividade não possuía uma finalidade exclusivamente artística: tinha um caráter funcional decisivo, pois os contadores de histórias eram os que conservavam e transmitiam a história e o conhecimento acumulado pelas gerações, as crenças, os mitos, os costumes e valores a serem preservados pela comunidade. Durante séculos, foi por meio da realidade que a cultura popular se manteve, sem pergaminhos ou iluminuras, mas memória viva.

Como atividade artística, com normas e técnicas passíveis de serem transmitidas a todos, a prática de contar histórias se desenvolveu no fim do século passado, sobretudo nos países nórdicos, anglo-saxões e, posteriormente, nos latino-americanos. Essa prática se estendeu e ainda hoje aparece reduzida a um tempo cronológico, “a hora do conto”, nas escolas e bibliotecas.

A narração oral é uma forma de comunicação que se alimenta da história e da ficção, integrando a palavra aos gestos. É nesta economia de recursos que está a força de sua expressão: o ouvinte forma com o contador de histórias as duas faces de uma unidade, pois ele deve recriar na sua imaginação o que lhe contam, com isso, transforma emissão em recepção, conformando a mensagem.

O contador de histórias também se forma: é aquele que conhece as técnicas para narrá-las por tê-las aprendido de maneira expressa e voluntária e deve possuir, além disso, domínio do idioma e base cultural sólida, isto é, perceber a complexidade do medo, as diferentes manifestações da cultura e poder expressá-la em uma imagem fluida, ágil e densa para seus ouvintes. Por esta razão, o contador de histórias tradicional é uma pessoa vivida. Ou, no caso contemporâneo, atrás de toda narração de contos se encontra um perfil básico e essencial: um grande leitor.

SILVA, Betty Coelho. **Contar histórias – uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.

Contos de Fada

Os contos de fadas antecedem em muito a Literatura Infantil. Como se pode observar pelo trabalho dos irmãos Grimm, essas narrativas pertenciam ao folclore, transitando entre as camadas pobres da população até o final do período medieval. É com o advento da Idade Moderna que surgem as primeiras adaptações para a infância dos contos populares que fazem sucesso entre o público adulto. Dá-se, então, o surgimento da Literatura Infantil como gênero literário, que se organiza no momento em que a criança passa a ocupar um lugar de destaque no cenário familiar, com o advento da Revolução Industrial.

São, portanto, as transformações que ocorrem na estrutura da família moderna responsáveis pela atenção fundamental com a infância que se delineia desde então. Como no mundo capitalista impera a livre iniciativa e a concorrência, é necessário instrumentalizar os jovens para que se tornem adultos de sucesso. Apostar na educação dos mesmos é, portanto, uma das metas prioritárias dos pais. Dessa forma, há uma preocupação específica com a educação da infância, que gera, por sua vez, um cuidado especial com todos os materiais culturais à disposição das crianças e, entre esses materiais, está o livro. Os adultos começam a perceber a necessidade de se oferecer às crianças textos adequados à sua compreensão e experiência de mundo. E a adaptação do acervo existente surge como a solução mais razoável. São adaptados textos folclóricos (lendas, mitos, cantigas, contos de fadas, etc.) e clássicos que têm em Hans Christian Andersen o autor mais famoso.

As narrativas que vão conquistar maior sucesso com o público são os contos de fadas, que se convertem em sinônimo de literatura infantil e ditam os parâmetros do gênero confundindo-se, inclusive, com a própria categoria literária.

A adaptação dessas histórias populares para a infância atende a um objetivo bem preciso: a educação das novas gerações. Os textos oferecidos ao público infantil, compromissados com a educação da criança, são veículos dos valores da burguesia emergente aos pequenos leitores, visando à sua integração social pela incorporação desses mesmos valores, como por exemplo, a valorização do casamento monogâmico. A análise sociológica dos contos de fadas é reveladora nesse sentido. Contudo, o entusiasmo que os contos de fadas suscitam nas crianças do mundo inteiro não pode ser explicado por seu caráter pedagógico, apenas. Pensando assim, *Bruno Bettelheim* propõe analisá-los com o intuito de averiguar que extraordinária magia atrai os pequenos para essas narrativas. Descobre as imensas possibilidades de apreensão e reelaboração do universo por meio da simbologia dos contos de fadas (Os três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, João e o Pé de Feijão, Branca de Neve, A Bela Adormecida, Cinderela etc.). Todos os conflitos humanos ali circulam e são resolvidos pela fantasia, fazendo-a perceber que os problemas existem, mas que eles devem ser enfrentados e podem ser sempre solucionados.

Todos os ingredientes que compõem as narrativas (com a multiplicação de situações, a ênfase na solução dos problemas, a riqueza das ações, a ordenação de um mundo variado, em que diferentes temperamentos convivem) promovem o alargamento vivencial das crianças, incitando-as a participarem das aventuras e buscarem respostas. Contudo, é importante salientar que o nível de compreensão infantil é respeitado e a fantasia, presente nas histórias, não representa fuga do real, mas justamente a forma mais apropriada para a percepção da criança.

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filha, etc.), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes, etc.). A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando volta ao real. Valendo-se dessa estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial do imaginário infantil e, de outro, transmitem à criança a ideia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo.

A riqueza do material simbólico que tem em mãos faz com que *Bettelheim* insista nas advertências sobre o perigo das adaptações, mal feitas, dos textos, que podem privá-los da sequência de ações, características de personagens e detalhes do ambiente. Cada elemento tem, nos contos, uma profunda carga significativa que, uma vez retirada, empobrece a totalidade da narrativa e as possibilidades de compreensão do leitor ou ouvinte.

Bruno Bettlheim salienta, ainda, a importância dos adultos, contarem histórias de fadas para as crianças para maior aproximação afetiva. Ao narrar as peripécias repletas de magia de que se compõem os contos, estão entrando no jogo infantil e deixando a mensagem de que o aceitam como ele é, respeitando a forma de raciocínio mágico dessa faixa etária.

Assim entendidos, os contos de fadas funcionam como agentes emancipadores, capazes de projetar o leitor ou ouvinte para além do universo cotidiano, criando a vida como ainda pode ser vivida. Por isso, seu caráter educativo, em sentido amplo, é resgatado.

(Vera Teixeira de Aguiar, 1995/UNISANTA – Curso de Formação de Contadores de Histórias: Blá Blá Blá...)

Sugerimos um trabalho com **histórias contadas**, como nos primórdios da humanidade. Então, alguns aspectos têm que ser observados àquele que se propõe a realizar um bom trabalho como contador de histórias:

- Conhecer a história (ler mais de uma vez) e de preferência ter sentido algo especial (gosto pessoal), ou seja, ter uma motivação para contá-la às crianças, e também para vislumbrar as possibilidades que a narrativa apresenta para o trabalho do professor.
- A duração da história deve estar adequada para o público-alvo em questão: faixa etária, interesses, experiências, etc.
- O narrador deve ter cuidado com o olhar, a voz e a imagem. É fundamental olhar as crianças no olho, durante a contação, mas por pouco tempo para não intimidar; a voz, elemento fundamental da narração, deve ser impecável, pronunciando-se todas as palavras, com pausas necessárias, tons adequados ao ambiente e história narrada, entonações e inflexões pertinentes enriquecem a narração, por exemplo, na troca de personagens; a imagem é o primeiro ponto de comunicação com o público, portanto, deve-se cuidar da maneira de sentar-se, os gestos (que, como a voz, podem caracterizar a troca dos personagens), vestimentas, etc. É interessante fazer alguns ensaios na frente do espelho, para os iniciantes na contação de histórias. Alguns contadores alertam que as histórias não devem ser decoradas ao pé da letra (porque destrói a naturalidade, tão importante nesse trabalho), pois o narrador conhecendo-a pode enriquecê-la. A espontaneidade e a naturalidade geram no ouvinte a credibilidade necessária para se envolver com a situação narrada.
- Dependendo do objetivo (recreação, percepção do mundo ao seu redor, incentivo à leitura, formação do leitor, integração cultural com as diferentes visões de mundo, informação, veiculação de valores, análise e interpretação de texto, ou mesmo como terapia lúdica já utilizada, hoje, em hospitais, etc.), pode ser motivador fazer uma roda de conversa antes da contação da história, explicando por que escolheu a história, comentando sobre o autor, o título e a origem (se for possível). Se tiver o livro, mostrar a capa e estimular os alunos a formularem perguntas sobre a história a ser contada, sem revelar o final.

Em suma, a contação de histórias além de proporcionar sensação de prazer, relaxamento, bem-estar, também informa, desenvolve as habilidades de saber ouvir, concentrar-se, favorece a criatividade por meio do imaginário, estimula a leitura e, ainda, como alguns estudiosos já comprovaram, equilibra as emoções ajustando sentimentos de medos, de frustrações, de dúvidas. Como se pode perceber, com um recurso tão “simples”, consegue-se um trabalho muito proveitoso e tão significativo para as crianças. Então, vamos nos valer desse recurso tão rico e tão pouco explorado, adequadamente, para formar leitores críticos e autônomos.

Para estimular o debate sobre o sofrimento de animais aprisionados (circos, rodeios, gaiolas, etc.), sugerimos uma leitura simples e bem popular, mas que pode auxiliar na sensibilização para tratar do tema em questão.

O elefante acorrentado

Prof. Damásio de Jesus

- Você já observou elefante no circo?

Durante o espetáculo, o enorme animal faz demonstrações de força descomunais. Mas, antes de entrar em cena, permanece preso, quieto, contido somente por uma corrente que aprisiona uma de suas patas a uma pequena estaca cravada no solo. A estaca é só um pequeno pedaço de madeira. E, ainda que a corrente fosse grossa, parece óbvio que ele, capaz de derrubar uma árvore com sua própria força, poderia, com facilidade, arrancá-la do solo e fugir. Que mistério!!!

- Por que o elefante não foge? - Perguntei a um amestrador e ele me explicou que o elefante não escapa porque está amestrado. Fiz então a pergunta óbvia:

- Se está amestrado, por que o prendem? Não houve resposta! Há alguns anos descobri que, por sorte minha, alguém havia sido bastante sábio

para encontrar a resposta: o elefante do circo não escapa porque foi preso à estaca ainda muito pequeno. Fechei os olhos e imaginei o pequeno recém-nascido preso: naquele momento, o elefantinho puxou, forçou, tentando se soltar. E, apesar de todo o esforço, não pôde sair. A estaca era muito pesada para ele. E o elefantinho tentava, tentava e nada.

Até que um dia, cansado, aceitou o seu destino: ficar amarrado na estaca, balançando o corpo de lá para cá, eternamente, esperando a hora de entrar no espetáculo. Então, aquele elefante enorme não se solta porque acredita que não pode. Jamais, jamais voltou a colocar à prova sua força.

Música

"A música gera um tipo de prazer sem o qual a natureza humana não pode passar."
(Confúcio)

A força da música é de tal forma envolvente, que provoca profundas emoções nos seres humanos – é tocada nos casamentos para nos dar alegria, em filmes de terror e de guerra para induzir medo ou suspense, em casa para provocar felicidade, descontração, relaxamento, funcionando como uma forma de terapêutica – e já foi demonstrado que a ligação entre a música, o corpo e a alma melhora a saúde tanto física como mental.

(Educação musical: os benefícios para as crianças – Edward Droscher, http://palcoprincipal.clix.pt/artigos/Artigo/educacao_musical_os_beneficios_para_as_criancas).

A importância da música para a criança é evidente e indiscutível. O cantar é praticamente natural para ela. O cantar é a bagagem que toda criança traz desde bebê, quando escutava as cantigas de ninar na voz dos pais ou outros familiares. Em toda a história humana, a música sempre foi utilizada, principalmente em rituais das primeiras civilizações, para alcançar determinados objetivos: dança da chuva dos índios, curandeiros africanos, etc., portanto, encontra-se no inconsciente coletivo da humanidade. Nas brincadeiras infantis, não faltam os cantos ritmados.

Para que a criança se beneficie da linguagem musical e possa desenvolver espírito crítico em relação à mensagem (letra), é preciso que a música seja selecionada e apresentada de forma cuidadosa e adequada.

Escuta e apreciação de obras musicais (regionais, popular, folclóricas, eruditas, etc.) pode ser um bom começo para aprenderem a ouvir o outro e perceber a harmonia do todo. Em outro momento, selecionar músicas (Gente tem sobrenome e Cada um é como é, de Toquinho, Nomes de gente, do MPB 4, por exemplo), cujas letras abordem temas enfocando identidade, valores humanos, questões sociais, sugerindo após a audição a interpretação oral das mesmas.

Alguns estudiosos afirmam que a autodisciplina, a paciência, a sensibilidade, a coordenação e a capacidade de memorização e de concentração são qualidades valorizadas e aprimoradas com o estudo da música.

(http://www.escola_musica.com/beneficios_da_musica.html)

Outro recurso que deve ser explorado com as crianças, até mesmo porque gostam, é o canto coletivo de músicas tradicionais conhecidas, cujo principal objetivo para nosso trabalho é o conhecimento do acervo que a humanidade acumulou através dos tempos, o aprimoramento da expressão oral e a desinibição.

Educar a criança para ouvir música implica também desenvolver o prazer de ouvir música de qualidade em volume adequado, despertando-a para a *sensibilidade emocional* que só a música consegue despertar.

Portanto, professor, cante e ouça muitas músicas de qualidade com as crianças, pois, além dos benefícios citados, muitos outros já são exaustivamente estudados e até comprovados com teorias sobre os objetivos terapêuticos relevantes com relação às necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas, enfim o equilíbrio das emoções.

(Musicoterapia – Equipe Editorial Bibliomed, 2007)

Entrevista

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, ou por sua origem, ou religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se elas podem aprender a odiar podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta".
(Nelson Mandela)

A entrevista com pais ou avós sobre a origem do nome de cada criança ou sobre a crença religiosa adotada pela família pode ser uma rica experiência para todos do grupo. É importante conversar com as crianças para orientação sobre as questões que serão formuladas aos familiares. Se houver possibilidade de gravar a entrevista, a socialização ficará muito mais interessante.

O professor deve aproveitar a curiosidade e interesse dos alunos e trabalhar com pesquisas, ainda rudimentares, entrevistando pessoas para perceberem que não há exclusividade no “jeito” de crer, e que crença é construída diante da riqueza e diversidade das várias Tradições Religiosas.

Pode-se promover um levantamento dos costumes (vocabulário, vestuário, alimentação, moradia, lazer, etc.) das Tradições de origem indígena e africana, registrando-as em um painel. Em seguida, promover uma reflexão orientada de modo que os alunos percebam as diferenças e semelhanças entre as tradições pesquisadas, concluindo ao final a importante influência dos costumes destas tradições no nosso cotidiano atual: uso da rede de dormir, cestos para roupas, danças, nomes próprios.

É interessante fazer com os alunos levantamento das histórias e crendices populares que se contam em família e que passam de geração a geração como verdades: manga com leite mata; gato preto dá azar; espelho quebrado dá sete anos de azar; colocar vassoura atrás da porta faz com que a visita indesejada vá embora; chinelo virado, a mãe pode morrer. Socializar com o grupo as histórias recolhidas classificando-as por semelhanças. O professor acrescenta alguns fatos que passaram para a História sobre os escravos, como: sobras de porco rejeitadas pelos senhores de escravos e utilizados por esses transformou-se na tão apreciada feijoada; o tratamento de Senhor, usado pelos escravos, era entendido como mais respeitoso que você, porque vem da relação de subalterno com o seu superior ou, então, porque no cristianismo disseminado no Brasil o tratamento para com Deus é Senhor, por ser o *Todo Poderoso*.

Ao final, promover entre os alunos uma reflexão sobre quais os possíveis interesses envolvidos para a disseminação dessas ideias. No caso da crendice “manga com leite mata”, sabe-se hoje que, com a finalidade de evitar que os escravos tomassem o leite que recolhiam e comessem as mangas que colhiam, inventaram que a pessoa morria envenenada se ingerisse esses dois alimentos.

Nome / Aniversário / Família / Calendário

Todo professor tem consciência da importância do nome para qualquer criança. A elaboração de um *projeto* pode ampliar as possibilidades para um trabalho realmente efetivo e com resultados surpreendentes. Por exemplo:

Objetivos:

- Conhecer sua identidade e perceber-se como sujeito de transformação social.
- Reconhecer-se como sujeitos de transformação social, por meio do resgate de sua história, construindo identidade.
- Ampliar o conhecimento corporal, a consciência de si e do outro.

Desenvolvimento:

- Roda de conversa para as explicações da proposta enfatizando os cuidados que se deve ter com o bebê (alimentação, banho, trocas de roupas, soninho, vacinas, muito carinho, contação de histórias).
- Confecção de um boneco de pano (tamanho de um bebê) que represente as características das crianças servindo como instrumento de aprendizagem, por meio da brincadeira.
- Coleta de roupas para as trocas do bebê.
- Preparação de um documento fictício semelhante a uma certidão de nascimento (para o boneco).
- Dramatização do momento em que o bebê é registrado no Cartório de Registros e recebe sua **certidão de nascimento.**

Iniciar com roda de conversa explicando às crianças a proposta alertando que o boneco ficará cada dia com uma criança porque ele precisa de cuidados constantes: comer nos horários certos, tomar banho, trocar roupa, dormir no silêncio, tomar as vacinas, ouvir histórias.

Para a confecção do boneco, coletar roupas infantis usadas e o enchimento (as crianças ajudam) com espuma, retalhos de tecidos, roupas velhas, etc. Marcar o dia do registro da criança, preparar o documento, escolher nome e sobrenome, pais, avós e ensaiar. No dia marcado, apresentar a dramatização do fato com os personagens que precisariam estar presentes no Cartório de Registros (fictício) no caso de um registro de nascimento verdadeiro.

Aprofundar a questão do nome e do sobrenome, relacionando o poema *Identidade,* de Pedro Bandeira, explicitando o direito à cidadania de termos uma origem / família, ressaltando o direito à igualdade e o respeito entre as pessoas, apesar das diferenças de cada um.

Desenvolver também atividades interdisciplinares trabalhando com os órgãos do sentido, explorando as partes do corpo, fases do crescimento, higiene e saúde, questões afetivas como solidariedade, respeito, amizade.

Fazer uma adaptação, de modo que cada criança pudesse ter seu próprio boneco, enriqueceria sobremaneira o projeto.

O projeto deve ser finalizado naturalmente, quando as crianças perderem o interesse pelo boneco, caso aconteça. Caso contrário, combinar que ele cresceu e não precisa mais da ajuda dos pais (no caso das crianças menores, porque as maiores já têm entendimento para um encerramento mais objetivo).

Relacionamos, abaixo, alguns títulos que poderão auxiliar o professor no decorrer do projeto sugerido.

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **A margarida friorenta**. - São Paulo: Ática, 1996.

LOPES, Cida. **Nem tão rosa, nem tão azul: ser menino e ser menina**. – ed. Todo Livro.

Referencial curricular nacional para a educação infantil/ ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998. vol.2.

RAMOS, Anna Claudia. **A gente pode, a gente não pode**. - São Paulo: DCL, 2003.

ROCHA, Ruth. **Tenho medo, mas dou um jeito**. - São Paulo: Ática, 1999.

SUHR, Mandy. **Eu me mexo**. - São Paulo: Scipione, 1996.

_____. **Eu respiro**. - São Paulo: Scipione, 1996.

É importante que todas as crianças / adolescentes sejam chamados pelo seu nome (desestimular os apelidos), favorecendo, assim, a construção da identidade pessoal e sua identificação no grupo.

Ao trabalhar com o nome, o aluno poderá conhecer a origem de seu nome e dos nomes dos colegas do grupo. Seria interessante que o professor já tivesse realizado uma pesquisa sobre os significados dos nomes dos alunos, a fim de complementar as informações trazidas pelas crianças. É imprescindível que percebam que cada nome tem uma história que pode estar relacionada à moda do momento de seu nascimento, ou é uma junção dos nomes de familiares (pai e mãe, por exemplo), também pode ser uma homenagem ao médico que realizou o parto ou a um determinado ídolo dos pais, ou ainda ter outras origens, como bíblica, indígena, estrangeira, etc.

Poderá, também, conhecer nomes de pessoas célebres que mudaram a história da humanidade (Madre Teresa de Calcutá, Gandhi, Betinho, Chico Mendes, Luther King, etc.), por meio de um jogo da memória com fotos dos personagens. Atividade como pesquisa e recorte em jornais e revistas de fotos de pessoas famosas pode proporcionar uma discussão sobre os motivos que levaram essas pessoas a serem famosas promovendo uma reflexão sobre talento / oportunidade.

Outro tema que pode ser abordado é a questão dos apelidos que geralmente estão relacionados a preconceitos.

Trabalhar bastante com o nome da criança, construindo acrósticos, lendo e interpretando poesias e músicas que abordem a importância dos nomes das pessoas, finalizando com a confecção do R.G. individual. Os poemas **Identidade,** de Pedro Bandeira, e **Sobrenome,** de José Paulo Paes podem acrescentar muito ao tema em questão.

IDENTIDADE

Pedro Bandeira

Às vezes nem eu mesmo
sei quem sou.
Às vezes sou
"o meu queridinho"
Às vezes sou
"moleque mal criado"
Para mim tem vezes que sou rei,
herói voador, cow-boy lutador,
Jogador campeão.
Às vezes sou pulga, sou mosca também
que voa e se esconde
de medo e de vergonha.
Às vezes sou Hércules, Sansão vencedor,
peito de aço, goleador.
Mas o que importa o que pensam de mim?
Eu sou quem sou, eu sou eu,
sou assim
Sou menino.

SOBRENOME

José Paulo Paes

Como vocês sabem
Frankenstein foi feito
com pedaços de pessoas diferentes:
a perna era de uma, o braço de outra
a cabeça de uma terceira
e assim por diante.
Além de o resultado
ter sido um desastre
houve um grave problema
na hora em que Frankenstein
foi tirar carteira de identidade.
Como dar identidade
a quem era mistura
de várias pessoas?
A coisa só se resolveu
quando alguém lembrou
que num condomínio
cada apartamento é de um dono diferente.
Foi assim que Frankenstein Condomínio
ganhou nome e sobrenome
como toda a gente.

O poema de Ruth Rocha, além de oportunizar um bom trabalho com o nome, pode ainda introduzir o tema dos direitos das crianças.

(...) criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar
Ter saúde e não ter fome
Ter segurança e estudar.

Não é questão de querer
Nem questão de concordar
Os direitos das crianças
Todos têm de respeitar (...)
(Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha)

Ainda enfocando o tema "Direitos e Deveres", segue uma atividade que visa a promover uma interessante reflexão.

	DIREITOS	**DEVERES**
Pais		
Filhos		
Professores		
Alunos		

Essa atividade pode ter continuidade com a autoavaliação do aluno. O professor prepara um questionário com algumas questões para que o aluno se autoavalie, ou então, prepara um roteiro e o aluno redige um texto sobre os aspectos sugeridos. A autoavaliação é um riquíssimo recurso que o professor pode utilizar para determinados objetivos.

O tema *aniversário* é, sem dúvida, um marco na vida de qualquer criança, carregado de carga emocional, pois está fortemente relacionado à autoestima, e à lembrança dessa data pelas pessoas de seu convívio, que sugere que é bem aceito. Aproveitando que as crianças adoram festas, comentar sobre os diferentes modos de comemorações e as mudanças que ocorrem com o decorrer do tempo. Uma pesquisa, por exemplo, por parte do professor, sobre as comemorações em outras culturas (africanas, indígenas) favorecerá um momento diferente e muito interessante para as crianças.

A família é o primeiro grupo social de que a criança participa e, portanto, o mais próximo, assim deve-se ter todo o cuidado ao comentar sobre estrutura familiar, que está em constante transformação. Hoje, é mais adequado chamar de *família* as pessoas que cuidam / convivem com a criança. Neste caso, pode-se solicitar que as crianças tragam para socialização com o grupo fotos de pessoas queridas de sua família e aproveitar para expressarem-se sobre os motivos de sua escolha. Neste momento, ainda cabe sugerir ao grupo que analise as diferentes fotos e classifique-as por idade aproximada. O professor pode, então, comentar sobre a importância da experiência de vida dos familiares na formação da pessoa, acentuando o respeito que devemos ter com os idosos.

A partir dos comentários sobre a vida familiar, o professor pode introduzir o tema sobre os cuidados com o próprio corpo, para preservação da saúde e consequentemente a preservação do meio ambiente, pois é de onde tiramos a água, os vegetais, enfim, o que necessitamos para nossa sobrevivência.

Para complementar o trabalho, solicitar a cada criança o desenho de seu autorretrato utilizando um espelho, para se observar. Como inspiração, mostrar autorretratos de pintores famosos como Portinari, Benedito Calixto, Pablo Picasso, Rembrandt, Leonardo Da Vinci, Van Gogh e outros, o que certamente estimulará cada criança para a confecção com muito mais interesse e riqueza de detalhes. Após essa atividade, o professor poderá iniciar um conversa informal sobre a exagerada importância que é atribuída à aparência física: O que é bonito? O que é belo? O que é realmente importante numa pessoa? Para abordar esse assunto, o professor deverá estar preparado para questões polêmicas e ter a serenidade e bom senso para mediar as situações de modo que nenhuma criança se sinta desvalorizada. É o momento apropriado para valorizar as características físicas de cada criança promovendo o desenvolvimento da autoestima.

Também o desenho do próprio corpo (inteiro) pode ser feito pela criança e, durante a confecção, o professor provoca comentários sobre as mudanças que vão acontecendo em nosso corpo à medida que crescemos, a importância dos órgãos dos sentidos para nossa comunicação com as pessoas e o mundo que nos cerca. A dinâmica do “cego e o guia” pode ser muito bem aproveitada para ilustrar a importância da visão, por exemplo.

Finalizando o tema, sugere-se o desenho do contorno do corpo pelo colega em papel pardo (grande). É uma atividade que as crianças adoram e várias habilidades são estimuladas nesse momento desde as motoras até as que envolvem o relacionamento interpessoal. As atividades aqui sugeridas devem ocorrer aos poucos, em vários dias, para não cansar.

Aproveitando as datas de aniversários das crianças, agrupá-los por mês de nascimento e relacionar ao calendário (caso o professor queira enriquecer a atividade, pode fazer uma pesquisa sobre astrologia e relacionar ao calendário), comentando sobre as datas comemorativas mais importantes nesses meses.

Leitura de imagens / símbolos

As crianças são naturalmente curiosas e muito observadoras. Então, a apreciação de obras de arte em geral, como: pinturas, esculturas, fotografias de pessoas / paisagens, monumentos religiosos, símbolos, etc., visa à sensibilização e ao despertar do senso crítico e estético.

Para viver democraticamente em uma sociedade plural, é preciso respeitar as diferentes culturas e grupos que a constituem. Como a convivência entre grupos diferentes é marcada pelo preconceito, um dos grandes desafios da escola é conhecer e valorizar a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade brasileira.

Recorte e colagem de fotos de pessoas de diferentes origens, idades, etnia e sexo, analisando e comparando as diferenças e semelhanças, assim como fotos de jornais e revistas sobre as condições de moradia das pessoas mais desfavorecidas economicamente podem servir de estímulos para que as crianças / adolescentes analisem, levantem hipóteses sobre a questão e, em grupo, organizem sugestões de como melhorar essas situações. Essa atividade pode ter início com a contação da história “Os três porquinhos” ou a de “João e Maria”, pois o tema da primeira é a construção de uma boa casa (moradia) e o da segunda é a pobreza (fome).

Pesquisa e montagem de quebra-cabeça utilizando as telas de pintores famosos que abordaram o tema “brincadeira” em suas obras (**Roda**, de Milton Dacosta, **Meninos com Carneiro**, de Cândido Portinari, **Meninas Pulando Corda**, de Roberto Campos Oswaldo, **Cabra-cega e Brincadeira de Criança**, de Orlando Teruz). As crianças montam e comparam os tipos de brincadeiras antigas com as atuais refletindo sobre as principais diferenças. As crianças brincavam livremente pelas ruas, quintais, desenvolvendo-se integralmente. Hoje, estão confinadas em pequenos apartamentos e, ainda, para agravar, são proibidas de se sujarem. No *sit*e http://www.portinari.org.br/, encontram-se telas de Portinari sobre o tema.

Aproveitando o tema “brincadeira”, solicitar ao aluno desenho ou pintura dos membros da família, classificando-os por gênero e discutindo, em grupos, as diferenças e semelhanças entre os sexos: menino brinca de bola e menina de boneca; menino usa cor azul e menina usa rosa, etc.

A visitação a museus/exposições de artes é uma das atividades que contribuem para todas as áreas do conhecimento. As obras expostas em um museu estão organizadas por estilos, tempo cronológico, tipos de arte, etc., favorecendo diversas interpretações e releituras.

A arte é uma linguagem representada principalmente por signos não-verbais (cores, formas, movimentos, etc.) a que cada um atribui um significado conforme sentimentos e emoções próprios, e, por meio da arte, podemos ter acesso e compreender os sentimentos e os pensamentos das comunidades de qualquer época, povo, cultura ou país.

Para trabalhar com o conteúdo sobre símbolos, é necessário estabelecer as conexões com os temas já desenvolvidos e que oportunizam a compreensão de que os símbolos estão presentes no dia a dia da sala de aula e do entorno (alfabeto, números, emblemas).

Solicita-se aos alunos que tragam de casa pelo menos um símbolo significativo para sua família. O símbolo é apresentado para o grupo pelo aluno que o trouxe que explica o motivo da escolha, o significado e o nome do símbolo. Após a apresentação, o símbolo deve passar de mão em mão, para que todos o observem atentamente. Ao final, promover uma reflexão com os alunos ajudando-os a perceber que um mesmo símbolo pode ter significados diferentes para as pessoas. Pode-se concluir organizando exposição com os diferentes símbolos.

Pode-se solicitar também aos alunos que tragam fotos (ou figuras de revistas, no caso de não terem fotos) que julgam importantes. A partir das fotos, contam uma história de sua família descrevendo os acontecimentos mais importantes representados por elas. Em seguida, cada aluno classifica as fotos trazidas, por ordem de valor para ele, utilizando um álbum previamente confeccionado. Para finalizar, a professora promove a reflexão dos alunos sobre como as fotos ajudam a fazer a memória mostrando acontecimentos importantes de nossa vida; antes da fotografia, os acontecimentos importantes eram guardados por meio de histórias contadas de uma geração para outra e revividas nas celebrações.

Promover exposições bimestrais ou semestrais na escola, com visitação da comunidade, mostrando as atividades desenvolvidas pelas crianças ao longo do ano letivo, demonstra que os adultos (no caso, professores, equipe escolar), valorizam o trabalho realizado, estimulando-as para que continuem suas produções, pois o sentimento de valoração pessoal favorece na motivação para realização de outros trabalhos ainda mais elaborados.

A vida é como...
...jogar uma bola na parede.
Se for jogada uma bola verde, ela voltará verde.
Se for jogada uma bola azul, ela voltará azul.
Se a bola for jogada fraca, ela voltará fraca.
Se a bola for jogada com força, ela voltará com força.
Por isso nunca **“jogue uma bola na vida”**,
de forma que não esteja pronto para recebê-la.
A **Vida** não dá, nem empresta.
Não se comove nem se apieda.
Tudo quanto ela faz é **retribuir** e **transferir...**
...aquilo que nós lhe **oferecemos**.
Albert Einstein

1º ANO	CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (Ciên / Mat / Inf. Educ.)

CIÊNCIAS

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
O AMBIENTE • Paisagem local (vegetação, construções etc.) • Os elementos naturais (água, ar, solo, luz, calor.) • Importância do Sol. • O tempo, o clima e o vestuário. • Objetos produzidos pelo homem. • Preservação e conservação dos ambientes. • Lixo e separação do lixo. **SER HUMANO E SAÚDE** • Identidade, diversidade, sexo e gênero. • Partes do corpo. • Órgãos e sentidos do corpo humano. • O corpo e a alimentação. • A dentição de leite. • Escovação dos dentes. • Vacinas tomadas até a idade. • A higiene pessoal, dos alimentos e do ambiente. **ANIMAIS** • Algumas características e curiosidades. • Moradia dos animais. • Semelhanças e diferenças entre os animais. • Cuidados com os animais. **PLANTAS** • Árvores, flores e frutos. • Germinação. • Vegetais usados na alimentação	• Troca de ideias sobre gostos e percepções. • Observação de elementos da Natureza que podem ser encontrados perto da casa e da escola. • Comparação dos modos como diferentes seres vivos, no espaço e no tempo, realizam as funções de alimentação, locomoção, reprodução, sustentação. • Resolução de pequenos problemas do cotidiano, solicitando ajuda quando necessário. • Formulação de hipóteses para explicar os fatos observados. • Utilização das informações obtidas para justificar suas hipóteses. • Observação e registro das “teorias” espontâneas que aparecem nas conversas sobre os assuntos tratados. • Elaboração de listas e registros escritos. • Produção de textos informativos. • Criação de pequenos animais e cultivo de plantas. • Pesquisa em diferentes fontes. • Procedimentos básicos de prevenção a acidentes e para o cuidado consigo mesmo.	• Respeito às características pessoais relacionadas ao gênero, ao peso, à estatura, à etnia. • Respeito à opinião alheia. • Valorização do diálogo como forma de lidar com os conflitos. • Disposição para mudar hábitos relacionados à alimentação, à higiene, ao conforto e à segurança. • Valorização da limpeza, da aparência pessoal e do cuidado com os materiais de uso individual e coletivo. • Interesse e curiosidade pelo mundo social e natural que as rodeia. • Participação na realização de pequenas tarefas do cotidiano que envolvam ações de colaboração e solidariedade.

1º ANO	CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (Ciên / Mat / Inf. Educ.)

MATEMÁTICA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
NÚMEROS E OPERAÇÕES • História do nosso sistema de numeração: uso de dedos, marcas nas cavernas, em ossos, pedras, nós em cordas. • Números em situações cotidianas: números que aparecem com frequência na sala de aula, idade, número do calçado, números que indicam valores das moedas e cédulas, etc. • Situações-problema que envolvam contagens, medidas e códigos numéricos. • Jogos e desafios matemáticos envolvendo as quatro operações. **ESPAÇO E FORMA** • Figuras geométricas planas: quadrado, retângulo, triângulo e círculo. • Pequenos percursos e trajetos, observando pontos de referência. **GRANDEZAS E MEDIDAS** • História do nosso sistema de medidas convencional: uso de dedos, polegares, palmos, passos, etc. • Estratégias pessoais de medida, tendo como primeiro referencial o próprio corpo. • Medidas de tempo, massa, capacidade e monetária. **TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO** • Dados em listas, tabelas e gráficos simples.	• Utilização da contagem oral nas brincadeiras, jogos, cantigas de roda e em situações nas quais se reconheça sua necessidade. • Comunicação de quantidades, utilizando a linguagem oral, a notação numérica e/ ou registros não convencionais. • Leitura, escrita, comparação e ordenação de números familiares ou frequentes. • Utilização de noções simples de cálculo mental, registro pictórico e/ou numérico como ferramenta para resolver problemas. • Observação e verbalização da posição de um objeto ou número numa série, explicitando a noção de sucessor e antecessor. • Uso do dinheiro em situações de interesse das crianças. • Exploração de propriedades geométricas de objetos e figuras, como formas, tipos de contornos, bidimensionalidade, tridimensionalidade, faces planas, lados retos, etc. • Representação de pequenos percursos e trajetos, observando pontos de referência. • Registro da posição de pessoas e objetos, utilizando vocabulário pertinente, nos jogos, nas brincadeiras, nas músicas e nas diversas situações, em que as crianças considerarem necessária essa ação.	• Confiança na própria capacidade para elaborar estratégias pessoais diante de situações-problema. • Respeito pelo pensamento do outro e valorização do trabalho cooperativo e do intercâmbio de ideias como fonte de aprendizagem. • Curiosidade por questionar, explorar e interpretar os diferentes usos dos números, reconhecendo sua utilidade na vida cotidiana. • Respeito às regras dos jogos e desafios. • Persistência perante os erros e dificuldades. • Busca de soluções pessoais para vencer situações-problema. • Opção por registros claros e completos. • Valorização de suas próprias ideias e verbalização de dúvidas. • Valorização da importância das medidas e estimativas para resolver problemas cotidianos. • Sensibilidade pela observação das formas geométricas na natureza, nas artes, nas edificações.

- Uso de diferentes procedimentos para comparar grandezas.
- Experimentação de noções de medidas de tempo, comprimento, peso, volume pela utilização de unidades não convencionais e convencionais, tendo como primeiro referencial o próprio corpo.
- Marcação do tempo por meio de calendários.
- Organização da rotina diária e planejamento de eventos (festas, projetos, estudos do meio, cronograma de aniversariantes).
- Leitura e interpretação de informações contidas em imagens.
- Registro pessoal para comunicação das informações coletadas.
- Elaboração e problematização de listas e tabelas simples (lista de aniversariantes do mês, relação dos nomes dos alunos, resultados de campeonatos e jogos, etc).

1º ANO	CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (Ciên / Mat / Inf. Educ.)	
	INFORMÁTICA EDUCATIVA	
	CONTEÚDOS	
CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Nomenclatura tecnológica • Dispositivos externos (monitor, *mouse*, teclado e estabilizador); • Mídias (CD); • Ferramentas de produtividade; • Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)	• Uso dos seguintes termos no contexto tecnológico: clicar, arrastar, iniciar, fechar, internet, navegar, deletar, minimizar, maximizar, ícones, cursor, outros; • Identificação das partes do computador e dispositivos externos: mouse, teclado alfanumérico e numérico, monitor/tela, área de trabalho/*desktop*, impressora, gabinete/torre, CPU, estabilizador, *pendrive*, CD, *drive* de CD, porta USB, fone de ouvido, microfone, câmera; • Utilização da linguagem computacional; • Desenvolvimento e aprimoramento da coordenação visomotora, necessária ao domínio de movimentação do *mouse*/cursor: clicar e clicar/arrastar; • Adoção de *softwares* e aplicativos *online* e *offline*, como complemento das atividades do conteúdo curricular de maneira interdisciplinar; • Acesso a *sites* educacionais; • Pesquisa, evidenciando-se a inter-relação de ideias e conceitos do material/conteúdo pesquisado; • Estruturação e aplicação de tarefas para a utilização do teclado e teclas de atalho: shift+letra, acentos, *backspace* e delete, barra de espaço, *enter*, *tab* (parágrafo) e setas direcionais. • Apresentação dos aplicativos: planilha eletrônica e apresentação em *slides*; • Uso correto dos equipamentos pertencentes ao laboratório de Informática (saber ligar e desligar). • Desenvolvimento da habilidade para organizar informações, levantar hipóteses e pensar.	• Respeito a regras e combinados para utilização do Laboratório de Informática. • Familiarização com o uso do computador. • Identificação, nas atividades lúdicas/tecnológicas, de uma possibilidade de aprendizagem do conteúdo curricular. • Uso do laboratório de informática, envolvendo-se em relações de troca e cooperação. • Desenvolvimento da capacidade de expressão por meio da criação, edição e exposição de ideias com o uso de *softwares* de criação e pesquisa. • Cuidado com os equipamentos tecnológicos.

1º ANO	LINGUAGENS (L Port / Ing / Arte / Ed. Fís)

LÍNGUA PORTUGUESA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
LINGUAGEM ORAL **LEITURA** ○ Gêneros textuais (conto, poema, canção, quadrinha, parlenda, adivinha, trava-língua, piada, instrução, relato, entrevista, anúncio, receita, panfleto, bula, lista, cartaz, bilhete, carta, diário, calendário). ○ Leitura não convencional, por meio de diferentes estratégias (antecipação, dedução, inferência, verificação), de placas, símbolos, embalagens, rótulos. **ESCRITA** ○ Letras do alfabeto e seu respectivo valor sonoro na oralidade e na escrita. ○ Ordem alfabética. ○ Escrita do próprio nome, do nome dos colegas e de outras palavras pertinentes ao contexto de sala de aula. ○ Produção de listas. ○ Recontos e reescritas de textos repertoriados pelo grupo. ○ Características estruturais do texto e do portador.	• Uso da linguagem oral em situações de comunicação que envolvam a necessidade de expor opiniões, explicar, argumentar, perguntar, solicitar. • Interpretação de fatos e histórias. • Narração oral de fatos, considerando a temporalidade e a causalidade. • Produção e revisão de textos coletivos, por meio de parceiro mais experiente que cumpra o papel de escriba. • Reconto de histórias e criação oral de novas versões por meio de diferentes estratégias. • Uso da escrita como representação da fala. • Uso da escrita em situações de comunicação (parlendas, poemas, canções, trava-línguas, listas, adivinhas, quadrinhas, manchetes de jornal). • Elaboração de listas do mesmo grupo semântico, a partir de temas indicados. • Compartilhamento da leitura e seleção de textos. • Solução de dúvidas surgidas recorrendo a um parceiro mais experiente. • Manuseio frequente de livros, gibis, revistas, jornais e material escrito em geral. • Controle da escrita em situações de produção em parceria, resgatando o que já foi escrito e o que ainda falta escrever. • Produção de um livro coletivo a partir da nova versão de um conto previamente selecionado, estudado e trabalhado com mediação do professor. • Ilustração do conto produzido.	• Respeito à sua vez de falar. • Respeito às diferentes formas de expressão. • Contribuições verbais (opiniões, ideias) em problemas pertinentes ao grupo. • Valorização da leitura como fonte de prazer e conhecimentos. • Adoção do hábito de pegar emprestados livros da biblioteca da sala de aula ou da escola. • Ampliação do hábito da leitura à sua casa e família. • Interesse pela preservação de livros, jornais, etc. • Socialização das experiências de leitura. • Respeito pela produção própria e alheia.

1º ANO	**LINGUAGENS** (L Port / Ing / Arte / Ed. Fís)	
INGLÊS		
CONTEÚDOS		
CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Cumprimentos: *hi, hello, good morning, good afternoon, good evening, good night, good bye. How are you? I'm fine, thanks.* • Apresentação*: What´s your name? My name is _____* • Expressão de suas preferências*: My favorite _____ is _____.* • Vocabulário: o *colors (red, yellow, pink, green, purple, orange, blue, brown, black, white, gray);* o *weather (rainy, cloudy, sunny, snowy)* o *feelings (happy, sad, tired, sleepy);* o *toys (ball, bike, kite, yo-yo, doll);* o *pets (dog, cat, bird, fish, turtle, rabbit)* • Verbo *"to be"* - presente simples • Números de 1 a 10. • Conhecimento das principais manifestações culturais da civilização inglesa e norte-americana (*Valentine's Day, Easter, Mother's Day, Father's Day, Halloween, Thanksgiving and Christmas).*.	• Uso, em situações cotidianas, do vocabulário e diálogos aprendidos. • Uso da capacidade simbólica para a aprendizagem de um novo idioma.	• Respeito por outras culturas. • Cooperação com os colegas durante as atividades de sala de aula. • Responsabilidade ao desenvolver as atividades em sala de aula. • Respeito ao momento em que o outro fala, ouvindo com atenção. • Parceria na construção da pronúncia dos colegas, respeitando os "erros" e comentando-os de forma positiva. • Reconhecimento da importância do trabalho em equipe.

1º ANO	LINGUAGENS (L. Port. / Ing. / Arte / Ed. Fís.)

ARTE

CONTEÚDO

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
TEATRO • Jogos Dramáticos • Expressão corporal, gestual, facial e plástica • Fantoches **ARTES VISUAIS** • Elementos da composição visual ○ Cores, texturas, formas bidimensionais e tridimensionais. • Montagem e colagem **DANÇA** • Percepção corporal • Ações básicas do movimento **MÚSICA** • Som e silêncio. • Formação de repertório • Manifestações folclóricas: jogos, canções, brinquedos cantados, parlendas, danças, etc. • Identificação da propriedade do som: duração.	• Observação das formas produzidas. • Experimentação e utilização de materiais e técnicas diversas (pincéis, lápis, giz de cera, papéis, argila, tintas diversas). • Exploração do espaço, observando proporção. • Exploração das competências corporais e de criação dramática. • Utilização da expressão como forma de comunicação. • Experimentação e articulação entre as expressões corporais e plásticas. • Exploração de texturas observando seus efeitos na produção artística. • Exploração e experimentação de sucatas na criação de montagens tridimensionais. • Observação do fazer artístico por meio do uso de materiais diversos e suas reações. • Uso do movimento do corpo como forma de expressão. • Experimentação de materiais diversificados bem como o conhecimento de suas possibilidades nas produções individuais e grupais. • Exploração e uso das cores nas produções artísticas. • Interação com teatro de fantoches. • Reconhecimento dos diferentes tecidos que constituem o corpo e suas funções.	• Respeito às diferenças. • Respeito à própria produção, à do outro e à produção artística em geral. • Desenvolvimento da autonomia na orientação espacial e temporal. • Cuidado na utilização de materiais de trabalho e organização pessoal. • Uso do diálogo como forma de resolução de problemas e/ou conflitos. • Cuidado com o próprio corpo e dos colegas no contato com o suporte e materiais de artes. • Respeito e valorização do seu próprio corpo como forma de expressão • Desenvolvimento da criatividade, sensibilidade, atenção e prontidão bem como noções de valores. • Valorização das próprias produções, de outras crianças e da produção de arte em geral. • Valorização, sensibilização e familiarização com a linguagem musical. • Valorização dos sons do ambiente, do cotidiano, percebendo o que pode ser mais saudável, levando à qualidade de vida. • Valorização da voz e do corpo como instrumentos de comunicação. • Valorização dos elementos da cultura popular brasileira.

- Experimentação das ações básicas do movimento (socar, pontuar, sacudir, torcer, deslizar, flutuar, pressionar).
- Interação com músicas de diferentes gêneros, estilos, épocas e culturas.
- Audição, observação e demonstração das propriedades do som (duração) por meio de jogos, brinquedos cantados, brincadeiras e sonorização de histórias.
- Composição de atividades corporais de locomoção, improvisação, prontidão e concentração por meio de jogos simbólicos, brinquedos cantados, etc.
- Experimentação da relação de seu corpo no espaço.
- Expressão corporal, gestual, facial e/ou plástica em momentos de apreciação e nas canções trabalhadas.
- Exploração de linguagem musical com a voz, o corpo e diferentes materiais sonoros.
- Escuta e apreciação de obras musicais (regionais, folclóricas, eruditas, variadas).
- Canto coletivo: canções infantis, folclóricas.

1º ANO	LINGUAGENS (L Port / Ing / Arte / Ed. Fís)	
	EDUCAÇÃO FÍSICA	
	CONTEÚDOS	
CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS

• Jogos recreativos e cooperativos.
• Brincadeira.
• Expressão corporal.
• Dança.
• Saúde corporal
  ○ Educação postural
• Ginástica.
• Atividades corporais.
• Esportes paralímpicos
  ○ Práticas esportivas adaptadas
	• Exploração das possibilidades corporais com autonomia, exercendo-as de maneira social e culturalmente significativa.
	• Reprodução da forma e de expressões da cultura popular.
	• Dramatização por meio de movimento, fatos, histórias e fantasias.
	• Movimentação, adaptando-se a diferentes ritmos.
	• Manipulação de materiais e objetos diferentes para aperfeiçoamento das habilidades manuais.
	• Utilização, nos momentos de lazer, de habilidades motoras adquiridas.
	• Utilização expressiva intencional do movimento nas situações cotidianas e brincadeiras.
	• Ampliação das possibilidades do movimento por meio da dança.
	• Participação em brincadeiras e jogos que desenvolvam as habilidades motoras (andar, correr, saltar, etc.).
	• Utilização de recursos para desenvolver e aprimorar as qualidades físicas (força, velocidade, resistência, equilíbrio, etc.).
	• Desenvolvimento das relações espaço-temporal e psicomotor.
	• Reconhecimento das necessidades de higiene e cuidados com o próprio corpo.
	• Orientação e experimentação sobre as possibilidades de posicionamento da coluna de modo correto.
	• Identificação das modalidades paralímpicas.
	• Práticas esportivas adaptadas por meio de atividades interativas.
		• Respeito às regras.
		• Respeito aos colegas.
		• Valorização e apreciação de danças pertencentes à cultura brasileira.
		• Cooperação entre os pares.
		• Respeito às possibilidades e limitações corporais.
		• Valorização da diferença, adotando atitudes de cooperação.
		• Desenvolvimento das relações socioafetivas por meio de valores.
		• Desenvolvimento de independência, autoestima e autoconfiança.
		• Desenvolvimento do hábito da higiene corporal.
		• Cooperação nas atividades de grupo, aceitando diversos papéis.

1º ANO	SOCIEDADE (Hist / Geo / Ens. Rel.)

HISTÓRIA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS

• O nome como algo individual e resultado de uma escolha histórico-temporal.
  ○ Diferentes nomes e origens
  ○ Nomes e datas de aniversário.
  ○ Semelhanças e diferenças entre nomes e histórias de vida da família.
• Modos de medir o tempo.
  ○ Diferentes rotinas dos alunos.
• Diversidade dos modos de ser criança: aqui e agora, ontem e hoje, em outros tempos e lugares.
• Transformações e permanências no grupo familiar e na escola.
  ○ Diferentes organizações familiares ao longo do tempo.
  ○ A escola como lugar de aprendizado.
  ○ Diferentes escolas e suas transformações históricas.
  ○ Necessidade de cuidar do meio ambiente familiar e escolar.
• Preferências em relação a diversos aspectos: brinquedos, brincadeiras, jogos, grupos musicais, times de futebol, animais de estimação, etc, estabelecendo contrapontos entre diferentes espaços e tempos.
	• Pesquisa em diferentes fontes: fotografia, obras de arte, entrevista, livros, jornais e Internet.
	• Troca de informações.
	• Confronto de opiniões.
	• Levantamento de diferenças e semelhanças individuais.
	• Busca de informações em diferentes tipos de fontes (entrevistas, pesquisa bibliográfica, imagens, etc.).
	• Registros pictóricos.
	• Troca de informações
	• Planejamento de ações positivas em relação ao meio ambiente familiar e escolar.
	• Uso de diferentes medidas de tempo.
		• Valorização da própria história.
		• Respeito à diversidade existente entre pessoas do mesmo grupo de convívio.
		• Participação, emitindo opiniões.
		• Empenho no cumprimento dos combinados.
		• Apreciação de histórias de vida diferentes da sua.
		• Valorização de diversas fontes históricas.

1º ANO	SOCIEDADE (Hist / Geo / Ens. Rel.)

GEOGRAFIA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Compreensão da relação entre o espaço corporal e espaço à volta: na frente, atrás, em cima, embaixo, próximo, distante, à direita, à esquerda, etc. • Descrição dos elementos naturais e modificados que se apresentam na paisagem local. • Reconhecimento das transformações realizadas pelo homem ao longo do tempo no ambiente cotidiano, observando os aspectos positivos e negativos. • Percepção da importância da legenda para identificação de locais e objetos. • Diferenciação das diferentes visões nas representações gráficas: de cima, de lado, de frente. • Identificação da relação de proporção entre o que se representa e a dimensão real do representado.	• Registro coletivo do levantamento de hipóteses. • Questionamento dos diferentes conceitos geográficos. • Leitura de mapas, roteiros e plantas variados, procurando localizar espaços conhecidos. • Produção de mapas e roteiros simples. • Elaboração de símbolos que representem locais ou objetos. • Representação pictórica de locais e objetos em diferentes visões: de cima, de lado, de frente. • Realização de medições de maneira não convencional: com palmos, objetos, passos, etc. • Utilização de pinturas, filmes, fotografias, entrevistas e outros, como fonte de informação; • Confecção de maquete simples. • Registro individual e coletivo das informações coletadas por meio de desenhos, textos, fotografias, mapas, vídeos, etc.	• Desenvolvimento da autonomia na orientação espacial em diferentes localidades e situações. • Organização de informações utilizando diferentes estratégias. • Autonomia na utilização de registros variados como forma de mapeamento do espaço. • Adoção de atitude responsável em relação à preservação e conservação do meio em que se vive. • Valorização do diálogo como meio para resolução de conflitos e troca de informações.

1º ANO	SOCIEDADE (Hist / Geo / Ens. Rel)

ENSINO RELIGIOSO

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
ALTERIDADE • Orientações para o relacionamento com o outro, permeado por valores, como respeito, cooperação, entre outros. **O EU** • Eu no mundo. • Eu e a natureza. • Eu sou eu com o outro. • Eu e o outro somos nós. **DIVERSIDADE** • Respeito étnico, respeito cultural, respeito religioso, respeito às diferenças individuais de cada pessoa. • Estudo dos fenômenos naturais. **RESPEITO ECOPEDAGÓGICO** • Percepção da diversidade e interdependência entre todos os seres vivos.	• Expressão de sentimentos, desejos, opiniões, necessidades e preferências. • Narração de fatos relacionados com os acontecimentos do cotidiano escolar e familiar. • Escuta e apreciação de obras musicais. • Utilização de algumas regras simples de convívio social. • Participação nas sensibilizações / dinâmicas de grupo. • Entrevistas/conversas com familiares. • Pesquisa em revistas e jornais impressos. • Expressão oral de histórias, parábolas, mitos conhecidos. • Análise da programação televisiva, levantando os pontos positivos e negativos. • Expressão por meio do desenho. • Estabelecimento de diálogos entre o grupo- classe, professora, entre outros. • Expressão corporal (pantomima), sem uso da voz, representando animais.	• Respeito às características das pessoas, suas limitações, qualidades e sentimentos. • Valorização do diálogo como forma de lidar com os conflitos, por meio das ações de cooperação, tolerância, solidariedade e ajuda na relação com o outro. • Reconhecimento de suas próprias limitações e qualidades. • Adoção de atitudes de cortesia e cooperação no dia a dia na sala de aula e para além dela. • Valorização de amizades. • Reflexão sobre a responsabilidade/papel de cada um na sociedade. • Amorosidade, cuidado, paciência, curiosidade e respeito por todas as formas de vida.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

2º ANO

Ensino Fundamental

CIÊNCIAS

Considerações gerais sobre o ensino de Ciências

Para construir uma proposta pedagógica sobre o ensino de Ciências, devemos levar em consideração que as ciências naturais agrupam os conhecimentos relativos à natureza, sobre os fenômenos naturais, elaborados e acumulados pelo homem, de geração a geração.

Para aprender Ciências, é necessário ter contato com a realidade para interiorizar o mundo que nos rodeia. Dificilmente, os alunos poderão ter uma aprendizagem que lhes seja útil para a vida se nos orientarmos por uma didática com enfoque abstrato, baseada apenas na memorização de fatos e conceitos. Desse modo, o que poderemos conseguir é desmotivá-los nessa área do conhecimento.

Nos anos iniciais, são inúmeras as possibilidades de trabalho com os conteúdos de Ciências Naturais. É possível a elaboração de algumas explicações objetivas e mais próximas da Ciência, de acordo com a idade e o amadurecimento do aluno, muito embora ainda persistam "explicações mágicas" para alguns fatos.

Esse é o momento em que as crianças têm uma primeira aproximação com as noções de ambiente, seres vivos, corpo humano e transformações de materiais do ambiente por meio de técnicas criadas pelo homem. Podem aprender procedimentos simples de observação, comparação, busca e registro de informações, e também desenvolver atitudes de responsabilidade para consigo, com o outro e com o ambiente.

O papel da observação

Observar é um procedimento importante do fazer científico. Para tanto, o professor deve considerar a possibilidade de os alunos observarem de forma direta e indireta fatos e fenômenos que nos rodeiam. Observar significa ir mais além do que simplesmente olhar, é empregar qualquer um dos órgãos dos sentidos com o interesse voltado para atender um determinado objetivo.

Observação direta é quando há contato direto com o objeto ou fenômeno que está sendo observado, por exemplo: observar, em um jardim, as folhas das árvores, dos arbustos, das folhagens e gramíneas. Indireta é quando o objeto se encontra representado por diferentes linguagens: fotos, vídeos, gravuras, mapas, esquemas, maquetes ou mesmo instrumentos e aparelhos.

Comparação

Comparar é uma forma de coletar dados durante uma observação. Os alunos podem comparar entre si objetos, seres vivos, materiais, etc. Por exemplo: comparar vários tipos de folhas encontradas em um jardim e depois classificá-las, usando diferentes critérios, como forma, tamanho, textura, cor, etc.

As habilidades de observação e comparação de semelhanças e diferenças permitem a estruturação de processos mentais mais elaborados, assim como a reconstrução de categorias de ideias, ou seja, de modelos científicos, tais como argumentar, sintetizar, analisar, identificar, entre outros.

Investigação

É muito importante também propor investigações, em que os alunos possam apresentar suas hipóteses sobre o assunto em estudo, fazer suposições sobre os fatos e/ou fenômenos, trocar ideias com os colegas. Esses momentos necessitam da intervenção do professor no sentido de apresentar situações favoráveis à expressão de ideias, incentivar a sua manifestação e o encaminhamento na busca de informações que permitam a sua verificação.

Experimentação

Por meio dela, os alunos podem pôr em ação algumas de suas ideias sobre fatos e conceitos e testar hipóteses, levantadas em um determinado problema, vistas pela ótica infantil e mediadas pelo professor. A atuação do aluno é, nesse sentido, fundamental. As experiências sugeridas não devem, portanto, ser consideradas como meras demonstrações de um conjunto de informações fornecidas pelo professor, mas como um desafio para que os alunos coloquem em prática os conhecimentos que já possuem.

Leitura e escrita

O ensino de Ciências pode potencializar a aprendizagem da leitura e da escrita, incentivando o contato do aluno com diferentes tipos de textos, a argumentação oral e o registro escrito dos conhecimentos adquiridos. Nessa fase, a capacidade de narrar ou descrever um fato pode ser enriquecida pelo desenho que progressivamente incorpora detalhes do objeto ou fenômeno observado. Além do desenho, outras formas de registro podem ser usadas: recorte e colagem, elaboração de listas, tabelas, pequenos textos, com a ajuda ou não do professor, utilizando e aprimorando os conceitos e procedimentos adquiridos em Língua Portuguesa e Matemática.

A aprendizagem do vocabulário científico não deve ser priorizada e nem realizada por meio de memorização, mas sim por meio de múltiplas aproximações com a realidade dos alunos e, sempre que possível, em situações reais de comunicação, por exemplo, na produção de um texto coletivo. O professor deve ensinar o aluno a discernir o uso do termo e do conceito em diferentes contextos, ressaltando a distinção entre o significado comum e o científico.

Em suma, pessoas que sabem ler e escrever bem, consultar enciclopédias e outros tipos de documentos, que sabem argumentar e defender suas ideias, que sabem ouvir e discutir questões, estão aptas a aprender um assunto de seu interesse, a qualquer momento, independentemente do banco escolar.

A abordagem dos conteúdos

Nas séries iniciais, apesar de o ensino de Ciências ser orientado por uma proposta de conteúdos, deve-se priorizar o desenvolvimento da criatividade e da imaginação. Normalmente, os conteúdos são extensos, mas eles abrem um ”leque” de opções para a abordagem da ciência. O importante, qualquer que seja o critério usado para a seleção dos conteúdos pelo professor, é que ele privilegie o que é mais pertinente para aquele momento.

Como dissemos, é fundamental que o professor, num primeiro momento, leia o plano, com os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, do ano em que está atuando. Após essa primeira leitura, parte-se para elaboração do seu próprio planejamento. Uma boa opção para um planejamento eficaz é trabalhar com temas significativos, por meio de projetos dentro do âmbito da própria classe. Esse procedimento facilita a interdisciplinaridade.

O ensino de Ciências deve ser priorizado logo no início do ano letivo, independentemente do nível de alfabetização dos alunos, pois representa uma estratégia a mais para alcançar os objetivos da alfabetização. O professor deve elaborar atividades que visam a facilitar o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, auxiliando-o no processo de alfabetização.

Os conteúdos, embora organizados por temas específicos (ambiente, ser humano e saúde, animais e plantas), não devem ser trabalhados de maneira linear, ou seja, o professor tem a liberdade de organizar o seu trabalho em temas abrangentes ou gerais. A sequência a ser desenvolvida fica a seu critério, o importante é articular os conteúdos dos diferentes blocos.

O objetivo é iniciar a criança no estudo das ciências e das coisas da natureza, dos animais e plantas, de si própria e sua relação com os outros, com a tecnologia e com o mundo. A abordagem do conteúdo pode ser realizada por meio de elementos do dia a dia das crianças, que têm, por um lado, o seu aspecto individual e, por outro lado, a sua parte universal, o que representa a sua comunidade. É importante desenvolver os conceitos num determinado contexto, de forma que os conteúdos possam ser trabalhados da mesma maneira como analisamos os acontecimentos do cotidiano.

As crianças nessa fase da vida são extremamente curiosas, buscam explicações para o que veem, ouvem e sentem. Quando chegam à escola, já trazem um repertório de representações e explicações para o mundo que as cerca. É importante que tais representações encontrem, na sala de aula, um lugar para sua

manifestação.

Outra característica dessa fase é o egocentrismo, ou seja, a criança tende a não se diferenciar de seu meio, seu referencial é ela própria e, portanto, o meio é a sua própria extensão. Sendo assim, uma boa estratégia em Ciências é iniciar com temas relacionados ao corpo humano e sua interação com o ambiente. Priorizar atividades de exploração do próprio corpo, num primeiro momento, e depois de outros elementos presentes no ambiente, auxiliará a criança a sair de seu egocentrismo inicial promovendo a aproximação com outros seres do ambiente. A exploração dos órgãos dos sentidos é muito importante na aproximação da criança com o ambiente.

Vários conteúdos do bloco *Ser humano e saúde* podem ser trabalhados em conexão com o bloco A*nimais e Vegetais* e também com o bloco A*mbiente*. Quando o professor estiver trabalhando com conteúdos relacionados ao corpo humano, pode fazer uma "ponte" com outros seres vivos, por exemplo, comparando as características do corpo humano, relacionadas ao revestimento do corpo, órgãos dos sentidos, alimentação, locomoção, modo de vida, entre outras, com as características de outros seres vivos, particularmente com os animais. Deve também estabelecer relações com o ambiente, como a identificação dos elementos vitais para a manutenção da vida relacionados à presença da água, luz e solo, verificando as adaptações que alguns seres vivos apresentam para sobreviver nesses ambientes.

É importante também, para um trabalho mais amplo, que o professor planeje uma abordagem que permita a integração da área de Ciências com as demais áreas do conhecimento, principalmente com Geografia e História, em que um mesmo tema é proposto, mas com os enfoques de cada área. Por exemplo, ao analisar um lugar ou uma paisagem, observar as mudanças ocorridas pela ação do homem ao longo dos tempos, as organizações sociais, a família, as profissões e os aspectos físicos da paisagem local, como relevo, rios, construções, etc.

Os conteúdos devem também ser articulados aos os temas transversais relacionados à pluralidade cultural, saúde, educação ambiental e ética, por exemplo, quando se abordam a importância de preservar e conservar o meio ambiente, o respeito às pessoas e suas diferenças, etc.

Ciências	**Educação Física**	**Arte**	**Matemática**	**Geografia/ História**	**Língua Portuguesa**
Corpo humano e suas partes. Os pés e as mãos. Tamanho (altura do corpo). Idade. Comparação entre seres vivos. Semelhanças e diferenças entre o corpo do homem e de um animal escolhido pela classe. Patas de animais. Cuidado com o corpo e o ambiente. Higiene do corpo.	Movimentos amplos do corpo e habilidades manuais com brinquedos. Movimentos na frente do espelho. Expressões faciais. Posturas corporais. Lateralidade. Imitação de animais e seus modos de vida.	Impressão dos pés e das mãos. Quebra-cabeça (partes do corpo). Recorte e colagem de figuras de revistas e jornais. Jogo da memória: animais. Autorretrato Dobradura de animais. Músicas que falem das mãos e dos pés, que apresentem as partes do corpo. Música que fale de um animal. Exploração do silêncio e de sons com a voz, o corpo e materiais sonoros diversos.	Uso dos números para representar a idade. Indicação com os dedos da quantidade relativa à idade. Grosso e fino. Maior e menor.	Colegas da classe. Identidade. Nome próprio. A história de cada um. Semelhanças e diferenças sociais. Brincadeiras .	Conversa informal. Nomeação das partes do corpo. Uso da linguagem oral para relato de vivências. Nomeação de figuras e animais.

MATEMÁTICA

Ao pensar o processo de ensino-aprendizagem da Matemática nos anos iniciais, é preciso refletir sobre como a estrutura do nosso Plano de Curso pode se transformar em prática educativa. Para atingir os objetivos, precisamos considerar que trabalhamos com salas heterogêneas, reconhecer os interesses variados dos alunos e seus conhecimentos prévios e valorizar seu grande potencial criativo. A função do professor é associar-se aos alunos na busca de novos conhecimentos. Alunos e professores interagem e crescem no processo. Para isso, é necessário:

- desenvolver uma concepção do conhecimento matemático como ciência viva, aberta à incorporação de novos conhecimentos;
- analisar e refletir sobre os conceitos e procedimentos expressos no Plano de Curso;
- transformar o conhecimento matemático formalizado em conhecimento escolar, de modo que possa ser compreendido pelo aluno.

Nessa concepção de ensino, rompemos com a ideia de que cabe ao professor transmitir os conteúdos por meio de explicações, exemplos e demonstrações seguidas de exercícios de fixação. O conhecimento matemático não deve ser encarado como um conjunto de conceitos a serem memorizados. Por sua vez, acentuamos a ideia de que o aluno, além de ser agente da construção de seu conhecimento, em situações de desafio, nas quais é estimulado a estabelecer relações entre os conhecimentos já construídos e os novos, também aprende na interação com seus parceiros. A cooperação entre os alunos na busca de soluções, o levantamento e confrontação de hipóteses favorecem a construção e ampliação do próprio pensamento. As ideias matemáticas apresentadas na escola devem relacionar-se com a vivência das crianças. Dessa forma, além de explorar ideias numéricas e contagem, podemos trabalhar com noções de geometria, medidas e estatística.

As crianças têm ideias próprias, sentimentos, interesses; estão inseridas numa cultura e são capazes de aprender Matemática e desenvolver-se cognitivamente. Assim, no processo de transformação do saber científico em escolar, é necessário considerar as condições cognitivas, sociais e culturais de quem irá aprender, contextualizando o conhecimento e estabelecendo relações com suas vivências cotidianas. No entanto, devemos garantir a ampliação desse conhecimento de forma que os alunos possam observar regularidades, buscar generalizações e transferir estes conhecimentos a outros contextos. Por isso, as interferências e problematizações feitas pelo professor no desenrolar das atividades propiciam a ampliação gradativa das noções matemáticas.

A Matemática faz-se presente em diversas atividades realizadas no cotidiano pelas crianças. Sendo assim, devemos oferecer aos alunos várias situações que possibilitem o desenvolvimento do raciocínio lógico e da criatividade e a capacidade de resolver problemas. O ensino dessa disciplina pode ampliar as possibilidades de os alunos compreenderem e transformarem a realidade.

As orientações que seguem têm como objetivo contribuir no planejamento de situações didáticas que favoreçam a construção das competências esperadas. Ansiamos que todos os alunos tenham oportunidade de vivenciar diversos tipos de experiências de aprendizagem, considerando aspectos transversais, a utilização de recursos adequados e a vivência da matemática de forma rica e diversificada. Assim, todos os alunos deverão ter oportunidades de se envolver em diversas experiências de aprendizagem, tais como:

Resolução de problemas

Toda criança encanta-se por desafios. Quando falamos sobre a resolução de problemas, é possível esclarecer que não há necessidade de o aluno possuir todas as informações e conceitos envolvidos na situação-problema. Outro aspecto que exige esclarecimento é que trabalhar apenas com os problemas convencionais pode levar o aluno a uma postura de fragilidade e insegurança diante de situações de desafio maior. Bons problemas são aqueles relacionados à realidade do aluno e que envolvem temas motivadores, favorecendo a aprendizagem.

Sendo assim, acreditamos que, ao trabalhar com a resolução de problemas, o professor deve saber que:

- problema é toda situação que permite problematização, ou seja, um processo investigativo.
- a essência está no problematizar; cada pergunta nova transforma-se em um novo desafio para o aluno.
- é necessário criar um ambiente de produção ou de “re-produção” do saber.

Enquanto resolve situações-problema, o aluno aprende matemática, desenvolve procedimentos e modos de pensar e põe em prática habilidades básicas como verbalizar, ler, interpretar e produzir textos.

No processo educativo, também podemos propor aos alunos a formulação de problemas. Quando os alunos formulam problemas, percebem a relação entre os dados apresentados, a pergunta e a resposta; e articulam o texto, os dados e a operação a ser usada. Formular problemas é uma forma de estimular a capacidade inventiva e questionadora dos alunos e uma forma de fazer matemática por meio da possibilidade de questionar, levantar hipóteses, comunicar ideias, estabelecer relações e aplicar conceitos.

Para que os alunos sejam capazes de formular seus próprios problemas, é preciso que eles tenham contato com diferentes tipos de problema, tendo, assim, um repertório como apoio. Ao formulá-los, os alunos precisam reconhecer os dados disponíveis, a situação criada e evidenciar a existência de um problema por meio da pergunta inventada. É preciso que as crianças leiam o que fizeram, relatem dúvidas e debatam sobre as incompreensões, semelhanças e diferenças entre os textos.

O professor pode organizar a sala para produção coletiva e deve encontrar formas para fazer intervenções: reproduzir o texto em transparência, reproduzir textos com algum tipo de incorreção para que os alunos identifiquem as falhas, misturar textos bem elaborados com textos que apresentam falhas e modificar os textos de acordo com a resposta.

Para a formulação de problemas, é necessário que se criem uma intenção real e um destinatário efetivo para as produções dos alunos: sorteio de problemas para serem resolvidos por todos da classe, troca entre os alunos, construção de uma folha com aqueles criados pelas crianças, seleção de alguns criados e troca entre classes da mesma série, criação de um banco de problemas, confecção de um mural com os mais interessantes e desafiadores e envio para jornal da escola ou página na Internet, livro de problemas, problemateca. Uma sugestão é pedir que os alunos formulem problemas com palavras específicas da linguagem matemática: adição, dobro, divisor. Outra é a criação de problemas que tenham uma certa estrutura textual: poema, problema com rima, charada, conto, etc.

Formular problemas é uma ação mais complexa do que resolver problemas, pois os alunos devem lidar com as dificuldades da linguagem matemática, da língua materna e da combinação de ambas. Assim, torna-se um instrumento de avaliação o tempo todo, pois fornece indícios do que os alunos estão dominando ou não. Nosso desejo é que os alunos se tornem leitores e escritores em matemática.

Dessa maneira, a resolução de problemas estabelece um contexto de aprendizagem que favorece a integração do raciocínio e da comunicação. Os problemas devem ser desafiadores, envolvendo diversas estratégias e métodos de resolução e precisam estar sempre presentes nas aulas de Matemática, porém não de forma rotineira, mecânica e repetitiva.

Jogos

Acreditamos no ensino da Matemática de corpo inteiro. Propor jogos nas aulas dessa disciplina é uma maneira desafiadora e prazerosa de os alunos participarem ativamente do processo de construção do conhecimento. Os jogos no ensino de matemática estimulam não só o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, como também propiciam a interação e o confronto entre diferentes formas de pensar e permitem ao aluno vivenciar uma experiência com características sociais e culturais. Por meio dos jogos, podemos trabalhar, de maneira lúdica, conteúdos importantes na educação matemática.

As tentativas, os erros e até mesmo os fracassos durante os jogos devem ser encarados de maneira desafiante e podem ser revistos de forma natural durante as jogadas, sem deixar marcas negativas, propiciando novas tentativas, permitindo que a criança desenvolva iniciativa, autoconfiança e autonomia. Assim, os conteúdos atitudinais também estarão presentes nessas aulas. As crianças aprenderão a trabalhar em grupo, respeitar regras, ajudar seu adversário a melhorar suas habilidades e entenderão que, num jogo, um jogador ganha e o outro precisa perder. Na medida em que o professor propuser boas questões aos alunos, estes poderão potencializar suas capacidades para compreender os conceitos matemáticos presentes nos jogos.

Existem jogos infantis praticados no mundo inteiro. Quando o professor escolhe jogos de outros povos para trabalhar com os alunos, enriquece suas aulas, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar, podendo, por exemplo, localizar num mapa ou globo terrestre os países citados, contar histórias desses povos, proporcionar a fabricação do jogo com material alternativo, etc. As crianças também poderão criar seus próprios jogos ou modificar regras. Na bibliografia desse trabalho, você poderá encontrar sugestões de *sites* e livros para pesquisa.

A relação entre o jogo e a Matemática é muito significativa, principalmente para crianças dos anos iniciais, pois é nesse período que elas devem encontrar o espaço para explorar e descobrir elementos da realidade que as cerca. Os alunos devem ter oportunidade de vivenciar situações ricas e desafiadoras, as quais

serão proporcionadas pela utilização dos jogos como recurso pedagógico.

Por isso, ao optar por trabalhar a Matemática por meio dos jogos, o professor deve levar em conta a importância da definição dos conteúdos e das habilidades presentes nas brincadeiras e o planejamento de sua ação. Além de jogar, as crianças devem conversar sobre o jogo, discutindo o que foi fácil, o que foi difícil, dicas para se jogar melhor, entre outras coisas. Essa comunicação permite que os alunos reajam frente às ideias dos outros e que considerem pontos de vista alternativos. O diálogo capacita os alunos a falarem de modo significativo sobre seus conhecimentos, suas dúvidas, suas aprendizagens. A partir da discussão estabelecida, das diferentes respostas obtidas, o educador pode perceber o raciocínio de cada aluno e planejar as intervenções apropriadas.

Além da socialização de ideias, os alunos poderão registrar suas descobertas com desenhos ou textos coletivos. Escrever sobre Matemática ajuda na aprendizagem das crianças, encoraja reflexão e clareia ideias. Assim, o jogo não se tornará mero lazer, mas uma nova forma de aprender Matemática.

Nas situações de jogo, a criança é capaz de construir conceitos de uma forma muito mais lúdica e prazerosa, assim como lançar mão dos conhecimentos matemáticos que já possui de forma mais integrada e "inteligente". Além disso, um jogo pode servir como ponto de partida para uma atividade de investigação, em que os alunos levantam e testam hipóteses, argumentam e comunicam oralmente ou por meio da escrita suas conclusões, enfim proporcionando a investigação e a relação com outras áreas do conhecimento.

Brincadeiras infantis

Toda criança, de qualquer idade ou realidade social, brinca. Utilizar as brincadeiras infantis nas aulas de matemática é muito mais do que tornar o processo de ensino mais significativo e prazeroso. Brincando, as crianças desenvolvem muito mais que noções matemáticas. Enquanto brinca, o aluno amplia sua capacidade corporal, sua consciência do outro, a percepção de si mesmo como um ser social, a percepção do espaço que o cerca e de como pode explorá-lo. Contudo, para utilizar as brincadeiras de forma produtiva, é preciso levar em consideração alguns aspectos. A brincadeira escolhida deve permitir que todos os jogadores possam participar ativamente. Desencadear processos de pensamento nas crianças possibilita a auto-avaliação do seu desempenho.

As brincadeiras são apresentadas desde as mais simples até as variações mais complexas. Quando os alunos já estiverem familiarizados com elas, uma sugestão é propor a variação de regras ou maior complexidade da brincadeira. Crianças que tenham maior conhecimento podem auxiliar as demais. É importante também que o professor abra espaço para brincadeiras que as próprias crianças (ou ele mesmo) conheçam ou queiram inventar.

As brincadeiras precisam ser feitas com frequência. Sugerimos uma ou duas brincadeiras no máximo por mês, em uma aula, toda semana, para que os alunos aprendam a brincar e também compreendam os conceitos matemáticos nela envolvidos. O professor deve garantir a repetição da brincadeira, para que todas as crianças tenham oportunidade de aprendê-la e superar suas dificuldades, vencendo os desafios propostos e apreendendo todas as regras.

Sempre ao final das brincadeiras, o professor deve reunir a turma para fazer um fechamento da atividade, assim como propusemos para os jogos; pode ser uma roda em que os alunos falem sobre como foi jogar, o que foi fácil e o que foi difícil, e tomem decisões sobre como realizar a brincadeira numa próxima vez. Também é fundamental que o professor preveja sempre algum tipo de registro sobre a atividade realizada, que pode ser: desenho sobre a brincadeira ou relatório final, que poderá ser um texto com a descrição das regras ou pistas com a melhor forma de se jogar. Na produção do texto dos alunos que ainda não escrevem convencionalmente, cabe ao professor articular todas as informações e registrar por escrito o texto oral produzido pelos alunos.

Matemática e o ensino da Língua

Sugerimos a integração entre a Língua e a Matemática, pois acreditamos ser essa uma parceria extremamente importante e necessária. É fundamental que as crianças sejam estimuladas a buscar soluções para os cálculos e problemas e que tais soluções sejam discutidas coletivamente. O professor deve criar oportunidades para as crianças verbalizarem suas construções mentais sobre o que foi trabalhado.

Nesse sentido, usar a literatura infantil "[...] poderia ser um modo desafiante e lúdico para as crianças pensarem sobre algumas noções matemáticas e, ainda, servir como um complemento para o material tradicionalmente utilizado nas aulas: a lousa, o giz e o livro didático*"*.(SMOLE, 1996, p. 68)

Por meio da conexão entre literatura e matemática, o professor pode criar situações na sala de aula que encorajem os alunos a compreenderem e se familiarizarem mais com a linguagem matemática, estabelecendo ligações cognitivas entre a língua materna, conceitos da vida real e a linguagem matemática formal.

Utilizando a literatura infantil nas aulas de Matemática, o aluno volta ao texto muitas vezes para acrescentar outras expectativas, percepções e experiências. Desta forma, a história contribui para que ele aprenda e faça matemática, assim como explore lugares, características e acontecimentos na história, o que permite que habilidades matemáticas e de linguagem desenvolvam-se juntas, enquanto lê, escreve e conversa sobre as ideias matemáticas que vão aparecendo ao longo da leitura. É neste contexto que a conexão da matemática com a literatura infantil aparece.

Segundo Smole (1999), ao decidir trabalhar com histórias infantis nas aulas de matemática, é preciso atentar para alguns aspectos:

- Conhecer a história antes de apresentá-la aos seus alunos para saber quais as possibilidades de trabalho que ela permite e se estão adequadas à sua classe.
- Lembrar que nenhuma exploração matemática pode vir antes da própria história e nem tampouco deturpar o sentido da história.
- O primeiro requisito para uma exploração de matemática a partir de um livro de histórias é que as crianças gostem e se envolvam com ele, com os personagens, etc.
- O ideal não é explorar um livro a semana toda, mas aos poucos, com emoção, expectativa, problematizações especialmente preparadas para isso. O ideal é que o professor faça isso em uma aula por semana, assim um mesmo livro pode ser trabalhado de um a dois meses com a turma.
- Não há necessidade de um livro para cada aluno. Você pode ter um livro por duplas, grupos de 4 ou mesmo um único livro em transparência, álbum seriado, etc.

Ao escolher um livro infantil para ser explorado, o professor poderá analisar a capa, propor aos seus alunos que façam a leitura intuitiva, levando-os a colocar suas expectativas em relação ao texto a ser lido, procurar discutir as palavras novas presentes na história e escutar e perceber as críticas e opiniões dos alunos sobre a história.

A leitura poderá ser feita em vários dias, possibilitando a conversa com a classe sobre as possibilidades dos próximos acontecimentos, podendo até mesmo registrar em forma de texto coletivo a continuação sugerida pelas crianças. Depois, pode ser realizada a comparação da versão dada pela classe com a originalmente proposta no livro. Alguns livros não apresentam um final definido e, nesses casos, os alunos podem elaborar o final da história.

Além dos livros infantis, os jornais e revistas também são fontes de materiais interessantes para as aulas de matemática, pois trazem assuntos que podem ser explorados em sala, aproveitando os fatos e acontecimentos que fazem parte do dia a dia.

Os textos de jornais e revistas oferecem uma oportunidade para trabalharmos com os alunos conceitos de matemática, ao mesmo tempo em que podemos desenvolver habilidades de leitura, escrita, seleção de informações e resolução de problemas. Jornais e revistas possibilitam explorações numéricas, apresentam gráficos e tabelas de diferentes tipos, enigmas, charadas e quebra-cabeças enriquecendo a proposta de resolução de problemas.

Para a realização desse trabalho, também é preciso observar cuidados necessários: ao selecionar um artigo, um gráfico, uma tabela, uma propaganda, um passatempo ou outro texto qualquer de jornal e revista, é importante que o professor tenha traçado quais são seus objetivos, verificar se o texto escolhido tem uma linguagem acessível aos seus alunos, adequar o tempo à sua proposta, pensar na organização da classe e em quais são os recursos necessários, e prever problematizações e registros que os alunos produzirão.

A escrita em matemática é marcada por um processo de idas e vindas, no qual a intervenção do professor fará com que os alunos progridam e escrevam textos cada vez mais complexos. O professor precisa valorizar o hábito da leitura e escrita e os alunos precisam adquirir o hábito de revisar a sua escrita antes de a considerarem concluída. Assim, os textos, o original e a sua reescrita, possibilitam a observação das semelhanças e diferenças entre eles e a problematização com o objetivo de alcançar a clareza e o aperfeiçoamento do texto. Para reformular um texto, é necessário ter clareza do que se pretende alterar, assegurando a fidelidade tanto aos conceitos matemáticos quanto aos aspectos linguísticos. Nesse contexto, produzir textos em matemática auxilia na apropriação do vocabulário específico e na compreensão de noções matemáticas.

Realização de projetos

Os projetos didáticos são situações que partem de um desafio, de uma situação-problema e que sempre têm como um de seus objetivos um produto final. Na maioria dos casos, os projetos envolvem mais de uma área de conhecimento sendo, portanto, interdisciplinares. Por meio dos projetos, os professores podem introduzir o estudo de temas que não pertencem a uma disciplina específica, mas que envolvem duas ou mais delas. Os projetos didáticos são feitos com o propósito de construir boas situações de aprendizagem, nas quais se evite compartimentar o conhecimento.

Os temas dos projetos podem surgir da curiosidade dos alunos em aprender algo, de uma situação-problema que esteja ocorrendo na escola ou na comunidade, de uma experiência vivenciada pelo grupo de alunos, por um fato da atualidade ou de uma questão suscitada a partir do projeto anterior. O conhecimento inicial da meta que dá origem ao projeto é fundamental para que os alunos possam compreender as decisões que vão sendo tomadas durante a realização do mesmo. Ao delimitar o tema, o professor precisa conhecer o que os alunos já sabem a respeito, que opiniões têm, que hipóteses levantam, que são habilidades tão necessárias no aprendizado da Matemática.

Durante o desenrolar do projeto, deve-se estabelecer uma cumplicidade de propósitos entre os alunos, e destes com o professor, provocando o surgimento de um ambiente de trabalho criativo, no qual cada indivíduo pode contribuir com suas aptidões, ou estar disposto a enfrentar o esforço de aprender algo novo e que se mostrou necessário em função do próprio projeto. Assim, os projetos didáticos propiciam o estudo de problemas reais, o que implica a necessidade de uma abordagem interdisciplinar.

Além de vivenciar ricas experiências de aprendizagem, os alunos devem ter a oportunidade de utilizar recursos de natureza diversa. Materiais manipuláveis são um recurso privilegiado para introdução e suporte de conteúdos escolares, promovendo, mais uma vez, momentos de investigação e comunicação entre os alunos. Ressaltamos a importância da exploração do Material Dourado para a assimilação do conceito da dezena por meio da manipulação, visualização e trocas. Outros recursos que podem enriquecer as aulas de Matemática são a calculadora e o computador. São instrumentos alternativos que promovem um aprendizado dinâmico, contextualizado e que envolve a resolução de problemas.

Por meio das atividades propostas, procuramos:

- ampliar a forma como encaramos os alunos em sala de aula considerando suas dimensões afetiva, cognitiva e social.
- expor um modo mais dinâmico de abordar os conteúdos de matemática.
- diminuir a distância entre a matemática e as demais áreas do conhecimento, especialmente arte e língua materna.
- favorecer uma compreensão da matemática como ciência, como jogo e como instrumento de resolução de problemas .
- não desprezar os conhecimentos matemáticos que vêm da criança e de sua comunidade.
- pensar em como considerar as diferenças e ritmos de aprendizagem entre os alunos.
- rever concepções de conhecimento e inteligência que conduzem as ações docentes.
- buscar formas de envolver a comunidade no trabalho da escola.
- ter, na avaliação e no planejamento, aliados para uma reflexão constante sobre o ensinar e o aprender.

Nosso desejo é que os alunos não percam a curiosidade pelo saber matemático e que, pelas experiências vividas na escola, sejam capazes de tomar decisões, construir, modificar e integrar ideias, tendo a oportunidade de interagir com outras pessoas, com objetos e situações que exijam envolvimento, dispondo de tempo para pensar e refletir acerca de seus procedimentos, de suas aprendizagens e dos problemas que têm que superar na vida real.

Organização do Plano de Curso de Matemática

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, decidimos organizar nosso Plano de Curso em blocos de conteúdo, contemplando o estudo dos números e das operações, o estudo do espaço e das formas, o estudo das grandezas e das medidas e o tratamento das informações cotidianas (dados estatísticos, tabelas e gráficos).

Nosso desafio foi selecionar, dentro de cada um desses blocos de conteúdos, quais conhecimentos e competências contribuiriam para o desenvolvimento intelectual do aluno, aprimorando seu raciocínio lógico-matemático, sua criatividade e sua capacidade de analisar e de criticar.

Atualmente, os alunos precisam de muito mais do que uma coleção de informações memorizadas; precisam de procedimentos de busca e de interpretação de informações, precisam saber pesquisar e comunicar suas ideias, conhecer técnicas e dominar estratégias para resolução de problemas, entre outras coisas. Assim, no processo de seleção de conteúdos, preocupamo-nos em identificar não só os conceitos, mas também os procedimentos e as atitudes a serem trabalhados em classe, o que trará certamente um enriquecimento ao processo de ensino e aprendizagem.

Os conteúdos foram organizados de forma espiralada, ou seja, um mesmo tema é trabalhado várias vezes. Contudo, sempre que é retomado, surge sob um novo enfoque, de modo a permitir ao aluno muitas oportunidades de aprendizagem. O conteúdo matemático deve ser contextualizado em situações típicas da infância, tornando-se mais significativo para os alunos. Assim, nenhum bloco de conteúdo será esgotado num único momento. A retomada de temas em diferentes momentos do processo possibilitará a integração de diversos conteúdos.

Para enriquecer e facilitar o trabalho que será realizado em sala de aula, apresentamos um conjunto de sugestões didáticas que deverão ser adaptadas a cada realidade. Lembramos que todo trabalho realizado em Matemática deve partir de uma situação concreta. Para esse fim, recomendamos a organização de materiais diversos, que serão manipulados pelos alunos no decorrer do ano. O professor poderá propor que os alunos tragam botões, contas, pedrinhas, palitos de picolé, bolinhas de gude, figurinhas, caixas de fósforos vazias, embalagens, rótulos, jornais, folhetos de supermercado etc. Esse material deverá ser devidamente selecionado e organizado.

A seguir, você encontrará a descrição de cada bloco de conteúdo, juntamente com orientações e sugestões para a concretização dos conteúdos propostos no Plano de Curso.

1. Números e operações

Os conteúdos deste bloco deverão ser trabalhados de forma contextualizada, em que o número e as operações apareçam nas mais diversas situações: quantificar, medir, ordenar, codificar, ou seja, trabalhar com o sistema de numeração decimal possibilitando situações reais de contagens, cálculos, comparações e ordenações, oferecendo oportunidades aos alunos para refletirem a respeito do valor posicional dos algarismos nos numerais.

Trabalhar a história do número propiciará o reconhecimento de problemas vividos pela humanidade, resgatando a histórias de lugares, tempos e povos antigos e ajudando ao aluno a entender melhor a Matemática.

As operações fundamentais (adição, subtração, multiplicação e divisão) deverão ser trabalhadas a partir de situações-problema, nas quais, aos poucos, o aluno irá ampliando seu conceito de número. Para que a criança construa o significado de uma operação, é preciso que ela se depare com diferentes situações em que essa operação se aplica ou não, conhecendo as ideias e propriedades de cada uma delas.

Ainda em relação às operações, desejamos que o trabalho que será desenvolvido possibilite a busca de estratégias próprias para resolução de problemas, em que o aluno perceba que um mesmo problema pode ser resolvido por diferentes operações e que diferentes problemas podem ser solucionados utilizando-se uma única operação.

Outro aspecto que merece destaque são as atividades que envolvam estimativas, arredondamentos e cálculo mental. É importante que o professor encontre situações que privilegiem a construção dessas competências, tão necessárias no dia a dia.

Ressaltamos que, para o trabalho com esse bloco de conteúdo, é importantíssima a exploração de jogos, material dourado e ábaco, que auxiliam na compreensão do sistema de numeração decimal e das quatro operações e até mesmo da calculadora tão utilizada no cotidiano dos alunos.

Sugerimos também:

- Exploração dos números nas mais variadas situações: número da moradia, de telefones, de placas de carros, de placas de trânsito, nos relógios e calendários, etc.
- Em função das brincadeiras e jogos de crianças na rua, em casa com os irmãos e na própria escola, é muito comum elas “tirarem par ou ímpar” para saber quem começa uma determinada brincadeira. O professor poderá explorar esse conhecimento para iniciar o trabalho com números pares e ímpares.
- Formação de pares para percepção que nos números ímpares sempre há sobra.

- Usando material manipulável (palitos, bolinhas, canudinhos.), mostre à classe que uma determinada quantidade de objetos pode ser agrupada por uma regra: no sistema de numeração decimal, os agrupamentos são feitos de 10 em 10, ou seja, 10 unidades são trocadas por 1 dezena. Utilizar também o material dourado. Pedir às crianças que representem números no material dourado realizando composições e decomposições.
- Solicitar que os alunos tragam para a aula uma fruta. Reunir as frutas numa cesta e contar com os alunos quantas frutas há ao todo. Solicitar que retirem uma dúzia de determinada fruta e meia dúzia de outra. Fazer uma lista de produtos vendidos por dúzia.
- Localização de números numa sequência, identificando o antecessor e o sucessor. Para tanto, atividade como ligue-pontos com números, em ordem crescente e decrescente, para formar desenhos, são recomendadas. Outra sugestão é explorar músicas e parlendas que trabalhem a contagem. Por exemplo: “A galinha do vizinho”, “Um, dois, feijão com a arroz”, etc.
- Construção e exploração de jogos e desafios matemáticos envolvendo as quatro operações.
- Criação e resolução de problemas por meio de registros pictóricos, escritos ou numéricos, envolvendo as quatro operações.

2. Espaço e forma

Para compreender, representar e descrever o mundo em que vive, é necessário que o aluno saiba localizar-se e movimentar-se no espaço e perceba o tamanho e forma dos objetos que o rodeiam. Os conceitos geométricos trabalhados nesse bloco de conteúdo visam ao reconhecimento do espaço onde o aluno vive, por meio de atividades que trabalhem lateralidade, deslocamentos no espaço, pontos de referência e também observação, construção e comunicação de figuras geométricas planas e espaciais.

Sugerimos que o trabalho seja realizado a partir da exploração de objetos do mundo físico, de obras de arte, pinturas, desenhos, esculturas e artesanato, o que permitirá conexões entre a Matemática e outras áreas do conhecimento. O professor poderá até organizar exposições com desenhos e fotos de formas encontradas na natureza ou produzidas pelo homem, como folhas, flores, frutas, pedras, árvores, animais marinhos e de objetos criados pelo homem, para que os alunos possam perceber suas formas.

O uso de embalagens, sucata, tangram e dobraduras é um importante recurso para o trabalho com os conteúdos deste bloco. A confecção do quebra-cabeça chinês tangram possibilita uma série de atividades. Primeiramente, o professor pode deixar que as crianças brinquem livremente montando figuras. Num segundo momento, estabelece as regras do uso do quebra-cabeça (usar as sete peças, não sobrepor nenhuma, mas uni-las pelo menos por um vértice). Depois pode mostrar aos alunos figuras montadas com as peças do tangram e pedir que reproduzam. Com as figuras criadas, pode propor a montagem de um mural e, a partir deste, a elaboração de um texto coletivo.

Outra ideia é separar as peças que têm a mesma forma e questionar:

- quantos lados elas têm?
- quantas pontas elas têm?
- que nome você daria para essas peças?

Pode ainda propor situações-problema, a partir do quebra-cabeça:

Ex. Usando apenas três peças do tangram, tente montar um triângulo e depois desenhe o que você fez. Observe as duas peças que não são triângulos e responda:

- quantos lados elas têm?
- quantas pontas elas têm?
- que nome você daria para essas peças?
- essas duas peças têm alguma diferença? troque idéias com seus colegas e professora.
- com as peças do tangram, forme um quadrado usando: apenas duas peças, três peças, quatro peças.

Apontamos ainda outras sugestões:

- Atividades de sequências com formas geométricas simples, que permitem a utilização de vocabulário geométrico, organização de formas e trabalho de contagem.
- Modelagem, em massinha, de objetos, reproduzindo formas geométricas, e organização de exposições com os objetos construídos.
- Jogos para adivinhar um determinado objeto, referindo-se apenas ao formato do mesmo.
- Montagem e desmontagem de caixas com formatos diferentes para observar a planificação de alguns sólidos geométricos.
- Jogos e brincadeiras em que seja necessário situar-se ou se deslocar no espaço, recebendo e dando instruções, usando vocabulário de posição. Exemplos: jogos de circuito, caça ao tesouro, brinquedos cantados.

3. Grandezas e medidas

Neste bloco, trabalharemos com situações reais de medição, em que os alunos observarão o que se pode medir e como pode fazê-lo, usando medidas não-convencionais e convencionais.

Mais uma vez, ressaltamos a importância do trabalho com a história da Matemática, possibilitando a constatação da trajetória do homem em buscar instrumentos de medida cada vez mais precisos. É interessante que os alunos vivenciem processos de medição com palmos, pés, passos, etc. É importante que as crianças percebam que usando partes do corpo ou objetos, como lápis e palitos, como unidades de medida, pode haver diferenças nos resultados das medidas.

O professor também poderá promover atividades de estimativas sobre medidas e uso de instrumentos de medidas como balança, metro, fita métrica, relógio, calendário. Também poderá explorar jornais de propaganda de supermercado, receitas culinárias, etc.

Outras sugestões são:

- Verificar, em conversas, se as crianças dominam os conceitos ontem, hoje, amanhã, antes, agora, depois, cedo, tarde, etc.
- Traçar a rotina diária junto com as crianças.
- Explorar o calendário identificando datas importantes, marcando eventos da classe e da escola, conhecendo unidades usuais de medidas de tempo (dia, semana, mês, ano).
- Propor a produção de frases citando datas especiais.
- Comparar o peso de mochilas e materiais escolares.
- Se possível, levar uma balança para pesar as crianças e propor situações-problema e construção de tabelas e gráficos a partir dos resultados. Por exemplo: quem pesa menos? Quantas meninas pesam menos que 25 kg ?
- Solicitar aos alunos que tragam recipientes com capacidade de um litro. Encher de água e passar o conteúdo para outro recipiente de formato diferente, para que percebam que o volume é sempre o mesmo, independentemente da forma.
- Explorar a história do dinheiro.
- Produzir cédulas e moedas de papel, deixando que os alunos pintem, recortem e coloquem o valor. Promover atividades orais e escritas, dramatizações (lojinha, feira, banco).
- Explorar notícias e anúncios de jornais e revistas envolvendo quantias que poderão servir de apoio para resolução ou criação de problemas.
- Jogos de trocas para estabelecer equivalência entre valores de moedas e cédulas.

4. Tratamento da informação

Neste bloco, pretendemos explorar diferentes formas de organizar e comunicar informações numéricas, bem como iniciar um trabalho de exploração de algumas noções de estatística e probabilidade. Assim, o professor poderá criar atividades de leitura e produção de listas, tabelas e gráficos, coleta e organização de dados estatísticos. O tratamento da informação estará presente em todos os demais conteúdos como uma ferramenta importante para que o aluno analise e perceba

regularidades.

Sugerimos a exploração de jornais e revistas e a relação de dados obtidos a partir de pesquisas realizadas em outras áreas do conhecimento e:

- Organização de listas relacionadas a assuntos diversos: lista de chamada, lista dos aniversariantes do mês, lista de programas de TV preferidos, animais de que mais gostam, entre outros.
- Criação de tabelas a partir de resultados de jogos. Por exemplo: quantas crianças fizeram 2 pontos? Quantas fizeram 4 pontos?
- Construção de gráficos de barras a partir de resultados apresentados em tabelas

Bibliografia sugerida

ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro de. **Jogos Divertidos e brinquedos criativos.** Vozes.

ALLUÉ, Josep M. **O grande livro dos jogos.** Tradução Afonso Celso Gomes. Belo Horizonte: Leitura, 1998.

BORIN, Júlia. **Jogos e resolução de problemas: uma estratégia para as aulas de matemática.** São Paulo: USP, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Criatividade e novas metodologias.** São Paulo: Peirópolis, 1998.

BRENELLI, Roseli Palermo. **O jogo como espaço para pensar.** Papirus, 1996.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos:** se o importante é competir, o fundamental é cooperar! Santos: Renovada, 1997.

_____. **Jogos cooperativos:** o jogo e o esporte como um exercício de convivência**.** Santos: 2001.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura.** Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. São Paulo: Cortez, 2001.

CARDOSO, Virgínia Cárdia. **Materiais didáticos para as quatro operações** – São Paulo: USP, 2002.

COLL, César. **Os conteúdos na reforma.** Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

D`AMBRÓSIO, Ubiratan.**Educação para uma sociedade em transição.** Campinas: Papirus, 1999.

_____. **Transdisciplinaridade.** São Paulo: Palas Athena, 1997.

_____. **Educação Matemática:** da teoria à prática. Campinas: Papirus, 1996.

DANTE, Luiz Roberto. **Didática da Resolução de Problemas de Matemática**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 2001.

DINIZ, Maria Ignez de Souza Vieira; SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **O conceito de ângulo e o ensino de geometria**, São Paulo: USP, 1998.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender**. O resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

GIORGI, Cybele. **Gente miúda na cozinha.** SESI, 1991.

GRANDO, Regina Célia. **O Jogo e suas possibilidades metodológicas no processo ensino-aprendizagem da Matemática.** Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 1995.

GRANDO, Regina Célia. **O Jogo e a Matemática no contexto da sala de aula.** São Paulo: Paulus, 2004.

GUELLI, Oscar. **Contando a História da Matemática:** A invenção dos números. São Paulo: Editora Ática, 1992.

GWINNER, Pat. **"Pobremas" enigmas matemáticos.** Vozes, volumes I, II, III e IV.

IMENES, Luiz Márcio Pereira. **Brincando com números.** Scipione.

KAMII, Constance. **A criança e o número:** implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos. Tradução Regina A. de Assis. Campinas. Papirus, 1990.

_____. **Aritmética: novas perspectivas:** implicações na teoria de Piaget. Tradução Marcelo Cestari T. Lellis, Marta Rabioglio, Jorge José de Oliveira, Campinas.Papirus, 1992.

_____. **Reinventando a aritmética.** Tradução Elenisa Curt. Campinas: Papirus, 1988.

_____. **Jogos em grupos na educação infantil.** Trajetória Cultural.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação.** Petrópolis: Vozes, 1993

LEAL, Mariana Kawall. **Ideias matemáticas de povos culturalmente distintos.** Global.

MACEDO, L., PETTY, ALS, PASSOS, N.C. **4 cores, senha e dominó**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
_____. **Aprender com jogos e situações problema**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
MACEDO, Lino de. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**: Artmed.
_____.; MACHADO, Nilson José – **Jogo e projeto: pontos e contrapontos**/ Lino de Macedo, MACHADO Nilson José; ARANTES, Valéria Amorim.– São Paulo: Summus, 2006.
MACHADO, Nilson José. **Matemática e língua materna: análise de uma impregnação mútua.** São Paulo: Cortez, 2001.
_____. **Matemática e Educação: alegorias, tecnologias e temas afins.** São Paulo, Cortez, 2002.
MARINCEK, Vânia (coordenado por). **Aprender matemática resolvendo problemas.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
MIRANDA, Nicanor, **210 Jogos Infantis.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia .
MONTEIRO, Maria Therezinha de Lima. **Construção das operações**. Editora Vozes.
OCHI, Fuzako Hori, PAULO, Rosa Monteiro, YOKOYA, Joana Hissae, IKEGAMI, Kazuwo João. **O uso de quadriculados no ensino da geometria**. São Paulo: USP, 2003.
PANIZZA, Mabel, **Ensinar matemática na educação infantil e nas série iniciais**: análises e propostas/ organizado por Mabel Panizza. Tradução Antonio Feltrin. Porto Alegre: Artmed, 2006.
PARRA, Cecília, SAIZ Irma , LERNER Delia , GÁLVEZ Grécia , BROUSSEAU Guy , SANTALÓ Luis A. , SADOVSKY Patrícia , CHARNAY Roland. **Didática da Matemática – Reflexões Psicopedagógicas,** Trad. Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
PEREIRA, Maria das Graças Barbosa. **Jogos uma forma de ensinar e aprender matemática.** Belo Horizonte: Editora Universidade, 2001.
SAMPAIO, Fausto Arnaud. **Matemágica – História, aplicações e jogos matemáticos.** Papirus.
_____.SMOLE, Katia Cristina Stocco. **A matemática na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed.
_____. **Ler, escrever e resolver problemas.** Porto Alegre: Artmed.
_____.; DINIZ, Maria Ignez e CÂNDIDO, Patrícia. **Resolução de problemas.** Porto Alegre: Artmed, 2000.
_____.; DINIZ, Maria Ignez e CÂNDIDO, Patrícia **Brincadeiras infantis nas aulas de matemática.** Porto Alegre: Artmed, 2000.
_____.; ROCHA, Glauce Helena Rodrigues, CÂNDIDO, Patrícia Terezinha e STANCANELLI, Renata, **Era uma vez na Matemática: uma conexão com a literatura infantil.** São Paulo : USP, 2004.
TAILLE, Yves de La, **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
ZASLAVSKY, Cláudia, **Jogos e Atividades Matemáticas do Mundo Inteiro** - Diversão Multicultural para idades de 8 a 12 anos. Rio Grande do Sul: Cotidiano Pedagógico, 2000.
SESC. **A volta ao mundo em 80 Jogos**, São Paulo, Sesc, 2001.

Sugestão de *sites* interessantes

www.aprendebrasil.com.br ;
www.mathema.com.br;
www.exatas.com;
www.canalkids.com.br;
www.educar.sc.usp.br
www.terrabrasil.net/folclore
www.matematicahoje.com.br
www.novaescola.abril.com.br
www.somatematica.com.br
www.ciadaescola.com.br
www.tvcultura.com.br/artematematica
www.vello.sites.uol.com.br (site oficial do Ubiratan D´Ambrósio)
www.luizdante.com.br
www.ime.usp.br/caem/
www.educarede.com.br
www.revistapatio.com.br

***Sites* de jogos matemáticos**

www.origem.com.br
www.brinqmania.com.br
www.jogos.antigos.com.br
www.ludomania.com.br
www.septima.com.br
www.revistapatio.com.br

INFORMÁTICA EDUCATIVA

Considerações gerais sobre a Informática Educativa

Presente nas Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino, o Laboratório de Informática Educativa deve, diante do seu caráter educacional, servir como fonte de conhecimento, estabelecendo relações entre os diversos eixos da Matriz Curricular do Ensino Fundamental e promovendo a interdisciplinaridade.

Assim, estruturado em um ambiente de busca de conhecimento, tem como objetivo encorajar o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, as **TICs** (PCs, Periféricos e Acessórios, *Softwares*, Mesas Educacionais e Internet), possibilitando a criação de novos relacionamentos nas escolas, instigando a aprendizagem e levando informações atuais e seguras a todos os que participam da vida escolar, colocando o "Mundo" como espaço de aprendizagem.

Planejamento Pedagógico

O professor de Ensino Fundamental, subsidiado pelo Professor Orientador de Informática em Educação (POIE) e orientado pelo Coordenador Pedagógico, deve criar situações educacionais em que o aluno possa explorar conteúdos significativos, por meio de recursos tecnológicos, possibilitando diferentes formas de abordagem do conhecimento e diferentes suportes de investigação de temas específicos, garantindo um trabalho integrado com as atividades desenvolvidas em sala de aula.

Desse modo, os POIEs, responsáveis pelos laboratórios nas Unidades Escolares, devem participar da elaboração do projeto pedagógico da escola, divulgando as possibilidades existentes, propondo atividades / projetos integrados aos conteúdos dos vários anos e das diferentes disciplinas, organizando mostras, eventos e feiras de Informática Educativa na Unidade Escolar.

Objetivos

Na Fase Inicial do Ensino Fundamental (1º ao 3º ano), a informática educativa busca:

- incentivar a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas atividades cotidianas;
- desenvolver a percepção visual e auditiva, a coordenação motora, a memorização, a convivência em grupo, a inter-relação de pensamentos, ideias e conceitos, a utilização das linguagens como meio de expressão e comunicação.
- propiciar, como elemento articulador de conteúdos curriculares, a aquisição de novos conhecimentos.
- desenvolver a habilidade para organizar informações, levantar hipóteses e pensar estrategicamente.
- desenvolver a capacidade de expressão por meio da criação, edição e exposição dos próprios projetos interdisciplinares, integrando textos, imagens, ferramentas de desenho e pintura, animações, efeitos especiais, recursos de som e vídeo.
- ensinar valores importantes para a formação do "Cidadão do Futuro".

LÍNGUA PORTUGUESA

"Há crianças que ingressam no mundo da linguagem escrita através da magia da leitura e outras que ingressam através do treino das tais habilidades básicas. Em geral, os primeiros se convertem em leitores, enquanto os outros costumam ter um destino incerto."

(Emília Ferreiro, **Passado e presente dos verbos ler e escrever**)

Como já dissemos, o Plano de Curso é um instrumento que visa a orientar o trabalho do professor de forma que este possa contemplar, de forma organizada e sistemática, o mínimo necessário a todos os alunos da nossa rede.

Como tal Sistema está organizado em fases[6], é imprescindível que haja uma integração entre o trabalho e o conteúdo desenvolvido nos anos iniciais, de forma a tornar o ensino mais coerente e significativo, especialmente no que diz respeito às competências e habilidades esperadas em Língua Portuguesa, área do conhecimento que instrumentaliza o aluno em todas as situações de interação e ação em sua vida cotidiana.

Assim sendo, propomos um trabalho baseado em práticas de Linguagem epilinguísticas, ou seja, praticar a língua partindo de situações reais de uso social, em que o aluno pode agir reflexivamente sobre a mesma antes de chegar aos conceitos, normas e regras pertinentes a qualquer idioma.

As atividades metalinguísticas, ou seja, de sistematização e normatização da língua, serão priorizadas nos anos relativos à Fase Complementar (4º e 5º ano). Contudo, vale ressaltar que isso não quer dizer que a Gramática Normativa não será trabalhada nos anos iniciais. Pelo contrário, ela estará presente sim! O que muda, entretanto, é a forma de abordagem, pois entendemos que seja necessário partir do seu uso, nas situações reais de produção de texto, e não a partir de listas de exercícios esvaziados de significado e sentido para as crianças dessa faixa etária.

> Durante muito tempo a tradição escolar definiu como conteúdo de leitura o aprendizado da decifração. Ler, emitindo sons para cada uma das letras, era a situação que ilustrava a aprendizagem da leitura. Hoje, sabemos que não basta ler um texto em voz alta para que seu conteúdo seja compreendido, e a decifração é apenas uma, dentre muitas, das competências envolvidas neste ato. Ler é, acima de tudo, atribuir significado. Além disso, se queremos formar leitores plenos, usuários competentes da leitura e da escrita em diferentes esferas, participantes da cultura escrita, não podemos considerar alfabetizados aqueles que sabem apenas o suficiente para assinar o nome e tomar o ônibus. Isso não é tarefa simples: implica redefinir os conteúdos de leitura e de escrita. Não se trata mais de ensinar a língua, suas regras e suas partes, isoladamente, mas de incorporar as ações que se fazem com textos no cotidiano de um centro urbano como Santos. No nosso dia a dia lemos com os mais diferentes propósitos: para nos informar sobre as atualidades, para localizar endereços e telefones, para fazer uma receita, para saber como vão pessoas que estimamos, para nos divertir ou emocionar, para tomar decisões, para pagar contas, para comprar algo, entre outros. E escrevemos para distintos interlocutores, com diferentes intenções, nas mais variadas situações: para relatar como estamos para pessoas distantes, para solicitar algo, para reclamar de alguma coisa, para nos lembrarmos daquilo que temos de comprar, para prestar contas do nosso trabalho, para anotar um recado para alguém, entre muitas outras ações. São ações que podem e devem ser aprendidas, traduzidas em comportamentos – de leitor e de escritor – que precisam ser ensinados. Claro que é necessário aprender o sistema de escrita e seu funcionamento, mas esta aprendizagem pode ocorrer em situações mais próximas das situações reais e com textos de verdade – que comunicam e que foram feitos para leitores. Trata-se então de trazer para dentro da escola a escrita e a leitura que acontecem fora dela. Trata-se de incorporar, na rotina, a leitura feita com diferentes propósitos e a escrita produzida com diferentes fins comunicativos para leitores reais. Enfim, trata-se de propor que a versão de leitura e de escrita presente na escola seja a mais próxima possível da versão social e que, assim, nossos alunos sejam verdadeiros leitores e escritores. [7]

[6] Fase Inicial: 1º, 2º e 3º ano. Fase Complementar: 4º e 5º ano.

[7] São Paulo : SME / DOT, 2006. 104p.: il. – v.2

A organização de uma rotina de leitura e escrita [8]

Organizar uma rotina semanal de leitura e escrita é fundamental para orientar o planejamento e o cotidiano da sala de aula. Ela se expressa na forma como são organizados o tempo, o espaço, os materiais, as propostas e intervenções do professor e revela suas intenções educativas.

Nessa proposta de alfabetização, a rotina deve contemplar situações didáticas de reflexão sobre o sistema de escrita alfabético e a apropriação da linguagem que se escreve. Deve haver uma diversidade de atividades com diferentes propósitos e, ao mesmo tempo, uma repetição delas para que o desempenho dos alunos seja cada vez melhor. Não é preciso inventar novas atividades a cada dia, mas é importante variar o gênero que vai ser trabalhado (contos, parlendas, listas, poemas, textos instrucionais, etc.) e o tipo de ação que o aluno vai fazer com cada texto.

Em função disso, organizamos um quadro orientador em que é apresentado o que uma rotina semanal de leitura e de escrita deve contemplar. Por exemplo: leitura diária em voz alta pelo professor, leitura realizada pelos alunos mesmo quando ainda não leem convencionalmente, situações de produção escrita pelo professor e/ou pelos próprios alunos, além, é claro, de situações de trabalho com a oralidade.

Veja como é possível organizar a rotina para o trabalho com leitura e escrita nas séries iniciais:[9]

Situação Didática	Objetivos (o que os alunos aprendem e como)	Exemplos de algumas atividades	Frequência	O que é importante observar
Leitura realizada pelo professor	· Compreender a função social da escrita. · Ampliar o repertório linguístico. · Conhecer diferentes textos e autores. · Aprender comportamentos leitores. · Entender a escrita como forma de representação.	Leitura em voz alta realizada pelo professor: • textos literários; • jornalísticos e sobre curiosidades (científicos e históricos).	Diária – texto literário. Semanal – jornal e científicos.	Oferecer textos de qualidade literária em seus suportes reais. Ler com diferentes propósitos.
Análise e reflexão sobre o sistema de escrita	· Refletir sobre o sistema de escrita alfabético, buscando fazer a correspondência entre os segmentos da fala e os da escrita. · Conhecer as letras do alfabeto e sua ordem. · Observar e analisar o valor e a posição das letras nas palavras, visando à compreensão da natureza do sistema alfabético. · Compreender as regras de funcionamento do sistema de escrita.	Leitura e escrita dos nomes dos alunos da sala. Leitura do abecedário exposto na sala. Leitura e escrita de textos conhecidos de memória. Leitura e escrita de títulos de livros, de listas diversas (nomes dos ajudantes da semana, de brincadeiras preferidas, de professores e funcionários), de ingredientes de uma receita, de rótulos, etc.	Diária (quando há na classe crianças não-alfabéticas).	Organizar agrupamentos produtivos. Garantir momentos de intervenções pontuais com alguns grupos de alunos. Solicitar a leitura (ajuste) do que é lido e/ou escrito pelo aluno.

[8] São Paulo : SME / DOT, 2006. 115p.: il.
[9] São Paulo : SME / DOT, 2006. 115p.: il.

Comunicação oral	· Participar de diferentes situações comunicativas considerando e respeitando as opiniões alheias e as diferentes formas de expressão. · Utilizar a linguagem oral, sabendo adequá-la às situações em que queiram expressar sentimentos e opiniões, defender pontos de vista, relatar acontecimentos, expor sobre temas, etc. · Desenvolver atitudes de escuta e planejamento das falas.	Reconto de histórias conhecidas ou pessoais, de filmes, etc. Exposição de objetos, materiais de pesquisa, etc. Situações que permitam emitir opiniões sobre acontecimentos, Curiosidades, etc.	Duas vezes por semana.	Observar com atenção como as crianças se comportam numa situação em que têm de ouvir e falar uma de cada vez. Identificar quais crianças precisam ser convidadas a relatar, expor ,etc.
Produção de texto escrito	· Produzir textos buscando aproximação com as características discursivas do gênero. · Produzir textos considerando o leitor e o sentido do que quer dizer. · Aprender comportamentos escritores.	Produção coletiva, em dupla e individual – de um bilhete, de um texto instrucional, etc. Reescrita de textos conhecidos – coletiva, em duplas, individual.	Uma vez por semana.	Envolver os alunos com escritas pré-silábicas na atividade – produzindo oralmente, ditando para o professor ou o colega.
Leitura realizada pelo aluno	· Desenvolver atitudes e disposições favoráveis à leitura. · Desenvolver procedimentos de seleção de textos buscando informações. · Explorar as finalidades e funções da leitura. · Ler com autonomia crescente. · Aprender comportamentos leitores.	Roda de biblioteca com diversas finalidades: apreciar a qualidade literária dos textos, conhecer diferentes suportes de textos. Ampliar a compreensão leitora: leitura de textos que os alunos ainda não leem com autonomia, mas que pode ser mediada pelo professor (leitura de textos informativos, instrucionais, entre outros). Ler, sem saber ler convencionalmente, utilizando índices fornecidos pelos textos.	Uma vez por semana.	Ler várias vezes um mesmo texto com diferentes propósitos. Garantir que conheçam o conteúdo a ser explorado. Antecipar as informações que os alunos vão encontrar nos textos.

Pensando em gerenciar melhor o tempo didático da sala de aula, sugerimos que os conteúdos sejam organizados em modalidades organizativas, conforme classificação adotada por Delia Lerner em seu livro “Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário” (Artmed). Tais modalidades organizativas têm a função de permitir com que o professor priorize de forma bastante prática e coerente os conteúdos que pretende desenvolver, sem privilegiar excessivamente alguns e deixar outros de lado. Rosaura Soligo sintetizou as ideias expostas por Delia Lerner no texto que apresentamos a seguir.

Formas de organizar os conteúdos escolares [10]

Os conteúdos escolares podem ser organizados de diferentes formas:

- Atividades permanentes.
- Atividades sequenciadas.
- Situações independentes: ocasionais ou de sistematização.
- Projetos.

Atividades permanentes

São atividades que acontecem com regularidade (diariamente, semanalmente, quinzenalmente, etc) durante um período (curto ou longo) porque são importantes para o desenvolvimento de determinados procedimentos, hábitos ou atitudes.

Ex: Leitura diária feita pelo professor, Roda semanal de conversa ou leitura, Oficina de produção de textos ou de arte, Hora das curiosidades científicas ou das notícias, etc.

Atividades sequenciadas

São atividades planejadas em uma sequência inclusiva: o que vem a seguir depende do que já foi realizado (e aprendido) anteriormente. São muito parecidas com os projetos, mas não têm um produto final. Os próprios projetos são constituídos por atividades sequenciadas.

Ex: Atividades para ensinar as operações matemáticas, para ensinar a produzir um determinado tipo de texto, para ensinar um jogo complexo, etc.

Situações independentes

Ocasionais: são aquelas que não foram planejadas previamente, mas que se considera relevante inserir ou "aproveitar" no trabalho. Podem ser propostas pelo professor ou pelos alunos. Ex: Assuntos importantes que são notícia e que interessam aos alunos, fatos ocorridos na escola ou na comunidade, materiais interessantes enviados pelos pais ou encontrados pelos alunos, etc.

De sistematização: são aquelas que contribuem para que os alunos sistematizem os seus conhecimentos sobre um determinado conteúdo aprendido. Embora não decorram de propósitos imediatos, essas atividades têm relação direta com as expectativas de aprendizagem definidas para um determinado período. Ex: Situações de retomada do que foi ensinado sobre um determinado conteúdo para organizar as informações disponíveis e favorecer a sistematização (pelos alunos) dos conhecimentos adquiridos.

Projetos

São situações didáticas em que o professor e os alunos têm propósitos comuns e se comprometem com a conquista de um produto final, que é fruto do trabalho de todos e tem um sentido social real ("produto", nesse caso, não significa algo "palpável", mas sim um resultado: pode ser uma festa, uma mostra de trabalhos produzidos, uma apresentação pública de leitura ou jogral, a organização de uma biblioteca de classe, um livro, jornal ou texto, etc.). Nos projetos, as ações propostas ao longo do tempo são planejadas de forma sequenciada, têm relação entre si e fazem sentido em função do resultado que se deseja alcançar.

[10] Texto produzido por Rosaura Soligo, a partir de ideias defendidas por Délia Lerner e Mirta Castedo.

Ex: “Coleções” (organização de coleções para aprender conteúdos matemáticos), “Brincadeiras” (resgate de brincadeiras antigas e produção de um livreto de textos instrucionais), “Paisagens” (estudo de como pintores de diferentes épocas retrataram as paisagens e organização de uma mostra com produções da classe), Animais em extinção (estudo de alguns animais em extinção e produção de uma pequena enciclopédia), etc.

Assim, ao transferirmos tais modalidades organizativas para nosso Plano de Curso do **2º ano**, obtemos o seguinte resultado:

1. Situações Permanentes:

- Usos da Linguagem Oral: exposição e intercâmbio de ideias em rodas de conversa, debates, preleções, contrato didático (combinados), etc.
- Usos da Leitura: participação em rodas de leitura, “cantinho” da leitura, leitura na biblioteca, leitura em voz alta e outras, para apreciar textos literários (contos de fadas, crônicas, fábulas, contos folclóricos e tradicionais).
- Usos da escrita:
  - Conhecimento do alfabeto e seu respectivo valor sonoro na oralidade e na escrita;
  - Conhecimento da escrita do próprio nome, do nome dos colegas e de outras palavras pertinentes ao contexto de sala de aula;
  - Conhecimento, em situações de uso, da estrutura de um texto;
  - Identificação do tipo de letra a ser usada na escrita (maiúsculas e minúsculas) após tornar-se alfabético.
  - Narração de histórias.
  - Descrição de personagens, cenários e objetos.

2. Sequências Didáticas:

- Conhecimento de diferentes gêneros textuais (conto, poema, canção, quadrinha, parlenda, adivinha, trava-língua, piada, instrução, relato, entrevista, anúncio, receita, panfleto, lista, cartaz, bilhete, carta, notícia, informativos, calendário).
- Leitura não convencional, por meio de diferentes estratégias (antecipação, dedução, inferência, verificação) de placas, símbolos, embalagens, rótulos.
- Recontos e reescritas de textos repertoriados pelo grupo.
- Registros diferentes utilizados em situações comunicativas relacionadas aos gêneros apresentados (listas, pesquisas de palavras, dicionários temáticos, bilhetes, jornal-mural, etc).
- Noção de parágrafo por meio do uso em situações de produção.
- Identificação de alguns sinais de pontuação, bem como sua função no texto (ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação e travessão).
- Conhecimento de alguns itens da gramática, por meio das situações de produção, sem o uso das respectivas terminologias: substantivo com gênero e número (os nomes, masculino / feminino, singular / plural), adjetivo (as qualificações) e concordância verbo-nominal.
- Conhecimento de algumas convenções ortográficas na escrita de palavras conhecidas:
  1. Regularidades Diretas (pares mínimos (P-B, T-D, V-F);
  2. Regularidades Contextuais (o uso do C, Q ou K e o uso do G ou GU);
  3. Regularidades Morfológico-gramaticais (terminação em R dos verbos no infinitivo);
  4. Segmentação entre as palavras de um texto ou frase.

3. Projetos:

- Conhecimento dos elementos que compõem um gênero/portador de texto. Identificação das características do gênero/portador de texto escolhido para ser estudado pelo grupo, a partir de um tema gerador previamente selecionado.

OBS.: As situações das modalidades *Ocasionais* e de *Sistematização* são de autonomia do professor, elaboradas a partir da necessidade do grupo e, por isso, não podem ser previstas no Plano de Curso.

Os projetos foram pensados com foco na Língua Oral e Escrita e nas competências sugeridas para cada faixa etária; daí a necessidade de priorizar determinado gênero e portador textual. Entretanto, os projetos podem ser pensados interdisciplinarmente, conjugando temas de diferentes áreas do saber. Vale ressaltar que, embora seja desejada essa articulação, não se pode perder o foco e os objetivo propostos para o trabalho com a Língua, como já salientado anteriormente.

Assim sendo, sugere-se, para o 2º Ano, a produção de fôlder de cunho informativo e científico para campanha de interesse público desenvolvida na escola e estudada ao longo do ano (Ex.: reciclagem do lixo, economia de energia elétrica, dengue, animais da fauna marinha de Santos, pontos turísticos de Santos etc). Tal gênero textual permite que as crianças entrem em contato com novas funções e finalidades de um texto e desenvolvam as habilidades de leitura, interpretação e produção do mesmo.

Nos anos seguintes, será proposto que as crianças entrem em contato mais sistematizado com outros gêneros textuais, a fim de pensar o ensino da língua de forma encadeada e com grau de complexidade crescente, dentro da proposta de currículo em espiral defendida por Jerome Bruner (1998).

É importante que tenhamos claras quais competências e habilidades devemos esperar das crianças ao final de cada ano, de forma que possamos traçar metas precisas e objetivas em nosso trabalho. Sendo assim, buscamos que, ao final do 2º Ano, os alunos sejam capazes de:

- Participar de situações de intercâmbio oral, sabendo ouvir e formular perguntas sobre o tema;
- Apreciar textos de diferentes gêneros lidos autonomamente ou pelo professor;
- Recontar e reescrever histórias conhecidas, recuperando os fatos da narrativa, apropriando-se dos aspectos discursivos do texto e apoiando-se em conhecimentos sobre o tema, as características do seu portador, do gênero e do sistema de escrita;
- Ler, com autonomia, nomes, parlendas, adivinhas, poemas, canções, trava-línguas, listas, manchetes de jornal, etc;
- Escrever ALFABETICAMENTE textos que conhece de memória, ainda que não segmentando o texto em palavras, ou não se apoiando nas convenções ortográficas da escrita.
- Escrever textos de autoria (listas, bilhetes, cartas, informativos, etc) individualmente, em duplas ou ditando ao professor.

Referências Bibliográficas

BRUNER, J.S. **Uma Nova Teoria da Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Bloch, 1998.

FERREIRO E. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na Escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Projeto Toda Força ao 1º ano: guia para o planejamento do professor alfabetizador** – orientações para o planejamento e avaliação do trabalho com o 1o ano do Ensino Fundamental. Secretaria Municipal de Educação. – São Paulo: SME / DOT, 2006.

INGLÊS

O objetivo principal do ensino de inglês do 1º ao 5º ano em nossa rede é tornar a língua inglesa familiar para os alunos. Ao assimilar um vocabulário básico, expressões simples em situações reais, que façam sentido à sua vida, o aluno passa a desejar aprender mais, entendendo a real importância que a língua inglesa tem nas nossas vidas. Isso significa ensinar-lhes por meio de aulas descontraídas, interessantes, com atividades lúdicas, músicas, uso de fantoches, jogos, máscaras e demais recursos para que a criança seja envolvida de forma prazerosa no processo de aprendizagem.

Como dissemos, é fundamental que o professor, num primeiro momento, leia seus planos de curso anual para elaborar seu próprio planejamento. A relação dos conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais) deve servir de referência para a elaboração do planejamento, plano de aula e a seleção das atividades a serem desenvolvidas ao longo do ano.

Sugerimos que o professor siga uma abordagem metodológica global que desenvolva prioritariamente a habilidade oral (escutar e falar) por meio do lúdico, do sensorial e das ações, introduzindo gradualmente as habilidades de leitura e escrita, como suporte ao aprendizado oral. Aqui entram as atividades de encenações (*role-play*), movimentos que expressem a letra de uma música e de ***TPR*** (*Total Physical Response*) para executar instruções, jogos de adivinhação, troca de papéis, trabalho em pares ou grupos, além de exercícios de compreensão oral (ao escutar o professor, um *CD*, vídeo ou colega) para obter informações.

A habilidade de leitura deve ocorrer indiretamente (com associação de palavras a um desenho ou procura de palavras), de forma a criar um ambiente alfabetizador, sem obrigar o aluno a saber ler e escrever. A escrita não deve ocorrer nesta fase, salvo em situações particulares ou quando o aluno pedir para fazê-lo. Nesta fase, a criança gosta e precisa de repetição. Assim, o professor deve manter as mesmas músicas durante várias aulas e diversificar as atividades para que os alunos aprendam o mesmo conteúdo em 3, 4 ou 5 aulas, por meio de atividades diferentes.

Como as crianças nessa idade não podem concentrar-se por longos períodos de tempo, é preciso estar sempre pronto para o inesperado. O professor deve ter todos os materiais prontos à mão (*posters, flashcards,* jogos) para poder mudar a atividade se algo não funcionar bem e deve-se recorrer a diversas técnicas para obter a atenção dos alunos sem que seja necessário levantar a voz. Estas técnicas podem ser tão simples como apagar e acender a luz quando for preciso obter silêncio na sala. Outra técnica poderia ser começar a cantar uma música de que as crianças gostem, bem baixinho, apagar as luzes e acalmá-los. Uma nova opção seria fazê-los mudar de posição, ficar em pé e fazer alguma atividade se estiverem sentados, ou sentarem em círculo se estiverem de pé, ou sair da classe. Colocar música em volume baixo enquanto as crianças trabalham também ajuda, como música calma para trabalhar, ou *rock* para atividades motoras grossas.

Durante as aulas, o professor deve desenvolver técnicas básicas associadas ao aprendizado, como: memorização, previsão, cooperação, criatividade e expressão física. O professor deverá fazer muitas perguntas aos alunos, desafiá-los a pensar, a recordar, a imaginar, a adivinhar, incentivando-os a participar dos trabalhos em grupo, dos jogos e das demais atividades. É preciso ter em mente que há crianças com estilos diferentes de aprendizagem, umas são mais visuais, outras, auditivas, e ainda há as que são mais cinestésicas.

É necessário ter recursos prontos para serem utilizados em cada aula. Este é mais um motivo para trabalhar em equipe com os docentes de todas as áreas. Em inglês, recursos visuais, como os *flashcards,* e imagens, recursos materiais, como *realias* (material concreto), fantoches, chapéus, material de áudio, vídeo, *DVD*, etc. Se os *flashcards* estiverem com o vocabulário escrito, as **letras** devem ser digitadas **claramente em letra de fôrma maiúscula** ou **escritas** com caneta ou pincel atômico preto, como já dissemos.

Na preparação da aula, as atividades mais agitadas deverão ser previstas para o final da mesma; do contrário, os alunos podem se animar demasiadamente e perder de vista o objetivo da aula. Devem-se utilizar diversos tipos de atividades, além de alternar as em grupo, duplas e individuais. Trabalhar oralmente de maneiras diferentes, oferecendo variedade, é útil e eficaz, considerando-se o tempo relativamente curto de concentração dos alunos e os seus diversos estilos de aprendizado. A maior parte do tempo de aula deve ser gasta na apresentação dos novos elementos e nas atividades de *listening* e *speaking*. O

tempo gasto com os exercícios de colorir, associar, circular e desenhar deve ser menor, visto que enfocamos o desenvolvimento da competência comunicativa.

As aulas não devem ficar “presas” ao uso de livro, apostila ou material fotocopiado. Também é bastante útil haver um local onde se possam expor os trabalhos das crianças. Os *posters* podem ser feitos de papel pardo ou cartolina contendo as produções dos alunos. Uma mostra bem organizada pode ser a base para discussões, promovendo interdisciplinaridade e também envolvendo os pais no sentido de acompanhar o progresso de seus filhos. Para ser bastante eficaz, a mostra deverá ser renovada frequentemente.

Compreensão oral (*listening*)

Os alunos devem ser expostos o máximo possível ao inglês em sala de aula. CDs e DVDs são ótimos recursos audiovisuais. A quantidade de inglês utilizada para dar instruções deve aumentar gradativamente e, por conseguinte, deve-se estabelecer o hábito de responder às atividades habituais em inglês. Pede-se aos alunos que executem um certo número de atividades de ***TPR***, ou "*listen and do*", durante as quais se praticam os elementos linguísticos. Ex.: *Good morning/afternoon; hi; How are you?; fine, thanks; stand up; sit down; line up; come here; please; thanks/thank you; you're welcome; bye-bye; see you; very good; great; beautiful; May I go to the toilet?; yes; no; let's sit in a circle; draw; you can do it better/nicer; repeat; ask; answer; look; listen; point; sing; let's sing; let's go; etc.*

Produção oral (*speaking*)

Deve-se dar aos alunos um "período de silêncio" no início do ano, durante o qual eles escutam o inglês sem pressão de responder oralmente. Os alunos não devem ser forçados a responder verbalmente enquanto não estiverem prontos. No entanto, devem ser incentivados a fazê-lo por meio de atividades orais e de repetição, principalmente em grupo. As canções oferecem a oportunidade de utilizar o idioma oralmente dentro de um contexto seguro.

Uso de canções

Se as crianças não aprendessem melhor com músicas, programas de TV infantis não existiriam. A música é extremamente importante nas aulas de inglês. Além disso, ela deve ser apresentada com gestos, movimentos e até coreografias que representem o que está sendo cantado. O professor precisa estudar bem a música, a pronúncia correta das palavras, além de praticá-la antes de expô-la aos alunos. Há vídeos e livros, além da *internet*, em que estes movimentos são demonstrados e explicados.

Uso de fantoches

Os fantoches são excelentes para ensinar inglês às crianças, pois as atraem e podem ter uma série de funções: apresentar conteúdos, fornecer um elemento cômico, fazer encenações, dar segurança, além de parabenizá-las. Ele pode falar aos alunos (fornecendo, assim, um modelo linguístico) de forma engraçada, enquanto o professor permanece sério no comando da situação. O professor pode apresentar o conteúdo novo como se o fantoche fosse parte da turma (nesse caso, finja “errar”, não entenda algo), de maneira que os alunos possam corrigi-lo. Ele também pode cantar e encenar canções. O fantoche mostra aos alunos que não é errado não saber alguma coisa e lhes dá a oportunidade de corrigir seus erros - uma tática que deixará os alunos seguros de si, além de ser uma ocasião divertida na aula. Alguns professores têm o hábito de usar o fantoche para cumprimentar os alunos no início da aula (fazer o fantoche dar-lhes a mão, abraçá-los, acariciá-los), o que faz com que os alunos se sintam mais seguros e interessados. Há momentos em que o próprio aluno pode utilizar o fantoche, pois é o fantoche (e não ele) que está falando ou agindo. Isso lhe dá a chance de falar, cometer erros, responder a perguntas e sentir-se no comando, sem estarem psicologicamente expostos. Os alunos podem até criar seus próprios fantoches e utilizá-los durante as aulas, como os de dedo (feitos com cartolina e desenhado pelos alunos), de meias (com a ajuda dos pais, eles podem costurar botões para fazer os olhos; lã para os cabelos, etc.), presos em palitos de sorvete, feitos com rolos de papel higiênico, potes de iogurte ou de *yakult.*

Pronúncia

O ensino do inglês (e até da língua materna) requer máxima atenção aos modelos de pronúncia oferecidos, porque, nesta faixa etária, as crianças são muito sensíveis e receptivas a novos sons. O professor precisa estar atento à sua pronúncia para ensinar corretamente.

Interdisciplinaridade

O professor de inglês deve estar em sintonia com o professor de classe e os demais professores especialistas, pois os conteúdos de inglês podem ser

trabalhados constantemente de forma interdisciplinar.

- O trabalho de apresentação em inglês (*What's your name? – My name is* _____) envolve também o trabalho de **português**, por conta do conhecimento do próprio nome e do nome dos colegas.
- O uso dos números em inglês deve ser trabalhado durante todo o ano, complementando as atividades desenvolvidas nas aulas de **matemática**.
- Algumas danças, atividades de expressão corporal e brincadeiras podem ser trabalhadas junto com o professor de **educação física**.
- Com o professor de **arte**, podem-se trabalhar melhor a música, rimas, expressões corporais, gestuais e faciais; jogos dramáticos (*role-play*) e fantoches; as cores, por exemplo, em atividades de pintura, modelagem, montagens, desenho e colagem.
- Quando o professor de inglês trabalhar as preferências em relação a brinquedos e animais de estimação, pode trabalhar junto com o professor de classe os conceitos, procedimentos e atitudes de **história**.

Avaliação

Avaliamos constantemente nossos alunos, mas nem sempre conseguimos lembrar o nome de todos e seu desempenho nas aulas. Sugerimos manter um controle das atividades feitas e dar uma nota para o **empenho do aluno durante as aulas**. Esta avaliação pode ser feita, por exemplo, com cinco a dez alunos por vez, sem que eles saibam que estão sendo avaliados.

Outra forma de avaliação pode ser por meio de projetos em grupo. Caso a escola não possa fazer cópias das provas, o professor pode usar as atividades da apostila para avaliá-los, sendo permitido consultá-la, mas não o colega ao lado neste momento.

Devemos ter em mente que o ensino de inglês do 1º ao 5º ano deve fazer parte dos momentos prazerosos, quando a autoestima do aluno é reforçada de forma positiva. Assim, não podemos exigir perfeição das crianças, ainda mais porque os conteúdos conceituais são revistos em todos os anos, de forma espiralada, proporcionando a assimilação (*acquisition*) de um conteúdo específico em momentos diferentes. Assim sendo, o professor de inglês não deve ser inflexível em relação às notas.

É imprescindível ainda elogiar sempre o empenho dos alunos e dizer *very good, excellent, good work, great*, etc., certificando-se de que eles compreendam o significado dessas expressões. **É muito importante elogiar a produção do aluno, mesmo que não esteja como o professor esperava.** Temos que ter em mente que o aluno tem somente 5 ou 6 anos, está se empenhando e precisa ser motivado. Deve-se deixar claro que é preciso errar para poder aprender e é para isso que eles estão na escola. Assim, o professor e o grupo têm de fazer alguns "combinados". **Tentar falar em inglês, ser corrigido e não ter medo de errar** devem estar nessa lista. Os alunos precisam se sentir confortáveis para falar, mesmo que, a princípio, esteja "errado".

Referências bibliográficas

DEL PASO, A. et alli. **Squeeze 3 – Teacher's Edition**. Mexico, D.F.: Macmillan, 2006.
HARPER, K. et alli. **Kids United – Livro do Professor 1**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
HERRERA, M.;ZANATTA, T. **New Parade 1–Teacher's Edition**. New York: Addison Wesley Longman, 2000.
MELO, L. et alli. **Spaghetti Kids – Teacher's Book 1**. São Paulo: Macmillan, segunda impressão, 2002.
SALVADOR, R. W. **Kinder Steps – Teacher's Guide Level 3**. Mexico, D.F.: Richmond Publishing, 1999.
REETZ, A. et alli. **Let's Go 1 – Teacher's Book**. Hong Kong: Oxford University Press, 2000.

ARTE

Música

A importância da Música para a criança é evidente e indiscutível. Porém, para que a criança faça bom uso e se beneficie da linguagem musical é preciso que esta seja apresentada de forma cuidadosa e adequada, principalmente na primeira infância.

> Nessa idade, em contato com diferentes formas de representação e sendo desafiada a delas fazer uso, a criança vai descobrindo e, progressivamente, aprendendo a usar as múltiplas linguagens: gestual, corporal, plástica, oral, escrita, **musical** e, sobretudo, aquela que lhe é mais peculiar e específica, a linguagem do faz-de-conta, ou seja, do **brincar**. Sua relação com o outro, consigo mesma e com diferentes objetos da natureza e da cultura que a circundam é mediada por essas formas de expressão e comunicação. (Ensino fundamental de 9 anos - Orientações gerais. MEC, p.20)

Conceitos e teorias não devem ser tratados nesta fase. A música deve fazer parte do dia a dia da criança para que haja uma "intimidade" com esta linguagem tão prazerosa.Não se trata apenas de incluir na rotina da criança canções para a hora da entrada, lanche, saída etc. Momentos de apreciação, relaxamento e execução musical podem e devem ser vivenciados durante todo o processo de aprendizagem, como uma forma a mais de expressão, uma linguagem que, muitas vezes, chega mais fácil ao âmago da criança, deixando-a mais feliz e confiante.

Projetos interdisciplinares são fundamentais, pois envolvem a música com as outras áreas do conhecimento, possibilitando o uso da linguagem musical em outras situações, além de favorecer a assimilação de outros conteúdos.

Segundo Stateri (1997), "[...]as emissoras de TV e rádio não divulgam as tradicionais músicas folclóricas, mas somente as populares, sendo muitas de péssimo gosto, com textos inadequados para as crianças sem se falar na tessitura e "desaprendizagem" da língua nacional. Isso é bastante preocupante porque essa invasão de canções populares, de pouco ou nenhum valor musical, levam a criança a uma deformação da estética musical." Não podemos esquecer de que, nós, professores, também somos vítimas desta situação, muitas vezes nos deixando levar pelo modismo e nos habituando a aceitar ou mesmo gostar daquilo que nos é imposto.

É importante que o professor faça um diagnóstico da sua classe, pois ele precisa saber qual é a real vivência musical de seus alunos, por meio de atividades simples de pulso, acento, altura e canto e até mesmo uma conversa, para saber qual é o universo sonoro em que eles vivem. Desta forma, o professor poderá elaborar seu planejamento direcionando seus objetivos e estratégias de acordo com cada classe, explorando os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais do Plano de Curso, de forma mais significativa.

O planejamento do professor precisa ser flexível. As ações devem estar abertas a mudanças e adaptar-se a imprevistos ou projetos que podem surgir no decorrer do ano, principalmente quando se estabelece uma parceria com o professor de classe. Nesse processo é importante **avaliar**, observando e refletindo sobre o que está dando certo ou errado, replanejando quando necessário.

Vale lembrar que trabalhamos *tudo ao mesmo tempo e o tempo todo*. Embora os conteúdos estejam organizados por tópicos (pulso, acento, fonte sonora etc.), estes não devem ser trabalhados de forma linear. Ao trabalhar pulso, por exemplo, por meio de um jogo musical, o aluno está também exercitando sua percepção auditiva, rítmica e melódica, lateralidade, atenção e prontidão. Uma brincadeira cantada pode envolver mais de um conteúdo, mesmo que a ênfase, naquele momento, esteja em um tópico específico.

Outra sugestão é que o professor leia o plano de curso de outras disciplinas, para que possa interar-se dos conteúdos que o professor de classe irá trabalhar, assim, facilitando a interdisciplinaridade. Em Ciências, por exemplo, a orientação é de que se inicie com atividades de exploração do próprio corpo, o que é bastante pertinente a muitos jogos musicais. O elemento lúdico (o jogo) é muito importante para que a criança se entregue de forma espontânea à aprendizagem. O elemento descontraído que o jogo proporciona favorece a expressão e a comunicação, ao mesmo tempo em que permite reforçar os hábitos adquiridos e assimilar a realidade.

O som e o silêncio

Recomendamos a observação, audição e identificação dos sons de diferentes ambientes, como o escolar, do bairro, de casa, ou seja, os sons do dia a dia. É fundamental ainda ressaltar a importância do silêncio e promover a sua produção (musicalmente ou não), numa sociedade tão cheia de ruídos, os quais produzem *stress*, dificultam a concentração, entre outras complicações.

Expressão corporal, gestual, facial e/ou plástica

O desenvolvimento físico-motor por meio do movimento, danças e dramatizações é essencial para a aprendizagem e interpretação musical. A vivência e a reação da criança a diferentes estilos e culturas musicais por meio do movimento contribuem para a aquisição de conceitos, a assimilação de padrões e estruturas e o desenvolvimento da memória musical, a consciência da pulsação, do ritmo e do caráter das peças musicais.

Durante a apreciação musical e o canto, a expressão corporal, gestual, facial e/ou plástica são ferramentas que auxiliam a criança a expor suas impressões, estimulam sua concentração e seu envolvimento com a prática musical.

Escuta e apreciação de obras musicais (regionais, folclóricas, eruditas, variadas)

Educar musicalmente implica também desenvolver na criança o prazer de ouvir música (boa música e num volume adequado) e, dentro desse trabalho de apreciação musical, a tarefa principal do professor é saber interessá-la, cativando-a e envolvendo-a emocionalmente. A apreciação musical não precisa ser encarada como uma atividade estática. Como já foi exemplificado anteriormente, ela pode ser feita junto com a expressão corporal, gestual ou plástica. É interessante que o professor comente a obra e destaque aspectos que possam ser identificados pela criança, como dinâmica, timbres, falar sobre o compositor e/ou função daquela música (cantigas de trabalho, de ninar, danças, músicas que contam uma história etc.). A apreciação pode ser feita também em momentos de relaxamento, com exercícios de alongamento ou não (principalmente a música erudita). Outra forma para se conduzir a apreciação é a apresentação dos instrumentos, seja por fotos, vídeos ou mesmo pela Internet, nas salas de informática.

Canto coletivo

A cada momento a criança vivencia a alternância entre atuar e observar, cantar e ouvir. Aprender a ouvir o outro, a perceber a consonância ou dissonância do todo e encontrar a maneira adequada de com eles se relacionar; este é o grande aprendizado que ela pode fazer por meio da música. Podemos dizer que crianças que se exercitam, coletivamente, repetindo a mesma canção ou peça instrumental, com a intenção de aprimorá-la, estão praticando uma vontade social construtiva e buscando, em conjunto, a harmonia do todo.

O cantar é a grande alavanca da educação musical da criança pequena. O cantar é a bagagem que o aluno traz consigo. Desde bebê, escuta as cantigas de ninar na voz da sua mãe; mais tarde, suas brincadeiras são na maioria cantadas ou ritmadas. É a principal fonte de produção musical da criança e é quando ela põe em prática os elementos que aprendeu na aula.

> A escolha dessas canções é das mais melindrosas. A linha melódica deve ser bem nítida, clara como um fio de água que corre em direção definida: os intervalos devem ser naturais; os ritmos facilmente assimiláveis; e, se necessário, adaptado ao andamento normal da canção às possibilidades das crianças. […] Quanto a sutilezas de tendências modernas ou exóticas, é preferível reservá-las para mais tarde – a sutileza transcende, normalmente a capacidade receptiva das primeiras idades. (Raquel Marques Simões – Canções para Educação Musical).

Portanto, sugerimos que o professor cante muito com seus alunos, mostre-lhes a importância da expressão e da articulação, trabalhe a dinâmica das músicas e os ajude a conhecer um universo sonoro diferente do que normalmente conhecem. Como o professor deve ser uma referência para o aluno, é necessário cuidar da própria voz e começar a ensiná-los a cuidar da voz deles, por meio de ações aparentemente muito simples, como não gritar, e explicando-lhes que as nossas

“cordas” vocais não podem ser trocadas como a de um violão, desestimulando a ação de gritar, cantando ou não.

Lateralidade

De acordo com Granja (2003, p. 211),

> Uma proposta de Educação Musical centrada na percepção deve considerar o papel do corpo e do movimento na construção do conhecimento. A expressão musical é feita por um corpo, que percebe, conhece e se movimenta de acordo com um projeto, uma intencionalidade. A escola deveria dar mais atenção ao corpo como instrumento de conhecimento, estimulando atividades de autoconhecimento, percepção corporal, reeducação do movimento, que possam contribuir para uma maior capacidade de concentração e prontidão para a aprendizagem.

Cantar, brincar, jogar. Se a criança se movimenta, está exercitando sua lateralidade. O professor pode associar uma atividade de pulso, por exemplo, com movimentos corporais para a direita e para a esquerda. Um exercício de altura com movimentos para cima e para baixo. Andar pela sala ou pátio seguindo o pulso de uma canção sem esbarrar nos amigos ajuda a criança a conhecer o seu lugar no espaço, controlando o tamanho do passo, a velocidade e a noção espacial.

Artes visuais

A metodologia da área de Artes visuais deve levar em conta, antes de mais nada, as fases de desenvolvimento cognitivo de quem vai aprender. Segundo Piaget, as crianças entre 6 e 10 anos de idade estão saindo do estágio pré-operacional e entrando no estágio representacional. Isso concede-nos alguns parâmetros:

- A criança já consegue dominar alguns instrumentais de artes;
- É capaz de criar símbolos e representações;
- Consegue compreender o processo de expressão e criação;
- Começa a se interessar mais pelo mundo ao seu redor do que por si mesma.

Tendo em vista essas possibilidades da criança, o trabalho prevê a apresentação de imagens situadas em determinado tempo e espaço, contextualizadas como manifestação cultural de uma sociedade específica. Prevê-se o uso dos mais diversos materiais, respeitando-se a idade da criança, para que as suas experiências sejam diversificadas e para que possa perceber, de fato, todas as possibilidades e limitações desses materiais. Chama-se a atenção da criança para os detalhes de algumas obras, para que desenvolva um senso crítico e estético, necessário para a leitura de imagens.

As atividades permitem ao aluno experimentar, ter outras experiências, conhecer a vida de alguns artistas, prestar atenção a alguns fatos e materiais interessantes e se expressar por meio dos conhecimentos que adquiriu. Elas estão intimamente ligadas aos objetivos que se pretende atingir e servem de ferramentas para sua concretização. Ressalte-se que a ordem dos conteúdos propostos pelo plano poderá ser alterada, no momento do planejamento, para contemplar o trabalho interdisciplinar.

A avaliação é um instrumento importante no processo de ensino/aprendizagem. Não é apenas uma etapa do processo, e sim uma atividade continuada que deve acompanhar o processo todo e não só um produto final. Na área de Arte, o processo deve levar em conta as etapas do desenvolvimento cognitivo e emocional da criança.

Na fase inicial do Ensino Fundamental, 1º, 2º e 3º anos, a criança ainda busca o domínio de forma e da representação. Ela mais pesquisa do que se expressa. Muitas vezes, seu trabalho muda no meio do caminho, num processo divertido e prazeroso de pesquisa. Os trabalhos em grupo permitem que a criança aprenda a ouvir a opinião dos outros, a argumentar sobre suas ideias e a desenvolver o respeito pelo seu próprio trabalho e pelo trabalho de outro.

Leitura de imagens

Quando uma obra de arte é observada, a criança inicialmente percebe os elementos mais simples (cores, texturas, linhas, formas etc.) e gradativamente vai percebendo os mais complexos. Adquirindo este conhecimento, a criança terá condições de fazer uma leitura conceitual, já que a leitura informal ela já faz naturalmente, tendo em vista seu contexto histórico e pré-requisitos adquiridos fora da realidade escolar, os quais deverão ser aproveitados.

Exposição

A exposição da produção artística das crianças faz parte do ensino de arte. Quando o aluno expõe seus trabalhos aos pais e familiares, ele está completando o ciclo do fazer artístico. Quando organizamos uma exposição, aprendemos mais sobre o conteúdo que foi ensinado. Devemos envolver os alunos nessa produção.

Visita a Museus

Uma das atividades que contribuem não só para a área de Arte, mas para todas as outras áreas, é a visita a museus e exposições de arte. O museu é um espaço onde estão expostas obras de arte, organizadas por diferentes critérios: tempo cronológico, escolas e estilos etc. Os alunos deverão fazer um registro sobre o que viram, perceber os critérios de organização do espaço e o tipo de postura para a visitação.

A arte deve ser entendida como conhecimento e linguagem. Por meio da arte, temos acesso aos sentimentos e aos pensamentos das comunidades de qualquer época, povo, cultura ou país. A arte é uma linguagem por tratar-se de um sistema de representação que utiliza principalmente signos não-verbais (cor, luz, forma, som, gesto, movimento, etc.) com os quais o artista/aluno, com alguma intenção, compõe uma obra atribuindo significado a esses elementos.

O professor é um alfabetizador artístico/estético, o mediador entre arte e aluno. Seu objetivo maior será tornar seus alunos leitores e produtores de textos visuais, pictóricos, musicais, cênicos, gestuais, assim conhecedores de uma parcela da produção artística realizada desde que o ser humano habita o planeta.

Espera-se que os alunos, progressivamente, adquiram competências de sensibilidade e de cognição em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, diante de sua produção e no contato com o patrimônio artístico, exercitando sua cidadania cultural com qualidade. O aluno poderá desenvolver seu conhecimento estético e competência artística nas diversas linguagens de área de Arte/Artes Visuais, Dança, Música, Teatro, tanto para que possa progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e emitir juízo sobre os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade.

EDUCAÇÃO FÍSICA

"De cada um, de acordo com as suas habilidades,
a cada um, de acordo com suas necessidades"
(Karl Marx)

O objetivo principal da educação física escolar do 1º ao 5º em nossa rede é dar a oportunidade para que todos os alunos desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando a seu aprimoramento como seres humanos. Nesse sentido, cabe ressaltar que os alunos que apresentam deficiências físicas não devem ser privados das aulas de Educação Física, sendo papel do professor proporcionar e incentivar o conhecimento e a vivência das modalidades paralímpicas, contribuindo, assim, para a integração e inclusão de todos os alunos.

Independentemente de qual seja o conteúdo escolhido, os processos de ensino e aprendizagem devem considerar as características dos alunos em todas as suas dimensões (cognitiva, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social). Seja num jogo recreativo, pré-desportivo ou numa dança, o aluno deve aprender, além das técnicas de execução, a discutir as regras e estratégias, apreciá-los criticamente, ressignificá-los e recriá-los.

A educação física escolar deve permitir que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais e se enxergue como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana, contribuindo para a adoção de uma postura não-preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e das pessoas de que dele fazem parte.

Outro aspecto fundamental é o conhecimento sobre o próprio corpo, seu processo de crescimento e desenvolvimento, que são construídos concomitantemente com o desenvolvimento de práticas corporais, ao mesmo tempo que dão subsídios para o cultivo de bons hábitos de alimentação, higiene, orientações sobre a boa postura, saúde e atividade corporal, para o desenvolvimento das potencialidades corporais do indivíduo, permitindo compreendê-las como direitos humanos fundamentais.

Sugerimos que o professor adote uma visão ampla da educação física escolar, transitando pelos diversos conteúdos propostos (jogos, atividades rítmicas e expressivas, conhecimentos sobre o corpo), dentro de um contexto cooperativo, social e de autonomia.

Sabendo que as crianças nesta faixa etária podem pensar em símbolos, mas ainda não podem usar a lógica, elas necessitam de diversos estímulos (visuais, auditivos e cinestésicos), sugerimos então que sejam utilizados materiais coloridos de diversas texturas e tamanhos, músicas entre outros recursos. Lembramos também que, nesta fase, as atividades devem envolver todo o grupo, pois a concentração ainda está presente em curtos períodos.

Os jogos devem ter regras simples e todos devem participar do início ao fim. Os jogos e as brincadeiras pertencentes à cultura popular são um grande aliado nesta fase, assim como elementos construídos com sucata podem trabalhar a imaginação e a criatividade.

Compreende-se a dança, neste momento, como um estímulo para a expressão corporal, coordenação motora e espacial, musicalidade, criatividade e interação do grupo, sem a preocupação com estilo ou técnica. Podemos oferecer, assim, o contato com músicas do universo infantil, da cultura popular e outras que estejam fora do seu cotidiano.

No que diz respeito ao conhecimento do próprio corpo, propomos que isso seja vivenciado tanto durante as atividades práticas como também por meio de desenhos, construção de bonecos, filmes, teatros de marionete e outros.

Interdisciplinaridade

Segundo João Batista Freire, a educação física "trabalha no plano da ação motora, mas quando a maneira de propor as atividades provoca tomadas de consciência, aquilo que era material (corridas, saltos, giros) torna-se conceitual. Em sala de aula, trabalha-se no plano dos conceitos. A relação entre a educação física e outras disciplinas, embora muito estreita, é pouco percebida."

Muitas vezes, trabalhamos de maneira interdisciplinar sem nos darmos conta disso, como no simples fato de solicitarmos a uma sala que se divida em dois grupos com o mesmo número de alunos. Assim, quando utilizamos as múltiplas linguagens nas atividades práticas, estamos ampliando ainda mais as possibilidades das relações entre as disciplinas.

Numa simples atividade de solicitar à classe que todos corram e tragam um determinado objeto (variando entre cor, tamanhos ou quantidades), estamos trabalhando noções de seriação e classificação. Outro exemplo seria estimular as crianças com histórias e músicas ouvidas e vivenciadas, colocando como desafio completá-las e cantá-las em voz alta, utilizando sua imaginação e percepção.

Considerações finais

O nosso plano de curso é anual, em que se sugerem conceitos a serem desenvolvidos durante o ano. Portanto, fica a critério do professor utilizá-lo na sequência que mais se adapte a sua realidade, podendo também incluir outros conteúdos importantes para sua realidade, sempre respeitando a faixa etária com que se está trabalhando.

HISTÓRIA

Os conceitos de espaço e tempo são fundamentais ao desenvolvimento do pensamento histórico. Por isso, faz-se necessário que sejam trabalhados de forma contextualizada, para que possibilitem não uma mera constatação, mas a ampliação dos conhecimentos e vivências dos alunos por meio de questões problematizadoras e que os levem a compreender como e por que as coisas acontecem e aconteceram. Ë necessário que o aluno compreenda que a história se constrói pela ação humana e que ele, como sujeito histórico, é parte atuante no processo de produção de conhecimento.

É importante que o aluno vivencie diferentes formas de organizar o tempo a partir dos conceitos de anterioridade, posteridade e simultaneidade em relação aos modos de vida no Brasil atual e em outras épocas, e da presença de diferentes tempos históricos no mesmo tempo cronológico. A proposta é que os alunos identifiquem mudanças e permanências em relação a nomes, aniversários, calendários, família, brincadeiras e escola.

Nomes

Para iniciar a temática, a utilização de músicas é um procedimento que, nesta fase, deve ser bastante explorado. Seguem sugestões de CDs: **Os Direitos da Criança, Toquinho** (Gente tem sobrenome, Cada um é como é), **Adivinha o que é, MPB 4** (Nomes de gente).

Ao trabalhar com o nome, o aluno poderá perceber que a história está presente em coisas naturais como o nome das pessoas. Atividade como recorte em jornais e revistas devem ser desenvolvidas de forma lúdica, como procurar as letras iniciais do nome, ou a troca de letras para formar outros nomes. Uma atividade interessante é montar quadros de caça-palavras com os nomes dos amigos da classe ou nomes conhecidos da família, ou das pessoas que trabalham na escola ou com nomes preferidos dos alunos.

Outra temática é explorar o tema dos apelidos e abordar questões sobre preconceito e diversidade. A pesquisa sobre a origem do nome deve ser orientada pelo professor como tarefa de casa. O importante é que eles percebam que os nomes têm história, entram e saem de moda, têm origens diversas (indígena, estrangeira, bíblica) ou ser inventado pela família como a junção de nomes de pai e mãe, por exemplo. É importante que os alunos troquem informações com os colegas. Livros sobre os significados dos nomes podem ajudar no trabalho.

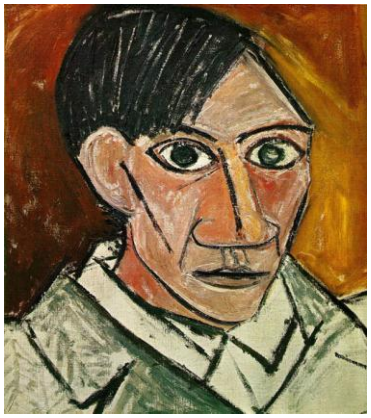
Família

A família é um dos assuntos mais delicados para se trabalhar. É o grupo social mais próximo da criança e, por isso, deve-se evitar o estereótipo de família “pai-mãe-filhos, sem conflitos ou brigas”. Considerando que, atualmente, estamos vivendo uma fase de modificação das estruturas familiares, deve-se optar por chamar de família todo o grupo de pessoas com quem as crianças moram. Um trabalho mais sistemático com fotografias desperta a curiosidade e possibilita a exploração de fontes documentais da história de vida da criança. Monte um livro sobre a turma, em que cada criança dará sua contribuição com as descobertas que forem sendo feitas.

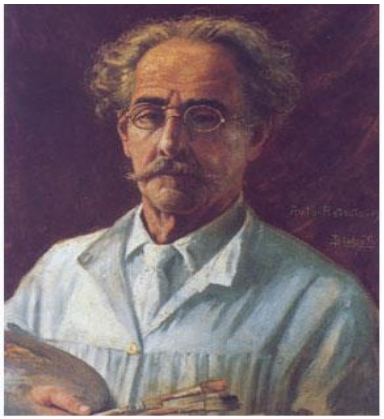
Tempo histórico

A partir da observação de mudanças no próprio corpo, a criança é convidada a refletir sobre as transformações que também acontecem nos espaços de sua convivência. Pode-se propor desenhar o próprio corpo, criando mapas de si mesmo em tamanho reduzido: de frente, de costas, de lado, fazendo conexão com Geografia e Ciências. O uso do espelho para que cada um possa se observar e fotografias antigas permitem fazer comparações sobre as mudanças e permanências ocorridas.

Essa temática permite a confecção de autorretratos Por exemplo, os autorretratos de pintores como o de Portinari, de 1907; de Benedito Calixto, de 1923; e o de Bruno, da atualidade.



Portinari



Benedito Calixto

Bruno

Os artistas desenham ou pintam autorretratos olhando seus rostos no espelho. Um autorretrato pode ser mais especial se incluir coisas especiais, como uma roupa de que se goste ou um boné preferido, um brinquedo ou uma boneca. Qualquer objeto que signifique muito para o jovem artista pode ser incluído para tornar o autorretrato mais significativo. O trabalho possibilita o desenvolvimento da autoestima, valorizando as características físicas de cada um e como cada um se vê no espelho.

Ao trabalhar com o tema aniversário, é importante ressaltar a carga emocional, pois crianças adoram comemorar. Além de constituir um marco na vida do aluno, é importante que eles percebam que os modos de comemorar são diferentes e mudam com o tempo. O assunto poderá ser trabalhado de forma interdisciplinar com Ensino Religioso. A identificação do mês de aniversário no calendário possibilita a construção de gráficos com dados coletados, como: mês em que há mais aniversariantes; mês em que não há; em que há menos; se há pessoas que fazem no mesmo mês em que certo aluno faz, quem é a última ou a primeira da sala a fazer aniversário e assim por diante. Assim, a conexão com a matemática será bem interessante. Pode-se trabalhar com calendários de diferentes culturas, como o calendário indígena, muçulmano, asteca, etc, pois permite que eles construam uma reflexão sobre outras maneiras de medir o tempo.

Gostos e preferências

Propomos a pesquisa na sala sobre os gostos de cada um: brinquedos e brincadeiras, programas de tv, animais, times de futebol, cores, lugares para passear, comidas, esportes, cantores e músicas, personagens de histórias em quadrinhos, etc. Uma maneira de registrar os resultados da pesquisa é construir um gráfico com as informações da turma. A discussão permite abordar as diferenças existentes entre os alunos e o trabalho com a temática do preconceito, por exemplo: homem não usa cabelo comprido. Entrevistas com pessoas mais velhas sobre suas histórias preferidas, passeios, heróis, roupas, festas, brincadeiras, etc, enriquece a temática e aprofunda as discussões sobre as diferenças e permanências nos dias atuais.

Direitos e deveres

A condição de ser criança inclui uma série de direitos legais, reconhecidos por todos, mas nem sempre respeitados. Com reportagens atuais de jornais e revistas, refletir sobre situações das crianças na nossa sociedade, assim como o trabalho com a Declaração Universal dos Direitos da Criança possibilita abordar diferentes temáticas.

GEOGRAFIA

No Plano de Curso do 1º e 2º ano, valorizamos a importância da **alfabetização cartográfica**. Partindo da observação, a criança aperfeiçoa sua percepção e as maneiras de representar o mundo que a rodeia. A representação do espaço é muito importante e nos auxilia a compreender a localização e as diferentes formas de ocupação.

Mapa

O mapa é o meio mais eficaz e conhecido de representação do espaço. É uma convenção, que utiliza signos que podem ser compreendidos por diferentes pessoas em diferentes locais do planeta. Mas, para a criança, isso não é tão simples assim. Portanto, a primeira coisa que mapeamos quando iniciamos um trabalho de cartografia com crianças pequenas é o próprio corpo – o que chamamos de trabalhar com a escala um para um - ou seja, cada centímetro registrado no mapa do corpo corresponde a um centímetro real.

Depois, as crianças passam a mapear outros espaços como: a sala de aula, a escola, a rua da escola, até o bairro e a cidade. Nessa segunda etapa, o professor pode introduzir a noção de **legenda**, criando símbolos junto com as crianças que representem as carteiras, o lixo, a lousa, etc. Para o mapeamento das ruas, criam-se símbolos para as moradias, a escola, hospital (se houver) e outros.

Para o desenvolvimento da representação em diferentes visões, os alunos podem desenhar objetos vistos de cima, de frente e de lado, o que vale mais é a observação de que, em cada posição, o objeto é visto com uma “forma” diferente. Essa observação é fundamental para as produções futuras que privilegiarão a visão do alto, como em um mapa convencional.

Na fase dos 6 aos 8 anos, as crianças ainda desenham o que sabem e não o que veem, portanto, o professor deve respeitar sua produção – pois se utilizam de transparências e confundem perspectivas. Porém, é fundamental solicitar que falem sobre suas produções, pois é por meio da fala que os alunos tomam consciência do espaço real. Com o desenvolvimento dessas atividades, há grandes chances dos desenhos se aprimorarem.

É importante trabalhar desde o início com vários tipos de mapas, ao mesmo tempo, na sala de aula, explicando que cada um deles possui um objetivo. O mapa da cidade é diferente do mapa do país. Um mapa físico é diferente de um mapa político, e um mapa-múndi é diferente de um globo. Essas diferenças devem ser discutidas com as crianças. Assim, elas vão aos poucos se habituando com a linguagem cartográfica.

Maquete

O grupo pode escolher os materiais que irá utilizar para produzir a maquete. Essa tarefa possibilita que o grupo aprenda a se organizar para realizar tarefas em conjunto. A atividade da maquete permite que o aluno perceba o registro cartográfico convencional, ou seja, a maneira como se faz em mapas e plantas. Nessa linguagem, a visão que se tem é vertical, ou seja, visão do alto. É algo que exige um grau de abstração, pois a visão que temos no dia a dia é lateral.

É importante registrar as percepções do grupo sobre todas as atividades, pois as noções de escala, proporcionalidade, visão do alto e criação dos próprios códigos surgirão dessas discussões. É claro que os alunos utilizarão uma linguagem mais simples, mas a elucidação e o registro dessas descobertas são fundamentais para a futura elaboração e compreensão de mapas mais complexos.

Medida padronizada e não padronizada

Atividades de medidas da classe podem despertar a curiosidade a respeito da **medida padronizada**. Ao preencher o quadro, eles registram de quem é o pé que foi utilizado como padrão. O professor deve instigar o grupo com perguntas como: e se fossem os pés de outra criança? E se fossem os meus pés? A medida seria a mesma? Esses questionamentos devem ser feitos até que as próprias crianças percebam que, se cada um utilizar um modelo de medida, as pessoas não conseguirão se entender a respeito da dimensão dos locais, altura e largura de coisa, altura de pessoas, etc.

Medidas é um tema comum à área de Matemática, porém, nesse primeiro momento é importante somente uma introdução, ou seja, as crianças vão pensar sobre a importância de medir objetos e lugares. Em Geografia, o conceito que está sendo construído é o de proporcionalidade, uma vez que o tamanho do que

representamos não é o tamanho real do representado. Futuramente, nas séries mais adiantadas, os alunos, com esse conceito construído, reconhecerão a função da escala em um mapa convencional.

Estudo do meio

O Estudo do Meio é um grande aliado nesse processo de alfabetização cartográfica. Ele permite que o aluno conheça o espaço, o represente com desenhos, e se desdobre em outras atividades interdisciplinares de produção de texto, estudo da fauna e flora locais, utilizando medidas convencionais e não-convencionais. No caminho de casa à escola, por exemplo, é importante que os alunos observem e comparem suas próprias produções e as diferentes maneiras de representar um mesmo espaço.

O professor deve conduzir discussões no sentido de que se perceba que elementos facilitam a visualização do espaço e que elementos dificultam. Aqui, deve acontecer uma discussão sobre padronização com questionamentos como: se cada um desenhar de um modo, dá para uma pessoa que não conhece o local compreender o mapa?

Para problematizar essas questões, o professor pode trazer para a sala vários tipos de mapas e conversar com as crianças sobre o que há de diferente e o que há de comum entre eles, e também entre esses mapas e os mapas elaborados pelas próprias crianças.

Fotografia: fonte de informação

Os alunos poderão comparar o ontem e o hoje ampliando suas noções do papel do homem nas transformações dos espaços. Por meio de fotos antigas, de preferência de um lugar conhecido de todos. O ideal é que cada aluno traga uma foto, para ter diferentes visões do mesmo local, mas, se isso não for possível, o professor pode reproduzir uma foto (tipo xerox) para que cada aluno tenha uma imagem para comparar. Se os alunos puderem sair da classe e se posicionarem no local próximo de onde a foto foi tirada, a atividade será ainda mais rica.

O registro sobre as mudanças é fundamental, pois as crianças colocarão suas hipóteses e observações a respeito dessas mudanças. Nas atividades com fotografias e entrevistas (aprofundado posteriormente), é possível trabalhar conceitos das áreas de História e Geografia ao mesmo tempo, como já dissemos anteriormente. Em História, o aluno construirá o conceito de permanências e mudanças, e, em Geografia, da transformação do espaço por meio do trabalho humano atendendo necessidades sociais, culturais, políticas e econômicas.

Entrevistas

A entrevista com um funcionário antigo ou morador antigo de bairro pode ser uma experiência muito especial para a turma. Converse com seus alunos antes, para a elaboração de questões. Gravar a entrevista é um bom recurso para o registro posterior. Mas, se possível, ensaie antes com a classe para que, na hora da entrevista, a turma se preocupe com o depoente.

As respostas podem ser registradas em forma de texto coletivo. Mas se na classe já houver alguns alunos formulando o nível alfabético de escrita, a turma pode ser dividida em grupos para que funcionários diferentes sejam entrevistados.

Essa atividade é importante para que as crianças reconheçam que os espaços são modificados pelo homem, e que pessoas diferentes possuem experiências particulares na relação com os espaços.

A construção do conhecimento em geografia

Morro da favela, 1924,
óleo sobre tela, 64 x 76 cm.
Coleção Sérgio Fadel, Rio de Janeiro

A geografia é uma ciência de observação, que deve ser a habilidade mais desenvolvida com os alunos em uma experiência significativa de construção da noção de espaço.

O espaço que cerca o aluno deve ser o ponto de partida para a observação: a sala de aula, a casa, a escola, a rua da escola, os arredores... Mas não para por aí. E o espaço distante? Como pode ser percebido?

Para isso, a geografia pode contar com muitos aliados: música, fotografias, filmes, histórias em quadrinhos, diários de viajantes, matérias de jornal, pinturas, grafites, esculturas, e outros recursos podem e devem ser utilizados para que o aluno conheça outros povos, lugares, construções, etc.

Essas representações do passado e do presente podem auxiliar de diversas maneiras, mas é interessante que o professor os tenha como ponto de partida e não como recurso complementar. Ao invés de ler um texto no livro didático e complementar a informação com imagens, o professor pode primeiro levar a imagem e criar questões a respeito dela estimulando a curiosidade. Utilizando-se a obra "Morro da Favela", de Tarsila do Amaral, como exemplo, pode-se perguntar: Que lugar é esse? Quem são essas pessoas? O que estão fazendo? Como vivem? Que tipo de construção é essa? Que materiais foram utilizados na construção? Que tipo de mão-de-obra? Quanto tempo demorou? A que classe social as personagens pertencem? Que tipo de relevo é esse? As construções são próprias para esse tipo de relevo? Você conhece algum lugar que se pareça com esse da imagem? Como é?

É claro que as perguntas devem ser adaptadas à faixa etária e ao objetivo proposto. Aos poucos, o professor deve habituar seus alunos a construírem também suas próprias perguntas, levantando hipóteses próprias.

Com as informações em mãos, os alunos podem construir um texto sobre o que aprenderam e uma lista de perguntas sobre as dúvidas que permanecem. A partir delas, pode-se realizar um trabalho de pesquisa em livros, textos da Internet, enciclopédia eletrônica, comparar com outras imagens, comparar com o local onde vivem e outros procedimentos de pesquisa que se julgar necessário.

Além dos textos, os conhecimentos apreendidos podem ser organizados em álbuns de textos, desenhos, gráficos e esquemas. Cartazes, peça de teatro, jornal impresso ou falado também podem encerrar um trabalho desse gênero, que podem culminar em uma exposição. Não é necessário que todo trabalho resulte em uma exposição, mas vale ressaltar que um bom trabalho exige um tempo de planejamento, levantamento de interesse junto aos alunos, assim como das dúvidas e conhecimentos prévios trazidos por eles. Material diversificado nas diferentes etapas de pesquisa e constante avaliação do que está sendo feito são bem-vindos. Um produto final que contenha as informações apreendidas pelos alunos também é muito importante.

Enfim, conhecer a construção das noções e representações do espaço é essencial para que a reprodução de informações dê lugar a uma elaboração de conhecimento verdadeiramente significativo.

ENSINO RELIGIOSO

"A religião é uma das maneiras, mais intensa,
de trabalhar o valor do amanhã."
(Mário Sérgio Cortella)

No que se refere ao aluno:

O Ensino Religioso é uma das dez áreas do conhecimento definidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais aprovadas em 1998 pelo Conselho Nacional de Educação. A Diretriz nº. 4 afirma que: "IV – Em todas as escolas deverá ser garantida a igualdade de acesso para alunos a uma Base Nacional Comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional, a Base Nacional Comum e sua Parte Diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma curricular, que vise a estabelecer a relação entre a Educação Fundamental e: **A) Vida Cidadã através da articulação entre vários dos seus aspectos como**: a Saúde, a Sexualidade, a Vida Familiar e Social, o Meio Ambiente, o Trabalho, a Ciência e a Tecnologia, a Cultura, as Linguagens; **B) as Áreas de Conhecimento**" (Prof. Sérgio Junqueira – Curitiba/PR).

As Áreas do Conhecimento são marcos estruturados de leitura e de interpretação da realidade, essenciais para garantir a possibilidade de participação do cidadão na sociedade de forma autônoma. Cada uma das dez áreas contribui para que os estudantes compreendam a sociedade em que vivem e possam interferir no espaço e na história que ocupam, pois uma das preocupações da Educação Básica é a formação do cidadão e que os estudos que as crianças e adolescentes realizam contribuam para os estudos e o trabalho que exercerão posteriormente. Ou seja, é uma relação do presente, uma releitura do passado e uma construção do futuro (Prof. Sérgio Junqueira – Curitiba/PR).

O Ensino Fundamental tem por objetivo a formação básica do cidadão, da qual o Ensino Religioso é parte integral. O Ensino Religioso escolar é essencial para esta formação do cidadão, entretanto, são **proibidas quaisquer formas de doutrinação ou proselitismo, ou seja, a catequese, a pregação, a iniciação nos fundamentos de determinado sistema religioso,** sendo assim eliminada a alternativa do Ensino Religioso confessional.

No que se refere ao professor:

Em virtude da integração recente do componente curricular de Ensino Religioso à matriz curricular do Ensino Fundamental, faz-se imprescindível a participação dos professores na Formação Continuada em Ensino Religioso, que compreende estudos com embasamento filosófico, histórico, sociológico, antropológico, fenomenológico e ético, visando ao aprimoramento pessoal do educador e a consequente melhoria na qualidade de vida de maneira integrada.

Objetivos gerais da Formação Continuada para o professor que ministra Ensino Religioso:

- desenvolver conhecimentos para a compreensão dos valores humanos;
- aguçar a percepção para o sentido da vida;
- oferecer suporte à ação cotidiana do educador, visando à promoção de uma sociedade humana, solidária, fraterna e justa;
- contribuir para afirmação de autoimagem positiva por meio do efeito multiplicador do exemplo, de forma afetiva nas relações intrapessoal e interpessoal;
- suscitar o espírito aberto ao diálogo e a capacidade de fazer perguntas em todas as situações, exercitando a interdisciplinaridade na vida;
- exercitar o viver e o conviver em harmonia;
- fomentar no educador o gosto pela pesquisa, descoberta e organização de métodos de trabalho que aproximem educando e educador;
- estimular o aprofundamento no estudo da história das religiões, principalmente no Ensino Fundamental.

Sugestões de leitura para aprimoramento do professor		
Título do livro	**Autor**	**Editora**
Aprendendo a lidar com gente	Lucila Rupp de Magalhães	Casa da Qualidade/EDUFBA
Dicionário das Religiões	Mircea Eliade	Martins Fontes
Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa	Antônio Geraldo da Cunha	Editora Nova Fronteira
Didática de Ensino Religioso: Estrelas da Vida	Therezinha Motta L. da Cruz	FTD
Dinâmicas, Vivências e Jogos Grupais	Albigenor e Rose Militão	QualityMark
Diversidade Religiosa e Direitos Humanos	Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República	http://www.gper.com.br/documentos/diversidade_religiosa_e_direitos_humanos.pdf.
Felicidade não tem cor	Júlio Emílio Braz	Moderna
O diálogo das religiões	Andrés Torres Queiruga	Paulus
O Homem e seus Símbolos	Carl Gustav Jung	Nova Fronteira
O Poder do Mito	Joseph Campbell	Palas Athena
O suspiro dos oprimidos	Rubem Alves	Paulus
Os Direitos das Crianças segundo Ruth Rocha	Ruth Rocha	Cia. das Letrinhas
O Sagrado e o Profano: a Essência das Religiões	Mircea Eliade	Martins Fontes
Tratado de História das Religiões	Mircea Eliade	Martins Fontes
Violência Urbana (Coleção “Folha Explica”)	Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis Almeida	Publifolha

“O diálogo aproxima os homens entre si e do mundo em que vivem.
É capaz de transformá-lo e, transformando-o,
o humaniza para a humanização de todos”.
(Paulo Freire)

Considerando que a educação é sempre uma atividade intencional, a ser medida pela referência a uma finalidade ou projeto, ela configura práticas sociais movidas por interesses inerentes à cultura, felicidade dos indivíduos e sobrevivência da espécie humana.

“Tudo o que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e viver [...]”
(Leonardo Boff)

Kant, um dos mais influentes filósofos da modernidade, postula que ***o homem é a única criatura que precisa ser educada, entendendo educar por cuidar de sua infância*** (Kant, 1996), tanto para defendê-la do mau uso de sua liberdade instintiva quanto para guiar e instrumentalizar o bom uso da liberdade, medido pelo benefício que vier a causar, frente ao mais razoável e prudente, ao bem-estar em seu modo de viver e conviver.

Quais seriam as tarefas da educação hoje, quando as diretrizes educacionais têm como fundamento principal “formar o cidadão?

O que significa formar um cidadão, entendendo este como alguém que possui direitos, isto é, que se define pelo “direito de ter direitos? Como uma educação pode conferir ao educando o direito de ter direitos? O que poderá ser educar o cidadão, quando seu ambiente de vida é o do truncamento, às vezes, violento, da experiência democrática de vida? Se, além do cidadão, caso se queira educar a “pessoa”, pautando-se por valores de dignidade e liberdade humana, que compromissos éticos precisam ser assumidos educacionalmente?

Em seu trabalho cotidiano, os educadores deparam com problemas práticos que demandam compreensão de questões de fundo. Por exemplo: o que é necessário hoje para promover a autonomia do aluno?

O ideal da “autonomia” dos indivíduos, pelo menos quanto a seu pensamento crítico e criativo, tem-se tornado um valor universal da educação. Como tem sido codificado esse ideal de autonomia nos currículos e normas escolares? Se todo processo cognitivo resulta em construção coletiva, em que sentido ainda assim é preservada alguma autonomia individual, mesmo quando autonomia limitada ao pensamento?

Enfim, o problema da educação é o problema do homem, sua realização e crescimento, sua vida pedindo mais vida. Para tanto, é necessário que se discutam e se criem meios e ambientes adequados, que se reflita sobre fundamentos, métodos e propostas para educação das crianças com a finalidade de atingirmos os objetivos almejados.

Então, estimular o pensamento nas crianças, desde seu contato com o ambiente escolar e o universo simbólico em geral tem sido considerada uma opção educacional com razoável consenso entre educadores contemporâneos, herdeiros dos ideais de uma educação democrática e emancipadora.

Segundo Cunha, o ensino da filosofia tem sido caracterizado, em toda sua tradição, por trabalhar com as questões do pensamento, não só do pensamento dos valores e crenças legitimados como científicos ou como filosoficamente estabelecidos, mas também do pensamento cotidiano carregado de valores e crenças, existencialmente associados à experiência de vida compartilhada. Ora, o compartilhamento de experiências de vida constitui o fato filosófico primeiro, na medida em que é compartilhando significados que formamos nossas crenças e valores.

As crianças, desde a educação infantil, já vivem suas primeiras experiências de vida de compartilhamento de um universo simbólico, composto por significados, crenças e valores. Vão com esse universo, formando suas primeiras imagens de si mesmas e do mundo que as rodeia. Diz-se que formam seus primeiros conceitos abstratos, a partir de noções de ordem emotiva, articulando sensações e sentimentos. Firmam os primeiros traços sociais de seu caráter socioemocional, o qual poderá servir de base para seu caráter moral (Cunha, p. 18, 2002).

Várias questões do pensamento já são colocadas para as crianças desde a educação infantil. O estado de espanto, maravilhamento ou dúvida que elas podem experimentar é semelhante ao de filósofos calejados em seu treino metódico de fazer reflexão e crítica filosóficas. Isso já bastaria para se considerar válido o ensino de filosofia às crianças desde a educação infantil. Acrescente-se a validade educacional de se desenvolverem habilidades, sempre mais aprimoradas, de pensamento rigoroso em cada contexto, mais aberto democraticamente tanto à sua afirmação quanto contestação. Isto é importante educacionalmente, porque se quer formar cidadãos autônomos quanto ao exercício do pensamento crítico e criativo.

Ainda segundo Cunha, deve-se privilegiar a questão do pensamento do “cuidado”.

> O cuidado atento e permanente é condição da investigação em geral, mas o cuidado com as emoções e julgamentos emotivos tem sido pouco tematizado, tanto no ensino de filosofia, quanto em práticas de educação para o pensar. Ora, o pensamento cuidadoso é o único que pode dar conta da fragilidade intrínseca dos valores, por mais nobres que sejam, como o da verdade ou justiça, por ser ele capaz de enxergar os ambientes nos quais estes se instalam com maior ou menor facilidade. Os contextos socioemotivos da formação de hábitos e inculcação de valores, sejam ou não democráticos e emancipativos, constituem um foco para onde dirigir o pensamento cuidadoso e as questões que a ele são endereçadas.
>
> Neste sentido, o pensamento cuidadoso é considerado a base para a prática filosófica do diálogo entre emoções e razões. E as crianças são ainda muito sensíveis a questões que envolvem o cuidado, pois seu interesse pela significação de tudo ainda é virgem, no sentido de ainda não-viciado por pré-julgamentos e outros hábitos mentais.

A proposta, então, é que a filosofia com as crianças deva retirar seus principais temas e suas principais questões a partir do pensamento que exercita o cuidado. Tanto o cuidado acerca de ideias e emoções, quanto o cuidado a respeito da influência dos contextos de significação. Estes contextos, por ambientarem socioemocionalmente as interações sociais, condicionam atitudes subjetivas e intersubjetivas, responsáveis pelo compartilhamento de sentimentos básicos – os do amor, medo, raiva, tristeza e alegria – e, até mesmo, de sentimentos mais complexos, como confiança, amizade, coragem, respeito, justiça e verdade.

Deste modo, o filosofar com as crianças permite que elas construam significados enquanto formam a consciência de si, mobilizando simultaneamente elementos dos domínios afetivo e cognitivo. Habilidades de diálogo e pensamento vão consolidando, de um lado, competências crítico-reflexivas sensíveis a critérios de verdade ou justiça e, de outro lado, competências interpretativas sensíveis tanto aos contextos socioemocionais particulares, quanto a generalizações baseadas em conceitos progressivamente mais abstratos.

Pretende-se que esta sensibilidade para o pensamento abstrato que vai se desenvolvendo pouco a pouco, seja alimentada com questões e diálogo entre os pontos de vista diferentes, sendo o fio condutor do aprimoramento das competências de julgamento e escolha, base para o exercício da liberdade e cidadania.

O pensamento é a atividade humana pela qual se produzem ideias e valores. Com isso, são construídas as crenças e normas, que regulam o comportamento e costumes de cada grupo humano. Por meio de ideias e valores, justificamos essas crenças e normas, disciplinando e formando as novas gerações.

É importante que tenhamos claras quais competências e habilidades devemos esperar das crianças / adolescentes ao final de cada etapa (fase inicial, fase complementar e fase final), de forma que possamos traçar metas precisas e objetivas em nosso trabalho. Sendo assim, buscamos que, no decorrer do Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano, os alunos sejam estimulados a:

- desenvolver o espírito de participação, por meio do diálogo, aprofundando as motivações para a autêntica autonomia;
- descobrir sozinho formas de resolver situações-problema do cotidiano escolar, refletindo sobre ações corriqueiras;
- participar do estabelecimento de regras que lhes afetam diretamente, exprimindo suas opiniões até que se coordenem os pontos de vista para o estabelecimento de regras comuns;
- valorizar o diálogo, como a forma de resolver conflitos de maneira eficaz e, principalmente, inteligente;
- entender as normas coletivas e interiorizar valores humanos por meio do convívio para além do mundo familiar;
- atuar de forma cada vez mais independente, percebendo-se agente transformador do meio ambiente;
- conhecer e compreender os diferentes significados dos símbolos religiosos na vida, na convivência com as pessoas e nos grupos sociais;
- perceber que os símbolos religiosos expressam a ideia do Transcendente de maneiras diversas nas diferentes tradições religiosas, respeitando-os;
- compreender que sua identidade religiosa se constrói em reciprocidade com o outro;
- perceber o valor da reverência ao Transcendente, que é Um só e expresso de maneiras diversas pela simbologia religiosa e com diferentes nomes;
- adotar no dia a dia atitudes baseadas nos valores éticos, de solidariedade, de cooperação, de tolerância e de repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- conhecer os elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no próprio contexto social (familiar e escolar);
- analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais;
- compreender o direito à diferença na construção de estruturas religiosas que têm na liberdade o seu valor inalienável;
- refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano;
- formular questionamentos existenciais, em profundidade, dando respostas adequadas embasadas nas informações obtidas;
- perceber que as representações do Transcendente de cada tradição religiosa se constituem no valor supremo de uma cultura;
- desenvolver seu espírito de participação adquirindo critérios para a formação de seus juízos de valores e aprofundando as motivações para a autêntica cidadania;
- eleger critérios de ação pautados na justiça, detectando e rejeitando a injustiça quando ela se fizer presente, assim como criar formas não violentas de atuação nas diferentes situações da vida;
- conduzir-se coerentemente por determinadas regras, legitimadas por convicção de princípios de que estas regras representam valores universais;
- compreender o significado das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas;
- compreender o sentido da História e da origem da *palavra sagrada* na história das tradições religiosas;
- relacionar a história das tradições religiosas com as práticas religiosas significantes para os diferentes grupos sociais;
- compreender as representações do Transcendente, na Tradição Religiosa, como valor supremo de uma cultura e expressão de sua relação com Ele;
- entender a fundamentação das diferentes crenças em seu contexto sociocultural;
- refletir sobre o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano.

Desse modo, no Plano de Curso Anual de Ensino Religioso do Ensino Fundamental, priorizamos o **diálogo** como recurso indispensável e que deverá permear todas as atividades propostas. Partindo da observação e reflexão, a criança/adolescente aperfeiçoa sua percepção e expressa verbalmente suas impressões sobre o mundo que a rodeia, opinando, questionando, criticando.

As orientações / sugestões que seguem têm como objetivo contribuir no planejamento de situações didáticas que favoreçam a construção das competências esperadas. Vale ressaltar que o professor deve adequar as atividades sugeridas de acordo com as experiências, a faixa etária e o ano de escolaridade de seu grupo-classe.

Diálogo / Linguagem oral / Pesquisa

"O sorriso fala todas as línguas."
(Vivian Magalhães, co-autora, com Vanessa Amorim, do livro Cem Aulas Sem Tédio *- Sugestões Práticas, Dinâmicas e Divertidas).*

Durante as atividades sistematizadas, promover situações que ofereçam oportunidades de reflexões dialogadas, favorecendo as trocas entre os alunos e turmas contribuindo para que haja maior entrosamento e aperfeiçoamento das relações interpessoais.

Cultivar diariamente o hábito do diálogo sobre assuntos diversos, tanto os sugeridos pelos alunos como os selecionados criteriosamente pelo professor que se coloca para escutar afetivamente as crianças/adolescentes e incentivá-los na escuta respeitosa aos relatos e opiniões dos companheiros. Elucidações e comentários, por parte do professor, aprofundando os pontos de vista relatados e mediando situações polêmicas para que não haja discriminações de qualquer natureza sobre o assunto exposto.

Relatos dos alunos de situações que presenciaram, por exemplo, que envolveram preconceito, injustiça, discriminação.

Com seis, sete anos, a criança adora imitações, assim podemos aproveitar e proporcionar um momento de descontração, mas com muita informação com a dinâmica dos animais. Durante a atividade, o professor vai acrescentando informações sobre os animais escolhidos, perguntando às crianças o motivo da escolha e conscientizando-as de que todos os animais são importantes para o equilíbrio ecológico.

- A primeira criança vai pensar em um animal de que não gosta, imitá-lo e os outros vão tentar adivinhar qual é o animal.
- Outra criança continua, sendo que o animal já escolhido não poderá ser repetido (lembrar as crianças que aves, répteis, anfíbios, mamíferos, peixes, insetos são animais).

Conversa informal com mostra de fotos de crianças com fome (do Nordeste, da África, por exemplo), pode ser um bom recurso para despertar para a compaixão com o sofrimento do outro. Para as crianças do 4º e 5º ano de escolaridade, solicitar a coleta das fotos individualmente. No dia marcado para a entrega das fotos, organizar a classe em grupos, juntar todas e distribuí-las igualmente entre os grupos formados. Cada grupo deverá analisar as fotos recebidas e produzir uma história coletiva levando em consideração o que demonstram as mesmas. Finalizar com a confecção de um álbum, com as respectivas fotos, cujo nome deve ser escolhido pelos alunos.

Apresentação de filmes que abordam questões sociais, valores universais, histórias dos povos indígenas / africanos, para análise em grupo. *Kiriku e a feiticeira* é um ótimo exemplo de filme que aborda costumes dos povos africanos.

O uso de filmes ou histórias, bem selecionados e com temas que favoreçam a discussão, gera uma riquíssima reflexão dialogada, principalmente se cada criança / adolescente for incentivado a formular perguntas, a dar opiniões e a fazer suas críticas sobre o tema abordado. Para culminância do trabalho com a história ou o filme selecionado, a montagem de uma dramatização pode ser bem proveitosa e de preferência que cada criança /adolescente escolha qual personagem prefere desempenhar. Caso mais de uma criança / adolescente queira o mesmo personagem, quando único, estimular que o grupo dê sugestões para resolução da situação e a sugestão de consenso deverá prevalecer. Pretende-se o tempo todo favorecer a **participação efetiva** do aluno em todo o processo.

O diálogo nas rodas de conversa sobre as preferências, as necessidades, os desejos, os sentimentos pode gerar um trabalho de reflexão sobre as diferentes preferências e características das pessoas. O importante é que a criança perceba que as pessoas têm diferentes atitudes frente às mesmas questões e tenha oportunidade para opinar, argumentar, enfim, expressar-se.

Propomos, ainda, a pesquisa na sala sobre os gostos / preferências de cada criança em relação aos programas televisivos, aos times de futebol, às cores, aos animais de que mais gostam, etc. A partir desse levantamento, formar uma roda de conversa e fazer perguntas que permitam abordar a diversidade existente entre as pessoas, ressaltando a riqueza dessa diversidade, pois seria muito monótono se todos usassem os mesmos tipos de roupas e cabelos, gostassem das mesmas cores, torcessem pelo mesmo time de futebol, assistissem ao mesmo programa de televisão, etc.

Desse mesmo levantamento de preferências, outra atividade pode ser realizada se abordarmos os programas televisivos infantis, direcionando o diálogo com perguntas de tal forma que as crianças percebam aspectos positivos e negativos dos temas veiculados pela televisão: incentivo ao consumo de produtos desnecessários; culto à aparência em detrimento do caráter; uso habitual / abusivo de bebidas alcoólicas no cotidiano das telenovelas e propagandas; banalização do uso de medicamentos; estímulo à sexualidade; perfil de herói como "justiceiro", ou seja, *olho por olho, dente por dente*; programas de humor que promovem a violência (pegadinhas, torta na cara, humilhações, etc.).

Aproveitando o tema sobre a mídia televisiva, propor a montagem de uma dramatização referente a uma determinada propaganda, que pode ser escolhida pelo grupo ou selecionada pela professora desde que os alunos conheçam. Após a dramatização, analisar a mensagem subliminar da propaganda junto com os alunos, como por exemplo, a propaganda da doação de órgãos (cachorrinho percebe que o homem que passou em frente ao portão teria recebido algum órgão de seu dono, aparentemente o coração, pelo que a mensagem sugere). Discutir os aspectos positivos e negativos das propagandas e a força de convencimento que têm, estimulando ao consumo ou convencendo passivamente a pessoa sobre algo, sem nenhuma reflexão ou crítica.

A montagem de um painel (papel grande) dividido pela metade, de um lado "O que me deixa feliz" e do outro lado "O que me deixa triste", pode ser uma excelente oportunidade para trabalhar com a ideia do Transcendente. Os alunos vão falando o que lhes deixam felizes e a professora registra de um lado. Procede-se da mesma maneira em relação ao que lhes deixam tristes, registrando do outro lado. Para finalizar, a professora pode mediar uma reflexão sobre as semelhanças e diferenças do que lhes deixam felizes / tristes e as reações que estes sentimentos provocam em cada um.

Também, por meio de discussão dialogada, promover dinâmica, com a montagem de painel em grupo ou individual, com figuras recortadas de revistas, de acordo com os desejos, as necessidades básicas e o que já se tem (mas não se valoriza), como no exemplo seguinte. A seguir, promover uma reflexão sobre o que realmente é importante para sermos felizes.

O tema ainda possibilita a discussão sobre o consumismo desenfreado nos dias atuais e a necessidade urgente da reutilização / reciclagem de materiais, inclusive para a construção de brinquedos artesanais.

EU DESEJO	**EU PRECISO**	**EU TENHO**
CARRO DINHEIRO VIAGEM	SAÚDE ALIMENTAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA LAR	SAÚDE ALIMENTAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA LAR

Ainda sobre o tema "felicidade", podemos aproveitar o poema abaixo, criando com as crianças / adolescentes outras rimas.

Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz!

Passarinho na janela,
pijama de flanela,
brigadeiro na panela.

Gato andando no telhado,
cheirinho de mato molhado,
disco antigo sem chiado.

Pão quentinho de manhã,
dropes de hortelã,
grito do tarzan.

Tirar a sorte no osso,
jogar pedrinha no poço,
um cachecol no pescoço.

Papagaio que conversa,
pisar em tapete persa,
eu te amo e vice-versa.

Vaga-lume aceso na mão,
dias quentes de verão,
descer pelo corrimão.

Almoço de domingo,
revoada de flamingo,
herói que fuma cachimbo.

Anãozinho de jardim,
lacinho de cetim,
terminar o livro assim.

Otávio Roth – Editora Ática

A partir do 5º ano de escolaridade, o Ensino Religioso já deve enfatizar a **observação, reflexão e informação** no respeito à diversidade cultural / religiosa do Brasil. Então, promover uma conversa dirigida sobre a "imposição" do cristianismo aos índios e aos africanos, pelos colonizadores portugueses, pode ser um bom começo para a compreensão do porquê do preconceito com as tradições religiosas de matriz africana e de matriz indígena.

Numa *roda de conversa* com o objetivo de conhecer os alunos, diminuir a timidez e favorecer que todos se coloquem, formular questões (tendo a preocupação de que todos respondam pelo menos uma das perguntas, nesta atividade o ideal é que ninguém deixe de participar), como:

- Se você fosse uma casa, como gostaria de ser?
- Que presente você gostaria de dar e para quem?
- Que presente você gostaria de ganhar e por quê?
- Se você fosse uma fada ou um mágico, que mágicas gostaria de fazer?
- De todos os natais que você vivenciou, qual foi o mais marcante – aquele de que você tem saudade – e por quê? (normalmente, nesta pergunta a criança não fala do brinquedo que ganhou, mas de algum momento especial com uma pessoa querida, então o professor pode acrescentar que o importante de verdade é o carinho recebido de quem amamos e não os brinquedos caros que ganhamos). Infelizmente, nos dias atuais, as crianças têm tão poucos momentos de lazer junto aos familiares mais queridos que é bastante provável que muitos não tenham sequer esses momentos para lembrarem.

No 6º ano de escolaridade, as pesquisas sobre líderes que mudaram a história da humanidade de sua época podem ser muito importantes para promover discussões sobre valores universais, ética e responsabilidade social.

Também é um bom momento para sugerir aos alunos a elaboração de uma lista de valores que consideram importantes para nortear as atitudes das pessoas. Seria interessante que os alunos já tivessem trabalhado com atividades que envolveram os nomes de alguns valores, ou, então, o professor apresenta uma lista de onde os alunos poderão identificar os que consideram relevantes. Solicitar que cada aluno classifique os valores listados por ordem de relevância para si mesmo. Organizar a classe em grupos, entregando para cada grupo um provérbio / pensamento que aborde o tema valores, como nos exemplos abaixo. No grupo, deverão discutir e socializar o pensamento e a conclusão dos valores realmente indispensáveis para a boa convivência.

As frases célebres / pensamentos / provérbios podem servir como boas reflexões em dinâmicas. O pensamento ou provérbio é dividido em frases (de maneira que fique com duas partes cada pensamento) e distribuído aleatoriamente entre os alunos que deverão achar seus pares, ler, refletir, discutir e socializar.

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião.
Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar."
(Nelson Mandela)

"Há duas maneiras de viver a vida: Uma, é como se nada fosse milagre. A outra, é como se tudo fosse milagre."
(Albert Einstein)

"O futuro não é um lugar aonde estamos indo, mas um lugar que estamos criando.
O caminho para ele não é encontrado, mas construído e o ato de fazê-lo muda tanto o realizador quando o destino."
(Antoine de Saint-Exupery)

"Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível."
(Francisco de Assis)

"Se um dia tiver que escolher entre o mundo e o amor... Lembre-se:
Se escolher o mundo, ficará sem o amor, mas se escolher o amor, com ele conquistará o mundo!"
(Albert Einstein)

A partir do 7° ano de escolaridade, os alunos têm muito interesse por novidades e palavras novas. Então, pode ser um excelente momento para sugerir uma pesquisa sobre a origem – etimologia – de algumas palavras. Para motivá-los ainda mais, mostrar que a palavra *companheiro*, por exemplo, teria sua origem "*com pão*", pois as pessoas se reuniam em volta da mesa e dividiam o pão; a palavra *entusiasmo* seria "*deus dentro de você*"; já as palavras *acordar, coração e coragem* teriam a mesma origem em "*cor – dar cor*"; e a origem da palavra *promessa* seria a divindade grega "Prometeu" cujo nome significaria "*aquele que vem antes*".

O dicionário etimológico, Dentro do Dentro (Mercuryo), de Manoel Whitaker Sales, é um divertido livro de histórias que explica o significado de 101 palavras, bem como as alterações que algumas delas sofreram ao longo dos tempos. A partir dessa leitura, é possível descobrir, por exemplo, que a palavra "trabalho" vem do latim medieval *tripalium*, um instrumento de tortura da época. E que "deletar" – ao contrário do que pensamos – não é um neologismo, originado do inglês. Veio do latim *deletare*, que significa "apagar" (Monique dos Anjos) http://super.abril.com.br/superarquivo/2003/conteudo_295018.shtml

No 8º e 9º ano de escolaridade, já é possível utilizar o **júri simulado** para o debate envolvendo temas polêmicos, mas do cotidiano, como: programas televisivos com mensagens subliminares; consumismo exacerbado; culto à aparência, promovendo a busca excessiva de cirurgias plásticas; pena de morte; sistema de cotas para negros na Universidade; doação de órgãos; eutanásia; sexualidade (aborto, gravidez precoce, violência sexual); adoção de crianças brancas em detrimento das negras; guerra; preconceito (pré-conceito, julgamento sem aprofundamento); assistencialismo (o ideal seria: *dar o peixe ou ensinar a pescar?*); uso de bebidas alcoólicas desde a adolescência; exercício pleno da cidadania; conceito de herói (justiceiro, violento, pacificador?).

Como nessa faixa etária (9º ano), os alunos estão muito interessados em temas que abordam a sexualidade, propor uma pesquisa em grupo sobre como as diferentes tradições religiosas tratavam questões sexuais, tabus. Será uma descoberta muito interessante para os alunos se pesquisarem sobre os povos mais antigos, como Roma Antiga, onde, segundo pesquisadores, o sexo era tratado como qualquer outro assunto do cotidiano sem esses tabus que criamos, de sequer pronunciar "pênis", pois parece até ofensa. Ressaltar que, ao tratar desses assuntos, o professor deve estar bem preparado porque certamente deverá mediar algumas situações que surgirão no decorrer das discussões.

Para aprofundar as reflexões e discussões, provocar os alunos com questões como:

- Quais as semelhanças e as diferenças entre a Inquisição e o Holocausto?
- Por que no calendário que usamos cada dia do ano é atribuído a um santo católico?
- Qual a diferença entre ateu e agnóstico?

Enquanto os ateus negam a existência de Deus, os agnósticos alegam a impossibilidade de provar a existência – ou não – de Deus. Embora existam relatos de povos primitivos que não acreditavam em nenhum deus, a expressão ateísmo (que significa, em grego, a negação de Deus) foi cunhada no final do século 16, época da Inquisição. "Pode-se afirmar que o ateísmo é subproduto da Inquisição. Quando a Igreja católica quis suprimir toda e qualquer dissidência, seus métodos inquisitoriais levaram à formação de um judaísmo clandestino e às primeiras declarações de secularismo e ateísmo na Europa", afirma Armando Araújo Silvestre,

cientista da religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. Já a expressão agnosticismo ("deus desconhecido", também em grego) é mais recente e atribuída a T. H. Huxley, cientista inglês do século 19.

Ele elaborou essa expressão para descrever seu próprio estado mental, não para negar totalmente Deus, mas para expressar dúvida quanto à possibilidade de atingir o conhecimento e para protestar ignorância a respeito de um grande número de coisas, diz Silvestre (Deus em Xeque – Marina Motomura). http://super.abril.com.br/superarquivo/2003/conteudo_295047.shtml

Há ainda outras teorias para tentar explicar o ateísmo. Alguns autores afirmam que também são ateus os pertencentes a alguma religião, mas não são praticantes da mesma. Por fim, há ainda o grupo vinculado ao ateísmo moderno, ou seja, aqueles que acreditam em Deus, mas não possuem vínculo com nenhuma religião ou grupo religioso (HEERDT. Mauri Luiz, BESEN. José Artulino e COPPI. Paulo De. **O Universo Religioso: as grandes religiões e tendências religiosas atuais**. São Paulo: Editora Mundo e Missão, 2005.).

Alguns alunos têm muita timidez e não questionam mesmo que tenham dúvidas, então sugerimos implantar uma "caixa de dúvidas" que o professor deve ler em casa, até para melhor entender cada questionamento, e responder na próxima aula sem identificar o nome do aluno.

Contação de histórias: uma arte antiga

"Ah, como é importante na formação de qualquer criança ouvir muitas histórias [...]
Escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor,
e ser leitor é ter todo um caminho de descobertas
e de compreensão do mundo, absolutamente infinito [...]"
(Luiz Vilela, 1995/UNISANTA – Curso de Formação de Contadores de Histórias: Blá Blá Blá...)

Efetivamente, deve ser a história contada a primeira manifestação artística surgida depois da linguagem articulada, por causa dos poucos elementos e materiais de que precisa: em princípio, somente o domínio da oralidade expressiva.

Um contador de histórias, em todo tempo e lugar, encontrou quem o escutasse. Nas sociedades tribais primitivas, essa atividade não possuía uma finalidade exclusivamente artística: tinha um caráter funcional decisivo, pois os contadores de histórias eram os que conservavam e transmitiam a história e o conhecimento acumulado pelas gerações, as crenças, os mitos, os costumes e valores a serem preservados pela comunidade. Durante séculos, foi por meio da realidade que a cultura popular se manteve, sem pergaminhos ou iluminuras, mas memória viva.

Como atividade artística, com normas e técnicas passíveis de serem transmitidas a todos, a prática de contar histórias se desenvolveu no fim do século passado, sobretudo nos países nórdicos, anglo-saxões e, posteriormente, nos latino-americanos. Essa prática se estendeu e ainda hoje aparece reduzida a um tempo cronológico, "a hora do conto", nas escolas e bibliotecas.

A narração oral é uma forma de comunicação que se alimenta da história e da ficção, integrando a palavra aos gestos. É nesta economia de recursos que está a força de sua expressão: o ouvinte forma com o contador de histórias as duas faces de uma unidade, pois ele deve recriar na sua imaginação o que lhe contam, com isso, transforma emissão em recepção, conformando a mensagem.

O contador de histórias também se forma: é aquele que conhece as técnicas para narrá-las por tê-las aprendido de maneira expressa e voluntária e deve possuir, além disso, domínio do idioma e base cultural sólida, isto é, perceber a complexidade do medo, as diferentes manifestações da cultura e poder expressá-la em uma imagem fluida, ágil e densa para seus ouvintes. Por esta razão, o contador de histórias tradicional é uma pessoa vivida. Ou, no caso contemporâneo, atrás de toda narração de contos se encontra um perfil básico e essencial: um grande leitor.

SILVA, Betty Coelho. **Contar histórias – uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.

Contos de Fada

Os contos de fadas antecedem em muito a Literatura Infantil. Como se pode observar pelo trabalho dos irmãos Grimm, essas narrativas pertenciam ao folclore, transitando entre as camadas pobres da população até o final do período medieval. É com o advento da Idade Moderna que surgem as primeiras adaptações para a infância dos contos populares que fazem sucesso entre o público adulto. Dá-se, então, o surgimento da Literatura Infantil como gênero literário, que se organiza no momento em que a criança passa a ocupar um lugar de destaque no cenário familiar, com o advento da Revolução Industrial.

São, portanto, as transformações que ocorrem na estrutura da família moderna responsáveis pela atenção fundamental com a infância que se delineia desde então. Como no mundo capitalista impera a livre iniciativa e a concorrência, é necessário instrumentalizar os jovens para que se tornem adultos de sucesso. Apostar na educação dos mesmos é, portanto, uma das metas prioritárias dos pais. Dessa forma, há uma preocupação específica com a educação da infância, que gera, por sua vez, um cuidado especial com todos os materiais culturais à disposição das crianças e, entre esses materiais, está o livro. Os adultos começam a perceber a necessidade de se oferecer às crianças textos adequados à sua compreensão e experiência de mundo. E a adaptação do acervo existente surge como a solução mais razoável. São adaptados textos folclóricos (lendas, mitos, cantigas, contos de fadas, etc.) e clássicos que têm em Hans Christian Andersen o autor mais famoso.

As narrativas que vão conquistar maior sucesso com o público são os contos de fadas, que se convertem em sinônimo de literatura infantil e ditam os parâmetros do gênero confundindo-se, inclusive, com a própria categoria literária.

A adaptação dessas histórias populares para a infância atende a um objetivo bem preciso: a educação das novas gerações. Os textos oferecidos ao público infantil, compromissados com a educação da criança, são veículos dos valores da burguesia emergente aos pequenos leitores, visando à sua integração social pela incorporação desses mesmos valores, como por exemplo, a valorização do casamento monogâmico. A análise sociológica dos contos de fadas é reveladora nesse sentido. Contudo, o entusiasmo que os contos de fadas suscitam nas crianças do mundo inteiro não pode ser explicado por seu caráter pedagógico, apenas. Pensando assim, *Bruno Bettelheim* propõe analisá-los com o intuito de averiguar que extraordinária magia atrai os pequenos para essas narrativas. Descobre as imensas possibilidades de apreensão e reelaboração do universo por meio da simbologia dos contos de fadas (Os três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, João e o Pé de Feijão, Branca de Neve, A Bela Adormecida, Cinderela etc.). Todos os conflitos humanos ali circulam e são resolvidos pela fantasia, fazendo-a perceber que os problemas existem, mas que eles devem ser enfrentados e podem ser sempre solucionados.

Todos os ingredientes que compõem as narrativas (com a multiplicação de situações, a ênfase na solução dos problemas, a riqueza das ações, a ordenação de um mundo variado, em que diferentes temperamentos convivem) promovem o alargamento vivencial das crianças, incitando-as a participarem das aventuras e buscarem respostas. Contudo, é importante salientar que o nível de compreensão infantil é respeitado e a fantasia, presente nas histórias, não representa fuga do real, mas justamente a forma mais apropriada para a percepção da criança.

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filha, etc.), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes, etc.). A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando volta ao real. Valendo-se dessa estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial do imaginário infantil e, de outro, transmitem à criança a ideia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo.

A riqueza do material simbólico que tem em mãos faz com que *Bettelheim* insista nas advertências sobre o perigo das adaptações, mal feitas, dos textos, que podem privá-los da sequência de ações, características de personagens e detalhes do ambiente. Cada elemento tem, nos contos, uma profunda carga significativa que, uma vez retirada, empobrece a totalidade da narrativa e as possibilidades de compreensão do leitor ou ouvinte.

Bruno Bettlheim salienta, ainda, a importância dos adultos, contarem histórias de fadas para as crianças para maior aproximação afetiva. Ao narrar as peripécias repletas de magia de que se compõem os contos, estão entrando no jogo infantil e deixando a mensagem de que o aceitam como ele é, respeitando a forma de raciocínio mágico dessa faixa etária.

Assim entendidos, os contos de fadas funcionam como agentes emancipadores, capazes de projetar o leitor ou ouvinte para além do universo cotidiano, criando a vida como ainda pode ser vivida. Por isso, seu caráter educativo, em sentido amplo, é resgatado.

(Vera Teixeira de Aguiar, 1995/UNISANTA – Curso de Formação de Contadores de Histórias: Blá Blá Blá...)

Sugerimos um trabalho com **histórias contadas**, como nos primórdios da humanidade. Então, alguns aspectos têm que ser observados àquele que se propõe a realizar um bom trabalho como contador de histórias:

- Conhecer a história (ler mais de uma vez) e de preferência ter sentido algo especial (gosto pessoal), ou seja, ter uma motivação para contá-la às crianças, e também para vislumbrar as possibilidades que a narrativa apresenta para o trabalho do professor.
- A duração da história deve estar adequada para o público-alvo em questão: faixa etária, interesses, experiências, etc.
- O narrador deve ter cuidado com o olhar, a voz e a imagem. É fundamental olhar as crianças no olho, durante a contação, mas por pouco tempo para não intimidar; a voz, elemento fundamental da narração, deve ser impecável, pronunciando-se todas as palavras, com pausas necessárias, tons adequados ao ambiente e história narrada, entonações e inflexões pertinentes enriquecem a narração, por exemplo, na troca de personagens; a imagem é o primeiro ponto de comunicação com o público, portanto, deve-se cuidar da maneira de sentar-se, os gestos (que, como a voz, podem caracterizar a troca dos personagens), vestimentas, etc. É interessante fazer alguns ensaios na frente do espelho, para os iniciantes na contação de histórias. Alguns contadores alertam que as histórias não devem ser decoradas ao pé da letra (porque destrói a naturalidade, tão importante nesse trabalho), pois o narrador conhecendo-a pode enriquecê-la. A espontaneidade e a naturalidade geram no ouvinte a credibilidade necessária para se envolver com a situação narrada.
- Dependendo do objetivo (recreação, percepção do mundo ao seu redor, incentivo à leitura, formação do leitor, integração cultural com as diferentes visões de mundo, informação, veiculação de valores, análise e interpretação de texto, ou mesmo como terapia lúdica já utilizada, hoje, em hospitais, etc.), pode ser motivador fazer uma roda de conversa antes da contação da história, explicando por que escolheu a história, comentando sobre o autor, o título e a origem (se for possível). Se tiver o livro, mostrar a capa e estimular os alunos a formularem perguntas sobre a história a ser contada, sem revelar o final.

Em suma, a contação de histórias além de proporcionar sensação de prazer, relaxamento, bem-estar, também informa, desenvolve as habilidades de saber ouvir, concentrar-se, favorece a criatividade por meio do imaginário, estimula a leitura e, ainda, como alguns estudiosos já comprovaram, equilibra as emoções ajustando sentimentos de medos, de frustrações, de dúvidas. Como se pode perceber, com um recurso tão “simples”, consegue-se um trabalho muito proveitoso e tão significativo para as crianças. Então, vamos nos valer desse recurso tão rico e tão pouco explorado, adequadamente, para formar leitores críticos e autônomos.

Para estimular o debate sobre o sofrimento de animais aprisionados (circos, rodeios, gaiolas, etc.), sugerimos uma leitura simples e bem popular, mas que pode auxiliar na sensibilização para tratar do tema em questão.

O elefante acorrentado

Prof. Damásio de Jesus

- Você já observou elefante no circo?

Durante o espetáculo, o enorme animal faz demonstrações de força descomunais. Mas, antes de entrar em cena, permanece preso, quieto, contido somente por uma corrente que aprisiona uma de suas patas a uma pequena estaca cravada no solo. A estaca é só um pequeno pedaço de madeira. E, ainda que a corrente fosse grossa, parece óbvio que ele, capaz de derrubar uma árvore com sua própria força, poderia, com facilidade, arrancá-la do solo e fugir. Que mistério!!!

- Por que o elefante não foge? - Perguntei a um amestrador e ele me explicou que o elefante não escapa porque está amestrado. Fiz então a pergunta óbvia:

- Se está amestrado, por que o prendem? Não houve resposta! Há alguns anos descobri que, por sorte minha, alguém havia sido bastante sábio

para encontrar a resposta: o elefante do circo não escapa porque foi preso à estaca ainda muito pequeno. Fechei os olhos e imaginei o pequeno recém-nascido preso: naquele momento, o elefantinho puxou, forçou, tentando se soltar. E, apesar de todo o esforço, não pôde sair. A estaca era muito pesada para ele. E o elefantinho tentava, tentava e nada.

Até que um dia, cansado, aceitou o seu destino: ficar amarrado na estaca, balançando o corpo de lá para cá, eternamente, esperando a hora de entrar no espetáculo. Então, aquele elefante enorme não se solta porque acredita que não pode. Jamais, jamais voltou a colocar à prova sua força.

Música

"A música gera um tipo de prazer sem o qual a natureza humana não pode passar."
(Confúcio)

A força da música é de tal forma envolvente, que provoca profundas emoções nos seres humanos – é tocada nos casamentos para nos dar alegria, em filmes de terror e de guerra para induzir medo ou suspense, em casa para provocar felicidade, descontração, relaxamento, funcionando como uma forma de terapêutica – e já foi demonstrado que a ligação entre a música, o corpo e a alma melhora a saúde tanto física como mental.

(Educação musical: os benefícios para as crianças – Edward Droscher, http://palcoprincipal.clix.pt/artigos/Artigo/educacao_musical_os_beneficios_para_as_criancas).

A importância da música para a criança é evidente e indiscutível. O cantar é praticamente natural para ela. O cantar é a bagagem que toda criança traz desde bebê, quando escutava as cantigas de ninar na voz dos pais ou outros familiares. Em toda a história humana, a música sempre foi utilizada, principalmente em rituais das primeiras civilizações, para alcançar determinados objetivos: dança da chuva dos índios, curandeiros africanos, etc., portanto, encontra-se no inconsciente coletivo da humanidade. Nas brincadeiras infantis, não faltam os cantos ritmados.

Para que a criança se beneficie da linguagem musical e possa desenvolver espírito crítico em relação à mensagem (letra), é preciso que a música seja selecionada e apresentada de forma cuidadosa e adequada.

Escuta e apreciação de obras musicais (regionais, popular, folclóricas, eruditas, etc.) pode ser um bom começo para aprenderem a ouvir o outro e perceber a harmonia do todo. Em outro momento, selecionar músicas (Gente tem sobrenome e Cada um é como é, de Toquinho, Nomes de gente, do MPB 4, por exemplo), cujas letras abordem temas enfocando identidade, valores humanos, questões sociais, sugerindo após a audição a interpretação oral das mesmas.

Alguns estudiosos afirmam que a autodisciplina, a paciência, a sensibilidade, a coordenação e a capacidade de memorização e de concentração são qualidades valorizadas e aprimoradas com o estudo da música.

(http://www.escola_musica.com/beneficios_da_musica.html)

Outro recurso que deve ser explorado com as crianças, até mesmo porque gostam, é o canto coletivo de músicas tradicionais conhecidas, cujo principal objetivo para nosso trabalho é o conhecimento do acervo que a humanidade acumulou através dos tempos, o aprimoramento da expressão oral e a desinibição.

Educar a criança para ouvir música implica também desenvolver o prazer de ouvir música de qualidade em volume adequado, despertando-a para a *sensibilidade emocional* que só a música consegue despertar.

Portanto, professor, cante e ouça muitas músicas de qualidade com as crianças, pois, além dos benefícios citados, muitos outros já são exaustivamente estudados e até comprovados com teorias sobre os objetivos terapêuticos relevantes com relação às necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas, enfim o equilíbrio das emoções.

(Musicoterapia – Equipe Editorial Bibliomed, 2007)

Entrevista

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, ou por sua origem, ou religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se elas podem aprender a odiar podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta".
(Nelson Mandela)

A entrevista com pais ou avós sobre a origem do nome de cada criança ou sobre a crença religiosa adotada pela família pode ser uma rica experiência para todos do grupo. É importante conversar com as crianças para orientação sobre as questões que serão formuladas aos familiares. Se houver possibilidade de gravar a entrevista, a socialização ficará muito mais interessante.

O professor deve aproveitar a curiosidade e interesse dos alunos e trabalhar com pesquisas, ainda rudimentares, entrevistando pessoas para perceberem que não há exclusividade no "jeito" de crer, e que crença é construída diante da riqueza e diversidade das várias Tradições Religiosas.

Pode-se promover um levantamento dos costumes (vocabulário, vestuário, alimentação, moradia, lazer, etc.) das Tradições de origem indígena e africana, registrando-as em um painel. Em seguida, promover uma reflexão orientada de modo que os alunos percebam as diferenças e semelhanças entre as tradições pesquisadas, concluindo ao final a importante influência dos costumes destas tradições no nosso cotidiano atual: uso da rede de dormir, cestos para roupas, danças, nomes próprios.

É interessante fazer com os alunos levantamento das histórias e crendices populares que se contam em família e que passam de geração a geração como verdades: manga com leite mata; gato preto dá azar; espelho quebrado dá sete anos de azar; colocar vassoura atrás da porta faz com que a visita indesejada vá embora; chinelo virado, a mãe pode morrer. Socializar com o grupo as histórias recolhidas classificando-as por semelhanças. O professor acrescenta alguns fatos que passaram para a História sobre os escravos, como: sobras de porco rejeitadas pelos senhores de escravos e utilizados por esses transformou-se na tão apreciada feijoada; o tratamento de Senhor, usado pelos escravos, era entendido como mais respeitoso que você, porque vem da relação de subalterno com o seu superior ou, então, porque no cristianismo disseminado no Brasil o tratamento para com Deus é Senhor, por ser o *Todo Poderoso*.

Ao final, promover entre os alunos uma reflexão sobre quais os possíveis interesses envolvidos para a disseminação dessas ideias. No caso da crendice "manga com leite mata", sabe-se hoje que, com a finalidade de evitar que os escravos tomassem o leite que recolhiam e comessem as mangas que colhiam, inventaram que a pessoa morria envenenada se ingerisse esses dois alimentos.

Nome / Aniversário / Família / Calendário

Todo professor tem consciência da importância do nome para qualquer criança. A elaboração de um *projeto* pode ampliar as possibilidades para um trabalho realmente efetivo e com resultados surpreendentes. Por exemplo:

Objetivos:

- Conhecer sua identidade e perceber-se como sujeito de transformação social.
- Reconhecer-se como sujeitos de transformação social, por meio do resgate de sua história, construindo identidade.
- Ampliar o conhecimento corporal, a consciência de si e do outro.

Desenvolvimento:

- Roda de conversa para as explicações da proposta enfatizando os cuidados que se deve ter com o bebê (alimentação, banho, trocas de roupas, soninho, vacinas, muito carinho, contação de histórias).
- Confecção de um boneco de pano (tamanho de um bebê) que represente as características das crianças servindo como instrumento de aprendizagem, por meio da brincadeira.
- Coleta de roupas para as trocas do bebê.
- Preparação de um documento fictício semelhante a uma certidão de nascimento (para o boneco).
- Dramatização do momento em que o bebê é registrado no Cartório de Registros e recebe sua **certidão de nascimento.**

Iniciar com roda de conversa explicando às crianças a proposta alertando que o boneco ficará cada dia com uma criança porque ele precisa de cuidados constantes: comer nos horários certos, tomar banho, trocar roupa, dormir no silêncio, tomar as vacinas, ouvir histórias.

Para a confecção do boneco, coletar roupas infantis usadas e o enchimento (as crianças ajudam) com espuma, retalhos de tecidos, roupas velhas, etc. Marcar o dia do registro da criança, preparar o documento, escolher nome e sobrenome, pais, avós e ensaiar. No dia marcado, apresentar a dramatização do fato com os personagens que precisariam estar presentes no Cartório de Registros (fictício) no caso de um registro de nascimento verdadeiro.

Aprofundar a questão do nome e do sobrenome, relacionando o poema *Identidade,* de Pedro Bandeira, explicitando o direito à cidadania de termos uma origem / família, ressaltando o direito à igualdade e o respeito entre as pessoas, apesar das diferenças de cada um.

Desenvolver também atividades interdisciplinares trabalhando com os órgãos do sentido, explorando as partes do corpo, fases do crescimento, higiene e saúde, questões afetivas como solidariedade, respeito, amizade.

Fazer uma adaptação, de modo que cada criança pudesse ter seu próprio boneco, enriqueceria sobremaneira o projeto.

O projeto deve ser finalizado naturalmente, quando as crianças perderem o interesse pelo boneco, caso aconteça. Caso contrário, combinar que ele cresceu e não precisa mais da ajuda dos pais (no caso das crianças menores, porque as maiores já têm entendimento para um encerramento mais objetivo).

Relacionamos, abaixo, alguns títulos que poderão auxiliar o professor no decorrer do projeto sugerido.

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **A margarida friorenta**. - São Paulo: Ática, 1996.

LOPES, Cida. **Nem tão rosa, nem tão azul: ser menino e ser menina**. – ed. Todo Livro.

Referencial curricular nacional para a educação infantil/ ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998. vol.2.

RAMOS, Anna Claudia. **A gente pode, a gente não pode**. - São Paulo: DCL, 2003.

ROCHA, Ruth. **Tenho medo, mas dou um jeito**. - São Paulo: Ática, 1999.

SUHR, Mandy. **Eu me mexo**. - São Paulo: Scipione, 1996.

_____. **Eu respiro**. - São Paulo: Scipione, 1996.

É importante que todas as crianças / adolescentes sejam chamados pelo seu nome (desestimular os apelidos), favorecendo, assim, a construção da identidade pessoal e sua identificação no grupo.

Ao trabalhar com o nome, o aluno poderá conhecer a origem de seu nome e dos nomes dos colegas do grupo. Seria interessante que o professor já tivesse realizado uma pesquisa sobre os significados dos nomes dos alunos, a fim de complementar as informações trazidas pelas crianças. É imprescindível que percebam que cada nome tem uma história que pode estar relacionada à moda do momento de seu nascimento, ou é uma junção dos nomes de familiares (pai e mãe, por exemplo), também pode ser uma homenagem ao médico que realizou o parto ou a um determinado ídolo dos pais, ou ainda ter outras origens, como bíblica, indígena, estrangeira, etc.

Poderá, também, conhecer nomes de pessoas célebres que mudaram a história da humanidade (Madre Teresa de Calcutá, Gandhi, Betinho, Chico Mendes, Luther King, etc.), por meio de um jogo da memória com fotos dos personagens. Atividade como pesquisa e recorte em jornais e revistas de fotos de pessoas famosas pode proporcionar uma discussão sobre os motivos que levaram essas pessoas a serem famosas promovendo uma reflexão sobre talento / oportunidade.

Outro tema que pode ser abordado é a questão dos apelidos que geralmente estão relacionados a preconceitos.

Trabalhar bastante com o nome da criança, construindo acrósticos, lendo e interpretando poesias e músicas que abordem a importância dos nomes das pessoas, finalizando com a confecção do R.G. individual. Os poemas **Identidade,** de Pedro Bandeira, e **Sobrenome,** de José Paulo Paes podem acrescentar muito ao tema em questão.

IDENTIDADE

Autor: Pedro Bandeira

Às vezes nem eu mesmo
sei quem sou.
Às vezes sou
"o meu queridinho"
Às vezes sou
"moleque mal criado"
Para mim tem vezes que sou rei,
herói voador, cow-boy lutador,
Jogador campeão.
Às vezes sou pulga, sou mosca também
que voa e se esconde
de medo e de vergonha.
Às vezes sou Hércules, Sansão vencedor,
peito de aço, goleador.
Mas o que importa o que pensam de mim?
Eu sou quem sou, eu sou eu,
sou assim
Sou menino.

SOBRENOME

Autor: José Paulo Paes

Como vocês sabem
Frankenstein foi feito
com pedaços de pessoas diferentes:
a perna era de uma, o braço de outra
a cabeça de uma terceira
e assim por diante.
Além de o resultado
ter sido um desastre
houve um grave problema
na hora em que Frankenstein
foi tirar carteira de identidade.
Como dar identidade
a quem era mistura
de várias pessoas?
A coisa só se resolveu
quando alguém lembrou
que num condomínio
cada apartamento é de um dono diferente.
Foi assim que Frankenstein Condomínio
ganhou nome e sobrenome
como toda a gente.

O poema de Ruth Rocha, além de oportunizar um bom trabalho com o nome, pode ainda introduzir o tema dos direitos das crianças.

(...) criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar
Ter saúde e não ter fome
Ter segurança e estudar.

Não é questão de querer
Nem questão de concordar
Os direitos das crianças
Todos têm de respeitar (...)
(Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha)

Ainda enfocando o tema "Direitos e Deveres", segue uma atividade que visa a promover uma interessante reflexão.

	DIREITOS	**DEVERES**
Pais		
Filhos		
Professores		
Alunos		

Essa atividade pode ter continuidade com a autoavaliação do aluno. O professor prepara um questionário com algumas questões para que o aluno se autoavalie, ou então, prepara um roteiro e o aluno redige um texto sobre os aspectos sugeridos. A autoavaliação é um riquíssimo recurso que o professor pode utilizar para determinados objetivos.

O tema *aniversário* é, sem dúvida, um marco na vida de qualquer criança, carregado de carga emocional, pois está fortemente relacionado à autoestima, e à lembrança dessa data pelas pessoas de seu convívio, que sugere que é bem aceito. Aproveitando que as crianças adoram festas, comentar sobre os diferentes modos de comemorações e as mudanças que ocorrem com o decorrer do tempo. Uma pesquisa, por exemplo, por parte do professor, sobre as comemorações em outras culturas (africanas, indígenas) favorecerá um momento diferente e muito interessante para as crianças.

A família é o primeiro grupo social de que a criança participa e, portanto, o mais próximo, assim deve-se ter todo o cuidado ao comentar sobre estrutura familiar, que está em constante transformação. Hoje, é mais adequado chamar de *família* as pessoas que cuidam / convivem com a criança. Neste caso, pode-se solicitar que as crianças tragam para socialização com o grupo fotos de pessoas queridas de sua família e aproveitar para expressarem-se sobre os motivos de sua escolha. Neste momento, ainda cabe sugerir ao grupo que analise as diferentes fotos e classifique-as por idade aproximada. O professor pode, então, comentar sobre a importância da experiência de vida dos familiares na formação da pessoa, acentuando o respeito que devemos ter com os idosos.

A partir dos comentários sobre a vida familiar, o professor pode introduzir o tema sobre os cuidados com o próprio corpo, para preservação da saúde e consequentemente a preservação do meio ambiente, pois é de onde tiramos a água, os vegetais, enfim, o que necessitamos para nossa sobrevivência.

Para complementar o trabalho, solicitar a cada criança o desenho de seu autorretrato utilizando um espelho, para se observar. Como inspiração, mostrar autorretratos de pintores famosos como Portinari, Benedito Calixto, Pablo Picasso, Rembrandt, Leonardo Da Vinci, Van Gogh e outros, o que certamente estimulará cada criança para a confecção com muito mais interesse e riqueza de detalhes. Após essa atividade, o professor poderá iniciar um conversa informal sobre a exagerada importância que é atribuída à aparência física: O que é bonito? O que é belo? O que é realmente importante numa pessoa? Para abordar esse assunto, o professor deverá estar preparado para questões polêmicas e ter a serenidade e bom senso para mediar as situações de modo que nenhuma criança se sinta desvalorizada. É o momento apropriado para valorizar as características físicas de cada criança promovendo o desenvolvimento da autoestima.

Também o desenho do próprio corpo (inteiro) pode ser feito pela criança e, durante a confecção, o professor provoca comentários sobre as mudanças que vão acontecendo em nosso corpo à medida que crescemos, a importância dos órgãos dos sentidos para nossa comunicação com as pessoas e o mundo que nos cerca. A dinâmica do “cego e o guia” pode ser muito bem aproveitada para ilustrar a importância da visão, por exemplo.

Finalizando o tema, sugere-se o desenho do contorno do corpo pelo colega em papel pardo (grande). É uma atividade que as crianças adoram e várias habilidades são estimuladas nesse momento desde as motoras até as que envolvem o relacionamento interpessoal. As atividades aqui sugeridas devem ocorrer aos poucos, em vários dias, para não cansar.

Aproveitando as datas de aniversários das crianças, agrupá-los por mês de nascimento e relacionar ao calendário (caso o professor queira enriquecer a atividade, pode fazer uma pesquisa sobre astrologia e relacionar ao calendário), comentando sobre as datas comemorativas mais importantes nesses meses.

Leitura de imagens / símbolos

As crianças são naturalmente curiosas e muito observadoras. Então, a apreciação de obras de arte em geral, como: pinturas, esculturas, fotografias de pessoas / paisagens, monumentos religiosos, símbolos, etc., visa à sensibilização e ao despertar do senso crítico e estético.

Para viver democraticamente em uma sociedade plural, é preciso respeitar as diferentes culturas e grupos que a constituem. Como a convivência entre grupos diferentes é marcada pelo preconceito, um dos grandes desafios da escola é conhecer e valorizar a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade brasileira.

Recorte e colagem de fotos de pessoas de diferentes origens, idades, etnia e sexo, analisando e comparando as diferenças e semelhanças, assim como fotos de jornais e revistas sobre as condições de moradia das pessoas mais desfavorecidas economicamente podem servir de estímulos para que as crianças / adolescentes analisem, levantem hipóteses sobre a questão e, em grupo, organizem sugestões de como melhorar essas situações. Essa atividade pode ter início com a contação da história “Os três porquinhos” ou a de “João e Maria”, pois o tema da primeira é a construção de uma boa casa (moradia) e o da segunda é a pobreza (fome).

Pesquisa e montagem de quebra-cabeça utilizando as telas de pintores famosos que abordaram o tema “brincadeira” em suas obras (**Roda**, de Milton Dacosta, **Meninos com Carneiro**, de Cândido Portinari, **Meninas Pulando Corda**, de Roberto Campos Oswaldo, **Cabra-cega e Brincadeira de Criança**, de Orlando Teruz). As crianças montam e comparam os tipos de brincadeiras antigas com as atuais refletindo sobre as principais diferenças. As crianças brincavam livremente pelas ruas, quintais, desenvolvendo-se integralmente. Hoje, estão confinadas em pequenos apartamentos e, ainda, para agravar, são proibidas de se sujarem. No *sit*e http://www.portinari.org.br/, encontram-se telas de Portinari sobre o tema.

Aproveitando o tema “brincadeira”, solicitar ao aluno desenho ou pintura dos membros da família, classificando-os por gênero e discutindo, em grupos, as diferenças e semelhanças entre os sexos: menino brinca de bola e menina de boneca; menino usa cor azul e menina usa rosa, etc.

A visitação a museus/exposições de artes é uma das atividades que contribuem para todas as áreas do conhecimento. As obras expostas em um museu estão organizadas por estilos, tempo cronológico, tipos de arte, etc., favorecendo diversas interpretações e releituras.

A arte é uma linguagem representada principalmente por signos não-verbais (cores, formas, movimentos, etc.) a que cada um atribui um significado conforme sentimentos e emoções próprios, e, por meio da arte, podemos ter acesso e compreender os sentimentos e os pensamentos das comunidades de qualquer época, povo, cultura ou país.

Para trabalhar com o conteúdo sobre símbolos, é necessário estabelecer as conexões com os temas já desenvolvidos e que oportunizam a compreensão de que os símbolos estão presentes no dia a dia da sala de aula e do entorno (alfabeto, números, emblemas).

Solicita-se aos alunos que tragam de casa pelo menos um símbolo significativo para sua família. O símbolo é apresentado para o grupo pelo aluno que o trouxe que explica o motivo da escolha, o significado e o nome do símbolo. Após a apresentação, o símbolo deve passar de mão em mão, para que todos o observem atentamente. Ao final, promover uma reflexão com os alunos ajudando-os a perceber que um mesmo símbolo pode ter significados diferentes para as pessoas. Pode-se concluir organizando exposição com os diferentes símbolos.

Pode-se solicitar também aos alunos que tragam fotos (ou figuras de revistas, no caso de não terem fotos) que julgam importantes. A partir das fotos, contam uma história de sua família descrevendo os acontecimentos mais importantes representados por elas. Em seguida, cada aluno classifica as fotos trazidas, por ordem de valor para ele, utilizando um álbum previamente confeccionado. Para finalizar, a professora promove a reflexão dos alunos sobre como as fotos ajudam a fazer a memória mostrando acontecimentos importantes de nossa vida; antes da fotografia, os acontecimentos importantes eram guardados por meio de histórias contadas de uma geração para outra e revividas nas celebrações.

Promover exposições bimestrais ou semestrais na escola, com visitação da comunidade, mostrando as atividades desenvolvidas pelas crianças ao longo do ano letivo, demonstra que os adultos (no caso, professores, equipe escolar), valorizam o trabalho realizado, estimulando-as para que continuem suas produções, pois o sentimento de valoração pessoal favorece na motivação para realização de outros trabalhos ainda mais elaborados.

A vida é como...
...jogar uma bola na parede.
Se for jogada uma bola verde, ela voltará verde.
Se for jogada uma bola azul, ela voltará azul.
Se a bola for jogada fraca, ela voltará fraca.
Se a bola for jogada com força, ela voltará com força.
Por isso nunca **“jogue uma bola na vida”**,
de forma que não esteja pronto para recebê-la.
A **Vida** não dá, nem empresta.
Não se comove nem se apieda.
Tudo quanto ela faz é **retribuir** e **transferir...**
...aquilo que nós lhe **oferecemos**.
Albert Einstein

2º ANO

CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

(Ciên / Mat / Inf. Educ)

CIÊNCIAS

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
AMBIENTE • Ambiente modificado (casa, escola, cidade, campo). • Ambiente natural (florestas). • Materiais e objetos no ambiente. • Algumas características dos materiais e objetos (forma, tamanho, textura, espessura). • Alguns materiais utilizados pelo homem (papel, vidro, metal, madeira, areia, etc.). • Materiais que o homem lança no ambiente: lixo. • Preservação do ambiente em que vive. • Luz e calor do Sol. • Nascente e poente. • Dia e noite. • Sombra e escuro. **SERES VIVOS** • Necessidades especiais de cada ser vivo para sobreviver (água, ar, solo, luz, calor, alimentos). • Variedade de espécies animais e vegetais. • Ciclo de vida. • Reprodução. **ANIMAIS** • Habitat dos animais. • Semelhanças e diferenças entre espécies animais. • Animais selvagens. • Animais domesticados e de estimação. • Cuidados com animais de estimação.	• Busca e coleta de informações por meio de observação direta e indireta dos fenômenos da natureza, dos diversos materiais, objetos, seres vivos e não vivos presentes no cotidiano por meio de habilidades físicas, motoras e perceptivas. • Formulação de hipóteses. • Utilização de técnicas de investigação ao fazer as atividades sugeridas. • Exposição oral das ideias por meio de descrições, utilizando palavras ou pequenas frases praticando habilidades relacionadas à comunicação. • Pesquisa, organização e registro de dados coletados por meio de desenhos, listagens, recorte e colagem, e experimentos simples sob orientação do professor. • Leitura de pequenos textos. • Troca de ideias com os colegas.	• Colaboração quando necessário (por exemplo, ao trazer imagens para um mural). • Empenho nas atividades de grupo e na realização de tarefas individuais. • Incorporação de novos hábitos e predisposição a alterar os antigos, relacionados aos cuidados com os espaços que ocupa e com a responsabilidade para com esses espaços. • Respeito à diversidade de opiniões (por exemplo: ao trocar ideias com os colegas sobre os fenômenos observados). • Interesse por conhecer os ambientes, como eles se modificam e como podem ser cuidados. • Persistência na busca e compreensão das informações obtidas por investigação. • Respeito pelas coisas da natureza (conhecer, por exemplo, como a exploração dos recursos naturais pode prejudicar o meio ambiente).

- Criação de animais.

VEGETAIS

- Partes de um vegetal (raiz, caule, folha, flor, fruto e semente).
- Partes dos vegetais utilizados na alimentação.
- Plantas ornamentais.
- Cultivo de vegetais (plantações, hortas, pomares, jardins).

CORPO HUMANO E SAÚDE

- Partes (divisão) e estruturas do corpo (pele, cabelos, unhas, dentes).
- Características sexuais (masculino e feminino).
- Órgãos dos sentidos e suas funções.
- Cuidados e higiene do corpo.
- Acidentes e sua prevenção.

2º ANO	CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (Ciên / Mat / Inf. Educ)

MATEMÁTICA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
NÚMEROS E OPERAÇÕES • História do nosso sistema de numeração: uso de dedos, marcas nas cavernas, em ossos, pedras, nós em cordas. • Algarismos e seus nomes como símbolos para representar quantidades. • Composição e decomposição de um número em dezenas e unidades. • Números pares e ímpares. • Números ordinais até 10. • Antecessor e sucessor de um número menor que 100. • Dúzia e meia dúzia. • Adição o situações de juntar e acrescentar o operações com duas ou mais parcelas o com e sem reagrupamento. • Subtração o situações de tirar, comparar ou completar o operações com e sem reagrupamento. • Multiplicação o situações que representam adições de parcelas iguais o situações que envolvam a ideia combinatória. • Divisão o situações de repartir uma quantidade em partes iguais o situações de determinar quantas vezes uma quantidade cabe em outra. • Situações-problema que envolvam contagens, medidas e códigos numéricos. • Jogos e desafios envolvendo as quatro operações. • Procedimentos diversos para resolução de um mesmo desafio.	• Uso de vocabulário fundamental da matemática quanto a relações de posição, direção, grandeza, movimentação, semelhanças e diferenças entre objetos e pessoas no espaço. • Uso de número e quantidades como forma de registro e organização de informações, de acordo com o sistema de numeração decimal. • Manuseio de materiais concretos como: Material Dourado, Ábaco, cédulas e moedas do nosso sistema monetário. • Uso do quadro Valor Lugar para melhor compreensão do valor posicional dos números. • Leitura, escrita, comparação e ordenação de números pela compreensão das características do sistema de numeração decimal (valor posicional). • Utilização de diferentes estratégias para identificar números em situações que envolvem contagens e medidas. • Emprego de diferentes estratégias de contagem (correspondência um a um, estimativa, agrupamento). • Análise, interpretação, resolução e formulação de situações-problema, envolvendo as 4 operações. • Utilização de sinais convencionais (+, -, x, :, =) na escrita das operações.	• Exposição do próprio pensamento de forma autônoma e criativa, respeitando o pensamento do outro. • Esclarecimento de dúvidas, observando que as soluções dos outros fazem sentido e podem ser utilizadas. • Persistência na resolução de problemas e na construção de suas próprias ideias. • Interação com seus pares de forma cooperativa, trabalhando coletivamente na busca de soluções de problemas. • Respeito pelo pensamento do outro, valorização do trabalho cooperativo e do intercâmbio de ideias, como fonte de aprendizagem. • Convivência com o erro como parte do processo de aprendizagem. • Respeito às regras de jogos, transpondo-as para a sua rotina. • Confiança na própria capacidade para elaborar estratégias pessoais diante de situações-problema. • Curiosidade por questionar, explorar e interpretar os diferentes usos dos números, reconhecendo sua utilidade na vida cotidiana. • Sensibilidade para a observação das formas geométricas na natureza, nas artes, nas edificações.

• Linguagem oral e escrita como forma de comunicação dos resultados obtidos. **ESPAÇO E FORMA** • Figuras geométricas planas: quadrado, retângulo, triângulo e círculo. • Classificação dos sólidos geométricos entre os que rolam e os que não rolam. • Percursos, trajetos e pontos de referência. **GRANDEZAS E MEDIDAS** • História do nosso sistema de medidas convencional: uso de dedos, polegares, palmos, passos, etc. • Estratégias pessoais de medida, tendo como primeiro referencial o próprio corpo. • Diferentes unidades de medida: tempo (dia, semana, mês, bimestre, semestre, ano), massa, capacidade e monetária. **TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO** • Dados em listas, tabelas e gráficos simples.	• Utilização da decomposição das escritas numéricas para a realização do cálculo mental exato e aproximado. • Uso de diferentes operações para resolver um mesmo problema. • Utilização de estratégias pessoais e algumas técnicas convencionais para a realização do cálculo mental, exato e aproximado. • Observação das formas dos objetos do espaço em que vivemos. • Observação de objetos presentes em nosso cotidiano e das formas geométricas espaciais. • Construção de sólidos geométricos • Exploração de propriedades geométricas de objetos e figuras, como formas, tipos de contornos, faces planas, lados retos, bidimensionalidade, tridimensionalidade, etc. • Localização de pessoas ou objetos no espaço com base em diferentes pontos de referência e algumas indicações de posição. • Comparação de grandezas de mesma natureza, por meio de estratégias pessoais e uso de instrumentos de medida conhecidos. • Realização de medições com unidades não padronizadas e padronizadas. • Utilização de calendários. • Leitura e interpretação de informações contidas em imagens. • Registro pessoal para comunicação das informações coletadas. • Elaboração e problematização de listas e tabelas simples (lista de aniversariantes do mês, relação dos nomes dos alunos, resultados de campeonatos e jogos, etc).	• Curiosidade em conhecer a evolução histórica das medidas, unidades de medida e instrumentos utilizados por diferentes grupos culturais e reconhecimento da importância do uso adequado dos instrumentos e unidades de medida convencionais.

2º ANO	CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (Ciên / Mat / Inf. Educ)	
	INFORMÁTICA EDUCATIVA	
	CONTEÚDOS	
CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Nomenclatura tecnológica • Dispositivos externos (monitor, *mouse*, teclado e estabilizador); • Mídias (CD); • Ferramentas de produtividade; • Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)	• Uso dos seguintes termos no contexto tecnológico: clicar, arrastar, iniciar, fechar, internet, navegar, deletar, minimizar, maximizar, ícones, cursor, outros; • Identificação das partes do computador e dispositivos externos: mouse, teclado alfanumérico e numérico, monitor/tela, área de trabalho/*desktop*, impressora, gabinete/torre, CPU, estabilizador, *pendrive*, CD, *drive* de CD, porta USB, fone de ouvido, microfone, câmera; • Utilização da linguagem computacional; • Desenvolvimento e aprimoramento da coordenação visomotora, necessária ao domínio de movimentação do *mouse*/cursor: clicar e clicar/arrastar; • Adoção de *softwares* e aplicativos *online* e *offline*, como complemento das atividades do conteúdo curricular de maneira interdisciplinar; • Acesso a *sites* educacionais; • Pesquisa, evidenciando-se a inter-relação de ideias e conceitos do material/conteúdo pesquisado; • Estruturação e aplicação de tarefas para a utilização do teclado e teclas de atalho: shift+letra, acentos, *backspace* e delete, barra de espaço, *enter*, *tab* (parágrafo) e setas direcionais. • Apresentação dos aplicativos: planilha eletrônica e apresentação em *slides*; • Uso correto dos equipamentos pertencentes ao laboratório de Informática (saber ligar e desligar). • Desenvolvimento da habilidade para organizar informações, levantar hipóteses e pensar.	• Respeito a regras e combinados para utilização do Laboratório de Informática. • Familiarização com o uso do computador. • Identificação, nas atividades lúdicas/tecnológicas, de uma possibilidade de aprendizagem do conteúdo curricular. • Uso do laboratório de informática, envolvendo-se em relações de troca e cooperação. • Desenvolvimento da capacidade de expressão por meio da criação, edição e exposição de ideias com o uso de *softwares* de criação e pesquisa. • Cuidado com os equipamentos tecnológicos.

2º ANO	LINGUAGENS (L Port / Ing / Arte / Ed. Fís)

LÍNGUA PORTUGUESA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
LINGUAGEM ORAL **LEITURA** • Gêneros textuais (conto, poema, canção, quadrinha, parlenda, adivinha, trava-língua, piada, instrução, relato, entrevista, anúncio, receita, panfleto, lista, cartaz, bilhete, carta, notícia, informativos, calendário). • Leitura não convencional, por meio de diferentes estratégias (antecipação, dedução, inferência, verificação), de placas, símbolos, embalagens, rótulos. **ESCRITA** • Letras do alfabeto e seu respectivo valor sonoro na oralidade e na escrita; • Ordem alfabética. • Escrita do próprio nome, do nome dos colegas e de outras palavras pertinentes ao contexto de sala de aula; • Noção sobre a estrutura de um texto, em situações de uso; • Letras maiúsculas e minúsculas (obrigatoriamente, após tornar-se alfabético); • Narração de histórias. • Descrição de personagens, cenários e objetos. • Recontos e reescritas de textos repertoriados pelo grupo. • Registros (produções) diferentes utilizados em situações comunicativas relacionadas aos gêneros apresentados (listas, pesquisas de palavras, dicionários temáticos, bilhetes, jornal-mural, etc). • Parágrafo (em situações de produção).	• Utilização, apreciação e intercâmbio da linguagem oral. • Diálogo e interação com seus pares. • Leitura coletiva de textos de diferentes tipologias, abordagens e apresentações visuais. • Confronto de opiniões e comentários acerca dos mesmos. • Produção de textos diversos, individualmente ou tendo o professor como escriba do grupo. • Composição de listas e dicionários temáticos, usando o banco de palavras como apoio didático. • Revisão de textos elaborados a partir de discussões coletivas das regras textuais trabalhadas. • Elaboração de formas de representação gráfica (hipóteses de escrita), atribuindo-lhes intencionalidade e significação. • Confronto das diferentes representações gráficas do grupo-classe. • Escolha de textos para leitura em situações de atividade autônoma. • Indicação bibliográfica por meio de fichas ou mural da classe. • Aplicação do valor sonoro das letras do alfabeto em suas escritas, estabelecendo relações entre o fonema e o grafema. • Utilização do próprio nome e de outros já repertoriados como palavra estável para construir generalizações e produzir novas escritas.	• Reconhecimento da importância de ouvir e esperar sua vez de falar. • Respeito às diferentes formas de expressão. • Contribuições verbais (opiniões, ideias) em problemas pertinentes ao grupo. • Adoção do hábito de pegar emprestados livros da biblioteca da sala de aula ou da escola. • Ampliação do hábito da leitura à sua casa e família. • Interesse pela preservação de livros, jornais, etc. • Construção de uma autonomia escrita processual. • Valorização do uso da escrita como forma de comunicação.

• Sinais de pontuação (função e uso do ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação e travessão). • Itens da gramática, por meio das situações de produção, sem o uso das respectivas terminologias: substantivo com gênero e número (os nomes, masculino / feminino, singular / plural), adjetivo (as qualificações) e concordância verbo-nominal. • Convenções ortográficas na escrita de palavras conhecidas: • Regularidades Diretas (pares mínimos (P-B, T-D, V-F); • Regularidades Contextuais (o uso do C, Q ou K e o uso do G ou GU); • Regularidades Morfogramaticais (terminação em R dos verbos no infinitivo); • Segmentação entre as palavras de um texto ou frase. • Elementos que compõem um gênero/portador de texto. • Características do gênero/portador de texto escolhido para ser estudado pelo grupo, a partir de um tema gerador previamente selecionado.	• Utilização de grafia manuscrita (letra cursiva) **após tornar-se alfabético**, bem como aplicação de seus conhecimentos sobre letras maiúsculas e minúsculas. • Uso da escrita em situações reais e de função social definida, buscando propósitos que atendam sua necessidade prévia. • Pontuação de seus textos, apoiando-se na experiência coletiva, a princípio, para posterior utilização autônoma. • Aprimoramento das produções textuais a partir do conhecimento adquirido sobre as diferenças entre as palavras (classes gramaticais). • Aplicação das convenções ortográficas estudadas em suas produções escritas. • Produção de fôlder de cunho informativo e científico para campanha de interesse público desenvolvida em sua escola e estudada ao longo do ano.

2º ANO	**LINGUAGENS** (L Port / Ing / Arte / Ed. Fís)	
INGLÊS		
CONTEÚDOS		
CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Cumprimentos: *hi, hello, good morning, good afternoon, good evening, good night, good bye. How are you? I'm fine, thanks.* • Apresentação: *What's your name? My name is _____.* • Perguntas e respostas sobre objetos de uso em sala de aula: *What is it? It's a _____.* • Números 1 a 10. • Verbos *"to be"* e *"to love"* - presente simples. • Pronomes pessoais: *it, he, she.* • Pronomes possessivos: *my, your.* • Pronome demonstrativo*: this.* • Vocabulário: o *school items* (*book, pencil, pen, notebook, crayon, schoolbag*) o *colors (blue, yellow, red, green, black, white);* o *shapes (rectangle, triangle, circle, square, star, hexagon);* o *numbers 1 to 10;* o *parts of the body (head, eyes, mouth, nose, arm, leg, hand;* o *pets (dog, cat, bird, fish, mouse, turtle);* o *toys (bike, doll, ball, yo-yo, kite, teddy bear);* o *family (mother, father, brother, sister);* • Conhecimento da cultura norte-americana e inglesa	• Uso do vocabulário e diálogos aprendidos em situações cotidianas. • Uso do verbo *"to love"* para expressar preferência. • Uso da capacidade simbólica para a aprendizagem de um novo idioma.	• Respeito a outras culturas. • Cooperação com os colegas durante as atividades de sala de aula. • Responsabilidade ao desenvolver as atividades em sala de aula. • Respeito ao momento em que o outro fala, ouvindo com atenção. • Parceria na construção da pronúncia dos colegas, respeitando os "erros" e comentando-os de forma positiva. • Reconhecimento da importância do trabalho em equipe.

2º ANO	LINGUAGENS (L. Port. / Ing. / Arte / Ed. Fís.)

ARTE

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
TEATRO • Jogos dramáticos • Expressão corporal • Teatro de fantoches **ARTES VISUAIS** • Elementos da composição visual ○ Cores (primárias e secundárias), ponto, linha, texturas, formas tridimensionais – modelagem • Arte Indígena (sugestão: tecelagem) **DANÇA** • Direções no espaço (laterais, em cima, embaixo, etc.) • Expressão corporal e gestual **MÚSICA** • Som e silêncio. • Expressão corporal, gestual, facial e/ou plástica. • Formação de repertório • Propriedades do som: timbre (fonte sonora) e intensidade (forte ou fraco) • Música erudita, folclóricas, regionais, dentre outras • Manifestações folclóricas: jogos, canções, brinquedos cantados, parlendas, danças.	• Observação da diversidade cultural por meio da leitura das manifestações artísticas desenvolvidas. • Observação das cores primárias nas manifestações artísticas. • Experimentação de materiais diversificados, bem como o conhecimento de suas possibilidades nas produções individuais e grupais. • Experimentação da mistura das cores primárias e observação das cores secundárias nas manifestações artísticas. • Observação do ponto e da linha nas manifestações artísticas e em produto próprio. • Sensibilização por meio de expressão corporal do próprio corpo, do espaço que ocupa, das possibilidades físicas e emocionais em contato com o grupo e com o meio em que está inserido. • Observação do fazer artístico por meio do uso de materiais diversos e suas reações. • Reconhecimento e utilização de texturas nas manifestações artísticas. • Uso dos recursos cênicos na abordagem do teatro infantil, por meio de ações criadoras, inventivas e criativas, no estimulo do improviso e das referências adquiridas. • Expressão corporal e gestual com diferentes estímulos.	• Respeito às diferenças. • Respeito à própria produção e à do outro. • Valorização do próprio corpo e reconhecimento do espaço que ocupa. • Desenvolvimento da capacidade de aceitação da opinião de todos. • Valorização da solidariedade e da cooperação. • Desenvolvimento do espírito crítico. • Desenvolvimento da criatividade. • Respeito às normas de funcionamento, às ideias dos demais, à colaboração e à iniciativa própria e alheia. • Cuidado na utilização dos materiais de trabalho e organização pessoal. • Desenvolvimento da criatividade, sensibilidade, atenção e prontidão bem como noções de valores. • Valorização das próprias produções, de outras crianças e da produção de arte em geral. • Valorização, sensibilização e familiarização com as diversas linguagens artísticas. • Valorização pelos sons do ambiente, do cotidiano, percebendo o que pode ser mais saudável, levando à qualidade de vida. • Valorização do corpo e da voz como instrumentos de comunicação. • Valorização, interesse, respeito e curiosidade pelos elementos da cultura popular brasileira.

- Composição de atividades corporais de locomoção, improvisação, prontidão e concentração por meio de jogos simbólicos, brinquedos cantados, etc.
- Audição, observação e demonstração das propriedades do som por meio de jogos, brinquedos cantados, brincadeiras e sonorização de histórias.
- Exploração de linguagem musical com a voz, o corpo e diferentes materiais sonoros.
- Escuta de obras musicais (regionais, folclóricas, eruditas, variadas).
- Apreciação da música erudita, destacando-se o nome do compositor e breve biografia.
- Interpretação, reflexão e contextualização das letras das canções.
- Canto coletivo: canções infantis e folclóricas.

2º ANO	LINGUAGENS (L Port / Ing / Arte / Ed. Fís)

EDUCAÇÃO FÍSICA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS

• Jogos recreativos e cooperativos.
• Expressão corporal.
• Danças.
• Iniciação esportiva.
• Ginástica.
• Saúde corporal
  ○ Educação postural
• Atividades corporais.
• Esportes paralímpicos
  ○ Práticas esportivas adaptadas
• Brincadeiras.
	• Participação em jogos coletivos.
	• Criação de brincadeiras.
	• Explicação e demonstração de brincadeiras aprendidas em contexto extraescolares.
	• Resolução individual de problemas corporais.
	• Discussão das regras dos jogos.
	• Resolução de situações de conflito por meio do diálogo, com ajuda do professor.
	• Utilização de habilidades (correr, saltar, arremessar, rolar, bater, rebater, amortecer, chutar, girar) durante jogos, brincadeiras e danças.
	• Participação em atividades rítmicas e expressivas.
	• Experimentação de atividades de dança simples ou adaptadas e brincadeiras pertencentes a manifestações populares e folclóricas.
	• Reconhecimento das necessidades de higiene e cuidados com o próprio corpo.
	• Orientação e experimentação sobre as possibilidades de posicionamento da coluna de modo correto.
	• Localização no espaço percebendo seus limites e os do outro.
	• Uso da atenção, observação e memória.
	• Observação dos limites impostos pelas regras dos jogos e brincadeiras, respeitando as diferenças.
	• Identificação das modalidades paralímpicas.
	• Práticas esportivas adaptadas por meio de atividades interativas.
		• Respeito às regras.
		• Respeito aos colegas.
		• Valorização e apreciação de danças pertencentes à cultura brasileira.
		• Cooperação entre os pares.
		• Respeito às possibilidades e limitações corporais.
		• Valorização da diferença, adotando atitudes de cooperação.
		• Desenvolvimento das relações socioafetivas por meio de valores.
		• Desenvolvimento de independência, autoestima e autoconfiança.
		• Desenvolvimento do hábito da higiene corporal.
		• Cooperação nas atividades de grupo, aceitando diversos papéis.

2º ANO	SOCIEDADE (Hist / Geo / Ens. Rel)

HISTÓRIA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
CONHECER A SI PRÓPRIO • O próprio nome e das pessoas do seu convívio como forma de autoconhecimento. • A escolha do nome e a história da família (origem, costumes, alimentação, lazer, profissão, etc), comparando com os demais da classe. **O TEMPO HISTÓRICO** • Mudanças visíveis com o passar do tempo: mudanças no próprio corpo, espaços conhecidos e objetos. • Data de aniversário, sentimentos e significados, comparação com outras épocas. • Diferentes maneiras de se medir o tempo: o tempo social e tempo da natureza. • Calendários e data de aniversário. **O LOCAL ONDE SE VIVE E ESTUDA** • As transformações ocorridas no espaço em que se vive: escola, moradia, rua, bairro, cidade. • O espaço escolar como lugar de convivência e aprendizagem. • As transformações e permanências no local onde se estuda e vive.	• Pesquisa sobre a história de vida, identificando transformações e permanências dos costumes das famílias. • Elaboração de linha do tempo. • Registro coletivo das rotinas diárias. • Busca de informações em diferentes tipos de fontes (entrevistas, pesquisa bibliográfica, imagens, etc.). • Análise de documentos de diferentes naturezas. • Troca de informações sobre os objetos de estudo. • Comparação de informações e perspectivas diferentes sobre um mesmo tema histórico. • Formulação de questões a respeito dos temas estudados. • Produção de regras e combinados a fim de valorizar ações conjuntas que repercutam na melhoria das relações pessoais. • Uso de diferentes medidas de tempo. • Uso de diferentes fontes: textos, livros, fotografias, vídeos, exposições, mapas, etc, para coleta de informações.	• Trabalho cooperativo. • Perseverança na busca de informações. • Respeito ao patrimônio individual e coletivo. • Valorização do passado como fonte de informação e identidade de um povo. • Respeito mútuo. • Respeito às regras produzidas coletivamente. • Valorização da própria história e a da família. • Aceitação das diferenças e características de cada um. • Reconhecimento da importância de saber situar-se no tempo. • Desenvolvimento de atitudes positivas em relação aos diferentes povos e culturas formadoras do nosso país.

GOSTOS E PREFERÊNCIAS

- Preferências em relação aos múltiplos aspectos, estabelecendo contrapontos com as preferências de outros colegas da classe.
- Diferenças e semelhanças das crianças de hoje e as de outras épocas.

DIREITOS E DEVERES

- Direitos e deveres de cada um, dentro dos contextos sociais distintos.

2º ANO	SOCIEDADE (Hist / Geo / Ens Rel)

GEOGRAFIA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Diferentes espaços geográficos vivenciados pelos alunos, observando aspectos físicos e sociais: moradia, escola, rua, trajetos habituais, espaços públicos e outros. • Temporalidade: ontem, hoje, amanhã / manhã, tarde e noite / hora, dia /semana, mês, ano / estações do ano. • Transformações do espaço realizadas pelo homem, observando meios criados para transporte de pessoas e cargas, formas de comunicação, técnicas de construção, etc. • Modos de preservação e conservação dos ambientes, destacando-se reciclagem, redução da produção de lixo, reaproveitamento de materiais perecíveis e não perecíveis. • Diferenças entre pessoas e grupos, reconhecendo características culturais específicas que resultam em variadas formas de ocupação do espaço. • Importância da legenda para identificação de locais e objetos ampliando noções anteriores. • Relação de proporção entre o que se representa e a dimensão real do representado com maior nível de abstração.	• Representação gráfica simples, em perspectiva horizontal (do modo que se vê), dos pontos de referência próximos. • Execução de contorno de objetos em diferentes perspectivas. • Construção de maquete simples com auxílio do professor e do grupo. • Mapeamento simples de locais próximos, utilizando signos de representação de objetos e localizações (legenda simples), com auxílio do professor e do grupo. • Registro de acontecimentos diários em forma de desenhos e/ou palavras. • Utilização de calendário para orientação temporal. • Planejamento de situações futuras por meio de agendamento e grade de rotina com auxílio do professor e do grupo. • Pesquisa em diferentes fontes de consulta, como jornal, livros, enciclopédias, Internet, entrevistas, fotografias, obras de arte e outros. • Registro por meio de diferentes estratégias: listas, reportagem, desenhos, fotografia, mapa simples, gráficos e outros. • Planejamento de ações positivas em relação ao ambiente escolar e extraescolar por meio de combinados escritos e orais.	• Desenvolvimento da autonomia na orientação espacial e temporal. • Valorização de formas sustentáveis de apropriação e transformação dos recursos naturais. • Atitude responsável em relação aos ambientes de convívio, criando estratégias de redução do lixo e organização do espaço. • Uso do diálogo como forma de resolução de problemas de maneira democrática. • Valorização da contribuição das diferentes etnias e o papel de cada uma na cultura de um povo.

2º ANO	SOCIEDADE (Hist / Geo / Ens Rel)

ENSINO RELIGIOSO

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
ALTERIDADE • O Eu. • Eu sou eu com o outro. • Eu e outro somos nós. • Eu no mundo. • A diversidade. **SÍMBOLOS** • Lembranças na vida das pessoas. • Os símbolos na vida das pessoas. • Reconhecimento de que um mesmo símbolo tem valor e significado diferentes para pessoas e grupos. **A IDEIA DO TRANSCENDENTE** • A ideia do Transcendente se constrói de maneiras diversas. **RESPEITO ECOPEDAGÓGICO** • Percepção da diversidade e interdependência entre todos os seres vivos. • Alfabetização ecológica e contribuição na construção de um futuro de harmonia na Terra.	• Exposição de ideias relacionando-as às exposições dos outros. • Entrevista com os pais sobre a origem de seu nome e ritual de iniciação. • Coleta de símbolos diversos. • Socialização dos significados dos símbolos do seu contexto familiar, nomeando-os. • Reflexão sobre símbolos que têm significados para alguns e, para outros, não têm nenhum significado. • Organização de painéis com os diversos símbolos coletados, classificando-os. • Roda de conversa. • Modelagem dos símbolos mais significativos para o grupo, utilizando massinha. • Relaxamento com músicas. • Escuta de músicas com o objetivo de sensibilizar-se (transcendência).	• Valorização da família. • Adoção de atitudes positivas frente a um desagravo ou frustração. • Respeito às diferenças. • Manifestação de opiniões, sentimentos, ideias. • Cooperação com os colegas e o professor.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

3º ANO

Ensino Fundamental

CIÊNCIAS

Considerações gerais sobre o ensino de Ciências

Para construir uma proposta pedagógica sobre o ensino de Ciências, devemos levar em consideração que as ciências naturais agrupam os conhecimentos relativos à natureza, sobre os fenômenos naturais, elaborados e acumulados pelo homem, de geração a geração.

Para aprender Ciências, é necessário ter contato com a realidade para interiorizar o mundo que nos rodeia. Dificilmente, os alunos poderão ter uma aprendizagem que lhes seja útil para a vida se nos orientarmos por uma didática com enfoque abstrato, baseada apenas na memorização de fatos e conceitos. Desse modo, o que poderemos conseguir é desmotivá-los nessa área do conhecimento.

Ao longo do ensino fundamental, a aproximação com o conhecimento científico faz-se gradualmente. Nos anos iniciais, os alunos constroem repertórios de imagens, fatos e noções. Esse é o momento em que as crianças têm uma primeira aproximação com as noções de ambiente, seres vivos, corpo humano e transformações de materiais do ambiente por meio de técnicas criadas pelo homem. Podem aprender procedimentos simples de observação, comparação, busca e registro de informações, e também desenvolver atitudes de responsabilidade para consigo, com o outro e com o ambiente.

Crianças são curiosas e fazem inúmeras perguntas, que refletem a necessidade de explorar, conhecer, entender a si própria e ao mundo que as cerca, mas elas já têm ideias sobre seu corpo, os fenômenos naturais e os modos como ocorrem algumas transformações; são modelos de uma lógica interna. Quando confrontam suas ideias com outras explicações, percebem os limites de seus modelos e a necessidade de mais informações. Mas esse processo não é espontâneo, precisando ser construído com a intervenção do professor. É imprescindível que o professor aproveite esta vontade de saber, criando situações interessantes e significativas, fornecendo explicações que permitam a reelaboração e ampliação dos conhecimentos prévios, propondo articulações entre os conceitos construídos para organizá-los em um corpo de conhecimentos sistematizados.

Dessa forma, a compreensão dos fenômenos naturais deve ser construída, partindo-se dos conhecimentos prévios que os alunos têm em relação ao assunto que será abordado. A partir disso, o professor pode usar estratégias que o auxiliam no planejamento, como a problematização, a busca de informações, o trabalho em grupo, a transversalidade, a interdisciplinaridade e o trabalho com projetos.

Problematização

A problematização busca promover a mudança conceitual, desenvolvendo aprendizagem significativa dos conceitos científicos. No entanto, nesse momento ainda podemos aceitar as concepções alternativas que as crianças apresentam, sem prejuízo para a aprendizagem dos conceitos científicos.

Para que ocorra a problematização, o professor deverá elaborar questões e proporcionar situações em que os alunos percebam que os conhecimentos prévios são insuficientes, estabelecendo conflitos necessários à aprendizagem. Dessa forma, criam-se situações em que, para encontrar soluções, o aluno necessita coletar novas informações, retornar a seu modelo inicial e adequá-lo.

A busca de informações em fontes variadas é uma estratégia que auxilia tanto o professor quanto o aluno no processo de ensino e aprendizagem. É no processo de busca de informações e confronto de ideias que o conhecimento científico é construído. Os procedimentos que podem ser utilizados na busca de informações são: a observação, a investigação, a experimentação e a leitura de textos.

O papel da observação

Observação é um procedimento em que os alunos obtêm informações por meio dos sentidos. Para tanto, o professor deve considerar a possibilidade de os alunos observarem, de forma direta e indireta, fatos e fenômenos que nos rodeiam. Na observação direta, os alunos entram em contato com os objetos de estudo: ambientes, vegetais, animais, etc, podendo utilizar todos os sentidos na busca de informações. Isso envolve visitas, manipulação de objetos e materiais e construções. Os alunos devem saber o que observar e como proceder antes de realizarem a atividade; por exemplo: observar em um jardim as folhas das

árvores, dos arbustos, das folhagens e gramíneas. Por sua vez, na observação indireta, os estudantes obtêm informações por meio de recursos técnicos, como fotos, vídeos, gravuras, mapas, esquemas, maquetes ou mesmo instrumentos e aparelhos, como microscópios, lupas. Tanto na observação direta como na indireta, é necessário que os alunos registrem suas conclusões, seja por meio de desenhos, esquemas, listas, etc.

Comparação

Comparar é uma forma de coletar dados durante uma observação. Os alunos podem comparar entre si objetos, seres vivos, materiais, etc, por exemplo: comparar vários tipos de folhas encontradas em um jardim e depois classificá-las, usando diferentes critérios, como forma, tamanho, textura, cor, etc.

As habilidades de observação e comparação de semelhanças e diferenças permitem a estruturação de processos mentais mais elaborados, assim como a reconstrução de categorias de ideias, ou seja, de modelos científicos, tais como argumentar, sintetizar, analisar, identificar, entre outros.

Experimentação e investigação

Por meio dela, os alunos podem pôr em ação algumas de suas ideias sobre fatos e conceitos e testar hipóteses, levantadas em um determinado problema, vistas pela ótica infantil e mediadas pelo professor. A atuação do aluno é, nesse sentido, fundamental. As experiências sugeridas não devem, portanto, ser consideradas como meras demonstrações de um conjunto de informações fornecidas pelo professor, mas como um desafio para que os alunos coloquem em prática os conhecimentos que já possuem. A experimentação desenvolve a habilidade de organizar e manipular materiais, compreender procedimentos, criar atividades, observar os resultados e compará-los com as hipóteses iniciais.

É muito importante também propor investigações, como por exemplo, quando os resultados obtidos em uma experimentação diferem dos esperados. Os alunos podem apresentar suas hipóteses sobre o assunto em estudo, fazer suposições sobre os fatos e/ou fenômenos, trocar ideias com os colegas, modificar os procedimentos ou criar novas atividades. Esses momentos necessitam da intervenção do professor no sentido de apresentar situações favoráveis à expressão de ideias, incentivar a sua manifestação e o encaminhamento na busca de informações que permitam a verificação das mesmas.

Leitura e escrita

O ensino de Ciências pode potencializar essa aprendizagem, incentivando o contato do aluno com diferentes tipos de textos, a argumentação oral e o registro escrito dos conhecimentos adquiridos. Nessa fase, a capacidade de narrar ou descrever um fato pode ser enriquecida pelo desenho que progressivamente incorpora detalhes do objeto ou fenômeno observado. Além do desenho, outras formas de registro podem ser usadas: recorte e colagem, elaboração de listas, tabelas, pequenos textos, com a ajuda ou não do professor, utilizando e aprimorando os conceitos e procedimentos adquiridos em Língua Portuguesa e Matemática.

A aprendizagem do vocabulário científico não deve ser priorizada e nem realizada por meio de memorização, mas sim por meio de múltiplas aproximações com a realidade dos alunos e, sempre que possível, em situações reais de comunicação, por exemplo, na produção de um texto coletivo. O professor deve ensinar o aluno a discernir o uso do termo e do conceito em diferentes contextos, ressaltando a distinção entre o significado comum e o científico.

A abordagem dos conteúdos e o trabalho com projetos

Os projetos são estratégias de trabalho em grupo que favorecem a interdisciplinaridade e, muitas vezes, possibilitam o tratamento de temas transversais. Além disso, essa estratégia reúne os conhecimentos prévios dos alunos e os aprendidos em sala de aula.

Apesar de o ensino de Ciências ser orientado por uma proposta de conteúdos, deve-se priorizar o desenvolvimento da criatividade e da imaginação. Normalmente, os conteúdos são extensos, mas abrem um ”leque” de opções para a abordagem da ciência. O importante, qualquer que seja o critério usado

para a seleção dos conteúdos pelo professor, é que ele privilegie o que é mais pertinente para aquele momento.

Os conteúdos, embora organizados por temas específicos (ambiente, diversidade dos seres vivos – animais e vegetais – e corpo humano e saúde), não devem ser trabalhados de maneira linear, ou seja, o professor tem a liberdade de organizar o seu trabalho em temas abrangentes ou gerais. A sequência a ser desenvolvida fica a seu critério, o importante é articular os conteúdos dos diferentes blocos.

A abordagem do conteúdo pode ser realizada por meio de elementos do dia a dia das crianças, que têm, por um lado, o seu aspecto individual e, por outro, a sua parte universal, o que representa a sua comunidade. Importa desenvolver os conceitos num determinado contexto, de forma que os conteúdos possam ser trabalhados da mesma maneira como analisamos os acontecimentos do cotidiano.

Vários conteúdos do bloco *Ser humano e saúde* podem ser trabalhados em conexão com o bloco A*nimais e Vegetais* e também com o bloco A*mbiente*. Quando o professor estiver trabalhando com conteúdos relacionados ao corpo humano, pode fazer uma "ponte" com outros seres vivos, por exemplo, comparando as características do corpo humano, relacionadas ao revestimento do corpo, órgãos dos sentidos, alimentação, locomoção, modo de vida, entre outras, com as características de outros seres vivos, particularmente com os animais. Deve também estabelecer relações com o ambiente, como a identificação dos elementos vitais para a manutenção da vida relacionados à presença da água, luz e solo, verificando as adaptações que alguns seres vivos apresentam para sobreviver nesses ambientes.

O trabalho com os temas transversais deve ser realizado de forma contínua e integrada, uma vez que se referem às diferentes áreas do saber. Ao trabalhar, por exemplo, o assunto *corpo humano*, além de apresentar a dimensão biológica (anatomia e fisiologia), podem-se trabalhar também assuntos relacionados à Orientação Sexual, Saúde, Pluralidade Cultural, Ética. Para um trabalho mais amplo, é importante ainda que o professor planeje uma abordagem que permita a integração da área de Ciências com as demais áreas do conhecimento, principalmente com Geografia e História, em que um mesmo tema é sugerido, mas com os enfoques de cada área. Por exemplo, ao analisar um lugar ou uma paisagem, observar as mudanças ocorridas pela ação do homem ao longo dos tempos, as organizações sociais, a família, as profissões e os aspectos físicos da paisagem local, como relevo, rios, construções etc. Os conteúdos tratados no bloco *diversidade dos seres vivos* permitem inúmeras conexões com os conteúdos propostos em *ambiente* e *corpo humano e saúde*, bem como com os temas transversais *Saúde, Pluralidade Cultural, Ética.*

Por exemplo, como ser vivo que é, o ser humano tem seu ciclo vital: nasce, cresce, desenvolve-se, reproduz-se e morre. Cada uma dessas fases é fortemente marcada por aspectos socioculturais que se traduzem em hábitos, comportamentos, rituais próprios de cada cultura. A alimentação é uma necessidade biológica comum a todos os seres humanos. Os tipos de alimentos e a forma de prepará-los são determinados pela cultura e pelo gosto pessoal. Atualmente, a mídia tem se incumbido de ditar a alimentação mediante a veiculação de propaganda. O consumo é o objetivo principal da propaganda, não importando o comprometimento da saúde. Pesquisas mostram que o índice alto de colesterol deixou de ser um problema apenas de adultos para ser também o das crianças. O motivo é o consumo de sanduíches e doces no lugar das refeições com verduras, cereais e legumes. Outro aspecto que pode ser abordado é como o ser humano obtém os alimentos: hortas, pomares e criação de animais. Também pode ser abordado o aproveitamento das diferentes partes dos vegetais para o consumo humano, alimentos industrializados, conservação dos alimentos, etc.

Enfim, a escolha de conteúdos de qualquer bloco temático deve ser cuidadosa, para que seja estimulante e de real interesse dos alunos, e sirva à sua aprendizagem, respeitando o amadurecimento correspondente à faixa etária e levando à aprendizagem de procedimentos, ao desenvolvimento de valores, à construção da cidadania.

MATEMÁTICA

Ao pensar o processo de ensino-aprendizagem da Matemática nos anos iniciais, é preciso refletir sobre como a estrutura do nosso Plano de Curso pode se transformar em prática educativa. Para atingir os objetivos, precisamos considerar que trabalhamos com salas heterogêneas, reconhecer os interesses variados dos alunos e seus conhecimentos prévios e valorizar seu grande potencial criativo. A função do professor é associar-se aos alunos na busca de novos conhecimentos. Alunos e professores interagem e crescem no processo. Para isso, é necessário:

- desenvolver uma concepção do conhecimento matemático como ciência viva, aberta à incorporação de novos conhecimentos;
- analisar e refletir sobre os conceitos e procedimentos expressos no Plano de Curso;
- transformar o conhecimento matemático formalizado em conhecimento escolar, de modo que possa ser compreendido pelo aluno.

Nessa concepção de ensino, rompemos com a ideia de que cabe ao professor transmitir os conteúdos por meio de explicações, exemplos e demonstrações seguidas de exercícios de fixação. O conhecimento matemático não deve ser encarado como um conjunto de conceitos a serem memorizados. Por sua vez, acentuamos a ideia de que o aluno, além de ser agente da construção de seu conhecimento, em situações de desafio, nas quais é estimulado a estabelecer relações entre os conhecimentos já construídos e os novos, também aprende na interação com seus parceiros. A cooperação entre os alunos na busca de soluções, o levantamento e confrontação de hipóteses favorecem a construção e ampliação do próprio pensamento. As ideias matemáticas apresentadas na escola devem relacionar-se com a vivência das crianças. Dessa forma, além de explorar ideias numéricas e contagem, podemos trabalhar com noções de geometria, medidas e estatística.

As crianças têm ideias próprias, sentimentos, interesses; estão inseridas numa cultura e são capazes de aprender Matemática e desenvolver-se cognitivamente. Assim, no processo de transformação do saber científico em escolar, é necessário considerar as condições cognitivas, sociais e culturais de quem irá aprender, contextualizando o conhecimento e estabelecendo relações com suas vivências cotidianas. No entanto, devemos garantir a ampliação desse conhecimento de forma que os alunos possam observar regularidades, buscar generalizações e transferir estes conhecimentos a outros contextos. Por isso, as interferências e problematizações feitas pelo professor no desenrolar das atividades propiciam a ampliação gradativa das noções matemáticas.

A Matemática faz-se presente em diversas atividades realizadas no cotidiano pelas crianças. Sendo assim, devemos oferecer aos alunos várias situações que possibilitem o desenvolvimento do raciocínio lógico e da criatividade e a capacidade de resolver problemas. O ensino dessa disciplina pode ampliar as possibilidades de os alunos compreenderem e transformarem a realidade.

As orientações que seguem têm como objetivo contribuir no planejamento de situações didáticas que favoreçam a construção das competências esperadas. Ansiamos que todos os alunos tenham oportunidade de vivenciar diversos tipos de experiências de aprendizagem, considerando aspectos transversais, a utilização de recursos adequados e a vivência da matemática de forma rica e diversificada. Assim, todos os alunos deverão ter oportunidades de se envolver em diversas experiências de aprendizagem, tais como:

Resolução de problemas

Toda criança encanta-se por desafios. Quando falamos sobre a resolução de problemas, é possível esclarecer que não há necessidade de o aluno possuir todas as informações e conceitos envolvidos na situação-problema. Outro aspecto que exige esclarecimento é que trabalhar apenas com os problemas convencionais pode levar o aluno a uma postura de fragilidade e insegurança diante de situações de desafio maior. Bons problemas são aqueles relacionados à realidade do aluno e que envolvem temas motivadores, favorecendo a aprendizagem.

Sendo assim, acreditamos que, ao trabalhar com a resolução de problemas, o professor deve saber que:

- problema é toda situação que permite problematização, ou seja, um processo investigativo.
- a essência está no problematizar; cada pergunta nova transforma-se em um novo desafio para o aluno.
- é necessário criar um ambiente de produção ou de “re-produção” do saber.

Enquanto resolve situações-problema, o aluno aprende matemática, desenvolve procedimentos e modos de pensar e põe em prática habilidades básicas como verbalizar, ler, interpretar e produzir textos.

No processo educativo, também podemos propor aos alunos a formulação de problemas. Quando os alunos formulam problemas, percebem a relação entre os dados apresentados, a pergunta e a resposta; e articulam o texto, os dados e a operação a ser usada. Formular problemas é uma forma de estimular a capacidade inventiva e questionadora dos alunos e uma forma de fazer matemática por meio da possibilidade de questionar, levantar hipóteses, comunicar ideias, estabelecer relações e aplicar conceitos.

Para que os alunos sejam capazes de formular seus próprios problemas, é preciso que eles tenham contato com diferentes tipos de problema, tendo, assim, um repertório como apoio. Ao formulá-los, os alunos precisam reconhecer os dados disponíveis, a situação criada e evidenciar a existência de um problema por meio da pergunta inventada. É preciso que as crianças leiam o que fizeram, relatem dúvidas e debatam sobre as incompreensões, semelhanças e diferenças entre os textos.

O professor pode organizar a sala para produção coletiva e deve encontrar formas para fazer intervenções: reproduzir o texto em transparência, reproduzir textos com algum tipo de incorreção para que os alunos identifiquem as falhas, misturar textos bem elaborados com textos que apresentam falhas e modificar os textos de acordo com a resposta.

Para a formulação de problemas, é necessário que se criem uma intenção real e um destinatário efetivo para as produções dos alunos: sorteio de problemas para serem resolvidos por todos da classe, troca entre os alunos, construção de uma folha com aqueles criados pelas crianças, seleção de alguns criados e troca entre classes da mesma série, criação de um banco de problemas, confecção de um mural com os mais interessantes e desafiadores e envio para jornal da escola ou página na Internet, livro de problemas, problemateca. Uma sugestão é pedir que os alunos formulem problemas com palavras específicas da linguagem matemática: adição, dobro, divisor. Outra é a criação de problemas que tenham uma certa estrutura textual: poema, problema com rima, charada, conto, etc.

Formular problemas é uma ação mais complexa do que resolver problemas, pois os alunos devem lidar com as dificuldades da linguagem matemática, da língua materna e da combinação de ambas. Assim, torna-se um instrumento de avaliação o tempo todo, pois fornece indícios do que os alunos estão dominando ou não. Nosso desejo é que os alunos se tornem leitores e escritores em matemática.

Dessa maneira, a resolução de problemas estabelece um contexto de aprendizagem que favorece a integração do raciocínio e da comunicação. Os problemas devem ser desafiadores, envolvendo diversas estratégias e métodos de resolução e precisam estar sempre presentes nas aulas de Matemática, porém não de forma rotineira, mecânica e repetitiva.

Jogos

Acreditamos no ensino da Matemática de corpo inteiro. Propor jogos nas aulas dessa disciplina é uma maneira desafiadora e prazerosa de os alunos participarem ativamente do processo de construção do conhecimento. Os jogos no ensino de matemática estimulam não só o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, como também propiciam a interação e o confronto entre diferentes formas de pensar e permitem ao aluno vivenciar uma experiência com características sociais e culturais. Por meio dos jogos, podemos trabalhar, de maneira lúdica, conteúdos importantes na educação matemática.

As tentativas, os erros e até mesmo os fracassos durante os jogos devem ser encarados de maneira desafiante e podem ser revistos de forma natural durante as jogadas, sem deixar marcas negativas, propiciando novas tentativas, permitindo que a criança desenvolva iniciativa, autoconfiança e autonomia. Assim, os conteúdos atitudinais também estarão presentes nessas aulas. As crianças aprenderão a trabalhar em grupo, respeitar regras, ajudar seu adversário a melhorar suas habilidades e entenderão que, num jogo, um jogador ganha e o outro precisa perder. Na medida em que o professor propuser boas questões aos alunos, estes poderão potencializar suas capacidades para compreender os conceitos matemáticos presentes nos jogos.

Existem jogos infantis praticados no mundo inteiro. Quando o professor escolhe jogos de outros povos para trabalhar com os alunos, enriquece suas aulas, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar, podendo, por exemplo, localizar num mapa ou globo terrestre os países citados, contar histórias desses povos, proporcionar a fabricação do jogo com material alternativo, etc. As crianças também poderão criar seus próprios jogos ou modificar regras. Na bibliografia desse trabalho, você poderá encontrar sugestões de *sites* e livros para pesquisa.

A relação entre o jogo e a Matemática é muito significativa, principalmente para crianças dos anos iniciais, pois é nesse período que elas devem encontrar o espaço para explorar e descobrir elementos da realidade que as cerca. Os alunos devem ter oportunidade de vivenciar situações ricas e desafiadoras, as quais serão proporcionadas pela utilização dos jogos como recurso pedagógico.

Por isso, ao optar por trabalhar a Matemática por meio dos jogos, o professor deve levar em conta a importância da definição dos conteúdos e das habilidades presentes nas brincadeiras e o planejamento de sua ação. Além de jogar, as crianças devem conversar sobre o jogo, discutindo o que foi fácil, o que foi difícil, dicas para se jogar melhor, entre outras coisas. Essa comunicação permite que os alunos reajam frente às ideias dos outros e que considerem pontos de vista alternativos. O diálogo capacita os alunos a falarem de modo significativo sobre seus conhecimentos, suas dúvidas, suas aprendizagens. A partir da discussão estabelecida, das diferentes respostas obtidas, o educador pode perceber o raciocínio de cada aluno e planejar as intervenções apropriadas.

Além da socialização de ideias, os alunos poderão registrar suas descobertas com desenhos ou textos coletivos. Escrever sobre Matemática ajuda na aprendizagem das crianças, encoraja reflexão e clareia ideias. Assim, o jogo não se tornará mero lazer, mas uma nova forma de aprender Matemática.

Nas situações de jogo, a criança é capaz de construir conceitos de uma forma muito mais lúdica e prazerosa, assim como lançar mão dos conhecimentos matemáticos que já possui de forma mais integrada e "inteligente". Além disso, um jogo pode servir como ponto de partida para uma atividade de investigação, em que os alunos levantam e testam hipóteses, argumentam e comunicam oralmente ou por meio da escrita suas conclusões, enfim proporcionando a investigação e a relação com outras áreas do conhecimento.

Brincadeiras infantis

Toda criança, de qualquer idade ou realidade social, brinca. Utilizar as brincadeiras infantis nas aulas de matemática é muito mais do que tornar o processo de ensino mais significativo e prazeroso. Brincando, as crianças desenvolvem muito mais que noções matemáticas. Enquanto brinca, o aluno amplia sua capacidade corporal, sua consciência do outro, a percepção de si mesmo como um ser social, a percepção do espaço que o cerca e de como pode explorá-lo. Contudo, para utilizar as brincadeiras de forma produtiva, é preciso levar em consideração alguns aspectos. A brincadeira escolhida deve permitir que todos os jogadores possam participar ativamente. Desencadear processos de pensamento nas crianças possibilita a auto-avaliação do seu desempenho.

As brincadeiras são apresentadas desde as mais simples até as variações mais complexas. Quando os alunos já estiverem familiarizados com elas, uma sugestão é propor a variação de regras ou maior complexidade da brincadeira. Crianças que tenham maior conhecimento podem auxiliar as demais. É importante também que o professor abra espaço para brincadeiras que as próprias crianças (ou ele mesmo) conheçam ou queiram inventar.

As brincadeiras precisam ser feitas com frequência. Sugerimos uma ou duas brincadeiras no máximo por mês, em uma aula, toda semana, para que os alunos aprendam a brincar e também compreendam os conceitos matemáticos nela envolvidos. O professor deve garantir a repetição da brincadeira, para que todas as crianças tenham oportunidade de aprendê-la e superar suas dificuldades, vencendo os desafios propostos e apreendendo todas as regras.

Sempre ao final das brincadeiras, o professor deve reunir a turma para fazer um fechamento da atividade, assim como propusemos para os jogos; pode ser uma roda em que os alunos falem sobre como foi jogar, o que foi fácil e o que foi difícil, e tomem decisões sobre como realizar a brincadeira numa próxima vez. Também é fundamental que o professor preveja sempre algum tipo de registro sobre a atividade realizada, que pode ser: desenho sobre a brincadeira ou relatório final, que poderá ser um texto com a descrição das regras ou pistas com a melhor forma de se jogar. Na produção do texto dos alunos que ainda não escrevem convencionalmente, cabe ao professor articular todas as informações e registrar por escrito o texto oral produzido pelos alunos.

Matemática e o ensino da Língua

Sugerimos a integração entre a Língua e a Matemática, pois acreditamos ser essa uma parceria extremamente importante e necessária. É fundamental que as crianças sejam estimuladas a buscar soluções para os cálculos e problemas e que tais soluções sejam discutidas coletivamente. O professor deve criar oportunidades para as crianças verbalizarem suas construções mentais sobre o que foi trabalhado.

Nesse sentido, usar a literatura infantil "[...] poderia ser um modo desafiante e lúdico para as crianças pensarem sobre algumas noções matemáticas e,

ainda, servir como um complemento para o material tradicionalmente utilizado nas aulas: a lousa, o giz e o livro didático*"*.(SMOLE, 1996, p. 68)

Por meio da conexão entre literatura e matemática, o professor pode criar situações na sala de aula que encorajem os alunos a compreenderem e se familiarizarem mais com a linguagem matemática, estabelecendo ligações cognitivas entre a língua materna, conceitos da vida real e a linguagem matemática formal.

Utilizando a literatura infantil nas aulas de Matemática, o aluno volta ao texto muitas vezes para acrescentar outras expectativas, percepções e experiências. Desta forma, a história contribui para que ele aprenda e faça matemática, assim como explore lugares, características e acontecimentos na história, o que permite que habilidades matemáticas e de linguagem desenvolvam-se juntas, enquanto lê, escreve e conversa sobre as ideias matemáticas que vão aparecendo ao longo da leitura. É neste contexto que a conexão da matemática com a literatura infantil aparece.

Segundo Smole (1999), ao decidir trabalhar com histórias infantis nas aulas de matemática, é preciso atentar para alguns aspectos:

- Conhecer a história antes de apresentá-la aos seus alunos para saber quais as possibilidades de trabalho que ela permite e se estão adequadas à sua classe.
- Lembrar que nenhuma exploração matemática pode vir antes da própria história e nem tampouco deturpar o sentido da história.
- O primeiro requisito para uma exploração de matemática a partir de um livro de histórias é que as crianças gostem e se envolvam com ele, com os personagens, etc.
- O ideal não é explorar um livro a semana toda, mas aos poucos, com emoção, expectativa, problematizações especialmente preparadas para isso. O ideal é que o professor faça isso em uma aula por semana, assim um mesmo livro pode ser trabalhado de um a dois meses com a turma.
- Não há necessidade de um livro para cada aluno. Você pode ter um livro por duplas, grupos de 4 ou mesmo um único livro em transparência, álbum seriado, etc.

Ao escolher um livro infantil para ser explorado, o professor poderá analisar a capa, propor aos seus alunos que façam a leitura intuitiva, levando-os a colocar suas expectativas em relação ao texto a ser lido, procurar discutir as palavras novas presentes na história e escutar e perceber as críticas e opiniões dos alunos sobre a história.

A leitura poderá ser feita em vários dias, possibilitando a conversa com a classe sobre as possibilidades dos próximos acontecimentos, podendo até mesmo registrar em forma de texto coletivo a continuação sugerida pelas crianças. Depois, pode ser realizada a comparação da versão dada pela classe com a originalmente proposta no livro. Alguns livros não apresentam um final definido e, nesses casos, os alunos podem elaborar o final da história.

Além dos livros infantis, os jornais e revistas também são fontes de materiais interessantes para as aulas de matemática, pois trazem assuntos que podem ser explorados em sala, aproveitando os fatos e acontecimentos que fazem parte do dia a dia.

Os textos de jornais e revistas oferecem uma oportunidade para trabalharmos com os alunos conceitos de matemática, ao mesmo tempo em que podemos desenvolver habilidades de leitura, escrita, seleção de informações e resolução de problemas. Jornais e revistas possibilitam explorações numéricas, apresentam gráficos e tabelas de diferentes tipos, enigmas, charadas e quebra-cabeças enriquecendo a proposta de resolução de problemas.

Para a realização desse trabalho, também é preciso observar cuidados necessários: ao selecionar um artigo, um gráfico, uma tabela, uma propaganda, um passatempo ou outro texto qualquer de jornal e revista, é importante que o professor tenha traçado quais são seus objetivos, verificar se o texto escolhido tem uma linguagem acessível aos seus alunos, adequar o tempo à sua proposta, pensar na organização da classe e em quais são os recursos necessários, e prever problematizações e registros que os alunos produzirão.

A escrita em matemática é marcada por um processo de idas e vindas, no qual a intervenção do professor fará com que os alunos progridam e escrevam textos cada vez mais complexos. O professor precisa valorizar o hábito da leitura e escrita e os alunos precisam adquirir o hábito de revisar a sua escrita antes de a considerarem concluída. Assim, os textos, o original e a sua reescrita, possibilitam a observação das semelhanças e diferenças entre eles e a problematização com o objetivo de alcançar a clareza e o aperfeiçoamento do texto. Para reformular um texto, é necessário ter clareza do que se pretende alterar, assegurando a fidelidade tanto aos conceitos matemáticos quanto aos aspectos linguísticos. Nesse contexto, produzir textos em matemática auxilia na apropriação do vocabulário específico e na compreensão de noções matemáticas.

Realização de projetos

Os projetos didáticos são situações que partem de um desafio, de uma situação-problema e que sempre têm como um de seus objetivos um produto final. Na maioria dos casos, os projetos envolvem mais de uma área de conhecimento sendo, portanto, interdisciplinares. Por meio dos projetos, os professores podem introduzir o estudo de temas que não pertencem a uma disciplina específica, mas que envolvem duas ou mais delas. Os projetos didáticos são feitos com o propósito de construir boas situações de aprendizagem, nas quais se evite compartimentar o conhecimento.

Os temas dos projetos podem surgir da curiosidade dos alunos em aprender algo, de uma situação-problema que esteja ocorrendo na escola ou na comunidade, de uma experiência vivenciada pelo grupo de alunos, por um fato da atualidade ou de uma questão suscitada a partir do projeto anterior. O conhecimento inicial da meta que dá origem ao projeto é fundamental para que os alunos possam compreender as decisões que vão sendo tomadas durante a realização do mesmo. Ao delimitar o tema, o professor precisa conhecer o que os alunos já sabem a respeito, que opiniões têm, que hipóteses levantam, que são habilidades tão necessárias no aprendizado da Matemática.

Durante o desenrolar do projeto, deve-se estabelecer uma cumplicidade de propósitos entre os alunos, e destes com o professor, provocando o surgimento de um ambiente de trabalho criativo, no qual cada indivíduo pode contribuir com suas aptidões, ou estar disposto a enfrentar o esforço de aprender algo novo e que se mostrou necessário em função do próprio projeto. Assim, os projetos didáticos propiciam o estudo de problemas reais, o que implica a necessidade de uma abordagem interdisciplinar.

Além de vivenciar ricas experiências de aprendizagem, os alunos devem ter a oportunidade de utilizar recursos de natureza diversa. Materiais manipuláveis são um recurso privilegiado para introdução e suporte de conteúdos escolares, promovendo, mais uma vez, momentos de investigação e comunicação entre os alunos. Ressaltamos a importância da exploração do Material Dourado para a assimilação do conceito da dezena por meio da manipulação, visualização e trocas. Outros recursos que podem enriquecer as aulas de Matemática são a calculadora e o computador. São instrumentos alternativos que promovem um aprendizado dinâmico, contextualizado e que envolve a resolução de problemas.

Por meio das atividades propostas, procuramos:

- ampliar a forma como encaramos os alunos em sala de aula considerando suas dimensões afetiva, cognitiva e social.
- expor um modo mais dinâmico de abordar os conteúdos de matemática.
- diminuir a distância entre a matemática e as demais áreas do conhecimento, especialmente arte e língua materna.
- favorecer uma compreensão da matemática como ciência, como jogo e como instrumento de resolução de problemas .
- não desprezar os conhecimentos matemáticos que vêm da criança e de sua comunidade.
- pensar em como considerar as diferenças e ritmos de aprendizagem entre os alunos.
- rever concepções de conhecimento e inteligência que conduzem as ações docentes.
- buscar formas de envolver a comunidade no trabalho da escola.
- ter, na avaliação e no planejamento, aliados para uma reflexão constante sobre o ensinar e o aprender.

Nosso desejo é que os alunos não percam a curiosidade pelo saber matemático e que, pelas experiências vividas na escola, sejam capazes de tomar decisões, construir, modificar e integrar ideias, tendo a oportunidade de interagir com outras pessoas, com objetos e situações que exijam envolvimento, dispondo de tempo para pensar e refletir acerca de seus procedimentos, de suas aprendizagens e dos problemas que têm que superar na vida real.

Organização do Plano de Curso de Matemática

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, decidimos organizar nosso Plano de Curso em blocos de conteúdo, contemplando o estudo dos números e das operações, o estudo do espaço e das formas, o estudo das grandezas e das medidas e o tratamento das informações cotidianas (dados estatísticos, tabelas e gráficos).

Nosso desafio foi selecionar, dentro de cada um desses blocos de conteúdos, quais conhecimentos e competências contribuiriam para o desenvolvimento intelectual do aluno, aprimorando seu raciocínio lógico-matemático, sua criatividade e sua capacidade de analisar e de criticar.

Atualmente, os alunos precisam de muito mais do que uma coleção de informações memorizadas; precisam de procedimentos de busca e de interpretação de informações, precisam saber pesquisar e comunicar suas ideias, conhecer técnicas e dominar estratégias para resolução de problemas, entre outras coisas. Assim, no processo de seleção de conteúdos, preocupamo-nos em identificar não só os conceitos, mas também os procedimentos e as atitudes a serem trabalhados em classe, o que trará certamente um enriquecimento ao processo de ensino e aprendizagem.

Os conteúdos foram organizados de forma espiralada, ou seja, um mesmo tema é trabalhado várias vezes. Contudo, sempre que é retomado, surge sob um novo enfoque, de modo a permitir ao aluno muitas oportunidades de aprendizagem. O conteúdo matemático deve ser contextualizado em situações típicas da infância, tornando-se mais significativo para os alunos. Assim, nenhum bloco de conteúdo será esgotado num único momento. A retomada de temas em diferentes momentos do processo possibilitará a integração de diversos conteúdos.

Para enriquecer e facilitar o trabalho que será realizado em sala de aula, apresentamos um conjunto de sugestões didáticas que deverão ser adaptadas a cada realidade. Lembramos que todo trabalho realizado em Matemática deve partir de uma situação concreta. Para esse fim, recomendamos a organização de materiais diversos, que serão manipulados pelos alunos no decorrer do ano. O professor poderá propor que os alunos tragam botões, contas, pedrinhas, palitos de picolé, bolinhas de gude, figurinhas, caixas de fósforos vazias, embalagens, rótulos, jornais, folhetos de supermercado, etc. Esse material deverá ser devidamente selecionado e organizado.

A seguir, você encontrará a descrição de cada bloco de conteúdo, juntamente com orientações e sugestões para a concretização dos conteúdos propostos no Plano de Curso.

1. Números e operações

Os conteúdos deste bloco deverão ser trabalhados de forma contextualizada, em que o número e as operações apareçam nas mais diversas situações: quantificar, medir, ordenar, codificar, ou seja, trabalhar com o sistema de numeração decimal possibilitando situações reais de contagens, cálculos, comparações e ordenações, oferecendo oportunidades aos alunos para refletirem a respeito do valor posicional dos algarismos nos numerais.

Trabalhar a história do número propiciará o reconhecimento de problemas vividos pela humanidade, resgatando a histórias de lugares, tempos e povos antigos e ajudando ao aluno a entender melhor a Matemática.

As operações fundamentais (adição, subtração, multiplicação e divisão) deverão ser trabalhadas a partir de situações-problema, nas quais, aos poucos, o aluno irá ampliando seu conceito de número. Para que a criança construa o significado de uma operação, é preciso que ela se depare com diferentes situações em que essa operação se aplica ou não, conhecendo as ideias e propriedades de cada uma delas.

Ainda em relação às operações, desejamos que o trabalho que será desenvolvido possibilite a busca de estratégias próprias para resolução de problemas, em que o aluno perceba que um mesmo problema pode ser resolvido por diferentes operações e que diferentes problemas podem ser solucionados utilizando-se uma única operação.

Outro aspecto que merece destaque são as atividades que envolvam estimativas, arredondamentos e cálculo mental. É importante que o professor encontre situações que privilegiem a construção dessas competências, tão necessárias no dia a dia.

Ressaltamos que, para o trabalho com esse bloco de conteúdo, é importantíssima a exploração de jogos, material dourado e ábaco, que auxiliam na compreensão do sistema de numeração decimal e das quatro operações e até mesmo da calculadora tão utilizada no cotidiano dos alunos.

O raciocínio lógico é um processo pensado, planejado e construído na escola. Fora dela, ele acontece naturalmente, a partir das relações com o mundo. Portanto, precisamos possibilitar aos alunos momentos de decisões, nos quais possam exercitar a independência, a reflexão e a introspecção. Ao decidirem, há um claro julgamento de valores e escolha consciente de um caminho entre vários, por isso, a decisão só pode ocorrer num ambiente onde haja a possibilidade de escolha, onde haja a expressão.

Pensando nisso, sugerimos algumas situações didáticas:

- Desafios para semana: ao início de cada semana, usando um cartaz, o professor poderá propor uma situação-problema que provoque curiosidade para descoberta. Os alunos terão a semana toda para encontrar a solução. Ao final da semana, professora e alunos desvendam o desafio. Eis algumas sugestões de desafios que podem ser propostos aos alunos:

a) Quebra-cabeça: os alunos receberão um problema em tiras e deverão montá-lo na ordem correta antes de resolvê-lo.

Ele já colou 58 figurinhas.
Seu irmão deu a ele 26.
Quantas figurinhas ele ainda precisa para completar seu álbum?
João coleciona figurinhas do Pan-americano 2007.
O álbum para estar completo deve ter 285 figurinhas.
Ele resolveu comprar todas as figurinhas que faltam na sua coleção.

b) Apresentar o problema em tiras com os dados numéricos separados. Os alunos colocarão os dados nas frases e resolverão o problema.

Juntaram _____ moedas ao todo.
Um grupo de ____ crianças juntou suas coleções de moedas.
Quantas moedas tinha cada uma das crianças?
Os números do problemas são 9, 63.

c) Apresentar várias opções de resposta para os alunos.
Um esportista usa 3 sabonetes por semana. Quantos sabonetes ele irá gastar em 9 meses? Qual das contas abaixo leva à solução do desafio?

3 + 9	9 x 12	9 + 12	3 x 4

d) Apresentar mais de uma solução possível, para permitir a percepção de que há mais de um modo de resolver o desafio. Analisar as vantagens e desvantagens de cada um.
Um avião com destino ao Rio de Janeiro pode transportar 314 passageiros. Se o avião fizer 7 viagens totalmente lotado, quantos passageiros ele vai transportar para assistirem ao Pan-americano 2007 ? Qual das contas resolve o desafio ?

7 x 314	314 - 7	314 : 7	314+314+314+314+314+314+314

e) Oferecer dois problemas e pedir que registrem semelhanças e diferenças:

- Luiz tinha 25 bolas e deu 12 a um amigo. Com quantas bolas ficou?
- Luiz deu 25 bolas a um amigo e 12 bolas a outro amigo. Quantas bolas ele deu?

f) Apresentar um problema sem pergunta e fornecer uma série de questões:

Ana Laura tem um livro sobre esportes com 120 páginas. Ela já leu 52 páginas e quer terminar a leitura em 4 dias, lendo o mesmo número de páginas em cada dia. Escolha, entre as perguntas a seguir, aquelas que podem ser respondidas por esse problema:

- Quantos dias ela levou para ler as 52 páginas?
- Quantas páginas ela deve ler por dia?
- Quantas páginas ela vai ler nos dois últimos dias?
- Qual é o nome do livro?
- Quantas páginas faltam para ela terminar a leitura

g) Espaço de criação: com a classe organizada em grupos, os alunos poderão criar problemas a partir de algumas situações, como:

- quantos ao todo?
- quantos para cada um?
- quantos jogadores de futebol tem a mais que nadadores?
- cujo resultado seja 567
- cuja resposta seja: “restaram 34 pincéis”
- cujas operações sejam 15 + 7 e 35 – 22
- Continue o problema: “Um ônibus de excursão pode levar para os jogos pan-americanos 48 passageiros sentados. As 2as séries querem assistir aos jogos e....”
- um problema cuja a pergunta seja: quantas... eu tenho a mais que ....?
- um problema que seja uma charada;
- um problema parecido com este: “Uma academia de esportes funciona de segunda a sábado. A turma de vôlei se reúne diariamente, exceto às quartas. Há jogos de tênis todos os dias, exceto terças e sábados. São oferecidas aulas diárias de pingue-pongue. As aulas de natação são em dias alternados, a partir das segundas. Há aulas de ginástica diariamente a partir das terças. Qual é o dia mais movimentado da academia?”

Com os problemas formulados pelos alunos, poderemos:

- propor um sorteio de alguns para serem resolvidos por toda classe;
- trocar problemas entre os alunos ou entre as outras classes de 3º ano;
- montar uma folha de problemas criados por eles e ir escolhendo qual será resolvido;
- colocar no mural, jornal da escola ou Internet os problemas mais interessantes;
- propor toda semana a escrita de um estilo de texto nas aulas de Matemática como registro de aprendizados, por exemplo: escrever uma carta para o 2º ano, contando como foi o trabalho com o material dourado; confeccionar um convite para outra classe prestigiar uma exposição de sólidos geométricos; inventar um problema com rima; registrar as regras de um jogo, etc.
- problematizar as tabuadas: o professor pode dividir a classe em grupos. Cada grupo será responsável por uma tabuada, sem que os outros saibam, eles deverão levantar as características daquela tabuada e dar as dicas para que os outros grupos descubram. Todos poderão registrar as dicas, que nada mais são do que as regularidades observadas nas tabuadas.
- possibilitar o uso da calculadora em situações de cálculo, por exemplo: pedir aos alunos que digitem um número, em seguida dizer que no

visor da calculadora deverá aparecer o número 80, perguntar como se pode obter esse número usando a calculadora.

- Identificar resultados de cálculos usando estimativas, por exemplo: “Assinale a resposta que indica o intervalo em que se encontra o resultado da soma entre 750 e 230.”; entre 1000 e 1100; entre 900 e 1000; entre 800 e 900.
- analisar situações de cálculo para identificar a operação realizada e testar hipóteses usando a calculadora, por exemplo: “Os números envolvidos no cálculo são 150 e 3, o resultado obtido é 450, a operação realizada é: _____”
- usando material manipulável (palitos, bolinhas, canudinhos), mostrar à classe que uma determinada quantidade de objetos pode ser agrupada por uma regra: no sistema de numeração decimal, os agrupamentos são feitos de 10 em 10, ou seja, 10 unidades são trocadas por 1 dezena e 10 dezenas por 1 centena. Utilizar também o material dourado. Pedir às crianças que representem números no material dourado, realizando composições e decomposições.

2. Espaço e Forma

Para compreender, representar e descrever o mundo em que vive, é necessário que o aluno saiba localizar-se e movimentar-se no espaço e perceba o tamanho e forma dos objetos que o rodeiam. Os conceitos geométricos trabalhados nesse bloco de conteúdo visam ao reconhecimento do espaço onde o aluno vive, por meio de atividades que trabalhem a lateralidade, deslocamentos no espaço, pontos de referência e também a observação, construção e comunicação de figuras geométricas planas e espaciais.

Sugerimos que o trabalho seja realizado a partir da exploração de objetos do mundo físico, de obras de arte, pinturas, desenhos, esculturas e artesanato, o que permitirá conexões entre a Matemática e outras áreas do conhecimento. O uso de embalagens, sucata, tangram e dobraduras é um importante recurso para o trabalho com os conteúdos deste bloco.

O professor também poderá propor brincadeiras como: imagine que você tem um amigo deficiente visual que está conversando com você no telefone e ele lhe pergunte: “O que é um círculo? O que é um quadrado? O que é um... ?”. Assim, as crianças deverão descrever as figuras planas e sólidas.

Outras possíveis situações didáticas são:

- Classificação de sólidos geométricos a partir de critérios como: rolam e não rolam.
- Atividades de empacotamento para observação de formatos e tamanhos de caixas, saquinhos de supermercados, diferentes saquinhos de papel (embalagem para pipoca, pão, cachorro-quente), entre outras.
- Construções de dobraduras e quebra-cabeças para criar mosaicos com formas geométricas planas, observando simetrias.
- Atividades de dobradura para identificar eixos de simetria e retas paralelas.
- Relatos de trajetos e construções de itinerários de percursos conhecidos ou a partir de instruções dadas oralmente e por escrito.
- Análise de fotografias de lugares ou de percursos conhecidos para descrever como é o lugar ou o percurso e a posição em que se encontra quem tirou a foto.
- Desenho do percurso de casa à escola, propondo que os alunos troquem e comparem seus desenhos e façam a leitura do percurso dos colegas.
- Leitura de guias de ruas, mapas e croquis fazendo uso das referências de localização.
- Leitura de livros paradidáticos que explorem conhecimentos matemáticos, por exemplo a coleção “Matemática em mil e uma histórias”, da editora FTD.

3. Grandezas e medidas

Neste bloco, trabalharemos com situações reais de medição, em que os alunos observarão o que se pode medir e como fazê-lo, usando medidas não-convencionais e convencionais. Mais uma vez, ressaltamos a importância do trabalho com a história da Matemática, possibilitando constatação da trajetória do

homem em buscar instrumentos de medida cada vez mais precisos. É interessante que os alunos vivenciem processos de medição com palmos, pés, passos, etc.

O professor também poderá promover atividades de estimativas sobre medidas e uso de instrumentos de medidas como balança, metro, fita métrica, relógio, calendário. Poderá pedir que as crianças tragam vários instrumentos de medidas padronizadas ou não, como: pedaços de barbante, copinho de remédio, fita métrica, metro, jarra, régua, balança e criar situações de medidas na sala de aula, por exemplo:

- sala de aula: número de passos X metros;
- mesa: palmas da mão X centímetros;
- quantas jarras para encher um balde;
- quantos copos para encher a jarra;
- quantos alunos deitados no chão para medir a classe.

Também poderá explorar jornais de propaganda de supermercado, elaborar livros de receitas culinárias, de massas de modelar, de tintas, etc (ampliar e reduzir receitas). Outras ideias são:

- Observação de embalagens para identificar grandezas e suas respectivas unidades de medidas.
- Atividades que permitam fazer marcações do tempo e identificar rotinas: manhã, tarde e noite; ontem, hoje, amanhã; dia, semana, mês, ano; hora, minuto e segundo.
- Construção da linha do tempo para contar a sua própria história ou a história de vida de alguém conhecido ou da própria família.
- Exposição com instrumentos usados para medir: balanças, fitas métricas, relógios de ponteiro e digital, ampulhetas, cronômetros.
- Análise de situações apresentadas em folhetos de supermercado para identificar ofertas enganosas, situações que acarretam prejuízo e que apresentam vantagens.
- Atividades que façam uso de cédulas, moedas e calculadoras.
- Exposição de outras moedas que o Brasil já teve (pedir para que os alunos tragam).
- Produção de cédulas e moedas de papel, deixando que os alunos pintem, recortem e coloquem o valor. Promova atividades orais e escritas, dramatizações (lojinha, feira, banco). Durante as dramatizações, estimule os alunos a utilizarem os termos lucro e prejuízo.

4. Tratamento da informação

Neste bloco, pretendemos explorar diferentes formas de organizar e comunicar informações numéricas, bem como iniciar um trabalho de exploração de algumas noções de estatística e probabilidade. Assim, o professor poderá criar atividades de leitura e produção de listas, tabelas e gráficos, coleta e organização de dados estatísticos. O tratamento da informação estará presente em todos os demais conteúdos como uma ferramenta importante para que o aluno analise e perceba regularidades.

Sugerimos a exploração de jornais e revistas e a relação de dados obtidos a partir de pesquisas realizadas em outras áreas do conhecimento. Indicamos também:

- Organização de pesquisas relacionadas a assuntos diversos: desenvolvimento físico e aniversário dos alunos, programas de TV preferidos, animais de que mais gostam, entre outros.
- Preparação e simulação de um jornal ou de reportagens feitas pelos alunos, comunicando por meio de tabelas ou gráficos o assunto pesquisado por eles.
- Resolução de situações-problemas a partir de dados apresentados em listas, tabelas ou gráficos.
- Escrita de textos a partir da observação de listas, tabelas e gráficos.

Bibliografia sugerida

ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro de. **Jogos Divertidos e brinquedos criativos.** Vozes.
ALLUÉ, Josep M. **O grande livro dos jogos.** Tradução Afonso Celso Gomes. Belo Horizonte: Leitura, 1998.
BORIN, Júlia. **Jogos e resolução de problemas: uma estratégia para as aulas de matemática.** São Paulo: USP, 2004.
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Criatividade e novas metodologias.** São Paulo: Peirópolis, 1998.
BRENELLI, Roseli Palermo. **O jogo como espaço para pensar.** Papirus, 1996.
BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos:** se o importante é competir, o fundamental é cooperar! Santos: Renovada, 1997.
_____. **Jogos cooperativos:** o jogo e o esporte como um exercício de convivência**.** Santos: 2001.
BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura.** Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. São Paulo: Cortez, 2001.
CARDOSO, Virgínia Cárdia. **Materiais didáticos para as quatro operações** – São Paulo: USP, 2002.
COLL, César. **Os conteúdos na reforma.** Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
D`AMBRÓSIO, Ubiratan.**Educação para uma sociedade em transição.** Campinas: Papirus, 1999.
_____. **Transdisciplinaridade.** São Paulo: Palas Athena, 1997.
_____. **Educação Matemática:** da teoria à prática. Campinas: Papirus, 1996.
DANTE, Luiz Roberto. **Didática da Resolução de Problemas de Matemática**. São Paulo: Editora Ática, 1994.
DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 2001.
DINIZ, Maria Ignez de Souza Vieira; SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **O conceito de ângulo e o ensino de geometria**, São Paulo: USP, 1998.
FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender**. O resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.
GIORGI, Cybele. **Gente miúda na cozinha.** SESI, 1991.
GRANDO, Regina Célia. **O Jogo e suas possibilidades metodológicas no processo ensino-aprendizagem da Matemática.** Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 1995.
GRANDO, Regina Célia. **O Jogo e a Matemática no contexto da sala de aula.** São Paulo: Paulus, 2004.
GUELLI, Oscar. **Contando a História da Matemática:** A invenção dos números. São Paulo: Editora Ática, 1992.
GWINNER, Pat. **"Pobremas" enigmas matemáticos.** Vozes, volumes I, II, III e IV.
IMENES, Luiz Márcio Pereira. **Brincando com números.** Scipione.
KAMII, Constance. **A criança e o número:** implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos. Tradução Regina A. de Assis. Campinas. Papirus, 1990.
_____. **Aritmética: novas perspectivas:** implicações na teoria de Piaget. Tradução Marcelo Cestari T. Lellis, Marta Rabioglio, Jorge José de Oliveira, Campinas.Papirus, 1992.
_____. **Reinventando a aritmética.** Tradução Elenisa Curt. Campinas: Papirus, 1988.
_____. **Jogos em grupos na educação infantil.** Trajetória Cultural.
KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.
_____. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação.** Petrópolis: Vozes, 1993
LEAL, Mariana Kawall. **Ideias matemáticas de povos culturalmente distintos.** Global.
MACEDO, L., PETTY, ALS, PASSOS, N.C. **4 cores, senha e dominó**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
_____. **Aprender com jogos e situações problema**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
MACEDO, Lino de. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**: Artmed.
_____.; MACHADO, Nilson José – **Jogo e projeto: pontos e contrapontos**/ Lino de Macedo, MACHADO Nilson José; ARANTES, Valéria Amorim.– São Paulo: Summus, 2006.
MACHADO, Nilson José. **Matemática e língua materna: análise de uma impregnação mútua.** São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Matemática e Educação: alegorias, tecnologias e temas afins.** São Paulo, Cortez, 2002.
MARINCEK, Vânia (coordenado por). **Aprender matemática resolvendo problemas.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
MIRANDA, Nicanor, **210 Jogos Infantis.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia .
MONTEIRO, Maria Therezinha de Lima. **Construção das operações**. Editora Vozes.
OCHI, Fuzako Hori, PAULO, Rosa Monteiro, YOKOYA, Joana Hissae, IKEGAMI, Kazuwo João. **O uso de quadriculados no ensino da geometria**. São Paulo: USP, 2003.
PANIZZA, Mabel, **Ensinar matemática na educação infantil e nas série iniciais**: análises e propostas/ organizado por Mabel Panizza. Tradução Antonio Feltrin. Porto Alegre: Artmed, 2006.
PARRA, Cecília, SAIZ Irma , LERNER Delia , GÁLVEZ Grécia , BROUSSEAU Guy , SANTALÓ Luis A. , SADOVSKY Patrícia , CHARNAY Roland. **Didática da Matemática – Reflexões Psicopedagógicas,** Trad. Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
PEREIRA, Maria das Graças Barbosa. **Jogos uma forma de ensinar e aprender matemática.** Belo Horizonte: Editora Universidade, 2001.
SAMPAIO, Fausto Arnaud. **Matemágica – História, aplicações e jogos matemáticos.** Papirus.
SMOLE, Katia Cristina Stocco. **A matemática na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed.
_____. **Ler, escrever e resolver problemas.** Porto Alegre: Artmed.
_____.; ROCHA, Glauce Helena Rodrigues, CÂNDIDO, Patrícia Terezinha e STANCANELLI, Renata, **Era uma vez na Matemática: uma conexão com a literatura infantil.** São Paulo : USP, 2004.
SMOLE, Katia Cristina Stocco, DINIZ, Maria Ignez e CÂNDIDO, Patrícia. **Resolução de problemas.** Porto Alegre: Artmed, 2000.
_____. **Brincadeiras infantis nas aulas de matemática.** Porto Alegre: Artmed, 2000.
TAILLE, Yves de La, **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
ZASLAVSKY, Cláudia, **Jogos e Atividades Matemáticas do Mundo Inteiro** - Diversão Multicultural para idades de 8 a 12 anos. Rio Grande do Sul: Cotidiano Pedagógico, 2000.
SESC. **A volta ao mundo em 80 Jogos**, São Paulo, Sesc, 2001.

Sugestão de *sites* interessantes

www.aprendebrasil.com.br ;
www.mathema.com.br;
www.exatas.com;
www.canalkids.com.br;
www.educar.sc.usp.br
www.terrabrasil.net/folclore
www.matematicahoje.com.br
www.novaescola.abril.com.br
www.somatematica.com.br
www.ciadaescola.com.br
www.tvcultura.com.br/artematematica
www.vello.sites.uol.com.br (site oficial do Ubiratan D´Ambrósio)
www.luizdante.com.br
www.ime.usp.br/caem/
www.educarede.com.br
www.revistapatio.com.br

***Sites* de jogos matemáticos**

www.origem.com.br
www.brinqmania.com.br
www.jogos.antigos.com.br
www.ludomania.com.br
www.septima.com.br

INFORMÁTICA EDUCATIVA

Considerações gerais sobre a Informática Educativa

Presente nas Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino, o Laboratório de Informática Educativa deve, diante do seu caráter educacional, servir como fonte de conhecimento, estabelecendo relações entre os diversos eixos da Matriz Curricular do Ensino Fundamental e promovendo a interdisciplinaridade.

Assim, estruturado em um ambiente de busca de conhecimento, tem como objetivo encorajar o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, as **TICs** (PCs, Periféricos e Acessórios, *Softwares*, Mesas Educacionais e Internet), possibilitando a criação de novos relacionamentos nas escolas, instigando a aprendizagem e levando informações atuais e seguras a todos os que participam da vida escolar, colocando o "Mundo" como espaço de aprendizagem.

Planejamento Pedagógico

O professor de Ensino Fundamental, subsidiado pelo Professor Orientador de Informática em Educação (POIE) e orientado pelo Coordenador Pedagógico, deve criar situações educacionais em que o aluno possa explorar conteúdos significativos, por meio de recursos tecnológicos, possibilitando diferentes formas de abordagem do conhecimento e diferentes suportes de investigação de temas específicos, garantindo um trabalho integrado com as atividades desenvolvidas em sala de aula.

Desse modo, os POIEs, responsáveis pelos laboratórios nas Unidades Escolares, devem participar da elaboração do projeto pedagógico da escola, divulgando as possibilidades existentes, propondo atividades / projetos integrados aos conteúdos dos vários anos e das diferentes disciplinas, organizando mostras, eventos e feiras de Informática Educativa na Unidade Escolar.

Objetivos

Na Fase Inicial do Ensino Fundamental (1º ao 3º ano), a informática educativa busca:

- incentivar a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas atividades cotidianas;
- desenvolver a percepção visual e auditiva, a coordenação motora, a memorização, a convivência em grupo, a inter-relação de pensamentos, ideias e conceitos, a utilização das linguagens como meio de expressão e comunicação.
- propiciar, como elemento articulador de conteúdos curriculares, a aquisição de novos conhecimentos.
- desenvolver a habilidade para organizar informações, levantar hipóteses e pensar estrategicamente.
- desenvolver a capacidade de expressão por meio da criação, edição e exposição dos próprios projetos interdisciplinares, integrando textos, imagens, ferramentas de desenho e pintura, animações, efeitos especiais, recursos de som e vídeo.
- ensinar valores importantes para a formação do "Cidadão do Futuro".

LÍNGUA PORTUGUESA

"Há crianças que ingressam no mundo da linguagem escrita através da magia da leitura e outras que ingressam através do treino das tais habilidades básicas. Em geral, os primeiros se convertem em leitores, enquanto os outros costumam ter um destino incerto."
(Emília Ferreiro, **Passado e presente dos verbos ler e escrever**)

Como já dissemos, o Plano de Curso é um instrumento que visa a orientar o trabalho do professor de forma que este possa contemplar, de forma organizada e sistemática, o mínimo necessário a todos os alunos da nossa rede.

Como tal Sistema está organizado em fases[11], é imprescindível que haja uma integração entre o trabalho e o conteúdo desenvolvido nos anos iniciais, de forma a tornar o ensino mais coerente e significativo, especialmente no que diz respeito às competências e habilidades esperadas em Língua Portuguesa, área do conhecimento que instrumentaliza o aluno em todas as situações de interação e ação em sua vida cotidiana.

Assim sendo, propomos um trabalho baseado em práticas de Linguagem epilinguísticas, ou seja, praticar a língua partindo de situações reais de uso social, em que o aluno pode agir reflexivamente sobre a mesma antes de chegar aos conceitos, normas e regras pertinentes a qualquer idioma.

As atividades metalinguísticas, ou seja, de sistematização e normatização da língua, serão priorizadas nos anos relativos à Fase Complementar (4º e 5º ano). Contudo, vale ressaltar que isso não quer dizer que a Gramática Normativa não será trabalhada nos anos iniciais. Pelo contrário, ela estará presente sim! O que muda, entretanto, é a forma de abordagem, pois entendemos que seja necessário partir do seu uso, nas situações reais de produção de texto, e não a partir de listas de exercícios esvaziados de significado e sentido para as crianças dessa faixa etária.

> Durante muito tempo a tradição escolar definiu como conteúdo de leitura o aprendizado da decifração. Ler, emitindo sons para cada uma das letras, era a situação que ilustrava a aprendizagem da leitura. Hoje, sabemos que não basta ler um texto em voz alta para que seu conteúdo seja compreendido, e a decifração é apenas uma, dentre muitas, das competências envolvidas neste ato. Ler é, acima de tudo, atribuir significado. Além disso, se queremos formar leitores plenos, usuários competentes da leitura e da escrita em diferentes esferas, participantes da cultura escrita, não podemos considerar alfabetizados aqueles que sabem apenas o suficiente para assinar o nome e tomar o ônibus. Isso não é tarefa simples: implica redefinir os conteúdos de leitura e de escrita. Não se trata mais de ensinar a língua, suas regras e suas partes, isoladamente, mas de incorporar as ações que se fazem com textos no cotidiano de um centro urbano como Santos. No nosso dia a dia lemos com os mais diferentes propósitos: para nos informar sobre as atualidades, para localizar endereços e telefones, para fazer uma receita, para saber como vão pessoas que estimamos, para nos divertir ou emocionar, para tomar decisões, para pagar contas, para comprar algo, entre outros. E escrevemos para distintos interlocutores, com diferentes intenções, nas mais variadas situações: para relatar como estamos para pessoas distantes, para solicitar algo, para reclamar de alguma coisa, para nos lembrarmos daquilo que temos de comprar, para prestar contas do nosso trabalho, para anotar um recado para alguém, entre muitas outras ações. São ações que podem e devem ser aprendidas, traduzidas em comportamentos – de leitor e de escritor – que precisam ser ensinados. Claro que é necessário aprender o sistema de escrita e seu funcionamento, mas esta aprendizagem pode ocorrer em situações mais próximas das situações reais e com textos de verdade – que comunicam e que foram feitos para leitores. Trata-se então de trazer para dentro da escola a escrita e a leitura que acontecem fora dela. Trata-se de incorporar, na rotina, a leitura feita com diferentes propósitos e a escrita produzida com diferentes fins comunicativos para leitores reais. Enfim, trata-se de propor que a versão de leitura e de escrita presente na escola seja a mais próxima possível da versão social e que, assim, nossos alunos sejam verdadeiros leitores e escritores. [12]

[11] Fase Inicial: 1º, 2º e 3º ano. Fase Complementar: 4º e 5º ano.
[12] São Paulo : SME / DOT, 2006. 104p.: il. – v.2

A organização de uma rotina de leitura e escrita [13]

Organizar uma rotina semanal de leitura e escrita é fundamental para orientar o planejamento e o cotidiano da sala de aula. Ela se expressa na forma como são organizados o tempo, o espaço, os materiais, as propostas e intervenções do professor e revela suas intenções educativas.

Nessa proposta de alfabetização, a rotina deve contemplar situações didáticas de reflexão sobre o sistema de escrita alfabético e a apropriação da linguagem que se escreve. Deve haver uma diversidade de atividades com diferentes propósitos e, ao mesmo tempo, uma repetição delas para que o desempenho dos alunos seja cada vez melhor. Não é preciso inventar novas atividades a cada dia, mas é importante variar o gênero que vai ser trabalhado (contos, parlendas, listas, poemas, textos instrucionais, etc.) e o tipo de ação que o aluno vai fazer com cada texto.

Em função disso, organizamos um quadro orientador em que é apresentado o que uma rotina semanal de leitura e de escrita deve contemplar. Por exemplo: leitura diária em voz alta pelo professor, leitura realizada pelos alunos mesmo quando ainda não leem convencionalmente, situações de produção escrita pelo professor e/ou pelos próprios alunos, além, é claro, de situações de trabalho com a oralidade.

Veja como é possível organizar a rotina para o trabalho com leitura e escrita nas séries iniciais:[14]

Situação Didática	Objetivos (o que os alunos aprendem e como)	Exemplos de algumas atividades	Frequência	O que é importante observar
Leitura realizada pelo professor	· Compreender a função social da escrita. · Ampliar o repertório linguístico. · Conhecer diferentes textos e autores. · Aprender comportamentos leitores. · Entender a escrita como forma de representação.	Leitura em voz alta realizada pelo professor: • textos literários; • jornalísticos e sobre curiosidades (científicos e históricos).	Diária – texto literário. Semanal – jornal e científicos.	Oferecer textos de qualidade literária em seus suportes reais. Ler com diferentes propósitos.
Análise e reflexão sobre o sistema de escrita	· Refletir sobre o sistema de escrita alfabético, buscando fazer a correspondência entre os segmentos da fala e os da escrita. · Conhecer as letras do alfabeto e sua ordem. · Observar e analisar o valor e a posição das letras nas palavras, visando à compreensão da natureza do sistema alfabético. · Compreender as regras de funcionamento do sistema de escrita.	Leitura e escrita dos nomes dos alunos da sala. Leitura do abecedário exposto na sala. Leitura e escrita de textos conhecidos de memória. Leitura e escrita de títulos de livros, de listas diversas (nomes dos ajudantes da semana, de brincadeiras preferidas, de professores e funcionários), de ingredientes de uma receita, de rótulos, etc.	Diária (quando há na classe crianças não-alfabéticas).	Organizar agrupamentos produtivos. Garantir momentos de intervenções pontuais com alguns grupos de alunos. Solicitar a leitura (ajuste) do que é lido e/ou escrito pelo aluno.

[13] São Paulo : SME / DOT, 2006. 115p.: il.
[14] São Paulo : SME / DOT, 2006. 115p.: il.

Comunicação oral	· Participar de diferentes situações comunicativas considerando e respeitando as opiniões alheias e as diferentes formas de expressão. · Utilizar a linguagem oral, sabendo adequá-la às situações em que queiram expressar sentimentos e opiniões, defender pontos de vista, relatar acontecimentos, expor sobre temas, etc. · Desenvolver atitudes de escuta e planejamento das falas.	Reconto de histórias conhecidas ou pessoais, de filmes, etc. Exposição de objetos, materiais de pesquisa, etc. Situações que permitam emitir opiniões sobre acontecimentos, Curiosidades, etc.	Duas vezes por semana.	Observar com atenção como as crianças se comportam numa situação em que têm de ouvir e falar uma de cada vez. Identificar quais crianças precisam ser convidadas a relatar, expor ,etc.
Produção de texto escrito	· Produzir textos buscando aproximação com as características discursivas do gênero. · Produzir textos considerando o leitor e o sentido do que quer dizer. · Aprender comportamentos escritores.	Produção coletiva, em dupla e individual – de um bilhete, de um texto instrucional, etc. Reescrita de textos conhecidos – coletiva, em duplas, individual.	Uma vez por semana.	Envolver os alunos com escritas pré-silábicas na atividade – produzindo oralmente, ditando para o professor ou o colega.
Leitura realizada pelo aluno	· Desenvolver atitudes e disposições favoráveis à leitura. · Desenvolver procedimentos de seleção de textos buscando informações. · Explorar as finalidades e funções da leitura. · Ler com autonomia crescente. · Aprender comportamentos leitores.	Roda de biblioteca com diversas finalidades: apreciar a qualidade literária dos textos, conhecer diferentes suportes de textos. Ampliar a compreensão leitora: leitura de textos que os alunos ainda não leem com autonomia, mas que pode ser mediada pelo professor (leitura de textos informativos, instrucionais, entre outros). Ler sem saber ler convencionalmente utilizando índices fornecidos pelos textos.	Uma vez por semana.	Ler várias vezes um mesmo texto com diferentes propósitos. Garantir que conheçam o conteúdo a ser explorado. Antecipar as informações que os alunos vão encontrar nos textos.

Pensando em gerenciar melhor o tempo didático da sala de aula, sugerimos que os conteúdos sejam organizados em modalidades organizativas, conforme classificação adotada por Delia Lerner em seu livro “Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário” (Artmed). Tais modalidades organizativas têm a função de permitir com que o professor priorize de forma bastante prática e coerente os conteúdos que pretende desenvolver, sem privilegiar excessivamente alguns e deixar outros de lado. Rosaura Soligo sintetizou as ideias expostas por Delia Lerner no texto que apresentamos a seguir.

Formas de organizar os conteúdos escolares [15]

Os conteúdos escolares podem ser organizados de diferentes formas:

- Atividades permanentes.
- Atividades sequenciadas.
- Situações independentes: ocasionais ou de sistematização.
- Projetos.

Atividades permanentes

São atividades que acontecem com regularidade (diariamente, semanalmente, quinzenalmente, etc) durante um período (curto ou longo) porque são importantes para o desenvolvimento de determinados procedimentos, hábitos ou atitudes.

Ex: Leitura diária feita pelo professor, Roda semanal de conversa ou leitura, Oficina de produção de textos ou de arte, Hora das curiosidades científicas ou das notícias, etc.

Atividades sequenciadas

São atividades planejadas em uma sequência inclusiva: o que vem a seguir depende do que já foi realizado (e aprendido) anteriormente. São muito parecidas com os projetos, mas não têm um produto final. Os próprios projetos são constituídos por atividades sequenciadas.

Ex: Atividades para ensinar as operações matemáticas, para ensinar a produzir um determinado tipo de texto, para ensinar um jogo complexo, etc.

Situações independentes

Ocasionais: são aquelas que não foram planejadas previamente, mas que se considera relevante inserir ou "aproveitar" no trabalho. Podem ser propostas pelo professor ou pelos alunos. Ex: Assuntos importantes que são notícia e que interessam aos alunos, fatos ocorridos na escola ou na comunidade, materiais interessantes enviados pelos pais ou encontrados pelos alunos, etc.

De sistematização: são aquelas que contribuem para que os alunos sistematizem os seus conhecimentos sobre um determinado conteúdo aprendido. Embora não decorram de propósitos imediatos, essas atividades têm relação direta com as expectativas de aprendizagem definidas para um determinado período. Ex: Situações de retomada do que foi ensinado sobre um determinado conteúdo para organizar as informações disponíveis e favorecer a sistematização (pelos alunos) dos conhecimentos adquiridos.

Projetos

São situações didáticas em que o professor e os alunos têm propósitos comuns e se comprometem com a conquista de um produto final, que é fruto do trabalho de todos e tem um sentido social real ("produto", nesse caso, não significa algo "palpável", mas sim um resultado: pode ser uma festa, uma mostra de trabalhos produzidos, uma apresentação pública de leitura ou jogral, a organização de uma biblioteca de classe, um livro, jornal ou texto, etc.). Nos projetos, as ações propostas ao longo do tempo são planejadas de forma sequenciada, têm relação entre si e fazem sentido em função do resultado que se deseja alcançar.

Ex: "Coleções" (organização de coleções para aprender conteúdos matemáticos), "Brincadeiras" (resgate de brincadeiras antigas e produção de um livreto de textos instrucionais), "Paisagens" (estudo de como pintores de diferentes épocas retrataram as paisagens e organização de uma mostra com produções da classe), Animais em extinção (estudo de alguns animais em extinção e produção de uma pequena enciclopédia) etc.

Os projetos da fase inicial foram pensados com foco na Língua Oral e Escrita e nas competências sugeridas para cada faixa etária; daí a necessidade de priorizar determinado gênero e portador textual. Entretanto, os projetos podem ser pensados interdisciplinarmente, conjugando temas de diferentes áreas do saber.

[15] Texto produzido por Rosaura Soligo, a partir de ideias defendidas por Délia Lerner e Mirta Castedo.

Vale ressaltar que, embora seja desejada essa articulação, não se podem perder o foco e os objetivo propostos para o trabalho com a Língua.

Assim sendo, priorizou-se para o 3º ano a produção de textos instrucionais, devido à adequação à faixa etária, bem como o grau de complexidade em relação aos anos anteriores. Segundo classificação de Ana Teberosky e Liliana Tolchinsky (1996), os textos instrucionais ou prescritivos têm a finalidade de ensinar a fazer coisas, dar instruções sobre determinado procedimento e, nessa classificação, encontramos os gêneros receita, regulamentos, regras de jogos, manuais de instruções, etc. Assim, o professor poderá escolher, de acordo com a realidade de seu grupo, qual gênero e portador traria maior interesse e significado para as crianças num trabalho mais sistemático e aprofundado com a Língua. Como exemplos, temos: livro de receitas para a mamãe, cardápio mensal da merenda da escola, livro de regras das brincadeiras preferidas da turma, cartaz com regulamentos das dependências da escola (sala de informática, quadra de esportes, sala de vídeo, etc), manual de instruções de algum objeto, brinquedo ou material de interesse dos alunos), etc. A gama de possibilidades é bastante diversificada, cabendo ao professor a escolha e seleção do conteúdo com que pretende trabalhar, desde que focando o gênero textual definido para este Ano da Fase Inicial de escolaridade.

Nos anos seguintes, será proposto que as crianças entrem em contato mais sistematizado com outros gêneros textuais, a fim de pensar o ensino da língua de forma encadeada e com grau de complexidade crescente, dentro da proposta de currículo em espiral defendida por Jerome Bruner (1998). É importante que saibamos quais competências e habilidades devemos esperar das crianças ao final de cada ano, de forma que possamos traçar metas claras e objetivas em nosso trabalho.

Sendo assim, esperamos que, ao final do 3º ano, os alunos sejam capazes de:

- Participar de situações de intercâmbio oral, ouvindo com atenção, formular e responder perguntas, explicar e ouvir explicações, manifestar opiniões;
- Ler, com autonomia, diferentes gêneros (notícias, instrucionais, informativos, contos, entre outros), apoiando-se em conhecimentos sobre o tema do texto, as características de seu portador, do gênero e do sistema de escrita;
- Ler, com ajuda do professor, textos para estudar os temas tratados nas diferentes áreas de conhecimento (enciclopédias, artigos, revistas, entre outros);
- Reescrever de textos (contos, lendas, entre outros), considerando as ideias principais do texto fonte e algumas características da linguagem escrita;
- Escrever alguns textos de autoria (bilhetes, cartas, regras de jogos, textos informativos, entre outros), utilizando alguns recursos da linguagem escrita.

Para finalizar, sugerimos uma organização dos conteúdos do projeto que se pretende desenvolver com as crianças dentro do gênero instrucional.[16]

Projeto: Vamos brincar?
1. **Objetivo compartilhado com os alunos (produto final):** criar um livro com as regras das brincadeiras selecionadas pelo grupo e finalizar com uma manhã de brincadeiras em que os alunos ensinarão as regras a uma outra classe.
2. **Justificativa:** A confecção de um livro de brincadeiras possibilita às crianças colocarem em jogo seus conhecimentos sobre a língua escrita, usando-os como instrumento para aprender novas brincadeiras, registrar e ensinar a outras pessoas.

[16] MEC (SEB). Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. Coletânea de textos. V.3, 2000.

3. <u>O que se espera que os alunos aprendam</u>: ampliar o repertório de brincadeiras; apropriar-se, mediante o uso, das características de um texto instrucional; escrever as regras das brincadeiras respeitando as características do gênero textual; revisar textos; fazer ilustrações considerando a complementaridade com o texto escrito; escrever considerando a diagramação desse tipo de texto; aprender procedimentos de consulta a livros instrucionais; utilizar procedimentos de revisão e reescrita de textos; desenvolver atitudes cooperativas; desenvolver atitudes de respeito para com os colegas; escutar os colegas; opinar nas questões do grupo favorecendo o entendimento.
4. <u>O que o professor deve garantir no decorrer do projeto:</u> levar para a classe livros instrucionais a fim de que os alunos consultem sempre que for preciso; possibilitar que os alunos exerçam diferentes funções em todas as tarefas e brincadeiras, possibilitar que os alunos procurem soluções para os conflitos durante as brincadeiras; favorecer as iniciativas pessoais e coletivas, acolhendo as ideias dos alunos e possibilitando que sejam colocadas em prática; promover momentos de escrita coletiva das regras das brincadeiras escolhidas; propor questões que façam os alunos pensarem sobre o texto específico, sua diagramação e função da ilustração; garantir, sempre que possível, o trabalho em grupos para que os alunos possam ser parceiros de fato, colocando em jogo os saberes individuais; incluir a participação dos alunos a cada retomada do planejamento do projeto.

Referências Bibliográficas

BRUNER, J.S. **Uma Nova Teoria da Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1998.

FERREIRO E. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na Escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MEC (SEB). **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores**. Coletânea de textos. V.3, 2000.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Projeto **Toda Força ao 1o Ano: guia para o planejamento do professor alfabetizador** – orientações para o planejamento e avaliação do trabalho com o 1o ano do Ensino Fundamental. Secretaria Municipal de Educação. – São Paulo : SME / DOT, 2006.

TEBEROSKY, Ana, TOLCHINSKY, Liliana (org.). **Além da alfabetização**. São Paulo: Ática, 1996.

INGLÊS

O objetivo principal do ensino de inglês do 1º ao 5º ano em nossa rede é tornar a língua inglesa familiar para os alunos. Ao assimilar um vocabulário básico, expressões simples em situações reais, que façam sentido à sua vida, o aluno passa a desejar aprender mais, entendendo a real importância que a língua inglesa tem nas vidas de todos nós. Isso significa ensinar-lhes por meio de aulas descontraídas, interessantes, com atividades lúdicas, músicas, uso de fantoches, jogos, máscaras e demais recursos para que a criança seja envolvida de forma prazerosa no processo de aprendizagem.

Como dissemos, é fundamental que o professor, num primeiro momento, leia seus planos de curso para elaborar seu próprio planejamento. A relação dos conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais) deve servir de referência para a elaboração do planejamento, plano de aula e a seleção das atividades a serem desenvolvidas ao longo do ano.

Sugerimos que o professor siga uma abordagem metodológica global que desenvolva prioritariamente a habilidade oral (escutar e falar) por meio do lúdico, do sensorial e das ações, introduzindo gradualmente as habilidades de leitura e escrita, como suporte ao aprendizado oral. Aqui entram as atividades de encenações (*role-play*), movimentos que expressem a letra de uma música e de ***TPR*** (*Total Physical Response*) para executar instruções, jogos de adivinhação, troca de papéis, trabalho em pares ou grupos, além de exercícios de compreensão oral (ao escutar o professor, o *CD*, o vídeo ou o colega) para obter informações.

A habilidade de leitura deve ocorrer indiretamente (com associação de palavras a um desenho ou procura de palavras), de forma a criar um ambiente alfabetizador, sem obrigar o aluno a saber ler e escrever. Em inglês, usamos com maior frequência letras com as quais a criança ainda não está muito familiarizada (K, W, X, Y). Com o livro didático *Spaghetti Kids*, os alunos começam a ser introduzidos na leitura e escrita em inglês, mas o professor precisa **ler em voz alta ou, no caso da língua estrangeira, tocar o CD que acompanha o livro,** tudo o que precisar ser compreendido.

A criança, nessa idade, precisa que as aulas sigam uma rotina, portanto, sugerimos que o professor, ao chegar, cante uma música, depois introduza o conteúdo a ser aprendido oralmente por meio de atividades orais (com materiais de áudio, vídeo e estímulos verbais do professor), físicas (com encenações e atividades de *TPR*), artísticas (desenhos, recorte e colagem, uso de massa de modelar, pintura, etc.), atividades do livro didático, revisão do que foi aprendido e feito na aula e termine com uma música. Nessa fase, a criança gosta e precisa de repetição e rotina.

Como as crianças ainda não conseguem concentrar-se por longos períodos de tempo, é preciso estar sempre pronto para o inesperado. O professor deve ter todos os materiais prontos à mão (*posters, flash cards*, jogos) para poder mudar a atividade se algo não funcionar bem, além de recorrer a diversas técnicas para obter a atenção dos alunos sem que seja necessário levantar a voz. Estas técnicas podem ser tão simples como apagar e acender a luz quando for preciso obter silêncio na sala. Outra técnica poderia ser começar a cantar uma música de que as crianças gostem, bem baixinho, apagar as luzes e acalmá-los. Uma nova opção seria fazê-los mudar de posição, ficar em pé e fazer alguma atividade se estiverem sentados, ou sentarem em círculo se estiverem de pé, ou sair da classe. Colocar música em volume baixo enquanto as crianças trabalham também ajuda, como música calma para trabalhar, ou rock para atividades motoras grossas.

Durante as aulas, o professor deve desenvolver técnicas básicas associadas ao aprendizado, como: memorização, previsão, cooperação, criatividade e expressão física. O professor deverá fazer muitas perguntas aos alunos, desafiá-los a pensar, a recordar, a imaginar, a adivinhar, incentivando-o a participar dos trabalhos em grupo, dos jogos e das demais atividades. É preciso ter em mente que há crianças com estilos diferentes de aprendizagem, umas são mais visuais, outras, auditivas, e ainda há as que são mais cinestésicas.

É necessário ter recursos prontos para serem utilizados em cada aula. Este é mais um motivo para trabalhar em equipe com os docentes de todas as áreas. Em inglês, tais recursos são visuais, como *flashcards* e imagens, e materiais, como *realias* (material concreto), fantoches, chapéus, material de áudio, vídeo, *DVD*, etc. Se os *flashcards* estiverem com o vocabulário escrito, as **letras** devem ser digitadas **claramente em letra de fôrma maiúscula** ou **escritas** com caneta ou pincel atômico preto, como já dissemos.

Na preparação da aula, as atividades mais agitadas deverão ser previstas para o final da mesma; do contrário, os alunos podem se animar demasiadamente e perder de vista o objetivo da aula. Devem-se utilizar diversos tipos de atividades, além de alternar as em grupo, duplas e individuais. Trabalhar oralmente de maneiras diferentes, oferecendo variedade, é útil e eficaz, considerando-se o tempo relativamente curto de concentração dos alunos e os seus diversos estilos de aprendizado. A maior parte do tempo de aula deve ser gasta na apresentação dos novos elementos e nas atividades de *listening* e *speaking*. O tempo gasto com os exercícios de colorir, associar, circular e desenhar deve ser menor, visto que enfocamos o desenvolvimento da competência comunicativa.

As aulas não devem ficar “presas” ao uso da apostila, do livro ou material fotocopiado. Também é bastante útil haver um local onde se possam expor os trabalhos das crianças. Os pôsteres podem ser feitos de papel pardo ou cartolina contendo as produções dos alunos. Uma mostra bem organizada pode ser a base

para discussões, promovendo interdisciplinaridade e também envolvendo os pais no sentido de acompanhar o progresso de seus filhos. Para ser bastante eficaz, a mostra deverá ser renovada frequentemente.

Compreensão oral (*listening*)

Os alunos devem ser expostos o máximo possível ao inglês em sala. O *CD* e o vídeo que acompanham o livro *Spaghetti Kids*. A quantidade de inglês utilizada para dar instruções deve aumentar gradativamente e, por conseguinte, deve-se estabelecer o hábito de responder às atividades habituais em inglês. Pede-se aos alunos que executem um certo número de atividades de ***TPR*** ou "*listen and do*", durante as quais se praticam os elementos linguísticos. Ex.: *Good morning/afternoon; hi; How are you?; fine, thanks; stand up; sit down; line up; come here; please; thanks/thank you; you're welcome; bye-bye; see you; very good; great; beautiful; May I go to the toilet?; yes; no; let's sit in a circle; draw; you can do it better/nicer; repeat; ask; answer; look; listen; point; sing; let's sing; let's go; etc.*

Produção oral (*speaking*)

Deve-se dar aos alunos um "período de silêncio" no início do ano, durante o qual eles escutam o inglês sem pressão de responder oralmente. Os alunos não devem ser forçados a responder verbalmente enquanto não estiverem prontos. No entanto, **devem ser incentivados** a fazê-lo por meio de atividades orais e de repetição, principalmente em grupo, com o auxílio do *CD* que acompanha o livro didático. Além disso, as canções oferecem a oportunidade de utilizar o idioma oralmente dentro de um contexto seguro.

Uso de canções

Se as crianças não aprendessem melhor com músicas, programas de TV infantis não existiriam. A música é extremamente importante nas aulas de inglês. O professor deve dar as músicas do *CD* do livro, mas não precisa ficar “preso” a elas. Pode manter as músicas preferidas dos alunos durante várias aulas e diversificar as técnicas de ensino para que eles aprendam o mesmo conteúdo em 3, 4 ou 5 aulas, por meio de atividades diferentes.

Além disso, é mais interessante para o aluno se ela for executada com gestos, movimentos e até coreografias que representem o que está sendo cantado. O professor precisa estudar bem a música, a pronúncia correta das palavras, além de praticá-la antes de cantá-la com os alunos. Há vídeos, *DVDs* e livros, além da *internet*, em que estes movimentos são demonstrados e explicados.

Uso de fantoches

Os fantoches são excelentes para ensinar inglês às crianças, pois as atraem e podem ter uma série de funções: apresentar conteúdos, fornecer um elemento cômico, fazer encenações, dar segurança, além de incentivá-las. Ele pode falar aos alunos (fornecendo, assim, um modelo linguístico) de forma engraçada, enquanto o professor permanece sério no comando da situação. O professor pode apresentar o conteúdo novo como se o fantoche fosse parte da turma (nesse caso, finja “errar”, não entenda algo), de maneira que os alunos possam corrigi-lo. Ele também pode cantar e encenar canções. O fantoche mostra aos alunos que não é errado não saber alguma coisa e lhes dá a oportunidade de corrigir seus erros - uma tática que deixará os alunos seguros de si, além de ser uma ocasião divertida na aula. Alguns professores têm o hábito de usar o fantoche para cumprimentar os alunos no início da aula (fazer o fantoche dar-lhes a mão, abraçá-los, acariciá-los), o que faz com que os alunos se sintam mais seguros e interessados. Há momentos em que o próprio aluno pode utilizar o fantoche, pois é o fantoche (e não ele) que está falando ou agindo. Isso lhe dá a chance de falar, cometer erros, responder a perguntas e sentir-se no comando, sem estarem psicologicamente expostos. Os alunos podem até criar seus próprios fantoches e utilizá-los durante as aulas, como os de dedo (feitos com cartolina e desenhado pelos alunos), de meias (com a ajuda dos pais, eles podem costurar botões para fazer os olhos; lã, para os cabelos, etc.), presos em palitos de sorvete, feitos com rolos de papel higiênico, potes de iogurte ou de *yakult.*

Pronúncia

O ensino do inglês (e até da língua materna) requer máxima atenção aos modelos de pronúncia oferecidos, porque, nesta faixa etária, as crianças são muito sensíveis e receptivas a novos sons. O professor precisa estar atento à sua pronúncia para ensinar corretamente.

Interdisciplinaridade

O professor de inglês deve estar em sintonia com o professor de classe e os demais professores especialistas, pois os conteúdos de inglês podem ser trabalhados constantemente de forma interdisciplinar.

- O uso dos números em inglês deve ser trabalhado durante todo o ano em inúmeras situações (contagem, uso do calendário, dia do mês, idade, etc.) e pode complementar as atividades desenvolvidas nas aulas de **matemática**.
- Algumas danças, atividades de expressão corporal, jogos e brincadeiras podem ser trabalhados junto com o professor de **educação física**.
- Com o professor de **arte,** podem-se trabalhar melhor as canções, rimas, expressões corporais, gestuais e faciais nas melodias apreciadas e cantadas, assim como o estudo das cores, de pintura, modelagem, folclore, montagem de brinquedos com sucata, *role-play* e teatro de fantoches.
- Ao desenvolver os conteúdos relacionados ao próprio nome, à família, a hábitos alimentares, aniversário, brinquedos, além das manifestações culturais dos países de língua inglesa, é possível articulá-los aos conteúdos de **história**.
- Ao abordar animais da fazenda, alimentos e corpo humano, isso pode ser feito com esses mesmos conceitos, procedimentos e atitudes de **ciências**.
- Os conteúdos desenvolvidos podem ser complementados com atividades de *sites* da *internet*, nas aulas de **informática.**
- Quando o professor da classe introduzir, em **língua portuguesa**, o uso do dicionário para solucionar dúvidas de grafia a partir do conhecimento da ordem alfabética, o professor de inglês pode abordar, concomitantemente, o uso do dicionário português-inglês e vice-versa.
- Ao apresentar o uso do plural dos substantivos e a posição dos adjetivos, o professor de língua inglesa pode relacioná-lo e contrastá-lo com o uso dos mesmos conceitos, porém de forma diferente, na **língua portuguesa**, em parceria com o professor da classe.

Avaliação

Avaliamos constantemente nossos alunos, mas nem sempre conseguimos lembrar o nome de todos e seu desempenho nas aulas. Sugerimos manter um controle das atividades feitas e dar uma nota para o **empenho do aluno durante as aulas**. Esta avaliação pode ser feita, por exemplo, com cinco a dez alunos por vez, sem que eles saibam que estão sendo avaliados. Outra forma de avaliação pode ser por meio de projetos em grupo. Caso a escola não possa fazer cópias das provas, o professor pode usar as "*activity pages*" do final do livro para avaliá-los, sendo permitido consultar o livro, mas não o colega ao lado neste momento.

Devemos ter em mente que o ensino de inglês do 1º ao 5º ano deve fazer parte dos momentos prazerosos, quando a autoestima do aluno é reforçada de forma positiva, assim, não podemos exigir perfeição das crianças, ainda mais porque os conteúdos conceituais são revistos em todos os anos, de forma espiralada, proporcionando a assimilação (*acquisition*) de um conteúdo específico em momentos diferentes. Assim sendo, o professor de inglês não deve ser inflexível em relação às notas.

É imprescindível ainda elogiar sempre o empenho dos alunos e dizer *very good, excellent, good work, great*, etc., certificando-se de que eles compreendam o significado dessas expressões. **É muito importante elogiar a produção do aluno, mesmo que não esteja como o professor esperava.** Temos que ter em mente que o aluno tem somente 5 ou 6 anos, está se empenhando e precisa ser motivado. Deve-se deixar claro que é preciso errar para poder aprender e é para isso que eles estão na escola. Assim, o professor e o grupo têm de fazer alguns "combinados". **Tentar falar em inglês, ser corrigido e não ter medo de errar** devem estar nessa lista. Os alunos precisam se sentir confortáveis para falar, mesmo que, a princípio, esteja "errado".

Referências bibliográficas

DEL PASO, A. et alli. **Squeeze 3 – Teacher's Edition**. Mexico, D.F.: Macmillan, 2006.

HARPER, K. et alli. **Kids United – Livro do Professor 1**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HERRERA, M. & ZANATTA, T. **New Parade 1 – Teacher's Edition**. New York: Addison Wesley Longman, Inc., 2000.

MELO, L. et alli. **Spaghetti Kids – Teacher's Book 1**. São Paulo: Macmillan, segunda impresão, 2002.

REETZ, A. et alli. **Let's Go 1 – Teacher's Book**. Hong Kong: Oxford University Press, 2000.

SALVADOR, R. W. **Kinder Steps – Teacher's Guide Level 3**. Mexico, D.F.: Richmond Publishing, 1999.

ARTE

Música

A importância da Música para a criança é evidente e indiscutível. Porém, para que a criança faça bom uso e se beneficie da linguagem musical é preciso que esta seja apresentada de forma cuidadosa e adequada, principalmente na primeira infância.

> Nessa idade, em contato com diferentes formas de representação e sendo desafiada a delas fazer uso, a criança vai descobrindo e, progressivamente, aprendendo a usar as múltiplas linguagens: gestual, corporal, plástica, oral, escrita, **musical** e, sobretudo, aquela que lhe é mais peculiar e específica, a linguagem do faz-de-conta, ou seja, do **brincar**. Sua relação com o outro, consigo mesma e com diferentes objetos da natureza e da cultura que a circundam é mediada por essas formas de expressão e comunicação. (Ensino fundamental de 9 anos - Orientações gerais. MEC, p.20)

Conceitos e teorias não devem ser tratados nesta fase. A música deve fazer parte do dia a dia da criança para que haja uma "intimidade" com esta linguagem tão prazerosa. Não se trata apenas de incluir na rotina da criança canções para a hora da entrada, lanche, saída etc. Momentos de apreciação, relaxamento e execução musical podem e devem ser vivenciados durante todo o processo de aprendizagem, como uma forma a mais de expressão, uma linguagem que, muitas vezes, chega mais fácil ao âmago da criança, deixando-a mais feliz e confiante.

Projetos interdisciplinares são fundamentais, pois envolvem a música com as outras áreas do conhecimento, possibilitando o uso da linguagem musical em outras situações, além de favorecer a assimilação de outros conteúdos.

Segundo Stateri (1997), "[...]as emissoras de TV e rádio não divulgam as tradicionais músicas folclóricas, mas somente as populares, sendo muitas de péssimo gosto, com textos inadequados para as crianças sem se falar na tessitura e "desaprendizagem" da língua nacional. Isso é bastante preocupante porque essa invasão de canções populares, de pouco ou nenhum valor musical, levam a criança a uma deformação da estética musical." Não podemos esquecer de que, nós também somos vítimas desta situação, muitas vezes nos deixando levar pelo modismo e nos habituando a aceitar ou mesmo gostar daquilo que nos é imposto.

É importante que o professor faça um diagnóstico da sua classe, pois ele precisa saber qual é a real vivência musical de seus alunos, por meio de atividades simples de pulso, acento, altura e canto e até mesmo uma conversa, para saber qual é o universo sonoro em que eles vivem. Desta forma, o professor poderá elaborar seu planejamento direcionando seus objetivos e estratégias de acordo com cada classe, explorando os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais do Plano de Curso, de forma mais significativa.

O planejamento do professor precisa ser flexível. As ações devem estar abertas a mudanças e adaptar-se a imprevistos ou projetos que podem surgir no decorrer do ano, principalmente quando se estabelece uma parceria com o professor de classe. Nesse processo é importante **avaliar**, observando e refletindo sobre o que está dando certo ou errado, replanejando quando necessário.

Vale lembrar que, na educação musical, trabalhamos *tudo ao mesmo tempo e o tempo todo*. Embora os conteúdos estejam organizados por tópicos (pulso, acento, fonte sonora etc.), estes não devem ser trabalhados de forma linear. Ao trabalhar pulso, por exemplo, por meio de um jogo musical, o aluno está também exercitando sua percepção auditiva, rítmica e melódica, lateralidade, atenção e prontidão. Uma brincadeira cantada pode envolver mais de um conteúdo, mesmo que a ênfase, naquele momento, esteja em um tópico específico.

Outra sugestão é que o professor leia o plano de curso de outras disciplinas, para que possa interar-se dos conteúdos que o professor de classe irá trabalhar, assim, facilitando a interdisciplinaridade. Em Ciências, por exemplo, a orientação é de que se inicie com atividades de exploração do próprio corpo, o que é bastante pertinente a muitos jogos musicais. O elemento lúdico (o jogo) é muito importante para que a criança se entregue de forma espontânea à aprendizagem. O elemento descontraído que o jogo proporciona favorece a expressão e a comunicação, ao mesmo tempo em que permite reforçar os hábitos adquiridos e assimilar a realidade.

Lateralidade

De acordo com Granja (2003, p. 211),

> Uma proposta de Educação Musical centrada na percepção deve considerar o papel do corpo e do movimento na construção do conhecimento. A expressão musical é feita por um corpo, que percebe, conhece e se movimenta de acordo com um projeto, uma intencionalidade. A escola deveria dar mais atenção ao corpo como instrumento de conhecimento, estimulando atividades de autoconhecimento, percepção corporal, reeducação do movimento, que possam contribuir para uma maior capacidade de concentração e prontidão para a aprendizagem.

Cantar, brincar, jogar. Se a criança se movimenta, está exercitando sua lateralidade. O professor pode associar uma atividade de pulso, por exemplo, com movimentos corporais para a direita e para a esquerda. Um exercício de altura com movimentos para cima e para baixo. Andar pela sala ou pátio seguindo o pulso de uma canção sem esbarrar nos amigos ajuda a criança a conhecer o seu lugar no espaço, controlando o tamanho do passo, a velocidade e a noção espacial. Procure aumentar a dificuldade dos exercícios gradualmente, para que a criança avance com segurança. É preciso muita paciência com alunos que apresentam dificuldades nesta fase, quando já deveriam tê-las superado. Cuide para que estes alunos não se sintam constrangidos e ajude-os.

Manifestações folclóricas: jogos, canções, brinquedos cantados, parlendas, danças

O folclore deve estar presente no dia a dia da sala de aula. Brincadeiras cantadas, cantigas de roda, jogos, danças etc. auxiliam no aprendizado musical e transformam a aula de música num momento muito mais agradável. Mas é preciso que, aos poucos, a criança se conscientize da importância de se preservarem as manifestações folclóricas porque elas fazem parte da nossa identidade e cultura.

Música erudita

Nesta etapa, o aluno deve ser capaz de identificar e diferenciar a música erudita da música popular. Este conceito e a terminologia correta (erudita ao invés de clássica) devem ser apresentados pelo professor com muita tranqüilidade. Espera-se também que, ao trabalhar a música erudita em sala de aula, o professor saiba facilitar a aproximação do aluno com este universo sonoro tão presente no seu dia a dia e que normalmente ele não percebe, como em trilhas sonoras, em desenhos animados, em comerciais de TV etc. A partir daí, quebrando preconceitos, podemos incentivar e promover uma maior aproximação com a música erudita, seja na execução ou apreciação musical.

"*Música clássica afugenta muita gente, por motivos variados: a vastidão do repertório, a concentração necessária, a pompa dos concertos, a desinformação sobre o assunto, a insegurança sobre a melhor maneira de ouvir. No fundo, o motivo é a preguiça: o que é estranho, quando se pensa que é a preguiça de se dar um prazer*." (Folha de São Paulo, 24 de março de 1998).

Expressão corporal, gestual, facial e/ou plástica

O desenvolvimento físico-motor por meio do movimento, danças e dramatizações é essencial para a aprendizagem e interpretação musical. A vivência e a reação da criança a diferentes estilos e culturas musicais por meio do movimento contribuem para a aquisição de conceitos, a assimilação de padrões e estruturas e o desenvolvimento da memória musical, a consciência da pulsação, do ritmo e do caráter das peças musicais.

Durante a apreciação musical e o canto, a expressão corporal, gestual, facial e/ou plástica são ferramentas que auxiliam a criança a expor suas impressões, estimulam sua concentração e seu envolvimento com a prática musical.

Escuta e apreciação de obras musicais (regionais, folclóricas, eruditas, variadas)

Educar musicalmente implica também desenvolver na criança o prazer de ouvir música (boa música e num volume adequado) e, dentro desse trabalho de apreciação musical, a tarefa principal do professor é saber interessá-la, cativando-a e envolvendo-a emocionalmente. A apreciação musical não precisa ser encarada como uma atividade estática. Como já foi exemplificado anteriormente, ela pode ser feita junto com a expressão corporal, gestual ou plástica. É interessante que o professor comente a obra e destaque aspectos que possam ser identificados pela criança, como dinâmica, timbres, falar sobre o compositor e/ou função daquela música (cantigas de trabalho, de ninar, danças, músicas que contam uma história, etc.). A apreciação pode ser feita também em momentos de relaxamento, com exercícios de alongamento ou não (principalmente a música erudita). Outra forma para se conduzir a apreciação é a apresentação dos instrumentos, seja por fotos, vídeos ou mesmo pela Internet, nas salas de informática.

Canto coletivo

A cada momento a criança vivencia a alternância entre atuar e observar, cantar e ouvir. Aprender a ouvir o outro, a perceber a consonância ou dissonância do todo e encontrar a maneira adequada de com eles se relacionar; este é o grande aprendizado que ela pode fazer por meio da música. Podemos dizer que crianças que se exercitam, coletivamente, repetindo a mesma canção ou peça instrumental, com a intenção de aprimorá-la, estão praticando uma vontade social construtiva e buscando, em conjunto, a harmonia do todo.

O cantar é a grande alavanca da educação musical da criança pequena. O cantar é a bagagem que o aluno traz consigo. Desde bebê, escuta as cantigas de ninar na voz da sua mãe; mais tarde, suas brincadeiras são na maioria cantadas ou ritmadas. É a principal fonte de produção musical da criança e é quando ela põe em prática os elementos que aprendeu na aula.

> A escolha dessas canções é das mais melindrosas. A linha melódica deve ser bem nítida, clara como um fio de água que corre em direção definida: os intervalos devem ser naturais; os ritmos facilmente assimiláveis; e, se necessário, adaptado ao andamento normal da canção às possibilidades das crianças. […] Quanto a sutilezas de tendências modernas ou exóticas, é preferível reservá-las para mais tarde – a sutileza transcende, normalmente a capacidade receptiva das primeiras idades. (Raquel Marques Simões – Canções para Educação Musical).

Portanto, sugerimos que o professor cante muito com seus alunos, mostre-lhes a importância da expressão e da articulação, trabalhe a dinâmica das músicas e os ajude a conhecer um universo sonoro diferente do que normalmente conhecem. Como o professor deve ser uma referência para o aluno, é necessário cuidar da própria voz e começar a ensiná-los a cuidar da voz deles, por meio de ações aparentemente muito simples, como não gritar, e explicando-lhes que as nossas "cordas" vocais não podem ser trocadas como a de um violão, desestimulando a ação de gritar, cantando ou não.

Artes visuais

A metodologia da área de Artes visuais deve levar em conta, antes de mais nada, as fases de desenvolvimento cognitivo de quem vai aprender. Segundo Piaget, as crianças entre 6 e 10 anos de idade estão saindo do estágio pré-operacional e entrando no estágio representacional. Isso concede-nos alguns parâmetros:

- A criança já consegue dominar alguns instrumentais de artes;
- É capaz de criar símbolos e representações;
- Consegue compreender o processo de expressão e criação;
- Começa a se interessar mais pelo mundo ao seu redor do que por si mesma.

Tendo em vista essas possibilidades da criança, o trabalho prevê a apresentação de imagens situadas em determinado tempo e espaço, contextualizadas

como manifestação cultural de uma sociedade específica. Prevê-se o uso dos mais diversos materiais, respeitando-se a idade da criança, para que as suas experiências sejam diversificadas e para que possa perceber, de fato, todas as possibilidades e limitações desses materiais. Chama-se a atenção da criança para os detalhes de algumas obras, para que desenvolva um senso crítico e estético, necessário para a leitura de imagens.

As atividades permitem ao aluno experimentar, ter outras experiências, conhecer a vida de alguns artistas, prestar atenção a alguns fatos e materiais interessantes e se expressar por meio dos conhecimentos que adquiriu. Elas estão intimamente ligadas aos objetivos que se pretende atingir e servem de ferramentas para sua concretização. Ressalte-se que a ordem dos conteúdos propostos pelo plano poderá ser alterada, no momento do planejamento, para contemplar o trabalho interdisciplinar.

A avaliação é um instrumento importante no processo de ensino/aprendizagem. Não é apenas uma etapa do processo, e sim uma atividade continuada que deve acompanhar o processo todo e não só um produto final.

Na fase inicial do Ensino Fundamental, 1º, 2º e 3º anos, a criança ainda busca o domínio de forma e da representação. Ela mais pesquisa do que se expressa. Muitas vezes, seu trabalho muda no meio do caminho, num processo divertido e prazeroso de pesquisa. Os trabalhos em grupo permitem que a criança aprenda a ouvir a opinião dos outros, a argumentar sobre suas ideias e a desenvolver o respeito pelo seu próprio trabalho e pelo trabalho de outro.

Leitura de imagens

Quando uma obra de arte é observada, a criança inicialmente percebe os elementos mais simples (cores, texturas, linhas, formas etc.) e gradativamente vai percebendo os mais complexos. Adquirindo este conhecimento, a criança terá condições de fazer uma leitura conceitual, já que a leitura informal ela já faz naturalmente, tendo em vista seu contexto histórico e pré-requisitos adquiridos fora da realidade escolar, os quais deverão ser aproveitados.

Exposição

A exposição da produção artística das crianças fez parte do ensino de arte. Quando o aluno expõe seus trabalhos aos pais e familiares, ele está completando o ciclo do fazer artístico. Quando organizamos uma exposição, aprendemos mais sobre o conteúdo que foi ensinado. Devemos envolver os alunos nessa produção.

Visita a Museus

Uma das atividades que contribuem não só para a área de Arte, mas para todas as outras áreas, é a visita a museus e exposições de arte. O museu é um espaço onde estão expostas obras de arte, organizadas por diferentes critérios: tempo cronológico, escolas e estilos etc. Os alunos deverão fazer um registro sobre o que viram, perceber os critérios de organização do espaço e o tipo de postura para a visitação.

A arte deve ser entendida como conhecimento e linguagem. Por meio da arte, temos acesso aos sentimentos e aos pensamentos das comunidades de qualquer época, povo, cultura ou país. A arte é uma linguagem por tratar-se de um sistema de representação que utiliza principalmente signos não-verbais (cor, luz, forma, som, gesto, movimento, etc.) com os quais o artista/aluno, com alguma intenção, compõe uma obra atribuindo significado a esses elementos.

O professor de Arte é um alfabetizador artístico/estético, o mediador entre arte e aluno. Seu objetivo maior será tornar seus alunos leitores e produtores de textos visuais, pictóricos, musicais, cênicos, gestuais, assim conhecedores de uma parcela da produção artística realizada desde que o ser humano habita o planeta.

Espera-se que os alunos, progressivamente, adquiram competências de sensibilidade e de cognição em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, diante de sua produção e no contato com o patrimônio artístico, exercitando sua cidadania cultural com qualidade. O aluno poderá desenvolver seu conhecimento estético e competência artística nas diversas linguagens de área de Arte/Artes Visuais, Dança, Música, Teatro, tanto para que possa progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e emitir juízo sobre os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade.

EDUCAÇÃO FÍSICA

"De cada um, de acordo com as suas habilidades,
a cada um, de acordo com suas necessidades"
(Karl Marx)

O objetivo principal da educação física escolar do 1º ao 5º em nossa rede é dar a oportunidade para que todos os alunos desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando a seu aprimoramento como seres humanos. Nesse sentido, cabe ressaltar que os alunos que apresentam deficiências físicas não devem ser privados das aulas de Educação Física, sendo papel do professor proporcionar e incentivar o conhecimento e a vivência das modalidades paralímpicas, contribuindo, assim, para a integração e inclusão de todos os alunos.

Independentemente de qual seja o conteúdo escolhido, os processos de ensino e aprendizagem devem considerar as características dos alunos em todas as suas dimensões (cognitiva, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social). Seja num jogo recreativo, pré-desportivo ou numa dança, o aluno deve aprender, além das técnicas de execução, a discutir as regras e estratégias, apreciá-los criticamente, ressignificá-los e recriá-los.

A educação física escolar deve permitir que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais e se enxergue como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana, contribuindo para a adoção de uma postura não-preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e das pessoas de que dele fazem parte.

Outro aspecto fundamental é o conhecimento sobre o próprio corpo, seu processo de crescimento e desenvolvimento, que são construídos concomitantemente com o desenvolvimento de práticas corporais, ao mesmo tempo que dão subsídios para o cultivo de bons hábitos de alimentação, higiene, orientações sobre a boa postura, saúde e atividade corporal, para o desenvolvimento das potencialidades corporais do indivíduo, permitindo compreendê-las como direitos humanos fundamentais.

Sugerimos que o professor adote uma visão ampla da educação física escolar, transitando pelos diversos conteúdos propostos (jogos, atividades rítmicas e expressivas, conhecimentos sobre o corpo), dentro de um contexto cooperativo, social e de autonomia.

Sabendo que as crianças nesta faixa etária podem pensar em símbolos, mas ainda não podem usar a lógica, elas necessitam de diversos estímulos (visuais, auditivos e cinestésicos), sugerimos então que sejam utilizados materiais coloridos de diversas texturas e tamanhos, músicas entre outros recursos. Lembramos também que, nesta fase, as atividades devem envolver todo o grupo, pois a concentração ainda está presente em curtos períodos.

Os jogos devem ter regras simples e todos devem participar do início ao fim. Os jogos e as brincadeiras pertencentes à cultura popular são um grande aliado nesta fase, assim como elementos construídos com sucata podem trabalhar a imaginação e a criatividade.

Compreende-se a dança, neste momento, como um estímulo para a expressão corporal, coordenação motora e espacial, musicalidade, criatividade e interação do grupo, sem a preocupação com estilo ou técnica. Podemos oferecer, assim, o contato com músicas do universo infantil, da cultura popular e outras que estejam fora do seu cotidiano.

No que diz respeito ao conhecimento do próprio corpo, propomos que isso seja vivenciado tanto durante as atividades práticas como também por meio de desenhos, construção de bonecos, filmes, teatros de marionete e outros.

Interdisciplinaridade

Segundo João Batista Freire, a educação física "trabalha no plano da ação motora, mas quando a maneira de propor as atividades provoca tomadas de consciência, aquilo que era material (corridas, saltos, giros) torna-se conceitual. Em sala de aula, trabalha-se no plano dos conceitos. A relação entre a educação física e outras disciplinas, embora muito estreita, é pouco percebida."

Muitas vezes, trabalhamos de maneira interdisciplinar sem nos darmos conta disso, como no simples fato de solicitarmos a uma sala que se divida em dois grupos com o mesmo número de alunos. Assim, quando utilizamos as múltiplas linguagens nas atividades práticas, estamos ampliando ainda mais as possibilidades das relações entre as disciplinas.

Numa simples atividade de solicitar à classe que todos corram e tragam um determinado objeto (variando entre cor, tamanhos ou quantidades), estamos trabalhando noções de seriação e classificação. Outro exemplo seria estimular as crianças com histórias e músicas ouvidas e vivenciadas, colocando como desafio completá-las e cantá-las em voz alta, utilizando sua imaginação e percepção.

Considerações finais

O nosso plano de curso é anual, em que se sugerem conceitos a serem desenvolvidos durante o ano. Portanto, fica a critério do professor utilizá-lo na sequência que mais se adapte a sua realidade, podendo também incluir outros conteúdos importantes para sua realidade, sempre respeitando a faixa etária com que se está trabalhando.

HISTÓRIA

Os conceitos de espaço e tempo são fundamentais ao desenvolvimento do pensamento histórico. Por isso, faz-se necessário que sejam trabalhados de forma contextualizada, para que possibilitem não uma mera constatação, mas a ampliação dos conhecimentos e vivências dos alunos por meio de questões problematizadoras e que os levem a compreender como e por que as coisas acontecem e aconteceram. Ë necessário que o aluno compreenda que a história se constrói pela ação humana e que ele, como sujeito histórico, é parte atuante no processo de produção de conhecimento.

É importante que o aluno vivencie diferentes formas de organizar o tempo a partir dos conceitos de anterioridade, posteridade e simultaneidade em relação aos modos de vida no Brasil atual e em outras épocas, e da presença de diferentes tempos históricos no mesmo tempo cronológico. A proposta é que os alunos identifiquem mudanças e permanências em relação a nomes, aniversários, calendários, família, brincadeiras e escola.

Identidade: eu e os outros

O trabalho com a construção da identidade envolve conceitos de continuidade e de permanência. É importante a percepção de que o “eu” e o “nós” são distintos dos “outros” de outros tempos que possuíam uma dinâmica de vida completamente distinta da nossa época. Ao mesmo tempo, é necessário que o aluno compreenda que o conhecimento do outro acarreta um maior conhecimento sobre si mesmo, à medida que conhece outras formas de viver, as diferentes histórias, culturas de tempos e espaços diversos e que todos têm direitos e deveres que devem ser respeitados. Para trabalhar com esta temática, sugerimos o livro **Os Direitos das Crianças Segundo Ruth Rocha**, que aborda de forma simples toda a temática infantil e os direitos básicos, como estudar, brincar, ter saúde, lazer e amor. Sugira que os alunos tragam histórias sobre si mesmo que podem ser organizadas em forma de livro, com capa, dedicatória, autores, ilustração, data e local, títulos para cada história e até dia de lançamento.

Importa para o aluno conhecer crianças que vivem em uma realidade diferente da sua. Assim, procure pesquisar na própria cidade, já que, em Santos, há escolas na zona rural, em morros, no centro, mais próximo à orla, em mangues, etc. Uma sugestão seria fazer um intercâmbio com outra escola que pudesse gerar: troca de cartas, fotos e desenhos e até uma visita. Por exemplo, escolas que ficam no Centro da cidade poderiam estar visitando a Ilha Diana.

Utilize imagens antigas para demonstrar como viviam crianças de outras épocas, fazendo um paralelo com a atualidade. Por exemplo, crianças escravas que cresciam juntos com os filhos de pessoas livres e, muitas vezes, eram usadas como animal de estimação, sendo que, aos sete anos, eram separadas dos pais e vendidas para trabalhar, enquanto os filhos de brancos eram tratados com todo cuidado pelas mães e escravas domésticas. Procure levantar semelhanças e diferenças entre a vida das crianças do passado, mas também das crianças de diferentes realidades nos dias de hoje: crianças indígenas, crianças abandonadas, crianças ricas, crianças que trabalham, etc. Valha-se do trabalho com fotos, por exemplo estas do fotógrafo Marc Ferrez, do século XIX:

Diferentes linhas do tempo

A montagem da linha do tempo, a partir de algumas referências temporais, é uma atividade muito interessante para que os alunos desenvolvam a noção de tempo histórico, sucessão e datação. É importante que os alunos comparem suas linhas de tempo ou que a professora, com a ajuda dos alunos, confeccione uma linha do tempo com fatos sociais acontecidos nos últimos anos, no mundo, Brasil ou localidade com que o aluno possa relacionar. Esta atividade permite desenvolver noções de simultaneidade, ordenação e sequência, conceitos fundamentais para o ensino da história.

Para melhor visualizar o passado, trabalhe uma linha do tempo ao contrário, partindo do hoje e voltando ao início do século XX. Faça a conexão com matemática, pois eles deverão ter consolidados os conceitos de década, século e milênio.

Família, moradia e escola

Utilize o procedimento de história oral para iniciar a temática sobre família, moradia e escola. É importante que o aluno perceba que as fontes não estão somente nos documentos escritos, mas também nos relatos das pessoas, na memória dos familiares e nas lembranças das pessoas do seu convívio. Como exemplo, propomos:

- Solicite aos alunos que entrevistem pessoas idosas. Organizar uma visita a uma casa de repouso para idosos será uma atividade bem interessante, além de propiciar o trabalho com valores e ensino religioso.
- Organize um encontro com os avós dos alunos, por exemplo, um chá. Divida-os em grupos e deixem que falem sobre sua vida. Organize junto com os alunos perguntas sobre família, moradia e escola do passado.

Acesse o *site* do Museu da Pessoa, em que se encontram dicas e projetos que deram certo em várias escolas, inclusive em Santos. Para saber mais, vale a pena consultar o livro **Manual de História Oral**, de Jose Carlos Sebe Bom Meihy. Aproveite para trabalhar a noção de patrimônio e a necessidade de preservar a escola, a nossa casa, o local onde vivemos e relacionar com Ciências, quando se trata do meio ambiente. É necessário que aluno compreenda que patrimônio não são apenas prédios históricos, como igrejas e museus, mas também a sua escola e a sua casa.

Atualmente a noção de patrimônio ampliou-se, pois patrimônio não é apenas o que é material, mas também o imaterial, ou seja, as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos, objetos, artefatos e lugares, as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural e que, portanto, merece ser preservado. É valorizar o modo como a avó faz determinado doce, como o avô pesca ou planta, a tia que faz remédios caseiros, tudo isso é patrimônio e merece ser preservado.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2006, *on line*), "*O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana*."

O Bairro

Promova uma troca de ideias sobre o bairro onde está localizada a escola. Estimule os alunos a fazerem suposições sobre a sua origem, tentando imaginar como era o local antigamente, levando-os a concluir que os bairros têm história. Reúna folhetos, manchetes de jornais e revistas que façam menção ao bairro e monte um quadro-mural sobre isso.

Atividades econômicas

Faça um levantamento prévio a respeito do que a criança entende sobre o que é trabalho, quem fez o pão que consumiu de manhã, o caderno que usa na escola, onde os pais trabalham, por que existem trabalhos diferentes, etc. É importante que o aluno perceba que é por meio do trabalho que o homem transformou a natureza e que a sociedade atual é fruto do trabalho humano.

Solicite que os alunos registrem os estabelecimentos comerciais existentes no bairro, considerando o trajeto casa-escola, pois assim será possível traçar um perfil do local. Juntamente com matemática, pode-se ainda montar gráficos sobre profissões dos pais dos alunos.

Ao trabalhar com esse tema, é possível abordar hábitos de consumo. Peça para que os alunos tragam embalagens de produtos que consomem todos os dias, depois organize-os em: nome do produto, nome da empresa, produtor e origem. Por meio do diálogo, diferencie as etapas da produção, fazendo o elo com Geografia. Faça comparações com a produção antigamente, com noções de transporte e comunicação. Levante dados sobre os produtos consumidos, discuta hábitos de consumo, saúde, meio ambiente, reciclagem, etc, sempre fazendo comparações com o passado e como as coisas se modificaram, o que permaneceu ou não. O trabalho doméstico deve ser apresentado como de vital importância para as famílias. Solicite que os alunos entrevistem suas mães e avós sobre as tarefas do dia a dia para que o levem a refletir sobre a necessidade de valorização do trabalho doméstico.

Origem das cidades

Existem cidades que datam de mais de 5000 anos atrás, como na China, na Índia, etc. Pesquise a história delas na internet para trabalhar sua origem, comparando com o levantamento da história do local onde se vive, evidenciando a presença portuguesa e a formação das cidades no litoral, diferenciando cidades naturais, como Santos, e as planejadas, como Belo Horizonte, Brasília, etc.

Referências bibliográficas

ROCHA, Ruth. **Os Direitos das Crianças.** Companhia das Letrinhas.
MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** Loyola
Portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Disponível em http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginainicial
MUSEU DA PESSOA. Disponível em www.museudapessoa.net/

GEOGRAFIA

O Plano do 3º ano contém alguns acréscimos em relação aos do 1º e 2º, pois entendemos que a **alfabetização cartográfica** é um processo que inicia no 1º ano e se amplia nos anos seguintes, até porque a criança de 8 anos já possui algumas construções mentais mais elaboradas que a criança de 6 e 7. Mas é importante deixar claro que esse trabalho é um processo em que as etapas não podem ser "puladas", sendo importante que o professor conheça seu grupo para saber em que momento ele pode avançar e quais pontos são passíveis de uma atenção maior.

Isso é interessante para perceber que embora muitos procedimentos sejam similares no plano de curso, na classe eles vão acontecer cada vez com um objetivo diferente. Portanto, não serão procedimentos repetitivos, mas caminharão num sentido semelhante a uma elipse em que antigas habilidades serão acionadas para a elaboração de novos conceitos.

O mapa

O mapa é o meio mais eficaz e conhecido de representação do espaço. É uma convenção, que utiliza signos que podem ser compreendidos por diferentes pessoas em diferentes locais do planeta. Mas, para a criança, isso não é tão simples assim. Portanto, a criança deve primeiro se colocar no papel de mapeadora do seu espaço para que compreenda o sistema de códigos utilizado nos mapas convencionais.

No 3º ano, pressupõe-se que ela já terá mapeado o próprio corpo, e também outros espaços como: a sala de aula, a escola, a rua da escola. Também terá noções rudimentares da noção de **legenda**, pois criou símbolos junto com outras crianças e o professor. Para o desenvolvimento da representação em diferentes visões, os alunos desenharam objetos vistos de cima, de frente e de lado, observando a visão do alto, como em um mapa convencional.

Lembremos que, dos 6 aos 8 anos, as crianças ainda desenham o que sabem e não o que veem, portanto, o professor deve respeitar sua produção – pois se utilizam de transparências e confundem perspectivas. Porém, é fundamental solicitar que falem sobre suas produções, pois é por meio da fala que os alunos tomam consciência do espaço real. Com o desenvolvimento dessas atividades, há grandes chances de os desenhos se aprimorarem.

O que acontece no 3º ano é que algumas noções já foram construídas. O aluno, aos poucos, adquiriu maior autonomia em suas representações, criando legendas próprias (sem auxílio do professor) e dominando o espaço melhor do que uma criança de 6 anos. O aluno de 8 anos tem mais facilidade de ocupar a folha toda, por exemplo, o que nem sempre acontece com um aluno mais novo, que dá preferência a um determinado lado da folha.

A grande conquista dessa idade é dos espaços e pontos de referência exteriores a si próprio. Aos 8 anos, a criança já pode tomar como ponto de referência um objeto em relação a outro e não mais em relação a si própria. O professor é fundamental nessa "passagem de visão", apontando e permitindo que esse aluno ouse cada vez mais na comparação de distâncias entre um lugar em relação a outros; distâncias e direções não mais em relação à sala de aula ou à escola, mas da padaria ao ponto de ônibus, por exemplo.

O trabalho com vários tipos de mapas, ao mesmo tempo, na sala de aula, também deve continuar, mas as questões colocadas devem ser mais desafiadoras. Além de perceber que cada mapa representa um lugar, os alunos podem também começar a pensar sobre títulos e legendas de cada um, por exemplo. Um bom exercício para se fazer com mapas convencionais é comparar a representação de um mesmo lugar em mapas diferentes. Assim, o bairro, que possui um tamanho significativo no mapa da cidade, não pode mais ser observado no mapa do estado. Neste, a cidade está bem menor e, no mapa do país, ela pode estar representada somente por um ponto. Essas comparações devem gerar discussões que permitam que os alunos se questionem sobre o porquê disso acontecer. A música "Ora Bolas", do Palavra Cantada, e o livro "Zoom", de Istvan Banyai, da editora Brinquebook, também podem ser utilizados para ampliar essa discussão, permitindo que se perceba a relação todo/parte, em que a parte está contida no todo ao mesmo tempo que o todo é formado pelas partes.

Maquete

A atividade da maquete permite que o aluno perceba o registro cartográfico convencional, ou seja, a maneira como se faz em mapas e plantas. Nessa linguagem, a visão que se tem é vertical, ou seja, visão do alto. É algo que exige um grau de abstração, pois a visão que temos no dia a dia é lateral. É importante registrar as percepções do grupo sobre todas as atividades, pois as noções de escala, proporcionalidade, visão do alto e criação dos próprios códigos surgirão dessas discussões. É claro que os alunos utilizarão uma linguagem mais simples, mas a elucidação e o registro dessas descobertas são fundamentais para futura elaboração e compreensão de mapas mais complexos.

No 3º ano, a maquete ilustrará locais cada vez maiores em relação aos anteriores. Confeccionando a maquete do quarteirão da escola, por exemplo, o aluno perceberá que a escola que era grande e solitária em uma maquete que representava só ela, passa a ser pequena quando representada juntamente com outras construções e a rua. Seria interessante que os alunos pudessem comparar as duas produções, para construir o conceito de *continuidade* (a escola é grande sozinha, mas pequena em relação ao bairro, e assim por diante).

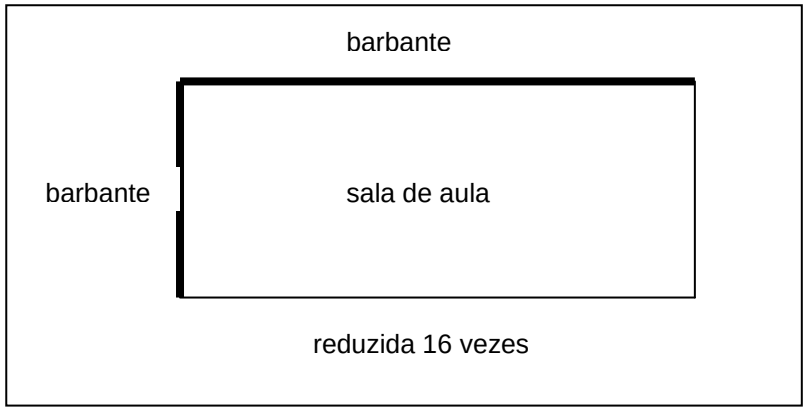
As maquetes podem ser montadas dentro de caixas de papelão. Assim, um papel celofane transparente pode ser colocado na boca da caixa e cada aluno utiliza a caneta de retroprojetor para "contornar" os "lugares" que observam embaixo. O resultado será uma planta baixa do local representado. O passo seguinte pode ser a elaboração de uma legenda que pode ser elaborada em conjunto após discussões.

Medida padronizada e não padronizada

Atividades de medidas da classe podem despertar a curiosidade a respeito da **medida padronizada**. As crianças poderão medir a carteira, seu estojo e a sala de aula utilizando os dedos, o palmo, outros objetos, os pés e posteriormente registrarão de quem é o pé que foi utilizado como padrão. O professor deve instigar o grupo com perguntas como: e se fossem os pés de outra criança? E se fossem os meus pés? A medida seria a mesma? Esses questionamentos devem ser feitos até que as próprias crianças percebam que, se cada um utilizar um modelo de medida, as pessoas não conseguirão se entender a respeito da dimensão dos locais, altura e largura de coisas, altura de pessoas, etc.

Medidas é um tema comum à área de Matemática, porém, nesse primeiro momento, é importante somente uma introdução, ou seja, as crianças vão pensar sobre e importância de medir objetos e lugares. Em Geografia, o conceito que está sendo construído é o de proporcionalidade, uma vez que o tamanho do que representamos não é o tamanho real do representado. Futuramente, nas séries mais adiantadas, os alunos com esse conceito construído reconhecerão a função da escala em um mapa convencional.

No 3º ano, a discussão sobre escala pode se aprofundar um pouco mais. Um barbante pode ser utilizado para medir a sala de aula, por exemplo. Depois, esse barbante pode ser dobrado até que seu comprimento "entre" na folha de papel. O professor recorta esse barbante e cada aluno cola no papel. Depois o mesmo deve ser feito com a largura e dobra-se o mesmo número de vezes que o barbante anterior. Supondo-se que o barbante foi dobrado 16 vezes, os alunos deverão anotar no caderno que a sala está representada, mas tem 16 vezes menos o seu tamanho. Disso, podemos ir para além da noção de um para um, mas pode-se discutir que para um lugar ser representado em um mapa, ele tem que ser "diminuído" muitas vezes.



O Estudo do Meio é um grande aliado nesse processo de alfabetização cartográfica. Ele permite que o aluno conheça o espaço, o represente com desenhos, e se desdobre em outras atividades interdisciplinares de produção de texto, estudo da fauna e flora locais, utilizando-se medidas convencionais e não-convencionais.

Ele pode e deve acontecer várias vezes e com diferentes objetivos. Muitos deles podem ser realizados na própria escola. Uma noção que já pode ser desenvolvida no 3º ano é dos movimentos de rotação e translação. Primeiro as crianças podem ser questionadas sobre o que pensam a respeito do assunto. A

conversa pode iniciar com as perguntas: a sombra fica sempre na mesma direção? Vamos observar ? Os professores junto com os alunos podem medir no chão a sombra no início e no final da aula e perguntar: o que aconteceu?

As crianças tendem a achar que o Sol e a Lua é que mudam de lugar, sem perceber que nós, isto é, a Terra é que está girando. O famoso experimento científico da laranja (representando a terra) no centro, girando em torno de uma vela ou abajur (representando o Sol) dará a ideia de por que acontecem o dia e a noite. O professor pode perguntar: em que lado é dia? Em que lado é noite?

Essa discussão pode avançar para os pontos cardeais, sendo que a direção em que o Sol aparece no período matutino é o Leste e desaparece no vespertino é o Oeste. Essa observação pode resultar em um desenho da rosa-dos-ventos no chão. Daí, outras questões podem surgir como: em relação ao nosso grupo, em que direção está a entrada da escola? E o pátio? A cozinha?

Os mapas convencionais também podem ser observados nesse momento para que os alunos observem a rosa-dos-ventos contida neles. A bússola também pode ser apresentada para a classe nesse momento, podendo inclusive ser confeccionada com materiais simples, como agulha, cortiça e um copo d'água. Os mapas e a bússola podem ser colocados no chão e as direções equiparadas ao desenho contido no pátio.

Essas atividades não precisam e nem devem acontecer no mesmo dia. Essa noção é bastante abstrata e deve ser construída aos poucos, à medida que a classe avança em suas noções espaciais.

Outro ponto interessante para esse ano é a observação de que o espaço é transformado pelo homem, e que os grupos sociais o constroem para atender necessidades próprias. Daí a importância de perceber, pelo estudo do meio, as diferenças e semelhanças entre construções quanto a: *a que se destinam* (moradias, comércio); *emprego de materiais* (madeira, alvenaria); *tamanho* (grandes, pequenas, número de cômodos, número de andares) e outros. Deve-se perceber também, em relação aos espaços, o que é *natural* (morros, montanhas, rios, praias, serras) e o que é *modificado* (ruas, praças, pontes, viadutos).

No final do 3º ano, algumas questões sobre a cidade em que se vive também devem ser "pensadas" como: em que cidade moramos? Como ela é? Qual é o nosso bairro? Fica em qual parte da cidade? Em que se parece com os outros e em que é diferente?

Esses questionamentos devem ser feitos tendo em vista que o pensamento dessa criança de 8 anos ainda é concreto. Então, é importante partir do local de onde ela está, da região que conhece para a que ainda não conhece ou com a qual não tem muita familiaridade, até porque a cidade não é constituída de bairros isolados. Um bom início é começar com questões como: quais bairros e regiões da cidade você conhece? O morro que avistamos fica no nosso bairro ou não? Estamos perto ou longe da praia? Perto ou longe do Porto?

Uma comparação com o mapa convencional também se faz necessária para que o aluno veja que espaços ele não é capaz de enxergar e que estão representados no mapa e também para que observe sua localização em relação a outros lugares.

Os estudos do meio também podem ser realizados por temas, por exemplo, observar os serviços do bairro, o comércio, e assim por diante. O registro dos trajetos por meio de mapas, contendo a legenda do que foi observado, amplia a noção cartográfica e o aluno percebe que um mesmo percurso pode ser representado com diferentes enfoques, dependendo do que se quer mostrar para o "leitor", daí a importância de se observar os títulos "Mapa dos pontos comerciais do bairro" ou "Mapa das casas dos alunos do 3º ano".

O estudo do meio também é importante para aguçar o senso crítico, pois sugere uma observação questionadora: as ruas do bairro são asfaltadas? Em que lugar as pessoas jogam o lixo? Os orelhões estão em bom estado? Como o meu bairro ou a minha cidade pode se tornar melhor? O que os governantes podem fazer para sanar esses problemas? De que maneira meus vizinhos podem contribuir? De que maneira eu posso contribuir?

Essas questões podem ser pensadas pelo grupo resultando em alguns caminhos para a solução dos problemas, por meio de campanhas, cartas aos governantes e mudança de atitude individual. Dessa maneira, os aspectos físico e humano caminham lado a lado e o espaço é percebido não como pronto e acabado, mas dinâmico, porque é fruto das relações humanas.

Fotografia: fonte de informação

Por meio de fotos antigas, de preferência de um lugar conhecido de todos, os alunos poderão comparar o ontem e o hoje ampliando suas noções do papel do homem nas transformações dos espaços. O ideal é que cada aluno traga uma foto, para ter diferentes visões do mesmo local, mas, se isso não for possível, o professor pode reproduzir uma (tipo xerox) para que cada aluno tenha uma imagem para comparar. Se os alunos puderem sair da classe e se posicionarem no local próximo de onde a foto foi tirada, a atividade será ainda mais rica.

O registro sobre as mudanças é fundamental, pois as crianças colocarão suas hipóteses e observações a respeito dessas mudanças. Nas atividades com fotografias e entrevistas (aprofundado posteriormente), é possível trabalhar conceitos das áreas de História e Geografia ao mesmo tempo, como já dissemos anteriormente. Em História, o aluno construirá o conceito de permanências e mudanças, e, em Geografia, da transformação do espaço por meio do trabalho humano atendendo necessidades sociais, culturais, políticas e econômicas.

Entrevistas

A entrevista com um funcionário antigo ou morador antigo de bairro pode ser uma experiência muito especial para a turma. Converse com seus alunos antes, para a elaboração de questões. Gravar a entrevista é um bom recurso para o registro posterior. Mas, se possível, ensaie antes com a classe para que, na hora da entrevista, a turma se preocupe com o depoente.

As respostas podem ser registradas em forma de texto coletivo. Mas se, na classe, já houver alguns alunos formulando o nível alfabético de escrita, a turma pode ser dividida em grupos para que funcionários diferentes sejam entrevistados. Essa atividade é importante para que as crianças reconheçam que os espaços são modificados pelo homem, e que pessoas diferentes possuem experiências particulares na relação com os espaços.

Morro da favela, 1924,
óleo sobre tela, 64 x 76 cm.
Coleção Sérgio Fadel, Rio de Janeiro

A construção do conhecimento em geografia

A geografia é uma ciência de observação, que deve ser a habilidade mais desenvolvida com os alunos em uma experiência significativa de construção da noção de espaço.

O espaço que cerca o aluno deve ser o ponto de partida para a observação: a sala de aula, a casa, a escola, a rua da escola, os arredores... Mas não para por aí. E o espaço distante? Como pode ser percebido?

Para isso, a geografia pode contar com muitos aliados: música, fotografias, filmes, histórias em quadrinhos, diários de viajantes, matérias de jornal, pinturas, grafites, esculturas e outros recursos podem e devem ser utilizados para que o aluno conheça outros povos, lugares, construções, etc.

Essas representações do passado e do presente podem auxiliar de diversas maneiras, mas é interessante que o professor as tenha como ponto de partida e não como recurso complementar. Ao invés de ler um texto no livro didático e complementar a informação com imagens, o professor pode primeiro levar a imagem e criar questões a respeito dela estimulando a curiosidade. Utilizando-se a obra “Morro da Favela”, de Tarsila do Amaral, como exemplo, pode-se perguntar: Que lugar é esse? Quem são essas pessoas? O que estão fazendo? Como vivem? Que tipo de construção é essa? Que materiais foram utilizados na construção? Que tipo de mão-de-obra? Quanto tempo demorou? A que classe social as personagens pertencem? Que tipo de relevo é esse? As construções são próprias para esse tipo de relevo? Você conhece algum lugar que se pareça com esse da imagem? Como é?

É claro que as perguntas devem ser adaptadas à faixa etária e ao objetivo proposto. Aos poucos, o professor deve habituar seus alunos a construírem também suas próprias perguntas, levantando hipóteses próprias.

Com as informações em mãos, os alunos podem construir um texto sobre o que aprenderam e uma lista de perguntas sobre as dúvidas que permanecem. A partir delas, pode-se realizar um trabalho de pesquisa em livros, textos da Internet, enciclopédia eletrônica, comparar com outras imagens, comparar com o local onde vivem e outros procedimentos de pesquisa que se julgar necessário.

Além dos textos, os conhecimentos apreendidos podem ser organizados em álbuns de textos, desenhos, gráficos e esquemas. Cartazes, peça de teatro, jornal impresso ou falado também podem encerrar um trabalho desse gênero, que podem culminar em uma exposição. Não é necessário que todo trabalho resulte em uma exposição, mas vale ressaltar que um bom trabalho exige um tempo de planejamento, levantamento de interesse junto aos alunos, assim como das dúvidas e conhecimentos prévios trazidos por eles. Material diversificado nas diferentes etapas de pesquisa e constante avaliação do que está sendo feito são bem-vindos. Um produto final que contenha as informações apreendidas pelos alunos também é muito importante.

Enfim, conhecer a construção das noções e representações do espaço é essencial para que a reprodução de informações dê lugar a uma elaboração de conhecimento verdadeiramente significativo.

ENSINO RELIGIOSO

"A religião é uma das maneiras, mais intensa,
de trabalhar o valor do amanhã."
(Mário Sérgio Cortella)

No que se refere ao aluno:

O Ensino Religioso é uma das dez áreas do conhecimento definidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais aprovadas em 1998 pelo Conselho Nacional de Educação. A Diretriz nº. 4 afirma que: "IV – Em todas as escolas deverá ser garantida a igualdade de acesso para alunos a uma Base Nacional Comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional, a Base Nacional Comum e sua Parte Diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma curricular, que vise a estabelecer a relação entre a Educação Fundamental e: **A) Vida Cidadã através da articulação entre vários dos seus aspectos como**: a Saúde, a Sexualidade, a Vida Familiar e Social, o Meio Ambiente, o Trabalho, a Ciência e a Tecnologia, a Cultura, as Linguagens; **B) as Áreas de Conhecimento**" (Prof. Sérgio Junqueira – Curitiba/PR).

As Áreas do Conhecimento são marcos estruturados de leitura e de interpretação da realidade, essenciais para garantir a possibilidade de participação do cidadão na sociedade de forma autônoma. Cada uma das dez áreas contribui para que os estudantes compreendam a sociedade em que vivem e possam interferir no espaço e na história que ocupam, pois uma das preocupações da Educação Básica é a formação do cidadão e que os estudos que as crianças e adolescentes realizam contribuam para os estudos e o trabalho que exercerão posteriormente. Ou seja, é uma relação do presente, uma releitura do passado e uma construção do futuro (Prof. Sérgio Junqueira – Curitiba/PR).

O Ensino Fundamental tem por objetivo a formação básica do cidadão, da qual o Ensino Religioso é parte integral. O Ensino Religioso escolar é essencial para esta formação do cidadão, entretanto, são **proibidas quaisquer formas de doutrinação ou proselitismo, ou seja, a catequese, a pregação, a iniciação nos fundamentos de determinado sistema religioso,** sendo assim eliminada a alternativa do Ensino Religioso confessional.

No que se refere ao professor:

Em virtude da integração recente do componente curricular de Ensino Religioso à matriz curricular do Ensino Fundamental, faz-se imprescindível a participação dos professores na Formação Continuada em Ensino Religioso, que compreende estudos com embasamento filosófico, histórico, sociológico, antropológico, fenomenológico e ético, visando ao aprimoramento pessoal do educador e a consequente melhoria na qualidade de vida de maneira integrada.

Objetivos gerais da Formação Continuada para o professor que ministra Ensino Religioso:

- desenvolver conhecimentos para a compreensão dos valores humanos;
- aguçar a percepção para o sentido da vida;
- oferecer suporte à ação cotidiana do educador, visando à promoção de uma sociedade humana, solidária, fraterna e justa;
- contribuir para afirmação de autoimagem positiva por meio do efeito multiplicador do exemplo, de forma afetiva nas relações intrapessoal e interpessoal;
- suscitar o espírito aberto ao diálogo e a capacidade de fazer perguntas em todas as situações, exercitando a interdisciplinaridade na vida;
- exercitar o viver e o conviver em harmonia;
- fomentar no educador o gosto pela pesquisa, descoberta e organização de métodos de trabalho que aproximem educando e educador;
- estimular o aprofundamento no estudo da história das religiões, principalmente no Ensino Fundamental.

Sugestões de leitura para aprimoramento do professor		
Título do livro	**Autor**	**Editora**
Aprendendo a lidar com gente	Lucila Rupp de Magalhães	Casa da Qualidade/EDUFBA
Dicionário das Religiões	Mircea Eliade	Martins Fontes
Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa	Antônio Geraldo da Cunha	Editora Nova Fronteira
Didática de Ensino Religioso: Estrelas da Vida	Therezinha Motta L. da Cruz	FTD
Dinâmicas, Vivências e Jogos Grupais	Albigenor e Rose Militão	QualityMark
Diversidade Religiosa e Direitos Humanos	Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República	http://www.gper.com.br/documentos/diversidade_religiosa_e_direitos_humanos.pdf.
Felicidade não tem cor	Júlio Emílio Braz	Moderna
O diálogo das religiões	Andrés Torres Queiruga	Paulus
O Homem e seus Símbolos	Carl Gustav Jung	Nova Fronteira
O Poder do Mito	Joseph Campbell	Palas Athena
O suspiro dos oprimidos	Rubem Alves	Paulus
Os Direitos das Crianças segundo Ruth Rocha	Ruth Rocha	Cia. das Letrinhas
O Sagrado e o Profano: a Essência das Religiões	Mircea Eliade	Martins Fontes
Tratado de História das Religiões	Mircea Eliade	Martins Fontes
Violência Urbana (Coleção “Folha Explica”)	Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis Almeida	Publifolha

“O diálogo aproxima os homens entre si e do mundo em que vivem.
É capaz de transformá-lo e, transformando-o,
o humaniza para a humanização de todos”.
(Paulo Freire)

Considerando que a educação é sempre uma atividade intencional, a ser medida pela referência a uma finalidade ou projeto, ela configura práticas sociais movidas por interesses inerentes à cultura, felicidade dos indivíduos e sobrevivência da espécie humana.

“Tudo o que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e viver [...]”
(Leonardo Boff)

Kant, um dos mais influentes filósofos da modernidade, postula que ***o homem é a única criatura que precisa ser educada, entendendo educar por cuidar de sua infância*** (Kant, 1996), tanto para defendê-la do mau uso de sua liberdade instintiva quanto para guiar e instrumentalizar o bom uso da liberdade, medido pelo benefício que vier a causar, frente ao mais razoável e prudente, ao bem-estar em seu modo de viver e conviver.

Quais seriam as tarefas da educação hoje, quando as diretrizes educacionais têm como fundamento principal “formar o cidadão?

O que significa formar um cidadão, entendendo este como alguém que possui direitos, isto é, que se define pelo “direito de ter direitos? Como uma educação pode conferir ao educando o direito de ter direitos? O que poderá ser educar o cidadão, quando seu ambiente de vida é o do truncamento, às vezes, violento, da experiência democrática de vida? Se, além do cidadão, caso se queira educar a “pessoa”, pautando-se por valores de dignidade e liberdade humana, que compromissos éticos precisam ser assumidos educacionalmente?

Em seu trabalho cotidiano, os educadores deparam com problemas práticos que demandam compreensão de questões de fundo. Por exemplo: o que é necessário hoje para promover a autonomia do aluno?

O ideal da “autonomia” dos indivíduos, pelo menos quanto a seu pensamento crítico e criativo, tem-se tornado um valor universal da educação. Como tem sido codificado esse ideal de autonomia nos currículos e normas escolares? Se todo processo cognitivo resulta em construção coletiva, em que sentido ainda assim é preservada alguma autonomia individual, mesmo quando autonomia limitada ao pensamento?

Enfim, o problema da educação é o problema do homem, sua realização e crescimento, sua vida pedindo mais vida. Para tanto, é necessário que se discutam e se criem meios e ambientes adequados, que se reflita sobre fundamentos, métodos e propostas para educação das crianças com a finalidade de atingirmos os objetivos almejados.

Então, estimular o pensamento nas crianças, desde seu contato com o ambiente escolar e o universo simbólico em geral tem sido considerada uma opção educacional com razoável consenso entre educadores contemporâneos, herdeiros dos ideais de uma educação democrática e emancipadora.

Segundo Cunha, o ensino da filosofia tem sido caracterizado, em toda sua tradição, por trabalhar com as questões do pensamento, não só do pensamento dos valores e crenças legitimados como científicos ou como filosoficamente estabelecidos, mas também do pensamento cotidiano carregado de valores e crenças, existencialmente associados à experiência de vida compartilhada. Ora, o compartilhamento de experiências de vida constitui o fato filosófico primeiro, na medida em que é compartilhando significados que formamos nossas crenças e valores.

As crianças, desde a educação infantil, já vivem suas primeiras experiências de vida de compartilhamento de um universo simbólico, composto por significados, crenças e valores. Vão com esse universo, formando suas primeiras imagens de si mesmas e do mundo que as rodeia. Diz-se que formam seus primeiros conceitos abstratos, a partir de noções de ordem emotiva, articulando sensações e sentimentos. Firmam os primeiros traços sociais de seu caráter socioemocional, o qual poderá servir de base para seu caráter moral (Cunha, p. 18, 2002).

Várias questões do pensamento já são colocadas para as crianças desde a educação infantil. O estado de espanto, maravilhamento ou dúvida que elas podem experimentar é semelhante ao de filósofos calejados em seu treino metódico de fazer reflexão e crítica filosóficas. Isso já bastaria para se considerar válido o ensino de filosofia às crianças desde a educação infantil. Acrescente-se a validade educacional de se desenvolverem habilidades, sempre mais aprimoradas, de pensamento rigoroso em cada contexto, mais aberto democraticamente tanto à sua afirmação quanto contestação. Isto é importante educacionalmente, porque se quer formar cidadãos autônomos quanto ao exercício do pensamento crítico e criativo.

Ainda segundo Cunha, deve-se privilegiar a questão do pensamento do “cuidado”.

> O cuidado atento e permanente é condição da investigação em geral, mas o cuidado com as emoções e julgamentos emotivos tem sido pouco tematizado, tanto no ensino de filosofia, quanto em práticas de educação para o pensar. Ora, o pensamento cuidadoso é o único que pode dar conta da fragilidade intrínseca dos valores, por mais nobres que sejam, como o da verdade ou justiça, por ser ele capaz de enxergar os ambientes nos quais estes se instalam com maior ou menor facilidade. Os contextos socioemotivos da formação de hábitos e inculcação de valores, sejam ou não democráticos e emancipativos, constituem um foco para onde dirigir o pensamento cuidadoso e as questões que a ele são endereçadas.
>
> Neste sentido, o pensamento cuidadoso é considerado a base para a prática filosófica do diálogo entre emoções e razões. E as crianças são ainda muito sensíveis a questões que envolvem o cuidado, pois seu interesse pela significação de tudo ainda é virgem, no sentido de ainda não-viciado por pré-julgamentos e outros hábitos mentais.

A proposta, então, é que a filosofia com as crianças deva retirar seus principais temas e suas principais questões a partir do pensamento que exercita o cuidado. Tanto o cuidado acerca de ideias e emoções, quanto o cuidado a respeito da influência dos contextos de significação. Estes contextos, por ambientarem socioemocionalmente as interações sociais, condicionam atitudes subjetivas e intersubjetivas, responsáveis pelo compartilhamento de sentimentos básicos – os do amor, medo, raiva, tristeza e alegria – e, até mesmo, de sentimentos mais complexos, como confiança, amizade, coragem, respeito, justiça e verdade.

Deste modo, o filosofar com as crianças permite que elas construam significados enquanto formam a consciência de si, mobilizando simultaneamente elementos dos domínios afetivo e cognitivo. Habilidades de diálogo e pensamento vão consolidando, de um lado, competências crítico-reflexivas sensíveis a critérios de verdade ou justiça e, de outro lado, competências interpretativas sensíveis tanto aos contextos socioemocionais particulares, quanto a generalizações baseadas em conceitos progressivamente mais abstratos.

Pretende-se que esta sensibilidade para o pensamento abstrato que vai se desenvolvendo pouco a pouco, seja alimentada com questões e diálogo entre os pontos de vista diferentes, sendo o fio condutor do aprimoramento das competências de julgamento e escolha, base para o exercício da liberdade e cidadania.

O pensamento é a atividade humana pela qual se produzem ideias e valores. Com isso, são construídas as crenças e normas, que regulam o comportamento e costumes de cada grupo humano. Por meio de ideias e valores, justificamos essas crenças e normas, disciplinando e formando as novas gerações.

É importante que tenhamos claras quais competências e habilidades devemos esperar das crianças / adolescentes ao final de cada etapa (fase inicial, fase complementar e fase final), de forma que possamos traçar metas precisas e objetivas em nosso trabalho. Sendo assim, buscamos que, no decorrer do Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano, os alunos sejam estimulados a:

- desenvolver o espírito de participação, por meio do diálogo, aprofundando as motivações para a autêntica autonomia;
- descobrir sozinho formas de resolver situações-problema do cotidiano escolar, refletindo sobre ações corriqueiras;
- participar do estabelecimento de regras que lhes afetam diretamente, exprimindo suas opiniões até que se coordenem os pontos de vista para o estabelecimento de regras comuns;
- valorizar o diálogo, como a forma de resolver conflitos de maneira eficaz e, principalmente, inteligente;
- entender as normas coletivas e interiorizar valores humanos por meio do convívio para além do mundo familiar;
- atuar de forma cada vez mais independente, percebendo-se agente transformador do meio ambiente;
- conhecer e compreender os diferentes significados dos símbolos religiosos na vida, na convivência com as pessoas e nos grupos sociais;
- perceber que os símbolos religiosos expressam a ideia do Transcendente de maneiras diversas nas diferentes tradições religiosas, respeitando-os;
- compreender que sua identidade religiosa se constrói em reciprocidade com o outro;
- perceber o valor da reverência ao Transcendente, que é Um só e expresso de maneiras diversas pela simbologia religiosa e com diferentes nomes;
- adotar no dia a dia atitudes baseadas nos valores éticos, de solidariedade, de cooperação, de tolerância e de repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- conhecer os elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no próprio contexto social (familiar e escolar);
- analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais;
- compreender o direito à diferença na construção de estruturas religiosas que têm na liberdade o seu valor inalienável;
- refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano;
- formular questionamentos existenciais, em profundidade, dando respostas adequadas embasadas nas informações obtidas;
- perceber que as representações do Transcendente de cada tradição religiosa se constituem no valor supremo de uma cultura;
- desenvolver seu espírito de participação adquirindo critérios para a formação de seus juízos de valores e aprofundando as motivações para a autêntica cidadania;
- eleger critérios de ação pautados na justiça, detectando e rejeitando a injustiça quando ela se fizer presente, assim como criar formas não violentas de atuação nas diferentes situações da vida;
- conduzir-se coerentemente por determinadas regras, legitimadas por convicção de princípios de que estas regras representam valores universais;
- compreender o significado das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas;
- compreender o sentido da História e da origem da *palavra sagrada* na história das tradições religiosas;
- relacionar a história das tradições religiosas com as práticas religiosas significantes para os diferentes grupos sociais;
- compreender as representações do Transcendente, na Tradição Religiosa, como valor supremo de uma cultura e expressão de sua relação com Ele;
- entender a fundamentação das diferentes crenças em seu contexto sociocultural;
- refletir sobre o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano.

Desse modo, no Plano de Curso Anual de Ensino Religioso do Ensino Fundamental, priorizamos o **diálogo** como recurso indispensável e que deverá permear todas as atividades propostas. Partindo da observação e reflexão, a criança/adolescente aperfeiçoa sua percepção e expressa verbalmente suas impressões sobre o mundo que a rodeia, opinando, questionando, criticando.

As orientações / sugestões que seguem têm como objetivo contribuir no planejamento de situações didáticas que favoreçam a construção das competências esperadas. Vale ressaltar que o professor deve adequar as atividades sugeridas de acordo com as experiências, a faixa etária e o ano de escolaridade de seu grupo-classe.

Diálogo / Linguagem oral / Pesquisa

"O sorriso fala todas as línguas."
(Vivian Magalhães, co-autora, com Vanessa Amorim, do livro Cem Aulas Sem Tédio *- Sugestões Práticas, Dinâmicas e Divertidas).*

Durante as atividades sistematizadas, promover situações que ofereçam oportunidades de reflexões dialogadas, favorecendo as trocas entre os alunos e turmas contribuindo para que haja maior entrosamento e aperfeiçoamento das relações interpessoais.

Cultivar diariamente o hábito do diálogo sobre assuntos diversos, tanto os sugeridos pelos alunos como os selecionados criteriosamente pelo professor que se coloca para escutar afetivamente as crianças/adolescentes e incentivá-los na escuta respeitosa aos relatos e opiniões dos companheiros. Elucidações e comentários, por parte do professor, aprofundando os pontos de vista relatados e mediando situações polêmicas para que não haja discriminações de qualquer natureza sobre o assunto exposto.

Relatos dos alunos de situações que presenciaram, por exemplo, que envolveram preconceito, injustiça, discriminação.

Com seis, sete anos, a criança adora imitações, assim podemos aproveitar e proporcionar um momento de descontração, mas com muita informação com a dinâmica dos animais. Durante a atividade, o professor vai acrescentando informações sobre os animais escolhidos, perguntando às crianças o motivo da escolha e conscientizando-as de que todos os animais são importantes para o equilíbrio ecológico.

- A primeira criança vai pensar em um animal de que não gosta, imitá-lo e os outros vão tentar adivinhar qual é o animal.
- Outra criança continua, sendo que o animal já escolhido não poderá ser repetido (lembrar as crianças que aves, répteis, anfíbios, mamíferos, peixes, insetos são animais).

Conversa informal com mostra de fotos de crianças com fome (do Nordeste, da África, por exemplo), pode ser um bom recurso para despertar para a compaixão com o sofrimento do outro. Para as crianças do 4º e 5º ano de escolaridade, solicitar a coleta das fotos individualmente. No dia marcado para a entrega das fotos, organizar a classe em grupos, juntar todas e distribuí-las igualmente entre os grupos formados. Cada grupo deverá analisar as fotos recebidas e produzir uma história coletiva levando em consideração o que demonstram as mesmas. Finalizar com a confecção de um álbum, com as respectivas fotos, cujo nome deve ser escolhido pelos alunos.

Apresentação de filmes que abordam questões sociais, valores universais, histórias dos povos indígenas / africanos, para análise em grupo. *Kiriku e a feiticeira* é um ótimo exemplo de filme que aborda costumes dos povos africanos.

O uso de filmes ou histórias, bem selecionados e com temas que favoreçam a discussão, gera uma riquíssima reflexão dialogada, principalmente se cada criança / adolescente for incentivado a formular perguntas, a dar opiniões e a fazer suas críticas sobre o tema abordado. Para culminância do trabalho com a história ou o filme selecionado, a montagem de uma dramatização pode ser bem proveitosa e de preferência que cada criança /adolescente escolha qual personagem prefere desempenhar. Caso mais de uma criança / adolescente queira o mesmo personagem, quando único, estimular que o grupo dê sugestões para resolução da situação e a sugestão de consenso deverá prevalecer. Pretende-se o tempo todo favorecer a **participação efetiva** do aluno em todo o processo.

O diálogo nas rodas de conversa sobre as preferências, as necessidades, os desejos, os sentimentos pode gerar um trabalho de reflexão sobre as diferentes preferências e características das pessoas. O importante é que a criança perceba que as pessoas têm diferentes atitudes frente às mesmas questões e tenha oportunidade para opinar, argumentar, enfim, expressar-se.

Propomos, ainda, a pesquisa na sala sobre os gostos / preferências de cada criança em relação aos programas televisivos, aos times de futebol, às cores, aos animais de que mais gostam, etc. A partir desse levantamento, formar uma roda de conversa e fazer perguntas que permitam abordar a diversidade existente entre as pessoas, ressaltando a riqueza dessa diversidade, pois seria muito monótono se todos usassem os mesmos tipos de roupas e cabelos, gostassem das mesmas cores, torcessem pelo mesmo time de futebol, assistissem ao mesmo programa de televisão, etc.

Desse mesmo levantamento de preferências, outra atividade pode ser realizada se abordarmos os programas televisivos infantis, direcionando o diálogo com perguntas de tal forma que as crianças percebam aspectos positivos e negativos dos temas veiculados pela televisão: incentivo ao consumo de produtos desnecessários; culto à aparência em detrimento do caráter; uso habitual / abusivo de bebidas alcoólicas no cotidiano das telenovelas e propagandas; banalização do uso de medicamentos; estímulo à sexualidade; perfil de herói como "justiceiro", ou seja, *olho por olho, dente por dente*; programas de humor que promovem a violência (pegadinhas, torta na cara, humilhações, etc.).

Aproveitando o tema sobre a mídia televisiva, propor a montagem de uma dramatização referente a uma determinada propaganda, que pode ser escolhida pelo grupo ou selecionada pela professora desde que os alunos conheçam. Após a dramatização, analisar a mensagem subliminar da propaganda junto com os alunos, como por exemplo, a propaganda da doação de órgãos (cachorrinho percebe que o homem que passou em frente ao portão teria recebido algum órgão de seu dono, aparentemente o coração, pelo que a mensagem sugere). Discutir os aspectos positivos e negativos das propagandas e a força de convencimento que têm, estimulando ao consumo ou convencendo passivamente a pessoa sobre algo, sem nenhuma reflexão ou crítica.

A montagem de um painel (papel grande) dividido pela metade, de um lado "O que me deixa feliz" e do outro lado "O que me deixa triste", pode ser uma excelente oportunidade para trabalhar com a ideia do Transcendente. Os alunos vão falando o que lhes deixam felizes e a professora registra de um lado. Procede-se da mesma maneira em relação ao que lhes deixam tristes, registrando do outro lado. Para finalizar, a professora pode mediar uma reflexão sobre as semelhanças e diferenças do que lhes deixam felizes / tristes e as reações que estes sentimentos provocam em cada um.

Também, por meio de discussão dialogada, promover dinâmica, com a montagem de painel em grupo ou individual, com figuras recortadas de revistas, de acordo com os desejos, as necessidades básicas e o que já se tem (mas não se valoriza), como no exemplo seguinte. A seguir, promover uma reflexão sobre o que realmente é importante para sermos felizes.

O tema ainda possibilita a discussão sobre o consumismo desenfreado nos dias atuais e a necessidade urgente da reutilização / reciclagem de materiais, inclusive para a construção de brinquedos artesanais.

EU DESEJO	**EU PRECISO**	**EU TENHO**
CARRO DINHEIRO VIAGEM	SAÚDE ALIMENTAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA LAR	SAÚDE ALIMENTAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA LAR

Ainda sobre o tema "felicidade", podemos aproveitar o poema a seguir, criando com as crianças / adolescentes outras rimas.

Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz!

Passarinho na janela,
pijama de flanela,
brigadeiro na panela.

Gato andando no telhado,
cheirinho de mato molhado,
disco antigo sem chiado.

Pão quentinho de manhã,
dropes de hortelã,
grito do tarzan.

Tirar a sorte no osso,
jogar pedrinha no poço,
um cachecol no pescoço.

Papagaio que conversa,
pisar em tapete persa,
eu te amo e vice-versa.

Vaga-lume aceso na mão,
dias quentes de verão,
descer pelo corrimão.

Almoço de domingo,
revoada de flamingo,
herói que fuma cachimbo.

Anãozinho de jardim,
lacinho de cetim,
terminar o livro assim.

Otávio Roth – Editora Ática

A partir do 5º ano de escolaridade, o Ensino Religioso já deve enfatizar a **observação, reflexão e informação** no respeito à diversidade cultural / religiosa do Brasil. Então, promover uma conversa dirigida sobre a "imposição" do cristianismo aos índios e aos africanos, pelos colonizadores portugueses, pode ser um bom começo para a compreensão do porquê do preconceito com as tradições religiosas de matriz africana e de matriz indígena.

Numa *roda de conversa* com o objetivo de conhecer os alunos, diminuir a timidez e favorecer que todos se coloquem, formular questões (tendo a preocupação de que todos respondam pelo menos uma das perguntas, nesta atividade o ideal é que ninguém deixe de participar), como:

- Se você fosse uma casa, como gostaria de ser?
- Que presente você gostaria de dar e para quem?
- Que presente você gostaria de ganhar e por quê?
- Se você fosse uma fada ou um mágico, que mágicas gostaria de fazer?
- De todos os natais que você vivenciou, qual foi o mais marcante – aquele de que você tem saudade – e por quê? (normalmente, nesta pergunta a criança não fala do brinquedo que ganhou, mas de algum momento especial com uma pessoa querida, então o professor pode acrescentar que o importante de verdade é o carinho recebido de quem amamos e não os brinquedos caros que ganhamos). Infelizmente, nos dias atuais, as crianças têm tão poucos momentos de lazer junto aos familiares mais queridos que é bastante provável que muitos não tenham sequer esses momentos para lembrarem.

No 6º ano de escolaridade, as pesquisas sobre líderes que mudaram a história da humanidade de sua época podem ser muito importantes para promover discussões sobre valores universais, ética e responsabilidade social.

Também é um bom momento para sugerir aos alunos a elaboração de uma lista de valores que consideram importantes para nortear as atitudes das pessoas. Seria interessante que os alunos já tivessem trabalhado com atividades que envolveram os nomes de alguns valores, ou, então, o professor apresenta uma lista de onde os alunos poderão identificar os que consideram relevantes. Solicitar que cada aluno classifique os valores listados por ordem de relevância para si mesmo. Organizar a classe em grupos, entregando para cada grupo um provérbio / pensamento que aborde o tema valores, como nos exemplos abaixo. No grupo, deverão discutir e socializar o pensamento e a conclusão dos valores realmente indispensáveis para a boa convivência.

As frases célebres / pensamentos / provérbios podem servir como boas reflexões em dinâmicas. O pensamento ou provérbio é dividido em frases (de maneira que fique com duas partes cada pensamento) e distribuído aleatoriamente entre os alunos que deverão achar seus pares, ler, refletir, discutir e socializar.

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião.
Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar."
(Nelson Mandela)

"Há duas maneiras de viver a vida: Uma, é como se nada fosse milagre. A outra, é como se tudo fosse milagre."
(Albert Einstein)

"O futuro não é um lugar aonde estamos indo, mas um lugar que estamos criando.
O caminho para ele não é encontrado, mas construído e o ato de fazê-lo muda tanto o realizador quando o destino."
(Antoine de Saint-Exupery)

"Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível."
(Francisco de Assis)

"Se um dia tiver que escolher entre o mundo e o amor... Lembre-se:
Se escolher o mundo, ficará sem o amor, mas se escolher o amor, com ele conquistará o mundo!"
(Albert Einstein)

A partir do 7° ano de escolaridade, os alunos têm muito interesse por novidades e palavras novas. Então, pode ser um excelente momento para sugerir uma pesquisa sobre a origem – etimologia – de algumas palavras. Para motivá-los ainda mais, mostrar que a palavra *companheiro*, por exemplo, teria sua origem "*com pão*", pois as pessoas se reuniam em volta da mesa e dividiam o pão; a palavra *entusiasmo* seria "*deus dentro de você*"; já as palavras *acordar, coração e coragem* teriam a mesma origem em "*cor – dar cor*"; e a origem da palavra *promessa* seria a divindade grega "Prometeu" cujo nome significaria "*aquele que vem antes*".

O dicionário etimológico, Dentro do Dentro (Mercuryo), de Manoel Whitaker Sales, é um divertido livro de histórias que explica o significado de 101 palavras, bem como as alterações que algumas delas sofreram ao longo dos tempos. A partir dessa leitura, é possível descobrir, por exemplo, que a palavra "trabalho" vem do latim medieval *tripalium*, um instrumento de tortura da época. E que "deletar" – ao contrário do que pensamos – não é um neologismo, originado do inglês. Veio do latim *deletare*, que significa "apagar" (Monique dos Anjos) http://super.abril.com.br/superarquivo/2003/conteudo_295018.shtml

No 8º e 9º ano de escolaridade, já é possível utilizar o **júri simulado** para o debate envolvendo temas polêmicos, mas do cotidiano, como: programas televisivos com mensagens subliminares; consumismo exacerbado; culto à aparência, promovendo a busca excessiva de cirurgias plásticas; pena de morte; sistema de cotas para negros na Universidade; doação de órgãos; eutanásia; sexualidade (aborto, gravidez precoce, violência sexual); adoção de crianças brancas em detrimento das negras; guerra; preconceito (pré-conceito, julgamento sem aprofundamento); assistencialismo (o ideal seria: *dar o peixe ou ensinar a pescar?*); uso de bebidas alcoólicas desde a adolescência; exercício pleno da cidadania; conceito de herói (justiceiro, violento, pacificador?).

Como nessa faixa etária (9º ano), os alunos estão muito interessados em temas que abordam a sexualidade, propor uma pesquisa em grupo sobre como as diferentes tradições religiosas tratavam questões sexuais, tabus. Será uma descoberta muito interessante para os alunos se pesquisarem sobre os povos mais antigos, como Roma Antiga, onde, segundo pesquisadores, o sexo era tratado como qualquer outro assunto do cotidiano sem esses tabus que criamos, de sequer pronunciar "pênis", pois parece até ofensa. Ressaltar que, ao tratar desses assuntos, o professor deve estar bem preparado porque certamente deverá mediar algumas situações que surgirão no decorrer das discussões.

Para aprofundar as reflexões e discussões, provocar os alunos com questões como:

- Quais as semelhanças e as diferenças entre a Inquisição e o Holocausto?
- Por que no calendário que usamos cada dia do ano é atribuído a um santo católico?
- Qual a diferença entre ateu e agnóstico?

Enquanto os ateus negam a existência de Deus, os agnósticos alegam a impossibilidade de provar a existência – ou não – de Deus. Embora existam relatos de povos primitivos que não acreditavam em nenhum deus, a expressão ateísmo (que significa, em grego, a negação de Deus) foi cunhada no final do século 16, época da Inquisição. "Pode-se afirmar que o ateísmo é subproduto da Inquisição. Quando a Igreja católica quis suprimir toda e qualquer dissidência, seus métodos inquisitoriais levaram à formação de um judaísmo clandestino e às primeiras declarações de secularismo e ateísmo na Europa", afirma Armando Araújo Silvestre, cientista da religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. Já a expressão agnosticismo ("deus desconhecido", também em grego) é mais recente e atribuída a T. H. Huxley, cientista inglês do século 19.

Ele elaborou essa expressão para descrever seu próprio estado mental, não para negar totalmente Deus, mas para expressar dúvida quanto à possibilidade de atingir o conhecimento e para protestar ignorância a respeito de um grande número de coisas, diz Silvestre (Deus em Xeque – Marina Motomura). http://super.abril.com.br/superarquivo/2003/conteudo_295047.shtml

Há ainda outras teorias para tentar explicar o ateísmo. Alguns autores afirmam que também são ateus os pertencentes a alguma religião, mas não são praticantes da mesma. Por fim, há ainda o grupo vinculado ao ateísmo moderno, ou seja, aqueles que acreditam em Deus, mas não possuem vínculo com nenhuma religião ou grupo religioso (HEERDT. Mauri Luiz, BESEN. José Artulino e COPPI. Paulo De. **O Universo Religioso: as grandes religiões e tendências religiosas atuais**. São Paulo: Editora Mundo e Missão, 2005.).

Alguns alunos têm muita timidez e não questionam mesmo que tenham dúvidas, então sugerimos implantar uma “caixa de dúvidas” que o professor deve ler em casa, até para melhor entender cada questionamento, e responder na próxima aula sem identificar o nome do aluno.

Contação de histórias: uma arte antiga

“Ah, como é importante na formação de qualquer criança ouvir muitas histórias [...]
Escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor,
e ser leitor é ter todo um caminho de descobertas
e de compreensão do mundo, absolutamente infinito [...]”
(Luiz Vilela, 1995/UNISANTA – Curso de Formação de Contadores de Histórias: Blá Blá Blá...)

Efetivamente, deve ser a história contada a primeira manifestação artística surgida depois da linguagem articulada, por causa dos poucos elementos e materiais de que precisa: em princípio, somente o domínio da oralidade expressiva.

Um contador de histórias, em todo tempo e lugar, encontrou quem o escutasse. Nas sociedades tribais primitivas, essa atividade não possuía uma finalidade exclusivamente artística: tinha um caráter funcional decisivo, pois os contadores de histórias eram os que conservavam e transmitiam a história e o conhecimento acumulado pelas gerações, as crenças, os mitos, os costumes e valores a serem preservados pela comunidade. Durante séculos, foi por meio da realidade que a cultura popular se manteve, sem pergaminhos ou iluminuras, mas memória viva.

Como atividade artística, com normas e técnicas passíveis de serem transmitidas a todos, a prática de contar histórias se desenvolveu no fim do século passado, sobretudo nos países nórdicos, anglo-saxões e, posteriormente, nos latino-americanos. Essa prática se estendeu e ainda hoje aparece reduzida a um tempo cronológico, “a hora do conto”, nas escolas e bibliotecas.

A narração oral é uma forma de comunicação que se alimenta da história e da ficção, integrando a palavra aos gestos. É nesta economia de recursos que está a força de sua expressão: o ouvinte forma com o contador de histórias as duas faces de uma unidade, pois ele deve recriar na sua imaginação o que lhe contam, com isso, transforma emissão em recepção, conformando a mensagem.

O contador de histórias também se forma: é aquele que conhece as técnicas para narrá-las por tê-las aprendido de maneira expressa e voluntária e deve possuir, além disso, domínio do idioma e base cultural sólida, isto é, perceber a complexidade do medo, as diferentes manifestações da cultura e poder expressá-la em uma imagem fluida, ágil e densa para seus ouvintes. Por esta razão, o contador de histórias tradicional é uma pessoa vivida. Ou, no caso contemporâneo, atrás de toda narração de contos se encontra um perfil básico e essencial: um grande leitor.

SILVA, Betty Coelho. **Contar histórias – uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.

Contos de Fada

Os contos de fadas antecedem em muito a Literatura Infantil. Como se pode observar pelo trabalho dos irmãos Grimm, essas narrativas pertenciam ao folclore, transitando entre as camadas pobres da população até o final do período medieval. É com o advento da Idade Moderna que surgem as primeiras adaptações para a infância dos contos populares que fazem sucesso entre o público adulto. Dá-se, então, o surgimento da Literatura Infantil como gênero literário, que se organiza no momento em que a criança passa a ocupar um lugar de destaque no cenário familiar, com o advento da Revolução Industrial.

São, portanto, as transformações que ocorrem na estrutura da família moderna responsáveis pela atenção fundamental com a infância que se delineia desde então. Como no mundo capitalista impera a livre iniciativa e a concorrência, é necessário instrumentalizar os jovens para que se tornem adultos de sucesso. Apostar na educação dos mesmos é, portanto, uma das metas prioritárias dos pais. Dessa forma, há uma preocupação específica com a educação da infância, que gera, por sua vez, um cuidado especial com todos os materiais culturais à disposição das crianças e, entre esses materiais, está o livro. Os adultos começam a perceber a necessidade de se oferecer às crianças textos adequados à sua compreensão e experiência de mundo. E a adaptação do acervo existente surge como a solução mais razoável. São adaptados textos folclóricos (lendas, mitos, cantigas, contos de fadas, etc.) e clássicos que têm em Hans Christian Andersen o autor mais famoso.

As narrativas que vão conquistar maior sucesso com o público são os contos de fadas, que se convertem em sinônimo de literatura infantil e ditam os parâmetros do gênero confundindo-se, inclusive, com a própria categoria literária.

A adaptação dessas histórias populares para a infância atende a um objetivo bem preciso: a educação das novas gerações. Os textos oferecidos ao público infantil, compromissados com a educação da criança, são veículos dos valores da burguesia emergente aos pequenos leitores, visando à sua integração social pela incorporação desses mesmos valores, como por exemplo, a valorização do casamento monogâmico. A análise sociológica dos contos de fadas é reveladora nesse sentido. Contudo, o entusiasmo que os contos de fadas suscitam nas crianças do mundo inteiro não pode ser explicado por seu caráter pedagógico, apenas. Pensando assim, *Bruno Bettelheim* propõe analisá-los com o intuito de averiguar que extraordinária magia atrai os pequenos para essas narrativas. Descobre as imensas possibilidades de apreensão e reelaboração do universo por meio da simbologia dos contos de fadas (Os três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, João e o Pé de Feijão, Branca de Neve, A Bela Adormecida, Cinderela etc.). Todos os conflitos humanos ali circulam e são resolvidos pela fantasia, fazendo-a perceber que os problemas existem, mas que eles devem ser enfrentados e podem ser sempre solucionados.

Todos os ingredientes que compõem as narrativas (com a multiplicação de situações, a ênfase na solução dos problemas, a riqueza das ações, a ordenação de um mundo variado, em que diferentes temperamentos convivem) promovem o alargamento vivencial das crianças, incitando-as a participarem das aventuras e buscarem respostas. Contudo, é importante salientar que o nível de compreensão infantil é respeitado e a fantasia, presente nas histórias, não representa fuga do real, mas justamente a forma mais apropriada para a percepção da criança.

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filha, etc.), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes, etc.). A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando volta ao real. Valendo-se dessa estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial do imaginário infantil e, de outro, transmitem à criança a ideia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo.

A riqueza do material simbólico que tem em mãos faz com que *Bettelheim* insista nas advertências sobre o perigo das adaptações, mal feitas, dos textos, que podem privá-los da sequência de ações, características de personagens e detalhes do ambiente. Cada elemento tem, nos contos, uma profunda carga significativa que, uma vez retirada, empobrece a totalidade da narrativa e as possibilidades de compreensão do leitor ou ouvinte.

Bruno Bettlheim salienta, ainda, a importância dos adultos, contarem histórias de fadas para as crianças para maior aproximação afetiva. Ao narrar as peripécias repletas de magia de que se compõem os contos, estão entrando no jogo infantil e deixando a mensagem de que o aceitam como ele é, respeitando a forma de raciocínio mágico dessa faixa etária.

Assim entendidos, os contos de fadas funcionam como agentes emancipadores, capazes de projetar o leitor ou ouvinte para além do universo cotidiano, criando a vida como ainda pode ser vivida. Por isso, seu caráter educativo, em sentido amplo, é resgatado.

(Vera Teixeira de Aguiar, 1995/UNISANTA – Curso de Formação de Contadores de Histórias: Blá Blá Blá...)

Sugerimos um trabalho com **histórias contadas**, como nos primórdios da humanidade. Então, alguns aspectos têm que ser observados àquele que se propõe a realizar um bom trabalho como contador de histórias:

- Conhecer a história (ler mais de uma vez) e de preferência ter sentido algo especial (gosto pessoal), ou seja, ter uma motivação para contá-la às crianças, e também para vislumbrar as possibilidades que a narrativa apresenta para o trabalho do professor.
- A duração da história deve estar adequada para o público-alvo em questão: faixa etária, interesses, experiências, etc.
- O narrador deve ter cuidado com o olhar, a voz e a imagem. É fundamental olhar as crianças no olho, durante a contação, mas por pouco tempo para não intimidar; a voz, elemento fundamental da narração, deve ser impecável, pronunciando-se todas as palavras, com pausas necessárias, tons adequados ao ambiente e história narrada, entonações e inflexões pertinentes enriquecem a narração, por exemplo, na troca de personagens; a imagem é o primeiro ponto de comunicação com o público, portanto, deve-se cuidar da maneira de sentar-se, os gestos (que, como a voz, podem caracterizar a troca dos personagens), vestimentas, etc. É interessante fazer alguns ensaios na frente do espelho, para os iniciantes na contação de histórias. Alguns contadores alertam que as histórias não devem ser decoradas ao pé da letra (porque destrói a naturalidade, tão importante nesse trabalho), pois o narrador conhecendo-a pode enriquecê-la. A espontaneidade e a naturalidade geram no ouvinte a credibilidade necessária para se envolver com a situação narrada.
- Dependendo do objetivo (recreação, percepção do mundo ao seu redor, incentivo à leitura, formação do leitor, integração cultural com as diferentes visões de mundo, informação, veiculação de valores, análise e interpretação de texto, ou mesmo como terapia lúdica já utilizada, hoje, em hospitais, etc.), pode ser motivador fazer uma roda de conversa antes da contação da história, explicando por que escolheu a história, comentando sobre o autor, o título e a origem (se for possível). Se tiver o livro, mostrar a capa e estimular os alunos a formularem perguntas sobre a história a ser contada, sem revelar o final.

Em suma, a contação de histórias além de proporcionar sensação de prazer, relaxamento, bem-estar, também informa, desenvolve as habilidades de saber ouvir, concentrar-se, favorece a criatividade por meio do imaginário, estimula a leitura e, ainda, como alguns estudiosos já comprovaram, equilibra as emoções ajustando sentimentos de medos, de frustrações, de dúvidas. Como se pode perceber, com um recurso tão “simples”, consegue-se um trabalho muito proveitoso e tão significativo para as crianças. Então, vamos nos valer desse recurso tão rico e tão pouco explorado, adequadamente, para formar leitores críticos e autônomos.

Para estimular o debate sobre o sofrimento de animais aprisionados (circos, rodeios, gaiolas, etc.), sugerimos uma leitura simples e bem popular, mas que pode auxiliar na sensibilização para tratar do tema em questão.

O elefante acorrentado

Prof. Damásio de Jesus

- Você já observou elefante no circo?

Durante o espetáculo, o enorme animal faz demonstrações de força descomunais. Mas, antes de entrar em cena, permanece preso, quieto, contido somente por uma corrente que aprisiona uma de suas patas a uma pequena estaca cravada no solo. A estaca é só um pequeno pedaço de madeira. E, ainda que a corrente fosse grossa, parece óbvio que ele, capaz de derrubar uma árvore com sua própria força, poderia, com facilidade, arrancá-la do solo e fugir. Que mistério!!!

- Por que o elefante não foge? - Perguntei a um amestrador e ele me explicou que o elefante não escapa porque está amestrado. Fiz então a pergunta óbvia:

- Se está amestrado, por que o prendem? Não houve resposta! Há alguns anos descobri que, por sorte minha, alguém havia sido bastante sábio

para encontrar a resposta: o elefante do circo não escapa porque foi preso à estaca ainda muito pequeno. Fechei os olhos e imaginei o pequeno recém-nascido preso: naquele momento, o elefantinho puxou, forçou, tentando se soltar. E, apesar de todo o esforço, não pôde sair. A estaca era muito pesada para ele. E o elefantinho tentava, tentava e nada.

Até que um dia, cansado, aceitou o seu destino: ficar amarrado na estaca, balançando o corpo de lá para cá, eternamente, esperando a hora de entrar no espetáculo. Então, aquele elefante enorme não se solta porque acredita que não pode. Jamais, jamais voltou a colocar à prova sua força.

Música

"A música gera um tipo de prazer sem o qual a natureza humana não pode passar."
(Confúcio)

A força da música é de tal forma envolvente, que provoca profundas emoções nos seres humanos – é tocada nos casamentos para nos dar alegria, em filmes de terror e de guerra para induzir medo ou suspense, em casa para provocar felicidade, descontração, relaxamento, funcionando como uma forma de terapêutica – e já foi demonstrado que a ligação entre a música, o corpo e a alma melhora a saúde tanto física como mental.

(Educação musical: os benefícios para as crianças – Edward Droscher, http://palcoprincipal.clix.pt/artigos/Artigo/educacao_musical_os_beneficios_para_as_criancas).

A importância da música para a criança é evidente e indiscutível. O cantar é praticamente natural para ela. O cantar é a bagagem que toda criança traz desde bebê, quando escutava as cantigas de ninar na voz dos pais ou outros familiares. Em toda a história humana, a música sempre foi utilizada, principalmente em rituais das primeiras civilizações, para alcançar determinados objetivos: dança da chuva dos índios, curandeiros africanos, etc., portanto, encontra-se no inconsciente coletivo da humanidade. Nas brincadeiras infantis, não faltam os cantos ritmados.

Para que a criança se beneficie da linguagem musical e possa desenvolver espírito crítico em relação à mensagem (letra), é preciso que a música seja selecionada e apresentada de forma cuidadosa e adequada.

Escuta e apreciação de obras musicais (regionais, popular, folclóricas, eruditas, etc.) pode ser um bom começo para aprenderem a ouvir o outro e perceber a harmonia do todo. Em outro momento, selecionar músicas (Gente tem sobrenome e Cada um é como é, de Toquinho, Nomes de gente, do MPB 4, por exemplo), cujas letras abordem temas enfocando identidade, valores humanos, questões sociais, sugerindo após a audição a interpretação oral das mesmas.

Alguns estudiosos afirmam que a autodisciplina, a paciência, a sensibilidade, a coordenação e a capacidade de memorização e de concentração são qualidades valorizadas e aprimoradas com o estudo da música.

(http://www.escola_musica.com/beneficios_da_musica.html)

Outro recurso que deve ser explorado com as crianças, até mesmo porque gostam, é o canto coletivo de músicas tradicionais conhecidas, cujo principal objetivo para nosso trabalho é o conhecimento do acervo que a humanidade acumulou através dos tempos, o aprimoramento da expressão oral e a desinibição.

Educar a criança para ouvir música implica também desenvolver o prazer de ouvir música de qualidade em volume adequado, despertando-a para a *sensibilidade emocional* que só a música consegue despertar.

Portanto, professor, cante e ouça muitas músicas de qualidade com as crianças, pois, além dos benefícios citados, muitos outros já são exaustivamente estudados e até comprovados com teorias sobre os objetivos terapêuticos relevantes com relação às necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas, enfim o equilíbrio das emoções.

(Musicoterapia – Equipe Editorial Bibliomed, 2007)

Entrevista

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, ou por sua origem, ou religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se elas podem aprender a odiar podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta".
(Nelson Mandela)

A entrevista com pais ou avós sobre a origem do nome de cada criança ou sobre a crença religiosa adotada pela família pode ser uma rica experiência para todos do grupo. É importante conversar com as crianças para orientação sobre as questões que serão formuladas aos familiares. Se houver possibilidade de gravar a entrevista, a socialização ficará muito mais interessante.

O professor deve aproveitar a curiosidade e interesse dos alunos e trabalhar com pesquisas, ainda rudimentares, entrevistando pessoas para perceberem que não há exclusividade no “jeito” de crer, e que crença é construída diante da riqueza e diversidade das várias Tradições Religiosas.

Pode-se promover um levantamento dos costumes (vocabulário, vestuário, alimentação, moradia, lazer, etc.) das Tradições de origem indígena e africana, registrando-as em um painel. Em seguida, promover uma reflexão orientada de modo que os alunos percebam as diferenças e semelhanças entre as tradições pesquisadas, concluindo ao final a importante influência dos costumes destas tradições no nosso cotidiano atual: uso da rede de dormir, cestos para roupas, danças, nomes próprios.

É interessante fazer com os alunos levantamento das histórias e crendices populares que se contam em família e que passam de geração a geração como verdades: manga com leite mata; gato preto dá azar; espelho quebrado dá sete anos de azar; colocar vassoura atrás da porta faz com que a visita indesejada vá embora; chinelo virado, a mãe pode morrer. Socializar com o grupo as histórias recolhidas classificando-as por semelhanças. O professor acrescenta alguns fatos que passaram para a História sobre os escravos, como: sobras de porco rejeitadas pelos senhores de escravos e utilizados por esses transformou-se na tão apreciada feijoada; o tratamento de Senhor, usado pelos escravos, era entendido como mais respeitoso que você, porque vem da relação de subalterno com o seu superior ou, então, porque no cristianismo disseminado no Brasil o tratamento para com Deus é Senhor, por ser o *Todo Poderoso*.

Ao final, promover entre os alunos uma reflexão sobre quais os possíveis interesses envolvidos para a disseminação dessas ideias. No caso da crendice “manga com leite mata”, sabe-se hoje que, com a finalidade de evitar que os escravos tomassem o leite que recolhiam e comessem as mangas que colhiam, inventaram que a pessoa morria envenenada se ingerisse esses dois alimentos.

Nome / Aniversário / Família / Calendário

Todo professor tem consciência da importância do nome para qualquer criança. A elaboração de um *projeto* pode ampliar as possibilidades para um trabalho realmente efetivo e com resultados surpreendentes. Por exemplo:

Objetivos:

- Conhecer sua identidade e perceber-se como sujeito de transformação social.
- Reconhecer-se como sujeitos de transformação social, por meio do resgate de sua história, construindo identidade.
- Ampliar o conhecimento corporal, a consciência de si e do outro.

Desenvolvimento:

- Roda de conversa para as explicações da proposta enfatizando os cuidados que se deve ter com o bebê (alimentação, banho, trocas de roupas, soninho, vacinas, muito carinho, contação de histórias).
- Confecção de um boneco de pano (tamanho de um bebê) que represente as características das crianças servindo como instrumento de aprendizagem, por meio da brincadeira.
- Coleta de roupas para as trocas do bebê.
- Preparação de um documento fictício semelhante a uma certidão de nascimento (para o boneco).
- Dramatização do momento em que o bebê é registrado no Cartório de Registros e recebe sua **certidão de nascimento.**

Iniciar com roda de conversa explicando às crianças a proposta alertando que o boneco ficará cada dia com uma criança porque ele precisa de cuidados constantes: comer nos horários certos, tomar banho, trocar roupa, dormir no silêncio, tomar as vacinas, ouvir histórias.

Para a confecção do boneco, coletar roupas infantis usadas e o enchimento (as crianças ajudam) com espuma, retalhos de tecidos, roupas velhas, etc. Marcar o dia do registro da criança, preparar o documento, escolher nome e sobrenome, pais, avós e ensaiar. No dia marcado, apresentar a dramatização do fato com os personagens que precisariam estar presentes no Cartório de Registros (fictício) no caso de um registro de nascimento verdadeiro.

Aprofundar a questão do nome e do sobrenome, relacionando o poema *Identidade,* de Pedro Bandeira, explicitando o direito à cidadania de termos uma origem / família, ressaltando o direito à igualdade e o respeito entre as pessoas, apesar das diferenças de cada um.

Desenvolver também atividades interdisciplinares trabalhando com os órgãos do sentido, explorando as partes do corpo, fases do crescimento, higiene e saúde, questões afetivas como solidariedade, respeito, amizade.

Fazer uma adaptação, de modo que cada criança pudesse ter seu próprio boneco, enriqueceria sobremaneira o projeto.

O projeto deve ser finalizado naturalmente, quando as crianças perderem o interesse pelo boneco, caso aconteça. Caso contrário, combinar que ele cresceu e não precisa mais da ajuda dos pais (no caso das crianças menores, porque as maiores já têm entendimento para um encerramento mais objetivo).

Relacionamos, abaixo, alguns títulos que poderão auxiliar o professor no decorrer do projeto sugerido.

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **A margarida friorenta**. - São Paulo: Ática, 1996.

LOPES, Cida. **Nem tão rosa, nem tão azul: ser menino e ser menina**. – ed. Todo Livro.

Referencial curricular nacional para a educação infantil/ ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998. vol.2.

RAMOS, Anna Claudia. **A gente pode, a gente não pode**. - São Paulo: DCL, 2003.

ROCHA, Ruth. **Tenho medo, mas dou um jeito**. - São Paulo: Ática, 1999.

SUHR, Mandy. **Eu me mexo**. - São Paulo: Scipione, 1996.

_____. **Eu respiro**. - São Paulo: Scipione, 1996.

É importante que todas as crianças / adolescentes sejam chamados pelo seu nome (desestimular os apelidos), favorecendo, assim, a construção da identidade pessoal e sua identificação no grupo.

Ao trabalhar com o nome, o aluno poderá conhecer a origem de seu nome e dos nomes dos colegas do grupo. Seria interessante que o professor já tivesse realizado uma pesquisa sobre os significados dos nomes dos alunos, a fim de complementar as informações trazidas pelas crianças. É imprescindível que percebam que cada nome tem uma história que pode estar relacionada à moda do momento de seu nascimento, ou é uma junção dos nomes de familiares (pai e mãe, por exemplo), também pode ser uma homenagem ao médico que realizou o parto ou a um determinado ídolo dos pais, ou ainda ter outras origens, como bíblica, indígena, estrangeira, etc.

Poderá, também, conhecer nomes de pessoas célebres que mudaram a história da humanidade (Madre Teresa de Calcutá, Gandhi, Betinho, Chico Mendes, Luther King, etc.), por meio de um jogo da memória com fotos dos personagens. Atividade como pesquisa e recorte em jornais e revistas de fotos de pessoas famosas pode proporcionar uma discussão sobre os motivos que levaram essas pessoas a serem famosas promovendo uma reflexão sobre talento / oportunidade.

Outro tema que pode ser abordado é a questão dos apelidos que geralmente estão relacionados a preconceitos.

Trabalhar bastante com o nome da criança, construindo acrósticos, lendo e interpretando poesias e músicas que abordem a importância dos nomes das pessoas, finalizando com a confecção do R.G. individual. Os poemas **Identidade,** de Pedro Bandeira, e **Sobrenome,** de José Paulo Paes podem acrescentar muito ao tema em questão.

IDENTIDADE

Autor: Pedro Bandeira

Às vezes nem eu mesmo
sei quem sou.
Às vezes sou
"o meu queridinho"
Às vezes sou
"moleque mal criado"
Para mim tem vezes que sou rei,
herói voador, cow-boy lutador,
Jogador campeão.
Às vezes sou pulga, sou mosca também
que voa e se esconde
de medo e de vergonha.
Às vezes sou Hércules, Sansão vencedor,
peito de aço, goleador.
Mas o que importa o que pensam de mim?
Eu sou quem sou, eu sou eu,
sou assim
Sou menino.

SOBRENOME

Autor: José Paulo Paes

Como vocês sabem
Frankenstein foi feito
com pedaços de pessoas diferentes:
a perna era de uma, o braço de outra
a cabeça de uma terceira
e assim por diante.
Além de o resultado
ter sido um desastre
houve um grave problema
na hora em que Frankenstein
foi tirar carteira de identidade.
Como dar identidade
a quem era mistura
de várias pessoas?
A coisa só se resolveu
quando alguém lembrou
que num condomínio
cada apartamento é de um dono diferente.
Foi assim que Frankenstein Condomínio
ganhou nome e sobrenome
como toda a gente.

O poema de Ruth Rocha, além de oportunizar um bom trabalho com o nome, pode ainda introduzir o tema dos direitos das crianças.

(...) criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar
Ter saúde e não ter fome
Ter segurança e estudar.

Não é questão de querer
Nem questão de concordar
Os direitos das crianças
Todos têm de respeitar (...)
(Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha)

Ainda enfocando o tema "Direitos e Deveres", segue uma atividade que visa a promover uma interessante reflexão.

	DIREITOS	**DEVERES**
Pais		
Filhos		
Professores		
Alunos		

Essa atividade pode ter continuidade com a autoavaliação do aluno. O professor prepara um questionário com algumas questões para que o aluno se autoavalie, ou então, prepara um roteiro e o aluno redige um texto sobre os aspectos sugeridos. A autoavaliação é um riquíssimo recurso que o professor pode utilizar para determinados objetivos.

O tema *aniversário* é, sem dúvida, um marco na vida de qualquer criança, carregado de carga emocional, pois está fortemente relacionado à autoestima, e à lembrança dessa data pelas pessoas de seu convívio, que sugere que é bem aceito. Aproveitando que as crianças adoram festas, comentar sobre os diferentes modos de comemorações e as mudanças que ocorrem com o decorrer do tempo. Uma pesquisa, por exemplo, por parte do professor, sobre as comemorações em outras culturas (africanas, indígenas) favorecerá um momento diferente e muito interessante para as crianças.

A família é o primeiro grupo social de que a criança participa e, portanto, o mais próximo, assim deve-se ter todo o cuidado ao comentar sobre estrutura familiar, que está em constante transformação. Hoje, é mais adequado chamar de *família* as pessoas que cuidam / convivem com a criança. Neste caso, pode-se solicitar que as crianças tragam para socialização com o grupo fotos de pessoas queridas de sua família e aproveitar para expressarem-se sobre os motivos de sua escolha. Neste momento, ainda cabe sugerir ao grupo que analise as diferentes fotos e classifique-as por idade aproximada. O professor pode, então, comentar sobre a importância da experiência de vida dos familiares na formação da pessoa, acentuando o respeito que devemos ter com os idosos.

A partir dos comentários sobre a vida familiar, o professor pode introduzir o tema sobre os cuidados com o próprio corpo, para preservação da saúde e consequentemente a preservação do meio ambiente, pois é de onde tiramos a água, os vegetais, enfim, o que necessitamos para nossa sobrevivência.

Para complementar o trabalho, solicitar a cada criança o desenho de seu autorretrato utilizando um espelho, para se observar. Como inspiração, mostrar autorretratos de pintores famosos como Portinari, Benedito Calixto, Pablo Picasso, Rembrandt, Leonardo Da Vinci, Van Gogh e outros, o que certamente estimulará cada criança para a confecção com muito mais interesse e riqueza de detalhes. Após essa atividade, o professor poderá iniciar um conversa informal sobre a exagerada importância que é atribuída à aparência física: O que é bonito? O que é belo? O que é realmente importante numa pessoa? Para abordar esse assunto, o professor deverá estar preparado para questões polêmicas e ter a serenidade e bom senso para mediar as situações de modo que nenhuma criança se sinta desvalorizada. É o momento apropriado para valorizar as características físicas de cada criança promovendo o desenvolvimento da autoestima.

Também o desenho do próprio corpo (inteiro) pode ser feito pela criança e, durante a confecção, o professor provoca comentários sobre as mudanças que vão acontecendo em nosso corpo à medida que crescemos, a importância dos órgãos dos sentidos para nossa comunicação com as pessoas e o mundo que nos cerca. A dinâmica do “cego e o guia” pode ser muito bem aproveitada para ilustrar a importância da visão, por exemplo.

Finalizando o tema, sugere-se o desenho do contorno do corpo pelo colega em papel pardo (grande). É uma atividade que as crianças adoram e várias habilidades são estimuladas nesse momento desde as motoras até as que envolvem o relacionamento interpessoal. As atividades aqui sugeridas devem ocorrer aos poucos, em vários dias, para não cansar.

Aproveitando as datas de aniversários das crianças, agrupá-los por mês de nascimento e relacionar ao calendário (caso o professor queira enriquecer a atividade, pode fazer uma pesquisa sobre astrologia e relacionar ao calendário), comentando sobre as datas comemorativas mais importantes nesses meses.

Leitura de imagens / símbolos

As crianças são naturalmente curiosas e muito observadoras. Então, a apreciação de obras de arte em geral, como: pinturas, esculturas, fotografias de pessoas / paisagens, monumentos religiosos, símbolos, etc., visa à sensibilização e ao despertar do senso crítico e estético.

Para viver democraticamente em uma sociedade plural, é preciso respeitar as diferentes culturas e grupos que a constituem. Como a convivência entre grupos diferentes é marcada pelo preconceito, um dos grandes desafios da escola é conhecer e valorizar a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade brasileira.

Recorte e colagem de fotos de pessoas de diferentes origens, idades, etnia e sexo, analisando e comparando as diferenças e semelhanças, assim como fotos de jornais e revistas sobre as condições de moradia das pessoas mais desfavorecidas economicamente podem servir de estímulos para que as crianças / adolescentes analisem, levantem hipóteses sobre a questão e, em grupo, organizem sugestões de como melhorar essas situações. Essa atividade pode ter início com a contação da história “Os três porquinhos” ou a de “João e Maria”, pois o tema da primeira é a construção de uma boa casa (moradia) e o da segunda é a pobreza (fome).

Pesquisa e montagem de quebra-cabeça utilizando as telas de pintores famosos que abordaram o tema “brincadeira” em suas obras (**Roda**, de Milton Dacosta, **Meninos com Carneiro**, de Cândido Portinari, **Meninas Pulando Corda**, de Roberto Campos Oswaldo, **Cabra-cega e Brincadeira de Criança**, de Orlando Teruz). As crianças montam e comparam os tipos de brincadeiras antigas com as atuais refletindo sobre as principais diferenças. As crianças brincavam livremente pelas ruas, quintais, desenvolvendo-se integralmente. Hoje, estão confinadas em pequenos apartamentos e, ainda, para agravar, são proibidas de se sujarem. No *sit*e http://www.portinari.org.br/, encontram-se telas de Portinari sobre o tema.

Aproveitando o tema “brincadeira”, solicitar ao aluno desenho ou pintura dos membros da família, classificando-os por gênero e discutindo, em grupos, as diferenças e semelhanças entre os sexos: menino brinca de bola e menina de boneca; menino usa cor azul e menina usa rosa, etc.

A visitação a museus/exposições de artes é uma das atividades que contribuem para todas as áreas do conhecimento. As obras expostas em um museu estão organizadas por estilos, tempo cronológico, tipos de arte, etc., favorecendo diversas interpretações e releituras.

A arte é uma linguagem representada principalmente por signos não-verbais (cores, formas, movimentos, etc.) a que cada um atribui um significado conforme sentimentos e emoções próprios, e, por meio da arte, podemos ter acesso e compreender os sentimentos e os pensamentos das comunidades de qualquer época, povo, cultura ou país.

Para trabalhar com o conteúdo sobre símbolos, é necessário estabelecer as conexões com os temas já desenvolvidos e que oportunizam a compreensão de que os símbolos estão presentes no dia a dia da sala de aula e do entorno (alfabeto, números, emblemas).

Solicita-se aos alunos que tragam de casa pelo menos um símbolo significativo para sua família. O símbolo é apresentado para o grupo pelo aluno que o trouxe que explica o motivo da escolha, o significado e o nome do símbolo. Após a apresentação, o símbolo deve passar de mão em mão, para que todos o observem atentamente. Ao final, promover uma reflexão com os alunos ajudando-os a perceber que um mesmo símbolo pode ter significados diferentes para as pessoas. Pode-se concluir organizando exposição com os diferentes símbolos.

Pode-se solicitar também aos alunos que tragam fotos (ou figuras de revistas, no caso de não terem fotos) que julgam importantes. A partir das fotos, contam uma história de sua família descrevendo os acontecimentos mais importantes representados por elas. Em seguida, cada aluno classifica as fotos trazidas, por ordem de valor para ele, utilizando um álbum previamente confeccionado. Para finalizar, a professora promove a reflexão dos alunos sobre como as fotos ajudam a fazer a memória mostrando acontecimentos importantes de nossa vida; antes da fotografia, os acontecimentos importantes eram guardados por meio de histórias contadas de uma geração para outra e revividas nas celebrações.

Promover exposições bimestrais ou semestrais na escola, com visitação da comunidade, mostrando as atividades desenvolvidas pelas crianças ao longo do ano letivo, demonstra que os adultos (no caso, professores, equipe escolar), valorizam o trabalho realizado, estimulando-as para que continuem suas produções, pois o sentimento de valoração pessoal favorece na motivação para realização de outros trabalhos ainda mais elaborados.

A vida é como...
...jogar uma bola na parede.
Se for jogada uma bola verde, ela voltará verde.
Se for jogada uma bola azul, ela voltará azul.
Se a bola for jogada fraca, ela voltará fraca.
Se a bola for jogada com força, ela voltará com força.
Por isso nunca **“jogue uma bola na vida”**,
de forma que não esteja pronto para recebê-la.
A **Vida** não dá, nem empresta.
Não se comove nem se apieda.
Tudo quanto ela faz é **retribuir** e **transferir...**
...aquilo que nós lhe **oferecemos**.
Albert Einstein

3º ANO	CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (Ciên / Mat / Inf. Edu)

CIÊNCIAS

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
AMBIENTE • Dia e noite • Luz, sombra e escuro. • Sol, fonte de luz e calor. • Existência de diferentes componentes (água, ar, solo, luz, calor, seres vivos). • Ambientes naturais (floresta, lago, etc.) • Seres vivos e não vivos. • Identificação das características de alguns seres: forma, tamanho, semelhanças e diferenças. • Dependência dos seres vivos em relação ao ambiente. • Ambientes pouco modificados pelo homem (campo). • Espaço habitado (cidade). • Preservação do ambiente. • Destruição dos ambientes naturais. • Poluição das praias, mangues, morros, Serra do Mar. **DIVERSIDADE DOS SERES VIVOS** • Relações entre seres vivos e o homem. • Seres vivos e materiais e suas utilidades para o homem (alimento, vestuário, medicamentos, materiais de construção, matérias-primas). • Seres vivos ameaçados de extinção.	• Formulação de perguntas e suposições sobre o tema proposto, encaminhando diálogos que permitam relatos, tomando como base suas vivências e buscando mais informações. • Observação da diversidade de seres vivos presentes nos ambientes e a existência de outros componentes ambientais (ar, solo, água, luz, calor). • Levantamento de dados e investigação da regularidade dos acontecimentos e dos fenômenos que ocorrem no ambiente. • Registro de informações, elaboração de tabelas simples de comparação ou estatística. • Comparação entre diferentes tipos de ambiente naturais e modificados pelo homem investigando características comuns e suas particularidades. • Elaboração de critérios para classificação de diferentes tipos de seres vivos, principalmente os utilizados pelo homem na alimentação, vestuário, fabricação de objetos, etc. • Planejamento, com auxílio do professor, de pequenos experimentos para constatação da dependência dos seres vivos em relação ao ambiente, para o seu crescimento e desenvolvimento. • Demonstração dos cuidados com a higiene pessoal, qualidade dos alimentos e ambientes em que vive. • Emprego de medidas padronizadas de tempo e as não padronizadas de massa, volume, comprimento, todas as vezes que as atividades exigirem.	• Colaboração quando necessário (por exemplo, ao trazer imagens para um mural). • Empenho nas atividades de grupo e na realização de tarefas individuais. • Conhecimento, sobre as opiniões dos colegas ao trocar ideias, por exemplo, sobre os fenômenos observados e respeito. • Desenvolvimento e valorização de atitudes científicas, como organização e rigor nas observações e análises. • Valorização de atitudes e comportamentos favoráveis à saúde, em relação à alimentação e à higiene. • Desenvolvimento de novos hábitos e predisposição a alterar os antigos hábitos relacionados aos cuidados com os animais e responsabilidade para com eles. • Persistência na busca e compreensão das informações obtidas por investigação. • Respeito e apreço pelos seres vivos que vivem nos diferentes ambientes.

FLORA (VEGETAIS) • Tipos de vegetais (aquáticos e terrestres). • Necessidades vitais das plantas. • Partes dos vegetais. • Reprodução por sementes. • Germinação (experimentos). • Plantas tóxicas. • Jardim, horta e pomar. • Higiene dos alimentos. **FAUNA (ANIMAIS)** • Sustentação e locomoção (presença ou não de coluna vertebral; carapaça e musculatura em animais aquáticos e terrestres). • Aquáticos e terrestres. • Algumas características dos mamíferos, aves, peixes, répteis e anfíbios. • Ovíparos e vivíparos. • Herbívoros, carnívoros e onívoros. • Animais selvagens e domésticos. • Domesticação de animais. • Animais em cativeiro. • Animais de estimação. • Animais que podem picar ou morder. • Animais transmissores de doenças. • Prevenção de acidentes com animais. **CORPO HUMANO E SAÚDE** • Noções de crescimento e desenvolvimento. • Reprodução humana. • Higiene e saúde.	• Pesquisas e entrevistas com familiares ou profissionais de diferentes áreas, sobre os assuntos em estudo.

3º ANO	CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (Ciên / Mat / Inf. Edu)

MATEMÁTICA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
NÚMEROS E OPERAÇÕES • Sistema de numeração decimal até 999 o centena. o valor posicional. o sucessor e antecessor. o ordem crescente e decrescente. o par e ímpar. o dúzia e meia dúzia. o números ordinais (até 20). • Adição o situações de juntar e acrescentar o operações com duas ou mais parcelas. o com e sem reagrupamento. o nomenclatura. o propriedades – sem uso obrigatório da nomenclatura. • Subtração o situações de tirar, comparar ou completar o operações com e sem reagrupamento. o operação inversa. o nomenclatura. • Multiplicação o situações que representam adições de parcelas iguais o situações que envolvam a ideia combinatória. o multiplicador até 9. o multiplicando até 3ª ordem (centena). o produto até 999. o com e sem reagrupamento. o nomenclatura. o propriedades – sem uso obrigatório da nomenclatura . o dobro e triplo.	• Observação de números no contexto diário. • Utilização de diferentes estratégias para identificar números em situações que envolvem contagens e medidas. • Leitura, escrita, comparação e ordenação de números pela compreensão das características do sistema de numeração decimal (valor posicional). • Aplicação de diferentes operações para resolver um mesmo problema. • Utilização de sinais convencionais (+, -, x, :, =) na escrita das operações. • Utilização da decomposição das escritas numéricas para a realização do cálculo mental exato e aproximado. • Uso do conceito de adição, como ideia de juntar, acrescentar quantidades, na resolução de situações-problema do cotidiano, que envolvam números naturais. • Uso do conceito de subtração, como ideia de tirar, comparar e completar quantidades, na resolução de situações-problema do cotidiano que envolvam números naturais. • Uso da multiplicação como ideia de juntar quantidades iguais, combinatórias e organização retangular na resolução de situações problema que envolvam números naturais.	• Desenvolvimento de atitudes favoráveis para a aprendizagem de Matemática. • Confiança na própria capacidade para elaborar estratégias pessoais diante de situações-problema. • Exposição do próprio pensamento de forma autônoma e criativa. • Valorização da troca de experiências com seus pares como forma de aprendizagem. • Respeito pelo pensamento do outro, valorização do trabalho cooperativo e do intercâmbio de ideias, como fonte de aprendizagem. • Persistência na resolução de problemas e na construção de suas próprias ideias. • Curiosidade por questionar, explorar e interpretar os diferentes usos dos números, reconhecendo sua utilidade na vida cotidiana. • Interesse e curiosidade por conhecer diferentes estratégias de cálculo. • Curiosidade em conhecer a evolução histórica das medidas, unidades de medida e instrumentos utilizados por diferentes grupos culturais e reconhecimento da importância do uso adequado dos instrumentos e unidades de medida convencionais. • Exposição e registro preciso de informações, ideias e cálculos, necessários em seu dia a dia, utilizando para tanto conceitos fundamentais e vocábulos matemáticos.

- Divisão.
  - situações de repartir uma quantidade em partes iguais.
  - determinar quantas vezes uma quantidade cabe em outra.
  - exata e não exata.
  - dividendo até 99.
  - divisor até 9.
  - nomenclatura.
  - metade.
- Situações-problema que envolvam contagens, medidas e códigos numéricos.
- Jogos e desafios envolvendo as quatro operações.
- Procedimentos diversos para resolução de um mesmo desafio.
- Linguagem oral e escrita como forma de comunicação dos resultados obtidos

ESPAÇO E FORMA

- Figuras geométricas planas: quadrado, retângulo, triângulo e círculo.
- Classificação dos sólidos geométricos que rolam e que não rolam.
- Simetria.
- Percursos e trajetos e pontos de referência.

GRANDEZAS E MEDIDAS

- Noções de medida:
  - comprimento
  - capacidade
  - massa
  - medidas padronizadas e não-padronizadas
  - tempo (dia, semana, mês, bimestre) temperatura (nublado, chuvosa, ensolarado, frio, quente, etc)
  - o valor dos objetos – medidas monetárias

TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

- Leitura e elaboração de listas, tabelas e gráficos simples.
- Uso da divisão, como ideia de repartir em partes iguais, na resolução de situações-problema, do cotidiano que envolvam números naturais.
- Emprego de diferentes estratégias pessoais e técnicas operatórias (algoritmo) das 4 operações, na resolução de situações-problema presentes no cotidiano.
- Observação das formas dos objetos do espaço em que vivemos e as formas geométricas em elementos naturais e nos objetos criados pelo homem e de suas características: arredondadas ou não, simétricas ou não, etc.
- Estabelecimento de comparações entre objetos do espaço físico e objetos geométricos.
- Construção e representação de formas geométricas.
- Comparação de grandezas de mesma natureza, por meio de estratégias pessoais e uso de instrumentos de medida conhecidos.
- Elaboração de registros e organização de informações, empregando números e quantidades.
- Leitura de horas em relógio de ponteiros.
- Relação entre as unidades de tempo — dia, semana, mês, bimestre, semestre, ano.
- Utilização de calendários.
- Leitura e interpretação de informações contidas em imagens.
- Registro pessoal para comunicação das informações coletadas.
- Elaboração e problematização de listas e tabelas simples (lista de aniversariantes do mês, relação dos nomes dos alunos, resultados de campeonatos e jogos, etc).

3º ANO	CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (Ciên / Mat / Inf. Edu)	
	INFORMÁTICA EDUCATIVA	
	CONTEÚDOS	
CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Nomenclatura tecnológica • Dispositivos externos (monitor, *mouse*, teclado e estabilizador); • Mídias (CD); • Ferramentas de produtividade; • Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)	• Uso dos seguintes termos no contexto tecnológico: clicar, arrastar, iniciar, fechar, internet, navegar, deletar, minimizar, maximizar, ícones, cursor, outros; • Identificação das partes do computador e dispositivos externos: mouse, teclado alfanumérico e numérico, monitor/tela, área de trabalho/*desktop*, impressora, gabinete/torre, CPU, estabilizador, *pendrive*, CD, *drive* de CD, porta USB, fone de ouvido, microfone, câmera; • Utilização da linguagem computacional; • Desenvolvimento e aprimoramento da coordenação visomotora, necessária ao domínio de movimentação do *mouse*/cursor: clicar e clicar/arrastar; • Adoção de *softwares* e aplicativos *online* e *offline*, como complemento das atividades do conteúdo curricular de maneira interdisciplinar; • Acesso a *sites* educacionais; • Pesquisa, evidenciando-se a inter-relação de ideias e conceitos do material/conteúdo pesquisado; • Estruturação e aplicação de tarefas para a utilização do teclado e teclas de atalho: shift+letra, acentos, *backspace* e delete, barra de espaço, *enter*, *tab* (parágrafo) e setas direcionais. • Apresentação dos aplicativos: planilha eletrônica e apresentação em *slides*; • Uso correto dos equipamentos pertencentes ao laboratório de Informática (saber ligar e desligar). • Desenvolvimento da habilidade para organizar informações, levantar hipóteses e pensar.	• Respeito a regras e combinados para utilização do Laboratório de Informática. • Familiarização com o uso do computador. • Identificação, nas atividades lúdicas/tecnológicas, de uma possibilidade de aprendizagem do conteúdo curricular. • Uso do laboratório de informática, envolvendo-se em relações de troca e cooperação. • Desenvolvimento da capacidade de expressão por meio da criação, edição e exposição de ideias com o uso de *software*s de criação e pesquisa. • Cuidado com os equipamentos tecnológicos.

3º ANO	LINGUAGENS (L Port / Ing / Arte / Ed. Fís)

LÍNGUA PORTUGUESA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
LINGUAGEM ORAL • Participação social. • Articulação entre língua oral e escrita. **LEITURA** • Textos orais e escritos de diferentes categorias: bilhete, anúncio, poema, contos de fadas, relatos, entrevistas, histórias em quadrinhos, lendas, fábulas, adivinhas, piadas, canções, notícias e embalagens, receitas, menus, instruções de jogos. • Textos extraverbais (ex. pintura, música, escultura, mímica, dança, fotografia, arquitetura). • Leitura e interpretação de textos com estratégias combinadas (decifração, seleção, antecipação, inferência e verificação). **ESCRITA** • Produção individual e coletiva de textos. • Reescrita de textos. • Ordem alfabética. • Letras maiúsculas e minúsculas. • Itens da gramática normativa: Gênero, número e grau do substantivo (comum, próprio, simples e composto). • Verbo (ação e concordância verbo-nominal). • Adjetivo. • Sinais de pontuação (dois pontos, parênteses e aspas). • Acentuação (agudo e circunflexo). • Paragrafação.	• Apresentações orais para o coletivo, a partir de planejamento, orientação, reflexão e seleção das ideias. • Preparação (ensaio) para apresentações orais. • Utilização de textos de diferentes tipologias na prática diária da leitura. • Observação de gêneros e suas funções sociais específicas. • Combinação de estratégias de entendimento dos textos que integram a competência leitora. • Produção individual e coletiva de textos, encadeando ideias coerentes e cronologicamente organizadas. • Aplicação de letras maiúsculas ou minúsculas de acordo com a necessidade evidenciada pelo texto. • Uso do dicionário para solucionar dúvidas de grafia a partir do conhecimento da ordem alfabética. • Seleção de vocábulo pertinente à coerência de cada tipo de produção escrita. • Observação de palavras cuja classificação já é conhecida, a fim de tecer generalizações e ampliar do repertório. • Aplicação de novos vocábulos nas composições escritas, concordando nomes e ações. • Enriquecimento das produções textuais a partir do conhecimento adquirido sobre as diferenças entre as palavras (classes gramaticais). • Aplicação das convenções ortográficas estudadas em suas produções escritas. • Produção de livro de receitas ou outro gênero que enfoque o uso de textos instrucionais.	• Respeito às diferentes formas de expressão. • Coerência em diálogos. • Construção de autonomia leitora. • Prática da leitura por prazer. • Autonomia crescente nas produções escritas. • Uso constante do dicionário. • Criticidade quanto às suas produções escritas. • Hábito do questionamento sobre as regras da língua formal.

- Sinônimo /antônimo.
- Convenções ortográficas na escrita de palavras conhecidas:
  - Regularidades Contextuais (o uso do R/RR e M antes de P e B);
  - Regularidades Morfogramaticais (terminação em U ou L – ex: pastel, sol, tomou, etc – e terminação em AM ou ÃO – ex: chegaram ou chegarão);
  - Segmentação entre as palavras de um texto ou frase.
  - Irregularidades ortográficas.
- Características do gênero/portador de texto escolhido para ser estudado pelo grupo, a partir de um tema gerador previamente selecionado.

3º ANO	LINGUAGENS (L Port / Ing / Arte / Ed. Fís)

INGLÊS

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Cumprimentos: *hi, hello, good morning, good afternoon, good evening, good night, good-bye. How are you? I'm fine, thanks. And you?* • Apresentação: • *What´s your name? My name is ….* • dos membros da família: *He/ She is my...* • Perguntas e respostas sobre: o cores: *What color is it? It's ...* o objetos da sala de aula: *What's this? It's a ...* o idade*: How old are you? I'm…years old.* o presentes de aniversário: *What are your presents? It's a ...* o animais da fazenda*: What is it? It's a...; Is it a…?* • Alfabeto completo. • Vocabulário: o números: 1 a 20. o cores: *brown, orange, purple, pink, gray, blue, yellow, red, green, black, white.* o objetos da sala de aula: *blackboard, table, desk, pen, pencil, crayon, pencil sharpener, pencil case, schoolbag, notebook, book.* o alimentos: *sandwich, coke, cake, juice, cookies, hot dog, hamburger, pizza, ice cream*. o festa de aniversário: *presents, cake, party, party hat, candles, balloon.* o brinquedos*: dog, doll, book, teddy bear, bike*. o animais da fazenda: *cow, horse, rabbit, pig, duck*. o partes do corpo humano: *head, shoulders, knee(s), toes, foot, feet, hand(s), finger(s), ear(s), nose, mouth, eye(s), arm(s), leg(s).*	• Uso, em situações cotidianas, do vocabulário e diálogos aprendidos. • Uso da capacidade simbólica para a aquisição de um novo idioma. • Uso do alfabeto para soletrar nome, sobrenome e palavras que ainda não sabe escrever em inglês. • Uso dos números para quantificar objetos, pessoas, os membros do corpo e indicar a idade. • Uso dos nomes dos alimentos para fazer um lanche. • Uso dos nomes dos objetos utilizados em uma festa, dos presentes para crianças e suas respectivas cores. • Uso, na ordem correta, dos substantivos com adjetivos no singular e plural. • Contato com músicas, brincadeiras e atividades feitas pelas crianças dos Estados Unidos e Inglaterra por meio de vídeos, CDs e internet.	• Respeito por outras culturas. • Cooperação com os colegas durante as atividades de sala de aula. • Responsabilidade ao desenvolver as atividades em sala de aula. • Respeito ao momento em que o outro fala, ouvindo com atenção. • Parceria na construção da pronúncia dos colegas, respeitando os "erros" e comentando-os de forma positiva. • Reconhecimento da importância do trabalho em equipe.

- membros da família no singular e plural: *father, mother, sister(s), brother(s), grandmother(s), grandfather(s), uncle(s), aunt(s), cousin(s.]*
- Verbos: *to be*, *to like* - presente simples
- Pronomes pessoais: *I, you, he, she, it.*
- Manifestações culturais da civilização inglesa e norte-americana: *Valentine's Day, Easter*, *Mother's Day*, *Father's Day, Halloween, Thanksgiving and Christmas.*

3º ANO	LINGUAGENS (L. Port. / Ing. / Arte / Ed. Fís.)

ARTE

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
TEATRO • Teatro de sombras • Jogos Dramáticos • Expressão corporal **ARTES VISUAIS** • Elementos da composição visual ○ Cores (primárias, secundárias, quentes, frias e nuances das cores) ○ Formas – bidimensionais (mosaicos),desenhos (figurativos e abstratos); tridimensionais – esculturas (sucata) e dobradura. • Arte Africana **DANÇA** • Fatores do movimento (espaço, tempo, peso e fluência). • Ritmo **MÚSICA** • Formação de repertório • Identificação das propriedades do som: altura, timbre e intensidade. • Andamentos (rápido / lento / intermediário). • Manifestações folclóricas: jogos, canções, brinquedos cantados, parlendas, danças. • Música erudita. • Hino Nacional Brasileiro e Hino da Independência	• Observação das cores nas manifestações artísticas. • Observação da diversidade cultural por meio da leitura das manifestações artísticas desenvolvidas. • Construção de objetos artísticos como produção cultural. • Experimentação de materiais diversificados, bem como o reconhecimento de suas possibilidades nas produções individuais e grupais. • Experimentação da expressão artística tridimensional, suas possibilidades, recursos e plasticidade. • Utilização de técnicas teatrais como forma de expressão. • Participação em jogos dramáticos. • Socialização e registro na forma de produção artística. • Exploração e comunicação na forma de expressão corporal, gestual, facial e plástica. • Utilização da cor, forma, textura e linha na produção artística. • Experimentação dos fatores do movimento. • Exploração de diferentes ritmos. • Audição, observação, identificação, representação e demonstração das propriedades do som por meio de pesquisas, jogos, brinquedos cantados, brincadeiras, sonorização de histórias, exercícios de percepção. • Prática de atividades corporais estimulando a locomoção, improvisação, imitação, prontidão e concentração por meio de jogos, brinquedos cantados, etc.	• Respeito às diferenças. • Respeito à própria produção e à do outro. • Respeito às normas de funcionamento, às ideias dos demais, à colaboração e à iniciativa própria e alheia. • Valorização da solidariedade e da cooperação. • Cuidado na utilização dos materiais de trabalho e organização pessoal. • Respeito às formas de expressão artística diferenciadas, não convencionais. • Cuidado na preservação da produção artística pronta. • Valorização do silêncio diante da concentração. • Desenvolvimento do senso crítico. • Desenvolvimento da criatividade. • Valorização das criações individuais e coletivas. • Valorização, sensibilização e familiarização com as diferentes linguagens artísticas como forma de expressão e comunicação. • Valorização e responsabilidade pela audição e produção de sons do mundo, do cotidiano, percebendo o que pode ser mais saudável, levando à qualidade de vida. • Atribuição da devida importância musical aos diferentes gêneros propostos. • Interesse, respeito e curiosidade pela riqueza do patrimônio musical brasileiro e de outros países. • Conscientização no cuidado com o uso da voz.

• Prática de atividades corporais estimulando a locomoção, improvisação, imitação, prontidão e concentração por meio de jogos, brinquedos cantados, etc. • Apreciação da música erudita destacando-se o compositor e sua breve biografia. • Interpretação, reflexão e contextualização das letras das canções. • Canto coletivo: canções infantis, folclóricas, MPB e Hino Nacional Brasileiro e da Independência.	• Valorização do corpo e da voz como instrumentos de comunicação.

3º ANO	LINGUAGENS (L Port / Ing / Arte / Ed. Fís)	
	EDUCAÇÃO FÍSICA	
	CONTEÚDOS	
CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS

• Jogos sensoriais, motores, simbólicos.
• Brincadeiras cantadas.
• Movimentos por meio das possibilidades: arrastar-se, engatinhar, rastejar, rolamentos, saltos, apoios variados, atividades em equilíbrio.
• Atividades em sala de aula, desenvolvendo atenção, observação e memória.
• Atividades com noções de equilíbrio, força, velocidade, flexibilidade e direção.
• Noções de higiene e saúde corporal.
  o Educação postural
• Ginástica.
• Atividades com jogos cooperativos.
• Noções de atitudes corporais dos gestos e da postura em situações cotidianas.
• Atividades com danças simples ou adaptadas pertencentes a manifestações populares e folclóricas.
• Movimentos de habilidades (correr, saltar, arremessar, rolar, bate, rebater, receber, amortecer, chutar, girar, etc.)
• Brincadeiras aprendidas em contextos extra-escolares.
• Circuitos de força, agilidade e habilidades motoras.
• Esportes paralímpicos
  o Práticas esportivas adaptadas
	• Participação em jogos pré-desportivos, jogos populares, brincadeiras ou outras atividades corporais.
	• Utilização das diferentes linguagens: verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal, como meio para produzir, expressar e comunicar ideias.
	• Elaboração e desenvolvimento de jogos, brincadeiras e danças cooperativas, valorizando a participação de todos.
	• Participação em jogos coletivos.
	• Criação de brincadeiras.
	• Resolução de problemas corporais individualmente.
	• Discussão das regras dos jogos.
	• Resolução de situações de conflito por meio do diálogo, com ajuda do professor.
	• Exercício da cooperação durante as atividades.
	• Utilização de habilidades (correr, saltar, arremessar, rolar, bater, rebater, amortecer, chutar, girar) durante jogos, brincadeiras e danças.
	• Participação em atividades rítmicas e expressivas, assim como em danças.
	• Cuidado com o próprio corpo.
	• Orientação e experimentação sobre as possibilidades de posicionamento da coluna de modo correto.
	• Exercícios de fortalecimento do hábito postural adequado.
	• Localização no espaço percebendo seus limites e do outro.
	• Uso da atenção, observação e memória.
	• Observação dos limites impostos pelas regras dos jogos e brincadeiras, respeitando as diferenças.
	• Identificação das modalidades paralímpicas.
	• Práticas esportivas adaptadas por meio de atividades interativas.
		• Reconhecimento, valorização e sustentação da participação de todas as diferenças, adotando atitudes de cooperação e solidariedade.
		• Respeito às suas possibilidades e limitações corporais.
		• Valorização dos momentos de reflexão.
		• Responsabilidade com a sua saúde e a dos outros.
		• Valorização da convivência solidária ao invés da competitiva.
		• Valorização de algumas diferentes manifestações de cultura corporal presentes no cotidiano.
		• Cuidado com o próprio corpo, por meio da adoção de hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida, agindo com responsabilidade em relação a sua saúde e à saúde coletiva.
		• Respeito às regras.
		• Valorização e apreciação de danças e brincadeiras pertencentes à cultura brasileira.
		• Respeito e reconhecimento das diversidades de ideias.

3º ANO	SOCIEDADE (Hist / Geo / Ens. Rel.)

HISTÓRIA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
IDENTIDADE: EU E OS OUTROS • A diversidade existente entre os alunos, o respeito às diferenças: direitos e deveres das crianças. • Crianças que vivem no campo, na cidade, em aldeias indígenas, que trabalham, etc. • Crianças de ontem e hoje: permanências e mudanças ao longo do tempo. • O tempo histórico: as mudanças visíveis nas pessoas com o passar do tempo (linha do tempo). • As maneiras de medir o tempo: ontem, hoje e amanhã. **FAMÍLIA** • O grupo familiar e suas relações. • Transformações e permanências dos costumes das famílias das crianças; diferenças e semelhanças em relação aos costumes, lazer, gostos, origem, etc. • Famílias de ontem e hoje. **MODOS DE VIVER** • As moradias de ontem e hoje. • Mudanças e permanências, semelhanças e diferenças entre formas de viver.	• Produção de regras e combinados a fim de valorizar ações conjuntas que repercutem na melhoria das relações pessoais. • Elaboração de linha de tempo com dados coletados. • Registro coletivo de rotinas diárias por meio de quadros de horário e calendários. • Observação e análise de imagens de fontes diversas: fotos, obras de arte, revistas, jornais, etc • Elaboração de árvore genealógica da família do aluno. • Registro das descobertas por meio de tabelas, quadros comparativos, desenhos, colagem etc. • Comparação entre os modos de vida das crianças, formação familiar e formas de morar de ontem e hoje. • Pesquisas, coletas e organização de informações obtidas em diferentes fontes. • Coleta de dados por meio de entrevistas. • Uso de fontes documentais sobre a vida do aluno e/ou escola. • Elaboração de linha do tempo com fatos principais da vida do aluno e/ou da escola. • Pesquisa oral ou escrita sobre a escola. • Produção de pequenos textos com a ajuda do professor. • Coleta de dados sobre as diferentes manifestações artísticas contidas nas festas populares. • Elaboração de registros pictóricos sobre festas juninas.	• Respeito mútuo. • Respeito às regras produzidas coletivamente. • Valorização da própria história e da família. • Aceitação das diferenças e características de cada um. • Reconhecimento da importância de saber situar-se no tempo. • Desenvolvimento de atitudes positivas em relação aos diferentes povos e culturas formadoras do nosso país. • Valorização da diversidade cultural dos povos e suas contribuições. • Empenho nas atividades realizadas em grupo e individuais. • Exposição do próprio pensamento de forma autônoma e criativa, respeitando o pensamento do outro. • Valorização da escola como lugar de aprendizado, de sociabilidade e de trabalho. • Respeito às diferentes pessoas do seu convívio escolar. • Aceitação das diferenças e características de cada um. • Reconhecimento da importância de saber situar-se no tempo. • Valorização da expressão artística da cultura brasileira.

A ESCOLA

- A escola como local de aprendizagem.
- Diferenças entre escolas: escola indígena, escola rural e outras realidades.
- As escolas existentes em Santos.
- História da escola: origem, nome, endereço, funcionários, ex-alunos, etc.
- A escola de hoje e ontem: vestimenta, tipos de aula, objetos, etc.
- Manifestações artísticas:
    - festas juninas (músicas, danças, brincadeiras, costumes alimentares e vestimentas).

3º ANO	SOCIEDADE (Hist / Geo / Ens. Rel)

GEOGRAFIA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Características físicas do caminho casa-escola reconhecendo a paisagem natural e as modificações realizadas pelo homem. • Diferentes técnicas de transformação da natureza, destacando-se os tipos de moradias construídas pelo homem de acordo com sua cultura e necessidades. • Mapas de diferentes tipos privilegiando os que registram localidades próximas do aluno: sua rua, escola, bairro, cidade. • Distâncias e direção ampliando noções anteriores: perto de, longe de, em cima de que, abaixo de que – deslocando o eixo de si próprio para outros pontos de referência. • Serviços do bairro, tais como lazer, saúde, transporte e outros, comparando os do próprio bairro com os de outras localidades conhecidas. • Profissões envolvidas nos processos de transformação do espaço, na produção industrial e artesanal e outras. • Relação entre as pessoas e o lugar onde vivem nos aspectos de identificação, afetividade e condições sociais. • Diversidade cultural da comunidade em que se vive, observando suas características étnicas. • Paisagem de Santos observando-se seus aspectos biofísicos: relevo, hidrografia e clima a partir do ambiente próximo.	• Orientações espaciais, utilizando o corpo e a paisagem como ponto de referência – posição do sol e sombra. • Leitura, elaboração e interpretação de diferentes tipos de mapas e plantas com auxílio do professor e do grupo. • Confecção de bússola artesanal. • Leitura de imagens diversas – fotografias, desenhos, litogravuras, quadros e outros – observando paisagens naturais e modificadas. • Observação da paisagem próxima reconhecendo as modificações realizadas pelo homem. • Registro por meio de desenho e/ou fotografia das paisagens próximas. • Construção de maquete simples com auxílio do professor e do grupo. • Pesquisa em diferentes fontes de consulta como jornal, livros, enciclopédias, *internet*, entrevistas, fotografias, mapas simples e outros. • Elaboração de gráficos simples como forma de sintetização e organização de dados e informações com auxílio do professor e do grupo.	• Desenvolvimento do hábito de pesquisa em diferentes fontes de consulta. • Desenvolvimento da autonomia na orientação espacial e temporal. • Valorização de formas sustentáveis de apropriação e transformação dos recursos naturais. • Atitude responsável em relação a ambientes de convívio. • Valorização da diversidade cultural e étnica da comunidade de convívio.

3º ANO	SOCIEDADE (Hist / Geo / Ens.Rel)

ENSINO RELIGIOSO

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
ALTERIDADE • Eu e o Outro – Eu. • Os valores aproximam. • Normas coletivas de convivência. **RESPEITO ECOPEDAGÓGICO** • Conscientização da necessidade de mudança de valores e atitudes no sentido da formação do ecocidadão. **SÍMBOLOS** • A força do símbolo em “re-unir”. • Os símbolos no cotidiano. • Os símbolos religiosos intensificam a relação com o Transcendente. **A IDEIA DO TRANSCENDENTE** • A ideia do Transcendente constrói-se de maneiras diversas.	• Levantamento das Tradições Religiosas existentes na sala de aula e entorno. • Manifestação de curiosidade e interesse pela religião do outro. • Seleção e organização valorativa de fotos, símbolos em geral, que julguem importantes, descrevendo seus significados. • Narração de fatos importantes da vida do aluno e família. • Comparação entre as ideias diferentes do Transcendente de cada Tradição Religiosa para as pessoas e grupos. • Observação de que existem maneiras diversas de nomear o Transcendente em cada Tradição Religiosa. • Pesquisa por meio de entrevistas percebendo que as construções religiosas são tão mais ricas quanto mais coletivos e coletivizados forem os processos de relação. • Semelhanças entre as Tradições Religiosas mais significativas para o grupo.	• Valorização da família. • Reconhecimento da singularidade de cada um. • Valorização da troca de ideias e de opiniões. • Valorização da justiça, da solidariedade e do diálogo. • Adoção de atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas e compreensão. • Respeito aos sentimentos do outro. • Uso cotidiano de expressões de cortesia.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

4º ANO

Ensino Fundamental

CIÊNCIAS

Considerações gerais sobre o ensino de Ciências

Para construir uma proposta pedagógica sobre o ensino de Ciências, devemos levar em consideração que as ciências naturais agrupam os conhecimentos relativos à natureza, sobre os fenômenos naturais, elaborados e acumulados pelo homem, de gerações a gerações.

Para aprender Ciências, é necessário ter contato com a realidade para interiorizar o mundo que nos rodeia. Dificilmente, os alunos poderão ter uma aprendizagem que lhes seja útil para a vida se nos orientarmos por uma didática com enfoque abstrato, baseada apenas na memorização de fatos e conceitos. Desse modo, o que poderemos conseguir é desmotivá-los nessa área do conhecimento.

Ao longo do ensino fundamental, a aproximação com o conhecimento científico faz-se gradualmente. Da mesma maneira que, em língua portuguesa, esperamos que o aluno se aproprie da norma culta, em ciências pretendemos que ele se aproprie do conhecimento científico. Sendo assim, deverão ser incentivados a aprender procedimentos simples de observação, comparação, busca e registro de informações, e também desenvolver atitudes de responsabilidade para consigo, com o outro e com o ambiente.

Alunos dessa fase já têm acumulado um repertório de informações sobre os fenômenos da natureza, mas também apresentam suas hipóteses e explicações para esses fenômenos, algumas delas muito lógicas e consistentes com o seu conhecimento, experiências, valores culturais e sua observação natural.

Quando confrontam suas ideias com outras explicações, percebem os limites de seus modelos e explicações e a necessidade de mais informações. Mas esse processo não é espontâneo, é construído com a intervenção do professor. É imprescindível que o professor aproveite esta vontade de saber, criando situações interessantes e significativas, fornecendo explicações que permitam a reelaboração e ampliação dos conhecimentos prévios, propondo articulações entre os conceitos construídos para organizá-los em um corpo de conhecimentos sistematizados.

Sendo assim, cabe ao professor selecionar, organizar e problematizar conteúdos de modo a promover a aprendizagem. A compreensão dos fenômenos naturais deve ser construída, partindo-se dos conhecimentos prévios que os alunos têm em relação ao assunto que será abordado. A partir disso, o professor pode usar estratégias que o auxiliam no planejamento, como a problematização, a busca de informações, o trabalho em grupo, a transversalidade, a interdisciplinaridade e o trabalho com projetos.

Problematização

A problematização busca promover a mudança conceitual, desenvolvendo aprendizagem significativa dos conceitos científicos. No entanto, nesse momento ainda podemos aceitar as concepções alternativas que as crianças apresentam, sem prejuízo para a aprendizagem dos conceitos científicos.

Para que ocorra a problematização, o professor deverá elaborar questões e proporcionar situações em que os alunos percebam que os conhecimentos prévios são insuficientes, estabelecendo conflitos necessários à aprendizagem. Dessa forma, criam-se situações em que, para encontrar soluções, o aluno necessita coletar novas informações, retornar a seu modelo inicial e adequá-lo.

A busca de informações em fontes variadas é uma estratégia que auxilia tanto o professor quanto o aluno no processo de ensino e aprendizagem. É nesse processo e no confronto de ideias que o conhecimento científico é construído. Os procedimentos que podem ser utilizados na busca de informações são: a observação, a investigação, a experimentação e a leitura de textos.

Observação

Observação é um procedimento em que os alunos obtêm informações por meio dos sentidos. Para tanto, o professor deve considerar a possibilidade de os alunos observarem de forma direta e indireta fatos e fenômenos que nos rodeiam.

Na observação direta, os alunos entram em contato com os objetos de estudo: ambientes, vegetais, animais, etc. Nesse tipo de observação, os alunos podem utilizar todos os sentidos na busca de informações. É o caso que envolve visitas, manipulação de objetos e materiais e construções. Os alunos devem saber

o que observar e como proceder antes de realizarem a atividade.

Por exemplo: para observar a força que o ar atmosférico (pressão) exerce sobre os corpos e entender a ideia de pressão, o aluno deve observar o que acontece quando bebe refrigerante de canudinho. É a pressão atmosférica que empurra o líquido, fazendo-o subir pelo canudo até a sua boca. A explicação é que diminuímos a pressão dentro do canudo, sugando o ar que está lá. Mas quem faz o líquido subir é a pressão.

Na observação indireta, os estudantes obtêm informações por meio de recursos técnicos, como fotos, vídeos, gravuras, mapas, esquemas, maquetes ou mesmo instrumentos e aparelhos, como microscópios, lupas.

Tanto na observação direta como na indireta, é necessário que os alunos registrem suas conclusões. Esse registro pode ser feito por meio de desenhos, esquemas, listas, etc. Comparação é também uma forma de coletar dados durante uma observação. Os alunos podem comparar entre si objetos, seres vivos, materiais, etc. Por exemplo: os alunos podem comparar as características de uma água limpa com as de uma água barrenta, para mostrar algumas diferenças importantes entre elas.

As habilidades de observação e comparação de semelhanças e diferenças permitem a estruturação de processos mentais mais elaborados, assim como a reconstrução de categorias de ideias, ou seja, de modelos científicos, como argumentar, sintetizar, analisar, identificar, entre outros.

Experimentação

Por meio dela, os alunos podem pôr em ação algumas de suas ideias sobre fatos e conceitos e testar hipóteses, levantadas em um determinado problema, vistas pela ótica infantil e mediadas pelo professor. A atuação do aluno é, nesse sentido, fundamental. As experiências sugeridas não devem, portanto, ser consideradas como meras demonstrações de um conjunto de informações fornecidas pelo professor, mas como um desafio para que os alunos coloquem em prática os conhecimentos que já possuem.

A experimentação desenvolve a habilidade de organizar e manipular materiais, compreender procedimentos, criar atividades, observar os resultados e compará-los com as hipóteses iniciais.

Por exemplo, no caso do “conteúdo estados físicos da água e mudanças de estado”, para que os alunos entendam o que significa sólido, líquido e gás, podem ser preparadas algumas atividades experimentais. Um dos objetivos dessas atividades é, justamente, colocar os alunos em contato com o vocabulário utilizado em ciências para descrever todos esses fenômenos.

Leitura e escrita

O ensino de Ciências pode potencializar essa aprendizagem, incentivando o contato do aluno com diferentes tipos de textos, a argumentação oral e o registro escrito dos conhecimentos adquiridos. Nessa fase, a capacidade de narrar ou descrever um fato pode ser enriquecida pelo desenho que progressivamente incorpora detalhes do objeto ou fenômeno observado. Além do desenho, outras formas de registro podem ser usadas: recorte e colagem, elaboração de listas, tabelas, pequenos textos, com a ajuda ou não do professor, utilizando e aprimorando os conceitos e procedimentos adquiridos em Língua Portuguesa e Matemática.

A aprendizagem do vocabulário científico não deve ser priorizada e nem realizada por meio de memorização, mas sim por meio de múltiplas aproximações com a realidade dos alunos e, sempre que possível, em situações reais de comunicação, como por exemplo, na produção de um texto coletivo. O professor deve ensinar o aluno a discernir o uso do termo e do conceito em diferentes contextos, ressaltando a distinção entre o significado comum e o científico.

Trabalho com projetos

Os projetos, por exemplo, de estudos do meio e de *Webquest*, são estratégias de trabalho em grupo que favorecem a interdisciplinaridade e, muitas vezes, possibilitam o tratamento de temas transversais e dos relacionados aos conteúdos específicos da matéria. Além disso, essa estratégia reúne os conhecimentos prévios dos alunos e os aprendidos em sala de aula.

Jogos e atividades lúdicas

O jogo, quando proposto como atividade lúdica, é um instrumento do desenvolvimento cognitivo das crianças. Escolhido e orientado pelo professor, pode resultar em aprendizagem conceitual, de procedimentos e de atitudes. Além disso, o uso do computador para jogos e atividades lúdicas educacionais pode auxiliar os alunos na aprendizagem e na verificação dos conhecimentos adquiridos.

As atividades lúdicas, além de fornecer motivação, também exercem um forte apelo ao envolvimento e à participação dos alunos. Auxilia no desenvolvimento de habilidades e valores, como o respeito aos colegas, estabelecimento de regras, tomada de decisões, desenvolvimento de iniciativa, etc. Ampliar conhecimentos, testar as habilidades, expressar a imaginação, manipular objetos são ações comumente relacionadas a jogos e outras atividades lúdicas.

Planejamento

Buscando auxiliar o professor na elaboração do seu planejamento e na sua intervenção direta no processo de ensino-aprendizagem, apresentamos algumas sugestões na organização dos conteúdos que deverão ser estudados pela classe.

Normalmente, os conteúdos são extensos, mas eles abrem um “leque” de opções para a abordagem da ciência. O importante, qualquer que seja o critério usado para a seleção dos conteúdos pelo professor, é que ele privilegie o que é mais pertinente para aquele momento.

Os conteúdos de Ciências desta série são apresentados em três blocos temáticos específicos: *Ambiente, Ser humano e saúde e Recursos tecnológicos*.

Eles não devem ser trabalhados de maneira linear, ou seja, o professor tem a liberdade de organizar o seu trabalho em temas abrangentes ou gerais. A sequência a ser desenvolvida fica a seu critério, o importante é articular os conteúdos dos três blocos entre si e com os temas transversais, e, se possível, com outras áreas do conhecimento, por exemplo, a História e a Geografia.

A abordagem do conteúdo pode ser realizada por meio de elementos do dia a dia das crianças, que têm, por um lado, o seu aspecto individual e, por outro lado, a sua parte universal, o que representa a sua comunidade. É importante desenvolver os conceitos num determinado contexto, de forma que os conteúdos possam ser trabalhados da mesma maneira como analisamos os acontecimentos do cotidiano, levando-se em consideração a realidade do aluno.

De certo ponto de vista, os temas são aleatórios. Por exemplo, uma notícia de jornal, um filme, um programa de TV, um acontecimento na comunidade podem sugerir assuntos a serem trabalhados e converterem-se em temas de investigação. O importante é sempre escolher abordagens compatíveis com o desenvolvimento intelectual da classe, com a finalidade de realizar processos consistentes de ensino e aprendizagem.

Ambiente

Das temáticas ambientais consideradas consagradas no ensino de ciências, elencamos, para este ano, os conteúdos relacionados à água, ao solo, ao ar, à poluição e à energia. Tratados como temas, esses assuntos podem ser vistos por enfoques de diferentes conhecimentos científicos nas relações com aspectos socioculturais e devem ser trabalhados em conexão com o bloco “Ser humano e Saúde, Recursos tecnológicos e Temas transversais”.

Neste ano, ampliam-se as noções de ambiente natural e ambiente construído, por meio do estudo das relações entre seus elementos constituintes, especialmente o solo e a água. Algumas fontes e transformações de energia são abordadas também neste bloco.

Esses componentes também são investigados como recursos naturais, estudando-se usos e consequências, associados a diferentes atividades humanas, como a agricultura e a ocupação urbana. A poluição dos ambientes também é trabalhada como resultado de diferentes interações do homem com seu meio.

Ser humano e saúde

A concepção de corpo humano como um sistema integrado, que interage com o ambiente e reflete a história de vida do sujeito, orienta esta temática. Assim considerado, um sistema como fruto das interações entre suas partes e com o meio, pode-se compreender que o corpo humano apresenta um equilíbrio dinâmico: passa de um estado a outro, volta ao estado inicial, e assim por diante.

Por exemplo: a temperatura e a pressão variam ao longo do dia, todos os dias. Transpira-se mais ou menos e urina-se mais ou menos, conforme a temperatura ambiental e as atividades realizadas. Em outras palavras, o corpo apresenta funções rítmicas, isto é, que se repetem com determinados intervalos de tempo.

Esses ritmos apresentam um padrão comum para a espécie humana, mas apresentam variações individuais. E esta é outra ideia extremamente importante a ser considerada no trabalho com os alunos: o corpo humano apresenta um padrão estrutural e funcional comum, que o identifica como espécie; mas cada corpo é único, o que o identifica como individualidade. Se há necessidades básicas gerais, há também necessidades individuais.

Portanto, o conhecimento sobre o corpo humano para o aluno deve estar associado a um melhor conhecimento do seu próprio corpo. Essa visão favorece o desenvolvimento de atitudes de respeito e de apreço pelo próprio corpo e pelas diferenças individuais.

O equilíbrio dinâmico característico do corpo humano é chamado de estado de saúde. Pode-se então compreender que o estado de saúde é condicionado por fatores de várias ordens: físicos, psíquicos e sociais. A falta de um ou mais desses condicionantes da saúde pode ferir o equilíbrio e, como consequência, pode fazer o corpo adoecer. Trabalhando com a perspectiva do corpo como um todo integrado, a doença passa a ser compreendida como um estado de desequilíbrio do corpo e não de alguma de suas partes. Uma disfunção de qualquer aparelho ou sistema representa um problema do corpo todo.

Recursos tecnológicos

Neste bloco, enfocamos as transformações dos recursos materiais e energéticos em produtos necessários à vida humana, aparelhos, máquinas, instrumentos e processos que possibilitam essas transformações e as implicações sociais do desenvolvimento e do uso de tecnologias.

Sua presença no plano decorre da necessidade de formar alunos capazes de compreender e utilizar recursos tecnológicos, cuja oferta e aplicação se ampliam significativamente na sociedade brasileira e mundial.

A origem e o destino social dos recursos tecnológicos, as consequências para a saúde pessoal e ambiental e as vantagens sociais do emprego de determinadas tecnologias são exemplos de aspectos a serem investigados.

Sugestão de planejamento a partir do plano de curso anual.

Ao escolher um assunto para ser desenvolvido em sua classe por um determinado tempo, por exemplo, um bimestre, o professor precisa escolher o tema e delimitar o campo de investigação sobre ele, abrangendo os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais pertinentes e possíveis.

Exemplificando: Vamos supor que o professor escolha o tema *Água no planeta*. Primeiramente, deverá fazer uma seleção dos principais conteúdos conceituais com os quais quer trabalhar. Esses conteúdos, sempre que possível, deverão abranger os três blocos do ano, ou seja, devem ser levadas em conta as conexões existentes entre eles.

Vamos selecionar alguns conteúdos dos três blocos que podem interessar para o planejamento:

- Presença da água na natureza.
- Características e propriedades da água.
- A água como solvente (misturas).
- Importância da água para os seres vivos.
- Estados físicos e mudanças de estado.
- Ciclo da água na natureza
- Relação água - seres vivos
- Poluição da água e suas consequências
- Ocorrência de doenças no homem transmitidas pela água poluída ou contaminada.
- Higiene pessoal e ambiental
- Saneamento básico.

Da mesma maneira, deverá priorizar com quais conteúdos procedimentais e atitudinais referentes ao assunto irá trabalhar, verificando também se há a possibilidade de fazer conexões com alguns temas transversais, como *Saúde, Ética, Meio ambiente.*

É importante, para um trabalho mais amplo, que o professor planeje uma abordagem que permita a integração da área de Ciências com as demais áreas do conhecimento, principalmente com Geografia e História, em que o mesmo tema é sugerido, mas com os enfoques de cada área.

São inúmeras as possibilidades de trabalho com os conteúdos relacionados com a presença da água no planeta. Os alunos poderão, por exemplo, investigar algumas relações entre água, calor, seres vivos e outros materiais, a fim de entender os aspectos da dinâmica ambiental.

Problemas relevantes como: onde existe água no planeta? A água das nuvens, dos seres vivos e dos rios é a mesma? A água na natureza jamais acaba? permitem discutir a presença da água no planeta e suas transformações. Essas questões, entre outras, constituem-se em convites para os alunos expressarem suas suposições, buscarem informações e verificá-las. Possibilita ao professor conhecer as representações dos alunos e organizar os passos seguintes de sua intervenção.

Investigações sobre as formas com que a água se apresenta no ambiente podem ser organizadas de modo a permitir a verificação da existência de água nos mares, rios, geleiras, misturada ao solo, na chuva, na torneira, nos canos, nos poços, no corpo dos seres vivos. Ao mesmo tempo, tal verificação suscita dúvidas que são esclarecidas à medida que os alunos conhecem as propriedades ou características da água.

Por meio de atividades experimentais orientadas pelo professor, os alunos podem estabelecer a relação entre troca de calor e mudanças de estado físico da água, concluindo, pela ideia de transformação, que a água é a mesma, pois o que muda é a forma como se apresenta o seu estado físico; a causa dessa mudança é a troca de calor entre a água e o meio. Esse conhecimento é fundamental para a compreensão de como a água se transforma, possibilitando uma aproximação do conceito de ciclo da água.

Podem ser abordados os ambientes aquáticos, estudando-se sua variedade e suas composições: as formas de vida presentes, a relação com a luz, as quantidades de sais dissolvidos e a constituição do fundo dos rios e dos mares.

É interessante que os alunos verifiquem e/ou sejam informados de que a água na natureza se encontra misturada a outros materiais: o mar é uma mistura de água, vários sais e outros componentes; um suco vegetal contém água misturada a vitaminas, sais minerais e outras substâncias; o sangue, a urina e o suor são misturas de água com diferentes materiais. Ao verificarem que diferentes materiais podem estar dissolvidos na água, os alunos entram em contato com o fato de a água ser um solvente.

Por meio de experimentos, é possível essa verificação, bem como por intermédio de alguns processos simples de separação de misturas; filtração da água lodosa, decantação da água salgada ou lodosa, evaporação e condensação da água de sucos vegetais também constituem oportunidades de discutir as possibilidades de muitos materiais dissolverem-se na água.

Ainda relacionado à qualidade da água como solvente, estuda-se sua importância para a higiene pessoal e ambiental. Observações diretas e indiretas e leituras são meios de os alunos obterem informações sobre a relação da água com as diversas atividades humanas. A escolha dos estudos a serem realizados pode tomar como referência os problemas ambientais locais.

Levando-se em conta as características da comunidade com que trabalha e os objetivos que busca cumprir, o professor poderá propor para a sua classe, por exemplo, algumas investigações sobre o saneamento básico. A garantia da saúde da população é o acesso à água tratada, ao escoamento e tratamento dos dejetos, à coleta de lixo e à preservação do ambiente, que são medidas de caráter preventivo fundamentais à manutenção da saúde. A poluição da água por lixo e esgoto e seus problemas, abrangendo as doenças de veiculação hídrica, seus sintomas, modo de contágio e prevenção são assuntos que não poderão faltar.

Enfim, a escolha de conteúdos de qualquer bloco temático deve ser cuidadosa, para que seja estimulante e de real interesse dos alunos, para que sirva à sua aprendizagem, respeitando o amadurecimento correspondente à faixa etária e levando à aprendizagem de procedimentos, ao desenvolvimento de valores, à construção da cidadania.

Avaliação

Coerente com a concepção de conteúdos e os objetivos propostos, a avaliação deve considerar o desenvolvimento das capacidades dos alunos com relação à aprendizagem de conceitos, de procedimentos e de atitudes.

A avaliação da aquisição dos conteúdos pode ser efetivamente realizada ao se solicitar ao aluno que interprete situações determinadas, cujo entendimento demanda os conceitos que estão sendo aprendidos, ou seja, que interprete uma história, uma figura, um texto ou trecho de texto, um problema ou um experimento.

São situações que induzem o aluno a realizar comparações, estabelecer relações, proceder a determinadas formas de registro, entre outros procedimentos que desenvolveu no curso de sua aprendizagem. Desta forma, tanto a evolução conceitual quanto a aprendizagem de procedimentos e atitudes estão sendo avaliadas.

MATEMÁTICA

Encaminhamentos metodológicos

Ao pensar o processo de ensino e aprendizagem da Matemática na fase complementar, é preciso refletir sobre como a estrutura do nosso Plano de Curso irá se transformar em prática educativa. Para atingir os objetivos, precisamos considerar que trabalhamos com salas heterogêneas, reconhecer os interesses variados dos alunos e seus conhecimentos prévios e valorizar seu grande potencial criativo. Segundo MACHADO (2002), a função do professor é associar-se aos alunos na busca de novos conhecimentos e assim suas ações são: fabular, mediar, mapear e tecer. Alunos e professores interagem e crescem, no processo e, para isso, é necessário:

- desenvolver uma concepção do conhecimento matemático como ciência viva, aberta à incorporação de novos conhecimentos;
- analisar e refletir sobre os conceitos e procedimentos que se pretende ensinar expressos no Plano de Curso;
- transformar o conhecimento matemático formalizado em conhecimento escolar que possa ser compreendido pelo aluno.

Nessa concepção de ensino, rompemos com a ideia de que cabe ao professor transmitir os conteúdos por meio de explicações, exemplos e demonstrações seguidas de exercícios de fixação. O conhecimento matemático não deve ser encarado como um conjunto de conceitos a serem memorizados. Por outro lado, acentuamos a ideia de que o aluno, além de ser agente da construção de seu conhecimento, em situações de desafio, nas quais é estimulado a estabelecer relações entre os conhecimentos já construídos e os novos, também aprende na interação com seus parceiros. A cooperação entre os alunos na busca de soluções, o levantamento e confrontação de hipóteses favorecem a construção e ampliação do próprio pensamento. As ideias matemáticas apresentadas na escola devem relacionar-se com a vivência das crianças. Dessa forma, além de explorar ideias numéricas e contagem, podemos trabalhar com noções de geometria, medidas e estatística.

As crianças têm ideias próprias, sentimentos, interesses, estão inseridas numa cultura e são capazes de aprender Matemática e desenvolver-se cognitivamente. A aprendizagem atua em três domínios diferentes, isto é, o cognitivo, o afetivo e o motor. Considerando essas dimensões, destacamos a necessidade de promover atitudes positivas em relação à matemática. A aquisição dessas atitudes deve ser uma das metas dos educadores e para que isso ocorra é necessário garantir aos seus alunos:

- espaço para o desenvolvimento do autoconceito positivo,
- autonomia nos esforços,
- prazer na resolução de problemas.

As atitudes que as pessoas aprendem influenciam seus comportamentos de aproximação-evitamento em direção às ideias matemáticas. Existem possíveis caminhos para minimizar a ansiedade nas atividades matemáticas, que são: mostrar às crianças a utilidade da matemática, evitar diferença de tratamento entre meninos e meninas, possibilitar discussões em grupo, evitar humilhações, utilizar material concreto, não enfatizar só um aspecto da matemática, não a utilizar como punição, manter uma atitude positiva com relação a essa disciplina.

Nesse processo de construção do conhecimento, cabe ao professor propiciar situações motivadoras, desafiadoras e interessantes de ensino, nas quais o aluno possa interagir com o objeto de estudo, valorizar diferentes procedimentos de solução de problemas, evitar o excesso de cobrança e punição quando ocorrem respostas erradas, ajudar seus alunos a adquirir confiança e prazer em aprender os conteúdos da área, encorajar a autonomia para a aprendizagem, acentuar as condições e as consequências positivas, tentando eliminar as circunstâncias que geram aversão ou atitudes negativas.

A Matemática faz-se presente em diversas atividades realizadas no cotidiano pelas crianças. Sendo assim, devemos oferecer aos alunos várias situações que possibilitem o desenvolvimento do raciocínio lógico e da criatividade e a capacidade de resolver problemas. O ensino dessa disciplina pode ampliar as possibilidades dos alunos compreenderem e transformarem a realidade.

As orientações que seguem têm como objetivo contribuir no planejamento de situações didáticas que favoreçam a construção das competências esperadas.

Ansiamos que todos os alunos tenham oportunidade de vivenciar diversos tipos de experiências de aprendizagem, considerando aspectos transversais, a utilização de recursos adequados e a vivência da matemática de forma rica e diversificada.

Assim, todos os alunos deverão ter oportunidades de se envolver em diversas experiências de aprendizagem, tais como:

Resolução de problemas

"O que importa sobretudo é que a criança aprenda a pensar. Que opere por princípios, dos quais se originam toda a ação"
(Kant, 1803).

Toda criança encanta-se por desafios. Quando falamos sobre a resolução de problemas, é possível esclarecer que não há necessidade do aluno possuir todas as informações e conceitos envolvidos na situação-problema. Outro aspecto que exige esclarecimento é que trabalhar apenas com os problemas convencionais pode levar o aluno a uma postura de fragilidade e insegurança diante de situações de desafio maior. Bons problemas são aqueles relacionados à realidade do aluno e que envolvam temas motivadores que favoreçam a aprendizagem.

Sendo assim, acreditamos que, ao trabalhar com a resolução de problemas, o professor deve saber que:

- problema é toda situação que permite problematização, ou seja, um processo investigativo.
- a essência está no problematizar; cada pergunta nova transforma-se num novo desafio para o aluno.
- é necessário criar um ambiente de produção ou de "re-produção" do saber.

Enquanto resolve situações-problema, o aluno aprende matemática, desenvolve procedimentos e modos de pensar e põe em prática habilidades básicas como verbalizar, ler, interpretar e produzir textos.

Britto (2001) destaca que a solução de problemas é encaminhada em estágios que envolvem habilidades matemáticas como:

- obtenção da informação matemática,
- processamento da informação matemática (generalizar, resumir os processos, flexibilidade dos processos mentais, reversibilidade, inclinação pela claridade, simplicidade, economia e racionalidade da solução.),
- retenção da informação matemática.

No processo educativo, também podemos propor aos alunos a formulação de problemas. Quando os alunos formulam problemas, percebem a relação entre os dados apresentados, a pergunta e a resposta, articulam o texto, os dados e a operação a ser usada. Formular problemas é uma forma de estimular a capacidade inventiva e questionadora dos alunos e uma forma de fazer matemática por meio da possibilidade de questionar, levantar hipóteses, comunicar ideias, estabelecer relações e aplicar conceitos. Para que os alunos sejam capazes de formular seus próprios problemas, é preciso que eles tenham contato com diferentes tipos de problemas, tendo assim, um repertório como apoio.

Ao formular problemas, os alunos precisam reconhecer os dados disponíveis, a situação criada e evidenciar a existência de um problema por meio da pergunta inventada. É preciso que as crianças leiam o que fizeram, relatem dúvidas e debatam sobre as incompreensões, semelhanças e diferenças entre os textos.

O professor pode organizar a sala para produção coletiva e deve encontrar formas para fazer intervenções: reproduzir o texto em transparência, reproduzir textos com algum tipo de incorreção para que os alunos identifiquem as falhas, misturar textos bem elaborados com textos que apresentam falhas e modificar os textos de acordo com a resposta.

Para a formulação de problemas, é necessário que o professor crie uma intenção real e um destinatário efetivo para as produções dos alunos: sorteio de problemas para serem resolvidos por todos da classe, troca entre os alunos, construção de uma folha com aqueles criados pelas crianças, seleção de alguns criados e troca entre classes do mesmo ano, criação de um banco de problemas, confecção de um mural com os mais interessantes e desafiadores e envio para jornal da escola ou página na Internet, livro de problemas ou problemateca.

Uma sugestão é pedir que os alunos formulem problemas com palavras específicas da linguagem matemática: adição, dobro, divisor, etc. Outra é a criação de problemas que tenham uma certa estrutura textual: poema, problema com rima, charada, conto, etc.

Formular problemas é uma ação mais complexa do que resolver problemas, pois os alunos devem lidar com as dificuldades da linguagem matemática, da língua materna e da combinação de ambas. Assim, torna-se um instrumento de avaliação o tempo todo, pois fornece indícios observáveis do desempenho dos alunos. Nosso desejo é que os alunos se tornem leitores e escritores em matemática.

A resolução de problemas constitui um contexto de aprendizagem que favorece a integração do raciocínio e da comunicação. Os problemas devem ser desafiadores, envolvendo diversas estratégias e métodos de resolução e precisam estar sempre presentes nas aulas de Matemática, porém não de forma rotineira, mecânica e repetitiva.

A problemateca envolve liberdade de escolha do problema a ser resolvido, autocorreção e desmitifica a solução de problemas. É uma atividade muito importante para despertar atitudes positivas em relação à solução de problemas. A problemateca é organizada por meio de fichas numeradas e, durante o ano, novos problemas são introduzidos na caixa.

Na construção da problemateca, sugerimos um repertório de problemas que atenda os quatro blocos de conteúdos (Espaço e forma, Números e operações, Grandezas e medidas e Tratamento da informação) e que envolva problemas não-convencionais, bem humorados, coletados da cultura popular, com excesso de dados, com dados insuficientes, sem solução, com muitas soluções, com ilustração irreverente, a partir de um gráfico ou tabela, de um fôlder, propaganda, folheto, cardápio, fotografia, imagem, receita, enigma, charada, desafio ou jogo. Cada criança controla na sua tabela, os problemas que já resolveu, divulga os mais interessantes, desafiadores e curiosos na hora da roda de conversa sobre solução de problemas.

A definição de problema envolve a ideia principal de que não há um caminho direto e óbvio para se realizar a mudança do estado inicial (contato com a questão do problema) para o que se deseja (solução). A tarefa de solução de problemas envolve o desejo, a necessidade, assim como tentativas para encontrar a solução e não há um procedimento facilmente acessível que garanta a solução imediata.

Mediar a tarefa de solucionar problemas significa promover o diálogo e evitar a instrução, proteger a divergência de pontos de vista e colocar-se com neutralidade de procedimento.

A experiência de investigação na solução de problemas proporciona satisfação, por isso ela se distancia da arbitrariedade e se aproxima da autonomia intelectual.

Jogos

Acreditamos no ensino da Matemática de corpo inteiro. Propor jogos nas aulas desse componente curricular é uma maneira desafiadora e prazerosa de os alunos participarem ativamente do processo de ensino e aprendizagem.

Os jogos no ensino de matemática estimulam não só o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, como também propiciam a interação e o confronto entre diferentes formas de pensar e permitem ao aluno vivenciar uma experiência com características sociais e culturais.

Por meio dos jogos, podemos trabalhar, de maneira lúdica, conteúdos importantes. O objetivo do trabalho pode ser o de apresentar um conteúdo novo ou fixar conteúdo trabalhado ou mesmo promover a investigação por meio de solução de problemas.

As tentativas, os erros e, até mesmo, os fracassos durante os jogos devem ser encarados de maneira desafiante e podem ser revistos de forma natural durante as jogadas, sem deixar marcas negativas, propiciando novas tentativas, permitindo que a criança desenvolva iniciativa, autoconfiança e autonomia. Assim, os conteúdos atitudinais também estarão presentes nessas aulas. As crianças aprenderão a trabalhar em grupo, respeitar regras, ajudar seu adversário a melhorar suas habilidades e entenderão que, num jogo, um jogador ganha e outro precisa perder. Na medida em que o professor propuser boas questões aos alunos, poderão potencializar suas capacidades para compreender os conceitos matemáticos presentes nos jogos.

Existem jogos infantis praticados no mundo inteiro. Quando o professor escolhe jogos de outros povos para trabalhar com os alunos, enriquece suas aulas, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar, podendo, por exemplo, localizar num mapa ou globo terrestre os países citados, contar histórias desses povos, proporcionar a fabricação do jogo com material alternativo, etc. As crianças também poderão criar seus próprios jogos ou modificar regras. Na bibliografia desse trabalho, você poderá encontrar sugestões de *sites* e livros para pesquisa.

A relação entre o jogo e a Matemática é muito significativa, principalmente para crianças dos anos iniciais, pois é nesse período que elas devem encontrar o

espaço para explorar e descobrir elementos da realidade que as cerca. Os alunos devem ter oportunidade de vivenciar situações ricas e desafiadoras, as quais serão proporcionadas pela utilização dos jogos como recurso pedagógico.

Por isso, ao optar por trabalhar a Matemática por meio dos jogos, o professor deve levar em conta a importância da definição dos conteúdos e das habilidades presentes nos jogos e o planejamento de sua ação. Além de jogar, as crianças devem conversar sobre o jogo discutindo sobre o que foi fácil, o que foi difícil, dicas para se jogar melhor, entre outras coisas. Essa comunicação permite que os alunos reajam frente às ideias dos outros e que considerem pontos de vista alternativos. O diálogo capacita os alunos a falarem de modo significativo sobre seus conhecimentos, suas dúvidas, suas aprendizagens. A partir da discussão estabelecida, das diferentes respostas obtidas, o educador pode perceber o raciocínio de cada aluno e planejar as intervenções apropriadas.

Além da socialização de ideias, os alunos poderão registrar suas descobertas com desenhos ou textos coletivos. Escrever sobre Matemática ajuda na aprendizagem das crianças, encoraja reflexão e possibilita a organização das ideias. Assim, o jogo não se tornará mero lazer, mas uma nova forma de aprender Matemática.

Nas situações de jogo, a criança é capaz de construir conceitos de uma forma muito mais lúdica e prazerosa, assim como lançar mão dos conhecimentos matemáticos que já possui de forma mais integrada e "inteligente". Além disso, um jogo pode servir como ponto de partida para uma atividade de investigação, em que os alunos levantam e testam hipóteses, argumentam e comunicam oralmente ou por meio da escrita suas conclusões, enfim proporcionando a investigação e a relação com outras áreas do conhecimento.

Matemática e o Ensino da Língua

Sugerimos a integração entre a Língua e a Matemática, pois acreditamos ser essa uma parceria extremamente importante e necessária. É importante que as crianças sejam estimuladas a buscar soluções para os cálculos e problemas e que tais soluções sejam discutidas coletivamente. É fundamental que o professor crie oportunidades para as crianças verbalizarem suas construções mentais sobre o que foi trabalhado.

Nesse sentido, usar a literatura infantil "[...] poderia ser um modo desafiante e lúdico para as crianças pensarem sobre algumas noções matemáticas e, ainda, servir como um complemento para o material tradicionalmente utilizado nas aulas: a lousa, o giz e o livro didático". (SMOLE, 1996, p. 68)

Por meio da conexão entre literatura e matemática, o professor pode criar situações na sala de aula que encorajem os alunos a compreenderem e se familiarizarem mais com a linguagem matemática, estabelecendo ligações cognitivas entre a linguagem materna, conceitos da vida real e a linguagem matemática formal.

Utilizando a literatura infantil nas aulas de Matemática, o aluno volta ao texto muitas vezes para acrescentar outras expectativas, percepções e experiências. Dessa forma, a história contribui para que ele aprenda e faça matemática, assim como explore lugares, características e acontecimentos na história, o que permite que habilidades matemáticas e de linguagem desenvolvam-se juntas, enquanto lê, escreve e conversa sobre as ideias matemáticas que vão aparecendo ao longo da leitura. É neste contexto que a conexão da matemática com a literatura infantil aparece.

Segundo SMOLE (1999), ao decidir trabalhar com histórias infantis nas aulas de matemática, é preciso atentar para alguns aspectos:

- Conhecer a história antes de apresentá-la aos seus alunos para saber quais as possibilidades de trabalho que ela permite e se estão adequadas à sua classe.
- Lembrar que nenhuma exploração matemática pode vir antes da própria história e nem tampouco deturpar o sentido da história.
- O primeiro requisito para uma exploração de matemática a partir de um livro de histórias é que as crianças gostem e se envolvam com ele, com os personagens, etc.
- O ideal não é explorar um livro a semana toda, mas aos poucos, com emoção, expectativa, problematizações especialmente preparadas para isso. O professor deve fazer isso em uma aula por semana, assim um mesmo livro pode levar um ou dois meses sendo trabalhado com a turma.
- Não há necessidade de um livro para cada aluno. Você pode ter um livro por duplas, grupos de 4 ou mesmo um único livro em transparência, álbum seriado, etc.

Ao escolher um livro infantil para ser explorado, o professor poderá analisar a capa, propor aos seus alunos que façam a leitura intuitiva, levando-os a colocar suas expectativas em relação ao texto a ser lido, procurar discutir as palavras novas presentes na história e escutar e perceber as críticas e opiniões dos alunos

sobre a história.

A leitura poderá ser feita em vários dias, possibilitando a conversa com a classe sobre as possibilidades dos próximos acontecimentos, podendo até mesmo registrar em forma de texto coletivo a continuação sugerida pelas crianças. Depois, pode ser realizada a comparação da versão dada pela classe com a originalmente proposta no livro. Alguns livros não apresentam um final definido, nesses casos, os alunos podem elaborar o final da história.

Além dos livros infantis, os jornais e revistas também são fontes de materiais interessantes para as aulas de matemática, pois trazem assuntos que podem ser explorados em sala, aproveitando os fatos e acontecimentos que fazem parte do dia a dia dos alunos.

Os textos de jornais e revistas oferecem uma oportunidade para trabalharmos com os alunos conceitos de matemática, ao mesmo tempo em que podemos desenvolver habilidades de leitura, escrita, seleção de informações e resolução de problemas. Jornais e revistas possibilitam explorações numéricas, apresentam gráficos e tabelas de diferentes tipos, enigmas, charadas e quebra-cabeças enriquecendo a proposta de resolução de problemas.

Para a realização desse trabalho, também é preciso observar cuidados necessários: ao selecionar um artigo, um gráfico, uma tabela, uma propaganda, um passatempo ou outro texto qualquer de jornal e revista, é importante que o professor tenha traçado quais são seus objetivos, verificar se o texto escolhido tem uma linguagem acessível aos seus alunos, adequar o tempo à sua proposta, pensar na organização da classe, em quais os recursos necessários, prever problematizações e registros que os alunos produzirão.

A escrita em matemática é marcada por um processo de idas e vindas, no qual a intervenção do professor fará com que os alunos progridam e escrevam textos cada vez mais complexos. O professor precisa valorizar o hábito da leitura e escrita.

Os alunos precisam adquirir o hábito de revisar a sua escrita antes de a considerarem concluída. Assim, os textos, o original e a sua reescrita, possibilitam a observação das semelhanças e diferenças entre eles e a problematização com o objetivo de alcançar a clareza e o aperfeiçoamento do texto. Para reformular um texto, é necessário ter clareza do que se pretende alterar, assegurando a fidelidade aos conceitos matemáticos e aspectos linguísticos.

Nesse contexto, produzir textos em matemática auxilia na apropriação do vocabulário específico e na compreensão de noções matemáticas.

Realização de projetos

Os projetos didáticos são situações que partem de um desafio, de uma situação-problema e que sempre têm como um de seus objetivos um produto final. Na maioria dos casos, os projetos envolvem mais de uma área de conhecimento sendo, portanto, interdisciplinares. Por meio dos projetos, os professores podem introduzir o estudo de temas que não pertencem a uma disciplina específica, mas que envolvem duas ou mais delas. Os projetos didáticos são feitos com o propósito de construir boas situações de aprendizagem, nas quais se evite compartimentar o conhecimento.

Os temas dos projetos podem surgir da curiosidade dos alunos em aprender algo, de uma situação-problema que esteja ocorrendo na escola ou na comunidade, de uma experiência vivenciada pelo grupo de alunos, por um fato da atualidade ou de uma questão suscitada a partir do projeto anterior.

O conhecimento inicial da meta que dá origem ao projeto é fundamental para que os alunos possam compreender as decisões que vão sendo tomadas durante a realização do mesmo.

Ao delimitar o tema, o professor precisa conhecer o que os alunos já sabem a respeito, que opiniões têm e que hipóteses levantam, que são habilidades tão necessárias no aprendizado da Matemática.

Durante o desenrolar do projeto, deve-se estabelecer uma cumplicidade de propósitos entre os alunos, e destes com o professor, provocando o surgimento de um ambiente de trabalho criativo, no qual cada indivíduo pode contribuir com suas aptidões, ou estar disposto a enfrentar o esforço de aprender algo novo e que se mostrou necessário em função do próprio projeto.

Assim, os projetos didáticos propiciam o estudo de problemas reais, o que implica a necessidade de uma abordagem interdisciplinar.

Além de vivenciar ricas experiências de aprendizagem, os alunos devem ter a oportunidade de utilizar recursos de natureza diversa. Materiais manipuláveis são um recurso privilegiado para introdução e suporte de conteúdos escolares, promovendo, mais uma vez, momentos de investigação e comunicação entre os alunos. Ressaltamos a importância da exploração do Material Dourado para a assimilação do conceito da dezena por meio da manipulação, visualização e trocas.

Por meio das atividades propostas, procuramos:

- ampliar a forma como encaramos os alunos em sala de aula, considerando suas dimensões afetiva, cognitiva e social.
- expor um modo mais dinâmico de abordar os conteúdos de matemática.

- diminuir a distância entre a matemática e as demais áreas do conhecimento, especialmente arte e língua materna.
- favorecer uma compreensão da matemática como ciência, como jogo e como instrumento de resolução de problemas .
- não desprezar os conhecimentos matemáticos que vêm da criança e de sua comunidade.
- pensar em como considerar as diferenças e ritmos de aprendizagem entre os alunos.
- rever concepções de conhecimento e inteligência que conduzem as ações docentes.
- buscar formas de envolver a comunidade no trabalho da escola.
- ter, na avaliação e no planejamento, aliados para uma reflexão constante sobre o ensinar e o aprender.

Nosso desejo é que os alunos nunca percam a curiosidade pelo saber matemático e que, pelas experiências vividas na escola, sejam capazes de tomar decisões, construir, modificar e integrar ideias, tendo a oportunidade de interagir com outras pessoas, com objetos e situações que exijam envolvimento, dispondo de tempo para pensar e refletir acerca de seus procedimentos, de suas aprendizagens e dos problemas que têm que superar na vida real.

História da Matemática

Segundo Ubiratan D`Ambrósio, a História da Matemática é importante para situar a Matemática como uma manifestação cultural de todos os povos em todos os tempos, como a linguagem, os costumes, os valores, as crenças e os hábitos, e como tal diversificada nas suas origens e na sua evolução; para mostrar que a Matemática que se estuda nas escolas é uma das muitas formas de Matemática desenvolvidas pela humanidade; para destacar que essa Matemática teve sua origem nas culturas da antiguidade mediterrânea e se desenvolveu ao longo da Idade Média e somente a partir do século XVII se organizou como um corpo de conhecimentos, com um estilo próprio; para saber que desde então a Matemática foi incorporada aos sistemas escolares das nações colonizadas, se tornou indispensável em todo o mundo em consequência do desenvolvimento científico, tecnológico e econômico, e avaliar as consequências socioculturais dessa incorporação.

Exercícios interessantes de natureza histórica são: identificar a Matemática do cotidiano, o levantamento de fatos matemáticos numa comunidade (traçado de uma cidade, construção e localização de monumentos). Os urbanistas, arquitetos, políticos e empresários realizam estudos preliminares e traçam projetos para execução, utilizando a matemática.

Entrevistar profissionais que utilizam a matemática para realizar atividades diárias, assim como professores de Matemática das séries finais ou do Ensino Médio. Qual a importância do conhecimento matemático para o trabalho de um farmacêutico, cozinheiro, garçom, operadora de caixa, padeiro, engenheiro, arquiteto, contador, representante de vendas, pedreiro?

Para D´Ambrósio, a História da Matemática no ensino deve ser encarada sobretudo pelo seu valor de motivação para a Matemática. Devem-se apresentar curiosidades, coisas interessantes e que poderão motivar alguns alunos. A formação do indivíduo faz-se com estímulos matemáticos, mas uma matemática interessante, exploratória, divertida e desafiadora. Não mera manipulação de técnicas, mas sim exercícios de criatividade.

De acordo com os PCN (Brasil, 2001), a conexão entre o conceito matemático e sua história constitui-se de informação cultural, sociológica e antropológica e, nesse sentido, resgata a própria identidade cultural. A matemática explorada na sala de aula deve levar em conta a historicidade do indivíduo, reconhecer os seus saberes e fortalecer a sua identidade.

Tecnologias da informação

O acesso a computadores, *softwares* e calculadoras é uma realidade para parte significativa da população e representam um novo desafio para a escola. É necessário definir a contribuição da tecnologia para o espaço escolar e questões metodológicas sobre sua utilização no processo ensino e aprendizagem, sua relação com a ética e consumo.

Reconhecemos que situações extremas que envolvem o uso de tecnologia não contribuem para o processo ensino e aprendizagem da Matemática. Não é possível negar a existência da calculadora proibindo-a na escola, por outro lado, ela não torna obsoletas e desnecessárias as técnicas de algoritmos.

É necessário ter claro as intenções do educador quando introduz a utilização da calculadora, suas contribuições para o processo educativo e desafios que

a proposta pode enfrentar.

Razões para utilizar calculadora:

- é ferramenta comum entre a população;
- promove a interação do aluno com a tecnologia ao solucionar problemas;
- é instrumento fundamental para o desenvolvimento de aptidões ligadas ao cálculo e esses não se dispersam com operações trabalhosas;
- incentiva e facilita o espírito de pesquisa;
- o aluno tem mais tempo disponível para trocar ideias e testar um maior número de alternativas;
- libera o aluno de longas, enfadonhas e desnecessárias tarefas, deixando-o com mais tempo para aprimorar sua capacidade de raciocinar e desenvolver-se mentalmente.
- pode ser concebida como um precioso recurso de mobilização do raciocínio matemático.
- possibilita ampliar a compreensão sobre o funcionamento das operações;
- estimula o aluno a buscar novos procedimentos para resolver problemas e desafios, promovendo, assim, o desenvolvimento do raciocínio matemático;
- ao explorarem este artefato cultural, os estudantes desenvolvem habilidades vinculadas ao cálculo mental, à decomposição, à estimativa;
- auxilia os alunos a lidar com problemas de seu dia a dia (compra e venda de produtos, custo de uma produção, etc.);
- como afirma D'Ambrósio (1993, p.16), "ignorar a presença de computadores e calculadoras na educação matemática é condenar os estudantes a uma subordinação total a subempregos".
- possibilita o desenvolvimento de conceitos e habilidades de pensamento (análise, inferência, previsão);
- promove resolução de problemas; atitudes frente ao ensino e aprendizagem de Matemática;
- possibilita verificar as regularidades, investigar as propriedades dos números, formular hipóteses e verificar resultados;
- quando usada de modo planejado, a calculadora não inibe o pensar matemático; pelo contrário, tem efeito motivador na resolução de problemas, dá chance aos professores de proporem problemas com dados mais reais e auxilia na elaboração de conceitos e na percepção de regularidades.

Organização do Plano de Curso de Matemática

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, decidimos organizar nosso Plano de Curso contemplando o estudo dos números e das operações, o estudo do espaço e das formas e o estudo das grandezas e das medidas e o tratamento das informações cotidianas (dados estatísticos, tabelas e gráficos).

Nosso desafio foi selecionar dentro de cada um desses blocos de conteúdos quais conhecimentos e competências contribuiriam para o desenvolvimento intelectual do aluno, aprimorando seu raciocínio lógico-matemático, sua criatividade e sua capacidade de analisar e de criticar.

Atualmente, os alunos precisam de muito mais do que uma coleção de informações memorizadas; precisam de procedimentos de busca e de interpretação de informações, saber pesquisar e comunicar suas ideias, conhecer técnicas e dominar estratégias para resolução de problemas, entre outras coisas. Assim, no processo de seleção de conteúdos, nos preocupamos em identificar não só os conceitos, mas também os procedimentos e as atitudes a serem trabalhados em classe, o que trará certamente um enriquecimento ao processo de ensino e aprendizagem.

Os conteúdos foram organizados de forma espiralada, ou seja, um mesmo tema é trabalhado várias vezes. Sempre que é retomado surge sob um novo enfoque, de modo a permitir ao aluno muitas oportunidades de aprendizagem. O conteúdo matemático deve ser contextualizado em situações típicas da infância, tornando-se mais significativo para os alunos. Assim, nenhum bloco de conteúdo será esgotado num único momento. A retomada de temas em diferentes momentos do processo possibilitará a integração de diversos conteúdos.

Para enriquecer e facilitar o trabalho que será realizado em sala de aula, apresentamos um conjunto de sugestões didáticas que deverão ser adaptadas a cada realidade. Lembramos que todo trabalho realizado em Matemática deve partir de uma situação concreta. Para esse fim, recomendamos a organização de materiais diversos, que serão manipulados pelos alunos no decorrer do ano. O professor poderá propor que os alunos tragam botões, contas, pedrinhas, palitos de

picolé, bolinhas de gude, figurinhas, caixas de fósforos vazias, embalagens, rótulos, jornais, folhetos de supermercado etc. Esse material deverá ser devidamente selecionado e organizado.

A seguir, você encontrará a descrição de cada bloco de conteúdo, juntamente com orientações e sugestões para a concretização dos conteúdos propostos no Plano de Curso.

Blocos de conteúdos

1. Números e operações

Os conteúdos deste bloco deverão ser trabalhados de forma contextualizada, em que o número e as operações apareçam nas mais diversas situações: quantificar, medir, ordenar, codificar, ou seja, trabalhar com o sistema de numeração decimal possibilitando situações reais de contagens, cálculos, comparações e ordenações, oferecendo oportunidades aos alunos para refletirem a respeito do valor posicional dos algarismos nos numerais.

Trabalhar a história do número propiciará o reconhecimento de problemas vividos pela humanidade, resgatando a histórias de lugares, tempos e povos antigos e ajudando ao aluno a entender melhor a Matemática.

As operações fundamentais (adição, subtração, multiplicação e divisão) deverão ser trabalhadas a partir de situações-problema, nas quais, aos poucos, o aluno irá ampliando seu conceito de número. Para que a criança construa o significado de uma operação, é preciso que ela se depare com diferentes situações em que essa operação se aplica ou não, conhecendo as ideias e propriedades de cada uma delas.

Ainda em relação às operações, desejamos que o trabalho que será desenvolvido possibilite a busca de estratégias próprias para resolução de problemas, em que o aluno perceba que um mesmo problema pode ser resolvido por diferentes operações e que diferentes problemas podem ser solucionados utilizando-se uma única operação.

Outro aspecto que merece destaque são as atividades que envolvam estimativas, arredondamentos e cálculo mental. É importante que o professor encontre situações que privilegiem a construção dessas competências, tão necessárias no dia a dia.

Ressaltamos que, para o trabalho com esse bloco de conteúdo, é importantíssima a exploração de jogos, material dourado e ábaco, que auxiliam na compreensão do sistema de numeração decimal e das quatro operações e até mesmo da calculadora tão utilizada no cotidiano dos alunos.

O raciocínio lógico é um processo pensado, planejado, e construído na escola. Fora dela, ele acontece naturalmente, a partir das relações com o mundo. Portanto, precisamos possibilitar aos alunos momentos de decisões, em que eles possam exercitar a independência, a reflexão e a introspecção. Ao decidirem, há um claro julgamento de valores e escolha consciente de um caminho entre vários, por isso, a decisão só pode ocorrer num ambiente onde haja a possibilidade de escolha, onde haja a expressão. Pensando em tudo isso, sugerimos algumas situações didáticas:

- Desafios para semana: ao início de cada semana, o professor poderá propor uma situação-problema, que provoque curiosidade para descoberta, num cartaz. Os alunos terão a semana toda para encontrar a solução. Ao final da semana, professora e alunos desvendam o desafio. Sugestões de como pode ser proposta aos alunos a solução de problemas, segundo Fernandez Bravo:

1. Situações sem número. Apresenta-se um problema sem dados numéricos. Para chegar à solução, não se necessita de nenhuma operação.
2. Situações qualitativas. Apresenta-se um enunciado e uma pergunta com sentido lógico, mas de forma incompleta para se chegar à solução. Vai-se completando tudo o que se necessite à medida que o aluno vá pedindo.
3. Enunciados abertos. Dá-se uma informação ao aluno: a partir de uma frase, de uma foto, de um desenho, de um esquema, de uma manchete de jornal, de um prospecto, de um fôlder, de uma programação de televisão. O trabalho consiste em inventar uma situação problemática em que utilize essa ideia.
4. Problemas de lógica em que não intervém o algoritmo. Utilização do raciocínio por dedução, indução e analogia.
5. Inventar e resolver um problema a partir de uma solução dada. O aluno criará o enunciado, a pergunta e o processo que possa ter correspondência com a solução de partida.
6. Inventar e resolver um problema a partir de uma expressão matemática. Criação de um enunciado e de uma pergunta que tenha correspondência com o conteúdo de relação aplicativa da expressão de partida.
7. Inventar e resolver um problema cumprindo duas condições: chegar à solução dada e aplicar a(s) operação(ões) indicada(s).

8. Inventar e resolver um problema cumprindo duas condições: chegar à solução que nos indicaram e utilizar (todos/ apenas alguns) os dados numéricos oferecidos.

9. Expressar perguntas e respondê-las a partir de um enunciado dado. A tarefa do aluno consiste em criar perguntas que possam ser respondidas levando em conta, unicamente, o enunciado de partida.

10. Expressar as perguntas que tenham correspondência com o enunciado e com a operação. Há um enunciado e algumas perguntas em branco. Cada uma dessas perguntas indica a operação que é preciso aplicar para obter suas respostas.

11. Expressar as perguntas que tenham correspondência com o enunciado e com a solução. Apresenta-se um enunciado com perguntas em branco.

12. Inventar um enunciado que tenha correspondência com uma pergunta dada e o processo de resolução.

13. Inventar um enunciado que tenha correspondência com uma pergunta dada, a solução do problema dada e os dados numéricos apresentados que devem aparecer no enunciado.

14. Inventar um enunciado que tenha correspondência com várias perguntas dadas. Apresentam-se várias perguntas. A tarefa do aluno consiste em criar um enunciado, e apenas um, capaz de responder a todas as perguntas apresentadas.

15. Inventar um enunciado, e apenas um, com o qual se possa responder, e mediante as operações indicadas, todas as perguntas apresentadas. Apresentam-se várias perguntas acompanhadas da indicação de operação (ou operações) que se tem de aplicar para se chegar à sua resposta.

16. Mudar os tempos verbais nos quais se expressa um problema já resolvido. Resolver novamente o problema. Observar e comparar as soluções de ambos.

17. Averiguar o dado falso de um problema dado aos alunos com a solução correta. Existe um dado, apenas um, que não nos permite chegar à solução expressada.

18. Mudar a pergunta de um problema já resolvido para que a nova solução seja a mesma anteriormente obtida.

19. Mudar a ordem em que aparecem as proposições do enunciado de um problema já resolvido. Resolver o novo problema. Observar e comparar ambas as soluções.

20. Buscar a correspondência enunciado-pergunta-solução. São fornecidos vários enunciados, várias perguntas e várias soluções ou operações. Estão todos fora de ordem, mas têm correspondência entre si. O trabalho do aluno consiste em encontrar a correspondência enunciado-pergunta-solução.

21. Mudar os dados de um problema ou problemas Expõe-se ao aluno que todos ou alguns dados que aparecem foram mudados e não ocupam o lugar que lhes corresponde. Sua tarefa consiste em responder à pergunta do problema ou dos problemas.

22. Misturar o enunciado ou enunciados de um ou mais problemas. Apresenta-se um problema cujo enunciado é sem sentido porque está desordenado, ou se apresentam dois enunciados misturados. Dá-se ao aluno o necessário para que os possa ordenar sem nenhuma ambiguidade e resolvê-los.

23. Mistura dos processos de resolução de dois problemas. Apresentam-se dois problemas diferentes. Misturam-se os processos de resolução. A tarefa do aluno consiste em identificar cada processo com o problema correspondente.

24. Compor o enunciado ou os enunciados de um ou mais problemas a partir de todos/ alguns dos dados fornecidos e resolver a situação problemática. Apresentam-se enunciados incompletos, de modo que não se pode responder a sua pergunta. Apresenta-se fora do problema uma série de dados. A atividade consiste em escolher o lugar necessário dos dados para resolver o problema.

25. Completar os dados do enunciado de um problema a partir do processo de resolução. Apresenta-se um problema resolvido, de cujo enunciado apagaram-se os dados, deixando-se o espaço correspondente para que o aluno complete.

26. Completar os dados do enunciado de um problema a partir da sua solução. Apresenta-se um problema indicando sua solução. De seu enunciado, apagaram-se os dados, deixando-se os espaços em branco. O aluno completará o enunciado.

27. Inventar um problema com um vocabulário específico e a operação (ou as operações) que deve ser utilizada para sua resolução.

28. Inventar um problema com um vocabulário específico e a solução apresentados.

29. Resolver problemas apresentados de forma completa, cuja resolução favoreça a aplicação dos conceitos, operações e relações lógicas para as necessidades habituais de desenvolvimento pessoal, convivência e relação com o meio, com solução única, sem solução, com várias soluções.

30. Selecionar a informação necessária mediante a consulta de documentação. Apresenta-se uma pergunta que, para ser respondida, requer a consulta de dicionários, textos, enciclopédias, ou simplesmente sair para o pátio, checar a lista dos alunos do colégio para recolher a informação necessária. Se nossos alunos pertencem ao ensino fundamental, é imprescindível facilitar o êxito da busca, na qual muitos deles perderiam tempo sem que o esforço rendesse. Para isso, disponibiliza-se ao aluno uma série de fichas elaboradas pelo professor – adaptadas, em número e conteúdo, à sua idade -, entre as quais se possa selecionar e extrair os dados necessários para resolver o problema.

31. Resolver um problema que se apresenta de forma diferente da habitual. Uma poesia, numa linguagem gráfica, charadinha, piada, receita, enigma, cardápio, tabelas, diagramas, um conto breve...

Número racional:

O trabalho com números racionais tem como objetivo principal levar os alunos a perceberem que os números naturais não são suficientes para resolver determinados problemas.

Os esforços deverão estar voltados para:

- frações simples como $\frac{1}{2}$, $\frac{3}{4}$ e $\frac{1}{3}$;
- as ideias básicas sobre operações com frações;
- compreensão de frações equivalentes;
- comparar frações e ordená-las na reta numérica.

2. Espaço e Forma

Para compreender, representar e descrever o mundo em que vive, é necessário que o aluno saiba localizar-se e movimentar-se no espaço e perceba o tamanho e forma dos objetos que o rodeiam.

Os conceitos geométricos trabalhados nesse bloco de conteúdo visam ao reconhecimento do espaço onde o aluno vive, por meio de atividades que trabalhem a lateralidade, deslocamentos no espaço, pontos de referência e também a observação, construção e comunicação de figuras geométricas planas e espaciais.

Sugerimos que o trabalho seja realizado a partir da exploração de objetos do mundo físico, de obras de arte, pinturas, desenhos, esculturas e artesanato, o que permitirá conexões entre a Matemática e outras áreas do conhecimento. Embalagens, sucata, tangram, geoplano e dobraduras são importantes recursos para o trabalho com os conteúdos deste bloco.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 55): “Os conceitos geométricos constituem parte importante do currículo de matemática no ensino fundamental, porque, por meio deles, o aluno desenvolve um tipo especial de pensamento que lhe permite compreender, descrever e representar, de forma organizada, o mundo em que vive.”

O principal objetivo do ensino de conteúdos de geometria é resolver problemas do cotidiano. Para isso, é importante realizar experiências oferecendo situações onde visualizem, comparem e desenhem formas: é o momento do dobrar, recortar, moldar, deformar, montar, decompor, esticar, colar, manipular, construir. O conhecimento é construído quando o sujeito é desafiado a solucionar situação-problema utilizando recursos didáticos e valorizando a interação social.

Os alunos deverão reconhecer, identificar, analisar, ordenar e classificar figuras.

3. Grandezas e medidas

Neste bloco, trabalharemos com situações reais de medição, em que os alunos observarão o que se pode medir e como pode fazê-lo, usando medidas não-convencionais e convencionais.

Mais uma vez, ressaltamos a importância do trabalho com a história da Matemática, possibilitando constatação da trajetória do homem em buscar instrumentos de medida cada vez mais precisos. É interessante que os alunos vivenciem processos de medição com palmos, pés, passos, etc.

O professor também poderá promover atividades de estimativas sobre medidas e uso de instrumentos de medidas como balança, metro, fita métrica, relógio, calendário, etc. Poderá pedir que as crianças tragam vários instrumentos de medidas para que o grupo organize a caixa de medidas padronizadas ou não, como: pedaços de barbante, copinho de remédio, copo dosador, jarra, fita métrica, metro, trena, metro de madeira, régua, relógio, ampulheta, cronômetro, dedal, colher de sopa, colher de chá, colher de café, colher de sobremesa, xícara, balança, termômetro, e criar situações de medidas na sala de aula, por exemplo:

- sala de aula: número de passos X metros;
- mesa: palmas da mão X centímetros;
- quantas jarras para encher um balde;
- quantos copos para encher a jarra;
- quantos alunos deitados no chão para medir a classe, etc.

Também poderá explorar jornais de propaganda de supermercado, elaborar livros de receitas culinárias, de massas de modelar, de tintas, etc (ampliar e reduzir receitas).

Outras ideias são:

- Observação de embalagens para identificar grandezas e suas respectivas unidades de medidas.
- Atividades que permitam fazer marcações do tempo e solucionar problemas.
- Construção da linha do tempo para contar a sua própria história ou a história de vida de alguém conhecido ou da própria família.
- Análise de situações apresentadas em folhetos de supermercado para identificar ofertas enganosas, situações que acarretam prejuízo e que apresentam vantagens.
- Atividades que façam uso de cédulas, moedas e calculadoras.
- Mostrar à classe outras moedas que o Brasil já teve, pedir para que os alunos as tragam.

4. Tratamento da informação

Neste bloco, pretendemos explorar diferentes formas de organizar e comunicar informações numéricas, bem como iniciar um trabalho de exploração de algumas noções de estatística e probabilidade. Assim, o professor poderá criar atividades de leitura e produção de listas, tabelas e gráficos, coleta e organização de dados estatísticos.

O tratamento da informação estará presente em todos os demais conteúdos como uma ferramenta importante para que o aluno analise e perceba regularidades.

Sugerimos a exploração de jornais e revistas e a relação de dados obtidos a partir de pesquisas realizadas em outras áreas do conhecimento.

Indicamos também:

- Organização de pesquisas relacionadas a assuntos diversos: desenvolvimento físico e aniversário dos alunos, programas de TV preferidos, animais de que mais gostam, entre outros.
- Preparação e simulação de um jornal ou de reportagens feitas pelos alunos, comunicando por meio de tabelas ou gráficos o assunto pesquisado por eles.
- Resolução de situações-problema a partir de dados apresentados em listas, tabelas ou gráficos.
- Escrita de textos a partir da observação de listas, tabelas e gráficos.

Bibliografia Sugerida

BRENELLI, Roseli Palermo. **O jogo como espaço para pensar**. Papirus, 1996.
BRITO, Márcia Regina F. de. organizadora. **Psicologia da Educação Matemática.** Florianópolis: Insular, 2001.
CARDOSO, Virgínia Cárdia. **Materiais didáticos para as quatro operações**. São Paulo: IME- USP, 2002.
CARRAHER, Terezinha Nunes. **Na vida dez, na escola zero.** Terezinha Carraher, David Carraher e Analúcia Schliemann. São Paulo: Cortez, 2006.
_____. **Educação Matemática números e operações numéricas**. São Paulo: Cortez, 2005.
_____. **O método clínico usando os exames de Piaget**. São Paulo: Cortez, 1998.
_____. **Aprender pensando.** Petrópolis: Vozes, 1986.
COLL, César. **Os conteúdos na reforma.** César Coll, Juan Ignácio Pozo, Bernabé Sarabia e Enric Valls; tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
FAINGUELERNET, Estela Kaufman e NUNES, Kátia Regina Ashton. **Fazendo arte com a matemática.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
GIORGI, Cybele. **Gente miúda na cozinha**. SESI, 1991.
_____.**O Jogo e suas possibilidades metodológicas no processo ensino-aprendizagem da Matemática.** Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 1995.
HUETE, J.C. Sanches e BRAVO, J. A. Fernández. **O ensino da Matemática – fundamentos teóricos e bases psicopedagógicas.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura.** Tradução João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2005.
_____. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.
LIMA, Mauricio e Antônio Barreto. **O jogo da Onça**. Belo Horizonte: Origem Jogos e Objetos, 2004.
MACEDO, Lino de. **Jogo e projeto: pontos e contrapontos.** Lino de Macedo, Nilson José Machado; Valéria Amorim Arantes, organizadora. São Paulo: Summus, 2006.
_____. Petty, ALS, Passos, N.C. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2005.
_____. **Ensaios Pedagógicos**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
_____. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
_____. Petty, ALS, Passos, N.C. **Aprender com jogos e situações problema**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
_____. **4 cores, senha e dominó – caderno para atividades propostas em 4 cores, senha e Dominó**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
_____. **4 cores, senha e dominó**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
MACEDO, Lino de. **Ensaios construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
MACHADO, Nilson José. **Educação e autoridade.** Petrópolis: Vozes, 2008.
_____. **Linguagem, Conhecimento, Ação – ensaios de epistemologia e didática.** São Paulo: Escrituras, 2003.
_____. **Epistemologia e didática**. São Paulo: Cortez, 2002.
_____.**Matemática e Educação: alegorias, tecnologias e temas afins.** São Paulo:Cortez, 2002.
_____. **Cidadania é quando**. São Paulo: Escrituras, 2001.
_____.**Matemática e Língua Materna: análise de uma impregnação mútua.** São Paulo: Cortez, 2001.
_____. **Educação: Projetos e Valores**. São Paulo: Escrituras, 2000.
_____. **Plantares**. São Paulo: Escrituras, 1997.
MARINCEK, Vânia (coordenado por). **Aprender matemática resolvendo problemas.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
OCHI, Fusako Hori et al. **O uso de quadriculados no ensino da geometria.** São Paulo: IME- USP, 2003.
PARRA, Cecília, Irma Saiz, Delia Lerner, Grécia Gálvez, Guy Brousseau, Luis A. Santaló, Patrícia Sadovsky, Roland Charnay. **Didática da Matemática – Reflexões**

Psicopedagógicas. Trad. Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
PCN, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF,1997, Brasil.
PEREIRA, Maria das Graças Barbosa. **Jogos uma forma de ensinar e aprender matemática.** Belo Horizonte: Universidade, 2001.
PERRENOUD, Philippe, THURLER, Mônica Gather, MACEDO, Lino de, MACHADO, Nilson José, Allessandrini, Cristina Dias. **As competências para ensinar no século XXI.** Porto Alegre: Artmed, 2002.
PIAGET, Jean. **Cinco Estudos de Educação Moral.** I et al. I; organizador Lino de Macedo . – Outros autores: Maria Suzana de Stefano Menin, Ulisses Ferreira de Araújo, Yves de La Taille, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
_____. **O raciocínio na criança**. Record.
POLYA, George. **A arte de resolver problemas**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.
POZO, Juan Ignácio (organizador). **A solução de problemas.** Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.
RAMOS, Luzia Faraco**. Frações sem Mistérios**. São Paulo: Ática, 1999.
_____. **Uma proporção ecológica.** São Paulo: Ática, 1996.
_____. **Aventura decimal.** São Paulo: Ática, 1991.
ROCHA, Tânia, Heloísa Borges. **Jogos Matemágicos.** Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1992.
ROSA, Ernesto Neto. **Didática da Matemática**. São Paulo: Ática, 2001.
_____. **Geometria na Amazônia**: Ática.
_____. **Saída pelo triângulo**. São Paulo: Ática, 1998.
SMOLE, Katia Stocco**. Ler, escrever e resolver problemas**. Artmed.
SOUZA, Eliane Reame. **A matemática das sete peças do Tangram**. Eliane Reame de Souza, Maria Ignez Diniz, Rosa Monteiro Paulo e Fusako Hori Ochi. São Paulo: IME – USP, 2003.
STAREPRAVO, Ana Ruth. **O jogo e a Matemática no ensino fundamental**. Curitiba: Renascer, 1999.
STIENECKER, David L.. **Multiplicação - Problemas jogos e enigmas.** São Paulo: Moderna, 1998.
TAHAN, Malba. **Meu anel de sete pedras**. Rio de Janeiro: Record, 1993.
TAILLE, Yves de La. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** ZASLAVSKY, Cláudia. **Jogos e Atividades Matemáticas do Mundo Inteiro.** Diversão Multicultural para idades de 8 a 12 anos. Rio Grande do Sul: Cotidiano Pedagógico, 2000.

Sugestões de vídeos que complementam o estudo:

- Autonomia - Constance Kamii
- Coleção grandes educadores – Edgar Morin
- Construtivismo e práticas pedagógicas - Lino de Macedo
- Jean Piaget -Yves de La Taille
- Jogos indígenas do Brasil – Ministério da Cultura e Origem
- O brincar e a Matemática (Kátia Stocco Smole, Maria Ignez Diniz e Patrícia Candido)
- PCN na escola
- Salto para o futuro

INFORMÁTICA EDUCATIVA

Considerações gerais sobre a Informática Educativa

Presente nas Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino, o Laboratório de Informática Educativa deve, diante do seu caráter educacional, servir como fonte de conhecimento, estabelecendo relações entre os diversos eixos da Matriz Curricular do Ensino Fundamental e promovendo a interdisciplinaridade.

Assim, estruturado em um ambiente de busca de conhecimento, tem como objetivo encorajar o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, as **TICs** (PCs, Periféricos e Acessórios, *Softwares*, Mesas Educacionais e Internet), possibilitando a criação de novos relacionamentos nas escolas, instigando a aprendizagem e levando informações atuais e seguras a todos os que participam da vida escolar, colocando o "Mundo" como espaço de aprendizagem.

Planejamento Pedagógico

O professor de Ensino Fundamental, subsidiado pelo Professor Orientador de Informática em Educação (POIE) e orientado pelo Coordenador Pedagógico, deve criar situações educacionais em que o aluno possa explorar conteúdos significativos, por meio de recursos tecnológicos, possibilitando diferentes formas de abordagem do conhecimento e diferentes suportes de investigação de temas específicos, garantindo um trabalho integrado com as atividades desenvolvidas em sala de aula.

Desse modo, os POIEs, responsáveis pelos laboratórios nas Unidades Escolares, devem participar da elaboração do projeto pedagógico da escola, divulgando as possibilidades existentes, propondo atividades / projetos integrados aos conteúdos dos vários anos e das diferentes disciplinas, organizando mostras, eventos e feiras de Informática Educativa na Unidade Escolar.

Objetivos

Na Fase Inicial do Ensino Fundamental (1º ao 3º ano), a informática educativa busca:

- incentivar a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas atividades cotidianas;
- desenvolver a percepção visual e auditiva, a coordenação motora, a memorização, a convivência em grupo, a inter-relação de pensamentos, ideias e conceitos, a utilização das linguagens como meio de expressão e comunicação.
- propiciar, como elemento articulador de conteúdos curriculares, a aquisição de novos conhecimentos.
- desenvolver a habilidade para organizar informações, levantar hipóteses e pensar estrategicamente.
- desenvolver a capacidade de expressão por meio da criação, edição e exposição dos próprios projetos interdisciplinares, integrando textos, imagens, ferramentas de desenho e pintura, animações, efeitos especiais, recursos de som e vídeo.
- ensinar valores importantes para a formação do "Cidadão do Futuro".

LÍNGUA PORTUGUESA

"Há crianças que ingressam no mundo da linguagem escrita através da magia da leitura e outras que ingressam através do treino das tais habilidades básicas. Em geral, os primeiros se convertem em leitores, enquanto os outros costumam ter um destino incerto."
(Emília Ferreiro, **Passado e presente dos verbos ler e escrever**)

Como já dissemos, o Plano de Curso é um instrumento que visa a orientar o trabalho do professor de forma que este possa contemplar, de forma organizada e sistemática, o mínimo necessário a todos os alunos da nossa rede.

Como nosso Sistema está organizado em fases[17], é imprescindível que haja uma integração entre o trabalho e o conteúdo desenvolvido nos anos iniciais, de forma a tornar o ensino mais coerente e significativo, especialmente no que diz respeito às competências e habilidades esperadas em Língua Portuguesa, área do conhecimento que instrumentaliza o aluno em todas as situações de interação e ação em sua vida cotidiana.

Na fase inicial, o trabalho proposto está baseado em práticas de linguagem epilinguísticas, ou seja, praticar a língua partindo de situações reais de uso social, em que o aluno pode agir reflexivamente sobre a mesma antes de chegar aos conceitos, normas e regras pertinentes a qualquer idioma.

Na fase complementar, as atividades metalinguísticas, ou seja, de sistematização e normatização da língua, devem ser exploradas com maior intensidade. No entanto, acreditamos que o ensino da Gramática Normativa deve ocorrer nas situações reais de produção de texto, e não a partir de listas de exercícios esvaziados de significado e sentido para as crianças. Essas atividades devem ser desenvolvidas no sentido de possibilitar ao aluno o levantamento de regularidades de aspectos da língua, a sistematização e a classificação de suas características. Para saber mais sobre o assunto, pesquise no *site* da educação www.portal.santos.sp.gov.br/seduc.

É importante ressaltar que o resultado apresentado nas avaliações diagnósticas do início do ano deve auxiliar o professor na observação dos alunos que ainda necessitam de um trabalho diferenciado, voltado para a conquista das competências esperadas na fase inicial. Para esses, é importante continuar a propor atividades que favoreçam a aprendizagem do sistema de representação da língua escrita. Para aprender a escrever é necessário praticar a escrita, pois é no esforço de pensar sobre a forma de grafar as palavras que se compreende como se estrutura o sistema de escrita. Por isso, mesmo que os alunos ainda não escrevam de forma convencional, é importante convidá-los sempre a escrever, em diferentes situações. Da mesma forma, para aprender a ler é preciso praticar a leitura constantemente e, por isso, é tão importante permitir que vivenciem várias situações nas quais utilizem o que já sabem sobre a língua escrita para interpretar o que está escrito. Nosso grande objetivo é que esses alunos avancem em suas hipóteses de escrita.

> Durante muito tempo a tradição escolar definiu como conteúdo de leitura o aprendizado da decifração. Ler, emitindo sons para cada uma das letras, era a situação que ilustrava a aprendizagem da leitura. Hoje, sabemos que não basta ler um texto em voz alta para que seu conteúdo seja compreendido, e a decifração é apenas uma, dentre muitas, das competências envolvidas neste ato. Ler é, acima de tudo, atribuir significado. Além disso, se queremos formar leitores plenos, usuários competentes da leitura e da escrita em diferentes esferas, participantes da cultura escrita, não podemos considerar alfabetizados aqueles que sabem apenas o suficiente para assinar o nome e tomar o ônibus. Isso não é tarefa simples: implica redefinir os conteúdos de leitura e de escrita. Não se trata mais de ensinar a língua, suas regras e suas partes, isoladamente, mas de incorporar as ações que se fazem com textos no cotidiano. No nosso dia a dia lemos com os mais diferentes propósitos: para nos informar sobre as atualidades, para localizar endereços e telefones, para fazer uma receita, para saber como vão pessoas que estimamos, para nos divertir ou emocionar, para tomar decisões, para pagar contas, para comprar algo, entre outros. E escrevemos para distintos interlocutores, com diferentes intenções, nas mais variadas situações: para relatar como estamos para pessoas distantes, para solicitar algo, para reclamar de alguma coisa, para nos lembrarmos daquilo que temos de comprar, para prestar contas do nosso trabalho, para anotar um recado para alguém, entre muitas outras ações. São ações que podem e devem ser aprendidas, traduzidas em comportamentos – de leitor e de escritor – que precisam ser ensinados. Claro que é necessário aprender o sistema de escrita e seu funcionamento, mas esta aprendizagem pode ocorrer em situações mais próximas das situações reais e com textos de verdade – que comunicam e que foram feitos para leitores. Trata-se então de trazer para dentro da escola a escrita e a leitura que acontecem fora dela. Trata-se de incorporar, na rotina, a leitura feita com diferentes propósitos e a escrita produzida com diferentes fins comunicativos para leitores reais. Enfim, trata-se de propor que a versão de leitura e de escrita presente na escola seja a mais próxima possível da versão social e que, assim, nossos alunos sejam verdadeiros leitores e escritores. [18]

[17] Fase Inicial: 1º, 2º e 3º ano; Fase Complementar: 4º e 5º ano; Fase Final: 6º a 9º ano.
[18] São Paulo : SME / DOT, 2006. 104p.: il. – v.2

A organização de uma rotina de leitura e escrita [19]

Organizar uma rotina semanal de leitura e escrita é fundamental para orientar o planejamento e o cotidiano da sala de aula. Ela se expressa na forma como são organizados o tempo, o espaço, os materiais, as propostas e intervenções do professor e revela suas intenções educativas.

Nessa proposta de ensino da Língua Portuguesa, a rotina deve contemplar situações didáticas de análise e reflexão sobre a língua, imprimindo maior qualidade no uso da linguagem. Deve haver uma diversidade de atividades com diferentes propósitos e, ao mesmo tempo, uma repetição delas para que o desempenho dos alunos seja cada vez melhor. Não é preciso inventar novas atividades a cada dia, mas é importante variar o gênero que vai ser trabalhado (contos, parlendas, listas, poemas, textos jornalísticos, etc.) e o tipo de ação que o aluno vai fazer com cada texto.

Em função disso, organizamos um quadro orientador em que é apresentado o que uma rotina semanal de leitura e de escrita deve contemplar. Por exemplo: leitura diária em voz alta pelo professor, leitura realizada pelos alunos, situações de produção e revisão de textos, além, é claro, de situações de trabalho com a oralidade.

Veja como é possível organizar a rotina para o trabalho com leitura e escrita nas séries iniciais:[20]

Situação Didática	Objetivos (o que os alunos aprendem e como)	Exemplos de algumas atividades	Frequência	O que é importante observar
Leitura realizada pelo professor	· Compreender a função social da escrita. · Ampliar o repertório linguístico. · Conhecer diferentes textos e autores. · Aprender comportamentos leitores. · Entender a escrita como forma de representação.	Leitura em voz alta realizada pelo professor: • textos literários; • jornalísticos e sobre curiosidades (científicos e históricos).	Diária – texto literário. Semanal – jornal e científicos.	Oferecer textos de qualidade literária em seus suportes reais. Ler com diferentes propósitos.
Leitura realizada pelo aluno	· Desenvolver atitudes e disposições favoráveis à leitura. · Desenvolver procedimentos de seleção de textos buscando informações. · Explorar as finalidades e funções da leitura. · Ler com autonomia crescente. · Aprender comportamentos leitores. . Ler com diferentes finalidades.	Roda de biblioteca com diversas finalidades: apreciar a qualidade literária dos textos, conhecer diferentes suportes de textos. Ampliar a compreensão leitora: leitura de textos que os alunos ainda não leem com autonomia, mas que pode ser mediada pelo professor (leitura de textos informativos, instrucionais, entre outros).	Diária.	Ler várias vezes um mesmo texto com diferentes propósitos. Garantir que conheçam o conteúdo a ser explorado. Antecipar as informações que os alunos vão encontrar nos textos.
Comunicação oral	· Participar de diferentes situações comunicativas considerando e respeitando as opiniões alheias e as diferentes formas de expressão. · Utilizar a linguagem oral, sabendo adequá-la às situações em que queiram expressar sentimentos e opiniões,	Reconto de histórias conhecidas ou pessoais, de filmes etc. Exposição de objetos, materiais de pesquisa etc. Situações que permitam emitir opiniões sobre acontecimentos, curiosidades, etc.	Duas vezes por semana.	Observar com atenção como as crianças se comportam numa situação em que têm de ouvir e falar uma de cada vez. Identificar quais crianças precisam ser convidadas a relatar, expor, etc.

[19] São Paulo : SME / DOT, 2006. 115p.: il.

[20] São Paulo : SME / DOT, 2006. 115p.: il.

	defender pontos de vista, relatar acontecimentos, expor temas, etc. · Desenvolver atitudes de escuta e planejamento das falas.			
Produção de texto escrito	· Produzir textos buscando aproximação com as características discursivas do gênero. · Produzir textos considerando o leitor e o sentido do que quer dizer. · Aprender comportamentos escritores.	Produção coletiva, em dupla e individual – de uma notícia, legenda de fotos, etc. Reescrita de textos conhecidos – coletiva, em duplas, individual.	Duas vezes por semana.	Agrupar os alunos de forma intencional, criteriosamente e planejada, pensando em três aspectos: o conhecimento dos alunos sobre o que se pretende ensinar, as características pessoais dos alunos e a clareza do objetivo da atividade que se pretende propor. Dividir tarefas nos agrupamentos: um aluno dita o texto e o outro grafa. Garantir que os papéis sejam trocados em outras produções para que todos os alunos vivenciem os dois papéis.
Revisão de texto	Revisar textos em autênticas situações de comunicação, onde exista um interlocutor real. Analisar as características do gênero e olhar a própria produção com olhos críticos procurando melhorá-la.	Revisão coletiva de um trecho escolhido pelo professor para ser melhorado. Troca de textos entre os grupos para revisão. Revisão em duplas a partir de bilhetes com observação do professor sobre aspectos a serem melhorados. Revisão individual para observação dos problemas do texto, buscando acrescentar, retirar, deslocar ou transformar partes, para torná-lo mais legível para o leitor. Uso de rascunho, procedimento de passar o texto a limpo, permitindo aprender que o que se escreve pode sempre ser modificado e melhorado. Apresentação aos alunos de textos de autores consagrados para análise, pedindo que observem a forma como utilizam (ou não)	Uma vez por semana	Organizar agrupamentos produtivos. Garantir momentos de intervenções pontuais com alguns grupos de alunos. Chamar a atenção para determinados aspectos, colocando boas questões para serem analisadas, problematizando o que está ambíguo, confuso, sem sentido ou repetitivo. Oferecer ajuda aos alunos para que aprendam a pensar na organização dos textos, Selecionar, a cada atividade de revisão, uma ou duas questões a serem tematizadas: não tem sentido, não é produtivo e nem eficaz propor a análise de todos os problemas do texto ao mesmo tempo, só para torná-lo bem escrito de imediato – o objetivo é que os alunos desenvolvam a capacidade de revisar os próprios textos, e não tornar perfeito um ou outro texto que

		recursos de substituição, de concordância, de pontuação, entre outros, permitindo que reconheçam a qualidade estética do texto.		seja objeto de revisão.
Gramática Normativa	Analisar e refletir sobre a linguagem utilizada nos textos e falar sobre ela a partir de um vocabulário próprio (metalinguagem). Possibilitar ao aluno o levantamento de regularidades de aspectos da língua, sistematização e a classificação de suas características específicas. Pontuar textos analisando os efeitos estilísticos. Escrever ortograficamente.	Escrever as palavras de um texto conhecido e solicitar que os alunos as separem em grupos. Após separá-las, pedir que verbalizem qual foi o critério utilizado e se sabem nomear o grupo. Observar palavras em duas colunas e discutir: que diferenças há entre elas? No jeito de falar? No jeito de escrever? E no que querem dizer? (Ex.: adoçam/ adoção, arrastam/ arrastão). Discutir sobre as diferentes possibilidades de pontuar um texto. Analisar um texto pontuado. Ditado interativo: ditar um texto já conhecido e pausar em algumas palavras para discutir com os alunos sobre a sua grafia. Ditado estudado: oferecer um texto interessante para ser estudado pelos alunos em casa e depois ditá-lo. Listas de palavras que não devem errar. Organizar um glossário para consulta em caso de dúvidas. Registro de conclusões sobre a descoberta de regras ortográficas Pesquisa em dicionário.	Duas vezes por semana	Favorecer o trabalho em grupo em atividades de análise e reflexão sobre a língua, promovendo um espaço de discussão de estratégias para resolução das questões que se colocam como problemas, busca de alternativas, comparação de diferentes pontos de vista. Saber o que é substantivo, adjetivo, verbo, artigo facilita a comunicação nas atividades de reflexão sobre a língua, mas não significa que o aluno será capaz de construir bons textos empregando esses conhecimentos. Aprender a pontuar não é aprender um conjunto de regras, é um conteúdo procedimental que se aprende no uso. Saber os nomes dos sinais de pontuação e saber para que servem não garante aos alunos o domínio do uso da pontuação nos textos escritos.

Pensando em gerenciar melhor o tempo didático da sala de aula, sugerimos que os conteúdos sejam organizados em modalidades organizativas, conforme classificação adotada por Delia Lerner em seu livro “Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário” (Ed. Artmed). Tais modalidades organizativas têm a função de permitir com que o professor priorize de forma bastante prática e coerente os conteúdos que pretende desenvolver, sem privilegiar excessivamente alguns e deixar outros de lado. Rosaura Soligo sintetizou as ideias expostas por Delia Lerner no texto que apresentamos a seguir.

Formas de organizar os conteúdos escolares [21]

Os conteúdos escolares podem ser organizados de diferentes formas:

- Atividades permanentes.
- Atividades sequenciadas.
- Situações independentes: ocasionais ou de sistematização.
- Projetos.

Atividades permanentes

São atividades que acontecem com regularidade (diariamente, semanalmente, quinzenalmente etc.) durante um período (curto ou longo) porque são importantes para o desenvolvimento de determinados procedimentos, hábitos ou atitudes.

Ex: Leitura diária feita pelo professor, Roda semanal de conversa ou leitura, Oficina de produção de textos, Leitura sistemática de curiosidades científicas ou das notícias, organização e funcionamento de uma biblioteca de classe, tornando-a um espaço sistemático de intercâmbio entre os leitores, organização de agendas de leitura, registros de comentários e apreciações sobre leituras realizadas.

Atividades sequenciadas

São atividades planejadas em uma sequência inclusiva: o que vem a seguir depende do que já foi realizado (e aprendido) anteriormente. São muito parecidas com os projetos, mas não têm um produto final. Os próprios projetos são constituídos por atividades sequenciadas.

Ex: Atividades para ensinar as operações matemáticas, para ensinar a produzir um determinado tipo de texto, para ensinar um jogo complexo, etc.

Situações independentes

Ocasionais: são aquelas que não foram planejadas previamente, mas que se considera relevante inserir ou "aproveitar" no trabalho. Podem ser propostas pelo professor ou pelos alunos. Ex: Assuntos importantes que são notícia e que interessam aos alunos, fatos ocorridos na escola ou na comunidade, materiais interessantes enviados pelos pais ou encontrados pelos alunos, etc.

De sistematização: são aquelas que contribuem para que os alunos sistematizem os seus conhecimentos sobre um determinado conteúdo aprendido. Embora não decorram de propósitos imediatos, essas atividades têm relação direta com as expectativas de aprendizagem definidas para um determinado período. Ex: Situações de retomada do que foi ensinado sobre um determinado conteúdo para organizar as informações disponíveis e favorecer a sistematização (pelos alunos) dos conhecimentos adquiridos.

Projetos

São situações didáticas em que o professor e os alunos têm propósitos comuns e se comprometem com a conquista de um produto final, que é fruto do trabalho de todos e tem um sentido social real ("produto", nesse caso, não significa algo "palpável", mas sim um resultado: pode ser uma festa, uma mostra de trabalhos produzidos, uma apresentação pública de leitura ou jogral, a organização de uma biblioteca de classe, um livro, jornal ou texto, etc.). Nos projetos, as ações propostas ao longo do tempo são planejadas de forma sequenciada, têm relação entre si e fazem sentido em função do resultado que se deseja alcançar.

Ex: "Coleções" (organização de coleções para aprender conteúdos matemáticos), "Brincadeiras" (resgate de brincadeiras antigas e produção de um livreto de

[21] Texto produzido por Rosaura Soligo, a partir de ideias defendidas por Délia Lerner e Mirta Castedo.

textos instrucionais), “Paisagens” (estudo de como pintores de diferentes épocas retrataram as paisagens e organização de uma mostra com produções da classe), Animais em extinção (estudo de alguns animais em extinção e produção de uma pequena enciclopédia), etc.

Os projetos da fase complementar foram pensados com foco na Língua Oral e Escrita e nas competências sugeridas para cada faixa etária; daí a necessidade de priorizar determinado gênero e portador textual. Entretanto, os projetos podem ser pensados interdisciplinarmente, conjugando temas de diferentes áreas do saber. Vale ressaltar que, embora seja desejada essa articulação, não se podem perder o foco e os objetivos propostos para o trabalho com a Língua.

Assim sendo, priorizou-se para o 4º Ano a produção de um jornal, por ser um portador de texto que traz informações diversificadas, pois apresenta vários gêneros textuais – notícias, reportagens, crônicas, anúncios, resenhas e, eventualmente, entrevistas, biografias, poemas, etc. Todo esse material é organizado em cadernos temáticos – esportes, economia, cultura, cotidiano e outros.

É importante que, por meio do projeto, os alunos aproveitem de fato a oportunidade para se atualizar, saber a opinião de outros, saber mais sobre o país, sobre os esportes, sobre outros locais, enfim, compreender que a leitura dos jornais pode possibilitar o conhecimento de assuntos diversos, e vivenciem comportamentos típicos de um leitor de jornal.

É necessário cuidar para que esses momentos não sejam encarados pelos alunos como uma atividade meramente escolar. Ao ler textos jornalísticos, é salutar estimulá-los para que expressem suas opiniões e debatam ideias, utilizando para isso seu próprio conhecimento de mundo, além da interpretação do texto lido.

É importante que tenhamos claras quais competências e habilidades devemos esperar das crianças ao final de cada ano, de forma que possamos traçar metas objetivas em nosso trabalho.

Sendo assim, esperamos que, ao final do 4º ano, os alunos sejam capazes de:

- Participar de situações de intercâmbio oral, ouvindo com atenção; formular e responder perguntas, explicar e ouvir explicações, manifestar opiniões.
- Ler com autonomia e reconhecer a finalidade de diferentes gêneros apoiando-se em conhecimentos sobre o tema do texto, as características de seu portador, do gênero e do sistema de escrita.
- Reescrever textos (contos, lendas, entre outros), considerando as ideias principais do texto fonte e características da linguagem escrita.
- Escrever alguns textos de autoria (bilhetes, cartas, regras de jogos, textos jornalísticos, entre outros), utilizando recursos da linguagem escrita.
- Localizar informações explícitas e implícitas em um texto.
- Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a sua continuidade.
- Inferir o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação expressiva ou de outras notações.
- Identificar tempos verbais e conjugações como elemento determinante de sentido ao texto.

Para finalizar, sugerimos uma organização dos conteúdos do projeto que se pretende desenvolver com as crianças dentro do gênero jornalístico.

Projeto: Plugado no mundo
1. <u>Objetivo compartilhado com os alunos (produto final):</u> elaboração de um jornal da escola como uma situação real, que deverá ser reproduzido e destinado a outros leitores.
2. <u>Justificativa:</u> o jornal é um objeto relevante culturalmente, que tem valor pelo seu uso social, fundamental para a formação de leitores críticos, de pessoas que desejam se informar, se divertir, obter indicações de leitura, cinema, etc. São muitas as oportunidades que se pode criar a partir do uso do jornal no cotidiano da escola, visando a aprendizagens no eixo da oralidade, da leitura e da escrita. A leitura do jornal permite que as crianças tenham acesso às informações que circulam em seu bairro, na cidade, no país e no mundo, podendo externar opiniões e ideias. Possibilita que elas aprendam para que se usa um jornal, que tipo de informações podem ser encontradas ali, que conheçam as práticas usuais dos leitores do jornal.

3. O que se espera que os alunos aprendam: identificar as características do texto jornalístico, praticar a leitura desse gênero e seus usos sociais (informar, comprovar informações, aperfeiçoar dados, comparar notícias, entreter, argumentar e defender um ponto de vista), ampliar sua possibilidade de expressão e comunicação, reconhecer-se como produtor de texto, envolver-se em práticas de escrita e revisão de textos, registrando informações relevantes para o jornal escolar.
4. O que o professor deve garantir no decorrer do projeto: ler jornais tanto para obter informações (acompanhar o desenrolar dos acontecimentos que marcam as dia a dia: eleições, campeonatos mundiais, fenômenos naturais, etc.) quanto para se distrair; disponibilizar jornais para que escolham notícias para ler e comentar experiências e conhecimentos, confrontando pontos de vista e tomando posições; relacionar o conteúdo de uma notícia com outros textos conhecidos; arquivar as notícias lidas pelos alunos em uma espécie de álbum, construindo assim uma hemeroteca, ou coloque-as no mural da classe, servindo para consulta ou estudo posteriormente; elaborar coletivamente um pré-texto, respeitando o esquema de composição das notícias e dos aspectos gráficos e tipográficos, propiciar momentos de produção da escrita das notícias, legendas, editoriais, etc.; possibilitar a revisão dos textos produzidos coletivamente, em dupla ou individualmente, fazendo as intervenções necessárias, encarando esse momento como uma boa situação de aprendizagem de análise e reflexão sobre a língua; edição do jornal; garantir o trabalho em grupos, para que as crianças possam ser parceiras de fato, colocando em jogo os saberes individuais.

Referências Bibliográficas

BRUNER, J.S. **Uma Nova Teoria da Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Bloch, 1998.

FERREIRO E. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.

Lerner, Delia. **Ler e escrever na Escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MEC (SEB). Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. Coletânea de textos. V.3, 2000.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Projeto **Toda Força ao 1o Ano: guia para o planejamento do professor alfabetizador** – orientações para o planejamento e avaliação do trabalho com o 1o ano do Ensino Fundamental. Secretaria Municipal de Educação. – São Paulo : SME / DOT, 2006.

TEBEROSKY, Ana, TOLCHINSKY, Liliana (org.). **Além da alfabetização**. São Paulo: Ática, 1996.

INGLÊS

O objetivo principal do ensino de inglês do 1º ao 5º ano em nossa rede é tornar a língua inglesa familiar para os alunos. Ao assimilar um vocabulário básico, expressões simples em situações reais, que façam sentido à sua vida, o aluno passa a desejar aprender mais, entendendo a real importância que a língua inglesa tem na vida de todos nós. Isso significa ensinar-lhes por meio de aulas descontraídas, interessantes, com atividades lúdicas, músicas, uso de fantoches, jogos, máscaras e demais recursos para que a criança seja envolvida de forma prazerosa no processo de aprendizagem.

Como dissemos, é fundamental que o professor, num primeiro momento, leia seus planos de curso para elaborar seu próprio planejamento. A relação dos conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais) deve servir de referência para a elaboração do planejamento, plano de aula e a seleção das atividades a serem desenvolvidas ao longo do ano.

Sugerimos que o professor siga uma abordagem metodológica global que desenvolva prioritariamente a habilidade oral (escutar e falar) por meio do lúdico, do sensorial e das ações, introduzindo gradualmente as habilidades de leitura e escrita, como suporte ao aprendizado oral. Aqui entram as atividades de encenações (*role-play*), movimentos que expressem a letra de uma música e de ***TPR***[22] (*Total Physical Response*) para executar instruções, jogos de adivinhação, troca de papéis, trabalho em pares ou grupos, além de exercícios de compreensão oral (ao escutar o professor, o *CD*, o vídeo ou o colega) para obter informações.

A habilidade de leitura deve ocorrer indiretamente (com associação de palavras a um desenho ou procura de palavras), de forma a criar um ambiente alfabetizador, sem obrigar o aluno a saber ler e escrever em inglês. No início do 4º ano, o professor de inglês pode ser o escriba e usar sempre **letra bastão maiúscula**, mesmo que a criança peça a letra cursiva ou já esteja alfabetizada, pois está sendo apresentada a uma diferente relação fonética entre sons e letras. Além disso, em inglês, usamos com maior frequência letras com as quais ela ainda não está muito familiarizada (K, W, Y). Com o livro didático adotado, os alunos começam a ser introduzidos na leitura e escrita em inglês, mas o professor precisa **ler em voz alta (ou, no caso da língua estrangeira)** tudo o que precisar ser lido. Não se deve exigir que os alunos que ainda não estão completamente alfabetizados leiam ou escrevam em inglês sozinhos. Eles provavelmente questionarão as diferenças entre a escrita e a pronúncia das palavras, comparando-as com a língua portuguesa. Esses questionamentos são importantes e enriquecem a aprendizagem, pois os alunos terão, além do português, mais um idioma para comparar e compreender que o sistema de escrita é diferente da forma que se fala. No entanto, ainda não podemos exigir que o aluno escreva em inglês sem a existência de um banco de palavras para usar como referência.

A criança, nessa idade, ainda precisa que as aulas sigam uma rotina. Sugerimos que o professor, ao chegar, faça um jogo de *warm-up* ou cante uma música. Depois introduza o conteúdo a ser aprendido por meio de atividades orais, com auxílio de recursos de áudio, vídeo e estímulos verbais do professor, físicas (com encenações e atividades de *TPR*), artísticas (desenhos, recorte e colagem, uso de massa de modelar, pintura, etc.), atividades do livro didático, revisão do que foi aprendido e feito na aula e pode, ainda, terminar com uma música.

Como as crianças ainda não conseguem se concentrar por longos períodos de tempo, é preciso estar sempre pronto para o inesperado. O professor deve ter todos os materiais prontos à mão (*posters, flash cards*, jogos) para poder mudar a atividade se algo não der certo, além de recorrer a diversas estratégias para obter a atenção dos alunos sem que seja necessário levantar a voz.

Durante as aulas, sugerimos que o professor desenvolva práticas básicas associadas ao aprendizado, como: memorização, previsão, cooperação, criatividade e expressão física. O professor deverá fazer muitas perguntas aos alunos, desafiá-los a pensar, a recordar, a imaginar, a adivinhar, incentivando-os a participar dos trabalhos em grupo, dos jogos e das demais atividades. É preciso ter em mente que há crianças com estilos diferentes de aprendizagem, umas são mais visuais, outras, auditivas, e ainda há as que são mais cinestésicas.

É necessário ter recursos prontos para serem utilizados em cada aula. Este é mais um motivo para trabalhar em equipe com os docentes de todas as áreas. Em inglês, recursos visuais, como os *flashcards,* e imagens, recursos materiais, como *realias* (material concreto), fantoches, chapéus, material de áudio, vídeo, *DVD*, etc. Se os *flashcards* estiverem com o vocabulário escrito, as **letras** devem ser digitadas **claramente em letra de forma maiúscula** ou **escritas** com caneta ou pincel atômico preto, como já dissemos.

Na preparação da aula, as atividades mais agitadas deverão ser previstas para o final da mesma; do contrário, os alunos podem se animar demasiadamente e perder de vista o objetivo da aula. Devem-se utilizar diversos tipos de atividades, além de alternar as em grupo, duplas e individuais. Trabalhar oralmente de maneiras diferentes, oferecendo variedade, é útil e eficaz, considerando-se o tempo relativamente curto de concentração dos alunos e os seus diversos estilos de

[22] Mais informações sobre ***TPR Activities***: (http://www.tpr-world.com)

aprendizado. A maior parte do tempo de aula deve ser gasta na apresentação dos novos elementos e nas atividades de *listening* e *speaking*.

O tempo gasto com os exercícios de colorir, associar, circular e desenhar deve ser menor, visto que enfocamos o desenvolvimento da competência comunicativa. As aulas não devem ficar “presas” ao uso do livro ou material fotocopiado. Também é bastante útil haver um local onde se possam expor os trabalhos das crianças. Os cartazes *e material* confeccionado pelos alunos podem ser feitos de papel pardo ou cartolina contendo as produções dos alunos. Uma mostra bem organizada pode ser a base para discussões, promovendo interdisciplinaridade e também envolvendo os pais no sentido de acompanhar o progresso de seus filhos. Para ser bastante eficaz, a mostra deverá ser renovada frequentemente.

Compreensão oral (*listening*)

Os alunos devem ser expostos o máximo possível ao inglês em sala. CDs e DVDs são ótimos recursos audiovisuais. A quantidade de inglês utilizada. A quantidade de inglês utilizada para dar instruções deve aumentar gradativamente e, por conseguinte, deve-se estabelecer o hábito de responder às atividades habituais em inglês. Pede-se aos alunos que executem certo número de atividades de ***TPR***, ou "*listen and do*", durante as quais se praticam os elementos linguísticos. Ex.: *Good morning/afternoon; hi; How are you?; fine, thanks; stand up; sit down; line up; come here; please; thanks/thank you; you're welcome; bye-bye; see you; very good; great; beautiful; May I go to the toilet?; yes; no; let's sit in a circle; draw; you can do it better/nicer; repeat; ask; answer; look; listen; point; sing; let's sing; let's go; say; etc.*

Produção oral (*speaking*)

Deve-se dar aos alunos um "período de silêncio" no início do ano, durante o qual eles escutam o inglês sem pressão de responder oralmente. Os alunos não devem ser forçados a responder verbalmente enquanto não estiverem prontos. No entanto, **devem ser incentivados** a fazê-lo por meio de atividades orais e de repetição, principalmente em grupo. Além disso, as canções oferecem a oportunidade de utilizar o idioma oralmente dentro de um contexto seguro.

O ensino do inglês (e até da língua materna) requer máxima atenção aos modelos de pronúncia oferecidos, porque, nesta faixa etária, as crianças são muito sensíveis e receptivas a novos sons. O professor precisa estar atento à sua pronúncia para ensinar corretamente.

Uso de canções

Se as crianças não aprendessem melhor com músicas, programas de TV infantis não existiriam. A música é extremamente importante nas aulas de inglês. Pode manter as músicas preferidas dos alunos durante várias aulas e diversificar as técnicas de ensino para que eles aprendam o mesmo conteúdo em 3, 4 ou 5 aulas, por meio de atividades diferentes.

Além disso, é mais interessante para o aluno se ela for executada com gestos, movimentos e até coreografias que representem o que está sendo cantado. O professor precisa estudar bem a música, a pronúncia correta das palavras, além de praticá-la antes de cantá-la com os alunos. Há vídeos, *DVDs* e livros, além da *internet*, em que estes movimentos são demonstrados e explicados. Muitas vezes, os próprios alunos conhecem filmes e seriados de TV em que as músicas são em inglês e há danças coreografadas. Esse tipo de atividade os estimula a cantar em inglês e os professores devem tirar proveito de toda oportunidade que aparecer.

Uso de fantoches

Os fantoches são excelentes para ensinar inglês às crianças, pois as atraem e podem ter uma série de funções: apresentar conteúdos, fornecer um elemento cômico, fazer encenações, dar segurança, além de incentivá-las a se expressar oralmente. No entanto, no 4º ano, as crianças talvez precisem de uma abordagem mais “pré-adolescente” no uso do fantoche. Cabe ao professor decidir, junto aos alunos, se eles desejam ou não fazer uso dessa ferramenta e possam construir o seu, caso decidam que sim.

Encenar estimula a percepção de si mesmo e de outros pontos de vista, relacionando-os e construindo pensamentos. Além disso, proporciona oportunidade de dialogar e ouvir atentamente. Caso os alunos se sintam inibidos em encenar situações em inglês (*role-play*), aprender a construir bonecos/personagens e improvisar histórias é ótima oportunidade de ter contato com os elementos do teatro, vencer a timidez, liberar a criatividade e conhecer melhor a si mesmo.

Interdisciplinaridade

O professor de inglês deve estar em sintonia com o professor de classe e os demais professores especialistas, pois os conteúdos de inglês podem ser trabalhados constantemente de forma interdisciplinar.

- O emprego dos números em inglês deve ser trabalhado durante todo o ano em inúmeras situações (contagem, uso do calendário, dia do mês, idade, etc.) e pode complementar as atividades desenvolvidas nas aulas de **matemática**.
- Algumas danças, atividades de expressão corporal, jogos e brincadeiras podem ser trabalhados junto com o professor de **educação física**.
- Com o professor de **arte,** podem-se trabalhar as canções, rimas, expressões corporais, gestuais e faciais nas melodias apreciadas e cantadas, assim como o estudo das cores, de pintura, modelagem, folclore, montagem de brinquedos com sucata, jogos dramáticos (*role-play*) e teatro de fantoches.
- Ao desenvolver os conteúdos relacionados ao próprio nome, à família, hábitos alimentares, aniversário, brinquedos, além das manifestações culturais dos países de língua inglesa, é possível articulá-los aos conteúdos de **história**.
- Quando o professor de inglês trabalhar os animais da fazenda, alimentos e o corpo humano, pode abordar, junto ao professor de classe, os conceitos, procedimentos e atitudes de **ciências**.
- Complementar com atividades do ***Site* da Educação** ou outros *sites* da *internet*, nas aulas de **informática educativa.**
- Proponha o uso do dicionário português-inglês e vice-versa para solucionar dúvidas de grafia.
- Ao apresentar o uso do plural dos substantivos e a posição dos adjetivos, o professor de língua inglesa pode relacioná-lo e contrastá-lo com o uso dos mesmos conceitos, porém de forma diferente, na **língua portuguesa**, em parceria com o professor da classe.

Aproveitem as **RAPs** para conversar com os colegas de outras áreas, como também com a equipe pedagógica, a fim de planejar as aulas, projetos, atividades e apresentações de forma interdisciplinar.

Avaliação

Avaliamos constantemente nossos alunos, mas nem sempre conseguimos lembrar o nome de todos e seu desempenho nas aulas. Sugerimos manter um controle das atividades feitas e dar uma nota para o **empenho do aluno durante as aulas**. Esta avaliação pode ser feita, por exemplo, com cinco a dez alunos por vez, sem que eles saibam que estão sendo avaliados.

É imprescindível ainda elogiar sempre o empenho dos alunos e dizer *very good, excellent, good work, great*, etc., certificando-se de que eles compreendam o significado dessas expressões. **É muito importante elogiar a produção do aluno, mesmo que não esteja como o professor esperava.** Temos que ter em mente que o aluno tem somente 8 ou 9 anos, está se empenhando e precisa ser motivado. Deve-se deixar claro que é preciso errar para poder aprender e é para isso que eles estão na escola. Assim, o professor e o grupo têm de fazer alguns "combinados". **Tentar falar em inglês, ser corrigido e não ter medo de errar** devem estar nessa lista. Os alunos precisam se sentir confortáveis para falar, mesmo que, a princípio, esteja "errado".

Devemos ter em mente que o ensino de inglês do 1º ao 5º ano deve fazer parte dos momentos prazerosos, quando a autoestima do aluno é reforçada de forma positiva, assim, não podemos exigir perfeição das crianças, ainda mais porque os conteúdos conceituais são revistos em todos os anos, de forma espiralada, proporcionando a assimilação (*acquisition*) de um conteúdo específico em momentos diferentes. Assim sendo, o professor de inglês não deve ser inflexível em relação às notas.

Referências bibliográficas

DEL PASO, A. et alli. **Squeeze 3 – Teacher's Edition**. Mexico, D.F.: Macmillan, 2006.

HARPER, K. et alli. **Kids United – Livro do Professor 1**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HERRERA, M. & ZANATTA, T. **New Parade 1 – Teacher's Edition**. New York: Addison Wesley Longman, Inc., 2000.

MELO, L. et alli. **Spaghetti Kids – Teacher's Book 1**. São Paulo: Macmillan, segunda impresão, 2002.

REETZ, A. et alli. **Let's Go 1 – Teacher's Book**. Hong Kong: Oxford University Press, 2000.

SALVADOR, R. W. **Kinder Steps – Teacher's Guide Level 3**. Mexico, D.F.: Richmond Publishing, 1999.

TAPIA, J. A. & FITA, E. C. – **A motivação em sala de aula – o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2006.

ARTE

Música

A importância da Música para a criança é evidente e indiscutível. Porém, para que a criança faça o bom uso e se beneficie da linguagem musical é preciso que esta seja apresentada de forma cuidadosa e adequada.

Conceitos e teorias passam a ser necessários para uma prática mais significativa, mas de nada valem se estiverem distantes dessa prática. Se o professor vai conceituar pulso e acento, deve então elaborar atividades em que fique evidente a importância desse conhecimento. Ao ensinar a leitura de notas que faça uso dessa leitura em situações de canto, como pequenos vocalizes, ou mesmo na representação de canções trabalhadas, fornecendo a partitura da linha melódica aos alunos e fazendo com eles a análise da canção.

A música deve fazer parte do dia a dia da criança para que haja uma "intimidade" com esta linguagem tão prazerosa. Não se trata apenas de incluir na rotina da criança canções para a hora da entrada, lanche, saída, etc. Momentos de apreciação, relaxamento e execução musical podem e devem ser vivenciados durante todo o processo de aprendizagem, como mais uma forma de expressão, uma linguagem que chega mais fácil ao âmago da criança, deixando-a mais feliz e confiante.

Projetos interdisciplinares são muito importantes nesta fase, pois, envolvendo a música com as outras disciplinas, estimulamos a prática musical dos alunos e a valorizamos em outras situações além da aula de música, proporcionando momentos de uma execução musical mais elaborada, normalmente destinada a uma apresentação, o que vai despertar um verdadeiro interesse estético, musical e artístico.

> [...] as emissoras de TV e rádio não divulgam as tradicionais músicas folclóricas, mas somente as populares, sendo muitas de péssimo gosto, com textos inadequados para as crianças sem se falar na tessitura e "desaprendizagem" da língua nacional. Isso é bastante preocupante porque essa invasão de canções populares, de pouco ou nenhum valor musical, levam a criança a uma deformação da estética musical. (STATERI, 1997)

Não podemos nos esquecer de que nós, professores, também somos vítimas desta situação, muitas vezes nos deixando levar pelo modismo e nos habituando a aceitar ou mesmo gostar daquilo que nos é imposto pelos meios de comunicação.

Sugerimos que o professor de faça um **diagnóstico** da sua classe. O professor precisa saber qual é a real vivência musical de seus alunos, por meio de atividades simples de pulso, acento, altura e canto e até mesmo uma conversa para saber qual é o universo sonoro em que eles vivem.

Desta forma, o professor poderá elaborar seu planejamento direcionando seus objetivos e estratégias de acordo com cada classe, explorando os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais do Plano de Curso, de forma mais significativa.

O planejamento do professor precisa ser flexível. As ações devem estar abertas a mudanças e adaptar-se a imprevistos ou projetos que podem surgir no decorrer do ano. Nesse processo, é importante **avaliar**, observando e refletindo sobre o que está dando certo ou errado, replanejando quando necessário.

Na educação musical, trabalhamos *tudo ao mesmo tempo e o tempo todo*. Embora os conteúdos estejam organizados por tópicos (pulso, acento, improviso dirigido, etc.) estes não devem ser trabalhados de forma linear. Ao trabalhar pulso, por exemplo, por meio de um jogo musical, o aluno está também exercitando sua percepção auditiva, rítmica e melódica, lateralidade, atenção e prontidão. Uma brincadeira cantada pode envolver mais de um conteúdo, mesmo que a ênfase, naquele momento, esteja em um tópico específico.

Nesta fase, o aluno é movido por desafios. Desta forma, sugerimos que os conteúdos conceituais sejam apresentados ao aluno de uma forma descontraída e que se incluam, neste processo, desafios nos quais estes conteúdos sejam assimilados. Criatividade e disposição são imprescindíveis para conquistar e manter o aluno motivado a participar. O elemento lúdico (o jogo) é muito importante para que a criança se entregue de forma espontânea à aprendizagem. Então, o professor precisa ficar atento para que a aula de música não perca esta característica que tanto incentivamos nos anos iniciais, em que o lúdico e a prática musical estão extremamente ligados.

Improvisação sonora dirigida.

O improviso tem sido motivo de grande discussão na pedagogia musical. Entendemos que, por meio do improviso, o aluno resgata sua aptidão para criar e expressar-se rítmica e melodicamente. Para isso, é necessário que ele possua um conhecimento prévio dos elementos a serem utilizados, como células rítmicas e ostinatos rítmicos e melódicos. O improviso precisa ser "preparado" pelo professor por meio de inúmeras atividades de vivência rítmica e melódica, buscando uma variedade no uso de materiais sonoros e do próprio corpo.

Manifestações folclóricas

O folclore deve estar presente no dia a dia da sala de aula. Brincadeiras cantadas, cantigas de roda, jogos, danças, etc, auxiliam no aprendizado musical e transformam a aula de música num momento muito mais agradável. Mas é preciso que, aos poucos, a criança se conscientize da importância de se preservar as manifestações folclóricas porque elas fazem parte da nossa identidade cultural. O fato de estarmos trabalhando com crianças mais velhas não significa que devemos abandonar estas atividades, mas sim buscar, em nosso imenso repertório folclórico brasileiro, canções mais apropriadas à faixa etária. Com uma lateralidade mais desenvolvida, as crianças, nesta fase, costumam apreciar cirandas e outras danças com passos mais elaborados e aspectos rítmicos mais complexos.

Música erudita

O aluno deve ser capaz de identificar e diferenciar a música erudita da música popular. Este conceito e a terminologia correta (erudita ao invés de clássica) devem ser retomados pelo professor com muita tranquilidade.

Espera-se também que, ao trabalhar a música erudita em sala de aula, o professor procure facilitar a aproximação do aluno com este universo sonoro tão presente no seu dia a dia, que, normalmente, o aluno não percebe: nas trilhas sonoras, em desenhos animados, em comerciais de TV, etc. A partir daí, quebrando preconceitos, podemos incentivar e promover uma maior aproximação com a música erudita seja na execução ou apreciação musical.

> Música clássica afugenta muita gente, por motivos variados: a vastidão do repertório, a concentração necessária, a pompa dos concertos, a desinformação sobre o assunto, a insegurança sobre a melhor maneira de ouvir. No fundo, o motivo é a preguiça: o que é estranho, quando se pensa que é a preguiça de se dar um prazer.
> (Folha de São Paulo, 24 de março de 1998)

Canto coletivo

A cada momento, a criança vivencia a alternância entre atuar e observar, cantar e ouvir. Aprender a ouvir o outro, a perceber a consonância ou dissonância do todo e encontrar a maneira adequada de com eles se relacionar; estes são grandes aprendizados, além de muitos outros, que ela pode fazer por meio da música. Podemos dizer que crianças que se exercitam, coletivamente, repetindo a mesma canção ou peça instrumental, com a intenção de aprimorá-la, estão praticando uma vontade social construtiva e buscando, em conjunto, a harmonia do todo.

O cantar é a grande alavanca da educação musical. O cantar é a bagagem que o aluno traz consigo. Desde bebê, escuta as cantigas de ninar na voz da sua mãe; mais tarde, suas brincadeiras são, na maioria, cantadas ou ritmadas. É a principal fonte de produção musical da criança e é quando ela põe em prática os elementos que aprendeu na aula.

> A escolha dessas canções é das mais melindrosas. A linha melódica deve ser bem nítida, clara como um fio de água que corre em direção definida: [...]; os ritmos facilmente assimiláveis; e, se necessário, adaptado ao andamento normal da canção às possibilidades das crianças.[…]Quanto a sutilezas de tendências modernas ou exóticas, é preferível reservá-las para mais tarde – a sutileza transcende, normalmente a capacidade receptiva das primeiras idades.
> (Raquel Marques Simões – Canções para Educação Musical).

Desta forma, sugerimos que o professor cante muito com seus alunos. Você, professor, deve ser uma referência para o aluno, portanto, é necessário cuidar

da sua voz e começar a ensiná-los a cuidar da voz deles. Coisas aparentemente muito simples como não gritar e explicar que as nossas “cordas” vocais não podem ser trocadas como a de um violão, desestimulando a ação de gritar, cantando ou não. Mostre a importância da expressão e da articulação. Trabalhe a dinâmica das músicas. Ajude-os a conhecer um universo sonoro diferente daquele que normalmente eles têm oportunidade.

Artes visuais

As orientações didáticas para os cursos de Arte referem-se ao modo de realizar as atividades e às intervenções educativas com os estudantes no domínio do conhecimento artístico e estético. São ideias e práticas sobre os métodos e procedimentos para viabilizar o aperfeiçoamento dos saberes dos alunos em Arte. Esses métodos e conhecimentos deverão levar em consideração o valor educativo da ação cultural da arte na escola.

Tais orientações referem-se ainda às escolhas do professor quanto aos conteúdos selecionados para o trabalho artístico em sala de aula, aos direcionamentos para que os alunos possam produzir, compreender e analisar os próprios trabalhos e apresentar noções e habilidades para apreciação e análise crítica do patrimônio cultural artístico.

O processo de conhecimento na área artística dá-se especialmente por meio da resolução de problemas, assim como nas outras disciplinas do currículo escolar. O que é resolver problemas em arte? A partir da reflexão sobre essa pergunta, são apresentados alguns pontos que a visam a orientar os professores de arte na compreensão das tarefas e papéis que podem desempenhar a fim de instrumentalizar o processo de aprendizagem dos alunos. Podemos identificar duas classes de problemas que fazem parte do conjunto de atividades da área artística:

- Problemas inerentes ao processo criador do aluno, ligados à construção da forma artística, ou seja, à criação, envolvendo questões relativas às técnicas, aos materiais e aos modos pessoais de articular sua possibilidade expressiva às técnicas e aos materiais disponíveis, organizados numa forma que realize sua intenção criadora. No percurso criador específico da arte, os alunos estabelecem relações entre seu conhecimento prévio na área artística e as questões que um determinado trabalho desperta, entre o que querem fazer e os recursos internos e externos de que dispõem, entre o que observam nos trabalhos dos artistas, nos trabalhos dos colegas e nos que eles mesmos vêm realizando. São questões que se apresentam durante sua atividade individual ou grupal, que mobilizam o conhecimento que têm dos conteúdos de Arte, suas habilidades em desenvolvimento, sua curiosidade, segurança para experimentar e correr riscos, suas possibilidades de avaliar resultados, o contato com suas necessidades expressivas, sensibilidade para observar e refletir sobre seu trabalho, sua disponibilidade para conviver com a incerteza e o resultado não desejado e muitas outras possibilidades que fazem parte de todo processo de criação.

- A aprendizagem dos alunos também pode ocorrer por meio de uma outra classe de problemas, inerente às propostas feitas pelo professor, que caracterizam uma intervenção fundamentada em questionamentos como parte da atividade didática. Tal intervenção pode ocorre em vários aspectos dessa atividade, antes e durante o processo de criação artística dos alunos, e também durante as atividades de apreciação de obras de arte e de reflexão sobre artistas e outras questões relativas aos produtos artísticos. A intervenção do professor abarca diferentes aspectos da ação pedagógica e caracteriza-se como atividade criadora, tendo como princípio que ele é antes de mais nada um educador que intencionalmente cria, sente, pensa e transforma. Quanto à organização do espaço e do tempo de trabalho, é importante que o espaço seja concebido e criado pelo professor a partir das condições existentes na escola, para favorecer a produção artística dos alunos. Tal concepção diz respeito:

  - à organização dos materiais a serem utilizados dentro do espaço de trabalho;
  - à clareza e funcionalidade do ambiente;
  - à marca pessoal do professor a fim de criar “a estética”, incluindo a participação dos alunos nessa proposta;
  - à característica mutável do espaço, que permite novos remanejamentos na disposição de materiais, objetos e trabalhos, de acordo com o andamento das atividades.

A criação do espaço de trabalho é um tipo de intervenção que “fala” a respeito das artes e de suas características por meio da organização de formas manifestadas no silêncio, em ruídos, sons, ritmos, luminosidades, gestos, cores, texturas, volumes, do ambiente que recebe os alunos, em consonância com os conteúdos da área.

A avaliação é um instrumento importante no processo de ensino/aprendizagem, não é apenas uma etapa do processo, e sim uma atividade continuada que deve acompanhar o processo todo e não só um produto final. Na área de Arte, o processo deve levar em conta as etapas do desenvolvimento cognitivo e emocional do aluno. Criar formas de registrar e documentar atividades desempenha um papel importante na avaliação e no desenvolvimento do trabalho. Além disso, temos ainda a autoavaliação com relatos de descobertas realizadas durante as aulas, registro escritos (diários de bordo) em grupos ou individualmente. Pesquisar elementos que contribuam para o enriquecimento da aprendizagem artística de seus alunos: imagens, textos que falem sobre a vida dos artistas e artesãos locais, revistas, vídeos, fitas de áudio, CDs, mídias em geral, manifestações artísticas da comunidade, exposições, apresentações musicais e teatrais, materiais trazidos pelos alunos também possibilita avaliar.

História da Arte

Conhecer a história da arte é compreender que os trabalhos de arte não existem isoladamente, mas relacionam-se com as ideias e tendências de uma determinada época e localidade. A apreensão da arte ocorre como fenômeno imerso na cultura, que se desvela nas conexões e interações existentes entre o local, o nacional e o internacional.

A percepção de qualidades estéticas

É importante criar formas de ensinar os alunos a perceberem as qualidades das formas artísticas. Propiciar a flexibilidade da percepção com perguntas que favoreçam diferentes ângulos de aproximação das formas artísticas: aguçando a percepção, incentivando a curiosidade, desafiando o conhecimento prévio, aceitando a aprendizagem informal que os alunos trazem para a escola e, ao mesmo tempo, oferecendo outras perspectivas de conhecimento.

Leitura de imagem

Quando uma obra de arte é observada, o aluno percebe os elementos mais simples (cores, texturas, linhas, formas, etc.) e gradativamente vai percebendo os mais complexos. Adquirindo este conhecimento, o aluno terá condições de fazer uma leitura conceitual, já que a leitura informal ele já faz naturalmente, tendo em vista seu contexto histórico e pré-requisitos adquiridos fora da realidade escolar, os quais deverão ser aproveitados.

A produção do professor

Antes da aula:

- O professor é um pesquisador de fontes de informação, materiais e técnicas; apreciador de arte, escolhendo obras e artistas a serem estudados; criador na preparação e na organização do espaço, estudioso da arte, desenvolvendo seu conhecimento artístico.

Durante a aula:

- O professor é incentivador de produção individual ou grupal, propõe questões relativas à arte, interferindo tanto no processo criador dos alunos (com perguntas, sugestões, respostas de acordo com o conhecimento que tem de cada aluno, etc.) quanto nas atividades de apreciação de obras e informações sobre artistas (buscando formas de manter vivo o interesse dos alunos, construindo junto com eles a surpresa, o mistério, o humor, o divertimento, a incerteza, a questão difícil, como ingredientes dessas atividades).
- Estimular o olhar artístico com relação às formas produzidas por eles, pelos colegas e pelos artistas e temas estudados, bem como as formas da natureza e das que são produzidas pelas culturas.

- Propiciar um clima de trabalho em que a curiosidade, o constante desafio perceptivo, a qualidade lúdica e a alegria (aspectos importantes nesta faixa etária) estejam presentes junto com a paciência, a atenção e o esforço necessário para a continuidade do processo de criação artística.
- Criar formas de apreciação da arte, como por exemplo, apresentações de trabalho de alunos, visitas a ateliê e oficinas de artesãos locais, ensaios, maneiras inusitadas de apresentar dados sobre artistas (ex: teatro), escolher objetos como elementos para uma aula, leitura da notícias, poemas e contos durante a aula.
- Acolher materiais, ideias e sugestões trazidas pelos alunos (um familiar artesão, um vizinho artista, um livro ou um objeto trazido de casa, uma história contada, uma festa da comunidade, uma música, uma dança, etc.).
- Formular um destino para o trabalho dos alunos (portfólios, exposições, apresentações.
- Descobrir propostas de trabalho que visem a sugerir procedimentos e atividades que os alunos possam concretizar para desenvolver a percepção de linhas, formas, cores, sons, gestos e cenas, o que contribuirá para o enriquecimento do trabalho artístico dos alunos.
- Reconhecer o ritmo pessoal dos alunos, o que envolve seu conhecimento da faixa etária do grupo e de cada aluno em particular.
- Analisar os trabalhos produzidos pelos alunos junto com eles, para que a aprendizagem também possa ocorrer a partir dessa análise, na apreciação que cada aluno faz por si do seu trabalho com relação ao dos demais.

Exposição

A exposição da produção artística dos alunos faz parte do ensino de arte. Quando o aluno expõe seus trabalhos aos pais e familiares, ele está completando o ciclo do fazer artístico. Quando organizamos uma exposição, aprendemos mais sobre o conteúdo que foi ensinado. Devemos envolver os alunos nessa produção.

Visita a Museus

Uma das atividades que contribuem não só para a área de arte, mas para todas as outras áreas, é a visita a museus e exposições de arte. O museu é um espaço onde estão expostas obras de arte, organizadas por diferentes critérios: tempo cronológico, escolas e estilos, etc. Os alunos deverão fazer um registro sobre o que viram, perceber os critérios de organização do espaço e o tipo de postura para a visitação.

Projetos

Uma das modalidades de orientação didática em Arte é o trabalho por projetos, no qual cada equipe de trabalho pode eleger projetos a serem desenvolvidos em caráter interdisciplinar, ou mesmo referentes a apenas uma das formas artísticas (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro). Um projeto caracteriza-se por ser uma proposta que favorece a aprendizagem significativa, pois a estrutura de funcionamento dos projetos cria muita motivação nos alunos e oportunidade de trabalho com autonomia.

EDUCAÇÃO FÍSICA

"De cada um, de acordo com as suas habilidades,
a cada um, de acordo com suas necessidades"
(Karl Marx)

O objetivo principal da educação física escolar do 1º ao 5º em nossa rede é dar a oportunidade para que todos os alunos desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando a seu aprimoramento como seres humanos. Nesse sentido, cabe ressaltar que os alunos que apresentam deficiências físicas não devem ser privados das aulas de Educação Física, sendo papel do professor proporcionar e incentivar o conhecimento e a vivência das modalidades paralímpicas, contribuindo, assim, para a integração e inclusão de todos os alunos.

Independentemente de qual seja o conteúdo escolhido, os processos de ensino e aprendizagem devem considerar as características dos alunos em todas as suas dimensões (cognitiva, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social). Seja num jogo recreativo, pré-desportivo ou numa dança, o aluno deve aprender, além das técnicas de execução, a discutir as regras e estratégias, apreciá-los criticamente, ressignificá-los e recriá-los.

A educação física escolar deve permitir que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais e se enxergue como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana, contribuindo para a adoção de uma postura não-preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e das pessoas de que dele fazem parte.

Outro aspecto fundamental é o conhecimento sobre o próprio corpo, seu processo de crescimento e desenvolvimento, que são construídos concomitantemente com o desenvolvimento de práticas corporais, ao mesmo tempo que dão subsídios para o cultivo de bons hábitos de alimentação, higiene, orientações sobre a boa postura, saúde e atividade corporal, para o desenvolvimento das potencialidades corporais do indivíduo, permitindo compreendê-las como direitos humanos fundamentais.

Sugerimos que o professor adote uma visão ampla da educação física escolar, transitando pelos diversos conteúdos propostos (jogos, atividades rítmicas e expressivas, conhecimentos sobre o corpo), dentro de um contexto cooperativo, social e de autonomia.

Sabendo que as crianças nesta faixa etária podem pensar em símbolos, mas ainda não podem usar a lógica, elas necessitam de diversos estímulos (visuais, auditivos e cinestésicos), sugerimos então que sejam utilizados materiais coloridos de diversas texturas e tamanhos, músicas entre outros recursos. Lembramos também que, nesta fase, as atividades devem envolver todo o grupo, pois a concentração ainda está presente em curtos períodos.

Os jogos devem ter regras simples e todos devem participar do início ao fim. Os jogos e as brincadeiras pertencentes à cultura popular são um grande aliado nesta fase, assim como elementos construídos com sucata podem trabalhar a imaginação e a criatividade.

Compreende-se a dança, neste momento, como um estímulo para a expressão corporal, coordenação motora e espacial, musicalidade, criatividade e interação do grupo, sem a preocupação com estilo ou técnica. Podemos oferecer, assim, o contato com músicas do universo infantil, da cultura popular e outras que estejam fora do seu cotidiano.

No que diz respeito ao conhecimento do próprio corpo, propomos que isso seja vivenciado tanto durante as atividades práticas como também por meio de desenhos, construção de bonecos, filmes, teatros de marionete e outros.

Interdisciplinaridade

Segundo João Batista Freire, a educação física "trabalha no plano da ação motora, mas quando a maneira de propor as atividades provoca tomadas de consciência, aquilo que era material (corridas, saltos, giros) torna-se conceitual. Em sala de aula, trabalha-se no plano dos conceitos. A relação entre a educação física e outras disciplinas, embora muito estreita, é pouco percebida."

Muitas vezes, trabalhamos de maneira interdisciplinar sem nos darmos conta disso, como no simples fato de solicitarmos a uma sala que se divida em dois grupos com o mesmo número de alunos. Assim, quando utilizamos as múltiplas linguagens nas atividades práticas, estamos ampliando ainda mais as possibilidades das relações entre as disciplinas.

Numa simples atividade de solicitar à classe que todos corram e tragam um determinado objeto (variando entre cor, tamanhos ou quantidades), estamos

trabalhando noções de seriação e classificação. Outro exemplo seria estimular as crianças com histórias e músicas ouvidas e vivenciadas, colocando como desafio completá-las e cantá-las em voz alta, utilizando sua imaginação e percepção.

Considerações finais

O nosso plano de curso é anual, em que se sugerem conceitos a serem desenvolvidos durante o ano. Portanto, fica a critério do professor utilizá-lo na sequência que mais se adapte a sua realidade, podendo também incluir outros conteúdos importantes para sua realidade, sempre respeitando a faixa etária com que se está trabalhando.

HISTÓRIA

"O objetivo da História é, por natureza, o homem."
(Marc Bloch)

O ensino de História e construção de conceitos

No ensino da História, os conceitos de tempo e espaço são fundamentais ao desenvolvimento do raciocínio histórico. O conceito de tempo envolve duração (permanências, rupturas e simultaneidade), ritmos (curta, média e longa), medição e velocidade, enquanto que o conceito de espaço envolve categorias referentes à orientação (lateralidade ou profundidade), de distância, delimitação, interioridade e exterioridade.

A complexidade desses conceitos exige do professor um trabalho contextualizado, a fim de que o aluno possa compreender tais noções e, para isso, faz-se necessário que professores e alunos se posicionem em relação ao conhecimento de forma questionadora e busquem contrapor fontes, versões, e que investiguem e percebam que o conhecimento histórico não é algo pronto, mas uma construção, não linear e evolutiva, mas conflitante, cheia de interesses, com múltiplas interpretações e análises.

História de Santos

No 4º ano, os alunos entram em contato com a história da cidade de Santos. A história local é o ponto de partida para a aprendizagem histórica, pois possibilita a professores e alunos o trabalho com a realidade mais próxima e com o meio em que vivem e atuam.

A cidade de Santos é rica em acontecimentos que se ligam com a história do país e caberá ao professor fazer essa relação entre o micro e macro, a partir de uma reflexão do que é vivenciado. Nesse processo, constitui-se como importante a valorização de temas que dizem respeito à vida do aluno, levando em conta fontes como relatos orais, publicações em jornais locais (Diário Oficial de Santos e outros), revistas, pesquisas arqueológicas na cidade, objetos antigos, cartas, vestimentas, fotografias, gravuras, brincadeiras, jogos, análise de comportamentos, músicas, entre outras, que antes não eram valorizadas no processo historiográfico.

A Secretaria de Educação disponibiliza material didático específico sobre a história local, mas ele não está encerrado em si mesmo, é um material de apoio, que deve ser visto apenas como mais uma versão da História e não como única fonte de conhecimento.

Estudo do Meio: a cidade como espaço educador

O estudo do meio proporciona ao educando o contato com o objeto vivo do conhecimento, ou seja, a vivência do que se aprende em sala de aula. É papel escola proporcionar esses estudos, por meio de atividades realizadas no entorno da escola, no próprio bairro ou a localidades mais distantes. Conhecer e valorizar o local em que se vive, conhecer suas histórias e locais de valor para comunidade é uma grande ferramenta para a construção do conhecimento histórico.

Segundo o PCN de História e Geografia, o estudo do meio, como recurso didático, favorece uma participação ativa do educando na elaboração de conhecimentos, pois permite a elaboração, interpretação e análise de informações obtidas a partir da vida concreta.

O estudo do meio, bem organizado, permite o desenvolvimento do olhar sobre a realidade. Cabe ao professor direcionar esse olhar na direção dos objetivos a ser alcançados, proporcionando aos alunos a oportunidade de compreender a diversidade de interpretações sobre a mesma realidade e organizar suas próprias conclusões sobre o local em que vivem.

Documentos

"[...] a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele" (Marc Block)

A história faz-se com documentos. Mas o que é documento? Documento é tudo em que o homem deixa marcas, desde a poda de uma árvore até a produção de um documento escrito. Cabe ao professor trabalhar essa diversidade de testemunhos em sala de aula. Um simples objeto pode trazer à luz uma série de

informações, basta questioná-lo a respeito do seu contexto histórico-temporal, da sociedade que o criou, usou e o transformou, dos gostos, valores e preferências de um grupo social, do seu nível tecnológico e artesanal, de seus hábitos, da complexa rede de relações. A observação direta, a manipulação e questionamentos de documentos produzidas pelo homem, podem revelar muitas informações, basta que lhe façam perguntas apropriadas: o que é ele? De que material é feito? Como é produzido? Por quem foi produzido? Para quê e para quem? Qual o seu valor? E muitas outras questões levam o educando a descobertas e ao aprendizado de como o conhecimento é construído ao longo da história.

Leitura de imagens

Vivemos em um mundo imagético, então, por que não fazer uso da leitura de imagens dentro da sala de aula? Ela pode nos fornecer dados interessantes sobre a vida do homem, sua cultura e modo de viver no presente e no passado. A iconografia é uma fonte histórica das mais ricas, ela é um registro histórico realizado por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas, impressas ou imaginadas e, ainda esculpidas, modeladas, talhadas, gravadas em material fotográfico e cinematográfico, e não mais simples ilustração de um texto ou livro didático. São registros com que os professores devem estabelecer um diálogo contínuo. É preciso saber indagá-los e deles escutar respostas, mas deve-se sempre levar em conta que, como fonte histórica, traz embutidas as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi produzida, idealizada, forjada ou inventada. Como qualquer outra fonte, deve ser explorada com cuidado, pois não são raros os casos em que elas passam por verdade, porque estariam retratando fielmente uma época, um acontecimento, uma paisagem ou um determinado costume.

Ao fazermos uso, por exemplo, de Benedito Calixto para o estudo da história de Santos, devemos sempre nos posicionar de maneira crítica em relação à sua versão dos fatos, pois ela não representa a realidade histórica em si. Cabe a nós decodificar seus ícones, torná-los inteligíveis aos olhos dos nossos alunos, indo além do que é visível, pois como qualquer outro artista, sua obra é resultado de seleções e fruto de uma época. O mais importante no uso da imagem em sala de aula é que ela também ao ser lida deslocada do seu tempo, por alunos ou por especialistas, é reconstruída a cada época. A ela são agregados novos valores e interpretações. Ao trabalhar com seus alunos a tela de Benedito Calixto sobre a sua versão sobre a fundação de Santos, professor e aluno trazem à luz novos significados à medida que questionam se de fato foi daquele modo que aconteceu ou não. O fato é que a História é sempre reconstruída e não algo pronto e acabado.

Fundação da Vila de Santos - 1545
Artista: Benedito Calixto
Data: 1922
Bolsa do Café – Santos -SP

Indicações Bibliográficas

ANDRADE, Wilma T. F**. Santos – um encontro com a História e Geografia. Santos:** Leopoldianum Editora Universitária, 1992
BARBOSA, Maria V., DIAS, Nelson S. & CERQUEIRA, Rita M.M. **Santos na formação do Brasil:** 500 anos de História. Santos*:* Secretaria Municipal de Cultura, 2000.
BUENO, Eduardo. **Náufragos, Traficantes e Degredados***.* Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
_____**. Brasil: uma História. A incrível saga de um país,** São Paulo: Editora Ática, 2003.
CABOCLO, Eliane e Irene Barcelos. **Gente de São Paulo São Paulo da Gente São Paulo:** Editora do Brasil, 2001.
CARDOSO, David. **Santos na História do Brasil.** Santos: Grupo Rodrimar.
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO & al. **Gohajo – Capitania Hereditária de São Vicente.** São Vicente, 2002.
HORTA, M. de Lourdes, GRUNBERG, Eveline e QUEIROZ MONTEIRO, Adriana. **Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília**: IPHAN: Museu Imperial, 1999.
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO VICENTE. **Poliantéia Vicentina** – 450 anos de Brasilidade. São Vicente: Caudex, 1992.
LANNA, A. L. D. . Uma cidade na transição: Santos, 1870/1913. . Sao Paulo: HUCITEC, 1996
NEMI, Ana Lúcia Lana**. Didática de História: o tempo vivido, uma outra história?** São Paulo: FTD, 1996.
O PODER DA COMUNICAÇÃO. Coleção de Olho no mundo. Editora Abril, 200
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: História e Geografia. Brasilia: MEC/SEF, 1997.
RODRIGUES, Olao. **Cartilha da História de Santos.** Santos:PRODESAN, 1980.
_____**. Nos tempos dos nossos avós - Santos de ontem .** Santos: Instituto Histórico e Geográfico de Santos e da Academia Santista de Letras, 1976.
SANTOS, Francisco Martins. **História de Santos** (vol. I, II e III). São Vicente: Caudex, 1986.

Sites:

http://www.novomilenio.br.inf>
http://vivasantos.com.br>
http://canalkids.com.br>
http:// www.santos.sp.gov.br>
http://:www.pinacoteca.unisanta.br
http://www.museudocafe.com.br
http://www.usp.br/prc/engenho
http://www.itaucultural.org.br
http://www.museuimperial.gov.br
http://www.museudapessoa.net

GEOGRAFIA

No Plano de Curso do 4º ano, são abordados aspectos geográficos do município de Santos. Esse estudo constitui uma realidade próxima ao aluno, por meio do qual se torna possível a compreensão de outras realidades que o cercam. Em seu dia a dia, os alunos acompanham as transformações do espaço geográfico por meio das suas vivências em outros espaços e grupos sociais, conhecimento espontâneo, que precisa ser sistematizado e transformado no espaço escolar.

O subsídio **Santos – Vivenciando a História e Geografia** apresenta material bastante variado: fotos atuais e antigas, mapas, jogos, música, pinturas, charges, entre outras, e tem por objetivo servir de apoio ao trabalho do professor, ampliando a realidade espaço-temporal, pois trabalha com a paisagem local e o espaço vivido pelos alunos.

A construção do conhecimento em Geografia

Morro da favela, 1924,
óleo sobre tela, 64 x 76 cm.
Coleção Sérgio Fadel, Rio de Janeiro

A geografia é uma ciência de observação, que deve ser a habilidade mais desenvolvida com os alunos em uma experiência significativa de construção da noção de espaço.

O espaço que cerca o aluno deve ser o ponto de partida para a observação: a sala de aula, a casa, a escola, a rua da escola, os arredores... Mas não para por aí. E o espaço distante? Como pode ser percebido?

Para isso, a geografia pode contar com muitos aliados: música, fotografias, filmes, histórias em quadrinhos, diários de viajantes, matérias de jornal, pinturas, grafites, esculturas, e outros recursos podem e devem ser utilizados para que o aluno conheça outros povos, lugares, construções etc.

Essas representações do passado e do presente podem auxiliar de diversas maneiras, mas é interessante que o professor os tenha como ponto de partida e não como recurso complementar. Ao invés de ler um texto no livro didático e complementar a informação com imagens, o professor pode primeiro levar a imagem e criar questões a respeito dela estimulando a curiosidade. Utilizando-se a obra “Morro da Favela”, de Tarsila do Amaral, como exemplo, pode-se perguntar: Que lugar é esse? Quem são essas pessoas? O que estão fazendo? Como vivem? Que tipo de construção é essa? Que materiais foram utilizados na construção? Que tipo de mão-de-obra? Quanto tempo demorou? A que classe social as personagens pertencem? Que tipo de relevo é esse? As construções são próprias para esse tipo de relevo? Você conhece algum lugar que se pareça com esse da imagem? Como é?

É claro que as perguntas devem ser adaptadas à faixa etária e ao objetivo proposto. Aos poucos, o professor deve habituar seus alunos a construírem também suas próprias perguntas, levantando hipóteses próprias.

Com as informações em mãos, os alunos podem construir um texto sobre o que aprenderam e uma lista de perguntas sobre as dúvidas que permanecem. A partir delas, pode-se realizar um trabalho de pesquisa em livros, textos da Internet, enciclopédia eletrônica, comparar com outras imagens, comparar com o local onde vivem e outros procedimentos de pesquisa que se julgar necessário.

Além dos textos, os conhecimentos apreendidos podem ser organizados em álbuns de textos, desenhos, gráficos e esquemas. Cartazes, peça de teatro, jornal impresso ou falado também podem encerrar um trabalho desse gênero, que podem culminar em uma exposição. Não é necessário que todo trabalho resulte em uma exposição, mas vale ressaltar que um bom trabalho exige um tempo de planejamento, levantamento de interesse junto aos alunos, assim como das dúvidas e conhecimentos prévios trazidos por eles. Material diversificado nas diferentes etapas de pesquisa e constante avaliação do que está sendo feito são bem-vindos. Um produto final que contenha as informações apreendidas pelos alunos também é muito importante.

Enfim, conhecer a construção das noções e representações do espaço é essencial para que a reprodução de informações dê lugar a uma elaboração de conhecimento verdadeiramente significativo.

Estudo do meio

O estudo do meio é um importante recurso didático, pois proporciona a participação ativa do aluno na construção do conhecimento além de ser um grande aliado no processo de alfabetização cartográfica. Ele permite que o aluno se aproprie do espaço, aprenda a ler o mundo sobre as diferentes formas de ocupação

humana ao longo do tempo, os diferentes modos de morar, de viver, estilos de arte, formas de organização do trabalho e da relação com a natureza e seus recursos.

Segundo o PCN de História e Geografia, para o ciclo I, o estudo do meio, como recurso didático, favorece uma participação ativa do educando na elaboração de conhecimentos, pois permite a elaboração, interpretação e análise de informações obtidas a partir da vida concreta.

O estudo do meio, bem organizado, permite o desenvolvimento do olhar sobre a realidade. Cabe ao professor direcionar esse olhar na direção dos objetivos a serem alcançados, proporcionando aos alunos a oportunidade de compreender a diversidade de interpretações sobre a mesma realidade e organizar suas próprias conclusões sobre o local em que vivem.

Mapas, maquetes e plantas

Os alunos trazem consigo uma série de informações referentes à elaboração de mapas, maquetes e plantas. Os alunos já possuem noções de vizinhança (ao lado de), separação (aquilo que limita, separa), ordem ou sucessão (antes, depois e entre), envolvimento (dentro e fora) e continuidade que devem ser o ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho de representação espacial. Num primeiro momento, a referência espacial da criança é o corpo, mas, nas séries finais do ciclo I, já consegue trabalhar com espaços cada vez mais distantes e desconhecidos, partindo da sala de aula para a rua, o bairro, a cidade, o estado e o país. Para tal, sugerimos:

- Explore a noção de legenda, discutindo as usadas convencionalmente, considerando os referenciais que os alunos já utilizam para se localizar e orientar no espaço. Inicie o trabalho com mapas simples, onde o aluno tenha questões para resolver, seja para se comunicar ou para obter informações. O importante é que ele perceba que os símbolos possuem um significado e que há uma correspondência entre o objeto e o símbolo representado no mapa. Os aviõezinhos representam aeroportos; os traços azuis representam rios, etc.
- Explore a procedência das famílias, quantas nasceram no lugar e quantas se mudaram para aquele lugar. Assim, a classe poderá concluir, por exemplo, que, na cidade de Santos, existe um grande número de migrantes. Em seguida, converse sobre as razões desse fato. É uma boa oportunidade para observar os vários estados brasileiros e questionar sobre as suas diferentes ocupações, por exemplo: por que tem mais gente morando no sudeste?
- Traga para a sala de aula diferentes representações do espaço para que possam comparar. Ex: propaganda de lançamentos imobiliários, plantas da cidade, folders turísticos, fotos de satélites, etc.
- Na passagem do tridimensional (a realidade) para as representações planas (bidimensionais), o professor poderá trabalhar com a construção de uma maquete de algum ponto estudado da cidade (ex.: porto, centro histórico, morros de Santos, Engenho dos Erasmos, etc.) empregando sucata. Nessa atividade, construa escalas intuitivas, ou seja, a percepção do que é maior ou menor e legendas.

Noções de escala

O mapa é um modelo da Terra ou de alguma parte dela. A sua representação depende da escala adotada, o que influencia na quantidade de detalhes que aparecem no mapa. Para compreender essa redução, ou seja, saber o que significa, por exemplo, a distância de 1,5 centímetros entre São Paulo e Santos, é feito um trabalho processual. Seguem algumas sugestões:

- Peça aos alunos que tragam fotos da cidade de Santos e, em grupos, analisem as diferenças de tamanho entre elas; depois, entre as fotos e as pessoas, chegando à noção espontânea de escala.
- O uso do barbante é um grande aliado para a percepção da noção de escala. Comece com objetos, depois parta para a sala de aula; para isso, estique o fio do barbante na extensão da parede ou do objeto, depois vá dobrando até que a redução caiba na folha. Assim como o barbante, podem se usados outros padrões de medida, tais como: palmo, pé, braça, palito.
- A fim de aprofundar os conhecimentos nessa fase, mostre diferentes mapas e explique que um mapa com escala 1:500.000 (“um para quinhentos mil”), indica que o espaço representado foi reduzido em 500 mil vezes a partir do seu tamanho natural para ser representado no papel.

Ocupação, espaço e trabalho

A temática “trabalho e como o homem apropria-se do meio, transformando-o com o uso da tecnologia” são importantes para se compreender a organização espacial e perceber que o modo como a sociedade produz o espaço geográfico depende de como o trabalho é realizado.

Ao estudar a cidade de Santos, pode-se ficar apenas no levantamento dos dados superficiais, tais como de que modo a cidade se organiza a partir de um centro onde estão os prédios da administração pública, que há bancos, hospitais, escolas, praças, que as pessoas se movimentam à procura de lazer, melhores condições de saúde, transporte e trabalho. Para que a investigação ultrapasse a mera descrição da cidade, é necessário discutir com os alunos o processo de construção desse espaço, com questões como: Por que a cidade está localizada nessa parcela do território? Por que a cidade se desenvolveu em torno de um porto? Onde vivem seus habitantes e porque escolhem esses lugares? Como é feito o abastecimento de água? Para onde vai o lixo? Como esse espaço foi construído e de que modo continua se transformando? São questões que levam os alunos a compreender que a cidade é algo dinâmico.

Relatos de viagem, letras de música, recortes de jornal e revistas, obras literárias e filmes

Os relatos de viagem de ontem e de hoje são fontes importantes para conhecer como se deu o processo de construção do espaço na nossa cidade. Nesse sentido, pessoas que a visitam, que escrevem suas opiniões no jornal diário ou que fazem comentários sobre as pessoas do lugar, seus costumes, modo de vida e atividade econômicas são importantes fontes de pesquisa.

Obras literárias e letras de música retratam lugares e modos de viver e podem ser utilizadas de diferentes modos em sala de aula: leitura e comentário, dramatizações, representação por meio de desenho, interferências, criação de poemas, reescrita, entre outras. Para o trabalho com poesia, uma boa fonte são os poemas de Martim Fontes, Vicente de Carvalho e Rui Ribeiro Couto, pois retratam a cidade do seu tempo, com os seus costumes e espaços ora da infância, ora do trabalho ou simplesmente do lazer.

A exploração didática do uso de fotos de jornais e revistas facilita a percepção visual e o entendimento de conceitos abstratos, além de estimular a análise e a interpretação das imagens. Sugerimos o uso de jornais do município que sempre trazem imagens sobre a cidade para montar uma coleção em um caderno onde os alunos poderão anotar suas reflexões, confeccionar mapas ilustrados com fotografias de um único aspecto a ser observado, painel e cartazes com fotos relacionadas ao conteúdo trabalhado. As imagens deverão ganhar legendas, títulos, textos explicativos. Diários de viagens também são bons recursos e as crianças adoram organizar um caderno narrando visitas imaginárias a lugares distantes ou mesmo aos locais da própria cidade já conhecidos ou não.

Bibliografia

HOFFMANN. Jussara. **Avaliação, mito e desafio**. Educação e Realidade. Porto Alegre, 1994.
KOZEL, Salete. **Didática de Geografia: memória da Terra : o espaço vivido**. São Paulo : FTD, 1996.
MORAES, A. Carlos R. **Geografia, pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1992.
SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

Sites

http://www.aprofgeo.geoelearn.com/
http://www.desertdesmat.hpg.com.br/
http://www.sosmatatlantica.org.br/
http://www.sogeografia.com.br/
http://www.ibge.gov.br/home/
http://www.inpe.br

Jogos *online*

http://www.cnpsa.embrapa.br/jogos/
http://edumed.no.sapo.pt/JogoMigMun.htm
http://edumed.no.sapo.pt/JogoAgrMun.htm
http://www.yupis.com.br

ENSINO RELIGIOSO

"A religião é uma das maneiras, mais intensa,
de trabalhar o valor do amanhã."
(Mário Sérgio Cortella)

No que se refere ao aluno:

O Ensino Religioso é uma das dez áreas do conhecimento definidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais aprovadas em 1998 pelo Conselho Nacional de Educação. A Diretriz nº. 4 afirma que: "IV – Em todas as escolas deverá ser garantida a igualdade de acesso para alunos a uma Base Nacional Comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional, a Base Nacional Comum e sua Parte Diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma curricular, que vise a estabelecer a relação entre a Educação Fundamental e: **A) Vida Cidadã através da articulação entre vários dos seus aspectos como**: a Saúde, a Sexualidade, a Vida Familiar e Social, o Meio Ambiente, o Trabalho, a Ciência e a Tecnologia, a Cultura, as Linguagens; **B) as Áreas de Conhecimento**" (Prof. Sérgio Junqueira – Curitiba/PR).

As Áreas do Conhecimento são marcos estruturados de leitura e de interpretação da realidade, essenciais para garantir a possibilidade de participação do cidadão na sociedade de forma autônoma. Cada uma das dez áreas contribui para que os estudantes compreendam a sociedade em que vivem e possam interferir no espaço e na história que ocupam, pois uma das preocupações da Educação Básica é a formação do cidadão e que os estudos que as crianças e adolescentes realizam contribuam para os estudos e o trabalho que exercerão posteriormente. Ou seja, é uma relação do presente, uma releitura do passado e uma construção do futuro (Prof. Sérgio Junqueira – Curitiba/PR).

O Ensino Fundamental tem por objetivo a formação básica do cidadão, da qual o Ensino Religioso é parte integral. O Ensino Religioso escolar é essencial para esta formação do cidadão, entretanto, são **proibidas quaisquer formas de doutrinação ou proselitismo, ou seja, a catequese, a pregação, a iniciação nos fundamentos de determinado sistema religioso,** sendo assim eliminada a alternativa do Ensino Religioso confessional.

No que se refere ao professor:

Em virtude da integração recente do componente curricular de Ensino Religioso à matriz curricular do Ensino Fundamental, faz-se imprescindível a participação dos professores na Formação Continuada em Ensino Religioso, que compreende estudos com embasamento filosófico, histórico, sociológico, antropológico, fenomenológico e ético, visando ao aprimoramento pessoal do educador e a consequente melhoria na qualidade de vida de maneira integrada.

Objetivos gerais da Formação Continuada para o professor que ministra Ensino Religioso:

- desenvolver conhecimentos para a compreensão dos valores humanos;
- aguçar a percepção para o sentido da vida;
- oferecer suporte à ação cotidiana do educador, visando à promoção de uma sociedade humana, solidária, fraterna e justa;
- contribuir para afirmação de autoimagem positiva por meio do efeito multiplicador do exemplo, de forma afetiva nas relações intrapessoal e interpessoal;
- suscitar o espírito aberto ao diálogo e a capacidade de fazer perguntas em todas as situações, exercitando a interdisciplinaridade na vida;
- exercitar o viver e o conviver em harmonia;
- fomentar no educador o gosto pela pesquisa, descoberta e organização de métodos de trabalho que aproximem educando e educador;
- estimular o aprofundamento no estudo da história das religiões, principalmente no Ensino Fundamental.

Sugestões de leitura para aprimoramento do professor		
Título do livro	**Autor**	**Editora**
Aprendendo a lidar com gente	Lucila Rupp de Magalhães	Casa da Qualidade/EDUFBA
Dicionário das Religiões	Mircea Eliade	Martins Fontes
Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa	Antônio Geraldo da Cunha	Editora Nova Fronteira
Didática de Ensino Religioso: Estrelas da Vida	Therezinha Motta L. da Cruz	FTD
Dinâmicas, Vivências e Jogos Grupais	Albigenor e Rose Militão	QualityMark
Diversidade Religiosa e Direitos Humanos	Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República	http://www.gper.com.br/documentos/diversidade_religiosa_e_direitos_humanos.pdf.
Felicidade não tem cor	Júlio Emílio Braz	Moderna
O diálogo das religiões	Andrés Torres Queiruga	Paulus
O Homem e seus Símbolos	Carl Gustav Jung	Nova Fronteira
O Poder do Mito	Joseph Campbell	Palas Athena
O suspiro dos oprimidos	Rubem Alves	Paulus
Os Direitos das Crianças segundo Ruth Rocha	Ruth Rocha	Cia. das Letrinhas
O Sagrado e o Profano: a Essência das Religiões	Mircea Eliade	Martins Fontes
Tratado de História das Religiões	Mircea Eliade	Martins Fontes
Violência Urbana (Coleção “Folha Explica”)	Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis Almeida	Publifolha

“O diálogo aproxima os homens entre si e do mundo em que vivem.
É capaz de transformá-lo e, transformando-o,
o humaniza para a humanização de todos”.
(Paulo Freire)

Considerando que a educação é sempre uma atividade intencional, a ser medida pela referência a uma finalidade ou projeto, ela configura práticas sociais movidas por interesses inerentes à cultura, felicidade dos indivíduos e sobrevivência da espécie humana.

“Tudo o que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e viver [...]”
(Leonardo Boff)

Kant, um dos mais influentes filósofos da modernidade, postula que ***o homem é a única criatura que precisa ser educada, entendendo educar por cuidar de sua infância*** (Kant, 1996), tanto para defendê-la do mau uso de sua liberdade instintiva quanto para guiar e instrumentalizar o bom uso da liberdade, medido pelo benefício que vier a causar, frente ao mais razoável e prudente, ao bem-estar em seu modo de viver e conviver.

Quais seriam as tarefas da educação hoje, quando as diretrizes educacionais têm como fundamento principal “formar o cidadão?

O que significa formar um cidadão, entendendo este como alguém que possui direitos, isto é, que se define pelo “direito de ter direitos? Como uma educação pode conferir ao educando o direito de ter direitos? O que poderá ser educar o cidadão, quando seu ambiente de vida é o do truncamento, às vezes, violento, da experiência democrática de vida? Se, além do cidadão, caso se queira educar a “pessoa”, pautando-se por valores de dignidade e liberdade humana, que compromissos éticos precisam ser assumidos educacionalmente?

Em seu trabalho cotidiano, os educadores deparam com problemas práticos que demandam compreensão de questões de fundo. Por exemplo: o que é necessário hoje para promover a autonomia do aluno?

O ideal da “autonomia” dos indivíduos, pelo menos quanto a seu pensamento crítico e criativo, tem-se tornado um valor universal da educação. Como tem sido codificado esse ideal de autonomia nos currículos e normas escolares? Se todo processo cognitivo resulta em construção coletiva, em que sentido ainda assim é preservada alguma autonomia individual, mesmo quando autonomia limitada ao pensamento?

Enfim, o problema da educação é o problema do homem, sua realização e crescimento, sua vida pedindo mais vida. Para tanto, é necessário que se discutam e se criem meios e ambientes adequados, que se reflita sobre fundamentos, métodos e propostas para educação das crianças com a finalidade de atingirmos os objetivos almejados.

Então, estimular o pensamento nas crianças, desde seu contato com o ambiente escolar e o universo simbólico em geral tem sido considerada uma opção educacional com razoável consenso entre educadores contemporâneos, herdeiros dos ideais de uma educação democrática e emancipadora.

Segundo Cunha, o ensino da filosofia tem sido caracterizado, em toda sua tradição, por trabalhar com as questões do pensamento, não só do pensamento dos valores e crenças legitimados como científicos ou como filosoficamente estabelecidos, mas também do pensamento cotidiano carregado de valores e crenças, existencialmente associados à experiência de vida compartilhada. Ora, o compartilhamento de experiências de vida constitui o fato filosófico primeiro, na medida em que é compartilhando significados que formamos nossas crenças e valores.

As crianças, desde a educação infantil, já vivem suas primeiras experiências de vida de compartilhamento de um universo simbólico, composto por significados, crenças e valores. Vão com esse universo, formando suas primeiras imagens de si mesmas e do mundo que as rodeia. Diz-se que formam seus primeiros conceitos abstratos, a partir de noções de ordem emotiva, articulando sensações e sentimentos. Firmam os primeiros traços sociais de seu caráter socioemocional, o qual poderá servir de base para seu caráter moral (Cunha, p. 18, 2002).

Várias questões do pensamento já são colocadas para as crianças desde a educação infantil. O estado de espanto, maravilhamento ou dúvida que elas podem experimentar é semelhante ao de filósofos calejados em seu treino metódico de fazer reflexão e crítica filosóficas. Isso já bastaria para se considerar válido o ensino de filosofia às crianças desde a educação infantil. Acrescente-se a validade educacional de se desenvolverem habilidades, sempre mais aprimoradas, de pensamento rigoroso em cada contexto, mais aberto democraticamente tanto à sua afirmação quanto contestação. Isto é importante educacionalmente, porque se quer formar cidadãos autônomos quanto ao exercício do pensamento crítico e criativo.

Ainda segundo Cunha, deve-se privilegiar a questão do pensamento do “cuidado”.

> O cuidado atento e permanente é condição da investigação em geral, mas o cuidado com as emoções e julgamentos emotivos tem sido pouco tematizado, tanto no ensino de filosofia, quanto em práticas de educação para o pensar. Ora, o pensamento cuidadoso é o único que pode dar conta da fragilidade intrínseca dos valores, por mais nobres que sejam, como o da verdade ou justiça, por ser ele capaz de enxergar os ambientes nos quais estes se instalam com maior ou menor facilidade. Os contextos socioemotivos da formação de hábitos e inculcação de valores, sejam ou não democráticos e emancipativos, constituem um foco para onde dirigir o pensamento cuidadoso e as questões que a ele são endereçadas.
>
> Neste sentido, o pensamento cuidadoso é considerado a base para a prática filosófica do diálogo entre emoções e razões. E as crianças são ainda muito sensíveis a questões que envolvem o cuidado, pois seu interesse pela significação de tudo ainda é virgem, no sentido de ainda não-viciado por pré-julgamentos e outros hábitos mentais.

A proposta, então, é que a filosofia com as crianças deva retirar seus principais temas e suas principais questões a partir do pensamento que exercita o cuidado. Tanto o cuidado acerca de ideias e emoções, quanto o cuidado a respeito da influência dos contextos de significação. Estes contextos, por ambientarem socioemocionalmente as interações sociais, condicionam atitudes subjetivas e intersubjetivas, responsáveis pelo compartilhamento de sentimentos básicos – os do amor, medo, raiva, tristeza e alegria – e, até mesmo, de sentimentos mais complexos, como confiança, amizade, coragem, respeito, justiça e verdade.

Deste modo, o filosofar com as crianças permite que elas construam significados enquanto formam a consciência de si, mobilizando simultaneamente elementos dos domínios afetivo e cognitivo. Habilidades de diálogo e pensamento vão consolidando, de um lado, competências crítico-reflexivas sensíveis a critérios de verdade ou justiça e, de outro lado, competências interpretativas sensíveis tanto aos contextos socioemocionais particulares, quanto a generalizações baseadas em conceitos progressivamente mais abstratos.

Pretende-se que esta sensibilidade para o pensamento abstrato que vai se desenvolvendo pouco a pouco, seja alimentada com questões e diálogo entre os pontos de vista diferentes, sendo o fio condutor do aprimoramento das competências de julgamento e escolha, base para o exercício da liberdade e cidadania.

O pensamento é a atividade humana pela qual se produzem ideias e valores. Com isso, são construídas as crenças e normas, que regulam o comportamento e costumes de cada grupo humano. Por meio de ideias e valores, justificamos essas crenças e normas, disciplinando e formando as novas gerações.

É importante que tenhamos claras quais competências e habilidades devemos esperar das crianças / adolescentes ao final de cada etapa (fase inicial, fase complementar e fase final), de forma que possamos traçar metas precisas e objetivas em nosso trabalho. Sendo assim, buscamos que, no decorrer do Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano, os alunos sejam estimulados a:

- desenvolver o espírito de participação, por meio do diálogo, aprofundando as motivações para a autêntica autonomia;
- descobrir sozinho formas de resolver situações-problema do cotidiano escolar, refletindo sobre ações corriqueiras;
- participar do estabelecimento de regras que lhes afetam diretamente, exprimindo suas opiniões até que se coordenem os pontos de vista para o estabelecimento de regras comuns;
- valorizar o diálogo, como a forma de resolver conflitos de maneira eficaz e, principalmente, inteligente;
- entender as normas coletivas e interiorizar valores humanos por meio do convívio para além do mundo familiar;
- atuar de forma cada vez mais independente, percebendo-se agente transformador do meio ambiente;
- conhecer e compreender os diferentes significados dos símbolos religiosos na vida, na convivência com as pessoas e nos grupos sociais;
- perceber que os símbolos religiosos expressam a ideia do Transcendente de maneiras diversas nas diferentes tradições religiosas, respeitando-os;
- compreender que sua identidade religiosa se constrói em reciprocidade com o outro;
- perceber o valor da reverência ao Transcendente, que é Um só e expresso de maneiras diversas pela simbologia religiosa e com diferentes nomes;
- adotar no dia a dia atitudes baseadas nos valores éticos, de solidariedade, de cooperação, de tolerância e de repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- conhecer os elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no próprio contexto social (familiar e escolar);
- analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais;
- compreender o direito à diferença na construção de estruturas religiosas que têm na liberdade o seu valor inalienável;
- refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano;
- formular questionamentos existenciais, em profundidade, dando respostas adequadas embasadas nas informações obtidas;
- perceber que as representações do Transcendente de cada tradição religiosa se constituem no valor supremo de uma cultura;
- desenvolver seu espírito de participação adquirindo critérios para a formação de seus juízos de valores e aprofundando as motivações para a autêntica cidadania;
- eleger critérios de ação pautados na justiça, detectando e rejeitando a injustiça quando ela se fizer presente, assim como criar formas não violentas de atuação nas diferentes situações da vida;
- conduzir-se coerentemente por determinadas regras, legitimadas por convicção de princípios de que estas regras representam valores universais;
- compreender o significado das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas;
- compreender o sentido da História e da origem da *palavra sagrada* na história das tradições religiosas;
- relacionar a história das tradições religiosas com as práticas religiosas significantes para os diferentes grupos sociais;
- compreender as representações do Transcendente, na Tradição Religiosa, como valor supremo de uma cultura e expressão de sua relação com Ele;
- entender a fundamentação das diferentes crenças em seu contexto sociocultural;
- refletir sobre o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano.

Desse modo, no Plano de Curso Anual de Ensino Religioso do Ensino Fundamental, priorizamos o **diálogo** como recurso indispensável e que deverá permear todas as atividades propostas. Partindo da observação e reflexão, a criança/adolescente aperfeiçoa sua percepção e expressa verbalmente suas impressões sobre o mundo que a rodeia, opinando, questionando, criticando.

As orientações / sugestões que seguem têm como objetivo contribuir no planejamento de situações didáticas que favoreçam a construção das competências esperadas. Vale ressaltar que o professor deve adequar as atividades sugeridas de acordo com as experiências, a faixa etária e o ano de escolaridade de seu grupo-classe.

Diálogo / Linguagem oral / Pesquisa

"O sorriso fala todas as línguas."
(Vivian Magalhães, co-autora, com Vanessa Amorim, do livro Cem Aulas Sem Tédio - Sugestões Práticas, Dinâmicas e Divertidas).

Durante as atividades sistematizadas, promover situações que ofereçam oportunidades de reflexões dialogadas, favorecendo as trocas entre os alunos e turmas contribuindo para que haja maior entrosamento e aperfeiçoamento das relações interpessoais.

Cultivar diariamente o hábito do diálogo sobre assuntos diversos, tanto os sugeridos pelos alunos como os selecionados criteriosamente pelo professor que se coloca para escutar afetivamente as crianças/adolescentes e incentivá-los na escuta respeitosa aos relatos e opiniões dos companheiros. Elucidações e comentários, por parte do professor, aprofundando os pontos de vista relatados e mediando situações polêmicas para que não haja discriminações de qualquer natureza sobre o assunto exposto.

Relatos dos alunos de situações que presenciaram, por exemplo, que envolveram preconceito, injustiça, discriminação.

Com seis, sete anos, a criança adora imitações, assim podemos aproveitar e proporcionar um momento de descontração, mas com muita informação com a dinâmica dos animais. Durante a atividade, o professor vai acrescentando informações sobre os animais escolhidos, perguntando às crianças o motivo da escolha e conscientizando-as de que todos os animais são importantes para o equilíbrio ecológico.

- A primeira criança vai pensar em um animal de que não gosta, imitá-lo e os outros vão tentar adivinhar qual é o animal.
- Outra criança continua, sendo que o animal já escolhido não poderá ser repetido (lembrar as crianças que aves, répteis, anfíbios, mamíferos, peixes, insetos são animais).

Conversa informal com mostra de fotos de crianças com fome (do Nordeste, da África, por exemplo), pode ser um bom recurso para despertar para a compaixão com o sofrimento do outro. Para as crianças do 4º e 5º ano de escolaridade, solicitar a coleta das fotos individualmente. No dia marcado para a entrega das fotos, organizar a classe em grupos, juntar todas e distribuí-las igualmente entre os grupos formados. Cada grupo deverá analisar as fotos recebidas e produzir uma história coletiva levando em consideração o que demonstram as mesmas. Finalizar com a confecção de um álbum, com as respectivas fotos, cujo nome deve ser escolhido pelos alunos.

Apresentação de filmes que abordam questões sociais, valores universais, histórias dos povos indígenas / africanos, para análise em grupo. *Kiriku e a feiticeira* é um ótimo exemplo de filme que aborda costumes dos povos africanos.

O uso de filmes ou histórias, bem selecionados e com temas que favoreçam a discussão, gera uma riquíssima reflexão dialogada, principalmente se cada criança / adolescente for incentivado a formular perguntas, a dar opiniões e a fazer suas críticas sobre o tema abordado. Para culminância do trabalho com a história ou o filme selecionado, a montagem de uma dramatização pode ser bem proveitosa e de preferência que cada criança /adolescente escolha qual personagem prefere desempenhar. Caso mais de uma criança / adolescente queira o mesmo personagem, quando único, estimular que o grupo dê sugestões para resolução da situação e a sugestão de consenso deverá prevalecer. Pretende-se o tempo todo favorecer a **participação efetiva** do aluno em todo o processo.

O diálogo nas rodas de conversa sobre as preferências, as necessidades, os desejos, os sentimentos pode gerar um trabalho de reflexão sobre as diferentes preferências e características das pessoas. O importante é que a criança perceba que as pessoas têm diferentes atitudes frente às mesmas questões e tenha oportunidade para opinar, argumentar, enfim, expressar-se.

Propomos, ainda, a pesquisa na sala sobre os gostos / preferências de cada criança em relação aos programas televisivos, aos times de futebol, às cores, aos animais de que mais gostam, etc. A partir desse levantamento, formar uma roda de conversa e fazer perguntas que permitam abordar a diversidade existente entre as pessoas, ressaltando a riqueza dessa diversidade, pois seria muito monótono se todos usassem os mesmos tipos de roupas e cabelos, gostassem das mesmas cores, torcessem pelo mesmo time de futebol, assistissem ao mesmo programa de televisão, etc.

Desse mesmo levantamento de preferências, outra atividade pode ser realizada se abordarmos os programas televisivos infantis, direcionando o diálogo com perguntas de tal forma que as crianças percebam aspectos positivos e negativos dos temas veiculados pela televisão: incentivo ao consumo de produtos desnecessários; culto à aparência em detrimento do caráter; uso habitual / abusivo de bebidas alcoólicas no cotidiano das telenovelas e propagandas; banalização do uso de medicamentos; estímulo à sexualidade; perfil de herói como "justiceiro", ou seja, *olho por olho, dente por dente*; programas de humor que promovem a violência (pegadinhas, torta na cara, humilhações, etc.).

Aproveitando o tema sobre a mídia televisiva, propor a montagem de uma dramatização referente a uma determinada propaganda, que pode ser escolhida pelo grupo ou selecionada pela professora desde que os alunos conheçam. Após a dramatização, analisar a mensagem subliminar da propaganda junto com os alunos, como por exemplo, a propaganda da doação de órgãos (cachorrinho percebe que o homem que passou em frente ao portão teria recebido algum órgão de seu dono, aparentemente o coração, pelo que a mensagem sugere). Discutir os aspectos positivos e negativos das propagandas e a força de convencimento que têm, estimulando ao consumo ou convencendo passivamente a pessoa sobre algo, sem nenhuma reflexão ou crítica.

A montagem de um painel (papel grande) dividido pela metade, de um lado "O que me deixa feliz" e do outro lado "O que me deixa triste", pode ser uma excelente oportunidade para trabalhar com a ideia do Transcendente. Os alunos vão falando o que lhes deixam felizes e a professora registra de um lado. Procede-se da mesma maneira em relação ao que lhes deixam tristes, registrando do outro lado. Para finalizar, a professora pode mediar uma reflexão sobre as semelhanças e diferenças do que lhes deixam felizes / tristes e as reações que estes sentimentos provocam em cada um.

Também, por meio de discussão dialogada, promover dinâmica, com a montagem de painel em grupo ou individual, com figuras recortadas de revistas, de acordo com os desejos, as necessidades básicas e o que já se tem (mas não se valoriza), como no exemplo seguinte. A seguir, promover uma reflexão sobre o que realmente é importante para sermos felizes.

O tema ainda possibilita a discussão sobre o consumismo desenfreado nos dias atuais e a necessidade urgente da reutilização / reciclagem de materiais, inclusive para a construção de brinquedos artesanais.

EU DESEJO	**EU PRECISO**	**EU TENHO**
CARRO DINHEIRO VIAGEM	SAÚDE ALIMENTAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA LAR	SAÚDE ALIMENTAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA LAR

Ainda sobre o tema "felicidade", podemos aproveitar o poema a seguir, criando com as crianças / adolescentes outras rimas.

Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz!

Passarinho na janela,
pijama de flanela,
brigadeiro na panela.

Gato andando no telhado,
cheirinho de mato molhado,
disco antigo sem chiado.

Pão quentinho de manhã,
dropes de hortelã,
grito do tarzan.

Tirar a sorte no osso,
jogar pedrinha no poço,
um cachecol no pescoço.

Papagaio que conversa,
pisar em tapete persa,
eu te amo e vice-versa.

Vaga-lume aceso na mão,
dias quentes de verão,
descer pelo corrimão.

Almoço de domingo,
revoada de flamingo,
herói que fuma cachimbo.

Anãozinho de jardim,
lacinho de cetim,
terminar o livro assim.

Otávio Roth – Editora Ática

A partir do 5º ano de escolaridade, o Ensino Religioso já deve enfatizar a **observação, reflexão e informação** no respeito à diversidade cultural / religiosa do Brasil. Então, promover uma conversa dirigida sobre a "imposição" do cristianismo aos índios e aos africanos, pelos colonizadores portugueses, pode ser um bom começo para a compreensão do porquê do preconceito com as tradições religiosas de matriz africana e de matriz indígena.

Numa *roda de conversa* com o objetivo de conhecer os alunos, diminuir a timidez e favorecer que todos se coloquem, formular questões (tendo a preocupação de que todos respondam pelo menos uma das perguntas, nesta atividade o ideal é que ninguém deixe de participar), como:

- Se você fosse uma casa, como gostaria de ser?
- Que presente você gostaria de dar e para quem?
- Que presente você gostaria de ganhar e por quê?
- Se você fosse uma fada ou um mágico, que mágicas gostaria de fazer?
- De todos os natais que você vivenciou, qual foi o mais marcante – aquele de que você tem saudade – e por quê? (normalmente, nesta pergunta a criança não fala do brinquedo que ganhou, mas de algum momento especial com uma pessoa querida, então o professor pode acrescentar que o importante de verdade é o carinho recebido de quem amamos e não os brinquedos caros que ganhamos). Infelizmente, nos dias atuais, as crianças têm tão poucos momentos de lazer junto aos familiares mais queridos que é bastante provável que muitos não tenham sequer esses momentos para lembrarem.

No 6º ano de escolaridade, as pesquisas sobre líderes que mudaram a história da humanidade de sua época podem ser muito importantes para promover discussões sobre valores universais, ética e responsabilidade social.

Também é um bom momento para sugerir aos alunos a elaboração de uma lista de valores que consideram importantes para nortear as atitudes das pessoas. Seria interessante que os alunos já tivessem trabalhado com atividades que envolveram os nomes de alguns valores, ou, então, o professor apresenta uma lista de onde os alunos poderão identificar os que consideram relevantes. Solicitar que cada aluno classifique os valores listados por ordem de relevância para si mesmo. Organizar a classe em grupos, entregando para cada grupo um provérbio / pensamento que aborde o tema valores, como nos exemplos abaixo. No grupo, deverão discutir e socializar o pensamento e a conclusão dos valores realmente indispensáveis para a boa convivência.

As frases célebres / pensamentos / provérbios podem servir como boas reflexões em dinâmicas. O pensamento ou provérbio é dividido em frases (de maneira que fique com duas partes cada pensamento) e distribuído aleatoriamente entre os alunos que deverão achar seus pares, ler, refletir, discutir e socializar.

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião.
Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar."
(Nelson Mandela)

“Há duas maneiras de viver a vida: Uma, é como se nada fosse milagre. A outra, é como se tudo fosse milagre."
(Albert Einstein)

"O futuro não é um lugar aonde estamos indo, mas um lugar que estamos criando.
O caminho para ele não é encontrado, mas construído e o ato de fazê-lo muda tanto o realizador quando o destino."
(Antoine de Saint-Exupery)

"Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível."
(Francisco de Assis)

“Se um dia tiver que escolher entre o mundo e o amor... Lembre-se:
Se escolher o mundo, ficará sem o amor, mas se escolher o amor, com ele conquistará o mundo!"
(Albert Einstein)

A partir do 7° ano de escolaridade, os alunos têm muito interesse por novidades e palavras novas. Então, pode ser um excelente momento para sugerir uma pesquisa sobre a origem – etimologia – de algumas palavras. Para motivá-los ainda mais, mostrar que a palavra *companheiro*, por exemplo, teria sua origem “*com pão*”, pois as pessoas se reuniam em volta da mesa e dividiam o pão; a palavra *entusiasmo* seria “*deus dentro de você*”; já as palavras *acordar, coração e coragem* teriam a mesma origem em “*cor – dar cor*”; e a origem da palavra *promessa* seria a divindade grega “Prometeu” cujo nome significaria “*aquele que vem antes*”.

O dicionário etimológico, Dentro do Dentro (Mercuryo), de Manoel Whitaker Sales, é um divertido livro de histórias que explica o significado de 101 palavras, bem como as alterações que algumas delas sofreram ao longo dos tempos. A partir dessa leitura, é possível descobrir, por exemplo, que a palavra "trabalho" vem do latim medieval *tripalium*, um instrumento de tortura da época. E que "deletar" – ao contrário do que pensamos – não é um neologismo, originado do inglês. Veio do latim *deletare*, que significa "apagar" (Monique dos Anjos) http://super.abril.com.br/superarquivo/2003/conteudo_295018.shtml

No 8º e 9º ano de escolaridade, já é possível utilizar o **júri simulado** para o debate envolvendo temas polêmicos, mas do cotidiano, como: programas televisivos com mensagens subliminares; consumismo exacerbado; culto à aparência, promovendo a busca excessiva de cirurgias plásticas; pena de morte; sistema de cotas para negros na Universidade; doação de órgãos; eutanásia; sexualidade (aborto, gravidez precoce, violência sexual); adoção de crianças brancas em detrimento das negras; guerra; preconceito (pré-conceito, julgamento sem aprofundamento); assistencialismo (o ideal seria: *dar o peixe ou ensinar a pescar?*); uso de bebidas alcoólicas desde a adolescência; exercício pleno da cidadania; conceito de herói (justiceiro, violento, pacificador?).

Como nessa faixa etária (9º ano), os alunos estão muito interessados em temas que abordam a sexualidade, propor uma pesquisa em grupo sobre como as diferentes tradições religiosas tratavam questões sexuais, tabus. Será uma descoberta muito interessante para os alunos se pesquisarem sobre os povos mais antigos, como Roma Antiga, onde, segundo pesquisadores, o sexo era tratado como qualquer outro assunto do cotidiano sem esses tabus que criamos, de sequer pronunciar “pênis”, pois parece até ofensa. Ressaltar que, ao tratar desses assuntos, o professor deve estar bem preparado porque certamente deverá mediar algumas situações que surgirão no decorrer das discussões.

Para aprofundar as reflexões e discussões, provocar os alunos com questões como:

- Quais as semelhanças e as diferenças entre a Inquisição e o Holocausto?
- Por que no calendário que usamos cada dia do ano é atribuído a um santo católico?
- Qual a diferença entre ateu e agnóstico?

Enquanto os ateus negam a existência de Deus, os agnósticos alegam a impossibilidade de provar a existência – ou não – de Deus. Embora existam relatos de povos primitivos que não acreditavam em nenhum deus, a expressão ateísmo (que significa, em grego, a negação de Deus) foi cunhada no final do século 16, época da Inquisição. "Pode-se afirmar que o ateísmo é subproduto da Inquisição. Quando a Igreja católica quis suprimir toda e qualquer dissidência, seus métodos inquisitoriais levaram à formação de um judaísmo clandestino e às primeiras declarações de secularismo e ateísmo na Europa", afirma Armando Araújo Silvestre,

cientista da religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. Já a expressão agnosticismo ("deus desconhecido", também em grego) é mais recente e atribuída a T. H. Huxley, cientista inglês do século 19.

Ele elaborou essa expressão para descrever seu próprio estado mental, não para negar totalmente Deus, mas para expressar dúvida quanto à possibilidade de atingir o conhecimento e para protestar ignorância a respeito de um grande número de coisas, diz Silvestre (Deus em Xeque – Marina Motomura). http://super.abril.com.br/superarquivo/2003/conteudo_295047.shtml

Há ainda outras teorias para tentar explicar o ateísmo. Alguns autores afirmam que também são ateus os pertencentes a alguma religião, mas não são praticantes da mesma. Por fim, há ainda o grupo vinculado ao ateísmo moderno, ou seja, aqueles que acreditam em Deus, mas não possuem vínculo com nenhuma religião ou grupo religioso (HEERDT. Mauri Luiz, BESEN. José Artulino e COPPI. Paulo De. **O Universo Religioso: as grandes religiões e tendências religiosas atuais**. São Paulo: Editora Mundo e Missão, 2005.).

Alguns alunos têm muita timidez e não questionam mesmo que tenham dúvidas, então sugerimos implantar uma "caixa de dúvidas" que o professor deve ler em casa, até para melhor entender cada questionamento, e responder na próxima aula sem identificar o nome do aluno.

Contação de histórias: uma arte antiga

"Ah, como é importante na formação de qualquer criança ouvir muitas histórias [...]
Escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor,
e ser leitor é ter todo um caminho de descobertas
e de compreensão do mundo, absolutamente infinito [...]"
(Luiz Vilela, 1995/UNISANTA – Curso de Formação de Contadores de Histórias: Blá Blá Blá...)

Efetivamente, deve ser a história contada a primeira manifestação artística surgida depois da linguagem articulada, por causa dos poucos elementos e materiais de que precisa: em princípio, somente o domínio da oralidade expressiva.

Um contador de histórias, em todo tempo e lugar, encontrou quem o escutasse. Nas sociedades tribais primitivas, essa atividade não possuía uma finalidade exclusivamente artística: tinha um caráter funcional decisivo, pois os contadores de histórias eram os que conservavam e transmitiam a história e o conhecimento acumulado pelas gerações, as crenças, os mitos, os costumes e valores a serem preservados pela comunidade. Durante séculos, foi por meio da realidade que a cultura popular se manteve, sem pergaminhos ou iluminuras, mas memória viva.

Como atividade artística, com normas e técnicas passíveis de serem transmitidas a todos, a prática de contar histórias se desenvolveu no fim do século passado, sobretudo nos países nórdicos, anglo-saxões e, posteriormente, nos latino-americanos. Essa prática se estendeu e ainda hoje aparece reduzida a um tempo cronológico, "a hora do conto", nas escolas e bibliotecas.

A narração oral é uma forma de comunicação que se alimenta da história e da ficção, integrando a palavra aos gestos. É nesta economia de recursos que está a força de sua expressão: o ouvinte forma com o contador de histórias as duas faces de uma unidade, pois ele deve recriar na sua imaginação o que lhe contam, com isso, transforma emissão em recepção, conformando a mensagem.

O contador de histórias também se forma: é aquele que conhece as técnicas para narrá-las por tê-las aprendido de maneira expressa e voluntária e deve possuir, além disso, domínio do idioma e base cultural sólida, isto é, perceber a complexidade do medo, as diferentes manifestações da cultura e poder expressá-la em uma imagem fluida, ágil e densa para seus ouvintes. Por esta razão, o contador de histórias tradicional é uma pessoa vivida. Ou, no caso contemporâneo, atrás de toda narração de contos se encontra um perfil básico e essencial: um grande leitor.

SILVA, Betty Coelho. **Contar histórias – uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.

Contos de Fada

Os contos de fadas antecedem em muito a Literatura Infantil. Como se pode observar pelo trabalho dos irmãos Grimm, essas narrativas pertenciam ao folclore, transitando entre as camadas pobres da população até o final do período medieval. É com o advento da Idade Moderna que surgem as primeiras

adaptações para a infância dos contos populares que fazem sucesso entre o público adulto. Dá-se, então, o surgimento da Literatura Infantil como gênero literário, que se organiza no momento em que a criança passa a ocupar um lugar de destaque no cenário familiar, com o advento da Revolução Industrial.

São, portanto, as transformações que ocorrem na estrutura da família moderna responsáveis pela atenção fundamental com a infância que se delineia desde então. Como no mundo capitalista impera a livre iniciativa e a concorrência, é necessário instrumentalizar os jovens para que se tornem adultos de sucesso. Apostar na educação dos mesmos é, portanto, uma das metas prioritárias dos pais. Dessa forma, há uma preocupação específica com a educação da infância, que gera, por sua vez, um cuidado especial com todos os materiais culturais à disposição das crianças e, entre esses materiais, está o livro. Os adultos começam a perceber a necessidade de se oferecer às crianças textos adequados à sua compreensão e experiência de mundo. E a adaptação do acervo existente surge como a solução mais razoável. São adaptados textos folclóricos (lendas, mitos, cantigas, contos de fadas, etc.) e clássicos que têm em Hans Christian Andersen o autor mais famoso.

As narrativas que vão conquistar maior sucesso com o público são os contos de fadas, que se convertem em sinônimo de literatura infantil e ditam os parâmetros do gênero confundindo-se, inclusive, com a própria categoria literária.

A adaptação dessas histórias populares para a infância atende a um objetivo bem preciso: a educação das novas gerações. Os textos oferecidos ao público infantil, compromissados com a educação da criança, são veículos dos valores da burguesia emergente aos pequenos leitores, visando à sua integração social pela incorporação desses mesmos valores, como por exemplo, a valorização do casamento monogâmico. A análise sociológica dos contos de fadas é reveladora nesse sentido. Contudo, o entusiasmo que os contos de fadas suscitam nas crianças do mundo inteiro não pode ser explicado por seu caráter pedagógico, apenas. Pensando assim, *Bruno Bettelheim* propõe analisá-los com o intuito de averiguar que extraordinária magia atrai os pequenos para essas narrativas. Descobre as imensas possibilidades de apreensão e reelaboração do universo por meio da simbologia dos contos de fadas (Os três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, João e o Pé de Feijão, Branca de Neve, A Bela Adormecida, Cinderela etc.). Todos os conflitos humanos ali circulam e são resolvidos pela fantasia, fazendo-a perceber que os problemas existem, mas que eles devem ser enfrentados e podem ser sempre solucionados.

Todos os ingredientes que compõem as narrativas (com a multiplicação de situações, a ênfase na solução dos problemas, a riqueza das ações, a ordenação de um mundo variado, em que diferentes temperamentos convivem) promovem o alargamento vivencial das crianças, incitando-as a participarem das aventuras e buscarem respostas. Contudo, é importante salientar que o nível de compreensão infantil é respeitado e a fantasia, presente nas histórias, não representa fuga do real, mas justamente a forma mais apropriada para a percepção da criança.

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filha, etc.), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes, etc.). A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando volta ao real. Valendo-se dessa estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial do imaginário infantil e, de outro, transmitem à criança a ideia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo.

A riqueza do material simbólico que tem em mãos faz com que *Bettelheim* insista nas advertências sobre o perigo das adaptações, mal feitas, dos textos, que podem privá-los da sequência de ações, características de personagens e detalhes do ambiente. Cada elemento tem, nos contos, uma profunda carga significativa que, uma vez retirada, empobrece a totalidade da narrativa e as possibilidades de compreensão do leitor ou ouvinte.

Bruno Bettlheim salienta, ainda, a importância dos adultos, contarem histórias de fadas para as crianças para maior aproximação afetiva. Ao narrar as peripécias repletas de magia de que se compõem os contos, estão entrando no jogo infantil e deixando a mensagem de que o aceitam como ele é, respeitando a forma de raciocínio mágico dessa faixa etária.

Assim entendidos, os contos de fadas funcionam como agentes emancipadores, capazes de projetar o leitor ou ouvinte para além do universo cotidiano, criando a vida como ainda pode ser vivida. Por isso, seu caráter educativo, em sentido amplo, é resgatado.

(Vera Teixeira de Aguiar, 1995/UNISANTA – Curso de Formação de Contadores de Histórias: Blá Blá Blá...)

Sugerimos um trabalho com **histórias contadas**, como nos primórdios da humanidade. Então, alguns aspectos têm que ser observados àquele que se propõe a realizar um bom trabalho como contador de histórias:

- Conhecer a história (ler mais de uma vez) e de preferência ter sentido algo especial (gosto pessoal), ou seja, ter uma motivação para contá-la às crianças, e também para vislumbrar as possibilidades que a narrativa apresenta para o trabalho do professor.

- A duração da história deve estar adequada para o público-alvo em questão: faixa etária, interesses, experiências, etc.
- O narrador deve ter cuidado com o olhar, a voz e a imagem. É fundamental olhar as crianças no olho, durante a contação, mas por pouco tempo para não intimidar; a voz, elemento fundamental da narração, deve ser impecável, pronunciando-se todas as palavras, com pausas necessárias, tons adequados ao ambiente e história narrada, entonações e inflexões pertinentes enriquecem a narração, por exemplo, na troca de personagens; a imagem é o primeiro ponto de comunicação com o público, portanto, deve-se cuidar da maneira de sentar-se, os gestos (que, como a voz, podem caracterizar a troca dos personagens), vestimentas, etc. É interessante fazer alguns ensaios na frente do espelho, para os iniciantes na contação de histórias. Alguns contadores alertam que as histórias não devem ser decoradas ao pé da letra (porque destrói a naturalidade, tão importante nesse trabalho), pois o narrador conhecendo-a pode enriquecê-la. A espontaneidade e a naturalidade geram no ouvinte a credibilidade necessária para se envolver com a situação narrada.
- Dependendo do objetivo (recreação, percepção do mundo ao seu redor, incentivo à leitura, formação do leitor, integração cultural com as diferentes visões de mundo, informação, veiculação de valores, análise e interpretação de texto, ou mesmo como terapia lúdica já utilizada, hoje, em hospitais, etc.), pode ser motivador fazer uma roda de conversa antes da contação da história, explicando por que escolheu a história, comentando sobre o autor, o título e a origem (se for possível). Se tiver o livro, mostrar a capa e estimular os alunos a formularem perguntas sobre a história a ser contada, sem revelar o final.

Em suma, a contação de histórias além de proporcionar sensação de prazer, relaxamento, bem-estar, também informa, desenvolve as habilidades de saber ouvir, concentrar-se, favorece a criatividade por meio do imaginário, estimula a leitura e, ainda, como alguns estudiosos já comprovaram, equilibra as emoções ajustando sentimentos de medos, de frustrações, de dúvidas. Como se pode perceber, com um recurso tão “simples”, consegue-se um trabalho muito proveitoso e tão significativo para as crianças. Então, vamos nos valer desse recurso tão rico e tão pouco explorado, adequadamente, para formar leitores críticos e autônomos.

Para estimular o debate sobre o sofrimento de animais aprisionados (circos, rodeios, gaiolas, etc.), sugerimos uma leitura simples e bem popular, mas que pode auxiliar na sensibilização para tratar do tema em questão.

O elefante acorrentado

Prof. Damásio de Jesus

- Você já observou elefante no circo?

Durante o espetáculo, o enorme animal faz demonstrações de força descomunais. Mas, antes de entrar em cena, permanece preso, quieto, contido somente por uma corrente que aprisiona uma de suas patas a uma pequena estaca cravada no solo. A estaca é só um pequeno pedaço de madeira. E, ainda que a corrente fosse grossa, parece óbvio que ele, capaz de derrubar uma árvore com sua própria força, poderia, com facilidade, arrancá-la do solo e fugir. Que mistério!!!

- Por que o elefante não foge? - Perguntei a um amestrador e ele me explicou que o elefante não escapa porque está amestrado. Fiz então a pergunta óbvia:

- Se está amestrado, por que o prendem? Não houve resposta! Há alguns anos descobri que, por sorte minha, alguém havia sido bastante sábio

para encontrar a resposta: o elefante do circo não escapa porque foi preso à estaca ainda muito pequeno. Fechei os olhos e imaginei o pequeno recém-nascido preso: naquele momento, o elefantinho puxou, forçou, tentando se soltar. E, apesar de todo o esforço, não pôde sair. A estaca era muito pesada para ele. E o elefantinho tentava, tentava e nada.

Até que um dia, cansado, aceitou o seu destino: ficar amarrado na estaca, balançando o corpo de lá para cá, eternamente, esperando a hora de entrar no espetáculo. Então, aquele elefante enorme não se solta porque acredita que não pode. Jamais, jamais voltou a colocar à prova sua força.

Música

"A música gera um tipo de prazer sem o qual a natureza humana não pode passar."
(Confúcio)

A força da música é de tal forma envolvente, que provoca profundas emoções nos seres humanos – é tocada nos casamentos para nos dar alegria, em filmes de terror e de guerra para induzir medo ou suspense, em casa para provocar felicidade, descontração, relaxamento, funcionando como uma forma de terapêutica – e já foi demonstrado que a ligação entre a música, o corpo e a alma melhora a saúde tanto física como mental.

(Educação musical: os benefícios para as crianças – Edward Droscher, http://palcoprincipal.clix.pt/artigos/Artigo/educacao_musical_os_beneficios_para_as_criancas).

A importância da música para a criança é evidente e indiscutível. O cantar é praticamente natural para ela. O cantar é a bagagem que toda criança traz desde bebê, quando escutava as cantigas de ninar na voz dos pais ou outros familiares. Em toda a história humana, a música sempre foi utilizada, principalmente em rituais das primeiras civilizações, para alcançar determinados objetivos: dança da chuva dos índios, curandeiros africanos, etc., portanto, encontra-se no inconsciente coletivo da humanidade. Nas brincadeiras infantis, não faltam os cantos ritmados.

Para que a criança se beneficie da linguagem musical e possa desenvolver espírito crítico em relação à mensagem (letra), é preciso que a música seja selecionada e apresentada de forma cuidadosa e adequada.

Escuta e apreciação de obras musicais (regionais, popular, folclóricas, eruditas, etc.) pode ser um bom começo para aprenderem a ouvir o outro e perceber a harmonia do todo. Em outro momento, selecionar músicas (Gente tem sobrenome e Cada um é como é, de Toquinho, Nomes de gente, do MPB 4, por exemplo), cujas letras abordem temas enfocando identidade, valores humanos, questões sociais, sugerindo após a audição a interpretação oral das mesmas.

Alguns estudiosos afirmam que a autodisciplina, a paciência, a sensibilidade, a coordenação e a capacidade de memorização e de concentração são qualidades valorizadas e aprimoradas com o estudo da música.

(http://www.escola_musica.com/beneficios_da_musica.html)

Outro recurso que deve ser explorado com as crianças, até mesmo porque gostam, é o canto coletivo de músicas tradicionais conhecidas, cujo principal objetivo para nosso trabalho é o conhecimento do acervo que a humanidade acumulou através dos tempos, o aprimoramento da expressão oral e a desinibição.

Educar a criança para ouvir música implica também desenvolver o prazer de ouvir música de qualidade em volume adequado, despertando-a para a *sensibilidade emocional* que só a música consegue despertar.

Portanto, professor, cante e ouça muitas músicas de qualidade com as crianças, pois, além dos benefícios citados, muitos outros já são exaustivamente estudados e até comprovados com teorias sobre os objetivos terapêuticos relevantes com relação às necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas, enfim o equilíbrio das emoções.

(Musicoterapia – Equipe Editorial Bibliomed, 2007)

Entrevista

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, ou por sua origem, ou religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se elas podem aprender a odiar podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta".
(Nelson Mandela)

A entrevista com pais ou avós sobre a origem do nome de cada criança ou sobre a crença religiosa adotada pela família pode ser uma rica experiência para todos do grupo. É importante conversar com as crianças para orientação sobre as questões que serão formuladas aos familiares. Se houver possibilidade de gravar a entrevista, a socialização ficará muito mais interessante.

O professor deve aproveitar a curiosidade e interesse dos alunos e trabalhar com pesquisas, ainda rudimentares, entrevistando pessoas para perceberem que não há exclusividade no “jeito” de crer, e que crença é construída diante da riqueza e diversidade das várias Tradições Religiosas.

Pode-se promover um levantamento dos costumes (vocabulário, vestuário, alimentação, moradia, lazer, etc.) das Tradições de origem indígena e africana, registrando-as em um painel. Em seguida, promover uma reflexão orientada de modo que os alunos percebam as diferenças e semelhanças entre as tradições pesquisadas, concluindo ao final a importante influência dos costumes destas tradições no nosso cotidiano atual: uso da rede de dormir, cestos para roupas, danças, nomes próprios.

É interessante fazer com os alunos levantamento das histórias e crendices populares que se contam em família e que passam de geração a geração como verdades: manga com leite mata; gato preto dá azar; espelho quebrado dá sete anos de azar; colocar vassoura atrás da porta faz com que a visita indesejada vá embora; chinelo virado, a mãe pode morrer. Socializar com o grupo as histórias recolhidas classificando-as por semelhanças. O professor acrescenta alguns fatos que passaram para a História sobre os escravos, como: sobras de porco rejeitadas pelos senhores de escravos e utilizados por esses transformou-se na tão apreciada feijoada; o tratamento de Senhor, usado pelos escravos, era entendido como mais respeitoso que você, porque vem da relação de subalterno com o seu superior ou, então, porque no cristianismo disseminado no Brasil o tratamento para com Deus é Senhor, por ser o *Todo Poderoso*.

Ao final, promover entre os alunos uma reflexão sobre quais os possíveis interesses envolvidos para a disseminação dessas ideias. No caso da crendice “manga com leite mata”, sabe-se hoje que, com a finalidade de evitar que os escravos tomassem o leite que recolhiam e comessem as mangas que colhiam, inventaram que a pessoa morria envenenada se ingerisse esses dois alimentos.

Nome / Aniversário / Família / Calendário

Todo professor tem consciência da importância do nome para qualquer criança. A elaboração de um *projeto* pode ampliar as possibilidades para um trabalho realmente efetivo e com resultados surpreendentes. Por exemplo:

Objetivos:

- Conhecer sua identidade e perceber-se como sujeito de transformação social.
- Reconhecer-se como sujeitos de transformação social, por meio do resgate de sua história, construindo identidade.
- Ampliar o conhecimento corporal, a consciência de si e do outro.

Desenvolvimento:

- Roda de conversa para as explicações da proposta enfatizando os cuidados que se deve ter com o bebê (alimentação, banho, trocas de roupas, soninho, vacinas, muito carinho, contação de histórias).
- Confecção de um boneco de pano (tamanho de um bebê) que represente as características das crianças servindo como instrumento de aprendizagem, por meio da brincadeira.
- Coleta de roupas para as trocas do bebê.
- Preparação de um documento fictício semelhante a uma certidão de nascimento (para o boneco).
- Dramatização do momento em que o bebê é registrado no Cartório de Registros e recebe sua **certidão de nascimento.**

Iniciar com roda de conversa explicando às crianças a proposta alertando que o boneco ficará cada dia com uma criança porque ele precisa de cuidados constantes: comer nos horários certos, tomar banho, trocar roupa, dormir no silêncio, tomar as vacinas, ouvir histórias.

Para a confecção do boneco, coletar roupas infantis usadas e o enchimento (as crianças ajudam) com espuma, retalhos de tecidos, roupas velhas, etc. Marcar o dia do registro da criança, preparar o documento, escolher nome e sobrenome, pais, avós e ensaiar. No dia marcado, apresentar a dramatização do fato com os personagens que precisariam estar presentes no Cartório de Registros (fictício) no caso de um registro de nascimento verdadeiro.

Aprofundar a questão do nome e do sobrenome, relacionando o poema *Identidade,* de Pedro Bandeira, explicitando o direito à cidadania de termos uma origem / família, ressaltando o direito à igualdade e o respeito entre as pessoas, apesar das diferenças de cada um.

Desenvolver também atividades interdisciplinares trabalhando com os órgãos do sentido, explorando as partes do corpo, fases do crescimento, higiene e saúde, questões afetivas como solidariedade, respeito, amizade.

Fazer uma adaptação, de modo que cada criança pudesse ter seu próprio boneco, enriqueceria sobremaneira o projeto.

O projeto deve ser finalizado naturalmente, quando as crianças perderem o interesse pelo boneco, caso aconteça. Caso contrário, combinar que ele cresceu e não precisa mais da ajuda dos pais (no caso das crianças menores, porque as maiores já têm entendimento para um encerramento mais objetivo).

Relacionamos, abaixo, alguns títulos que poderão auxiliar o professor no decorrer do projeto sugerido.

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **A margarida friorenta**. - São Paulo: Ática, 1996.

LOPES, Cida. **Nem tão rosa, nem tão azul: ser menino e ser menina**. – ed. Todo Livro.

Referencial curricular nacional para a educação infantil/ ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998. vol.2.

RAMOS, Anna Claudia. **A gente pode, a gente não pode**. - São Paulo: DCL, 2003.

ROCHA, Ruth. **Tenho medo, mas dou um jeito**. - São Paulo: Ática, 1999.

SUHR, Mandy. **Eu me mexo**. - São Paulo: Scipione, 1996.

_____. **Eu respiro**. - São Paulo: Scipione, 1996.

É importante que todas as crianças / adolescentes sejam chamados pelo seu nome (desestimular os apelidos), favorecendo, assim, a construção da identidade pessoal e sua identificação no grupo.

Ao trabalhar com o nome, o aluno poderá conhecer a origem de seu nome e dos nomes dos colegas do grupo. Seria interessante que o professor já tivesse realizado uma pesquisa sobre os significados dos nomes dos alunos, a fim de complementar as informações trazidas pelas crianças. É imprescindível que percebam que cada nome tem uma história que pode estar relacionada à moda do momento de seu nascimento, ou é uma junção dos nomes de familiares (pai e mãe, por exemplo), também pode ser uma homenagem ao médico que realizou o parto ou a um determinado ídolo dos pais, ou ainda ter outras origens, como bíblica, indígena, estrangeira, etc.

Poderá, também, conhecer nomes de pessoas célebres que mudaram a história da humanidade (Madre Teresa de Calcutá, Gandhi, Betinho, Chico Mendes, Luther King, etc.), por meio de um jogo da memória com fotos dos personagens. Atividade como pesquisa e recorte em jornais e revistas de fotos de pessoas famosas pode proporcionar uma discussão sobre os motivos que levaram essas pessoas a serem famosas promovendo uma reflexão sobre talento / oportunidade.

Outro tema que pode ser abordado é a questão dos apelidos que geralmente estão relacionados a preconceitos.

Trabalhar bastante com o nome da criança, construindo acrósticos, lendo e interpretando poesias e músicas que abordem a importância dos nomes das pessoas, finalizando com a confecção do R.G. individual. Os poemas **Identidade,** de Pedro Bandeira, e **Sobrenome,** de José Paulo Paes podem acrescentar muito ao tema em questão.

IDENTIDADE

Autor: Pedro Bandeira

Às vezes nem eu mesmo
sei quem sou.
Às vezes sou
"o meu queridinho"
Às vezes sou
"moleque mal criado"
Para mim tem vezes que sou rei,
herói voador, cow-boy lutador,
Jogador campeão.
Às vezes sou pulga, sou mosca também
que voa e se esconde
de medo e de vergonha.
Às vezes sou Hércules, Sansão vencedor,
peito de aço, goleador.
Mas o que importa o que pensam de mim?
Eu sou quem sou, eu sou eu,
sou assim
Sou menino.

SOBRENOME

Autor: José Paulo Paes

Como vocês sabem
Frankenstein foi feito
com pedaços de pessoas diferentes:
a perna era de uma, o braço de outra
a cabeça de uma terceira
e assim por diante.
Além de o resultado
ter sido um desastre
houve um grave problema
na hora em que Frankenstein
foi tirar carteira de identidade.
Como dar identidade
a quem era mistura
de várias pessoas?
A coisa só se resolveu
quando alguém lembrou
que num condomínio
cada apartamento é de um dono diferente.
Foi assim que Frankenstein Condomínio
ganhou nome e sobrenome
como toda a gente.

O poema de Ruth Rocha, além de oportunizar um bom trabalho com o nome, pode ainda introduzir o tema dos direitos das crianças.

(...) criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar
Ter saúde e não ter fome
Ter segurança e estudar.

Não é questão de querer
Nem questão de concordar
Os direitos das crianças
Todos têm de respeitar (...)
(Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha)

Ainda enfocando o tema "Direitos e Deveres", segue uma atividade que visa a promover uma interessante reflexão.

	DIREITOS	**DEVERES**
Pais		
Filhos		
Professores		
Alunos		

Essa atividade pode ter continuidade com a autoavaliação do aluno. O professor prepara um questionário com algumas questões para que o aluno se autoavalie, ou então, prepara um roteiro e o aluno redige um texto sobre os aspectos sugeridos. A autoavaliação é um riquíssimo recurso que o professor pode utilizar para determinados objetivos.

O tema *aniversário* é, sem dúvida, um marco na vida de qualquer criança, carregado de carga emocional, pois está fortemente relacionado à autoestima, e à lembrança dessa data pelas pessoas de seu convívio, que sugere que é bem aceito. Aproveitando que as crianças adoram festas, comentar sobre os diferentes modos de comemorações e as mudanças que ocorrem com o decorrer do tempo. Uma pesquisa, por exemplo, por parte do professor, sobre as comemorações em outras culturas (africanas, indígenas) favorecerá um momento diferente e muito interessante para as crianças.

A família é o primeiro grupo social de que a criança participa e, portanto, o mais próximo, assim deve-se ter todo o cuidado ao comentar sobre estrutura familiar, que está em constante transformação. Hoje, é mais adequado chamar de *família* as pessoas que cuidam / convivem com a criança. Neste caso, pode-se solicitar que as crianças tragam para socialização com o grupo fotos de pessoas queridas de sua família e aproveitar para expressarem-se sobre os motivos de sua escolha. Neste momento, ainda cabe sugerir ao grupo que analise as diferentes fotos e classifique-as por idade aproximada. O professor pode, então, comentar sobre a importância da experiência de vida dos familiares na formação da pessoa, acentuando o respeito que devemos ter com os idosos.

A partir dos comentários sobre a vida familiar, o professor pode introduzir o tema sobre os cuidados com o próprio corpo, para preservação da saúde e consequentemente a preservação do meio ambiente, pois é de onde tiramos a água, os vegetais, enfim, o que necessitamos para nossa sobrevivência.

Para complementar o trabalho, solicitar a cada criança o desenho de seu autorretrato utilizando um espelho, para se observar. Como inspiração, mostrar autorretratos de pintores famosos como Portinari, Benedito Calixto, Pablo Picasso, Rembrandt, Leonardo Da Vinci, Van Gogh e outros, o que certamente estimulará cada criança para a confecção com muito mais interesse e riqueza de detalhes. Após essa atividade, o professor poderá iniciar um conversa informal sobre a exagerada importância que é atribuída à aparência física: O que é bonito? O que é belo? O que é realmente importante numa pessoa? Para abordar esse assunto, o professor deverá estar preparado para questões polêmicas e ter a serenidade e bom senso para mediar as situações de modo que nenhuma criança se sinta desvalorizada. É o momento apropriado para valorizar as características físicas de cada criança promovendo o desenvolvimento da autoestima.

Também o desenho do próprio corpo (inteiro) pode ser feito pela criança e, durante a confecção, o professor provoca comentários sobre as mudanças que vão acontecendo em nosso corpo à medida que crescemos, a importância dos órgãos dos sentidos para nossa comunicação com as pessoas e o mundo que nos cerca. A dinâmica do “cego e o guia” pode ser muito bem aproveitada para ilustrar a importância da visão, por exemplo.

Finalizando, sugere-se o desenho do contorno do corpo pelo colega em papel pardo (grande). É uma atividade que as crianças adoram e várias habilidades são estimuladas nesse momento desde as motoras até as que envolvem o relacionamento interpessoal. Todas essas atividades devem ocorrer aos poucos, em vários dias, para não cansar. Aproveitando as datas de aniversários das crianças, agrupá-los por mês de nascimento e relacionar ao calendário (caso o professor queira enriquecer a atividade, pode fazer uma pesquisa sobre astrologia e relacionar ao calendário), comentando sobre as datas comemorativas, por exemplo.

Leitura de imagens / símbolos

As crianças são naturalmente curiosas e muito observadoras. Então, a apreciação de obras de arte em geral, como: pinturas, esculturas, fotografias de pessoas / paisagens, monumentos religiosos, símbolos, etc., visa à sensibilização e ao despertar do senso crítico e estético.

Para viver democraticamente em uma sociedade plural, é preciso respeitar as diferentes culturas e grupos que a constituem. Como a convivência entre grupos diferentes é marcada pelo preconceito, um dos grandes desafios da escola é conhecer e valorizar a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade brasileira. Recorte e colagem de fotos de pessoas de diferentes origens, idades, etnia e sexo, analisando e comparando as diferenças e semelhanças, assim como fotos de jornais e revistas sobre as condições de moradia das pessoas mais desfavorecidas economicamente podem servir de estímulos para que as crianças / adolescentes analisem, levantem hipóteses sobre a questão e, em grupo, organizem sugestões de como melhorar essas situações. Essa atividade pode ter início com a contação da história “Os três porquinhos” ou a de “João e Maria”, pois o tema da primeira é a construção de uma boa casa (moradia) e o da segunda é a pobreza (fome).

Pesquisa e montagem de quebra-cabeça utilizando as telas de pintores famosos que abordaram o tema “brincadeira” em suas obras (**Roda**, de Milton Dacosta, **Meninos com Carneiro**, de Cândido Portinari, **Meninas Pulando Corda**, de Roberto Campos Oswaldo, **Cabra-cega e Brincadeira de Criança**, de Orlando Teruz). As crianças montam e comparam os tipos de brincadeiras antigas com as atuais refletindo sobre as principais diferenças. As crianças brincavam livremente pelas ruas,

quintais, desenvolvendo-se integralmente. Hoje, estão confinadas em pequenos apartamentos e, ainda, para agravar, são proibidas de se sujarem. No *sit*e http://www.portinari.org.br/, encontram-se telas de Portinari sobre o tema.

Aproveitando o tema "brincadeira", solicitar ao aluno desenho ou pintura dos membros da família, classificando-os por gênero e discutindo, em grupos, as diferenças e semelhanças entre os sexos: menino brinca de bola e menina de boneca; menino usa cor azul e menina usa rosa, etc.

A visitação a museus/exposições de artes é uma das atividades que contribuem para todas as áreas do conhecimento. As obras expostas em um museu estão organizadas por estilos, tempo cronológico, tipos de arte, etc., favorecendo diversas interpretações e releituras.

A arte é uma linguagem representada principalmente por signos não verbais (cores, formas, movimentos, etc.) a que cada um atribui um significado conforme sentimentos e emoções próprios, e, por meio da arte, podemos ter acesso e compreender os sentimentos e os pensamentos das comunidades de qualquer época, povo, cultura ou país.

Para trabalhar com o conteúdo sobre símbolos, é necessário estabelecer as conexões com os temas já desenvolvidos e que oportunizam a compreensão de que os símbolos estão presentes no dia a dia da sala de aula e do entorno (alfabeto, números, emblemas).

Solicita-se aos alunos que tragam de casa pelo menos um símbolo significativo para sua família. O símbolo é apresentado para o grupo pelo aluno que o trouxe que explica o motivo da escolha, o significado e o nome do símbolo. Após a apresentação, o símbolo deve passar de mão em mão, para que todos o observem atentamente. Ao final, promover uma reflexão com os alunos ajudando-os a perceber que um mesmo símbolo pode ter significados diferentes para as pessoas. Pode-se concluir organizando exposição com os diferentes símbolos.

Pode-se solicitar também aos alunos que tragam fotos (ou figuras de revistas, no caso de não terem fotos) que julgam importantes. A partir das fotos, contam uma história de sua família descrevendo os acontecimentos mais importantes representados por elas. Em seguida, cada aluno classifica as fotos trazidas, por ordem de valor para ele, utilizando um álbum previamente confeccionado. Para finalizar, a professora promove a reflexão dos alunos sobre como as fotos ajudam a fazer a memória mostrando acontecimentos importantes de nossa vida; antes da fotografia, os acontecimentos importantes eram guardados por meio de histórias contadas de uma geração para outra e revividas nas celebrações.

Promover exposições bimestrais ou semestrais na escola, com visitação da comunidade, mostrando as atividades desenvolvidas pelas crianças ao longo do ano letivo, demonstra que os adultos (no caso, professores, equipe escolar), valorizam o trabalho realizado, estimulando-as para que continuem suas produções, pois o sentimento de valoração pessoal favorece na motivação para realização de outros trabalhos ainda mais elaborados.

A vida é como...
...jogar uma bola na parede.
Se for jogada uma bola verde, ela voltará verde.
Se for jogada uma bola azul, ela voltará azul.
Se a bola for jogada fraca, ela voltará fraca.
Se a bola for jogada com força, ela voltará com força.
Por isso nunca **"jogue uma bola na vida"**,
de forma que não esteja pronto para recebê-la.
A **Vida** não dá, nem empresta.
Não se comove nem se apieda.
Tudo quanto ela faz é **retribuir** e **transferir...**
...aquilo que nós lhe **oferecemos**.

4º ANO	CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (Ciên / Mat / Inf. Educ.)	
CIÊNCIAS		
CONTEÚDOS		
CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
AMBIENTE • O solo e sua ocupação: urbana e rural. • Tipos de solo e o solo de nossa região. • Erosão do solo e suas consequências. • Vegetação e erosão. • Fertilidade do solo. • Presença da água na natureza. • Características e propriedades da água. • A água como solvente (misturas). • Importância da água para os seres vivos. • Estados físicos e mudanças de estado. • Ciclo da água na natureza. • Atmosfera e gases. • Vento: utilidades e perigos. • Ar e combustão. • Relação solo - água - ar e seres vivos. • Materiais retirados do ambiente e utilizados pelo homem (areia, madeira, minerais, alimentos, petróleo entre outros). • A energia no planeta. • Formas diferentes de energia (térmica, luminosa, elétrica, solar, dos combustíveis, eólica). • Transformações da energia (luz, calor) e seus efeitos. • Poluição do ar, água e solo e suas consequências. • Fontes poluidoras (navios, indústrias, lixo, veículos, entre outros). • Uso indiscriminado dos recursos naturais.	• Pesquisas em diferentes fontes (revistas, jornais, livros paradidáticos) sobre o tema em estudo. • Leitura de textos informativos e comparação de ideias. • Utilização do vocabulário adequado para descrição dos fenômenos observados. • Organização e registro de dados sobre o tema estudado por intermédio de desenhos, quadros, tabelas, esquemas, listas, textos, mais elaborados. • Observação de fenômenos e objetos e formulação de perguntas e suposições sobre o tema em estudo. • Investigação das relações entre água, calor, luz, seres vivos, solo e outros materiais, a fim de entender os aspectos da dinâmica ambiental. • Uso de técnicas de investigação ao observar e descrever imagens de diferentes objetos em diferentes fontes. • Realização de trabalho de campo para observação, manipulação, coleta de materiais, utilizando diferentes critérios para classificá-los. • Enumeração das atitudes e comportamentos favoráveis à higiene e à prevenção de acidentes. • Avaliação da influência dos componentes ambientais na vida dos animais e vegetais, bem como das intervenções do homem no ambiente, e as consequências das formas inadequadas de ocupação dos diferentes espaços.	• Colaboração quando necessário (por exemplo, ao trazer amostras de solo para observação). • Empenho nas atividades de grupo e na realização de tarefas individuais. • Desenvolvimento e valorização de atitudes científicas, como organização e rigor nas observações e análises. • Valorização das coisas da natureza. • Respeito às opiniões das pessoas. • Posicionamento diante de conquistas e inovações tecnológicas valorizando a contribuição da ciência para a melhoria da qualidade de vida, como, por exemplo, no desenvolvimento de novos aparelhos domésticos. • Persistência na busca e compreensão das informações obtidas por investigação. • Desenvolvimento de hábitos novos e predisposição a alterar os antigos hábitos relacionados ao cuidado com a saúde. • Respeito pelas coisas da natureza, conhecendo como a exploração irracional dos recursos naturais pode prejudicar o meio ambiente. • Valorização do saneamento básico como técnica que contribui para a qualidade de vida e a preservação do meio ambiente. • Desenvolvimento de uma concepção crítica diante do consumismo e desperdício.

SER HUMANO E SAÚDE

- Ocorrência de doenças no homem transmitidas pela: água, ar e solo poluídos ou contaminados.
- Verminoses mais comuns na infância.
- Higiene pessoal e ambiental.
- Prevenção de acidentes.

RECURSOS TECNOLÓGICOS

- Saneamento básico.
- Água e abastecimento (captação, distribuição e armazenamento da água).
- Tratamento da água; reservatórios de água e distribuição de água. Água potável.
- Destino das águas servidas (sistema de esgotos) e tratamento de águas servidas.
- Materiais usados no dia a dia e o lixo.
- Reciclagem de materiais.
- Coleta seletiva de lixo.
- Tratamento do lixo.
- Preservação dos recursos naturais.

- Comparação e classificação dos equipamentos, utensílios, ferramentas, relacionando o seu funcionamento à utilização de energia, para se aproximar da noção de energia como capacidade de realizar trabalho.
- Análise de dados, ao estudar por exemplo gráficos de consumo de energia elétrica.
- Manejo de material e montagens de experiências simples, com a supervisão do professor.
- Investigação da origem e destino social dos recursos tecnológicos, as consequências para a saúde pessoal e ambiental.

4º ANO	CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (Ciên / Mat / Inf. Educ.)

MATEMÁTICA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
NÚMEROS E OPERAÇÕES • Sistema de numeração decimal até 999.999 - unidade e dezena de milhar. - valor posicional. - sucessor e antecessor. - ordem crescente e decrescente. - símbolos (>, <, = e ≠). - par e ímpar. • Números ordinais (até 50). • Adição - com duas ou mais parcelas. -propriedades. - nomenclatura. - com e sem reagrupamento. - com duas ou mais parcelas. • Subtração: - situações de tirar, comparar ou completar - operações com e sem reagrupamento. - operação inversa. - nomenclatura. • Multiplicação - situações que representam adições de parcelas iguais - situações que envolvam a ideia combinatória. - multiplicador com um ou mais algarismos - multiplicando até 3ª ordem (centena). - produto até 999. - com e sem reagrupamento. - por 10, 100, 1000. - dobro , triplo, quádruplo e quíntuplo. - Operações inversas	• Elaboração de registros e organização de informações, empregando números e quantidades, de acordo com as regras do sistema de numeração decimal e ordinal. • Uso do conceito de adição, como ideia de juntar, acrescentar quantidades, na resolução de situações-problema do cotidiano, que envolvam números naturais. • Uso do conceito de subtração como ideia de tirar, comparar e completar quantidades, na resolução de situações-problema do cotidiano, que envolvam números naturais. • Uso da multiplicação como ideia de juntar quantidades iguais, combinatórias e organização retangular na resolução de situações-problema, que envolvam números naturais. • Uso da divisão como ideia de repartir em partes iguais, na resolução de situações-problema do cotidiano, que envolvam números naturais. • Emprego de diferentes estratégias pessoais e técnicas operatórias (algoritmo) das 4 operações, na resolução de situações-problema presentes no cotidiano. • Leitura, escrita, comparação e ordenação de números pela compreensão das características do sistema de numeração decimal. • Uso do termo unidade de milhar relacionado ao conjunto de 10 centenas, 100 dezenas ou 1000 unidades. • Registro do antecessor e do sucessor de um número natural. • Utilização de sinais convencionais (+, -, x, : =, >,<, =, ≠) na escrita das operações. • Avaliação de resultados obtidos por meio das operações inversas.	• Desenvolvimento de atitudes favoráveis para a aprendizagem de Matemática. • Exposição do próprio pensamento de forma autônoma e criativa, respeitando o pensamento do outro. • Esclarecimento de dúvidas, observando que as soluções dos outros fazem sentido e podem ser utilizadas. • Persistência na resolução de problemas e na construção de suas próprias ideias. • Interação com seus pares de forma cooperativa, trabalhando coletivamente na busca de soluções de problemas. • Exposição e registro preciso de informações, ideias e cálculos, necessários em seu dia a dia, utilizando, para tanto, conceitos fundamentais e vocábulos matemáticos. • Respeito às regras de jogos, transpondo-as para a sua rotina. • Convivência com o erro como parte do processo de aprendizagem. • Curiosidade por conhecer diferentes estratégias de cálculo (mental, escrito, exato, aproximado). • Confiança em suas possibilidades para propor e resolver problemas. • Perseverança, esforço e disciplina na busca de resultados. • Perseverança, esforço e disciplina na busca de resultados.

• Divisão - exata e não exata. - exata e não exata. - divisor com 2 algarismos. - dividendo até 999. - operação inversa. - metade, terça e quarta parte. - divisor com 2 algarismos. - por 10, 100 e 1000. • Números romanos - História de sistemas de numeração antigos, como o egípcio, maia e romano (destacar o último por estar bem presente no cotidiano dos alunos). • Números fracionários - representação fracionária. - leitura de frações - comparação de números fracionários. - frações equivalentes. - adição e subtração de frações com o mesmo denominador. - fração de uma quantidade • Números decimais - o décimo. - leitura e escrita de números decimais. - comparação de números decimais. - adição e subtração com números decimais. **ESPAÇO E FORMA** • Posições de uma reta (horizontal, vertical e inclinada). - semelhanças e diferenças entre polígonos, usando critérios como número de lados, número de ângulos, eixos de simetria, etc. - composição e decomposição de figuras planas e identificação de que qualquer polígono pode ser composto a partir de figuras triangulares. • Posições de duas retas (paralelas, perpendiculares, concorrentes). • Simetria.	• Utilização de diferentes operações para resolver um mesmo problema. • Utilização da decomposição das escritas numéricas para a realização do cálculo mental exato e aproximado. • Ampliação dos significados do número em situações cotidianas que envolvam códigos numéricos e contagem. • Aplicação de diferentes estratégias de contagem. • Utilização das quatro operações em situações-problema. • Aplicação de estratégias pessoais para o cálculo das quatro operações. • Resolução de operações com e sem reagrupamento. • Uso do número em situações cotidianas que envolvam códigos numéricos e contagem e medidas. • Localização de pessoas ou objetos no espaço por meio do emprego de vocábulo e linguagem geométrica de posição, direção e sentido. • Ampliação e redução de figuras planas pelo uso de malhas. • Observação de figuras simétricas na natureza e em obras artísticas. • Percepção do eixo de simetria. • Criação de figuras simétricas por meio de dobraduras • Observação de formas poligonais no dia a dia, na natureza e nas criações artísticas • Representação de formas poligonais em trabalhos artísticos. • Construção de sólidos geométricos a partir de suas principais características. • Observação de objetos presentes em nosso cotidiano e as formas geométricas espaciais. • Leitura de horas num relógio de ponteiros. • Relação entre as unidades de tempo — dia, semana, mês, bimestre, semestre, ano. • Utilização de calendários. • Manuseio de cédulas e moedas que circulam no Brasil e de possíveis trocas entre cédulas e moedas em função de seus valores. • Utilização do sistema monetário brasileiro em situações-problema.	• Respeito pelo pensamento do outro, valorização do trabalho cooperativo e do intercâmbio de ideias, como fonte de aprendizagem. • Apreciação da limpeza, ordem, precisão e correção na elaboração e na apresentação dos trabalhos. • Curiosidade em conhecer a evolução histórica das medidas, unidades de medida e instrumentos utilizados por diferentes grupos culturais e reconhecimento da importância do uso adequado dos instrumentos e unidades de medida convencionais. • Interesse na leitura de tabelas e gráficos como forma de obter informações. • Hábito de analisar todos os elementos significativos presentes em uma representação gráfica, evitando interpretações parciais e precipitadas.

• Ângulos • Polígonos • Sólidos geométricos. - elementos do sólido geométrico: faces, arestas e vértices. - três dimensões: comprimento, largura e altura. **GRANDEZAS E MEDIDAS** • Medidas de tempo: hora e minuto • Sistema monetário. - Breve contextualização história do sistema monetário (sistema de trocas das antigas civilizações) - Sistema monetário brasileiro (cédulas e moedas/ real e centavos). - Sistema monetário brasileiro em situações-problema. - Lucro e prejuízo - Documentos relacionados ao processo de compra e venda: cheque, nota fiscal, recibo, vale, etc. • Medidas de capacidade: litro e mililitro. • Medidas de massa e comprimento. • Perímetro **TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO** • Listas, tabelas e gráficos	• Comparação de grandezas de mesma natureza, por meio de estratégias pessoais e uso de instrumentos de medida conhecidos (recipientes de um litro). • Coleta, organização e descrição de dados. • Leitura e interpretação de dados apresentados de maneira organizada (por meio de listas, tabelas, diagramas e gráficos) e construção dessas representações. • Elaboração e problematização de listas e tabelas simples (lista de aniversariantes do mês, relação dos nomes dos alunos, resultados de campeonatos e jogos, etc.). • Interpretação de dados apresentados por meio de tabelas e gráficos, para identificação de acontecimentos e resultados de pesquisas. • Produção de textos escritos, a partir da interpretação de gráficos e tabelas. • Construção de listas, gráficos e tabelas com base em informações contidas em textos jornalísticos, científicos ou outros. • Realização de estimativas. • Leitura e interpretação de informações contidas em imagens. • Criação de registros pessoais para comunicação das informações coletadas. • Interpretação e elaboração de listas, tabelas simples, de dupla entrada e gráficos de barra para comunicar a informação obtida. • Cálculo de perímetro de figuras desenhadas em malhas quadriculadas e comparação de perímetros de duas figuras sem uso de fórmulas.

4º ANO	CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (Ciên / Mat / Inf. Educ)	
	INFORMÁTICA EDUCATIVA	
	CONTEÚDOS	
CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Nomenclatura tecnológica • Computador: dispositivos externos; • Mídias; • Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) • Internet • Ferramentas de Produtividade	• Identificação das partes do computador e dispositivos externos: *mouse*, teclado alfanumérico e numérico, monitor, tela, área de trabalho/*desktop*, impressora, gabinete/torre, CPU, estabilizador, *pendrive*, CD, *drive* de CD, porta USB, fone de ouvido, microfone, câmera. • Uso correto dos equipamentos do laboratório de Informática (saber ligar e desligar). • Uso de *login* e senha. • Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nas atividades cotidianas escolares e familiares; • Uso dos *softwares* e aplicativos disponíveis, para complementar as atividades do conteúdo curricular de maneira interdisciplinar; • Desenvolvimento da habilidade de pesquisar (refinamento), organizar informações, levantar hipóteses e pensar estrategicamente, visando a registrar trabalhos escolares; • Expressão por meio de *softwares* de criação, edição e exposição de suas atividades, integrando textos, imagens, ferramentas de desenho e pintura, animações e outros recursos; • Uso de recursos de informação e comunicação de *sites* educacionais e de pesquisa, para uma navegação segura, transformando informação em conhecimento; • Editoração e formatação de textos, priorizando: uso de teclas shift+letra, acentos, *backspace e delete*, barra de espaço, enter, tab (parágrafo) e setas direcionais, formatação de margens e orientação de página, justificar, centralizar e negritar (texto e títulos).	• Respeito a regras e combinados para utilização do Laboratório de Informática. • Familiarização com o uso do computador. • Identificação, nas atividades lúdicas/tecnológicas, de uma possibilidade de aprendizagem do conteúdo curricular. • Uso do laboratório de informática, envolvendo-se em relações de troca e cooperação. • Desenvolvimento da capacidade de expressão por meio da criação, edição e exposição de ideias com o uso de *softwares* de criação e pesquisa. • Cuidado com os equipamentos tecnológicos.

- Uso de planilha eletrônica, priorizando: criar e salvar arquivos; diferenciar coluna, linha e célula; formatar: colunas(tamanho), linhas (altura) e célula (inserir borda, texto e imagem)
- Criação de apresentação em *slides*, priorizando: criar e salvar arquivo, inserir texto e imagem; adotar os elementos pré-textuais no 1º *slide*, formatar transição de slides.
- "Salva" adequada de arquivos nas pastas e/ou subpastas da área de trabalho;
- Comunicação via *internet* (*emails e blogs*);

4º ANO	LINGUAGENS (L Port / Ing / Arte / Ed. Fís)

LÍNGUA PORTUGUESA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
LINGUAGEM ORAL • Linguagem e participação social (leituras variadas, interpretação e intercâmbio: seminário, mesa-redonda, palestra, etc.). **LEITURA** • Textos de gêneros diversos: contos, poemas, canções, instruções, relatos, entrevistas, receitas, notícias (via rádio e TV), mitos, fábulas, lendas, quadrinhas, parlendas, trava-línguas, piadas, ingresso para eventos, cartão-postal. • Textos extraverbais (ex: fotografia, música, dança, pintura, escultura e outros). • Leitura e interpretação de texto. **ESCRITA** • Produção de texto coletiva e individual, oral e escrita. • Coesão e coerência textual. • Itens da gramática normativa: o Substantivo próprio / comum, simples / composto. o Substantivos coletivos, primitivos, derivados, pátrios. o Número do substantivo e do adjetivo (singular / plural). o Adjetivo. o Sinônimo / antônimo. o Palavras monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas.	• Aplicação das regras da língua padrão em situações de expressão oral e escrita. • Leitura e escuta de textos de gêneros diversos. • Leitura com diferentes finalidades: estudar, pesquisar, emocionar-se, instruir-se, informar-se, divertir-se, comunicar em voz alta, lembrar, etc. • Combinação e seleção de estratégias de leitura, de acordo com as necessidades textuais. • Produção de diferentes textos. • Operação coerente da língua de acordo com objetivo da mensagem. • Utilização e seleção de vocábulos adequados aos objetivos pretendidos. • Ampliação do repertório vocabular. • Análise de textos bem escritos para observação do processo de escritura de diferentes autores consagrados. • Uso sistemático do dicionário em qualquer situação de escrita em que se faça necessário, não apenas no ambiente escolar, mas também fora dele. • Produção de jornal escolar (seleção de seções, escolha de reportagens, notícias e manchetes, elaboração de texto e revisão, escolha de imagens, etc).	• Respeito às diferentes formas de expressão. • Valorização da leitura. • Preservação e cuidado com livros, documentos, registros, entre outros suportes de escrita. • Autonomia e criticidade crescentes nas produções escritas. • Valorização da pesquisa como fonte de conhecimento e aprendizagem. • Exercício da cidadania por meio do domínio da língua formal. • Valorização do uso do dicionário.

- Pronomes pessoais e possessivos.
- Sinais de pontuação (vírgula).
- Frases: afirmativas, interrogativas, negativas e exclamativas.
- Palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.
- Expressões de temporalidade e causalidade (nas situações de uso da língua): quando, enquanto, logo que, depois que, até que, depois que, porque, portanto, visto que, já que, como etc.
- Verbo (infinitivo).
- Verbos: 1ª, 2ª e 3ª conjugação.
- Tempos verbais: presente, passado e futuro.
- Discurso direto e indireto.
- Diferentes usos e grafias: por quê? Por que...? porque, porquê.
- Ortografia:
  - Regularidades Contextuais (o uso do S/SS);
  - Regularidades Morfogramaticais (terminação em L no final dos coletivos – ex: canavial cafezal, etc –, terminação em ESA para lugar de origem – ex: francesa, portuguesa, etc – e terminação dos verbos em SSE – ex: chegasse, falasse, cantasse, etc);
  - Segmentação entre as palavras de um texto ou frase.
- Irregularidades ortográficas.

- Características do gênero (texto jornalístico: manchete, legenda de fotos, editorial, artigo de opinião, notícia, reportagem, etc.) /portador de texto (jornal), a partir de um tema gerador previamente selecionado.

4º ANO	LINGUAGENS (L Port / Ing / Arte / Ed. Fís)

INGLÊS

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• **Cumprimentos**: *hi, hello, good morning, good afternoon, good evening, good night, good bye. How are you? I'm fine, thanks. And you?* • **Apresentação**: *What´s your name? My name is _.* • **Comandos**: *sit down, color, read, draw, stand up, close/open your book/the door, write, cut, glue, erase the board, it's easy; repeat, please; raise your hands, cross your arms, shake your leg, congratulations, thank you, look at my…, run, jump, fly, cook, speak, play, swim.* • **Sugerir praticar algo:** *Let's play …* • **Perguntas e respostas sobre:** o Ortografia: *How do you spell LION? L-I-O-N.* o Alimentos e bebidas, aniversário, brinquedos, partes do corpo, animais, membros da família. o Preferências: *What's your favorite...? I like/love… I don't like…* o Localizações: *Where's …? She/he/it is on/under the/in…* o Pertences: *What do you have? I have a ….* o Habilidades: *Can you…? Yes, I can. / No, I can't.* o Datas e comemorações: What's your favorite holiday? / When is your birthday? / What day is today? It's … • **Vocabulário:** o Animais (*tiger, monkey, lion, elephant, snake, zebra, crocodile, giraffe, panda, bears*). o Cômodos da casa (*kitchen, bedroom, living room, dining room, bathroom, garage, garden).*	• Uso, em situações cotidianas, do vocabulário e diálogos aprendidos. • Uso da capacidade simbólica para a aquisição de um novo idioma. • Uso do alfabeto para soletrar o próprio nome, sobrenome e palavras que não compreende. • Uso do verbo "*to have*" para falar sobre seus pertences. • Uso dos verbos "*to like*" e "*to love*" para expressar-se sobre as coisas que gosta de fazer e preferências. • Uso do verbo "*to hate*" para expressar-se sobre o que não gosta de fazer. • Uso do verbo modal *"can"* para expressar o que consegue e não consegue fazer. • Contato com músicas, brincadeiras e atividades feitas pelas crianças dos Estados Unidos e Inglaterra por intermédio de vídeos e CDs.	• Respeito a outras culturas. • Cooperação e respeito aos colegas durante as atividades de sala de aula. • Responsabilidade ao desenvolver as atividades em sala de aula. • Respeito ao momento em que o outro fala, ouvindo com atenção. • Parceria na construção da pronúncia dos colegas, respeitando os "erros" e comentando-os de forma positiva. • Reconhecimento da importância do trabalho em equipe.

- Móveis da casa (*bed, closet, toilet, shower, sofa, table, chair, stove, fridge).*
- Jogos e brinquedos *(puzzles, dominoes, memory game, robot, yo-yo, teddy bear, car).*
- Números de 1 a 100.
- Esportes *(soccer, basketball, tennins, swimming, volleyball, play).*
- Habilidades*(run, jump, fly, cook, speak, dance, play, swim).*
- Família (*father, mother, brother, sister, grandmother, grandfather*).
- Celebrações (*Christmas, New Year's Eve, Easter, children's Day, Carnival, Mother's Day, Father's Day, Teacher's Day, Independence Day*).
- Meses do ano.
- Dias da semana.

- **Gramática:**
  - Verbo *"to be"*,"*to like*", *"to love",* "*to hate*" - presente simples.
  - Verbo modal: *can.*
  - Pronomes pessoais: *I, you, it, they, he, she.*
  - Pronomes possessivos: *my, your.*
  - Preposições de lugar: *in, on, under.*
  - Preposição de tempo*: in.*
- Conhecimento das principais manifestações culturais da civilização inglesa e da brasileira: *Valentine's Day, Carnival, Easter, Mother's Day, June Festival, Father's Day, Halloween, Thanksgiving, Christmas.*

4º ANO	LINGUAGENS (L. Port. / Ing. / Arte / Ed. Fís.)

ARTE

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS

TEATRO
• Expressão fisionômica
• Mímica
• Quadro vivo (sugestão: Portinari, Lasar Segal)
ARTES VISUAIS
• Elementos da composição visual
  ○ Cores complementares, disco das cores, formas geométricas na Arte (sugestão: Van Gogh).
• Arte Africana (sugestão - leitura e contextualização das obras de Rugendas e Debret,)
DANÇA
• Relação entre os fatores do movimento
• Iniciação à improvisação
MÚSICA
• Formação de repertório.
• Propriedades do som:
  ○ Altura: som grave, médio e agudo
  ○ Intensidade: som forte e fraco
  ○ Timbre
  ○ Duração: som longo e curto
• Improvisação sonora dirigida.
• Manifestações folclóricas: jogos, canções, danças, brincadeiras, parlendas, etc.
• Hino Nacional Brasileiro.
• Hino à Bandeira Nacional.
• Hino da Independência.
• Música erudita.
	• Observação das cores nas manifestações artísticas
	• Observação da diversidade cultural por meio da leitura das manifestações artísticas desenvolvidas.
	• Experimentação das formas artísticas e tudo que se integra a uma ação criadora (sugestão: Pablo Picasso).
	• Uso da arte como registro histórico.
	• Experimentação de materiais diversificados, bem como o reconhecimento de suas possibilidades nas produções individuais e grupais.
	• Uso do corpo como expressão artística, reconhecendo suas possibilidades físicas e emocionais, ativando a memória afetiva.
	• Observação da forma, espaço e planos nas manifestações artísticas.
	• Construção de objetos tridimensionais (maquete).
	• Experimentação das relações entre os fatores do movimento (espaço, tempo, peso e fluência)
	• Composição de atividades orais, corporais, auditivas, entre outras, estimulando a locomoção, improvisação, prontidão, imitação, improvisação concentração, memorização rítmica e melódica por meio de canções, jogos, brinquedos cantados, etc.
	• Expressão corporal, gestual, facial e/ou plástica em momentos artísticos.
	• Apreciação da música erudita, destacando-se o compositor e sua breve biografia.
	• Audição, observação e demonstração das propriedades do som.
		• Respeito às diferenças.
		• Respeito à própria produção e à do outro.
		• Respeito às normas de funcionamento, às ideias dos demais, à colaboração e à iniciativa própria e alheia.
		• Valorização da solidariedade e da cooperação.
		• Cuidado na utilização dos materiais de trabalho e organização pessoal.
		• Respeito às formas de expressão artística diferenciadas, não convencionais.
		• Cuidado na preservação da produção artística pronta.
		• Valorização do silêncio diante da concentração.
		• Desenvolvimento do senso crítico.
		• Desenvolvimento da criatividade.
		• Valorização das criações individuais e coletivas.
		• Valorização, sensibilização e familiarização com as diferentes linguagens artísticas como forma de expressão e comunicação.
		• Valorização e responsabilidade pela audição e produção de sons do mundo, do cotidiano, percebendo o que pode ser mais saudável, levando a uma melhor qualidade de vida.
		• Atribuição da devida importância musical aos diferentes gêneros propostos.
		• Interesse, respeito e curiosidade pela riqueza do patrimônio musical brasileiro e de outros países.
		• Conscientização no cuidado com o uso da voz.

- Interpretação, reflexão e contextualização das letras das canções e hinos pátrios.
- Canto coletivo: canções infantis, folclóricas, da MPB, Hinos Pátrios.

4º ANO	LINGUAGENS (L Port / Ing / Arte / Ed. Fís)	
	EDUCAÇÃO FÍSICA	
	CONTEÚDOS	
CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Atividades competitivas, respeitando o grau de dificuldade da criança. • Circuitos abertos com corridas, saltos e arremessos. • Atividades em sala de aula, desenvolvendo atenção, memória e observação. • Jogos individuais e coletivos. • Expressão de opiniões pessoais quanto a atitudes e estratégias a serem utilizadas em situações de jogos, esportes e brincadeiras. • Jogos cooperativos e recreativos como forma de integração social. • Noções de higiene e saúde. • Saúde corporal o Educação postural • Ginástica. • Atividades com jogos sensoriais, motores, simbólicos. • Brincadeiras cantadas. • Movimentos por meio das possibilidades: arrastar-se, engatinhar, rastejar, rolamentos, saltos, apoios variados, atividades em equilíbrio. • Atividades com noções de equilíbrio, força, velocidade, flexibilidade e direção. • Atividades pré-desportivas. • Esportes paralímpicos o Práticas esportivas adaptadas • Atividades com danças simples ou adaptadas pertencentes a manifestações populares e folclóricas.	• Participação em jogos pré-desportivos, jogos populares, brincadeiras ou outras atividades corporais. • Identificação das modalidades paralímpicas. • Práticas esportivas adaptadas por meio de atividades interativas. • Utilização das diferentes linguagens: verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal, como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias. • Elaboração e desenvolvimento de jogos, brincadeiras e danças cooperativas, valorizando a participação de todos. • Participação em jogos coletivos. • Criação de brincadeiras. • Resolução individual de problemas corporais. • Discussão das regras dos jogos. • Resolução de situações de conflito por meio do diálogo, com ajuda do professor. • Utilização de habilidades (correr, saltar, rolar, bater, arremessar, rebater, amortecer, chutar, girar) durante jogos, brincadeiras e danças. • Participação em atividades rítmicas e expressivas, assim como em danças. • Localização no espaço percebendo seus limites e os do outro. • Uso da atenção, observação e memória. • Observação dos limites impostos pelas regras dos jogos e brincadeiras, respeitando as diferenças.	• Reconhecimento, valorização e sustentação da participação de todas as diferenças, adotando atitudes de cooperação e solidariedade. • Respeito a suas possibilidades e limitações corporais. • Valorização dos momentos de reflexão. • Responsabilidade com a sua saúde e a dos outros. • Reconhecimento da importância da valorização e apreciação das manifestações de cultura corporal presentes no cotidiano. • Cuidado com o próprio corpo, por meio da adoção de hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida, agindo com responsabilidade em relação a sua saúde e à saúde coletiva. • Respeito às regras. • Valorização e apreciação de danças e brincadeiras pertencentes à cultura brasileira. • Adoção de atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade em situações competitivas, repudiando qualquer espécie de violência. • Respeito à utilização dos espaços comuns.

• Danças pertencentes a manifestações culturais da coletividade ou outras localidades. • Brincadeiras aprendidas em contextos extraescolares. • Atividades com divisões de grupos, estabelecendo relações com o espaço disponível.	• Exercício da cooperação durante as atividades. • Experimentação de atividades de danças. • Uso de suas possibilidades e limitações corporais. • Orientação e experimentação sobre as possibilidades de posicionamento da coluna de modo correto. • Exercícios de fortalecimento do hábito postural adequado. • Identificação das modalidades paralímpicas. • Práticas esportivas adaptadas por meio de atividades interativas.

4º ANO	SOCIEDADE (Hist / Geo/ Ens. Rel.)

HISTÓRIA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Diferentes grupos que habitaram a região antes da chegada dos portugueses: os homens de sambaqui e os indígenas. • A chegada dos portugueses às terras brasileiras e o início do povoamento. • A chegada de Martim Afonso e o início da colonização oficial do Brasil: fundação da Vila e engenhos. • Formação inicial da cidade de Santos: povoado do Enguaguaçu e suas relações sociais. • Desenvolvimento econômico da localidade e os diferentes grupos sociais que conviviam na coletividade: portugueses, indígenas e negros. • História inicial de Santos • Elevação de Santos à categoria de Vila: ○ escolha do nome de Santos; ○ desenvolvimento econômico da Vila (engenhos, porto, etc.) • A produção açucareira em Santos e o desenvolvimento ○ a concorrência do açúcar nordestino e a saída para a crise: as bandeiras. ○ a invasão de estrangeiros na Vila de Santos • O comércio na Vila de Santos: ○ o monopólio do sal; ○ o ressurgimento do porto: o açúcar e a construção da Calçada do Lorena.	• Produção de regras e combinados coletivos a fim de valorizar ações conjuntas.. • Coleta de dados em diferentes fontes e documentos escritos, iconográficos e cartográficos. • Elaboração de textos a partir do material coletado. • Representação teatral, musical ou poética do encontro de diferentes culturas. • Discussão dos termos invasão, encontro e descobrimento. • Uso de textos como forma de ampliar e discutir os conhecimentos elaborados. • Planejamento e realização de estudo do meio, junto com o professor. • Caracterização do local em que se vive: bairro, cidade, estado, país e suas relações. • Organização dos dados coletados por meio de gráficos, cartazes, textos, etc. • Leitura de documentos, considerando época e linguagem. • Construção de maquetes. • Elaboração de síntese histórica: linha do tempo. • Coleta de dados sobre as diferentes manifestações artísticas contidas nas festas populares. • Emprego de diferentes estratégias de pesquisa. Pesquisa em diferentes fontes: livros, documentos, obras de arte, jornais etc.	• Respeito às regras produzidas coletivamente. • Desenvolvimento de atitudes positivas em relação aos amigos, ao professor e demais pessoas do seu convívio escolar. • Integração aos grupos dos quais faz parte. • Respeito às diferenças culturais e étnicas que formam o povo brasileiro. • Adoção de postura crítica em relação à conquista dos povos nativos. • Valorização da cultura indígena • Exposição do próprio pensamento de forma autônoma e criativa, respeitando o pensamento do outro. • Reconhecimento das diferentes manifestações artísticas contidas nas festas populares. • Valorização da história do local onde se vive. • Reconhecimento das semelhanças, diferenças e permanências no modo de vida da população. • Empenho nas atividades de grupo e na realização de tarefas individuais. • Reconhecimento da importância de saber situar-se no tempo. • Desenvolvimento de atitudes positivas em relação aos povos formadores da nossa cultura. • Desenvolvimento de atitudes positivas em relação ao local onde se vive. • Valorização da história da cidade. • Aceitação das diferenças de opinião.

• Santos e a Independência do Brasil: a participação de José Bonifácio, • A participação dos santistas nas lutas pela Abolição da Escravatura; o Quilombo do Jabaquara. • A imigração e a substituição do trabalho escravo, levando em consideração a importância dos imigrantes na formação da população santista. • Lendas, músicas, comidas típicas, brincadeiras e festas do folclore santista. • A expansão urbana da cidade e o desenvolvimento econômico. • Transformações ocorridas a partir da expansão do café pelo interior de São Paulo e a importância do Porto para a economia nacional. • Participação do proletariado santista na luta por melhores condições trabalhistas. • Crescimento do turismo, a expansão da orla e a migração nordestina. • História recente: o regime militar em Santos e a volta da democracia. • Principais acontecimentos políticos, sociais, econômicos e culturais atuais. • Manifestações artísticas e culturais: o Festa junina em Santos (danças, costumes e alimentação).	• Coleta de dados sobre as diferentes manifestações artísticas contidas nas festas populares existentes em Santos • Elaboração de registros pictóricos sobre folclore santista. • Contextualização temporal da história do Brasil e de Santos • Localização espacial e temporal na História de Santos.	• Reconhecimento da importância de saber situar-se no tempo. • Valorização do patrimônio sociocultural. • Respeito à sociodiversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e um elemento de fortalecimento da democracia.

4º ANO	SOCIEDADE (Hist / Geo/ Ens. Rel.)

GEOGRAFIA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Diferentes tipos de mapas observando título, escala e legenda, destacando-se os mapas que retratam Santos e Região da Baixada Santista; • Ocupação do espaço físico da cidade de Santos diferenciando as zonas rural e urbana; • Semelhanças e diferenças físico-sociais da cidade e do campo, identificando a relação de complementaridade e interdependência existente entre ambos; • Consequências da transformação da natureza pelo homem: desmatamento, poluição e outros. • Aspectos físicos da cidade de Santos: relevo, clima, hidrografia, recursos naturais; • Relação homem-natureza reconhecendo as intervenções humanas no ambiente natural de acordo com suas necessidades: canalização de rios, construção de pontes, aplainamento de morros, áreas populacionais e outros. • O papel do trabalho e da tecnologia na transformação dos espaços; • Características de urbanização da cidade de Santos, observando a industrialização e comercialização, destacando-se o Porto; • Movimento de migração, compreendendo suas consequências, tais como: mão-de-obra para a indústria, ocupação do espaço, desemprego e influências na cultura da cidade;	• Leitura, interpretação e elaboração de mapas e plantas com escala, legenda e título; • Utilização da bússola e a rosa-dos-ventos como instrumento de orientação; • Pesquisa em diferentes fontes de consulta tais como: jornais, livros, enciclopédias, *internet*, fotografias, obras de arte e outros; • Registro por meio de listas, gráficos, textos narrativos, desenhos, fotografias, mapas, plantas e outros; • Confecção de maquete com escala;	• Desenvolvimento do hábito de pesquisa em diferentes fontes de consulta; • Desenvolvimento da autonomia na orientação espacial e temporal; • Valorização de formas sustentáveis de apropriação e transformação dos recursos naturais; • Uso dos mapas e plantas como fonte e registro de informações; • Valorização da diversidade cultural e étnica da cidade de Santos.

- Divisões do trabalho – por tarefas (um planta, outro transporta, outro embala e outras); social (patrão, empregado); por setor (primário, secundário, terciário); espacial (cidade e campo), tendo como foco a dinâmica da economia na cidade de Santos e Região da Baixada Santista;
- Modos de vida dos diferentes grupos sociais locais comparando-os a outras áreas da cidade e região;
- Processo de urbanização e modernização da cidade de Santos promovido pela industrialização: concentração maior de pessoas, transporte, moradia, saneamento básico, energia elétrica, lazer, programas assistenciais, movimentos populares e organização político-administrativa do município.

4º ANO	SOCIEDADE (Hist / Geo / Ens. Rel)

ENSINO RELIGIOSO

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
HISTÓRIA DAS NARRATIVAS SAGRADAS ORAIS E ESCRITAS • Os acontecimentos religiosos são fatos marcantes e podem originar mitos. **RITUAIS** • Celebrações tornam-se práticas religiosas. • Grandes acontecimentos são celebrados. **SÍMBOLOS** • Os símbolos são significativos e necessários para nossas expressões. **FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO** • Diversidade étnica da cultura negra e indígena, principalmente, presentes no nosso cotidiano.	• Expressão da sua crença com liberdade, entendendo a liberdade que o outro também tem de expressar-se quanto à própria crença; • Relação de significados entre os diferentes símbolos religiosos; • Montagem de painéis com os diferentes nomes com os quais o Transcendente é chamado nas Tradições Religiosas mais significativas para o grupo, classificando-os conforme a matriz de origem: ocidental, oriental, africana, indígena; • Pesquisa dos modos de celebrações e solenidades dos grandes acontecimentos que são chamados de rituais pelas Tradições Religiosas e apresentados nos textos sagrados; • Exposição de trabalhos em grupo, de modo que cada grupo apresente sobre uma Tradição Religiosa diferente da que professa. • Discussão em grupos sobre os mitos que se criam ao redor de pessoas (artistas, personagens públicas) como forma de o mundo moderno explicar suas projeções, seus desejos, suas não explicações sobre a realidade complexa e pouco compreendida; • Levantamento junto aos familiares das histórias (crendices) que se contam em famílias e que passam de pai para filho como se fossem verdades.	• Valorização da família; • Troca de opiniões e experiências com os colegas; • Avaliação do próprio comportamento ante a maneira de encarar as diferenças; • Posicionamento pessoal de repúdio em relação aos vários tipos de preconceitos; • Reconhecimento e valorização da pluralidade de manifestações culturais / religiosas; • Reconhecimento de que todo ser vivo depende de outro ser vivo.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

5º ANO

Ensino Fundamental

CIÊNCIAS

Considerações gerais sobre o ensino de Ciências

Para construir uma proposta pedagógica sobre o ensino de Ciências, devemos levar em consideração que as ciências naturais agrupam os conhecimentos relativos à natureza, sobre os fenômenos naturais, elaborados e acumulados pelo homem, de gerações a gerações.

Para aprender Ciências, é necessário ter contato com a realidade para interiorizar o mundo que nos rodeia. Dificilmente, os alunos poderão ter uma aprendizagem que lhes seja útil para a vida se nos orientarmos por uma didática com enfoque abstrato, baseada apenas na memorização de fatos e conceitos. Desse modo, o que poderemos conseguir é desmotivá-los nessa área do conhecimento.

Ao longo do ensino fundamental, a aproximação com o conhecimento científico faz-se gradualmente. Da mesma maneira que, em língua portuguesa, esperamos que o aluno se aproprie da norma culta, em ciências pretendemos que ele se aproprie do conhecimento científico. Sendo assim, deverão ser incentivados a aprender procedimentos simples de observação, comparação, busca e registro de informações, e também desenvolver atitudes de responsabilidade para consigo, com o outro e com o ambiente.

Alunos dessa fase já têm acumulado um repertório de informações sobre os fenômenos da natureza, mas também apresentam suas hipóteses e explicações para esses fenômenos, algumas delas muito lógicas e consistentes com o seu conhecimento, experiências valores culturais e sua observação natural.

Quando confrontam suas ideias com outras explicações, percebem os limites de seus modelos e explicações e a necessidade de mais informações. Mas esse processo não é espontâneo, é construído com a intervenção do professor. É imprescindível que o professor aproveite esta vontade de saber, criando situações interessantes e significativas, fornecendo explicações que permitam a re-elaboração e ampliação dos conhecimentos prévios, propondo articulações entre os conceitos construídos para organizá-los em um corpo de conhecimentos sistematizados.

Sendo assim, cabe ao professor selecionar, organizar e problematizar conteúdos de modo a promover a aprendizagem.

A compreensão dos fenômenos naturais deve ser construída, partindo-se dos conhecimentos prévios que os alunos têm em relação ao assunto que será abordado. A partir disso, o professor pode usar estratégias que o auxiliam no planejamento, como a problematização, a busca de informações, o trabalho em grupo, a transversalidade, a interdisciplinaridade e o trabalho com projetos.

Problematização

A problematização busca promover a mudança conceitual, desenvolvendo aprendizagem significativa dos conceitos científicos. No entanto, nesse momento ainda podemos aceitar as concepções alternativas que as crianças apresentam, sem prejuízo para a aprendizagem dos conceitos científicos.

Para que ocorra a problematização, o professor deverá elaborar questões e proporcionar situações em que os alunos percebam que os conhecimentos prévios são insuficientes, estabelecendo conflitos necessários à aprendizagem. Dessa forma criam-se situações em que, para encontrar soluções, o aluno necessita coletar novas informações, retornar a seu modelo inicial e adequá-lo.

A busca de informações em fontes variadas é uma estratégia que auxilia tanto o professor quanto o aluno no processo de ensino e aprendizagem.

É no processo de busca de informações e confronto de ideias que o conhecimento científico é construído. Os procedimentos que podem ser utilizados na busca de informações são: a observação, a investigação, a experimentação e a leitura de textos.

Observação

Observação é um procedimento em que os alunos obtêm informações por meio dos sentidos. Para tanto, o professor deve considerar a possibilidade de os alunos observarem de forma direta e indireta fatos e fenômenos que nos rodeiam.

Na observação direta os alunos entram em contato com os objetos de estudo: ambientes, vegetais, animais etc. Nesse tipo de observação os alunos podem utilizar todos os sentidos na busca de informações. É o caso que envolve visitas, manipulação de objetos e materiais e construções. Os alunos devem saber o que observar e como proceder antes de realizarem a atividade.

Por exemplo: para observar a força que o ar atmosférico (pressão) exerce sobre os corpos, e entender a ideia de pressão, o aluno deve observar o que acontece quando bebe refrigerante de canudinho. É a pressão atmosférica que empurra o líquido, fazendo-o subir pelo canudo até a sua boca. A explicação é que diminuímos a pressão dentro do canudo, sugando o ar que está lá. Mas quem faz o líquido subir é a pressão.

Na observação indireta, os estudantes obtêm informações por meio de recursos técnicos, como fotos, vídeos, gravuras, mapas, esquemas, maquetes ou mesmo instrumentos e aparelhos, como microscópios, lupas.

Tanto na observação direta com na indireta é necessário que os alunos registrem suas conclusões. Esse registro pode ser feito por meio de desenhos, esquemas, listas, etc. Comparação é também uma forma de coletar dados durante uma observação. Os alunos podem comparar entre si objetos, seres vivos, materiais, etc. Por exemplo: os alunos podem comparar as características de uma água limpa com as de uma água barrenta, para mostrar algumas diferenças importantes entre elas.

As habilidades de observação e comparação de semelhanças e diferenças permitem a estruturação de processos mentais mais elaborados, assim como a reconstrução de categorias de ideias, ou seja, de modelos científicos como argumentar, sintetizar, analisar, identificar, entre outros.

Experimentação

Por meio dela, os alunos podem pôr em ação algumas de suas ideias sobre fatos e conceitos e testar hipóteses, levantadas em um determinado problema, vistas pela ótica infantil e mediadas pelo professor. A atuação do aluno é, nesse sentido, fundamental. As experiências sugeridas não devem, portanto, ser consideradas como meras demonstrações de um conjunto de informações fornecidas pelo professor, mas como um desafio para que os alunos coloquem em prática os conhecimentos que já possuem.

A experimentação desenvolve a habilidade de organizar e manipular materiais, compreender procedimentos, criar atividades, observar os resultados e compará-los com as hipóteses iniciais.

Por exemplo, no caso do “conteúdo estados físicos da água e mudanças de estado”, para que os alunos entendam o que significa sólido, líquido e gás, podem ser preparadas algumas atividades experimentais. Um dos objetivos dessas atividades é, justamente, colocar os alunos em contato com o vocabulário utilizado em ciências para descrever todos esses fenômenos.

Leitura e escrita

O ensino de Ciências pode potencializar essa aprendizagem, incentivando o contato do aluno com diferentes tipos de textos, a argumentação oral e o registro escrito dos conhecimentos adquiridos. Nessa fase, a capacidade de narrar ou descrever um fato pode ser enriquecida pelo desenho que progressivamente incorpora detalhes do objeto ou fenômeno observado. Além do desenho, outras formas de registro podem ser usadas: recorte e colagem, elaboração de listas, tabelas, pequenos textos, com a ajuda ou não do professor, utilizando e aprimorando os conceitos e procedimentos adquiridos em Língua Portuguesa e Matemática.

A aprendizagem do vocabulário científico não deve ser priorizada e nem realizada por meio de memorização, mas sim por meio de múltiplas aproximações com a realidade dos alunos e, sempre que possível, em situações reais de comunicação, como por exemplo, na produção de um texto coletivo. O professor deve ensinar o aluno a discernir o uso do termo e do conceito em diferentes contextos, ressaltando a distinção entre o significado comum e o científico.

Trabalho com projetos

Os projetos, por exemplo, de estudos do meio e de *Webquest*, são estratégias de trabalho em grupo que favorecem a interdisciplinaridade e, muitas vezes, possibilitam o tratamento de temas transversais e dos relacionados aos conteúdos específicos da matéria. Além disso, essa estratégia reúne os conhecimentos prévios dos alunos e os aprendidos em sala de aula.

Jogos e atividades lúdicas

O jogo, quando proposto como atividade lúdica, é um instrumento do desenvolvimento cognitivo das crianças. Escolhido e orientado pelo professor, pode

resultar em aprendizagem conceitual, de procedimentos e de atitudes.

As atividades lúdicas, além de fornecer motivação, também exercem um forte apelo ao envolvimento e à participação dos alunos. Auxilia no desenvolvimento de habilidades e valores, como o respeito aos colegas, estabelecimento de regras, tomada de decisões, desenvolvimento de iniciativa, etc.

Ampliar conhecimentos, testar as habilidades, expressar a imaginação, manipular objetos são ações comumente relacionadas a jogos e outras atividades lúdicas. Hoje em dia, o uso do computador para jogos e atividades lúdicas educacionais pode auxiliar os alunos na aprendizagem e na verificação dos conhecimentos adquiridos.

Planejamento

Buscando auxiliar o professor na elaboração do seu planejamento e na sua intervenção direta no processo de ensino-aprendizagem, apresentamos algumas sugestões na organização dos conteúdos que deverão ser estudados pela classe.

Normalmente, os conteúdos são extensos, mas eles abrem um "leque" de opções para a abordagem da ciência. O importante, qualquer que seja o critério usado para a seleção dos conteúdos pelo professor, é que ele privilegie o que é mais pertinente para aquele momento.

Os conteúdos de Ciências desta série são apresentados em três blocos temáticos específicos: *Ambiente, Ser humano e saúde e Recursos tecnológicos*.

Eles não devem ser trabalhados de maneira linear, ou seja, o professor tem a liberdade de organizar o seu trabalho em temas abrangentes ou gerais. A sequência a ser desenvolvida fica a seu critério, o importante é articular os conteúdos dos três blocos entre si e com os temas transversais, e, se possível, com outras áreas do conhecimento, por exemplo, a História e a Geografia.

A abordagem do conteúdo pode ser realizada por meio de elementos do dia a dia das crianças, que têm, por um lado, o seu aspecto individual e, por outro lado, a sua parte universal, o que representa a sua comunidade.

É importante desenvolver os conceitos num determinado contexto, de forma que os conteúdos possam ser trabalhados da mesma maneira como analisamos os acontecimentos do cotidiano, levando-se em consideração a realidade do aluno.

De certo ponto de vista, os temas são aleatórios. Por exemplo, uma notícia de jornal, um filme, um programa de TV, um acontecimento na comunidade podem sugerir assuntos a serem trabalhados e converterem-se em temas de investigação. O importante é sempre escolher abordagens compatíveis com o desenvolvimento intelectual da classe, com a finalidade de realizar processos consistentes de ensino e aprendizagem.

Ambiente

No 5º ano, propomos a sequência de conteúdos que tratam da energia e suas transformações, iniciados no 4º ano, procurando-se ampliar a abrangência e a profundidade dos estudos ambientais do ponto de vista de Ciências. A Ecologia será o principal referencial teórico para os estudos ambientais. Em uma definição ampla, a Ecologia estuda as relações de interdependência entre os organismos vivos e destes com os componentes abióticos (sem vida) do espaço que habitam, resultando em um sistema aberto denominado ecossistema. Tais relações são enfocadas nos estudos das cadeias e teias alimentares, dos níveis tróficos (produção, consumo e decomposição), do ciclo dos materiais e fluxo de energia, da dinâmica das populações, do desenvolvimento e evolução dos ecossistemas. Em cada um desses capítulos, lança-se mão de conhecimentos da Química, da Física, da Geologia, da Paleontologia, da Biologia e de outras ciências, o que faz da Ecologia uma ciência interdisciplinar.

O enfoque das relações entre os seres vivos e não-vivos, matéria e energia, em dimensões instantâneas ou de longa duração, locais ou planetárias, aplicadas aos múltiplos conteúdos da temática ambiental, oferece subsídios para a formação de atitudes de respeito à integridade ambiental, observando-se o longo período de formação dos ambientes naturais, e que a natureza tem ritmo próprio de renovação e reconstituição de seus componentes, por meio de processo complexo.

É importante considerar que os conceitos de Ecologia são construções teóricas e não fenômenos observáveis ou passíveis de experimentação. Este é o caso das cadeias alimentares, do fluxo de energia, da fotossíntese, da adaptação dos seres vivos ao ambiente, da biodiversidade. Não são aspectos que possam ser vistos diretamente, só podem ser interpretados, são ideias construídas com o auxílio de outras mais simples, de menor grau de abstração, que podem, ao menos parcialmente, ser objeto de investigação por meio da observação e da experimentação diretas, neste 5° ano.

Por exemplo, a ideia abstrata de ciclo dos materiais nos ambientes, que no referencial teórico comporta implicações biológicas, físicas, químicas e geológicas, pode ganhar sucessivas aproximações, construindo-se conceitos menos abstratos e mais simples. È possível ainda a observação da degradação de diferentes materiais, examinando-se a incidência de fungos na decomposição de restos de seres vivos.

Estes conteúdos podem ser tratados em conexão com outros na dimensão das atitudes, como a valorização e preservação dos ambientes. Com isso, busca-se explicar como as várias dimensões dos conteúdos estão articulados entre si e com os conteúdos de educação ambiental, apontados no tema transversal *Meio Ambiente.*

Em síntese, para se tratar conteúdos tendo em vista o desenvolvimento de capacidades inerentes à cidadania é preciso que o conhecimento escolar não seja alheio ao debate ambiental travado pela comunidade e ofereça meios de o aluno participar, refletir e manifestar-se, ouvindo os membros da comunidade, no processo de convívio democrático e participação social.

Ser humano e saúde

A concepção de corpo humano como um sistema integrado continua a nortear os estudos nesta série e orientar a temática. Assim como a natureza, o corpo humano deve ser visto como um todo dinamicamente articulado; os diferentes aparelhos e sistemas que o compõem devem ser percebidos em suas funções específicas para a manutenção do todo. Importa, portanto, compreender as relações fisiológicas e anatômicas. Para que o aluno compreenda a maneira pela qual o corpo transforma, transporta e elimina água, oxigênio, alimentos, obtém energia, se defende da invasão de elementos danosos, coordena e integra as diferentes funções, é importante conhecer os vários processos e estruturas e compreender a relação de cada aparelho e sistema com os demais.

É essa relação que assegura a integridade do corpo e faz dele uma totalidade. Tanto quanto as relações entre aparelhos e sistemas, as interações com o meio respondem pela manutenção da integridade do corpo. A carência nutricional, a afetiva e a social, por exemplo, desenham o corpo humano, interferem na sua arquitetura e no seu funcionamento.

Como ser vivo que é, o ser humano tem seu ciclo vital: nasce, cresce, desenvolve-se, se reproduz e morre. Cada uma dessas fases é fortemente marcada por aspectos socioculturais que se traduzem em hábitos, comportamentos, rituais próprios de cada cultura.

A alimentação, por exemplo, é uma necessidade biológica comum a todos os seres humanos. Todos têm necessidade de consumir diariamente uma série de substâncias alimentares, fundamentais à construção e ao desenvolvimento do corpo — proteínas, vitaminas, carboidratos, lipídios, sais minerais e água. Os tipos de alimentos e a forma de prepará-los são determinados pela cultura e pelo gosto pessoal.

Atualmente, a mídia tem se incumbido de ditar a alimentação mediante a veiculação de propaganda. É muito importante estar atento às ciladas que a propaganda prega. O consumo é o objetivo principal da propaganda — de alimentos ou de medicamentos —, não importando o comprometimento da saúde. Pesquisas têm mostrado que o índice elevado de colesterol no sangue deixou de ser um problema apenas de adultos, para ser também de crianças. E não se trata de casos esporádicos; vem crescendo o número de crianças com índice elevado de colesterol. Motivo: consumo de sanduíches e doces no lugar de refeições com verduras, cereais e legumes. O desenvolvimento de uma consciência com relação à alimentação é necessário, considerando-se as demandas individuais e as possibilidades coletivas de obter alimentos.

É importante que o trabalho sobre o crescimento e o desenvolvimento humano leve em conta as transformações do corpo e do comportamento nas diferentes fases da vida — nascimento, infância, juventude, idade adulta e velhice —, evidenciando-se e intercruzando-se os fatores biológicos, culturais e sociais que marcam tais fases. Importa, ainda, que se enfatize a possibilidade de realizar escolhas na herança cultural recebida e de mudar hábitos e comportamentos que favoreçam a saúde pessoal e coletiva e o desenvolvimento individual.

É papel da escola subsidiar os alunos com conhecimentos e capacidades que os tornem aptos a discriminar informações, identificar valores agregados a essas informações e realizar escolhas.

A sexualidade humana deve ser considerada nas diferentes fases da vida, compreendendo que é um comportamento condicionado por fatores biológicos, culturais e sociais, que tem um significado muito mais amplo e variado que a reprodução, para pessoas de todas as idades. É elemento de realização humana em suas dimensões afetivas e sociais, que incluem, mas a ela não se restringem, a dimensão biológica.

Tão importante quanto o estudo da anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores, masculino e feminino, da gravidez, do parto, da contracepção, das formas de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, é a compreensão de que o corpo humano é sexuado, que a manifestação da sexualidade assume formas diversas ao longo do desenvolvimento humano e, como qualquer comportamento, é modelado pela cultura e pela sociedade.

Esse conhecimento abre possibilidades para o aluno conhecer-se melhor, perceber e respeitar suas necessidades e as dos outros, realizar escolhas dentro daquilo que lhe é oferecido.

Os conteúdos tratados neste bloco temático permitem inúmeras conexões com aqueles propostos nos outros dois blocos, bem como com os temas transversais Saúde e Orientação Sexual.

Recursos tecnológicos

Neste bloco, enfocamos as transformações dos recursos materiais e energéticos em produtos necessários à vida humana, aparelhos, máquinas, instrumentos e processos que possibilitam essas transformações e as implicações sociais do desenvolvimento e do uso de tecnologias.

Sua presença no plano decorre da necessidade de formar alunos capazes de compreender e utilizar recursos tecnológicos, cuja oferta e aplicação se ampliam significativamente na sociedade brasileira e mundial.

A utilização dos seres vivos como recursos naturais pode ser abordada em conexão com os blocos *Ambiente* e *Ser humano*. Por exemplo, com relação à utilização dos vegetais pelo homem, pode-se focar seus possíveis usos como alimentos, remédios, embalagens; pode-se ainda investigar técnicas que possibilitam a obtenção e utilização desses recursos, tais como extração ou cultivo das plantas que são alimentos, criação de animais (granjas, pastagens); caça e pesca predatória, etc.

A origem e o destino social dos recursos tecnológicos, as consequências para a saúde pessoal e ambiental e as vantagens sociais do emprego de determinadas tecnologias são exemplos de aspectos a serem investigados.

Por exemplo: as funções de nutrição podem ser trabalhadas em conexão com este bloco. Ao lado do conhecimento sobre as substâncias alimentares e suas funções no organismo, podem-se abordar as necessidades alimentares de acordo com idade, sexo, atividade que o sujeito desenvolve e clima da região onde vive.

Pode-se, também, estudar o problema da deterioração dos alimentos e as técnicas desenvolvidas para conservação, considerando-se o alcance social de tal desenvolvimento.

A indústria alimentícia pode ser discutida, investigando-se alguns processos de transformação dos alimentos, adição de substâncias corantes, conservantes, etc. Também cabem relações com aspectos político-econômicos envolvidos na disponibilidade de tais alimentos.

Sugestão de planejamento a partir do plano de curso anual.

Ao escolher um assunto para ser desenvolvido em sua classe, por um determinado tempo, por exemplo, um bimestre, o professor precisa escolher o tema e delimitar o campo de investigação sobre ele, abrangendo os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais pertinentes e possíveis.

Exemplificamos aqui um modelo para o desenvolvimento de um tema previamente selecionado. Vamos supor que o professor escolha o tema *Alimentação*, por se tratar de um tema extremamente importante, e que pode gerar maior consciência crítica, garantindo a melhoria da qualidade de vida.

A seleção dos conteúdos conceituais, sempre que possível, deverá abranger os três blocos da série, ou seja, devem ser levadas em conta as conexões existentes entre eles. Sendo assim, foram priorizados os seguintes conteúdos:

- Alimentos: origem, fonte e funções.
- Hábitos alimentares.
- Alimentação equilibrada.
- Elaboração de cardápios.
- Higiene e saúde.
- Contágio por vermes e micro-organismos
- Alimentos industrializados.
- Conservação de alimentos.
- Fotossíntese.
- Cadeia alimentar.
- Preservação dos recursos naturais.

Os conteúdos procedimentais e atitudinais devem ser estabelecidos levando-se em conta os objetivos propostos para o tema em destaque. Os alunos podem, por exemplo, investigar aspectos culturais e educacionais dos hábitos alimentares e a importância da higiene na alimentação.

A pesquisa sobre hábitos alimentares em outras culturas, próximas ou distantes no tempo e no espaço, sobre os próprios hábitos alimentares e de pessoas da comunidade de diferentes idades permite conhecer alimentos mais consumidos nas diferentes refeições, motivos do consumo, gostos pessoais, como esses foram formados, preferência por alimentos crus ou cozidos, por frutas, legumes e verduras ou carnes, entre outros aspectos de relevância local que podem ser investigados.

A análise dos dados obtidos e organizados poderá proporcionar o entendimento sobre as influências do gosto pessoal, das condições socioeconômicas, da cultura e do conhecimento, na formação dos hábitos alimentares.

Outra investigação possível diz respeito às substâncias que compõem os alimentos e seus papéis no funcionamento do corpo. Por meio de experimentos simples, os alunos podem verificar a presença de água, açúcares e amido em diferentes alimentos.

A leitura de rótulos de diferentes alimentos industrializados informa sobre as demais substâncias.

Os desafios para experimentar podem ser ampliados quando os alunos realizam experiências culinárias, em que alguns fenômenos podem ser verificados, como por exemplo, fazer o pão e observar o fenômeno de fermentação.

A conexão com o ambiente pode ser feita quando se aborda o assunto “fonte e origem dos alimentos”, sendo pertinente falar sobre as relações que estabelecemos com os animais e vegetais, na obtenção de alimentos bem como a produção de alimentos pelos vegetais, por meio da fotossíntese e sua importância para os seres vivos.

Pode-se investigar a origem dos nutrientes industrializados, pois os alunos consomem grandes quantidades desses alimentos, como refrigerantes, balas, salgadinhos, enlatados, embutidos, açúcar refinado, entre outros, independentemente do nível de poder aquisitivo.

O estudo das funções específicas dos diversos nutrientes não é adequado neste momento, uma vez que um mesmo nutriente pode cumprir diferentes papéis e alguns deles são utilizados com diferentes fins, dependendo do estado nutricional do indivíduo. Entretanto, os alunos podem compreender que as substâncias alimentares, no seu conjunto, são utilizadas para o fornecimento de energia e de materiais de construção do corpo.

A elaboração de cardápios a partir das informações sobre a utilização de recursos disponíveis é estimulante para a construção de um padrão nutricional desejável e compatível com a realidade. O conhecimento da dieta equilibrada não é o único envolvido na mudança de comportamento alimentar dos alunos, pois não se trata apenas de ingerir todos os nutrientes, mas de obtê-los nas proporções adequadas e garantir que sejam de boa qualidade.

Visitas a postos de saúde locais ou entrevistas com agentes de saúde podem fornecer informações sobre a máxima utilização dos alimentos; como usar talos e cascas de vegetais, como enriquecer o pão, etc.

Enfim, a escolha de conteúdos de qualquer bloco temático deve ser cuidadosa, para que seja estimulante e de real interesse dos alunos, para que sirva à sua aprendizagem, respeitando o amadurecimento correspondente à faixa etária e levando à aprendizagem de procedimentos, ao desenvolvimento de valores, à construção da cidadania.

Avaliação

Coerentemente à concepção de conteúdos e aos objetivos propostos, a avaliação deve considerar o desenvolvimento das capacidades dos alunos com relação à aprendizagem de conceitos, de procedimentos e de atitudes.

A avaliação da aquisição dos conteúdos pode ser efetivamente realizada ao se solicitar ao aluno que interprete situações determinadas, cujo entendimento demanda os conceitos que estão sendo aprendidos, ou seja, que interprete uma história, uma figura, um texto ou trecho de texto, um problema ou um experimento.

São situações que induzem o aluno a realizar comparações, estabelecer relações, proceder a determinadas formas de registro, entre outros procedimentos que desenvolveu no curso de sua aprendizagem. Desta forma, tanto a evolução conceitual quanto a aprendizagem de procedimentos e atitudes estão sendo avaliadas.

MATEMÁTICA

Encaminhamentos metodológicos

Ao pensar o processo de ensino e aprendizagem da Matemática na fase complementar, é preciso refletir sobre como a estrutura do nosso Plano de Curso se transformará em prática educativa. Para atingir os objetivos, precisamos considerar que trabalhamos com salas heterogêneas, reconhecer os interesses variados dos alunos e seus conhecimentos prévios e valorizar seu grande potencial criativo. Segundo MACHADO (2002), a função do professor é associar-se aos alunos na busca de novos conhecimentos e assim suas ações são: fabular, mediar, mapear e tecer. Alunos e professores interagem e crescem, no processo e, para isso, é necessário:

- desenvolver uma concepção do conhecimento matemático como ciência viva, aberta à incorporação de novos conhecimentos;
- analisar e refletir sobre os conceitos e procedimentos que se pretende ensinar expressos no Plano de Curso;
- transformar o conhecimento matemático formalizado em conhecimento escolar que possa ser compreendido pelo aluno.

Nessa concepção de ensino, rompemos com a ideia de que cabe ao professor transmitir os conteúdos por meio de explicações, exemplos e demonstrações seguidas de exercícios de fixação. O conhecimento matemático não deve ser encarado como um conjunto de conceitos a serem memorizados. Por outro lado, acentuamos a ideia de que o aluno, além de ser agente da construção de seu conhecimento, em situações de desafio, nas quais é estimulado a estabelecer relações entre os conhecimentos já construídos e os novos, também aprende na interação com seus parceiros. A cooperação entre os alunos na busca de soluções, o levantamento e confrontação de hipóteses favorecem a construção e ampliação do próprio pensamento. As ideias matemáticas apresentadas na escola devem relacionar-se com a vivência das crianças. Dessa forma, além de explorar ideias numéricas e contagem, podemos trabalhar com noções de geometria, medidas e estatística.

As crianças têm ideias próprias, sentimentos, interesses, estão inseridas numa cultura e são capazes de aprender Matemática e desenvolver-se cognitivamente. A aprendizagem atua em três domínios diferentes, isto é, o cognitivo, o afetivo e o motor. Considerando essas dimensões, destacamos a necessidade de promover atitudes positivas em relação à matemática. A aquisição dessas atitudes deve ser uma das metas dos educadores e para que isso ocorra é necessário garantir aos seus alunos:

- espaço para o desenvolvimento do autoconceito positivo,
- autonomia nos esforços,
- prazer na resolução de problemas.

As atitudes que as pessoas aprendem influenciam seus comportamentos de aproximação-evitamento em direção às ideias matemáticas. Existem possíveis caminhos para minimizar a ansiedade nas atividades matemáticas, que são: mostrar às crianças a utilidade da matemática, evitar diferença de tratamento entre meninos e meninas, possibilitar discussões em grupo, evitar humilhações, utilizar material concreto, não enfatizar só um aspecto da matemática, não a utilizar como punição, manter uma atitude positiva com relação a essa disciplina.

Nesse processo de construção do conhecimento, cabe ao professor propiciar situações motivadoras, desafiadoras e interessantes de ensino, nas quais o aluno possa interagir com o objeto de estudo, valorizar diferentes procedimentos de solução de problemas, evitar o excesso de cobrança e punição quando ocorrem respostas erradas, ajudar seus alunos a adquirir confiança e prazer em aprender os conteúdos da área, encorajar a autonomia para a aprendizagem, acentuar as condições e as consequências positivas, tentando eliminar as circunstâncias que geram aversão ou atitudes negativas.

A Matemática faz-se presente em diversas atividades realizadas no cotidiano pelas crianças. Sendo assim, devemos oferecer aos alunos várias situações que possibilitem o desenvolvimento do raciocínio lógico e da criatividade e a capacidade de resolver problemas. O ensino dessa disciplina pode ampliar as

possibilidades dos alunos compreenderem e transformarem a realidade.

As orientações que seguem têm como objetivo contribuir no planejamento de situações didáticas que favoreçam a construção das competências esperadas. Ansiamos que todos os alunos tenham oportunidade de vivenciar diversos tipos de experiências de aprendizagem, considerando aspectos transversais, a utilização de recursos adequados e a vivência da matemática de forma rica e diversificada.

Assim, todos os alunos deverão ter oportunidades de se envolver em diversas experiências de aprendizagem, tais como:

Resolução de problemas

"O que importa sobretudo é que a criança aprenda a pensar. Que opere por princípios, dos quais se originam toda a ação"
(Kant, 1803, p.39).

Toda criança encanta-se por desafios. Quando falamos sobre a resolução de problemas, é possível esclarecer que não há necessidade do aluno possuir todas as informações e conceitos envolvidos na situação-problema. Outro aspecto que exige esclarecimento é que trabalhar apenas com os problemas convencionais pode levar o aluno a uma postura de fragilidade e insegurança diante de situações de desafio maior. Bons problemas são aqueles relacionados à realidade do aluno e que envolvam temas motivadores que favoreçam a aprendizagem.

Sendo assim, acreditamos que, ao trabalhar com a resolução de problemas, o professor deve saber que:

- problema é toda situação que permite problematização, ou seja, um processo investigativo.
- a essência está no problematizar; cada pergunta nova transforma-se num novo desafio para o aluno.
- é necessário criar um ambiente de produção ou de "re-produção" do saber.

Enquanto resolve situações-problema, o aluno aprende matemática, desenvolve procedimentos e modos de pensar e põe em prática habilidades básicas como verbalizar, ler, interpretar e produzir textos.

Britto (2001) destaca que a solução de problemas é encaminhada em estágios que envolvem habilidades matemáticas como:

- obtenção da informação matemática,
- processamento da informação matemática (generalizar, resumir os processos, flexibilidade dos processos mentais, reversibilidade, inclinação pela claridade, simplicidade, economia e racionalidade da solução.),
- retenção da informação matemática.

No processo educativo, também podemos propor aos alunos a formulação de problemas. Quando os alunos formulam problemas, percebem a relação entre os dados apresentados, a pergunta e a resposta, articulam o texto, os dados e a operação a ser usada. Formular problemas é uma forma de estimular a capacidade inventiva e questionadora dos alunos e uma forma de fazer matemática por meio da possibilidade de questionar, levantar hipóteses, comunicar ideias, estabelecer relações e aplicar conceitos.

Para que os alunos sejam capazes de formular seus próprios problemas, é preciso que eles tenham contato com diferentes tipos de problemas, tendo assim, um repertório como apoio. Ao formular problemas, os alunos precisam reconhecer os dados disponíveis, a situação criada e evidenciar a existência de um problema por meio da pergunta inventada.

É preciso que as crianças leiam o que fizeram, relatem dúvidas e debatam sobre as incompreensões, semelhanças e diferenças entre os textos.

O professor pode organizar a sala para produção coletiva e deve encontrar formas para fazer intervenções: reproduzir o texto em transparência, reproduzir textos com algum tipo de incorreção para que os alunos identifiquem as falhas, misturar textos bem elaborados com textos que apresentam falhas e modificar os

textos de acordo com a resposta.

Para a formulação de problemas, é necessário que o professor crie uma intenção real e um destinatário efetivo para as produções dos alunos: sorteio de problemas para serem resolvidos por todos da classe, troca entre os alunos, construção de uma folha com aqueles criados pelas crianças, seleção de alguns criados e troca entre classes do mesmo ano, criação de um banco de problemas, confecção de um mural com os mais interessantes e desafiadores e envio para jornal da escola ou página na Internet, livro de problemas ou problemateca.

Uma sugestão é pedir que os alunos formulem problemas com palavras específicas da linguagem matemática: adição, dobro, divisor, etc. Outra é a criação de problemas que tenham uma certa estrutura textual: poema, problema com rima, charada, conto, etc.

Formular problemas é uma ação mais complexa do que resolver problemas, pois os alunos devem lidar com as dificuldades da linguagem matemática, da língua materna e da combinação de ambas. Assim, torna-se um instrumento de avaliação o tempo todo, pois fornece indícios observáveis do desempenho dos alunos. Nosso desejo é que os alunos se tornem leitores e escritores em matemática.

A resolução de problemas constitui um contexto de aprendizagem que favorece a integração do raciocínio e da comunicação. Os problemas devem ser desafiadores, envolvendo diversas estratégias e métodos de resolução e precisam estar sempre presentes nas aulas de Matemática, porém não de forma rotineira, mecânica e repetitiva.

A problemateca envolve liberdade de escolha do problema a ser resolvido, autocorreção e desmitifica a solução de problemas. É uma atividade muito importante para despertar atitudes positivas em relação à solução de problemas. A problemateca é organizada por meio de fichas numeradas e, durante o ano, novos problemas são introduzidos na caixa.

Na construção da problemateca, sugerimos um repertório de problemas que atenda os quatro blocos de conteúdos (Espaço e forma, Números e operações, Grandezas e medidas e Tratamento da informação) e que envolva problemas não-convencionais, bem humorados, coletados da cultura popular, com excesso de dados, com dados insuficientes, sem solução, com muitas soluções, com ilustração irreverente, a partir de um gráfico ou tabela, de um fôlder, propaganda, folheto, cardápio, fotografia, imagem, receita, enigma, charada, desafio ou jogo. Cada criança controla na sua tabela, os problemas que já resolveu, divulga os mais interessantes, desafiadores e curiosos na hora da roda de conversa sobre solução de problemas.

A definição de problema envolve a ideia principal de que não há um caminho direto e óbvio para se realizar a mudança do estado inicial (contato com a questão do problema) para o que se deseja (solução). A tarefa de solução de problemas envolve o desejo, a necessidade, assim como tentativas para encontrar a solução e não há um procedimento facilmente acessível que garanta a solução imediata.

Mediar a tarefa de solucionar problemas significa promover o diálogo e evitar a instrução, proteger a divergência de pontos de vista e colocar-se com neutralidade de procedimento.

A experiência de investigação na solução de problemas proporciona satisfação, por isso ela se distancia da arbitrariedade e se aproxima da autonomia intelectual.

Jogos

Acreditamos no ensino da Matemática de corpo inteiro. Propor jogos nas aulas desse componente curricular é uma maneira desafiadora e prazerosa de os alunos participarem ativamente do processo de ensino e aprendizagem.

Os jogos no ensino de matemática estimulam não só o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, como também propiciam a interação e o confronto entre diferentes formas de pensar e permitem ao aluno vivenciar uma experiência com características sociais e culturais.

Por meio dos jogos, podemos trabalhar, de maneira lúdica, conteúdos importantes. O objetivo do trabalho pode ser o de apresentar um conteúdo novo ou fixar conteúdo trabalhado ou mesmo promover a investigação por meio de solução de problemas.

As tentativas, os erros e, até mesmo, os fracassos durante os jogos devem ser encarados de maneira desafiante e podem ser revistos de forma natural durante as jogadas, sem deixar marcas negativas, propiciando novas tentativas, permitindo que a criança desenvolva iniciativa, autoconfiança e autonomia. Assim, os conteúdos atitudinais também estarão presentes nessas aulas. As crianças aprenderão a trabalhar em grupo, respeitar regras, ajudar seu adversário a melhorar suas habilidades e entenderão que, num jogo, um jogador ganha e outro precisa perder. Na medida em que o professor propuser boas questões aos alunos,

poderão potencializar suas capacidades para compreender os conceitos matemáticos presentes nos jogos.

Existem jogos infantis praticados no mundo inteiro. Quando o professor escolhe jogos de outros povos para trabalhar com os alunos, enriquece suas aulas, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar, podendo, por exemplo, localizar num mapa ou globo terrestre os países citados, contar histórias desses povos, proporcionar a fabricação do jogo com material alternativo, etc. As crianças também poderão criar seus próprios jogos ou modificar regras. Na bibliografia desse trabalho, você poderá encontrar sugestões de *sites* e livros para pesquisa.

A relação entre o jogo e a Matemática é muito significativa, principalmente para crianças dos anos iniciais, pois é nesse período que elas devem encontrar o espaço para explorar e descobrir elementos da realidade que as cerca. Os alunos devem ter oportunidade de vivenciar situações ricas e desafiadoras, as quais serão proporcionadas pela utilização dos jogos como recurso pedagógico.

Por isso, ao optar por trabalhar a Matemática por meio dos jogos, o professor deve levar em conta a importância da definição dos conteúdos e das habilidades presentes nos jogos e o planejamento de sua ação. Além de jogar, as crianças devem conversar sobre o jogo discutindo sobre o que foi fácil, o que foi difícil, dicas para se jogar melhor, entre outras coisas. Essa comunicação permite que os alunos reajam frente às ideias dos outros e que considerem pontos de vista alternativos. O diálogo capacita os alunos a falarem de modo significativo sobre seus conhecimentos, suas dúvidas, suas aprendizagens. A partir da discussão estabelecida, das diferentes respostas obtidas, o educador pode perceber o raciocínio de cada aluno e planejar as intervenções apropriadas.

Além da socialização de ideias, os alunos poderão registrar suas descobertas com desenhos ou textos coletivos. Escrever sobre Matemática ajuda na aprendizagem das crianças, encoraja reflexão e possibilita a organização das ideias. Assim, o jogo não se tornará mero lazer, mas uma nova forma de aprender Matemática.

Nas situações de jogo, a criança é capaz de construir conceitos de uma forma muito mais lúdica e prazerosa, assim como lançar mão dos conhecimentos matemáticos que já possui de forma mais integrada e “inteligente”. Além disso, um jogo pode servir como ponto de partida para uma atividade de investigação, em que os alunos levantam e testam hipóteses, argumentam e comunicam oralmente ou por meio da escrita suas conclusões, enfim proporcionando a investigação e a relação com outras áreas do conhecimento.

Matemática e o Ensino da Língua

Sugerimos a integração entre a Língua e a Matemática, pois acreditamos ser essa uma parceria extremamente importante e necessária. É importante que as crianças sejam estimuladas a buscar soluções para os cálculos e problemas e que tais soluções sejam discutidas coletivamente. É fundamental que o professor crie oportunidades para as crianças verbalizarem suas construções mentais sobre o que foi trabalhado.

Nesse sentido, usar a literatura infantil “[...] poderia ser um modo desafiante e lúdico para as crianças pensarem sobre algumas noções matemáticas e, ainda, servir como um complemento para o material tradicionalmente utilizado nas aulas: a lousa, o giz e o livro didático”. (SMOLE, 1996, p. 68)

Por meio da conexão entre literatura e matemática, o professor pode criar situações na sala de aula que encorajem os alunos a compreenderem e se familiarizarem mais com a linguagem matemática, estabelecendo ligações cognitivas entre a linguagem materna, conceitos da vida real e a linguagem matemática formal.

Utilizando a literatura infantil nas aulas de Matemática, o aluno volta ao texto muitas vezes para acrescentar outras expectativas, percepções e experiências. Dessa forma, a história contribui para que ele aprenda e faça matemática, assim como explore lugares, características e acontecimentos na história, o que permite que habilidades matemáticas e de linguagem desenvolvam-se juntas, enquanto lê, escreve e conversa sobre as ideias matemáticas que vão aparecendo ao longo da leitura. É neste contexto que a conexão da matemática com a literatura infantil aparece.

Segundo SMOLE (1999), ao decidir trabalhar com histórias infantis nas aulas de matemática, é preciso atentar para alguns aspectos:

- Conhecer a história antes de apresentá-la aos seus alunos para saber quais as possibilidades de trabalho que ela permite e se estão adequadas à sua classe.
- Lembrar que nenhuma exploração matemática pode vir antes da própria história e nem tampouco deturpar o sentido da história.

- O primeiro requisito para uma exploração de matemática a partir de um livro de histórias é que as crianças gostem e se envolvam com ele, com os personagens, etc.
- O ideal não é explorar um livro a semana toda, mas aos poucos, com emoção, expectativa, problematizações especialmente preparadas para isso. O professor deve fazer isso em uma aula por semana, assim um mesmo livro pode levar um ou dois meses sendo trabalhado com a turma.
- Não há necessidade de um livro para cada aluno. Você pode ter um livro por duplas, grupos de 4 ou mesmo um único livro em transparência, álbum seriado, etc.

Ao escolher um livro infantil para ser explorado, o professor poderá analisar a capa, propor aos seus alunos que façam a leitura intuitiva, levando-os a colocar suas expectativas em relação ao texto a ser lido, procurar discutir as palavras novas presentes na história e escutar e perceber as críticas e opiniões dos alunos sobre a história.

A leitura poderá ser feita em vários dias, possibilitando a conversa com a classe sobre as possibilidades dos próximos acontecimentos, podendo até mesmo registrar em forma de texto coletivo a continuação sugerida pelas crianças. Depois, pode ser realizada a comparação da versão dada pela classe com a originalmente proposta no livro. Alguns livros não apresentam um final definido, nesses casos, os alunos podem elaborar o final da história.

Além dos livros infantis, os jornais e revistas também são fontes de materiais interessantes para as aulas de matemática, pois trazem assuntos que podem ser explorados em sala, aproveitando os fatos e acontecimentos que fazem parte do dia a dia dos alunos.

Os textos de jornais e revistas oferecem uma oportunidade para trabalharmos com os alunos conceitos de matemática, ao mesmo tempo em que podemos desenvolver habilidades de leitura, escrita, seleção de informações e resolução de problemas. Jornais e revistas possibilitam explorações numéricas, apresentam gráficos e tabelas de diferentes tipos, enigmas, charadas e quebra-cabeças enriquecendo a proposta de resolução de problemas.

Para a realização desse trabalho, também é preciso observar cuidados necessários: ao selecionar um artigo, um gráfico, uma tabela, uma propaganda, um passatempo ou outro texto qualquer de jornal e revista, é importante que o professor tenha traçado quais são seus objetivos, verificar se o texto escolhido tem uma linguagem acessível aos seus alunos, adequar o tempo à sua proposta, pensar na organização da classe, em quais os recursos necessários, prever problematizações e registros que os alunos produzirão.

A escrita em matemática é marcada por um processo de idas e vindas, no qual a intervenção do professor fará com que os alunos progridam e escrevam textos cada vez mais complexos. O professor precisa valorizar o hábito da leitura e escrita.

Os alunos precisam adquirir o hábito de revisar a sua escrita antes de a considerarem concluída. Assim, os textos, o original e a sua reescrita, possibilitam a observação das semelhanças e diferenças entre eles e a problematização com o objetivo de alcançar a clareza e o aperfeiçoamento do texto. Para reformular um texto, é necessário ter clareza do que se pretende alterar, assegurando a fidelidade aos conceitos matemáticos e aspectos linguísticos.

Nesse contexto, produzir textos em matemática auxilia na apropriação do vocabulário específico e na compreensão de noções matemáticas.

Realização de projetos

Os projetos didáticos são situações que partem de um desafio, de uma situação-problema e que sempre têm como um de seus objetivos um produto final. Na maioria dos casos, os projetos envolvem mais de uma área de conhecimento sendo, portanto, interdisciplinares. Por meio dos projetos, os professores podem introduzir o estudo de temas que não pertencem a uma disciplina específica, mas que envolvem duas ou mais delas. Os projetos didáticos são feitos com o propósito de construir boas situações de aprendizagem, nas quais se evite compartimentar o conhecimento.

Os temas dos projetos podem surgir da curiosidade dos alunos em aprender algo, de uma situação-problema que esteja ocorrendo na escola ou na comunidade, de uma experiência vivenciada pelo grupo de alunos, por um fato da atualidade ou de uma questão suscitada a partir do projeto anterior.

O conhecimento inicial da meta que dá origem ao projeto é fundamental para que os alunos possam compreender as decisões que vão sendo tomadas durante a realização do mesmo. Ao delimitar o tema, o professor precisa conhecer o que os alunos já sabem a respeito, que opiniões têm e que hipóteses levantam, que são habilidades tão necessárias no aprendizado da Matemática.

Durante o desenrolar do projeto, deve-se estabelecer uma cumplicidade de propósitos entre os alunos, e destes com o professor, provocando o surgimento de um ambiente de trabalho criativo, no qual cada indivíduo pode contribuir com suas aptidões, ou estar disposto a enfrentar o esforço de aprender algo novo e que se mostrou necessário em função do próprio projeto.

Assim, os projetos didáticos propiciam o estudo de problemas reais, o que implica a necessidade de uma abordagem interdisciplinar.

Além de vivenciar ricas experiências de aprendizagem, os alunos devem ter a oportunidade de utilizar recursos de natureza diversa. Materiais manipuláveis são um recurso privilegiado para introdução e suporte de conteúdos escolares, promovendo, mais uma vez, momentos de investigação e comunicação entre os alunos. Ressaltamos a importância da exploração do Material Dourado para a assimilação do conceito da dezena por meio da manipulação, visualização e trocas.

Por meio das atividades propostas, procuramos:

- ampliar a forma como encaramos os alunos em sala de aula, considerando suas dimensões afetiva, cognitiva e social.
- expor um modo mais dinâmico de abordar os conteúdos de matemática.
- diminuir a distância entre a matemática e as demais áreas do conhecimento, especialmente arte e língua materna.
- favorecer uma compreensão da matemática como ciência, como jogo e como instrumento de resolução de problemas .
- não desprezar os conhecimentos matemáticos que vêm da criança e de sua comunidade.
- pensar em como considerar as diferenças e ritmos de aprendizagem entre os alunos.
- rever concepções de conhecimento e inteligência que conduzem as ações docentes.
- buscar formas de envolver a comunidade no trabalho da escola.
- ter, na avaliação e no planejamento, aliados para uma reflexão constante sobre o ensinar e o aprender.

Nosso desejo é que os alunos nunca percam a curiosidade pelo saber matemático e que, pelas experiências vividas na escola, sejam capazes de tomar decisões, construir, modificar e integrar ideias, tendo a oportunidade de interagir com outras pessoas, com objetos e situações que exijam envolvimento, dispondo de tempo para pensar e refletir acerca de seus procedimentos, de suas aprendizagens e dos problemas que têm que superar na vida real.

História da Matemática

Segundo Ubiratan D`Ambrósio, a História da Matemática é importante para situar a Matemática como uma manifestação cultural de todos os povos em todos os tempos, como a linguagem, os costumes, os valores, as crenças e os hábitos, e como tal diversificada nas suas origens e na sua evolução; para mostrar que a Matemática que se estuda nas escolas é uma das muitas formas de Matemática desenvolvidas pela humanidade; para destacar que essa Matemática teve sua origem nas culturas da antiguidade mediterrânea e se desenvolveu ao longo da Idade Média e somente a partir do século XVII se organizou como um corpo de conhecimentos, com um estilo próprio; para saber que desde então a Matemática foi incorporada aos sistemas escolares das nações colonizadas, se tornou indispensável em todo o mundo em consequência do desenvolvimento científico, tecnológico e econômico, e avaliar as consequências socioculturais dessa incorporação.

Exercícios interessantes de natureza histórica são: identificar a Matemática do cotidiano, o levantamento de fatos matemáticos numa comunidade (traçado de uma cidade, construção e localização de monumentos). Os urbanistas, arquitetos, políticos e empresários realizam estudos preliminares e traçam projetos para execução, utilizando a matemática.

Entrevistar profissionais que utilizam a matemática para realizar atividades diárias, assim como professores de Matemática das séries finais ou do Ensino Médio. Qual a importância do conhecimento matemático para o trabalho de um farmacêutico, cozinheiro, garçom, operadora de caixa, padeiro, engenheiro, arquiteto, contador, representante de vendas, pedreiro?

Para D´Ambrósio, a História da Matemática no ensino deve ser encarada sobretudo pelo seu valor de motivação para a Matemática. Devem-se apresentar curiosidades, coisas interessantes e que poderão motivar alguns alunos. A formação do indivíduo faz-se com estímulos matemáticos, mas uma matemática interessante, exploratória, divertida e desafiadora. Não mera manipulação de técnicas, mas sim exercícios de criatividade.

De acordo com os PCN (Brasil, 2001), a conexão entre o conceito matemático e sua história constitui-se de informação cultural, sociológica e antropológica e, nesse sentido, resgata a própria identidade cultural.

A matemática explorada na sala de aula deve levar em conta a historicidade do indivíduo, reconhecer os seus saberes e fortalecer a sua identidade.

Tecnologias da informação

O acesso a computadores, *softwares* e calculadoras é uma realidade para parte significativa da população e representam um novo desafio para a escola. É necessário definir a contribuição da tecnologia para o espaço escolar e questões metodológicas sobre sua utilização no processo ensino e aprendizagem, sua relação com a ética e consumo.

Reconhecemos que situações extremas que envolvem o uso de tecnologia não contribuem para o processo ensino e aprendizagem da Matemática. Não é possível negar a existência da calculadora proibindo-a na escola, por outro lado, ela não torna obsoletas e desnecessárias as técnicas de algoritmos.

É necessário ter claro as intenções do educador quando introduz a utilização da calculadora, suas contribuições para o processo educativo e desafios que a proposta pode enfrentar.

Razões para utilizar calculadora:

- é ferramenta comum entre a população;
- promove a interação do aluno com a tecnologia ao solucionar problemas;
- é instrumento fundamental para o desenvolvimento de aptidões ligadas ao cálculo e esses não se dispersam com operações trabalhosas;
- incentiva e facilita o espírito de pesquisa;
- o aluno tem mais tempo disponível para trocar ideias e testar um maior número de alternativas;
- libera o aluno de longas, enfadonhas e desnecessárias tarefas, deixando-o com mais tempo para aprimorar sua capacidade de raciocinar e desenvolver-se mentalmente.
- pode ser concebida como um precioso recurso de mobilização do raciocínio matemático.
- possibilita ampliar a compreensão sobre o funcionamento das operações;
- estimula o aluno a buscar novos procedimentos para resolver problemas e desafios, promovendo, assim, o desenvolvimento do raciocínio matemático;
- ao explorarem este artefato cultural, os estudantes desenvolvem habilidades vinculadas ao cálculo mental, à decomposição, à estimativa;
- auxilia os alunos a lidar com problemas de seu dia a dia (compra e venda de produtos, custo de uma produção, etc.);
- como afirma D'Ambrósio (1993, p.16), “ignorar a presença de computadores e calculadoras na educação matemática é condenar os estudantes a uma subordinação total a subempregos”.
- possibilita o desenvolvimento de conceitos e habilidades de pensamento (análise, inferência, previsão);
- promove resolução de problemas; atitudes frente ao ensino e aprendizagem de Matemática;
- possibilita verificar as regularidades, investigar as propriedades dos números, formular hipóteses e verificar resultados;
- quando usada de modo planejado, a calculadora não inibe o pensar matemático; pelo contrário, tem efeito motivador na resolução de problemas, dá chance aos professores de proporem problemas com dados mais reais e auxilia na elaboração de conceitos e na percepção de regularidades.

Organização do Plano de Curso de Matemática

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, decidimos organizar nosso Plano de Curso contemplando o estudo dos números e das operações, o estudo do espaço e das formas e o estudo das grandezas e das medidas e o tratamento das informações cotidianas (dados estatísticos, tabelas e gráficos).

Nosso desafio, foi selecionar dentro de cada um desses blocos de conteúdos quais conhecimentos e competências contribuiriam para o desenvolvimento intelectual do aluno, aprimorando seu raciocínio lógico-matemático, sua criatividade e sua capacidade de analisar e de criticar.

Atualmente, os alunos precisam de muito mais do que uma coleção de informações memorizadas; precisam de procedimentos de busca e de interpretação de informações, saber pesquisar e comunicar suas ideias, conhecer técnicas e dominar estratégias para resolução de problemas, entre outras coisas. Assim, no processo de seleção de conteúdos, nos preocupamos em identificar não só os conceitos, mas também os procedimentos e as atitudes a serem trabalhados em classe, o que trará certamente um enriquecimento ao processo de ensino e aprendizagem.

Os conteúdos foram organizados de forma espiralada, ou seja, um mesmo tema é trabalhado várias vezes. Sempre que é retomado surge sob um novo enfoque, de modo a permitir ao aluno muitas oportunidades de aprendizagem. O conteúdo matemático deve ser contextualizado em situações típicas da infância, tornando-se mais significativo para os alunos. Assim, nenhum bloco de conteúdo será esgotado num único momento. A retomada de temas em diferentes momentos do processo possibilitará a integração de diversos conteúdos.

Para enriquecer e facilitar o trabalho que será realizado em sala de aula, apresentamos um conjunto de sugestões didáticas que deverão ser adaptadas a cada realidade. Lembramos que todo trabalho realizado em Matemática deve partir de uma situação concreta. Para esse fim, recomendamos a organização de materiais diversos, que serão manipulados pelos alunos no decorrer do ano. O professor poderá propor que os alunos tragam botões, contas, pedrinhas, palitos de picolé, bolinhas de gude, figurinhas, caixas de fósforos vazias, embalagens, rótulos, jornais, folhetos de supermercado etc. Esse material deverá ser devidamente selecionado e organizado.

A seguir, você encontrará a descrição de cada bloco de conteúdo, juntamente com orientações e sugestões para a concretização dos conteúdos propostos no Plano de Curso.

Blocos de conteúdos

1. Números e operações

Os conteúdos deste bloco deverão ser trabalhados de forma contextualizada, em que o número e as operações apareçam nas mais diversas situações: quantificar, medir, ordenar, codificar, ou seja, trabalhar com o sistema de numeração decimal possibilitando situações reais de contagens, cálculos, comparações e ordenações, oferecendo oportunidades aos alunos para refletirem a respeito do valor posicional dos algarismos nos numerais.

Trabalhar a história do número propiciará o reconhecimento de problemas vividos pela humanidade, resgatando a histórias de lugares, tempos e povos antigos e ajudando ao aluno a entender melhor a Matemática.

As operações fundamentais (adição, subtração, multiplicação e divisão) deverão ser trabalhadas a partir de situações-problema, nas quais, aos poucos, o aluno irá ampliando seu conceito de número. Para que a criança construa o significado de uma operação, é preciso que ela se depare com diferentes situações em que essa operação se aplica ou não, conhecendo as ideias e propriedades de cada uma delas.

Ainda em relação às operações, desejamos que o trabalho que será desenvolvido possibilite a busca de estratégias próprias para resolução de problemas, em que o aluno perceba que um mesmo problema pode ser resolvido por diferentes operações e que diferentes problemas podem ser solucionados utilizando-se uma única operação.

Outro aspecto que merece destaque são as atividades que envolvam estimativas, arredondamentos e cálculo mental. É importante que o professor encontre situações que privilegiem a construção dessas competências, tão necessárias no dia a dia.

Ressaltamos que, para o trabalho com esse bloco de conteúdo, é importantíssima a exploração de jogos, material dourado e ábaco, que auxiliam na compreensão do sistema de numeração decimal e das quatro operações e até mesmo da calculadora tão utilizada no cotidiano dos alunos.

O raciocínio lógico é um processo pensado, planejado, e construído na escola. Fora dela, ele acontece naturalmente, a partir das relações com o mundo. Portanto, precisamos possibilitar aos alunos momentos de decisões, em que eles possam exercitar a independência, a reflexão e a introspecção. Ao decidirem, há um claro julgamento de valores e escolha consciente de um caminho entre vários, por isso, a decisão só pode ocorrer num ambiente onde haja a possibilidade de escolha, onde haja a expressão. Pensando em tudo isso, sugerimos algumas situações didáticas:

- Desafios para semana: ao início de cada semana, o professor poderá propor uma situação-problema, que provoque curiosidade para descoberta, num

cartaz. Os alunos terão a semana toda para encontrar a solução. Ao final da semana, professora e alunos desvendam o desafio. Sugestões de como pode ser proposta aos alunos a solução de problemas, segundo Fernandez Bravo:

- Situações sem número. Apresenta-se um problema sem dados numéricos. Para chegar à solução, não se necessita de nenhuma operação.

- Situações qualitativas. Apresenta-se um enunciado e uma pergunta com sentido lógico, mas de forma incompleta para se chegar à solução. Vai-se completando tudo o que se necessite à medida que o aluno vá pedindo.
- Enunciados abertos. Dá-se uma informação ao aluno: a partir de uma frase, de uma foto, de um desenho, de um esquema, de uma manchete de jornal, de um prospecto, de um fôlder, de uma programação de televisão. O trabalho consiste em inventar uma situação problemática em que utilize essa ideia.
- Problemas de lógica em que não intervém o algoritmo. Utilização do raciocínio por dedução, indução e analogia.
- Inventar e resolver um problema a partir de uma solução dada. O aluno criará o enunciado, a pergunta e o processo que possa ter correspondência com a solução de partida.
- Inventar e resolver um problema a partir de uma expressão matemática. Criação de um enunciado e de uma pergunta que tenha correspondência com o conteúdo de relação aplicativa da expressão de partida.
- Inventar e resolver um problema cumprindo duas condições: chegar à solução dada e aplicar a (s) operação (ões) indicada (s).
- Inventar e resolver um problema cumprindo duas condições: chegar à solução que nos indicaram e utilizar (todos/ apenas alguns) os dados numéricos oferecidos.
- Expressar perguntas e respondê-las a partir de um enunciado dado. A tarefa do aluno consiste em criar perguntas que possam ser respondidas levando em conta, unicamente, o enunciado de partida.
- Expressar as perguntas que tenham correspondência com o enunciado e com a operação. Há um enunciado e algumas perguntas em branco. Cada uma dessas perguntas indica a operação que é preciso aplicar para obter suas respostas.
- Expressar as perguntas que tenham correspondência com o enunciado e com a solução. Apresenta-se um enunciado com perguntas em branco.
- Inventar um enunciado que tenha correspondência com uma pergunta dada e o processo de resolução.
- Inventar um enunciado que tenha correspondência com uma pergunta dada, a solução do problema dada e os dados numéricos apresentados que devem aparecer no enunciado.
- Inventar um enunciado que tenha correspondência com várias perguntas dadas. Apresentam-se várias perguntas. A tarefa do aluno consiste em criar um enunciado, e apenas um, capaz de responder a todas as perguntas apresentadas.
- Inventar um enunciado, e apenas um, com o qual se possa responder, e mediante as operações indicadas, todas as perguntas apresentadas. Apresentam-se várias perguntas acompanhadas da indicação de operação (ou operações) que se tem de aplicar para se chegar à sua resposta.
- Mudar os tempos verbais nos quais se expressa um problema já resolvido. Resolver novamente o problema. Observar e comparar as soluções de ambos.
- Averiguar o dado falso de um problema dado aos alunos com a solução correta. Existe um dado, apenas um, que não nos permite chegar à solução expressada.
- Mudar a pergunta de um problema já resolvido para que a nova solução seja a mesma anteriormente obtida.

- Mudar a ordem em que aparecem as proposições do enunciado de um problema já resolvido. Resolver o novo problema. Observar e comparar ambas as soluções.
- Buscar a correspondência enunciado-pergunta-solução. São fornecidos vários enunciados, várias perguntas e várias soluções ou operações. Estão todos fora de ordem, mas têm correspondência entre si. O trabalho do aluno consiste em encontrar a correspondência enunciado-pergunta-solução.
- Mudar os dados de um problema ou problemas Expõe-se ao aluno que todos ou alguns dados que aparecem foram mudados e não ocupam o lugar que lhes corresponde. Sua tarefa consiste em responder à pergunta do problema ou dos problemas.
- Misturar o enunciado ou enunciados de um ou mais problemas. Apresenta-se um problema cujo enunciado é sem sentido porque está desordenado, ou se apresentam dois enunciados misturados. Dá-se ao aluno o necessário para que os possa ordenar sem nenhuma ambiguidade e resolvê-los.
- Mistura dos processos de resolução de dois problemas. Apresentam-se dois problemas diferentes. Misturam-se os processos de resolução. A tarefa do aluno consiste em identificar cada processo com o problema correspondente.
- Compor o enunciado ou os enunciados de um ou mais problemas a partir de todos/ alguns dos dados fornecidos e resolver a situação problemática. Apresentam-se enunciados incompletos, de modo que não se pode responder a sua pergunta. Apresenta-se fora do problema uma série de dados. A atividade consiste em escolher o lugar necessário dos dados para resolver o problema.
- Completar os dados do enunciado de um problema a partir do processo de resolução. Apresenta-se um problema resolvido, de cujo enunciado apagaram-se os dados, deixando-se o espaço correspondente para que o aluno complete.
- Completar os dados do enunciado de um problema a partir da sua solução. Apresenta-se um problema indicando sua solução. De seu enunciado, apagaram-se os dados, deixando-se os espaços em branco. O aluno completará o enunciado.
- Inventar um problema com um vocabulário específico e a operação (ou as operações) que deve ser utilizada para sua resolução.
- Inventar um problema com um vocabulário específico e a solução apresentados.
- Resolver problemas apresentados de forma completa, cuja resolução favoreça a aplicação dos conceitos, operações e relações lógicas para as necessidades habituais de desenvolvimento pessoal, convivência e relação com o meio, com solução única, sem solução, com várias soluções.
- Selecionar a informação necessária mediante a consulta de documentação. Apresenta-se uma pergunta que, para ser respondida, requer a consulta de dicionários, textos, enciclopédias, ou simplesmente sair para o pátio, checar a lista dos alunos do colégio para recolher a informação necessária. Se nossos alunos pertencem ao ensino fundamental, é imprescindível facilitar o êxito da busca, na qual muitos deles perderiam tempo sem que o esforço rendesse. Para isso, disponibiliza-se ao aluno uma série de fichas elaboradas pelo professor – adaptadas, em número e conteúdo, à sua idade -, entre as quais se possa selecionar e extrair os dados necessários para resolver o problema.
- Resolver um problema que se apresenta de forma diferente da habitual. Uma poesia, numa linguagem gráfica, charadinha, piada, receita, enigma, cardápio, tabelas, diagramas, um conto breve...

Número racional:

O trabalho com números racionais tem como objetivo principal levar os alunos a perceberem que os números naturais não são suficientes para resolver determinados problemas.

Os esforços deverão estar voltados para:

- frações simples como $\frac{1}{2}$, $\frac{3}{4}$ e $\frac{1}{3}$;
- as ideias básicas sobre operações com frações;

- compreensão de frações equivalentes;
- comparar frações e ordená-las na reta numérica.

2. Espaço e Forma

Para compreender, representar e descrever o mundo em que vive, é necessário que o aluno saiba localizar-se e movimentar-se no espaço e perceba o tamanho e forma dos objetos que o rodeiam.

Os conceitos geométricos trabalhados nesse bloco de conteúdo visam ao reconhecimento do espaço onde o aluno vive, por meio de atividades que trabalhem a lateralidade, deslocamentos no espaço, pontos de referência e também a observação, construção e comunicação de figuras geométricas planas e espaciais.

Sugerimos que o trabalho seja realizado a partir da exploração de objetos do mundo físico, de obras de arte, pinturas, desenhos, esculturas e artesanato, o que permitirá conexões entre a Matemática e outras áreas do conhecimento.

Embalagens, sucata, tangram, geoplano e dobraduras são importantes recursos para o trabalho com os conteúdos deste bloco.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 55), "Os conceitos geométricos constituem parte importante do currículo de matemática no ensino fundamental, porque, por meio deles, o aluno desenvolve um tipo especial de pensamento que lhe permite compreender, descrever e representar, de forma organizada, o mundo em que vive."

O principal objetivo do ensino de conteúdos de geometria é resolver problemas do cotidiano. Para isso, é importante realizar experiências oferecendo situações onde visualizem, comparem e desenhem formas: é o momento do dobrar, recortar, moldar, deformar, montar, decompor, esticar, colar, manipular, construir. O conhecimento é construído quando o sujeito é desafiado a solucionar situação-problema utilizando recursos didáticos e valorizando a interação social. Os alunos deverão reconhecer, identificar, analisar, ordenar e classificar figuras.

3. Grandezas e medidas

Neste bloco, trabalharemos com situações reais de medição, em que os alunos observarão o que se pode medir e como pode fazê-lo, usando medidas não-convencionais e convencionais.

Mais uma vez, ressaltamos a importância do trabalho com a história da Matemática, possibilitando constatação da trajetória do homem em buscar instrumentos de medida cada vez mais precisos. É interessante que os alunos vivenciem processos de medição com palmos, pés, passos, etc.

O professor também poderá promover atividades de estimativas sobre medidas e uso de instrumentos de medidas como balança, metro, fita métrica, relógio, calendário, etc. Poderá pedir que as crianças tragam vários instrumentos de medidas para que o grupo organize a caixa de medidas padronizadas ou não, como: pedaços de barbante, copinho de remédio, copo dosador, jarra, fita métrica, metro, trena, metro de madeira, régua, relógio, ampulheta, cronômetro, dedal, colher de sopa, colher de chá, colher de café, colher de sobremesa, xícara, balança, termômetro, e criar situações de medidas na sala de aula, por exemplo:

- sala de aula: número de passos X metros;
- mesa: palmas da mão X centímetros;
- quantas jarras para encher um balde;
- quantos copos para encher a jarra;
- quantos alunos deitados no chão para medir a classe, etc.

Também poderá explorar jornais de propaganda de supermercado, elaborar livros de receitas culinárias, de massas de modelar, de tintas, etc (ampliar e reduzir receitas). Outras ideias são:

- Observação de embalagens para identificar grandezas e suas respectivas unidades de medidas.
- Atividades que permitam fazer marcações do tempo e solucionar problemas.
- Construção da linha do tempo para contar a sua própria história ou a história de vida de alguém conhecido ou da própria família.
- Análise de situações apresentadas em folhetos de supermercado para identificar ofertas enganosas, situações que acarretam prejuízo e que apresentam vantagens.
- Atividades que façam uso de cédulas, moedas e calculadoras.
- Mostrar à classe outras moedas que o Brasil já teve, pedir para que os alunos as tragam.

4. Tratamento da informação

Neste bloco, pretendemos explorar diferentes formas de organizar e comunicar informações numéricas, bem como iniciar um trabalho de exploração de algumas noções de estatística e probabilidade. Assim, o professor poderá criar atividades de leitura e produção de listas, tabelas e gráficos, coleta e organização de dados estatísticos.

O tratamento da informação estará presente em todos os demais conteúdos como uma ferramenta importante para que o aluno analise e perceba regularidades. Sugerimos a exploração de jornais e revistas e a relação de dados obtidos a partir de pesquisas realizadas em outras áreas do conhecimento.

Indicamos também:

- Organização de pesquisas relacionadas a assuntos diversos: desenvolvimento físico e aniversário dos alunos, programas de TV preferidos, animais de que mais gostam, entre outros.
- Preparação e simulação de um jornal ou de reportagens feitas pelos alunos, comunicando por meio de tabelas ou gráficos o assunto pesquisado por eles.
- Resolução de situações-problema a partir de dados apresentados em listas, tabelas ou gráficos.
- Escrita de textos a partir da observação de listas, tabelas e gráficos.

Bibliografia Sugerida

BRENELLI, Roseli Palermo. **O jogo como espaço para pensar**. Papirus, 1996.

BRITO, Márcia Regina F. de. organizadora. **Psicologia da Educação Matemática.** Florianópolis: Insular, 2001.

CARDOSO, Virgínia Cárdia. **Materiais didáticos para as quatro operações**. São Paulo: IME- USP, 2002.

CARRAHER, Terezinha Nunes. **Na vida dez, na escola zero.** Terezinha Carraher, David Carraher e Analúcia Schliemann. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Educação Matemática números e operações numéricas**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **O método clínico usando os exames de Piaget**. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. **Aprender pensando.** Petrópolis: Vozes, 1986.

COLL, César. **Os conteúdos na reforma.** César Coll, Juan Ignácio Pozo, Bernabé Sarabia e Enric Valls; tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

FAINGUELERNET, Estela Kaufman e NUNES, Kátia Regina Ashton. **Fazendo arte com a matemática.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIORGI, Cybele. **Gente miúda na cozinha**. SESI, 1991.

_____.**O Jogo e suas possibilidades metodológicas no processo ensino-aprendizagem da Matemática.** Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 1995.

HUETE, J.C. Sanches e BRAVO, J. A. Fernández. **O ensino da Matemática – fundamentos teóricos e bases psicopedagógicas.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura.** Tradução João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2005.
_____. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.
LIMA, Mauricio e Antônio Barreto. **O jogo da Onça**. Belo Horizonte: Origem Jogos e Objetos, 2004.
MACEDO, Lino de. **Jogo e projeto: pontos e contrapontos.** Lino de Macedo, Nilson José Machado; Valéria Amorim Arantes, organizadora. São Paulo: Summus, 2006.
_____. Petty, ALS, Passos, N.C. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2005.
_____. **Ensaios Pedagógicos**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
_____. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
_____. Petty, ALS, Passos, N.C. **Aprender com jogos e situações problema**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
_____. **4 cores, senha e dominó – caderno para atividades propostas em 4 cores, senha e Dominó**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
_____. **4 cores, senha e dominó**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
MACEDO, Lino de. **Ensaios construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
MACHADO, Nilson José. **Educação e autoridade.** Petrópolis: Vozes, 2008.
_____. **Linguagem, Conhecimento, Ação – ensaios de epistemologia e didática.** São Paulo: Escrituras, 2003.
_____. **Epistemologia e didática**. São Paulo: Cortez, 2002.
_____.**Matemática e Educação: alegorias, tecnologias e temas afins.** São Paulo:Cortez, 2002.
_____. **Cidadania é quando**. São Paulo: Escrituras, 2001.
_____.**Matemática e Língua Materna: análise de uma impregnação mútua.** São Paulo: Cortez, 2001.
_____. **Educação: Projetos e Valores**. São Paulo: Escrituras, 2000.
_____. **Plantares**. São Paulo: Escrituras, 1997.
MARINCEK, Vânia (coordenado por). **Aprender matemática resolvendo problemas.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
OCHI, Fusako Hori et al. **O uso de quadriculados no ensino da geometria.** São Paulo: IME- USP, 2003.
PARRA, Cecília, Irma Saiz, Delia Lerner, Grécia Gálvez, Guy Brousseau, Luis A. Santaló, Patrícia Sadovsky, Roland Charnay. **Didática da Matemática – Reflexões Psicopedagógicas.** Trad. Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
PCN, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF,1997, Brasil.
PEREIRA, Maria das Graças Barbosa. **Jogos uma forma de ensinar e aprender matemática.** Belo Horizonte: Universidade, 2001.
PERRENOUD, Philippe, THURLER, Mônica Gather, MACEDO, Lino de, MACHADO, Nilson José, Allessandrini, Cristina Dias. **As competências para ensinar no século XXI.** Porto Alegre: Artmed, 2002.
PIAGET, Jean. **Cinco Estudos de Educação Moral.** I et al. I; organizador Lino de Macedo . – Outros autores: Maria Suzana de Stefano Menin, Ulisses Ferreira de Araújo, Yves de La Taille, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
_____. **O raciocínio na criança**. Record.
POLYA, George. **A arte de resolver problemas**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.
POZO, Juan Ignácio (organizador). **A solução de problemas.** Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.
RAMOS, Luzia Faraco**. Frações sem Mistérios**. São Paulo: Ática, 1999.
_____. **Uma proporção ecológica.** São Paulo: Ática, 1996.
_____. **Aventura decimal.** São Paulo: Ática, 1991.
ROCHA, Tânia, Heloísa Borges. **Jogos Matemágicos.** Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1992.
ROSA, Ernesto Neto. **Didática da Matemática**. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Geometria na Amazônia**: Ática.
_____. **Saída pelo triângulo**. São Paulo: Ática, 1998.
SMOLE, Katia Stocco**. Ler, escrever e resolver problemas**. Artmed.
SOUZA, Eliane Reame. **A matemática das sete peças do Tangram**. Eliane Reame de Souza, Maria Ignez Diniz, Rosa Monteiro Paulo e Fusako Hori Ochi. São Paulo: IME – USP, 2003.
STAREPRAVO, Ana Ruth. **O jogo e a Matemática no ensino fundamental**. Curitiba: Renascer, 1999.
STIENECKER, David L.. **Multiplicação - Problemas jogos e enigmas.** São Paulo: Moderna, 1998.
_____. **Números - Problemas jogos e enigmas.** São Paulo: Moderna, 1998.
TAHAN, Malba. **Meu anel de sete pedras**. Rio de Janeiro: Record, 1993.
TAILLE, Yves de La. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** ZASLAVSKY, Cláudia. **Jogos e Atividades Matemáticas do Mundo Inteiro.** Diversão Multicultural para idades de 8 a 12 anos. Rio Grande do Sul: Cotidiano Pedagógico, 2000.

Sugestões de vídeos que complementam o estudo:

- Autonomia - Constance Kamii
- Coleção grandes educadores – Edgar Morin
- Construtivismo e práticas pedagógicas - Lino de Macedo
- Jean Piaget -Yves de La Taille
- Jogos indígenas do Brasil – Ministério da Cultura e Origem
- O brincar e a Matemática (Kátia Stocco Smole, Maria Ignez Diniz e Patrícia Candido)
- PCN na escola
- Salto para o futuro

INFORMÁTICA EDUCATIVA

Considerações gerais sobre a Informática Educativa

Presente nas Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino, o Laboratório de Informática Educativa deve, diante do seu caráter educacional, servir como fonte de conhecimento, estabelecendo relações entre os diversos eixos da Matriz Curricular do Ensino Fundamental e promovendo a interdisciplinaridade.

Assim, estruturado em um ambiente de busca de conhecimento, tem como objetivo encorajar o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, as **TICs** (PCs, Periféricos e Acessórios, *Softwares*, Mesas Educacionais e Internet), possibilitando a criação de novos relacionamentos nas escolas, instigando a aprendizagem e levando informações atuais e seguras a todos os que participam da vida escolar, colocando o "Mundo" como espaço de aprendizagem.

Planejamento Pedagógico

O professor de Ensino Fundamental, subsidiado pelo Professor Orientador de Informática em Educação (POIE) e orientado pelo Coordenador Pedagógico, deve criar situações educacionais em que o aluno possa explorar conteúdos significativos, por meio de recursos tecnológicos, possibilitando diferentes formas de abordagem do conhecimento e diferentes suportes de investigação de temas específicos, garantindo um trabalho integrado com as atividades desenvolvidas em sala de aula.

Desse modo, os POIEs, responsáveis pelos laboratórios nas Unidades Escolares, devem participar da elaboração do projeto pedagógico da escola, divulgando as possibilidades existentes, propondo atividades / projetos integrados aos conteúdos dos vários anos e das diferentes disciplinas, organizando mostras, eventos e feiras de Informática Educativa na Unidade Escolar.

Objetivos

Na Fase Inicial do Ensino Fundamental (1º ao 3º ano), a informática educativa busca:

- incentivar a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas atividades cotidianas;
- desenvolver a percepção visual e auditiva, a coordenação motora, a memorização, a convivência em grupo, a inter-relação de pensamentos, ideias e conceitos, a utilização das linguagens como meio de expressão e comunicação.
- propiciar, como elemento articulador de conteúdos curriculares, a aquisição de novos conhecimentos.
- desenvolver a habilidade para organizar informações, levantar hipóteses e pensar estrategicamente.
- desenvolver a capacidade de expressão por meio da criação, edição e exposição dos próprios projetos interdisciplinares, integrando textos, imagens, ferramentas de desenho e pintura, animações, efeitos especiais, recursos de som e vídeo.
- ensinar valores importantes para a formação do "Cidadão do Futuro".

LÍNGUA PORTUGUESA

"Há crianças que ingressam no mundo da linguagem escrita através da magia da leitura e outras que ingressam através do treino das tais habilidades básicas. Em geral, os primeiros se convertem em leitores, enquanto os outros costumam ter um destino incerto."
(Emília Ferreiro, **Passado e presente dos verbos ler e escrever)**

Como já dissemos, o Plano de Curso é um instrumento que visa a orientar o trabalho do professor de forma que este possa contemplar, de forma organizada e sistemática, o mínimo necessário a todos os alunos da nossa rede.

Como nosso Sistema está organizado em fases[23], é imprescindível que haja uma integração entre o trabalho e o conteúdo desenvolvido nos anos iniciais, de forma a tornar o ensino mais coerente e significativo, especialmente no que diz respeito às competências e habilidades esperadas em Língua Portuguesa, área do conhecimento que instrumentaliza o aluno em todas as situações de interação e ação em sua vida cotidiana.

Na fase inicial, o trabalho proposto está baseado em práticas de linguagem epilinguísticas, ou seja, praticar a língua partindo de situações reais de uso social, em que o aluno pode agir reflexivamente sobre a mesma antes de chegar aos conceitos, normas e regras pertinentes a qualquer idioma.

Na fase complementar, as atividades metalinguísticas, ou seja, de sistematização e normatização da língua, devem ser exploradas com maior intensidade. No entanto, acreditamos que o ensino da Gramática Normativa deve ocorrer nas situações reais de produção de texto, e não a partir de listas de exercícios esvaziados de significado e sentido para as crianças. Essas atividades devem ser desenvolvidas no sentido de possibilitar ao aluno o levantamento de regularidades de aspectos da língua, a sistematização e a classificação de suas características. Para saber mais sobre o assunto, pesquise no *site* da educação www.portal.santos.sp.gov.br/seduc. Siga o caminho dos seguintes *links*: conteúdo/downloads/ língua portuguesa.

É importante ressaltar que o resultado apresentado nas avaliações diagnósticas do início do ano deve auxiliar o professor na observação dos alunos que ainda necessitam de um trabalho diferenciado, voltado para a conquista das competências esperadas na fase inicial. Para esses, é importante continuar a propor atividades que favoreçam a aprendizagem do sistema de representação da língua escrita. Para aprender a escrever é necessário praticar a escrita, pois é no esforço de pensar sobre a forma de grafar as palavras que se compreende como se estrutura o sistema de escrita. Por isso, mesmo que os alunos ainda não escrevam de forma convencional, é importante convidá-los sempre a escrever, em diferentes situações. Da mesma forma, para aprender a ler é preciso praticar a leitura constantemente e, por isso, é tão importante permitir que vivenciem várias situações nas quais utilizem o que já sabem sobre a língua escrita para interpretar o que está escrito. Nosso grande objetivo é que esses alunos avancem em suas hipóteses de escrita.

> Durante muito tempo a tradição escolar definiu como conteúdo de leitura o aprendizado da decifração. Ler, emitindo sons para cada uma das letras, era a situação que ilustrava a aprendizagem da leitura. Hoje, sabemos que não basta ler um texto em voz alta para que seu conteúdo seja compreendido, e a decifração é apenas uma, dentre muitas, das competências envolvidas neste ato. Ler é, acima de tudo, atribuir significado. Além disso, se queremos formar leitores plenos, usuários competentes da leitura e da escrita em diferentes esferas, participantes da cultura escrita, não podemos considerar alfabetizados aqueles que sabem apenas o suficiente para assinar o nome e tomar o ônibus. Isso não é tarefa simples: implica redefinir os conteúdos de leitura e de escrita. Não se trata mais de ensinar a língua, suas regras e suas partes, isoladamente, mas de incorporar as ações que se fazem com textos no cotidiano. No nosso dia a dia lemos com os mais diferentes propósitos: para nos informar sobre as atualidades, para localizar endereços e telefones, para fazer uma receita, para saber como vão pessoas que estimamos, para nos divertir ou emocionar, para tomar decisões, para pagar contas, para comprar algo, entre outros. E escrevemos para distintos interlocutores, com diferentes intenções, nas mais variadas situações: para relatar como estamos para pessoas distantes, para solicitar algo, para reclamar de alguma coisa, para nos lembrarmos daquilo que temos de comprar, para prestar contas do nosso trabalho, para anotar um recado para alguém, entre muitas outras ações. São ações que podem e devem ser aprendidas, traduzidas em comportamentos – de leitor e de escritor – que precisam ser ensinados. Claro que é necessário aprender o sistema de escrita e seu funcionamento, mas esta aprendizagem pode ocorrer em situações mais próximas das situações reais e com textos de verdade – que comunicam e que foram feitos para leitores. Trata-se então de trazer para dentro da escola a escrita e a leitura que acontecem fora dela. Trata-se de incorporar, na rotina, a leitura feita com diferentes propósitos e a escrita produzida com diferentes fins comunicativos para leitores reais. Enfim, trata-se de propor que a versão de leitura e de escrita presente na escola seja a mais próxima possível da versão social e que, assim, nossos alunos sejam verdadeiros leitores e escritores. [24]

[23] Fase Inicial: 1º, 2º e 3º ano; Fase Complementar: 4º e 5º ano; Fase Final: 6º a 9º ano.
[24] São Paulo : SME / DOT, 2006. 104p.: il. – v.2

A organização de uma rotina de leitura e escrita [25]

Organizar uma rotina semanal de leitura e escrita é fundamental para orientar o planejamento e o cotidiano da sala de aula. Ela se expressa na forma como são organizados o tempo, o espaço, os materiais, as propostas e intervenções do professor e revela suas intenções educativas.

Nessa proposta de ensino da Língua Portuguesa, a rotina deve contemplar situações didáticas de análise e reflexão sobre a língua, imprimindo maior qualidade no uso da linguagem. Deve haver uma diversidade de atividades com diferentes propósitos e, ao mesmo tempo, uma repetição delas para que o desempenho dos alunos seja cada vez melhor. Não é preciso inventar novas atividades a cada dia, mas é importante variar o gênero que vai ser trabalhado (contos, parlendas, listas, poemas, textos jornalísticos, etc.) e o tipo de ação que o aluno vai fazer com cada texto.

Em função disso, organizamos um quadro orientador em que é apresentado o que uma rotina semanal de leitura e de escrita deve contemplar. Por exemplo: leitura diária em voz alta pelo professor, leitura realizada pelos alunos, situações de produção e revisão de textos, além, é claro, de situações de trabalho com a oralidade.

Veja como é possível organizar a rotina para o trabalho com leitura e escrita nas séries iniciais:[26]

Situação Didática	Objetivos (o que os alunos aprendem e como)	Exemplos de algumas atividades	Frequência	O que é importante observar
Leitura realizada pelo professor	· Compreender a função social da escrita. · Ampliar o repertório linguístico. · Conhecer diferentes textos e autores. · Aprender comportamentos leitores. · Entender a escrita como forma de representação.	Leitura em voz alta realizada pelo professor: • textos literários; • jornalísticos e sobre curiosidades (científicos e históricos).	Diária – texto literário. Semanal – jornal e científicos.	Oferecer textos de qualidade literária em seus suportes reais. Ler com diferentes propósitos.
Leitura realizada pelo aluno	· Desenvolver atitudes e disposições favoráveis à leitura. · Desenvolver procedimentos de seleção de textos buscando informações. · Explorar as finalidades e funções da leitura. · Ler com autonomia crescente. · Aprender comportamentos leitores. . Ler com diferentes finalidades.	Roda de biblioteca com diversas finalidades: apreciar a qualidade literária dos textos, conhecer diferentes suportes de textos. Ampliar a compreensão leitora: leitura de textos que os alunos ainda não leem com autonomia, mas que pode ser mediada pelo professor (leitura de textos informativos, instrucionais, entre outros).	Diária.	Ler várias vezes um mesmo texto com diferentes propósitos. Garantir que conheçam o conteúdo a ser explorado. Antecipar as informações que os alunos vão encontrar nos textos.
Comunicação oral	· Participar de diferentes situações comunicativas considerando e respeitando as opiniões alheias e as diferentes formas de expressão. · Utilizar a linguagem oral, sabendo	Reconto de histórias conhecidas ou pessoais, de filmes etc. Exposição de objetos, materiais de pesquisa etc. Situações que permitam emitir	Duas vezes por semana.	Observar com atenção como as crianças se comportam numa situação em que têm de ouvir e falar uma de cada vez. Identificar quais crianças precisam ser convidadas a relatar, expor, etc.

[25] São Paulo : SME / DOT, 2006. 115p.: il.
[26] São Paulo : SME / DOT, 2006. 115p.: il.

	adequá-la às situações em que queiram expressar sentimentos e opiniões, defender pontos de vista, relatar acontecimentos, expor temas, etc. · Desenvolver atitudes de escuta e planejamento das falas.	opiniões sobre acontecimentos, curiosidades, etc.		
Produção de texto escrito	· Produzir textos buscando aproximação com as características discursivas do gênero. · Produzir textos considerando o leitor e o sentido do que quer dizer. · Aprender comportamentos escritores.	Produção coletiva, em dupla e individual – de uma notícia, legenda de fotos, etc. Reescrita de textos conhecidos – coletiva, em duplas, individual.	Duas vezes por semana.	Agrupar os alunos de forma intencional, criteriosamente e planejada, pensando em três aspectos: o conhecimento dos alunos sobre o que se pretende ensinar, as características pessoais dos alunos e a clareza do objetivo da atividade que se pretende propor. Dividir tarefas nos agrupamentos: um aluno dita o texto e o outro grafa. Garantir que os papéis sejam trocados em outras produções para que todos os alunos vivenciem os dois papéis.
Revisão de texto	Revisar textos em autênticas situações de comunicação, onde exista um interlocutor real. Analisar as características do gênero e olhar a própria produção com olhos críticos procurando melhorá-la.	Revisão coletiva de um trecho escolhido pelo professor para ser melhorado. Troca de textos entre os grupos para revisão. Revisão em duplas a partir de bilhetes com observação do professor sobre aspectos a serem melhorados. Revisão individual para observação dos problemas do texto, buscando acrescentar, retirar, deslocar ou transformar partes, para torná-lo mais legível para o leitor. Uso de rascunho, procedimento de passar o texto a limpo, permitindo aprender que o que se escreve pode sempre ser modificado e melhorado. Apresentação aos alunos de textos de autores consagrados para análise, pedindo que observem a	Uma vez por semana	Organizar agrupamentos produtivos. Garantir momentos de intervenções pontuais com alguns grupos de alunos. Chamar a atenção para determinados aspectos, colocando boas questões para serem analisadas, problematizando o que está ambíguo, confuso, sem sentido ou repetitivo. Oferecer ajuda aos alunos para que aprendam a pensar na organização dos textos, Selecionar, a cada atividade de revisão, uma ou duas questões a serem tematizadas: não tem sentido, não é produtivo e nem eficaz propor a análise de todos os problemas do texto ao mesmo tempo, só para torná-lo bem escrito de imediato – o objetivo é que os alunos desenvolvam a capacidade de revisar os próprios textos, e não tornar perfeito um ou outro texto que seja objeto de revisão.

		forma como utilizam (ou não) recursos de substituição, de concordância, de pontuação, entre outros, permitindo que reconheçam a qualidade estética do texto.		
Gramática Normativa	Analisar e refletir sobre a linguagem utilizada nos textos e falar sobre ela a partir de um vocabulário próprio (metalinguagem). Possibilitar ao aluno o levantamento de regularidades de aspectos da língua, sistematização e a classificação de suas características específicas. Pontuar textos analisando os efeitos estilísticos. Escrever ortograficamente.	Escrever as palavras de um texto conhecido e solicitar que os alunos as separem em grupos. Após separá-las, pedir que verbalizem qual foi o critério utilizado e se sabem nomear o grupo. Observar palavras em duas colunas e discutir: que diferenças há entre elas? No jeito de falar? No jeito de escrever? E no que querem dizer? (Ex.: adoçam/ adoção, arrastam/ arrastão). Discutir sobre as diferentes possibilidades de pontuar um texto. Analisar um texto pontuado. Ditado interativo: ditar um texto já conhecido e pausar em algumas palavras para discutir com os alunos sobre a sua grafia. Ditado estudado: oferecer um texto interessante para ser estudado pelos alunos em casa e depois ditá-lo. Listas de palavras que não devem errar. Organizar um glossário para consulta em caso de dúvidas. Registro de conclusões sobre a descoberta de regras ortográficas Pesquisa em dicionário.	Duas vezes por semana	Favorecer o trabalho em grupo em atividades de análise e reflexão sobre a língua, promovendo um espaço de discussão de estratégias para resolução das questões que se colocam como problemas, busca de alternativas, comparação de diferentes pontos de vista. Saber o que é substantivo, adjetivo, verbo, artigo facilita a comunicação nas atividades de reflexão sobre a língua, mas não significa que o aluno será capaz de construir bons textos empregando esses conhecimentos. Aprender a pontuar não é aprender um conjunto de regras, é um conteúdo procedimental que se aprende no uso. Saber os nomes dos sinais de pontuação e saber para que servem não garante aos alunos o domínio do uso da pontuação nos textos escritos.

Pensando em gerenciar melhor o tempo didático da sala de aula, sugerimos que os conteúdos sejam organizados em modalidades organizativas, conforme classificação adotada por Delia Lerner em seu livro “Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário” (Ed. Artmed). Tais modalidades organizativas têm a função de permitir com que o professor priorize de forma bastante prática e coerente os conteúdos que pretende desenvolver, sem privilegiar excessivamente alguns e deixar outros de lado. Rosaura Soligo sintetizou as ideias expostas por Delia Lerner no texto que apresentamos a seguir.

Formas de organizar os conteúdos escolares [27]

Os conteúdos escolares podem ser organizados de diferentes formas:

- Atividades permanentes.
- Atividades sequenciadas.
- Situações independentes: ocasionais ou de sistematização.
- Projetos.

Atividades permanentes

São atividades que acontecem com regularidade (diariamente, semanalmente, quinzenalmente etc.) durante um período (curto ou longo) porque são importantes para o desenvolvimento de determinados procedimentos, hábitos ou atitudes.

Ex: Leitura diária feita pelo professor, Roda semanal de conversa ou leitura, Oficina de produção de textos, Leitura sistemática de curiosidades científicas ou das notícias, organização e funcionamento de uma biblioteca de classe, tornando-a um espaço sistemático de intercâmbio entre os leitores, organização de agendas de leitura, registros de comentários e apreciações sobre leituras realizadas.

Atividades sequenciadas

São atividades planejadas em uma sequência inclusiva: o que vem a seguir depende do que já foi realizado (e aprendido) anteriormente. São muito parecidas com os projetos, mas não têm um produto final. Os próprios projetos são constituídos por atividades sequenciadas.

Ex: Atividades para ensinar as operações matemáticas, para ensinar a produzir um determinado tipo de texto, para ensinar um jogo complexo, etc.

Situações independentes

Ocasionais: são aquelas que não foram planejadas previamente, mas que se considera relevante inserir ou "aproveitar" no trabalho. Podem ser propostas pelo professor ou pelos alunos. Ex: Assuntos importantes que são notícia e que interessam aos alunos, fatos ocorridos na escola ou na comunidade, materiais interessantes enviados pelos pais ou encontrados pelos alunos, etc.

De sistematização: são aquelas que contribuem para que os alunos sistematizem os seus conhecimentos sobre um determinado conteúdo aprendido. Embora não decorram de propósitos imediatos, essas atividades têm relação direta com as expectativas de aprendizagem definidas para um determinado período. Ex: Situações de retomada do que foi ensinado sobre um determinado conteúdo para organizar as informações disponíveis e favorecer a sistematização (pelos alunos) dos conhecimentos adquiridos.

Projetos

São situações didáticas em que o professor e os alunos têm propósitos comuns e se comprometem com a conquista de um produto final, que é fruto do trabalho de todos e tem um sentido social real ("produto", nesse caso, não significa algo "palpável", mas sim um resultado: pode ser uma festa, uma mostra de trabalhos produzidos, uma apresentação pública de leitura ou jogral, a organização de uma biblioteca de classe, um livro, jornal ou texto, etc.). Nos projetos, as

[27] Texto produzido por Rosaura Soligo, a partir de ideias defendidas por Délia Lerner e Mirta Castedo.

ações propostas ao longo do tempo são planejadas de forma sequenciada, têm relação entre si e fazem sentido em função do resultado que se deseja alcançar.

Ex: “Coleções” (organização de coleções para aprender conteúdos matemáticos), “Brincadeiras” (resgate de brincadeiras antigas e produção de um livreto de textos instrucionais), “Paisagens” (estudo de como pintores de diferentes épocas retrataram as paisagens e organização de uma mostra com produções da classe), Animais em extinção (estudo de alguns animais em extinção e produção de uma pequena enciclopédia), etc.

Os projetos da fase complementar foram pensados com foco na Língua Oral e Escrita e nas competências sugeridas para cada faixa etária; daí a necessidade de priorizar determinado gênero e portador textual. Entretanto, os projetos podem ser pensados interdisciplinarmente, conjugando temas de diferentes áreas do saber. Vale ressaltar que, embora seja desejada essa articulação, não se podem perder o foco e os objetivos propostos para o trabalho com a Língua.

Assim sendo, priorizou-se para o 5º ano a produção de um livro de contos de assombração, pois essas narrativas assustadoras cativam os alunos por meio do suspense, assombro, encantamento e magia, auxiliando-os a se apropriarem da linguagem escrita e das características específicas desse tipo de narrativa. Para encontrar sugestões de contos de assombração, pesquise no *Site* da educação www.portal.santos.sp.gov.br/seduc.

Sendo assim, esperamos que, ao final do 5º ano, os alunos sejam capazes de:

- Participar de situações de intercâmbio oral, ouvindo com atenção, formular e responder perguntas, explicar e ouvir explicações, manifestar opiniões;
- Ler com autonomia e reconhecer a finalidade de diferentes gêneros apoiando-se em conhecimentos sobre o tema do texto, as características de seu portador, do gênero e do sistema de escrita;
- Reescrever textos (contos, lendas, entre outros), considerando as ideias principais do texto fonte e características da linguagem escrita;
- Escrever alguns textos de autoria (bilhetes, cartas, regras de jogos, textos jornalísticos, entre outros), utilizando recursos da linguagem escrita.
- Localizar informações explícitas e implícitas em um texto.
- Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a sua continuidade.
- Inferir o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação expressiva ou de outras notações.
- Identificar tempos verbais e conjugações como elemento determinante de sentido ao texto.

Para finalizar, sugerimos uma organização dos conteúdos do projeto que se pretende desenvolver com as crianças dentro do gênero literário: contos (de assombração).

Projeto: Contos de assombração
1. Objetivo compartilhado com os alunos (produto final): livro produzido pelos alunos com contos de assombração. O professor poderá programar uma situação de comunicação oral: lançamento do livro, com leitura em voz alta pelos alunos para os convidados de honra, que receberão o livro autografado pelos autores.
2.Justificativa: os contos populares têm sido recontados ao longo de nossa história pelas amas de leite, pelos viajantes, mascates, contadores de histórias que habitaram e habitam as mais diversas regiões do Brasil. Nesse contexto, o projeto tem como objetivo resgatar contos de assombração conhecidos pela comunidade. Essas narrativas populares ajudam a desenvolver o hábito da leitura e o gosto por ouvir histórias. O projeto possibilitará também a ampliação de conhecimentos sobre linguagem oral e aprofundamento da reflexão sobre a linguagem escrita.
3. O que se espera que os alunos aprendam: a linguagem escrita própria dos contos, especificamente dos de assombração; a reescrever contos de assombração, utilizando a linguagem própria desse gênero literário; procedimentos de produção e revisão de texto de forma individual e coletiva; procedimentos de leitura em voz alta de contos de assombração para determinado público.

4. O que o professor deve garantir no decorrer do projeto: compartilhar com os alunos a proposta do projeto; fazer um levantamento dos contos conhecidos pelos alunos; ler contos de assombração selecionados, para garantir o contato intenso dos alunos com bons modelos do gênero; abrir espaço para pessoas da comunidade que sejam bons contadores de contos de assombração para compartilharem suas histórias com os alunos; propor aos alunos a investigação, em casa, de outros contos de assombração; propiciar momentos de reescrita e produção de novos contos de assombração; possibilitar a revisão dos textos produzidos coletivamente, em dupla ou individualmente, fazendo as intervenções necessárias, encarando esse momento como uma boa situação de aprendizagem de análise e reflexão sobre a língua; edição do livro (capa, ilustração, diagramação, etc.); planejar o produto final dando oportunidade para os alunos selecionarem os contos que serão lidos em voz alta, no dia do lançamento do livro; combinar com as crianças, durante todo o projeto, momentos de contar histórias para que elas possam treinar diferentes entonações, usando as marcas do texto, compreendendo a importância do preparo para ler em voz alta; garantir o trabalho em grupos, para que as crianças possam ser parceiras de fato, colocando em jogo os saberes individuais.

:

Referências Bibliográficas

BRUNER, J.S. **Uma Nova Teoria da Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Bloch, 1998.

FERREIRO E. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.

Lerner, Delia. **Ler e escrever na Escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MEC (SEB). Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. Coletânea de textos. V.3, 2000.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Projeto **Toda Força ao 1o Ano: guia para o planejamento do professor alfabetizador** – orientações para o planejamento e avaliação do trabalho com o 1o ano do Ensino Fundamental. Secretaria Municipal de Educação. – São Paulo : SME / DOT, 2006.

TEBEROSKY, Ana, TOLCHINSKY, Liliana (org.). **Além da alfabetização**. São Paulo: Ática, 1996.

INGLÊS

O objetivo principal do ensino de inglês do 1º ao 5º ano em nossa rede é tornar a língua inglesa familiar para os alunos. Ao assimilar um vocabulário básico, expressões simples em situações reais, que façam sentido à sua vida, o aluno passa a desejar aprender mais, entendendo a real importância que a língua inglesa tem nas vidas de todos nós. Isso significa ensinar-lhes por meio de aulas descontraídas, interessantes, com atividades lúdicas, músicas, uso de fantoches, jogos, máscaras e demais recursos para que a criança seja envolvida de forma prazerosa no processo de aprendizagem.

Como dissemos, é fundamental que o professor, num primeiro momento, leia seus planos de curso, as orientações didáticas. A relação dos conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais) deve servir de referência para a elaboração do planejamento, plano de aula e a seleção das atividades a serem desenvolvidas ao longo do ano.

Sugerimos que o professor siga uma abordagem metodológica global que desenvolva prioritariamente a habilidade oral (escutar e falar) por meio do lúdico, do sensorial e das ações, introduzindo gradualmente as habilidades de leitura e escrita, como suporte ao aprendizado oral. Aqui entram as atividades de encenações (*role-play*), movimentos que expressem a letra de uma música e de ***TPR***[28] (*Total Physical Response*) para executar instruções, jogos de adivinhação, troca de papéis, trabalho em pares ou grupos, além de exercícios de compreensão oral (ao escutar o professor, o *CD*, o vídeo ou o colega) para obter informações.

A habilidade de leitura deve ocorrer indiretamente (com associação de palavras a um desenho ou procura de palavras), de forma a criar um ambiente alfabetizador, sem obrigar o aluno a saber ler e escrever em inglês. No início do 5º ano, o professor de inglês pode ainda ser o escriba e usar sempre **letra bastão maiúscula**, mesmo que a criança peça a letra cursiva ou já esteja alfabetizada, pois está sendo apresentada a uma diferente relação fonética entre sons e letras. Além disso, em inglês, usamos com maior frequência letras com as quais ela ainda não está muito familiarizada (K, W, Y). O professor precisa **ler em voz alta** tudo o que precisar ser lido. Não se deve exigir que os alunos que ainda não estão completamente alfabetizados leiam ou escrevam em ingleses sozinhos. Eles provavelmente questionarão as diferenças entre a escrita e a pronúncia das palavras, comparando-as com a língua portuguesa. Esses questionamentos são importantes e enriquecem a aprendizagem, pois os alunos terão, além do português, mais um idioma para comparar e compreender que o sistema de escrita é diferente da forma que se fala. No entanto, ainda não podemos exigir que o aluno escreva em inglês sem a existência de um banco de palavras para usar como referência. Aos poucos, quando o vínculo entre o professor e os alunos estiver estabelecido, o educador saberá quando poderá iniciar e permitir o uso da letra cursiva em inglês no 5º ano.

A criança, nessa idade, ainda precisa que as aulas sigam uma rotina. Sugerimos que o professor, ao chegar, faça um jogo de *warm-up* ou cante uma música. Depois introduza o conteúdo a ser aprendido por meio de atividades orais, com auxílio de recursos de áudio, vídeo e estímulos verbais do professor, físicas (com encenações e atividades de *TPR*), artísticas (desenhos, recorte e colagem, uso de massa de modelar, pintura, etc.), atividades do livro didático, revisão do que foi aprendido e feito na aula e pode, ainda, terminar com uma atividade de reflexão sobre o que os alunos aprenderam na aula e como se sentiram.

Mesmo nessa idade, as crianças ainda não conseguem concentrar-se por longos períodos de tempo, é preciso estar sempre pronto para o inesperado. O professor deve ter todos os materiais prontos à mão (*posters, flash cards*, jogos) para poder mudar a atividade se algo não der certo, além de recorrer a diversas técnicas para obter a atenção dos alunos sem que seja necessário levantar a voz. Estas técnicas podem ser tão simples como apagar e acender a luz quando for preciso obter silêncio na sala, começar a cantar uma música de que as crianças gostem, bem baixinho, apagar as luzes e acalmá-los. Outra opção seria fazê-los mudar de posição, ficar em pé e fazer alguma atividade se estiverem sentados, ou sentarem em círculo se estiverem de pé, agrupá-los em duplas, trios, quartetos, ou sair da classe. Colocar música calma em volume baixo enquanto as crianças trabalham, ou rock para atividades motoras grossas. Alunos do 5º ano adoram confeccionar maquetes, jogos, bonecos e outros objetos com material de sucata. Assim, os educadores têm mais estas ferramentas para tornar as aulas mais significativas e atrair o interesse dos alunos e estimular o trabalho em equipe.

Durante as aulas, sugerimos que o professor desenvolva técnicas básicas associadas ao aprendizado, como: memorização, previsão, cooperação, criatividade e expressão física. O professor deverá fazer muitas perguntas aos alunos, desafiá-los a pensar, a recordar, a imaginar, a adivinhar, incentivando-o a participar dos trabalhos em grupo, dos jogos e das demais atividades e, principalmente, a questionar. É preciso ter em mente que há crianças com estilos diferentes de aprendizagem, umas são mais visuais, outras, auditivas, e ainda há as que são mais cinestésicas.

[28] Mais informações sobre ***TPR Activities***: (http://www.tpr-world.com)

É necessário ter recursos prontos para serem utilizados em cada aula. Este é mais um motivo para trabalhar em equipe com os docentes de todas as áreas. Em inglês, recursos visuais, como os *flashcards,* e imagens, recursos materiais, como *realias* (material concreto), fantoches, chapéus, material de áudio, vídeo, *DVD*, etc. Se os *flashcards* estiverem com o vocabulário escrito, as **letras** devem ser digitadas **num tipo de fonte e tamanho legíveis** ou **escritas** com caneta ou pincel atômico preto.

Na preparação da aula, as atividades mais agitadas deverão ser previstas para o final da mesma; do contrário, os alunos podem se animar demasiadamente e perder de vista o objetivo da aula. Devem-se utilizar diversos tipos de atividades, além de alternar as em grupo, duplas e individuais. Trabalhar oralmente de maneiras diferentes, oferecendo variedade, é útil e eficaz, considerando-se o tempo relativamente curto de concentração dos alunos e os seus diversos estilos de aprendizado. A maior parte do tempo de aula deve ser gasta na apresentação dos novos elementos e nas atividades de *listening* e *speaking*.

O tempo gasto com os exercícios de colorir, associar, circular e desenhar deve ser menor, visto que enfocamos o desenvolvimento da competência comunicativa. As aulas não devem ficar “presas” ao uso do livro ou material fotocopiado. Também é bastante útil haver um local onde se possam expor os trabalhos das crianças. Os cartazes *e* material confeccionado pelos alunos podem ser feitos de papel pardo ou cartolina contendo as produções dos alunos. Uma mostra bem organizada pode ser a base para discussões, promovendo interdisciplinaridade e também envolvendo os pais no sentido de acompanhar o progresso de seus filhos. Para ser bastante eficaz, a mostra deverá ser renovada frequentemente. Além disso, é motivo de orgulho para os pais quando a criança leva um objeto (ex.; um carro, uma dobradura, um fantoche) para casa e o nomeia em inglês. Dessa forma, as crianças estendem o aprendizado para seus familiares.

Compreensão oral (*listening*)

Os alunos devem ser expostos o máximo possível ao inglês em sala. CDs e DVDs são ótimos recursos audiovisuais. A quantidade de inglês utilizada para dar instruções deve aumentar gradativamente e, por conseguinte, deve-se estabelecer o hábito de responder às atividades habituais em inglês. Pede-se aos alunos que executem certo número de atividades de ***TPR***, ou "*listen and do*", durante as quais se praticam os elementos linguísticos. Ex.: *Good morning/afternoon; hi; How are you?; fine, thanks; stand up; sit down; line up; come here; please; thanks/thank you; you're welcome; bye-bye; see you; very good; great; beautiful; May I go to the toilet?; yes; no; let's sit in a circle; draw; you can do it better/nicer; repeat; ask; answer; look; listen; point; sing; let's sing; let's go; say; etc.*

Produção oral (*speaking*)

Deve-se dar aos alunos um "período de silêncio" no início do ano, durante o qual eles escutam o inglês sem pressão de responder oralmente. Os alunos não devem ser forçados a responder verbalmente enquanto não estiverem prontos e não se sentirem à vontade com o professor e o grupo. No entanto, **devem ser incentivados** a fazê-lo por meio de atividades orais e de repetição em grupo, com o auxílio do *CD* que acompanha o livro didático. Além disso, as canções oferecem a oportunidade de utilizar o idioma oralmente dentro de um contexto seguro.

Uso de canções

Se as crianças não aprendessem melhor com músicas, programas de TV infantis não existiriam. A música é extremamente importante nas aulas de inglês. Pode manter as músicas preferidas dos alunos durante várias aulas e diversificar as técnicas de ensino para que eles aprendam o mesmo conteúdo em 3, 4 ou 5 aulas, por meio de atividades diferentes.

Além disso, é mais interessante para o aluno se ela for executada com gestos, movimentos e até coreografias que representem o que está sendo cantado. O professor precisa estudar bem a música, a pronúncia correta das palavras, além de praticá-la antes de cantá-la com os alunos. Há vídeos, *DVDs* e livros, além da *internet*, em que estes movimentos são demonstrados e explicados.

Muitas vezes, os próprios alunos conhecem filmes e seriados de TV em que as músicas são em inglês e há danças coreografadas. Esse tipo de atividade os estimula a cantar em inglês e os professores devem tirar proveito de toda oportunidade que aparecer.

Uso de fantoches

Os fantoches são excelentes para ensinar inglês às crianças, pois as atraem e podem ter uma série de funções: apresentar conteúdos, fornecer um elemento cômico, fazer encenações, dar segurança, além de incentivá-las a se expressar oralmente. No entanto, no 5º ano, as crianças talvez precisem de uma abordagem mais "pré-adolescente" no uso do fantoche. Cabe ao professor decidir, junto aos alunos, se eles desejam ou não fazer uso dessa ferramenta e possam construir o seu, caso decidam que sim.

Encenar estimula a percepção de si mesmo e de outros pontos de vista, relacionando-os e construindo pensamentos. Além disso, proporciona oportunidade de dialogar e ouvir atentamente. Caso os alunos se sintam inibidos em encenar situações em inglês (*role-play*), aprender a construir bonecos/personagens e improvisar histórias é ótima oportunidade de ter contato com os elementos do teatro, vencer a timidez, liberar a criatividade e conhecer melhor a si mesmo.

Interdisciplinaridade

O professor de inglês deve estar em sintonia com o professor de classe e os demais professores especialistas, pois os conteúdos de inglês podem ser trabalhados constantemente de forma interdisciplinar.

• O emprego dos números em inglês deve ser trabalhado durante todo o ano em inúmeras situações (contagem, uso do calendário, dia do mês, idade, etc.) e pode complementar as atividades desenvolvidas nas aulas de **matemática**.
• Algumas danças, atividades de expressão corporal, jogos e brincadeiras podem ser trabalhados junto com o professor de **educação física**.
• Com o professor de **arte,** podem-se trabalhar melhor as canções, rimas, expressões corporais, gestuais e faciais nas melodias apreciadas e cantadas, assim como o estudo das cores, de pintura, modelagem, folclore, montagem de brinquedos com sucata, jogos dramáticos (*role-play*) e teatro de fantoches.
• Ao desenvolver os conteúdos relacionados ao próprio nome, à família, hábitos alimentares, aniversário, brinquedos, além das manifestações culturais dos países de língua inglesa, é possível articulá-los aos conteúdos de **história**.
• Quando o professor de inglês ensinar as roupas e acessórios é divertido organizar um desfile de modas – *fashion show* – revezando quem descreve o colega que estiver desfilando. Se houver espaço suficiente, o evento pode tomar proporções maiores e ser bem envolvente.
• Proponha o uso do dicionário português-inglês e vice-versa para solucionar dúvidas de grafia.
• Ao apresentar o uso do plural dos substantivos e a posição dos adjetivos, o professor de língua inglesa pode relacioná-lo e contrastá-lo com o uso dos mesmos conceitos, porém de forma diferente, na **língua portuguesa**, em parceria com o professor da classe.

Aproveitem as **RAPs** para conversar com os colegas de outras áreas, como também com a equipe pedagógica, a fim de planejar as aulas, projetos, atividades e apresentações de forma interdisciplinar. Os conteúdos desenvolvidos podem ser complementados com atividades do ***Site* da educação** ou outros *sites* da *internet*, nas aulas de **informática educativa**. Portanto, os alunos poderão ser levados pelo professor de inglês e pelo professor de informática para fazer os exercícios em uma aula de 45 minutos após terminar o conteúdo da unidade.

- ***Kidlink****: http://www.kidlink.org*
- ***Best sites for teachers****: http://www.sitesforteachers.com*

Avaliação

Avaliamos constantemente nossos alunos, mas nem sempre conseguimos lembrar o nome de todos e seu desempenho nas aulas. Sugerimos manter um controle das atividades feitas e dar uma nota para o **empenho do aluno durante as aulas**. Esta avaliação pode ser feita, por exemplo, com cinco a dez alunos por vez, sem que eles saibam que estão sendo avaliados.

É muito importante elogiar a produção do aluno, mesmo que não esteja como o professor esperava. Elogios ao empenho dos alunos e dizer *very good, excellent, good work, great*, etc., certificando-se de que eles compreendam o significado dessas expressões são sempre ótimas formas de motivar os alunos. Deve-se deixar claro que é preciso errar para poder aprender e é para isso que eles estão na escola. Assim, o professor e o grupo têm de fazer alguns "combinados". **Tentar falar em inglês, ser corrigido e não ter medo de errar** devem estar nessa lista. Os alunos precisam se sentir confortável para falar, mesmo que, a princípio, esteja "errado". Isso demanda tempo e relacionamento afetivo estável entre os alunos e o docente da classe.

O ensino de inglês do 1º ao 5º ano deve fazer parte dos momentos prazerosos, quando a autoestima do aluno é reforçada de forma positiva, assim, não podemos exigir perfeição das crianças, ainda mais porque os conteúdos conceituais são revistos em todos os anos, de forma espiralada, proporcionando a assimilação (*acquisition*) de um conteúdo específico em momentos diferentes. Assim sendo, o professor de inglês não deve ser inflexível em relação às notas.

Referências bibliográficas

DEL PASO, A. et alli. **Squeeze 3 – Teacher's Edition**. Mexico, D.F.: Macmillan, 2006.

HARPER, K. et alli. **Kids United – Livro do Professor 1**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HERRERA, M. & ZANATTA, T. **New Parade 1 – Teacher's Edition**. New York: Addison Wesley Longman, Inc., 2000.

MELO, L. et alli. **Spaghetti Kids – Teacher's Book 1**. São Paulo: Macmillan, segunda impresão, 2002.

REETZ, A. et alli. **Let's Go 1 – Teacher's Book**. Hong Kong: Oxford University Press, 2000.

SALVADOR, R. W. **Kinder Steps – Teacher's Guide Level 3**. Mexico, D.F.: Richmond Publishing, 1999.

TAPIA, J. A. & FITA, E. C. – **A motivação em sala de aula – o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2006.

ARTE

Música

A importância da Música para a criança é evidente e indiscutível. Porém, para que a criança faça o bom uso e se beneficie da linguagem musical é preciso que esta seja apresentada de forma cuidadosa e adequada.

Conceitos e teorias passam a ser necessários para uma prática mais significativa, mas de nada valem se estiverem distantes dessa prática. Se o professor vai conceituar pulso e acento, deve então elaborar atividades em que fique evidente a importância desse conhecimento. Ao ensinar a leitura de notas que faça uso dessa leitura em situações de canto, como pequenos vocalizes, ou mesmo na representação de canções trabalhadas, fornecendo a partitura da linha melódica aos alunos e fazendo com eles a análise da canção.

A música deve fazer parte do dia a dia da criança para que haja uma "intimidade" com esta linguagem tão prazerosa. Não se trata apenas de incluir na rotina da criança canções para a hora da entrada, lanche, saída, etc. Momentos de apreciação, relaxamento e execução musical podem e devem ser vivenciados durante todo o processo de aprendizagem, como mais uma forma de expressão, uma linguagem que chega mais fácil ao âmago da criança, deixando-a mais feliz e confiante.

Projetos interdisciplinares são muito importantes nesta fase, pois, envolvendo a música com as outras disciplinas, estimulamos a prática musical dos alunos e a valorizamos em outras situações além da aula de música, proporcionando momentos de uma execução musical mais elaborada, normalmente destinada a uma apresentação, o que vai despertar um verdadeiro interesse estético, musical e artístico. "[...] as emissoras de TV e rádio não divulgam as tradicionais músicas folclóricas, mas somente as populares, sendo muitas de péssimo gosto, com textos inadequados para as crianças sem se falar na tessitura e "desaprendizagem" da língua nacional. Isso é bastante preocupante porque essa invasão de canções populares, de pouco ou nenhum valor musical, levam a criança a uma deformação da estética musical." (STATERI, 1997)

Não podemos nos esquecer de que nós, professores, também somos vítimas desta situação, muitas vezes nos deixando levar pelo modismo e nos habituando a aceitar ou mesmo gostar daquilo que nos é imposto pelos meios de comunicação.

Sugerimos que o professor de faça um **diagnóstico** da sua classe. O professor precisa saber qual é a real vivência musical de seus alunos, por meio de atividades simples de pulso, acento, altura e canto e até mesmo uma conversa para saber qual é o universo sonoro em que eles vivem.

Desta forma, o professor poderá elaborar seu planejamento direcionando seus objetivos e estratégias de acordo com cada classe, explorando os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais do Plano de Curso, de forma mais significativa.

O planejamento do professor precisa ser flexível. As ações devem estar abertas a mudanças e adaptar-se a imprevistos ou projetos que podem surgir no decorrer do ano. Nesse processo, é importante **avaliar**, observando e refletindo sobre o que está dando certo ou errado, replanejando quando necessário.

Na educação musical, trabalhamos *tudo ao mesmo tempo e o tempo todo*. Embora os conteúdos estejam organizados por tópicos (pulso, acento, improviso dirigido, etc.) estes não devem ser trabalhados de forma linear. Ao trabalhar pulso, por exemplo, por meio de um jogo musical, o aluno está também exercitando sua percepção auditiva, rítmica e melódica, lateralidade, atenção e prontidão. Uma brincadeira cantada pode envolver mais de um conteúdo, mesmo que a ênfase, naquele momento, esteja em um tópico específico.

Nesta fase, o aluno é movido por desafios. Desta forma, sugerimos que os conteúdos conceituais sejam apresentados ao aluno de uma forma descontraída e que se incluam, neste processo, desafios nos quais estes conteúdos sejam assimilados. Criatividade e disposição são imprescindíveis para conquistar e manter o aluno motivado a participar. O elemento lúdico (o jogo) é muito importante para que a criança se entregue de forma espontânea à aprendizagem. Então, o professor precisa ficar atento para que a aula de música não perca esta característica que tanto incentivamos nos anos iniciais, em que o lúdico e a prática musical estão extremamente ligados.

Improvisação sonora dirigida.

O improviso tem sido motivo de grande discussão na pedagogia musical. Entendemos que, por meio do improviso, o aluno resgata sua aptidão para criar e expressar-se rítmica e melodicamente. Para isso, é necessário que ele possua um conhecimento prévio dos elementos a serem utilizados, como células rítmicas e

ostinatos rítmicos e melódicos. O improviso precisa ser “preparado” pelo professor por meio de inúmeras atividades de vivência rítmica e melódica, buscando uma variedade no uso de materiais sonoros e do próprio corpo.

Manifestações folclóricas

O folclore deve estar presente no dia a dia da sala de aula. Brincadeiras cantadas, cantigas de roda, jogos, danças, etc, auxiliam no aprendizado musical e transformam a aula de música num momento muito mais agradável. Mas é preciso que, aos poucos, a criança se conscientize da importância de se preservar as manifestações folclóricas porque elas fazem parte da nossa identidade cultural. O fato de estarmos trabalhando com crianças mais velhas não significa que devemos abandonar estas atividades, mas sim buscar, em nosso imenso repertório folclórico brasileiro, canções mais apropriadas à faixa etária. Com uma lateralidade mais desenvolvida, as crianças, nesta fase, costumam apreciar cirandas e outras danças com passos mais elaborados e aspectos rítmicos mais complexos.

Música erudita

O aluno deve ser capaz de identificar e diferenciar a música erudita da música popular. Este conceito e a terminologia correta (erudita ao invés de clássica) devem ser retomados pelo professor com muita tranquilidade.

Espera-se também que, ao trabalhar a música erudita em sala de aula, o professor procure facilitar a aproximação do aluno com este universo sonoro tão presente no seu dia a dia, que, normalmente, o aluno não percebe: nas trilhas sonoras, em desenhos animados, em comerciais de TV, etc. A partir daí, quebrando preconceitos, podemos incentivar e promover uma maior aproximação com a música erudita seja na execução ou apreciação musical. “Música clássica afugenta muita gente, por motivos variados: a vastidão do repertório, a concentração necessária, a pompa dos concertos, a desinformação sobre o assunto, a insegurança sobre a melhor maneira de ouvir. No fundo, o motivo é a preguiça: o que é estranho, quando se pensa que é a preguiça de se dar um prazer.” (Folha de São Paulo, 24 de março de 1998)

Canto coletivo

A cada momento, a criança vivencia a alternância entre atuar e observar, cantar e ouvir. Aprender a ouvir o outro, a perceber a consonância ou dissonância do todo e encontrar a maneira adequada de com eles se relacionar; estes são grandes aprendizados, além de muitos outros, que ela pode fazer por meio da música. Podemos dizer que crianças que se exercitam, coletivamente, repetindo a mesma canção ou peça instrumental, com a intenção de aprimorá-la, estão praticando uma vontade social construtiva e buscando, em conjunto, a harmonia do todo.

O cantar é a grande alavanca da educação musical. O cantar é a bagagem que o aluno traz consigo. Desde bebê, escuta as cantigas de ninar na voz da sua mãe; mais tarde, suas brincadeiras são, na maioria, cantadas ou ritmadas. É a principal fonte de produção musical da criança e é quando ela põe em prática os elementos que aprendeu na aula.

> A escolha dessas canções é das mais melindrosas. A linha melódica deve ser bem nítida, clara como um fio de água que corre em direção definida: [...]; os ritmos facilmente assimiláveis; e, se necessário, adaptado ao andamento normal da canção às possibilidades das crianças.[…]Quanto a sutilezas de tendências modernas ou exóticas, é preferível reservá-las para mais tarde – a sutileza transcende, normalmente a capacidade receptiva das primeiras idades.
> (Raquel Marques Simões – Canções para Educação Musical).

Desta forma, sugerimos que o professor cante muito com seus alunos. Você, professor, deve ser uma referência para o aluno, portanto, é necessário cuidar da sua voz e começar a ensiná-los a cuidar da voz deles. Coisas aparentemente muito simples como não gritar e explicar que as nossas “cordas” vocais não podem ser trocadas como a de um violão, desestimulando a ação de gritar, cantando ou não. Mostre a importância da expressão e da articulação. Trabalhe a

dinâmica das músicas. Ajude-os a conhecer um universo sonoro diferente daquele que normalmente eles têm oportunidade.

Artes visuais

As orientações didáticas para os cursos de Artes visuais referem-se ao modo de realizar as atividades e às intervenções educativas com os estudantes no domínio do conhecimento artístico e estético. São ideias e práticas sobre os métodos e procedimentos para viabilizar o aperfeiçoamento dos saberes dos alunos em Arte. Esses métodos e conhecimentos deverão levar em consideração o valor educativo da ação cultural da arte na escola.

Tais orientações referem-se ainda às escolhas do professor quanto aos conteúdos selecionados para o trabalho artístico em sala de aula, aos direcionamentos para que os alunos possam produzir, compreender e analisar os próprios trabalhos e apresentar noções e habilidades para apreciação e análise crítica do patrimônio cultural artístico.

O processo de conhecimento na área artística dá-se especialmente por meio da resolução de problemas, assim como nas outras disciplinas do currículo escolar. O que é resolver problemas em arte? A partir da reflexão sobre essa pergunta, são apresentados alguns pontos que a visam a orientar os professores de arte na compreensão das tarefas e papéis que podem desempenhar a fim de instrumentalizar o processo de aprendizagem dos alunos. Podemos identificar duas classes de problemas que fazem parte do conjunto de atividades da área artística:

- Problemas inerentes ao processo criador do aluno, ligados à construção da forma artística, ou seja, à criação, envolvendo questões relativas às técnicas, aos materiais e aos modos pessoais de articular sua possibilidade expressiva às técnicas e aos materiais disponíveis, organizados numa forma que realize sua intenção criadora. No percurso criador específico da arte, os alunos estabelecem relações entre seu conhecimento prévio na área artística e as questões que um determinado trabalho desperta, entre o que querem fazer e os recursos internos e externos de que dispõem, entre o que observam nos trabalhos dos artistas, nos trabalhos dos colegas e nos que eles mesmos vêm realizando. São questões que se apresentam durante sua atividade individual ou grupal, que mobilizam o conhecimento que têm dos conteúdos de Arte, suas habilidades em desenvolvimento, sua curiosidade, segurança para experimentar e correr riscos, suas possibilidades de avaliar resultados, o contato com suas necessidades expressivas, sensibilidade para observar e refletir sobre seu trabalho, sua disponibilidade para conviver com a incerteza e o resultado não desejado e muitas outras possibilidades que fazem parte de todo processo de criação.

- A aprendizagem dos alunos também pode ocorrer por meio de uma outra classe de problemas, inerente às propostas feitas pelo professor, que caracterizam uma intervenção fundamentada em questionamentos como parte da atividade didática. Tal intervenção pode ocorre em vários aspectos dessa atividade, antes e durante o processo de criação artística dos alunos, e também durante as atividades de apreciação de obras de arte e de reflexão sobre artistas e outras questões relativas aos produtos artísticos. A intervenção do professor abarca diferentes aspectos da ação pedagógica e caracteriza-se como atividade criadora, tendo como princípio que ele é antes de mais nada um educador que intencionalmente cria, sente, pensa e transforma. Quanto à organização do espaço e do tempo de trabalho, é importante que o espaço seja concebido e criado pelo professor a partir das condições existentes na escola, para favorecer a produção artística dos alunos. Tal concepção diz respeito:

  - à organização dos materiais a serem utilizados dentro do espaço de trabalho;
  - à clareza e funcionalidade do ambiente;
  - à marca pessoal do professor a fim de criar “a estética”, incluindo a participação dos alunos nessa proposta;
  - à característica mutável do espaço, que permite novos remanejamentos na disposição de materiais, objetos e trabalhos, de acordo com o andamento das atividades.

A criação do espaço de trabalho é um tipo de intervenção que “fala” a respeito das artes e de suas características por meio da organização de formas manifestadas no silêncio, em ruídos, sons, ritmos, luminosidades, gestos, cores, texturas, volumes, do ambiente que recebe os alunos, em consonância com os conteúdos da área.

A avaliação é um instrumento importante no processo de ensino/aprendizagem, não é apenas uma etapa do processo, e sim uma atividade continuada que deve acompanhar o processo todo e não só um produto final. Na área de Artes visuais, o processo deve levar em conta as etapas do desenvolvimento cognitivo e emocional do aluno. Criar formas de registrar e documentar atividades desempenha um papel importante na avaliação e no desenvolvimento do trabalho. Além disso, temos ainda a autoavaliação com relatos de descobertas realizadas durante as aulas, registro escritos (diários de bordo) em grupos ou individualmente. Pesquisar elementos que contribuam para o enriquecimento da aprendizagem artística de seus alunos: imagens, textos que falem sobre a vida dos artistas e artesãos locais, revistas, vídeos, fitas de áudio, CDs, mídias em geral, manifestações artísticas da comunidade, exposições, apresentações musicais e teatrais, materiais trazidos pelos alunos também possibilita avaliar.

História da Arte

Conhecer a história da arte é compreender que os trabalhos de arte não existem isoladamente, mas relacionam-se com as ideias e tendências de uma determinada época e localidade. A apreensão da arte ocorre como fenômeno imerso na cultura, que se desvela nas conexões e interações existentes entre o local, o nacional e o internacional.

A Percepção de Qualidades Estéticas

É importante criar formas de ensinar os alunos a perceberem as qualidades das formas artísticas. Propiciar a flexibilidade da percepção com perguntas que favoreçam diferentes ângulos de aproximação das formas artísticas: aguçando a percepção, incentivando a curiosidade, desafiando o conhecimento prévio, aceitando a aprendizagem informal que os alunos trazem para a escola e, ao mesmo tempo, oferecendo outras perspectivas de conhecimento.

Leitura de Imagem

Quando uma obra de arte é observada, o aluno percebe os elementos mais simples (cores, texturas, linhas, formas, etc.) e gradativamente vai percebendo os mais complexos. Adquirindo este conhecimento, o aluno terá condições de fazer uma leitura conceitual, já que a leitura informal ele já faz naturalmente, tendo em vista seu contexto histórico e pré-requisitos adquiridos fora da realidade escolar, os quais deverão ser aproveitados.

A Produção do Professor

Antes da aula:

- O professor é um pesquisador de fontes de informação, materiais e técnicas; apreciador de arte, escolhendo obras e artistas a serem estudados; criador na preparação e na organização do espaço, estudioso da arte, desenvolvendo seu conhecimento artístico.

Durante a aula:

- O professor é incentivador de produção individual ou grupal, propõe questões relativas à arte, interferindo tanto no processo criador dos alunos (com perguntas, sugestões, respostas de acordo com o conhecimento que tem de cada aluno, etc.) quanto nas atividades de apreciação de obras e informações sobre artistas (buscando formas de manter vivo o interesse dos alunos, construindo junto com eles a surpresa, o mistério, o humor, o divertimento, a incerteza, a questão difícil, como ingredientes dessas atividades).

- Estimular o olhar artístico com relação às formas produzidas por eles, pelos colegas e pelos artistas e temas estudados, bem como as formas da natureza e das que são produzidas pelas culturas.
- Propiciar um clima de trabalho em que a curiosidade, o constante desafio perceptivo, a qualidade lúdica e a alegria (aspectos importantes nesta faixa etária) estejam presentes junto com a paciência, a atenção e o esforço necessário para a continuidade do processo de criação artística.
- Criar formas de apreciação da arte, como por exemplo, apresentações de trabalho de alunos, visitas a ateliê e oficinas de artesãos locais, ensaios, maneiras inusitadas de apresentar dados sobre artistas (ex: teatro), escolher objetos como elementos para uma aula, leitura da notícias, poemas e contos durante a aula.
- Acolher materiais, ideias e sugestões trazidas pelos alunos (um familiar artesão, um vizinho artista, um livro ou um objeto trazido de casa, uma história contada, uma festa da comunidade, uma música, uma dança, etc.).
- Formular um destino para o trabalho dos alunos (portfólios, exposições, apresentações.
- Descobrir propostas de trabalho que visem a sugerir procedimentos e atividades que os alunos possam concretizar para desenvolver a percepção de linhas, formas, cores, sons, gestos e cenas, o que contribuirá para o enriquecimento do trabalho artístico dos alunos.
- Reconhecer o ritmo pessoal dos alunos, o que envolve seu conhecimento da faixa etária do grupo e de cada aluno em particular.
- Analisar os trabalhos produzidos pelos alunos junto com eles, para que a aprendizagem também possa ocorrer a partir dessa análise, na apreciação que cada aluno faz por si do seu trabalho com relação ao dos demais.

Exposição

A exposição da produção artística dos alunos faz parte do ensino de arte. Quando o aluno expõe seus trabalhos aos pais e familiares, ele está completando o ciclo do fazer artístico. Quando organizamos uma exposição, aprendemos mais sobre o conteúdo que foi ensinado. Devemos envolver os alunos nessa produção.

Visita a Museus

Uma das atividades que contribuem não só para a área de arte, mas para todas as outras áreas, é a visita a museus e exposições de arte. O museu é um espaço onde estão expostas obras de arte, organizadas por diferentes critérios: tempo cronológico, escolas e estilos, etc. Os alunos deverão fazer um registro sobre o que viram, perceber os critérios de organização do espaço e o tipo de postura para a visitação.

Projetos

Uma das modalidades de orientação didática em Arte é o trabalho por projetos, no qual cada equipe de trabalho pode eleger projetos a serem desenvolvidos em caráter interdisciplinar, ou mesmo referentes a apenas uma das formas artísticas (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro). Um projeto caracteriza-se por ser uma proposta que favorece a aprendizagem significativa, pois a estrutura de funcionamento dos projetos cria muita motivação nos alunos e oportunidade de trabalho com autonomia.

EDUCAÇÃO FÍSICA

"De cada um, de acordo com as suas habilidades,
a cada um, de acordo com suas necessidades"
(Karl Marx)

O objetivo principal da educação física escolar do 1º ao 5º em nossa rede é dar a oportunidade para que todos os alunos desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando a seu aprimoramento como seres humanos. Nesse sentido, cabe ressaltar que os alunos que apresentam deficiências físicas não devem ser privados das aulas de Educação Física, sendo papel do professor proporcionar e incentivar o conhecimento e a vivência das modalidades paralímpicas, contribuindo, assim, para a integração e inclusão de todos os alunos.

Independentemente de qual seja o conteúdo escolhido, os processos de ensino e aprendizagem devem considerar as características dos alunos em todas as suas dimensões (cognitiva, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social). Seja num jogo recreativo, pré-desportivo ou numa dança, o aluno deve aprender, além das técnicas de execução, a discutir as regras e estratégias, apreciá-los criticamente, ressignificá-los e recriá-los.

A educação física escolar deve permitir que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais e se enxergue como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana, contribuindo para a adoção de uma postura não-preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e das pessoas de que dele fazem parte.

Outro aspecto fundamental é o conhecimento sobre o próprio corpo, seu processo de crescimento e desenvolvimento, que são construídos concomitantemente com o desenvolvimento de práticas corporais, ao mesmo tempo que dão subsídios para o cultivo de bons hábitos de alimentação, higiene, orientações sobre a boa postura, saúde e atividade corporal, para o desenvolvimento das potencialidades corporais do indivíduo, permitindo compreendê-las como direitos humanos fundamentais.

Sugerimos que o professor adote uma visão ampla da educação física escolar, transitando pelos diversos conteúdos propostos (jogos, atividades rítmicas e expressivas, conhecimentos sobre o corpo), dentro de um contexto cooperativo, social e de autonomia.

Sabendo que as crianças nesta faixa etária podem pensar em símbolos, mas ainda não podem usar a lógica, elas necessitam de diversos estímulos (visuais, auditivos e cinestésicos), sugerimos então que sejam utilizados materiais coloridos de diversas texturas e tamanhos, músicas entre outros recursos. Lembramos também que, nesta fase, as atividades devem envolver todo o grupo, pois a concentração ainda está presente em curtos períodos.

Os jogos devem ter regras simples e todos devem participar do início ao fim. Os jogos e as brincadeiras pertencentes à cultura popular são um grande aliado nesta fase, assim como elementos construídos com sucata podem trabalhar a imaginação e a criatividade.

Compreende-se a dança, neste momento, como um estímulo para a expressão corporal, coordenação motora e espacial, musicalidade, criatividade e interação do grupo, sem a preocupação com estilo ou técnica. Podemos oferecer, assim, o contato com músicas do universo infantil, da cultura popular e outras que estejam fora do seu cotidiano.

No que diz respeito ao conhecimento do próprio corpo, propomos que isso seja vivenciado tanto durante as atividades práticas como também por meio de desenhos, construção de bonecos, filmes, teatros de marionete e outros.

Interdisciplinaridade

Segundo João Batista Freire, a educação física "trabalha no plano da ação motora, mas quando a maneira de propor as atividades provoca tomadas de consciência, aquilo que era material (corridas, saltos, giros) torna-se conceitual. Em sala de aula, trabalha-se no plano dos conceitos. A relação entre a educação física e outras disciplinas, embora muito estreita, é pouco percebida."

Muitas vezes, trabalhamos de maneira interdisciplinar sem nos darmos conta disso, como no simples fato de solicitarmos a uma sala que se divida em dois grupos com o mesmo número de alunos. Assim, quando utilizamos as múltiplas linguagens nas atividades práticas, estamos ampliando ainda mais as

possibilidades das relações entre as disciplinas.

Numa simples atividade de solicitar à classe que todos corram e tragam um determinado objeto (variando entre cor, tamanhos ou quantidades), estamos trabalhando noções de seriação e classificação. Outro exemplo seria estimular as crianças com histórias e músicas ouvidas e vivenciadas, colocando como desafio completá-las e cantá-las em voz alta, utilizando sua imaginação e percepção.

Considerações finais

O nosso plano de curso é anual, em que se sugerem conceitos a serem desenvolvidos durante o ano. Portanto, fica a critério do professor utilizá-lo na sequência que mais se adapte a sua realidade, podendo também incluir outros conteúdos importantes para sua realidade, sempre respeitando a faixa etária com que se está trabalhando.

HISTÓRIA

"O objetivo da História, é por natureza, o homem."
(Marc Bloch)

O ensino de História e a construção de conceitos

A construção de conceitos, especialmente de tempo histórico, é um dos objetivos da fase complementar em relação à disciplina História. Esperamos que o aluno, ao longo do processo, construa de forma contextualizada os conceitos de tempo, sujeito e fato histórico, de forma que os transforme em leitura crítica do mundo. A complexidade desses conceitos exige do professor um trabalho contextualizado, a fim de que o aluno possa compreender tais noções e, para isso, faz-se necessário que professores e alunos se posicionem em relação ao conhecimento de forma questionadora e busquem contrapor fontes, versões que investiguem e percebam que o conhecimento histórico não é algo pronto, mas uma construção, não linear e evolutiva, mas conflitante, cheia de interesses, com múltiplas interpretações e análises.

Diversidade étnico-racial

"Ensinar é inserir-se na história: não é só estar na sala de aula, mas num imaginário político mais amplo, onde todos têm importância, independentemente da cor ou posição social."
(Paulo Freire)

A multiplicidade de raízes da nossa formação cultural não pode ser desconsiderada pela escola. Somos um país multicultural e pluriétnico e os nossos currículos precisam contemplar o conhecimento dos povos que formaram esse país.

Cabe à escola propor situações de aprendizagem que considerem a importância do negro e dos afro-descendentes em nossa sociedade, a fim de que garanta na prática a diversidade étnico-cultural presente diariamente na nossa vida, expressando-se na música, na dança, na culinária, na nossa língua, na literatura, entre outras.

É papel também da escola refletir sobre as constantes representações sociais negativas, por meio de estigmas e estereótipos que marcam a população negra, principalmente os existentes nos livros didáticos.

Mas para que estas e outras questões sejam abordadas em sala de aula, precisamos ir além da pedagogia do exótico ou da folclorização da participação dos negros na sociedade, é preciso que a escola incorpore, de modo prático, a temática da igualdade e diversidade em sala de aula.

Geralmente, as imagens dos negros estão associadas à escravidão.
Precisamos de referências positivas da participação do negro na História do Brasil. Que tal levar para a sala de aula novos heróis, novos contos, novos pintores, novas imagens e visões

Escravo sendo açoitado
Jean-Baptiste Debret,

Acervo Museu Afro Brasil

Retrato de Luís de Gama
- 1830, Salvador, BA
- 1882, São Paulo, SP
Militão Augusto de Azevedo

Rubem Valentim
Objeto Emblemático 3, 1969
Coleção Roberto Bicca
de Alencastro

Estudo do Meio: a cidade como espaço educador

É papel da escola oferecer estudos que proporcionem ao educando o contato com o objeto vivo do conhecimento, ou seja, a vivência do que se aprende em sala de aula, por meio de atividades realizadas no entorno da escola e no próprio bairro. Conhecer e valorizar o local em que se vive, conhecer suas histórias e locais de valor para comunidade é uma grande ferramenta para a construção do conhecimento histórico.

Segundo o PCN de História e Geografia, para o ciclo I, o estudo do meio, como recurso didático, favorece uma participação ativa do educando na elaboração de conhecimentos, pois permite a elaboração, interpretação e análise de informações obtidas a partir da vida concreta.

O estudo do meio, bem organizado, permite o desenvolvimento do olhar sobre a realidade, Cabe ao professor direcionar esse olhar na direção dos objetivos a serem alcançados, proporcionando aos alunos a oportunidade de compreender a diversidade de interpretações sobre a mesma realidade e organizar suas próprias conclusões sobre o local em que vivem.

Documentos

"[...] a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele"
(Marc Block)

A história faz-se com documentos. Mas o que é documento? Documento é tudo em que o homem deixa marcas, desde a poda de uma árvore até a produção de um documento escrito. Cabe ao professor trabalhar essa diversidade de testemunhos em sala de aula. Um simples objeto pode trazer à luz uma série de informações, basta questioná-lo a respeito do seu contexto histórico-temporal, da sociedade que o criou, usou e o transformou; dos gostos, valores e preferências de um grupo social, do seu nível tecnológico e artesanal, de seus hábitos, da complexa rede de relações. A observação direta, a manipulação e questionamentos de documentos produzidos pelo homem podem revelar muitas informações, basta que lhe façam perguntas apropriadas: o que é ele? De que material é feito?

Como é produzido? Por quem foi produzido? Para quê e para quem? Qual o seu valor? E muitas outras questões levam o educando a descobertas e ao aprendizado de como o conhecimento é construído ao longo da história.

Leitura de imagens

Vivemos em um mundo imagético, então, por que não fazer uso da leitura de imagens dentro da sala de aula? Ela pode nos fornecer dados interessantes sobre a vida do homem, sua cultura e modo de viver no presente e no passado. A iconografia é uma fonte histórica das mais ricas, ela é um registro histórico realizado por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas, impressas ou imaginadas e, ainda esculpidas, modeladas, talhadas, gravadas em material fotográfico e cinematográfico, e não mais simples ilustração de um texto ou livro didático. São registros com que os professores devem estabelecer um diálogo contínuo. É preciso saber indagá-los e deles escutar respostas, mas deve-se sempre levar em conta que, como fonte histórica, traz embutidas as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi produzida, idealizada, forjada ou inventada. Como qualquer outra fonte, deve ser explorada com cuidado, pois não são raros os casos em que elas passam por verdade, porque estariam retratando fielmente uma época, um acontecimento, uma paisagem ou um determinado costume.

Ao fazermos uso, por exemplo, de Debret, devemos sempre nos posicionar de maneira crítica em relação à sua versão dos fatos, pois ela não representa a realidade histórica em si. Cabe a nós decodificar seus ícones, torná-los inteligíveis aos olhos dos nossos alunos, indo além do que é visível, pois como qualquer outro artista, sua obra é resultado de seleções e fruto de uma época.

O mais importante no uso da imagem em sala de aula é que ela também ao ser lida deslocada do seu tempo, por alunos ou por especialistas, é reconstruída a cada época. A ela são agregados novos valores e interpretações. professor e aluno trazem à luz novos significados à medida que questionam se de fato foi daquele modo que aconteceu ou não. O fato é que a História é sempre reconstruída e não algo pronto e acabado.

Pesquisa

A pesquisa é um caminho para descobertas, estabelecimentos de relações e construção de conhecimento, portanto, cabe ao professor tornar esta atividade algo realmente produtivo. Ao solicitar uma pesquisa, comece sempre com o levantamento de conhecimentos prévios sobre o tema em estudo, lembre-se que pesquisar é buscar a resolução de problemas, levantar hipóteses, organizar os dados, analisar e construir novos saberes. Após saber o que eles já sabem, está na hora de transformar o tema em questões a serem resolvidas, discutir sobre as possibilidades e maneiras de encontrar as respostas ou não, refletir sobre que fontes usar, planejar momentos de troca de informações e principalmente dar uma função social com as informações e descobertas realizadas, sistematizando os conhecimento e divulgando-os.

Indicações Bibliográficas

BUENO, Eduardo. **Náufragos, Traficantes e Degredados**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

_____**. Brasil: uma História. A incrível saga de um país,** São Paulo: Ática, 2003.

CABOCLO, Eliane e Irene Barcelos. *Gente* **de São Paulo São Paulo da Gente.** São Paulo: Editora do Brasil, 2001.

GRUPIONE, L. D. B.; LOPES DA SILVA, A. (org.). **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores. Brasília; MEC/MARI/UNESCO, 1995.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África em sala de aula.** São Paulo: Selo Negro, 2005

HORTA, M. de Lourdes, GRUNBERG, Eveline e QUEIROZ MONTEIRO, Adriana. **Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília**: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. **Para entender o Negro no Brasil de hoje: História, Realidades, Problemas e Caminhos.** Global: Ação Educativa.

LANNA, A. L. D. **Uma cidade na transição**: Santos, 1870/1913. São Paulo: HUCITEC, 1996

NEMI, Ana Lúcia Lana**. Didática de História: o tempo vivido, uma outra história?** São Paulo: FTD, 1996.

O poder da comunicação. Coleção de Olho no mundo. Abril, 2000.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: História e Geografia. Brasilia: MEC/SEF, 1997.

Filmes

Kiriku e a Feiticeira (Kiriku et la Sorcière), França/Bélgica/Luxemburgo, 1998, 71 min, direção: Michel Ocelot
Baseado em uma lenda da África Ocidental, a animação conta a história de Kiriku, um garoto pequeno, mas dons especiais, que nasceu com a missão de salvar sua aldeia da cruel feiticeira Karaba.

Sarafina, O Som da Liberdade (Sarafina), USA, 1993, 116 min, direção: Darrel Roodt
Na África do Sul, professora ensina jovens alunos negros a lutarem por seus direitos. Para uma aluna em especial, essas lições serão um rito de iniciação na vida adulta, na forma de uma brutal tomada de consciência a respeito da realidade que a cerca.

Sites

http://www.novomilenio.br.inf
http://vivasantos.com.br
http://canalkids.com.br
http:// www.santos.sp.gov.br
*http:///:*www.pinacoteca.unisanta.br
http://www.museudocafe.com.br
http://www.usp.br/prc/engenho
http://www.itaucultural.org.br
http://www.museuimperial.gov.br
http://www.museudapessoa.net
http://www.casadasafricas.org.br
http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br
http://www.palmares.gov.br
http://www.geledes.org.br
http://www.mundonegro.com.br
http//www.museudoindio.com.br

GEOGRAFIA

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM GEOGRAFIA

Morro da favela, 1924,
óleo sobre tela, 64 x 76 cm.
Coleção Sérgio Fadel, Rio de Janeiro

A geografia é uma ciência de observação, que deve ser a habilidade mais desenvolvida com os alunos em uma experiência significativa de construção da noção de espaço.

O espaço que cerca o aluno deve ser o ponto de partida para a observação: a sala de aula, a casa, a escola, a rua da escola, os arredores... Mas não para por aí. E o espaço distante? Como pode ser percebido?

Para isso, a geografia pode contar com muitos aliados: música, fotografias, filmes, histórias em quadrinhos, diários de viajantes, matérias de jornal, pinturas, grafites, esculturas, e outros recursos podem e devem ser utilizados para que o aluno conheça outros povos, lugares, construções etc.

Essas representações do passado e do presente podem auxiliar de diversas maneiras, mas é interessante que o professor os tenha como ponto de partida e não como recurso complementar. Ao invés de ler um texto no livro didático e complementar a informação com imagens, o professor pode primeiro levar a imagem e criar questões a respeito dela estimulando a curiosidade. Utilizando-se a obra “Morro da Favela”, de Tarsila do Amaral, como exemplo, pode-se perguntar: Que lugar é esse? Quem são essas pessoas? O que estão fazendo? Como vivem? Que tipo de construção é essa? Que materiais foram utilizados na construção? Que tipo de mão-de-obra? Quanto tempo demorou? A que classe social as personagens pertencem? Que tipo de relevo é esse? As construções são próprias para esse tipo de relevo? Você conhece algum lugar que se pareça com esse da imagem? Como é?

É claro que as perguntas devem ser adaptadas à faixa etária e ao objetivo proposto. Aos poucos, o professor deve habituar seus alunos a construírem também suas próprias perguntas, levantando hipóteses próprias.

Com as informações em mãos, os alunos podem construir um texto sobre o que aprenderam e uma lista de perguntas sobre as dúvidas que permanecem. A partir delas, pode-se realizar um trabalho de pesquisa em livros, textos da Internet, enciclopédia eletrônica, comparar com outras imagens, comparar com o local onde vivem e outros procedimentos de pesquisa que se julgar necessário.

Além dos textos, os conhecimentos apreendidos podem ser organizados em álbuns de textos, desenhos, gráficos e esquemas. Cartazes, peça de teatro, jornal impresso ou falado também podem encerrar um trabalho desse gênero, que podem culminar em uma exposição. Não é necessário que todo trabalho resulte em uma exposição, mas vale ressaltar que um bom trabalho exige um tempo de planejamento, levantamento de interesse junto aos alunos, assim como das dúvidas e conhecimentos prévios trazidos por eles. Material diversificado nas diferentes etapas de pesquisa e constante avaliação do que está sendo feito são bem-vindos. Um produto final que contenha as informações apreendidas pelos alunos também é muito importante.

Enfim, conhecer a construção das noções e representações do espaço é essencial para que a reprodução de informações dê lugar a uma elaboração de conhecimento verdadeiramente significativo.

Estudo do meio

O estudo do meio é um importante recurso didático, pois proporciona a participação ativa do aluno na construção do conhecimento além de ser um grande aliado no processo de alfabetização cartográfica. Ele permite que o aluno se aproprie do espaço, aprenda a ler o mundo sobre as diferentes formas de ocupação humana ao longo do tempo, os diferentes modos de morar, de viver, estilos de arte, formas de organização do trabalho e da relação com a natureza e seus recursos.

Segundo o PCN de História e Geografia, para o ciclo I, o estudo do meio, como recurso didático, favorece uma participação ativa do educando na elaboração de conhecimentos, pois permite a elaboração, interpretação e análise de informações obtidas a partir da vida concreta.

O estudo do meio, bem organizado, permite o desenvolvimento do olhar sobre a realidade. Cabe ao professor direcionar esse olhar na direção dos objetivos a

serem alcançados, proporcionando aos alunos a oportunidade de compreender a diversidade de interpretações sobre a mesma realidade e organizar suas próprias conclusões sobre o local em que vivem.

Mapas, maquetes e plantas

Os alunos trazem consigo uma série de informações referentes à elaboração de mapas, maquetes e plantas. Os alunos já possuem noções de vizinhança (ao lado de), separação (aquilo que limita, separa), ordem ou sucessão (antes, depois e entre), envolvimento (dentro e fora) e continuidade que devem ser o ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho de representação espacial. Num primeiro momento, a referência espacial da criança é o corpo, mas, nas séries finais do ciclo I, já consegue trabalhar com espaços cada vez mais distantes e desconhecidos, partindo da sala de aula para a rua, o bairro, a cidade, o estado e o país. Para tal, sugerimos:

- Explore a noção de legenda, discutindo as usadas convencionalmente, considerando os referenciais que os alunos já utilizam para se localizar e orientar no espaço. Inicie o trabalho com mapas simples, onde o aluno tenha questões para resolver, seja para se comunicar ou para obter informações. O importante é que ele perceba que os símbolos possuem um significado e que há uma correspondência entre o objeto e o símbolo representado no mapa. Os aviõezinhos representam aeroportos; os traços azuis representam rios, etc.
- Explore a procedência das famílias, quantas nasceram no lugar e quantas se mudaram para aquele lugar. Assim, a classe poderá concluir, por exemplo, que, na cidade de Santos, existe um grande número de migrantes. Em seguida, converse sobre as razões desse fato. É uma boa oportunidade para observar os vários estados brasileiros e questionar sobre as suas diferentes ocupações, por exemplo: por que tem mais gente morando no sudeste?
- Traga para a sala de aula diferentes representações do espaço para que possam comparar. Ex: propaganda de lançamentos imobiliários, plantas da cidade, folders turísticos, fotos de satélites, etc.
- Na passagem do tridimensional (a realidade) para as representações planas (bidimensionais), o professor poderá trabalhar com a construção de uma maquete de algum ponto estudado da cidade (ex.: porto, centro histórico, morros de Santos, Engenho dos Erasmos, etc.) empregando sucata. Nessa atividade, construa escalas intuitivas, ou seja, a percepção do que é maior ou menor e legendas.

Noções de escala

O mapa é um modelo da Terra ou de alguma parte dela. A sua representação depende da escala adotada, o que influencia na quantidade de detalhes que aparecem no mapa. Para compreender essa redução, ou seja, saber o que significa, por exemplo, a distância de 1,5 centímetros entre São Paulo e Santos, é feito um trabalho processual. Seguem algumas sugestões:

- Peça aos alunos que tragam fotos da cidade de Santos e, em grupos, analisem as diferenças de tamanho entre elas; depois, entre as fotos e as pessoas, chegando à noção espontânea de escala.
- O uso do barbante é um grande aliado para a percepção da noção de escala. Comece com objetos, depois parta para a sala de aula; para isso, estique o fio do barbante na extensão da parede ou do objeto, depois vá dobrando até que a redução caiba na folha. Assim como o barbante, podem se usados outros padrões de medida, tais como: palmo, pé, braça, palito.
- A fim de aprofundar os conhecimentos nessa fase, mostre diferentes mapas e explique que um mapa com escala 1:500.000 (“um para quinhentos mil”), indica que o espaço representado foi reduzido em 500 mil vezes a partir do seu tamanho natural para ser representado no papel.

Relatos de viagem, letras de música, recortes de jornal e revistas, obras literárias e filmes

Os relatos de viagem de ontem e de hoje são fontes importantes para conhecer como se deu o processo de construção do espaço. Nesse sentido, pessoas que visitaram os lugares, que escreveram suas opiniões ou que fizeram comentários sobre as pessoas do lugar, seus costumes, modo de vida e atividade econômicas são importantes fontes de pesquisa.

Obras literárias e letras de música retratam lugares e modos de viver e podem ser utilizadas de diferentes modos em sala de aula: leitura e comentário, dramatizações, representação por meio de desenho, interferências, criação de poemas, reescrita, entre outras.

A exploração didática do uso de fotos de jornais e revistas facilita a percepção visual e o entendimento de conceitos abstratos, além de estimular a análise e a interpretação das imagens. Sugerimos o uso de jornais do município que sempre trazem imagens sobre São Paulo e o Brasil para montar uma coleção em um caderno onde os alunos poderão anotar suas reflexões, confeccionar mapas ilustrados com fotografias de um único aspecto a ser observado, painel e cartazes com fotos relacionadas ao conteúdo trabalhado, cujas imagens deverão ganhar legendas, títulos, textos explicativos. Diários de viagens também são bons recursos e as crianças adoram organizar um caderno narrando visitas imaginárias a lugares distantes ou mesmo aos locais já conhecidos.

Educação Ambiental

Ao produzir seu espaço, o homem modifica a natureza. No processo de urbanização e industrialização, a sociedade construiu uma relação predatória com a natureza, que resultou da exploração dos recursos naturais gerando uma crise ambiental. Ao discutir a construção do espaço geográfico no contexto da industrialização, cabe questionar como o equilíbrio ambiental está sendo afetado e o que pode ser feito para modificar as atitudes dos cidadãos. Cabe à escola implantar um programa de educação ambiental que promova o desenvolvimento de conhecimento, de atitudes e de habilidades necessárias à preservação e melhoria da qualidade ambiental.

ENSINO RELIGIOSO

"A religião é uma das maneiras, mais intensa,
de trabalhar o valor do amanhã."
(Mário Sérgio Cortella)

No que se refere ao aluno:

O Ensino Religioso é uma das dez áreas do conhecimento definidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais aprovadas em 1998 pelo Conselho Nacional de Educação. A Diretriz nº. 4 afirma que: "IV – Em todas as escolas deverá ser garantida a igualdade de acesso para alunos a uma Base Nacional Comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional, a Base Nacional Comum e sua Parte Diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma curricular, que vise a estabelecer a relação entre a Educação Fundamental e: **A) Vida Cidadã através da articulação entre vários dos seus aspectos como**: a Saúde, a Sexualidade, a Vida Familiar e Social, o Meio Ambiente, o Trabalho, a Ciência e a Tecnologia, a Cultura, as Linguagens; **B) as Áreas de Conhecimento**" (Prof. Sérgio Junqueira – Curitiba/PR).

As Áreas do Conhecimento são marcos estruturados de leitura e de interpretação da realidade, essenciais para garantir a possibilidade de participação do cidadão na sociedade de forma autônoma. Cada uma das dez áreas contribui para que os estudantes compreendam a sociedade em que vivem e possam interferir no espaço e na história que ocupam, pois uma das preocupações da Educação Básica é a formação do cidadão e que os estudos que as crianças e adolescentes realizam contribuam para os estudos e o trabalho que exercerão posteriormente. Ou seja, é uma relação do presente, uma releitura do passado e uma construção do futuro (Prof. Sérgio Junqueira – Curitiba/PR).

O Ensino Fundamental tem por objetivo a formação básica do cidadão, da qual o Ensino Religioso é parte integral. O Ensino Religioso escolar é essencial para esta formação do cidadão, entretanto, são **proibidas quaisquer formas de doutrinação ou proselitismo, ou seja, a catequese, a pregação, a iniciação nos fundamentos de determinado sistema religioso,** sendo assim eliminada a alternativa do Ensino Religioso confessional.

No que se refere ao professor:

Em virtude da integração recente do componente curricular de Ensino Religioso à matriz curricular do Ensino Fundamental, faz-se imprescindível a participação dos professores na Formação Continuada em Ensino Religioso, que compreende estudos com embasamento filosófico, histórico, sociológico, antropológico, fenomenológico e ético, visando ao aprimoramento pessoal do educador e a consequente melhoria na qualidade de vida de maneira integrada.

Objetivos gerais da Formação Continuada para o professor que ministra Ensino Religioso:

- desenvolver conhecimentos para a compreensão dos valores humanos;
- aguçar a percepção para o sentido da vida;
- oferecer suporte à ação cotidiana do educador, visando à promoção de uma sociedade humana, solidária, fraterna e justa;
- contribuir para afirmação de autoimagem positiva por meio do efeito multiplicador do exemplo, de forma afetiva nas relações intrapessoal e interpessoal;
- suscitar o espírito aberto ao diálogo e a capacidade de fazer perguntas em todas as situações, exercitando a interdisciplinaridade na vida;
- exercitar o viver e o conviver em harmonia;
- fomentar no educador o gosto pela pesquisa, descoberta e organização de métodos de trabalho que aproximem educando e educador;
- estimular o aprofundamento no estudo da história das religiões, principalmente no Ensino Fundamental.

Sugestões de leitura para aprimoramento do professor		
Título do livro	**Autor**	**Editora**
Aprendendo a lidar com gente	Lucila Rupp de Magalhães	Casa da Qualidade/EDUFBA
Dicionário das Religiões	Mircea Eliade	Martins Fontes
Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa	Antônio Geraldo da Cunha	Editora Nova Fronteira
Didática de Ensino Religioso: Estrelas da Vida	Therezinha Motta L. da Cruz	FTD
Dinâmicas, Vivências e Jogos Grupais	Albigenor e Rose Militão	QualityMark
Diversidade Religiosa e Direitos Humanos	Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República	http://www.gper.com.br/documentos/diversidade_religiosa_e_direitos_humanos.pdf.
Felicidade não tem cor	Júlio Emílio Braz	Moderna
O diálogo das religiões	Andrés Torres Queiruga	Paulus
O Homem e seus Símbolos	Carl Gustav Jung	Nova Fronteira
O Poder do Mito	Joseph Campbell	Palas Athena
O suspiro dos oprimidos	Rubem Alves	Paulus
Os Direitos das Crianças segundo Ruth Rocha	Ruth Rocha	Cia. das Letrinhas
O Sagrado e o Profano: a Essência das Religiões	Mircea Eliade	Martins Fontes
Tratado de História das Religiões	Mircea Eliade	Martins Fontes
Violência Urbana (Coleção “Folha Explica”)	Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis Almeida	Publifolha

“O diálogo aproxima os homens entre si e do mundo em que vivem.
É capaz de transformá-lo e, transformando-o,
o humaniza para a humanização de todos”.
(Paulo Freire)

Considerando que a educação é sempre uma atividade intencional, a ser medida pela referência a uma finalidade ou projeto, ela configura práticas sociais movidas por interesses inerentes à cultura, felicidade dos indivíduos e sobrevivência da espécie humana.

“Tudo o que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e viver [...]”
(Leonardo Boff)

Kant, um dos mais influentes filósofos da modernidade, postula que ***o homem é a única criatura que precisa ser educada, entendendo educar por cuidar de sua infância*** (Kant, 1996), tanto para defendê-la do mau uso de sua liberdade instintiva quanto para guiar e instrumentalizar o bom uso da liberdade, medido pelo benefício que vier a causar, frente ao mais razoável e prudente, ao bem-estar em seu modo de viver e conviver.

Quais seriam as tarefas da educação hoje, quando as diretrizes educacionais têm como fundamento principal “formar o cidadão?

O que significa formar um cidadão, entendendo este como alguém que possui direitos, isto é, que se define pelo “direito de ter direitos? Como uma educação pode conferir ao educando o direito de ter direitos? O que poderá ser educar o cidadão, quando seu ambiente de vida é o do truncamento, às vezes, violento, da experiência democrática de vida? Se, além do cidadão, caso se queira educar a “pessoa”, pautando-se por valores de dignidade e liberdade humana, que compromissos éticos precisam ser assumidos educacionalmente?

Em seu trabalho cotidiano, os educadores deparam com problemas práticos que demandam compreensão de questões de fundo. Por exemplo: o que é necessário hoje para promover a autonomia do aluno?

O ideal da “autonomia” dos indivíduos, pelo menos quanto a seu pensamento crítico e criativo, tem-se tornado um valor universal da educação. Como tem sido codificado esse ideal de autonomia nos currículos e normas escolares? Se todo processo cognitivo resulta em construção coletiva, em que sentido ainda assim é preservada alguma autonomia individual, mesmo quando autonomia limitada ao pensamento?

Enfim, o problema da educação é o problema do homem, sua realização e crescimento, sua vida pedindo mais vida. Para tanto, é necessário que se discutam e se criem meios e ambientes adequados, que se reflita sobre fundamentos, métodos e propostas para educação das crianças com a finalidade de atingirmos os objetivos almejados.

Então, estimular o pensamento nas crianças, desde seu contato com o ambiente escolar e o universo simbólico em geral tem sido considerada uma opção educacional com razoável consenso entre educadores contemporâneos, herdeiros dos ideais de uma educação democrática e emancipadora.

Segundo Cunha, o ensino da filosofia tem sido caracterizado, em toda sua tradição, por trabalhar com as questões do pensamento, não só do pensamento dos valores e crenças legitimados como científicos ou como filosoficamente estabelecidos, mas também do pensamento cotidiano carregado de valores e crenças, existencialmente associados à experiência de vida compartilhada. Ora, o compartilhamento de experiências de vida constitui o fato filosófico primeiro, na medida em que é compartilhando significados que formamos nossas crenças e valores.

As crianças, desde a educação infantil, já vivem suas primeiras experiências de vida de compartilhamento de um universo simbólico, composto por significados, crenças e valores. Vão com esse universo, formando suas primeiras imagens de si mesmas e do mundo que as rodeia. Diz-se que formam seus primeiros conceitos abstratos, a partir de noções de ordem emotiva, articulando sensações e sentimentos. Firmam os primeiros traços sociais de seu caráter socioemocional, o qual poderá servir de base para seu caráter moral (Cunha, p. 18, 2002).

Várias questões do pensamento já são colocadas para as crianças desde a educação infantil. O estado de espanto, maravilhamento ou dúvida que elas podem experimentar é semelhante ao de filósofos calejados em seu treino metódico de fazer reflexão e crítica filosóficas. Isso já bastaria para se considerar válido o ensino de filosofia às crianças desde a educação infantil. Acrescente-se a validade educacional de se desenvolverem habilidades, sempre mais aprimoradas, de pensamento rigoroso em cada contexto, mais aberto democraticamente tanto à sua afirmação quanto contestação. Isto é importante educacionalmente, porque se quer formar cidadãos autônomos quanto ao exercício do pensamento crítico e criativo.

Ainda segundo Cunha, deve-se privilegiar a questão do pensamento do “cuidado”.

> O cuidado atento e permanente é condição da investigação em geral, mas o cuidado com as emoções e julgamentos emotivos tem sido pouco tematizado, tanto no ensino de filosofia, quanto em práticas de educação para o pensar. Ora, o pensamento cuidadoso é o único que pode dar conta da fragilidade intrínseca dos valores, por mais nobres que sejam, como o da verdade ou justiça, por ser ele capaz de enxergar os ambientes nos quais estes se instalam com maior ou menor facilidade. Os contextos socioemotivos da formação de hábitos e inculcação de valores, sejam ou não democráticos e emancipativos, constituem um foco para onde dirigir o pensamento cuidadoso e as questões que a ele são endereçadas.
>
> Neste sentido, o pensamento cuidadoso é considerado a base para a prática filosófica do diálogo entre emoções e razões. E as crianças são ainda muito sensíveis a questões que envolvem o cuidado, pois seu interesse pela significação de tudo ainda é virgem, no sentido de ainda não-viciado por pré-julgamentos e outros hábitos mentais.

A proposta, então, é que a filosofia com as crianças deva retirar seus principais temas e suas principais questões a partir do pensamento que exercita o cuidado. Tanto o cuidado acerca de ideias e emoções, quanto o cuidado a respeito da influência dos contextos de significação. Estes contextos, por ambientarem socioemocionalmente as interações sociais, condicionam atitudes subjetivas e intersubjetivas, responsáveis pelo compartilhamento de sentimentos básicos – os do amor, medo, raiva, tristeza e alegria – e, até mesmo, de sentimentos mais complexos, como confiança, amizade, coragem, respeito, justiça e verdade.

Deste modo, o filosofar com as crianças permite que elas construam significados enquanto formam a consciência de si, mobilizando simultaneamente elementos dos domínios afetivo e cognitivo. Habilidades de diálogo e pensamento vão consolidando, de um lado, competências crítico-reflexivas sensíveis a critérios de verdade ou justiça e, de outro lado, competências interpretativas sensíveis tanto aos contextos socioemocionais particulares, quanto a generalizações baseadas em conceitos progressivamente mais abstratos.

Pretende-se que esta sensibilidade para o pensamento abstrato que vai se desenvolvendo pouco a pouco, seja alimentada com questões e diálogo entre os pontos de vista diferentes, sendo o fio condutor do aprimoramento das competências de julgamento e escolha, base para o exercício da liberdade e cidadania.

O pensamento é a atividade humana pela qual se produzem ideias e valores. Com isso, são construídas as crenças e normas, que regulam o comportamento e costumes de cada grupo humano. Por meio de ideias e valores, justificamos essas crenças e normas, disciplinando e formando as novas gerações.

É importante que tenhamos claras quais competências e habilidades devemos esperar das crianças / adolescentes ao final de cada etapa (fase inicial, fase complementar e fase final), de forma que possamos traçar metas precisas e objetivas em nosso trabalho. Sendo assim, buscamos que, no decorrer do Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano, os alunos sejam estimulados a:

- desenvolver o espírito de participação, por meio do diálogo, aprofundando as motivações para a autêntica autonomia;
- descobrir sozinho formas de resolver situações-problema do cotidiano escolar, refletindo sobre ações corriqueiras;
- participar do estabelecimento de regras que lhes afetam diretamente, exprimindo suas opiniões até que se coordenem os pontos de vista para o estabelecimento de regras comuns;
- valorizar o diálogo, como a forma de resolver conflitos de maneira eficaz e, principalmente, inteligente;
- entender as normas coletivas e interiorizar valores humanos por meio do convívio para além do mundo familiar;
- atuar de forma cada vez mais independente, percebendo-se agente transformador do meio ambiente;
- conhecer e compreender os diferentes significados dos símbolos religiosos na vida, na convivência com as pessoas e nos grupos sociais;
- perceber que os símbolos religiosos expressam a ideia do Transcendente de maneiras diversas nas diferentes tradições religiosas, respeitando-os;
- compreender que sua identidade religiosa se constrói em reciprocidade com o outro;
- perceber o valor da reverência ao Transcendente, que é Um só e expresso de maneiras diversas pela simbologia religiosa e com diferentes nomes;
- adotar no dia a dia atitudes baseadas nos valores éticos, de solidariedade, de cooperação, de tolerância e de repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- conhecer os elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no próprio contexto social (familiar e escolar);
- analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais;
- compreender o direito à diferença na construção de estruturas religiosas que têm na liberdade o seu valor inalienável;
- refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano;
- formular questionamentos existenciais, em profundidade, dando respostas adequadas embasadas nas informações obtidas;
- perceber que as representações do Transcendente de cada tradição religiosa se constituem no valor supremo de uma cultura;
- desenvolver seu espírito de participação adquirindo critérios para a formação de seus juízos de valores e aprofundando as motivações para a autêntica cidadania;
- eleger critérios de ação pautados na justiça, detectando e rejeitando a injustiça quando ela se fizer presente, assim como criar formas não violentas de atuação nas diferentes situações da vida;
- conduzir-se coerentemente por determinadas regras, legitimadas por convicção de princípios de que estas regras representam valores universais;
- compreender o significado das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas;
- compreender o sentido da História e da origem da *palavra sagrada* na história das tradições religiosas;
- relacionar a história das tradições religiosas com as práticas religiosas significantes para os diferentes grupos sociais;
- compreender as representações do Transcendente, na Tradição Religiosa, como valor supremo de uma cultura e expressão de sua relação com Ele;
- entender a fundamentação das diferentes crenças em seu contexto sociocultural;
- refletir sobre o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano.

Desse modo, no Plano de Curso Anual de Ensino Religioso do Ensino Fundamental, priorizamos o **diálogo** como recurso indispensável e que deverá permear todas as atividades propostas. Partindo da observação e reflexão, a criança/adolescente aperfeiçoa sua percepção e expressa verbalmente suas impressões sobre o mundo que a rodeia, opinando, questionando, criticando.

As orientações / sugestões que seguem têm como objetivo contribuir no planejamento de situações didáticas que favoreçam a construção das competências esperadas. Vale ressaltar que o professor deve adequar as atividades sugeridas de acordo com as experiências, a faixa etária e o ano de escolaridade de seu grupo-classe.

Diálogo / Linguagem oral / Pesquisa

"O sorriso fala todas as línguas."
(Vivian Magalhães, co-autora, com Vanessa Amorim, do livro Cem Aulas Sem Tédio - Sugestões Práticas, Dinâmicas e Divertidas).

Durante as atividades sistematizadas, promover situações que ofereçam oportunidades de reflexões dialogadas, favorecendo as trocas entre os alunos e turmas contribuindo para que haja maior entrosamento e aperfeiçoamento das relações interpessoais.

Cultivar diariamente o hábito do diálogo sobre assuntos diversos, tanto os sugeridos pelos alunos como os selecionados criteriosamente pelo professor que se coloca para escutar afetivamente as crianças/adolescentes e incentivá-los na escuta respeitosa aos relatos e opiniões dos companheiros. Elucidações e comentários, por parte do professor, aprofundando os pontos de vista relatados e mediando situações polêmicas para que não haja discriminações de qualquer natureza sobre o assunto exposto.

Relatos dos alunos de situações que presenciaram, por exemplo, que envolveram preconceito, injustiça, discriminação.

Com seis, sete anos, a criança adora imitações, assim podemos aproveitar e proporcionar um momento de descontração, mas com muita informação com a dinâmica dos animais. Durante a atividade, o professor vai acrescentando informações sobre os animais escolhidos, perguntando às crianças o motivo da escolha e conscientizando-as de que todos os animais são importantes para o equilíbrio ecológico.

- A primeira criança vai pensar em um animal de que não gosta, imitá-lo e os outros vão tentar adivinhar qual é o animal.
- Outra criança continua, sendo que o animal já escolhido não poderá ser repetido (lembrar as crianças que aves, répteis, anfíbios, mamíferos, peixes, insetos são animais).

Conversa informal com mostra de fotos de crianças com fome (do Nordeste, da África, por exemplo), pode ser um bom recurso para despertar para a compaixão com o sofrimento do outro. Para as crianças do 4º e 5º ano de escolaridade, solicitar a coleta das fotos individualmente. No dia marcado para a entrega das fotos, organizar a classe em grupos, juntar todas e distribuí-las igualmente entre os grupos formados. Cada grupo deverá analisar as fotos recebidas e produzir uma história coletiva levando em consideração o que demonstram as mesmas. Finalizar com a confecção de um álbum, com as respectivas fotos, cujo nome deve ser escolhido pelos alunos.

Apresentação de filmes que abordam questões sociais, valores universais, histórias dos povos indígenas / africanos, para análise em grupo. *Kiriku e a feiticeira* é um ótimo exemplo de filme que aborda costumes dos povos africanos.

O uso de filmes ou histórias, bem selecionados e com temas que favoreçam a discussão, gera uma riquíssima reflexão dialogada, principalmente se cada criança / adolescente for incentivado a formular perguntas, a dar opiniões e a fazer suas críticas sobre o tema abordado. Para culminância do trabalho com a história ou o filme selecionado, a montagem de uma dramatização pode ser bem proveitosa e de preferência que cada criança /adolescente escolha qual personagem prefere desempenhar. Caso mais de uma criança / adolescente queira o mesmo personagem, quando único, estimular que o grupo dê sugestões para resolução da situação e a sugestão de consenso deverá prevalecer. Pretende-se o tempo todo favorecer a **participação efetiva** do aluno em todo o processo.

O diálogo nas rodas de conversa sobre as preferências, as necessidades, os desejos, os sentimentos pode gerar um trabalho de reflexão sobre as diferentes preferências e características das pessoas. O importante é que a criança perceba que as pessoas têm diferentes atitudes frente às mesmas questões e tenha

oportunidade para opinar, argumentar, enfim, expressar-se.

Propomos, ainda, a pesquisa na sala sobre os gostos / preferências de cada criança em relação aos programas televisivos, aos times de futebol, às cores, aos animais de que mais gostam, etc. A partir desse levantamento, formar uma roda de conversa e fazer perguntas que permitam abordar a diversidade existente entre as pessoas, ressaltando a riqueza dessa diversidade, pois seria muito monótono se todos usassem os mesmos tipos de roupas e cabelos, gostassem das mesmas cores, torcessem pelo mesmo time de futebol, assistissem ao mesmo programa de televisão, etc.

Desse mesmo levantamento de preferências, outra atividade pode ser realizada se abordarmos os programas televisivos infantis, direcionando o diálogo com perguntas de tal forma que as crianças percebam aspectos positivos e negativos dos temas veiculados pela televisão: incentivo ao consumo de produtos desnecessários; culto à aparência em detrimento do caráter; uso habitual / abusivo de bebidas alcoólicas no cotidiano das telenovelas e propagandas; banalização do uso de medicamentos; estímulo à sexualidade; perfil de herói como "justiceiro", ou seja, *olho por olho, dente por dente*; programas de humor que promovem a violência (pegadinhas, torta na cara, humilhações, etc.).

Aproveitando o tema sobre a mídia televisiva, propor a montagem de uma dramatização referente a uma determinada propaganda, que pode ser escolhida pelo grupo ou selecionada pela professora desde que os alunos conheçam. Após a dramatização, analisar a mensagem subliminar da propaganda junto com os alunos, como por exemplo, a propaganda da doação de órgãos (cachorrinho percebe que o homem que passou em frente ao portão teria recebido algum órgão de seu dono, aparentemente o coração, pelo que a mensagem sugere). Discutir os aspectos positivos e negativos das propagandas e a força de convencimento que têm, estimulando ao consumo ou convencendo passivamente a pessoa sobre algo, sem nenhuma reflexão ou crítica.

A montagem de um painel (papel grande) dividido pela metade, de um lado "O que me deixa feliz" e do outro lado "O que me deixa triste", pode ser uma excelente oportunidade para trabalhar com a ideia do Transcendente. Os alunos vão falando o que lhes deixam felizes e a professora registra de um lado. Procede-se da mesma maneira em relação ao que lhes deixam tristes, registrando do outro lado. Para finalizar, a professora pode mediar uma reflexão sobre as semelhanças e diferenças do que lhes deixam felizes / tristes e as reações que estes sentimentos provocam em cada um.

Também, por meio de discussão dialogada, promover dinâmica, com a montagem de painel em grupo ou individual, com figuras recortadas de revistas, de acordo com os desejos, as necessidades básicas e o que já se tem (mas não se valoriza), como no exemplo seguinte. A seguir, promover uma reflexão sobre o que realmente é importante para sermos felizes.

O tema ainda possibilita a discussão sobre o consumismo desenfreado nos dias atuais e a necessidade urgente da reutilização / reciclagem de materiais, inclusive para a construção de brinquedos artesanais.

EU DESEJO	**EU PRECISO**	**EU TENHO**
CARRO DINHEIRO VIAGEM	SAÚDE ALIMENTAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA LAR	SAÚDE ALIMENTAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA LAR

Ainda sobre o tema "felicidade", podemos aproveitar o poema a seguir, criando com as crianças / adolescentes outras rimas.

Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz!

Passarinho na janela,
pijama de flanela,
brigadeiro na panela.

Gato andando no telhado,
cheirinho de mato molhado,
disco antigo sem chiado.

Pão quentinho de manhã,
dropes de hortelã,
grito do tarzan.

Tirar a sorte no osso,
jogar pedrinha no poço,
um cachecol no pescoço.

Papagaio que conversa,
pisar em tapete persa,
eu te amo e vice-versa.

Vaga-lume aceso na mão,
dias quentes de verão,
descer pelo corrimão.

Almoço de domingo,
revoada de flamingo,
herói que fuma cachimbo.

Anãozinho de jardim,
lacinho de cetim,
terminar o livro assim.

Otávio Roth – Editora Ática

A partir do 5º ano de escolaridade, o Ensino Religioso já deve enfatizar a **observação, reflexão e informação** no respeito à diversidade cultural / religiosa do Brasil. Então, promover uma conversa dirigida sobre a "imposição" do cristianismo aos índios e aos africanos, pelos colonizadores portugueses, pode ser um bom começo para a compreensão do porquê do preconceito com as tradições religiosas de matriz africana e de matriz indígena.

Numa *roda de conversa* com o objetivo de conhecer os alunos, diminuir a timidez e favorecer que todos se coloquem, formular questões (tendo a preocupação de que todos respondam pelo menos uma das perguntas, nesta atividade o ideal é que ninguém deixe de participar), como:

- Se você fosse uma casa, como gostaria de ser?
- Que presente você gostaria de dar e para quem?
- Que presente você gostaria de ganhar e por quê?
- Se você fosse uma fada ou um mágico, que mágicas gostaria de fazer?
- De todos os natais que você vivenciou, qual foi o mais marcante – aquele de que você tem saudade – e por quê? (normalmente, nesta pergunta a criança não fala do brinquedo que ganhou, mas de algum momento especial com uma pessoa querida, então o professor pode acrescentar que o importante de verdade é o carinho recebido de quem amamos e não os brinquedos caros que ganhamos). Infelizmente, nos dias atuais, as crianças têm tão poucos momentos de lazer junto aos familiares mais queridos que é bastante provável que muitos não tenham sequer esses momentos para lembrarem.

No 6º ano de escolaridade, as pesquisas sobre líderes que mudaram a história da humanidade de sua época podem ser muito importantes para promover discussões sobre valores universais, ética e responsabilidade social.

Também é um bom momento para sugerir aos alunos a elaboração de uma lista de valores que consideram importantes para nortear as atitudes das pessoas. Seria interessante que os alunos já tivessem trabalhado com atividades que envolveram os nomes de alguns valores, ou, então, o professor apresenta uma lista de onde os alunos poderão identificar os que consideram relevantes. Solicitar que cada aluno classifique os valores listados por ordem de relevância para si mesmo. Organizar a classe em grupos, entregando para cada grupo um provérbio / pensamento que aborde o tema valores, como nos exemplos abaixo. No grupo, deverão discutir e socializar o pensamento e a conclusão dos valores realmente indispensáveis para a boa convivência.

As frases célebres / pensamentos / provérbios podem servir como boas reflexões em dinâmicas. O pensamento ou provérbio é dividido em frases (de maneira que fique com duas partes cada pensamento) e distribuído aleatoriamente entre os alunos que deverão achar seus pares, ler, refletir, discutir e socializar.

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião.
Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar."
(Nelson Mandela)

"Há duas maneiras de viver a vida: Uma, é como se nada fosse milagre. A outra, é como se tudo fosse milagre."
(Albert Einstein)

"O futuro não é um lugar aonde estamos indo, mas um lugar que estamos criando.
O caminho para ele não é encontrado, mas construído e o ato de fazê-lo muda tanto o realizador quando o destino."
(Antoine de Saint-Exupery)

"Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível."
(Francisco de Assis)

"Se um dia tiver que escolher entre o mundo e o amor... Lembre-se:
Se escolher o mundo, ficará sem o amor, mas se escolher o amor, com ele conquistará o mundo!"
(Albert Einstein)

A partir do 7° ano de escolaridade, os alunos têm muito interesse por novidades e palavras novas. Então, pode ser um excelente momento para sugerir uma pesquisa sobre a origem – etimologia – de algumas palavras. Para motivá-los ainda mais, mostrar que a palavra *companheiro*, por exemplo, teria sua origem "*com pão*", pois as pessoas se reuniam em volta da mesa e dividiam o pão; a palavra *entusiasmo* seria "*deus dentro de você*"; já as palavras *acordar, coração e coragem* teriam a mesma origem em "*cor – dar cor*"; e a origem da palavra *promessa* seria a divindade grega "Prometeu" cujo nome significaria "*aquele que vem antes*".

O dicionário etimológico, Dentro do Dentro (Mercuryo), de Manoel Whitaker Sales, é um divertido livro de histórias que explica o significado de 101 palavras, bem como as alterações que algumas delas sofreram ao longo dos tempos. A partir dessa leitura, é possível descobrir, por exemplo, que a palavra "trabalho" vem do latim medieval *tripalium*, um instrumento de tortura da época. E que "deletar" – ao contrário do que pensamos – não é um neologismo, originado do inglês. Veio do latim *deletare*, que significa "apagar" (Monique dos Anjos) http://super.abril.com.br/superarquivo/2003/conteudo_295018.shtml

No 8º e 9º ano de escolaridade, já é possível utilizar o **júri simulado** para o debate envolvendo temas polêmicos, mas do cotidiano, como: programas televisivos com mensagens subliminares; consumismo exacerbado; culto à aparência, promovendo a busca excessiva de cirurgias plásticas; pena de morte; sistema de cotas para negros na Universidade; doação de órgãos; eutanásia; sexualidade (aborto, gravidez precoce, violência sexual); adoção de crianças brancas em detrimento das negras; guerra; preconceito (pré-conceito, julgamento sem aprofundamento); assistencialismo (o ideal seria: *dar o peixe ou ensinar a pescar?*); uso de bebidas alcoólicas desde a adolescência; exercício pleno da cidadania; conceito de herói (justiceiro, violento, pacificador?).

Como nessa faixa etária (9º ano), os alunos estão muito interessados em temas que abordam a sexualidade, propor uma pesquisa em grupo sobre como as diferentes tradições religiosas tratavam questões sexuais, tabus. Será uma descoberta muito interessante para os alunos se pesquisarem sobre os povos mais antigos, como Roma Antiga, onde, segundo pesquisadores, o sexo era tratado como qualquer outro assunto do cotidiano sem esses tabus que criamos, de sequer pronunciar "pênis", pois parece até ofensa. Ressaltar que, ao tratar desses assuntos, o professor deve estar bem preparado porque certamente deverá mediar algumas situações que surgirão no decorrer das discussões.

Para aprofundar as reflexões e discussões, provocar os alunos com questões como:

- Quais as semelhanças e as diferenças entre a Inquisição e o Holocausto?
- Por que no calendário que usamos cada dia do ano é atribuído a um santo católico?
- Qual a diferença entre ateu e agnóstico?

Enquanto os ateus negam a existência de Deus, os agnósticos alegam a impossibilidade de provar a existência – ou não – de Deus. Embora existam relatos

de povos primitivos que não acreditavam em nenhum deus, a expressão ateísmo (que significa, em grego, a negação de Deus) foi cunhada no final do século 16, época da Inquisição. "Pode-se afirmar que o ateísmo é subproduto da Inquisição. Quando a Igreja católica quis suprimir toda e qualquer dissidência, seus métodos inquisitoriais levaram à formação de um judaísmo clandestino e às primeiras declarações de secularismo e ateísmo na Europa", afirma Armando Araújo Silvestre, cientista da religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. Já a expressão agnosticismo ("deus desconhecido", também em grego) é mais recente e atribuída a T. H. Huxley, cientista inglês do século 19.

Ele elaborou essa expressão para descrever seu próprio estado mental, não para negar totalmente Deus, mas para expressar dúvida quanto à possibilidade de atingir o conhecimento e para protestar ignorância a respeito de um grande número de coisas, diz Silvestre (Deus em Xeque – Marina Motomura). http://super.abril.com.br/superarquivo/2003/conteudo_295047.shtml

Há ainda outras teorias para tentar explicar o ateísmo. Alguns autores afirmam que também são ateus os pertencentes a alguma religião, mas não são praticantes da mesma. Por fim, há ainda o grupo vinculado ao ateísmo moderno, ou seja, aqueles que acreditam em Deus, mas não possuem vínculo com nenhuma religião ou grupo religioso (HEERDT. Mauri Luiz, BESEN. José Artulino e COPPI. Paulo De. **O Universo Religioso: as grandes religiões e tendências religiosas atuais**. São Paulo: Editora Mundo e Missão, 2005.).

Alguns alunos têm muita timidez e não questionam mesmo que tenham dúvidas, então sugerimos implantar uma “caixa de dúvidas” que o professor deve ler em casa, até para melhor entender cada questionamento, e responder na próxima aula sem identificar o nome do aluno.

Contação de histórias: uma arte antiga

“Ah, como é importante na formação de qualquer criança ouvir muitas histórias [...]
Escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor,
e ser leitor é ter todo um caminho de descobertas
e de compreensão do mundo, absolutamente infinito [...]”
(Luiz Vilela, 1995/UNISANTA – Curso de Formação de Contadores de Histórias: Blá Blá Blá...)

Efetivamente, deve ser a história contada a primeira manifestação artística surgida depois da linguagem articulada, por causa dos poucos elementos e materiais de que precisa: em princípio, somente o domínio da oralidade expressiva.

Um contador de histórias, em todo tempo e lugar, encontrou quem o escutasse. Nas sociedades tribais primitivas, essa atividade não possuía uma finalidade exclusivamente artística: tinha um caráter funcional decisivo, pois os contadores de histórias eram os que conservavam e transmitiam a história e o conhecimento acumulado pelas gerações, as crenças, os mitos, os costumes e valores a serem preservados pela comunidade. Durante séculos, foi por meio da realidade que a cultura popular se manteve, sem pergaminhos ou iluminuras, mas memória viva.

Como atividade artística, com normas e técnicas passíveis de serem transmitidas a todos, a prática de contar histórias se desenvolveu no fim do século passado, sobretudo nos países nórdicos, anglo-saxões e, posteriormente, nos latino-americanos. Essa prática se estendeu e ainda hoje aparece reduzida a um tempo cronológico, “a hora do conto”, nas escolas e bibliotecas.

A narração oral é uma forma de comunicação que se alimenta da história e da ficção, integrando a palavra aos gestos. É nesta economia de recursos que está a força de sua expressão: o ouvinte forma com o contador de histórias as duas faces de uma unidade, pois ele deve recriar na sua imaginação o que lhe contam, com isso, transforma emissão em recepção, conformando a mensagem.

O contador de histórias também se forma: é aquele que conhece as técnicas para narrá-las por tê-las aprendido de maneira expressa e voluntária e deve possuir, além disso, domínio do idioma e base cultural sólida, isto é, perceber a complexidade do medo, as diferentes manifestações da cultura e poder expressá-la em uma imagem fluida, ágil e densa para seus ouvintes. Por esta razão, o contador de histórias tradicional é uma pessoa vivida. Ou, no caso contemporâneo, atrás de toda narração de contos se encontra um perfil básico e essencial: um grande leitor.

SILVA, Betty Coelho. **Contar histórias – uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.

Contos de Fada

Os contos de fadas antecedem em muito a Literatura Infantil. Como se pode observar pelo trabalho dos irmãos Grimm, essas narrativas pertenciam ao folclore, transitando entre as camadas pobres da população até o final do período medieval. É com o advento da Idade Moderna que surgem as primeiras adaptações para a infância dos contos populares que fazem sucesso entre o público adulto. Dá-se, então, o surgimento da Literatura Infantil como gênero literário, que se organiza no momento em que a criança passa a ocupar um lugar de destaque no cenário familiar, com o advento da Revolução Industrial.

São, portanto, as transformações que ocorrem na estrutura da família moderna responsáveis pela atenção fundamental com a infância que se delineia desde então. Como no mundo capitalista impera a livre iniciativa e a concorrência, é necessário instrumentalizar os jovens para que se tornem adultos de sucesso. Apostar na educação dos mesmos é, portanto, uma das metas prioritárias dos pais. Dessa forma, há uma preocupação específica com a educação da infância, que gera, por sua vez, um cuidado especial com todos os materiais culturais à disposição das crianças e, entre esses materiais, está o livro. Os adultos começam a perceber a necessidade de se oferecer às crianças textos adequados à sua compreensão e experiência de mundo. E a adaptação do acervo existente surge como a solução mais razoável. São adaptados textos folclóricos (lendas, mitos, cantigas, contos de fadas, etc.) e clássicos que têm em Hans Christian Andersen o autor mais famoso.

As narrativas que vão conquistar maior sucesso com o público são os contos de fadas, que se convertem em sinônimo de literatura infantil e ditam os parâmetros do gênero confundindo-se, inclusive, com a própria categoria literária.

A adaptação dessas histórias populares para a infância atende a um objetivo bem preciso: a educação das novas gerações. Os textos oferecidos ao público infantil, compromissados com a educação da criança, são veículos dos valores da burguesia emergente aos pequenos leitores, visando à sua integração social pela incorporação desses mesmos valores, como por exemplo, a valorização do casamento monogâmico. A análise sociológica dos contos de fadas é reveladora nesse sentido. Contudo, o entusiasmo que os contos de fadas suscitam nas crianças do mundo inteiro não pode ser explicado por seu caráter pedagógico, apenas. Pensando assim, *Bruno Bettelheim* propõe analisá-los com o intuito de averiguar que extraordinária magia atrai os pequenos para essas narrativas. Descobre as imensas possibilidades de apreensão e reelaboração do universo por meio da simbologia dos contos de fadas (Os três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, João e o Pé de Feijão, Branca de Neve, A Bela Adormecida, Cinderela etc.). Todos os conflitos humanos ali circulam e são resolvidos pela fantasia, fazendo-a perceber que os problemas existem, mas que eles devem ser enfrentados e podem ser sempre solucionados.

Todos os ingredientes que compõem as narrativas (com a multiplicação de situações, a ênfase na solução dos problemas, a riqueza das ações, a ordenação de um mundo variado, em que diferentes temperamentos convivem) promovem o alargamento vivencial das crianças, incitando-as a participarem das aventuras e buscarem respostas. Contudo, é importante salientar que o nível de compreensão infantil é respeitado e a fantasia, presente nas histórias, não representa fuga do real, mas justamente a forma mais apropriada para a percepção da criança.

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filha, etc.), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes, etc.). A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando volta ao real. Valendo-se dessa estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial do imaginário infantil e, de outro, transmitem à criança a ideia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo.

A riqueza do material simbólico que tem em mãos faz com que *Bettelheim* insista nas advertências sobre o perigo das adaptações, mal feitas, dos textos, que podem privá-los da sequência de ações, características de personagens e detalhes do ambiente. Cada elemento tem, nos contos, uma profunda carga significativa que, uma vez retirada, empobrece a totalidade da narrativa e as possibilidades de compreensão do leitor ou ouvinte.

Bruno Bettlheim salienta, ainda, a importância dos adultos, contarem histórias de fadas para as crianças para maior aproximação afetiva. Ao narrar as peripécias repletas de magia de que se compõem os contos, estão entrando no jogo infantil e deixando a mensagem de que o aceitam como ele é, respeitando a forma de raciocínio mágico dessa faixa etária.

Assim entendidos, os contos de fadas funcionam como agentes emancipadores, capazes de projetar o leitor ou ouvinte para além do universo cotidiano, criando a vida como ainda pode ser vivida. Por isso, seu caráter educativo, em sentido amplo, é resgatado.

(Vera Teixeira de Aguiar, 1995/UNISANTA – Curso de Formação de Contadores de Histórias: Blá Blá Blá...)

Sugerimos um trabalho com **histórias contadas**, como nos primórdios da humanidade. Então, alguns aspectos têm que ser observados àquele que se propõe a realizar um bom trabalho como contador de histórias:

- Conhecer a história (ler mais de uma vez) e de preferência ter sentido algo especial (gosto pessoal), ou seja, ter uma motivação para contá-la às crianças, e também para vislumbrar as possibilidades que a narrativa apresenta para o trabalho do professor.
- A duração da história deve estar adequada para o público-alvo em questão: faixa etária, interesses, experiências, etc.
- O narrador deve ter cuidado com o olhar, a voz e a imagem. É fundamental olhar as crianças no olho, durante a contação, mas por pouco tempo para não intimidar; a voz, elemento fundamental da narração, deve ser impecável, pronunciando-se todas as palavras, com pausas necessárias, tons adequados ao ambiente e história narrada, entonações e inflexões pertinentes enriquecem a narração, por exemplo, na troca de personagens; a imagem é o primeiro ponto de comunicação com o público, portanto, deve-se cuidar da maneira de sentar-se, os gestos (que, como a voz, podem caracterizar a troca dos personagens), vestimentas, etc. É interessante fazer alguns ensaios na frente do espelho, para os iniciantes na contação de histórias. Alguns contadores alertam que as histórias não devem ser decoradas ao pé da letra (porque destrói a naturalidade, tão importante nesse trabalho), pois o narrador conhecendo-a pode enriquecê-la. A espontaneidade e a naturalidade geram no ouvinte a credibilidade necessária para se envolver com a situação narrada.
- Dependendo do objetivo (recreação, percepção do mundo ao seu redor, incentivo à leitura, formação do leitor, integração cultural com as diferentes visões de mundo, informação, veiculação de valores, análise e interpretação de texto, ou mesmo como terapia lúdica já utilizada, hoje, em hospitais, etc.), pode ser motivador fazer uma roda de conversa antes da contação da história, explicando por que escolheu a história, comentando sobre o autor, o título e a origem (se for possível). Se tiver o livro, mostrar a capa e estimular os alunos a formularem perguntas sobre a história a ser contada, sem revelar o final.

Em suma, a contação de histórias além de proporcionar sensação de prazer, relaxamento, bem-estar, também informa, desenvolve as habilidades de saber ouvir, concentrar-se, favorece a criatividade por meio do imaginário, estimula a leitura e, ainda, como alguns estudiosos já comprovaram, equilibra as emoções ajustando sentimentos de medos, de frustrações, de dúvidas. Como se pode perceber, com um recurso tão “simples”, consegue-se um trabalho muito proveitoso e tão significativo para as crianças. Então, vamos nos valer desse recurso tão rico e tão pouco explorado, adequadamente, para formar leitores críticos e autônomos.

Para estimular o debate sobre o sofrimento de animais aprisionados (circos, rodeios, gaiolas, etc.), sugerimos uma leitura simples e bem popular, mas que pode auxiliar na sensibilização para tratar do tema em questão.

O elefante acorrentado

Prof. Damásio de Jesus

- Você já observou elefante no circo?

Durante o espetáculo, o enorme animal faz demonstrações de força descomunais. Mas, antes de entrar em cena, permanece preso, quieto, contido somente por uma corrente que aprisiona uma de suas patas a uma pequena estaca cravada no solo. A estaca é só um pequeno pedaço de madeira. E, ainda que a corrente fosse grossa, parece óbvio que ele, capaz de derrubar uma árvore com sua própria força, poderia, com facilidade, arrancá-la do solo e fugir. Que mistério!!!

- Por que o elefante não foge? - Perguntei a um amestrador e ele me explicou que o elefante não escapa porque está amestrado. Fiz então a pergunta óbvia:

- Se está amestrado, por que o prendem? Não houve resposta! Há alguns anos descobri que, por sorte minha, alguém havia sido bastante sábio

para encontrar a resposta: o elefante do circo não escapa porque foi preso à estaca ainda muito pequeno. Fechei os olhos e imaginei o pequeno recém-nascido preso: naquele momento, o elefantinho puxou, forçou, tentando se soltar. E, apesar de todo o esforço, não pôde sair. A estaca era muito pesada para ele. E o elefantinho tentava, tentava e nada.

Até que um dia, cansado, aceitou o seu destino: ficar amarrado na estaca, balançando o corpo de lá para cá, eternamente, esperando a hora de entrar no espetáculo. Então, aquele elefante enorme não se solta porque acredita que não pode. Jamais, jamais voltou a colocar à prova sua força.

Música

"A música gera um tipo de prazer sem o qual a natureza humana não pode passar."
(Confúcio)

A força da música é de tal forma envolvente, que provoca profundas emoções nos seres humanos – é tocada nos casamentos para nos dar alegria, em filmes de terror e de guerra para induzir medo ou suspense, em casa para provocar felicidade, descontração, relaxamento, funcionando como uma forma de terapêutica – e já foi demonstrado que a ligação entre a música, o corpo e a alma melhora a saúde tanto física como mental.

(Educação musical: os benefícios para as crianças – Edward Droscher, http://palcoprincipal.clix.pt/artigos/Artigo/educacao_musical_os_beneficios_para_as_criancas).

A importância da música para a criança é evidente e indiscutível. O cantar é praticamente natural para ela. O cantar é a bagagem que toda criança traz desde bebê, quando escutava as cantigas de ninar na voz dos pais ou outros familiares. Em toda a história humana, a música sempre foi utilizada, principalmente em rituais das primeiras civilizações, para alcançar determinados objetivos: dança da chuva dos índios, curandeiros africanos, etc., portanto, encontra-se no inconsciente coletivo da humanidade. Nas brincadeiras infantis, não faltam os cantos ritmados.

Para que a criança se beneficie da linguagem musical e possa desenvolver espírito crítico em relação à mensagem (letra), é preciso que a música seja selecionada e apresentada de forma cuidadosa e adequada.

Escuta e apreciação de obras musicais (regionais, popular, folclóricas, eruditas, etc.) pode ser um bom começo para aprenderem a ouvir o outro e perceber a harmonia do todo. Em outro momento, selecionar músicas (Gente tem sobrenome e Cada um é como é, de Toquinho, Nomes de gente, do MPB 4, por exemplo), cujas letras abordem temas enfocando identidade, valores humanos, questões sociais, sugerindo após a audição a interpretação oral das mesmas.

Alguns estudiosos afirmam que a autodisciplina, a paciência, a sensibilidade, a coordenação e a capacidade de memorização e de concentração são qualidades valorizadas e aprimoradas com o estudo da música.

(http://www.escola_musica.com/beneficios_da_musica.html)

Outro recurso que deve ser explorado com as crianças, até mesmo porque gostam, é o canto coletivo de músicas tradicionais conhecidas, cujo principal objetivo para nosso trabalho é o conhecimento do acervo que a humanidade acumulou através dos tempos, o aprimoramento da expressão oral e a desinibição.

Educar a criança para ouvir música implica também desenvolver o prazer de ouvir música de qualidade em volume adequado, despertando-a para a *sensibilidade emocional* que só a música consegue despertar.

Portanto, professor, cante e ouça muitas músicas de qualidade com as crianças, pois, além dos benefícios citados, muitos outros já são exaustivamente estudados e até comprovados com teorias sobre os objetivos terapêuticos relevantes com relação às necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas, enfim o equilíbrio das emoções.

(Musicoterapia – Equipe Editorial Bibliomed, 2007)

Entrevista

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, ou por sua origem, ou religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se elas podem aprender a odiar podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta".
(Nelson Mandela)

A entrevista com pais ou avós sobre a origem do nome de cada criança ou sobre a crença religiosa adotada pela família pode ser uma rica experiência para todos do grupo. É importante conversar com as crianças para orientação sobre as questões que serão formuladas aos familiares. Se houver possibilidade de gravar a entrevista, a socialização ficará muito mais interessante.

O professor deve aproveitar a curiosidade e interesse dos alunos e trabalhar com pesquisas, ainda rudimentares, entrevistando pessoas para perceberem que não há exclusividade no “jeito” de crer, e que crença é construída diante da riqueza e diversidade das várias Tradições Religiosas.

Pode-se promover um levantamento dos costumes (vocabulário, vestuário, alimentação, moradia, lazer, etc.) das Tradições de origem indígena e africana, registrando-as em um painel. Em seguida, promover uma reflexão orientada de modo que os alunos percebam as diferenças e semelhanças entre as tradições pesquisadas, concluindo ao final a importante influência dos costumes destas tradições no nosso cotidiano atual: uso da rede de dormir, cestos para roupas, danças, nomes próprios.

É interessante fazer com os alunos levantamento das histórias e crendices populares que se contam em família e que passam de geração a geração como verdades: manga com leite mata; gato preto dá azar; espelho quebrado dá sete anos de azar; colocar vassoura atrás da porta faz com que a visita indesejada vá embora; chinelo virado, a mãe pode morrer. Socializar com o grupo as histórias recolhidas classificando-as por semelhanças. O professor acrescenta alguns fatos que passaram para a História sobre os escravos, como: sobras de porco rejeitadas pelos senhores de escravos e utilizados por esses transformou-se na tão apreciada feijoada; o tratamento de Senhor, usado pelos escravos, era entendido como mais respeitoso que você, porque vem da relação de subalterno com o seu superior ou, então, porque no cristianismo disseminado no Brasil o tratamento para com Deus é Senhor, por ser o *Todo Poderoso*.

Ao final, promover entre os alunos uma reflexão sobre quais os possíveis interesses envolvidos para a disseminação dessas ideias. No caso da crendice “manga com leite mata”, sabe-se hoje que, com a finalidade de evitar que os escravos tomassem o leite que recolhiam e comessem as mangas que colhiam, inventaram que a pessoa morria envenenada se ingerisse esses dois alimentos.

Nome / Aniversário / Família / Calendário

Todo professor tem consciência da importância do nome para qualquer criança. A elaboração de um *projeto* pode ampliar as possibilidades para um trabalho realmente efetivo e com resultados surpreendentes. Por exemplo:

Objetivos:

- Conhecer sua identidade e perceber-se como sujeito de transformação social.
- Reconhecer-se como sujeitos de transformação social, por meio do resgate de sua história, construindo identidade.
- Ampliar o conhecimento corporal, a consciência de si e do outro.

Desenvolvimento:

- Roda de conversa para as explicações da proposta enfatizando os cuidados que se deve ter com o bebê (alimentação, banho, trocas de roupas, soninho, vacinas, muito carinho, contação de histórias).
- Confecção de um boneco de pano (tamanho de um bebê) que represente as características das crianças servindo como instrumento de aprendizagem, por meio da brincadeira.
- Coleta de roupas para as trocas do bebê.
- Preparação de um documento fictício semelhante a uma certidão de nascimento (para o boneco).
- Dramatização do momento em que o bebê é registrado no Cartório de Registros e recebe sua **certidão de nascimento.**

Iniciar com roda de conversa explicando às crianças a proposta alertando que o boneco ficará cada dia com uma criança porque ele precisa de cuidados constantes: comer nos horários certos, tomar banho, trocar roupa, dormir no silêncio, tomar as vacinas, ouvir histórias.

Para a confecção do boneco, coletar roupas infantis usadas e o enchimento (as crianças ajudam) com espuma, retalhos de tecidos, roupas velhas, etc. Marcar o dia do registro da criança, preparar o documento, escolher nome e sobrenome, pais, avós e ensaiar. No dia marcado, apresentar a dramatização do fato com os personagens que precisariam estar presentes no Cartório de Registros (fictício) no caso de um registro de nascimento verdadeiro.

Aprofundar a questão do nome e do sobrenome, relacionando o poema *Identidade,* de Pedro Bandeira, explicitando o direito à cidadania de termos uma origem / família, ressaltando o direito à igualdade e o respeito entre as pessoas, apesar das diferenças de cada um.

Desenvolver também atividades interdisciplinares trabalhando com os órgãos do sentido, explorando as partes do corpo, fases do crescimento, higiene e saúde, questões afetivas como solidariedade, respeito, amizade.

Fazer uma adaptação, de modo que cada criança pudesse ter seu próprio boneco, enriqueceria sobremaneira o projeto.

O projeto deve ser finalizado naturalmente, quando as crianças perderem o interesse pelo boneco, caso aconteça. Caso contrário, combinar que ele cresceu e não precisa mais da ajuda dos pais (no caso das crianças menores, porque as maiores já têm entendimento para um encerramento mais objetivo).

Relacionamos, abaixo, alguns títulos que poderão auxiliar o professor no decorrer do projeto sugerido.

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **A margarida friorenta**. - São Paulo: Ática, 1996.

LOPES, Cida. **Nem tão rosa, nem tão azul: ser menino e ser menina**. – ed. Todo Livro.

Referencial curricular nacional para a educação infantil/ ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998. vol.2.

RAMOS, Anna Claudia. **A gente pode, a gente não pode**. - São Paulo: DCL, 2003.

ROCHA, Ruth. **Tenho medo, mas dou um jeito**. - São Paulo: Ática, 1999.

SUHR, Mandy. **Eu me mexo**. - São Paulo: Scipione, 1996.

_____. **Eu respiro**. - São Paulo: Scipione, 1996.

É importante que todas as crianças / adolescentes sejam chamados pelo seu nome (desestimular os apelidos), favorecendo, assim, a construção da identidade pessoal e sua identificação no grupo.

Ao trabalhar com o nome, o aluno poderá conhecer a origem de seu nome e dos nomes dos colegas do grupo. Seria interessante que o professor já tivesse realizado uma pesquisa sobre os significados dos nomes dos alunos, a fim de complementar as informações trazidas pelas crianças. É imprescindível que percebam que cada nome tem uma história que pode estar relacionada à moda do momento de seu nascimento, ou é uma junção dos nomes de familiares (pai e mãe, por exemplo), também pode ser uma homenagem ao médico que realizou o parto ou a um determinado ídolo dos pais, ou ainda ter outras origens, como bíblica, indígena, estrangeira, etc.

Poderá, também, conhecer nomes de pessoas célebres que mudaram a história da humanidade (Madre Teresa de Calcutá, Gandhi, Betinho, Chico Mendes, Luther King, etc.), por meio de um jogo da memória com fotos dos personagens. Atividade como pesquisa e recorte em jornais e revistas de fotos de pessoas famosas pode proporcionar uma discussão sobre os motivos que levaram essas pessoas a serem famosas promovendo uma reflexão sobre talento / oportunidade.

Outro tema que pode ser abordado é a questão dos apelidos que geralmente estão relacionados a preconceitos.

Trabalhar bastante com o nome da criança, construindo acrósticos, lendo e interpretando poesias e músicas que abordem a importância dos nomes das pessoas, finalizando com a confecção do R.G. individual. Os poemas **Identidade,** de Pedro Bandeira, e **Sobrenome,** de José Paulo Paes podem acrescentar muito ao tema em questão.

IDENTIDADE

Autor: Pedro Bandeira

Às vezes nem eu mesmo
sei quem sou.
Às vezes sou
"o meu queridinho"
Às vezes sou
"moleque mal criado"
Para mim tem vezes que sou rei,
herói voador, cow-boy lutador,
Jogador campeão.
Às vezes sou pulga, sou mosca também
que voa e se esconde
de medo e de vergonha.
Às vezes sou Hércules, Sansão vencedor,
peito de aço, goleador.
Mas o que importa o que pensam de mim?
Eu sou quem sou, eu sou eu,
sou assim
Sou menino.

SOBRENOME

Autor: José Paulo Paes

Como vocês sabem
Frankenstein foi feito
com pedaços de pessoas diferentes:
a perna era de uma, o braço de outra
a cabeça de uma terceira
e assim por diante.
Além de o resultado
ter sido um desastre
houve um grave problema
na hora em que Frankenstein
foi tirar carteira de identidade.
Como dar identidade
a quem era mistura
de várias pessoas?
A coisa só se resolveu
quando alguém lembrou
que num condomínio
cada apartamento é de um dono diferente.
Foi assim que Frankenstein Condomínio
ganhou nome e sobrenome
como toda a gente.

O poema de Ruth Rocha, além de oportunizar um bom trabalho com o nome, pode ainda introduzir o tema dos direitos das crianças.

(...) criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar
Ter saúde e não ter fome
Ter segurança e estudar.

Não é questão de querer
Nem questão de concordar
Os direitos das crianças
Todos têm de respeitar (...)
(Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha)

Ainda enfocando o tema "Direitos e Deveres", segue uma atividade que visa a promover uma interessante reflexão.

	DIREITOS	**DEVERES**
Pais		
Filhos		
Professores		
Alunos		

Essa atividade pode ter continuidade com a autoavaliação do aluno. O professor prepara um questionário com algumas questões para que o aluno se autoavalie, ou então, prepara um roteiro e o aluno redige um texto sobre os aspectos sugeridos. A autoavaliação é um riquíssimo recurso que o professor pode utilizar para determinados objetivos.

O tema *aniversário* é, sem dúvida, um marco na vida de qualquer criança, carregado de carga emocional, pois está fortemente relacionado à autoestima, e à lembrança dessa data pelas pessoas de seu convívio, que sugere que é bem aceito. Aproveitando que as crianças adoram festas, comentar sobre os diferentes modos de comemorações e as mudanças que ocorrem com o decorrer do tempo. Uma pesquisa, por exemplo, por parte do professor, sobre as comemorações em outras culturas (africanas, indígenas) favorecerá um momento diferente e muito interessante para as crianças.

A família é o primeiro grupo social de que a criança participa e, portanto, o mais próximo, assim deve-se ter todo o cuidado ao comentar sobre estrutura familiar, que está em constante transformação. Hoje, é mais adequado chamar de *família* as pessoas que cuidam / convivem com a criança. Neste caso, pode-se solicitar que as crianças tragam para socialização com o grupo fotos de pessoas queridas de sua família e aproveitar para expressarem-se sobre os motivos de sua escolha. Neste momento, ainda cabe sugerir ao grupo que analise as diferentes fotos e classifique-as por idade aproximada. O professor pode, então, comentar sobre a importância da experiência de vida dos familiares na formação da pessoa, acentuando o respeito que devemos ter com os idosos.

A partir dos comentários sobre a vida familiar, o professor pode introduzir o tema sobre os cuidados com o próprio corpo, para preservação da saúde e consequentemente a preservação do meio ambiente, pois é de onde tiramos a água, os vegetais, enfim, o que necessitamos para nossa sobrevivência.

Para complementar o trabalho, solicitar a cada criança o desenho de seu autorretrato utilizando um espelho, para se observar. Como inspiração, mostrar autorretratos de pintores famosos como Portinari, Benedito Calixto, Pablo Picasso, Rembrandt, Leonardo Da Vinci, Van Gogh e outros, o que certamente estimulará cada criança para a confecção com muito mais interesse e riqueza de detalhes. Após essa atividade, o professor poderá iniciar um conversa informal sobre a exagerada importância que é atribuída à aparência física: O que é bonito? O que é belo? O que é realmente importante numa pessoa? Para abordar esse assunto, o professor deverá estar preparado para questões polêmicas e ter a serenidade e bom senso para mediar as situações de modo que nenhuma criança se sinta desvalorizada. É o momento apropriado para valorizar as características físicas de cada criança promovendo o desenvolvimento da autoestima.

Também o desenho do próprio corpo (inteiro) pode ser feito pela criança e, durante a confecção, o professor provoca comentários sobre as mudanças que vão acontecendo em nosso corpo à medida que crescemos, a importância dos órgãos dos sentidos para nossa comunicação com as pessoas e o mundo que nos cerca. A dinâmica do “cego e o guia” pode ser muito bem aproveitada para ilustrar a importância da visão, por exemplo.

Finalizando o tema, sugere-se o desenho do contorno do corpo pelo colega em papel pardo (grande). É uma atividade que as crianças adoram e várias habilidades são estimuladas nesse momento desde as motoras até as que envolvem o relacionamento interpessoal. As atividades aqui sugeridas devem ocorrer aos poucos, em vários dias, para não cansar.

Aproveitando as datas de aniversários das crianças, agrupá-los por mês de nascimento e relacionar ao calendário (caso o professor queira enriquecer a atividade, pode fazer uma pesquisa sobre astrologia e relacionar ao calendário), comentando sobre as datas comemorativas mais importantes nesses meses.

Leitura de imagens / símbolos

As crianças são naturalmente curiosas e muito observadoras. Então, a apreciação de obras-de-arte em geral, como: pinturas, esculturas, fotografias de pessoas / paisagens, monumentos religiosos, símbolos, etc., visa à sensibilização e ao despertar do senso crítico e estético.

Para viver democraticamente em uma sociedade plural, é preciso respeitar as diferentes culturas e grupos que a constituem. Como a convivência entre grupos diferentes é marcada pelo preconceito, um dos grandes desafios da escola é conhecer e valorizar a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade brasileira.

Recorte e colagem de fotos de pessoas de diferentes origens, idades, etnia e sexo, analisando e comparando as diferenças e semelhanças, assim como fotos de jornais e revistas sobre as condições de moradia das pessoas mais desfavorecidas economicamente podem servir de estímulos para que as crianças / adolescentes analisem, levantem hipóteses sobre a questão e, em grupo, organizem sugestões de como melhorar essas situações. Essa atividade pode ter início com a contação da história “Os três porquinhos” ou a de “João e Maria”, pois o tema da primeira é a construção de uma boa casa (moradia) e o da segunda é a pobreza (fome).

Pesquisa e montagem de quebra-cabeça utilizando as telas de pintores famosos que abordaram o tema “brincadeira” em suas obras (**Roda**, de Milton Dacosta, **Meninos com Carneiro**, de Cândido Portinari, **Meninas Pulando Corda**, de Roberto Campos Oswaldo, **Cabra-cega e Brincadeira de Criança**, de Orlando Teruz). As crianças montam e comparam os tipos de brincadeiras antigas com as atuais refletindo sobre as principais diferenças. As crianças brincavam livremente pelas ruas, quintais, desenvolvendo-se integralmente. Hoje, estão confinadas em pequenos apartamentos e, ainda, para agravar, são proibidas de se sujarem. No *sit*e http://www.portinari.org.br/, encontram-se telas de Portinari sobre o tema.

Aproveitando o tema “brincadeira”, solicitar ao aluno desenho ou pintura dos membros da família, classificando-os por gênero e discutindo, em grupos, as diferenças e semelhanças entre os sexos: menino brinca de bola e menina de boneca; menino usa cor azul e menina usa rosa, etc.

A visitação a museus/exposições de artes é uma das atividades que contribuem para todas as áreas do conhecimento. As obras expostas em um museu estão organizadas por estilos, tempo cronológico, tipos de arte, etc., favorecendo diversas interpretações e releituras.

A arte é uma linguagem representada principalmente por signos não-verbais (cores, formas, movimentos, etc.) a que cada um atribui um significado conforme sentimentos e emoções próprios, e, por meio da arte, podemos ter acesso e compreender os sentimentos e os pensamentos das comunidades de qualquer época, povo, cultura ou país.

Para trabalhar com o conteúdo sobre símbolos, é necessário estabelecer as conexões com os temas já desenvolvidos e que oportunizam a compreensão de que os símbolos estão presentes no dia a dia da sala de aula e do entorno (alfabeto, números, emblemas).

Solicita-se aos alunos que tragam de casa pelo menos um símbolo significativo para sua família. O símbolo é apresentado para o grupo pelo aluno que o trouxe que explica o motivo da escolha, o significado e o nome do símbolo. Após a apresentação, o símbolo deve passar de mão em mão, para que todos o observem atentamente. Ao final, promover uma reflexão com os alunos ajudando-os a perceber que um mesmo símbolo pode ter significados diferentes para as pessoas. Pode-se concluir organizando exposição com os diferentes símbolos.

Pode-se solicitar também aos alunos que tragam fotos (ou figuras de revistas, no caso de não terem fotos) que julgam importantes. A partir das fotos, contam uma história de sua família descrevendo os acontecimentos mais importantes representados por elas. Em seguida, cada aluno classifica as fotos trazidas, por ordem de valor para ele, utilizando um álbum previamente confeccionado. Para finalizar, a professora promove a reflexão dos alunos sobre como as fotos ajudam a fazer a memória mostrando acontecimentos importantes de nossa vida; antes da fotografia, os acontecimentos importantes eram guardados por meio de histórias contadas de uma geração para outra e revividas nas celebrações.

Promover exposições bimestrais ou semestrais na escola, com visitação da comunidade, mostrando as atividades desenvolvidas pelas crianças ao longo do ano letivo, demonstra que os adultos (no caso, professores, equipe escolar), valorizam o trabalho realizado, estimulando-as para que continuem suas produções, pois o sentimento de valoração pessoal favorece na motivação para realização de outros trabalhos ainda mais elaborados.

A vida é como...
...jogar uma bola na parede.
Se for jogada uma bola verde, ela voltará verde.
Se for jogada uma bola azul, ela voltará azul.
Se a bola for jogada fraca, ela voltará fraca.
Se a bola for jogada com força, ela voltará com força.
Por isso nunca **“jogue uma bola na vida”**,
de forma que não esteja pronto para recebê-la.
A **Vida** não dá, nem empresta.
Não se comove nem se apieda.
Tudo quanto ela faz é **retribuir** e **transferir...**
...aquilo que nós lhe **oferecemos**.
Albert Einsten

5º ANO	CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (Ciên / Mat / Inf. Educ)	
	CIÊNCIAS	
	CONTEÚDOS	
CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
AMBIENTE • Como se relacionam os seres vivos. • Noções de ecologia. • Ecossistemas (exemplos de ecossistemas). • Sol x plantas x fotossíntese. • Cadeias alimentares. • Desequilíbrio ecológico. • Ecossistemas ameaçados. • Animais em extinção. **CORPO HUMANO E SAÚDE** • Visão geral do corpo humano. • Principais sistemas e aparelhos. • Transformações sofridas pelo alimento no organismo. • Alimentos: origem, fonte e funções. • Hábitos alimentares. • Alimentação equilibrada. • Elaboração de cardápios. • Higiene e saúde. • Defesas naturais e estimuladas. • Contágio por vermes e micro-organismos. • Etapas do crescimento e desenvolvimento. • Mudanças sexuais. • Reprodução humana • Sistema reprodutor: feminino e masculino. • Gravidez e parto.	• Estabelecimento de relações entre os diferentes aparelhos e sistemas que realizam a função de nutrição para compreender o corpo como um todo integrado. • Busca e coleta de informações por meio da observação direta ou indireta, imagens selecionadas, experimentações, entrevistas, leituras de textos. • Levantamento de dados, análise e observação (ao fazer gráficos, tabelas, listagens que refletem, por exemplo, hábito alimentar, necessidades energéticas para diferentes atividades físicas, das embalagens de alimentos etc.) • Estabelecimento de conclusão com base na análise de dados do assunto em estudo. • Organização e registro das informações por meio de desenhos, quadros, listas, tabelas, esquemas, textos mais elaborados, maquetes. • Comunicação oral ou escrita das suposições, dados e conclusões. • Estabelecimento de relações entre hábitos alimentares, cultura, emoções e vivência social. • Descrição dos próprios hábitos alimentares e comparação com os de outras pessoas do seu convívio e de outras regiões. • Elaboração de folhetos para divulgação de medidas de prevenção de algumas doenças infecciosas.	• Colaboração em atividades coletivas (ex., ao trazer imagens para uma atividade de colagem). • Empenho nas atividades de grupo e na realização de tarefas individuais. • Conhecimento sobre as opiniões dos colegas ao trocar ideias, por exemplo, sobre o funcionamento do corpo, e respeito. • Desenvolvimento e valorização de atitudes científicas, como curiosidade, organização e rigor nas observações e análises. • Interesse em conhecer o funcionamento do corpo. • Desenvolvimento de uma concepção crítica diante do consumismo e desperdício e de atitudes compatíveis com a preservação da natureza. • Incorporação de hábitos simples e necessários de alimentação e preparação dos alimentos. • Desenvolvimento de hábitos relacionados ao cuidado com o corpo, adotando atitudes promotoras de saúde. • Respeito às diferentes opiniões dos demais. • Reconhecimento da importância das campanhas e medidas de preservação da saúde. • Valorização da vida em sua diversidade • Exposição de ideias, sentimentos e conflitos na área da sexualidade para que reconstruam por si mesmos seu modelo de interpretação da realidade. • Conhecimento de seus direitos e deveres, ex., nos debates sobre adolescência e preconceito ligado ao sexo.

• Sexualidade e gravidez na adolescência. • DST (formas de contágio e prevenção). • Aids e abuso de drogas. **RECURSOS TECNOLÓGICOS** • Alimentos industrializados. • Conservação de alimentos. • Vacinas. • Preservação dos recursos naturais.	• Observação, identificação e descrição das transformações físicas, fisiológicas e psicossociais na infância e adolescência. • Comparação da reprodução humana com a de outros animais. • Comparação dos principais órgãos e funções do aparelho reprodutor feminino e masculino, relacionando seu amadurecimento às mudanças no corpo e no comportamento de meninos e meninas durante a puberdade. • Comparação entre diferentes ambientes em ecossistemas brasileiros quanto à vegetação e fauna e suas inter-relações e interações. • Observação de animais e seus hábitos. • Questionamentos sobre degradação dos ambientes. • Divulgação de informações sobre transformações provocadas nos ambientes pela ação humana. • Descrição de medidas de proteção e recuperação do ambiente, particularmente na região onde vivem, e em outras regiões.

5º ANO	CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (Ciên / Mat / Inf. Educ.)

MATEMÁTICA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS

NÚMEROS E OPERAÇÕES
• Sistema de numeração decimal até 999.999.999.
• Operações e conceitos:
  ○ Adição e subtração - com e sem reagrupamento.
  ○ Multiplicação - multiplicador com 1 e 2 algarismos.
  ○ Divisão - divisor com 1 e 2 algarismos.
  ○ Multiplicação e divisão por 10, 100, 1000.
  ○ Multiplicação com números naturais (multiplicador com 1 e 2 algarismos).
  ○ Divisão com números naturais (divisor com 1 e 2 algarismos).
  ○ Múltiplos de um número natural.
  ○ Divisores de um número natural.
  ○ Divisibilidade.
  ○ Números primos.
 	
Números Racionais
• Fração de uma quantidade.
• Tipos de frações:
  ○ própria.
  ○ imprópria.
• Frações equivalentes
• Simplificação de frações.
• Operações com frações:
  ○ adição e subtração de números fracionários com denominadores iguais.
  ○ multiplicação de um número natural por um número fracionário.
	• Elaboração de registros e organização de informações, empregando números e quantidades, gráficos e tabelas, de acordo com as regras do sistema de numeração decimal.
	• Uso do conceito de adição como ideia de juntar, acrescentar quantidades, na resolução de situações-problema do cotidiano, que envolvam números naturais.
	• Uso do conceito de subtração como ideia de tirar, comparar e completar quantidades, na resolução de situações-problema do cotidiano, que envolvam números naturais.
	• Uso da multiplicação como ideia de juntar quantidades iguais, combinatórias e organização retangular na resolução de situações-problema, que envolvam números naturais.
	• Uso da divisão como ideia de repartir em partes iguais, na resolução de situações-problema do cotidiano, que envolvam números naturais.
	• Emprego de diferentes estratégias pessoais e técnicas operatórias (algoritmo) das 4 operações, na resolução de situações-problema presentes no cotidiano.
	• Ampliação do repertório básico das operações com números naturais para o desenvolvimento do cálculo mental e escrito.
	• Análise, interpretação, formulação e resolução de situações-problema, compreendendo diferentes significados das operações envolvendo números naturais.
	• Produção de frações equivalentes, pela observação de representações gráficas e de regularidades nas escritas numéricas.
	• Comparação e ordenação de números racionais.
	• Leitura, escrita, comparação e ordenação de representações fracionárias de uso frequente.
		• Desenvolvimento de atitudes favoráveis para a aprendizagem de Matemática.
		• Exposição do próprio pensamento de forma autônoma e criativa, respeitando o pensamento do outro.
		• Confiança em suas possibilidades para propor e resolver problemas.
		• Respeito pelo pensamento do outro, valorização do trabalho cooperativo e do intercâmbio de ideias, como fonte de aprendizagem.
		• Persistência na resolução de problemas e na construção de suas próprias ideias.
		• Interação com seus pares de forma cooperativa, trabalhando coletivamente na busca de soluções de problemas.
		• Respeito às regras de jogos, transpondo-as para a sua rotina.
		• Apropriação de diferentes estratégias para resolução de qualquer tipo de trabalho;
		• Convivência com o erro como parte do processo de aprendizagem.
		• Interesse na leitura de tabelas e gráficos como forma de obter informações.
		• Hábito em analisar todos os elementos significativos presentes em uma representação gráfica, evitando interpretações parciais e precipitadas.

Números Decimais • Leitura. • Escrita. • Comparação. • Fração decimal e porcentagem. • Operações com números decimais: • Adição. • Subtração. • Multiplicação (por 10, 100 e 1000). • Divisão (por 10, 100 e 1000). **ESPAÇO E FORMA** • Sólidos geométricos: o elementos do sólido geométrico: faces, bases, arestas e vértices. o 3 dimensões: comprimento, largura e altura. • Quadriláteros: classificação. • Triângulos: classificação. • Ângulos. • Reta e segmento de reta. • Círculo e circunferência **GRANDEZAS E MEDIDAS** • Sistema monetário. • Medidas de capacidade: o litro e mililitro. o transformação de unidades • Medidas de massa: o grama, quilograma, tonelada e arroba. o transformação de unidades • Medidas de comprimento: o metro, comprimento e quilômetro. o transformação de unidades	• Comparação e ordenação de números racionais na forma decimal. • Cálculo simples de porcentagens. • Formulação de hipóteses sobre a grandeza numérica, pela observação da posição dos algarismos na representação decimal de um número racional. • Construção de polígonos a partir de suas principais características. • Observação de objetos presentes em nosso cotidiano e as formas geométricas espaciais. • Construção de sólidos geométricos. • Manuseio de cédulas e moedas que circulam no Brasil e de possíveis trocas entre cédulas e moedas em função de seus valores. • Utilização do sistema monetário brasileiro em situações-problema. • Estabelecimento das relações entre unidades usuais de medida de uma mesma grandeza. • Utilização de procedimentos e instrumentos de medida, em função do problema e da precisão do resultado. • Cálculo de perímetro e de área de figuras desenhadas em malhas quadriculadas e comparação de perímetros e áreas de duas figuras sem uso de fórmulas. • Uso da calculadora. • Localização de dados numa tabela. • Representação de dados em tabelas. • Construção de gráfico de colunas. • Produção de textos escritos, a partir da interpretação de gráficos e tabelas, construção de gráficos e tabelas com base em informações contidas em textos jornalísticos, científicos ou outros. • Coleta, organização e descrição de dados. • Leitura e interpretação de dados apresentados de maneira organizada (por meio de listas, tabelas, diagramas e gráficos) e construção dessas representações. • Interpretação de dados apresentados por meio de tabelas e gráficos, para identificação de características previsíveis ou aleatórias de acontecimentos.	• Respeito às regras de jogos, transpondo-as para a sua rotina. • Confiança na própria capacidade para elaborar estratégias pessoais de cálculo, interesse em conhecer e utilizar diferentes estratégias para calcular e os procedimentos de cálculo que permitem generalizações e precisão. • Segurança na defesa de seus argumentos e flexibilidade para modificá-los. • Perseverança, esforço e disciplina na busca de resultados.

- Perímetro
  - Superfície:
    - metro quadrado, centímetro quadrado e quilômetro quadrado.
    - transformação de unidades (de superfície).
    - área: - quadriláteros e triângulos.
  - Volume:
    - metro cúbico e decímetro cúbico.

TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

- Leitura, interpretação e construção de textos, listas, tabelas e gráficos.

5º ANO	CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (Ciên / Mat / Inf. Educ)	
INFORMÁTICA EDUCATIVA		
CONTEÚDOS		
CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Nomenclatura tecnológica • Computador: dispositivos externos; • Mídias; • Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) • Internet • Ferramentas de Produtividade	• Identificação das partes do computador e dispositivos externos: *mouse*, teclado alfanumérico e numérico, monitor, tela, área de trabalho/*desktop*, impressora, gabinete/torre, CPU, estabilizador, *pendrive*, CD, *drive* de CD, porta USB, fone de ouvido, microfone, câmera. • Uso correto dos equipamentos do laboratório de Informática (saber ligar e desligar). • Uso de *login* e senha. • Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nas atividades cotidianas escolares e familiares; • Uso dos *softwares* e aplicativos disponíveis, para complementar as atividades do conteúdo curricular de maneira interdisciplinar; • Desenvolvimento da habilidade de pesquisar (refinamento), organizar informações, levantar hipóteses e pensar estrategicamente, visando a registrar trabalhos escolares; • Expressão por meio de *softwares* de criação, edição e exposição de suas atividades, integrando textos, imagens, ferramentas de desenho e pintura, animações e outros recursos; • Uso de recursos de informação e comunicação de *sites* educacionais e de pesquisa, para uma navegação segura, transformando informação em conhecimento; • Editoração e formatação de textos, priorizando: uso de teclas shift+letra, acentos, *backspace e delete*, barra de espaço, enter, tab (parágrafo) e setas direcionais, formatação de margens e orientação de página, justificar, centralizar e negritar (texto e títulos).	• Respeito a regras e combinados para utilização do Laboratório de Informática. • Familiarização com o uso do computador. • Identificação, nas atividades lúdicas/tecnológicas, de uma possibilidade de aprendizagem do conteúdo curricular. • Uso do laboratório de informática, envolvendo-se em relações de troca e cooperação. • Desenvolvimento da capacidade de expressão por meio da criação, edição e exposição de ideias com o uso de *software*s de criação e pesquisa. • Cuidado com os equipamentos tecnológicos. .

- Uso de planilha eletrônica, priorizando: criar e salvar arquivos; diferenciar coluna, linha e célula; formatar: colunas(tamanho), linhas (altura) e célula (inserir borda, texto e imagem)
- Criação de apresentação em *slides*, priorizando: criar e salvar arquivo, inserir texto e imagem; adotar os elementos pré-textuais no 1º *slide*, formatar transição de *slides*.
- Organização dos arquivos (salvar) nas pastas e/ou subpastas da área de trabalho;
- Comunicação via *internet* (*emails e blogs*);

5º ANO	LINGUAGENS (L Port / Ing / Arte / Ed. Fís)

LÍNGUA PORTUGUESA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
LINGUAGEM ORAL • Linguagem e participação social. **LEITURA** • Textos de gêneros diversos: poemas, canções, história em quadrinhos, cartas, notícias, diário pessoal, contos, mitos, fábulas, lendas, parlendas, trava-línguas, piadas, literatura de cordel, instruções, notícias, relatos e entrevistas. • Textos extraverbais (ex: fotografia, música, dança, pintura, escultura e outros). • Leitura e interpretação de texto. • Intertextualidade. **ESCRITA** • Produção de texto individual e coletiva. • Itens da gramática normativa (revisão): ° Substantivo (conceito). ° Divisão silábica: dígrafo, encontro consonantal, encontro vocálico (ditongo, tritongo, hiato). ° Revisão: verbos (conceito / infinitivo). ° Tempos verbais (presente, pretérito, futuro). ° Concordância verbo-nominal. ° Discurso direto e indireto. ° Pronomes: pessoais, oblíquos, de tratamento, possessivos, indefinidos e demonstrativos. ° Preposição.	• Observação e uso da língua oral em situações sociais de comunicação. • Leitura de textos de gêneros diversos. • Construção de significados intertextuais em obras já conhecidas. • Uso da leitura como instrumento de pesquisa. • Produção de textos de diferentes tipologias, operando com os conhecimentos sobre a língua. • Uso de diferentes discursos em situações de comunicação escrita. • Pesquisa no dicionário para o aperfeiçoamento da ortografia nas produções textuais. • Aprofundamento e estudo das diferentes classes de palavras e seus significados. • Aplicação do conhecimento gramatical em situações de comunicação oral e escrita. • Uso sistemático do dicionário em qualquer situação de escrita em que se faça necessário, não apenas no ambiente escolar, mas também fora dele. • Produção e revisão de texto relacionado ao projeto desenvolvido na sala de aula.	• Respeito às diferentes formas de expressão oral (regionalismo, sotaques, etc). • Hábito diário de leitura de fontes diversas. • Preservação do patrimônio cultural e coletivo em língua escrita. • Adoção de espírito investigativo (pesquisa). • Autonomia e criticidade crescentes em relação às produções escritas. • Hábito da pesquisa em dicionário. • Exercícios da cidadania crítica e reflexiva, a partir do domínio crescente da língua.

- Artigo definido / indefinido.
- Adjetivo e locução adjetiva.
- Interjeição, onomatopéia.
- Grafias e expressões: a gente / agente; a / há.
- Sinais de pontuação (ponto e vírgula).
- Acentuação (crase).
- Numeral (noção e escrita dos cardinais e ordinais).
- Verbos e concordância verbal (revisão).
- Advérbios (tempo, dúvida, modo, negação, afirmação).
- Ortografia:
    1. Regularidades morfogramaticais (terminação em EZA de substantivos derivados de adjetivos; terminação em OSO/OSA de adjetivos; substantivos terminados em ANCIA, ENCIA, ANÇA.)
    2. Segmentação entre as palavras de um texto ou frase.
    3. Irregularidades ortográficas.

- Características do gênero (contos de assombração) /portador de texto escolhido para ser estudado pelo grupo, a partir de um tema gerador previamente selecionado.

5º ANO	LINGUAGENS (L Port / Ing / Arte / Ed. Fís)

INGLÊS

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• **Comandos:** *jump, play soccer, swim, run, skate, ride a bike, dance, watch TV, sit down, color, read, draw, stand up, close/open your book/the door, write, cut, glue, erase the board, it's easy; repeat, please; raise your hands, cross your arms, shake your leg, congratulations, thank you, look at my…, run, jump, fly, cook, speak, play, swim.* • **Perguntas e respostas sobre:** ○ **O que está fazendo**: He/She is ____ing. / They are ____ing. ○ **As condições do tempo**: *What's the weather like? It's...* ○ **A estação do ano preferida:** *What's your favorite season? It's...* ○ **As habilidades de cada um**: *What can you do? I can/can't...* ○ **As cores das roupas**: *What color is it? It's... What color are they? They're…* ○ **A quantidade de peças de roupas:** *How many ... are there? There is/are ...* ○ **As profissões das pessoas:** *Is ... a _____? Yes, ___is. / No, ___ isn't.* • **Falar sobre a profissão dos pais:** *My mother/father is a/an….* • **Os nomes de outras pessoas:** *What's her/his name?* • **As horas***: What time is it? It's ... / What time do you...? At ____ o'clock.* • **Expressar-se quando não souber dar uma resposta:** *I don't know.*	• Uso, em situações cotidianas, do vocabulário e diálogos aprendidos. • Uso da capacidade simbólica para a aquisição de um novo idioma. • Contato com músicas, brincadeiras e atividades feitas pelas crianças dos Estados Unidos e Inglaterra.	• Respeito a outras culturas. • Cooperação e respeito aos colegas durante as atividades de sala de aula. • Responsabilidade ao desenvolver as atividades em sala de aula. • Respeito ao momento em que o outro fala, ouvindo com atenção. • Parceria na construção da pronúncia dos colegas, respeitando os "erros" e comentando-os de forma positiva. • Reconhecimento da importância do trabalho em equipe.

- **Vocabulário:**
  - **Revisão:** Esportes, partes da casa,números, animais, dias da semana, meses do ano.
  - **Ações:** *jump, play, swim, run, skate, ride a bike, dance, watch TV, fly a kite, get up, go to bed, have breakfast, have lunch, have dinner, brush my teeth, take a shower, do homework, go to school, go home, watch TV, listen to music.*
  - **Condições do tempo**: *sunny, hot, cloudy, cold, rainy, windy, snowy.*
  - **Estações do Ano:** *Summer, Fall, Winter, Spring.*
  - **Roupas:** *dress, jacket, jeans, shorts, tennis shoes, boots, sweater, T-shirt, sneakers, jeans, socks, skirt, glasses.*
  - **Profissões:** *teacher, student, firefighter, dentist, nurse, police officer, doctor, secretary, engineer, lawyer, architect, driver, pilot.*
  - **Membros da família:** *mother, father, brother, sister.*
  - **Locais de prestação de serviços:** *fire station, hospital.*
  - **Descrições físicas:** *pretty, good-looking, ugly, tall, short, fat, thin, old, and young.*
  - **Relacionado ao tempo**: clock, noon, midnight.
- **Gramática**
  - Verbo *"to be"* - presente simples.
  - *Present continuous.*
  - Presente simples.
  - Modal: *can (para indicar possibilidade e habilidade)* – afirmativo, negativo, interrogativo.
  - Pronome pessoal: *I, it, he, she, you, we, they.*
  - Pronomes possessivos: *my, your, his, her.*
  - Conhecimento das principais manifestações culturais da civilização inglesa e da brasileira: *Valentine's Day, Carnival, Easter, Mother's Day, June Festival, Father's Day, Halloween, Thanksgiving, Christmas.*

5º ANO	LINGUAGENS (L. Port. / Ing. / Arte / Ed. Fís.)

ARTE

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
TEATRO • Dramatização de textos teatrais • Espaços cênicos. • Expressão corporal **ARTES VISUAIS** • Elementos da composição visual ○ Cores (monocromia e policromia) • Pontilhismo (sugestão – Paul Klee) • História em quadrinhos. • Arte Indígena **DANÇA** • Exploração do espaço em grupos • Processo coreográfico • Improvisação **MÚSICA** • Ostinato • Improvisação sonora dirigida • Instrumentos de orquestra • Os naipes da orquestra: cordas, sopros (madeiras e metais) e percussão (com altura definida e sem altura definida) • Manifestações folclóricas: jogos, canções, brincadeiras, parlendas, danças, etc. • Hino Nacional Brasileiro.	• Observação das cores nas manifestações artísticas. • Análise da arte como registro histórico e produto cultural. • Observação do fazer artístico como experiência de interação. • Modelagem de bonecos • Confecção de licocós (Arte Indígena). • Observação das formas e movimento nas manifestações artísticas abstratas. • Uso do corpo como expressão artística, reconhecendo suas possibilidades físicas e emocionais, ativando a memória afetiva. • Uso do papel como expressão tridimensional. • Observação da realidade e do meio em que está inserido como fonte de inspiração para registro em quadrinhos e criação de personagens, bem como o reconhecimento do que já existe. • Uso dos elementos da composição visual como o instrumento de leitura diante das manifestações artísticas. • Apreciação de imagens diversificadas. • Exploração de técnicas de colagem na produção artística. • Interpretação, reflexão, contextualização e encenação de histórias infantis.	• Respeito às diferenças. • Respeito à própria produção e à do outro. • Respeito às normas de funcionamento, às ideias dos demais, à colaboração e à iniciativa própria e alheia. • Valorização da solidariedade e da cooperação. • Cuidado na utilização dos materiais de trabalho e organização pessoal. • Respeito às formas de expressão artística diferenciadas, não convencionais. • Cuidado na preservação da produção artística pronta. • Valorização do silêncio diante da concentração. • Desenvolvimento do senso crítico. • Desenvolvimento da criatividade. • Valorização das criações individuais e coletivas. • Valorização, sensibilização e familiarização com as diferentes linguagens artísticas como forma de expressão e comunicação. • Valorização e responsabilidade pela audição e produção de sons do mundo, do cotidiano, percebendo o que pode ser mais saudável, levando a uma melhor qualidade de vida. • Atribuição da devida importância musical aos diferentes gêneros propostos. • Interesse, respeito e curiosidade pela riqueza do patrimônio musical brasileiro e de outros países.

•Hino à Bandeira Nacional. •Hino da Independência. •Hino de Santos (Santos Poema). •Música erudita.	• Experimentação coletiva por meio de gestos e movimentos livres. • Seleção e organização de sequências de movimentos para criação de pequenas coreografias. • Criação de improvisos sonoros, dirigidos pelo professor. • Apreciação da música erudita, destacando-se o compositor e sua breve biografia. • Interpretação, reflexão e contextualização das letras das canções e hinos pátrios. • Realização de jogos, brinquedos cantados, brincadeiras e histórias do folclore brasileiro. • Canto coletivo - canções infantis, da cultura popular, da MPB e Hinos Pátrios. • Reflexão e avaliação do repertório trabalhado durante o ano e da qualidade vocal do grupo.	• Conscientização no cuidado com o uso da voz.

5º ANO	LINGUAGENS (L Port / Ing / Arte / Ed. Fís)

EDUCAÇÃO FÍSICA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Jogos pré-desportivos, cooperativos e recreativos. • Atividades em sala de aula, desenvolvendo atenção, memória e observação. • Constatação de alterações corporais nos exercícios que envolvam esforço, elevação dos batimentos cardíacos, excesso de excitação e cansaço. • Noções de higiene e saúde. • Saúde corporal o Noções de atitudes corporais do gesto e da postura em situações cotidianas. o Educação postural • Ginástica. • Danças expressivas da cultura popular, ritmo e coreografias simples. • Atividades competitivas, respeitando o grau de dificuldade da criança. • Jogos individuais e coletivos; regras dos jogos. • Circuitos abertos com: corridas, saltos e arremessos. • Brincadeiras aprendidas em contextos extraescolares. • Circuitos de força, agilidade e habilidades motoras. • Atividades com divisões de grupos, estabelecendo relações com o espaço disponível. • Esportes paralímpicos o Práticas esportivas adaptadas	• Participação em atividades cotidianas, reconhecendo os próprios limites. • Resolução individual de problemas corporais. • Construção de novas regras e estruturas dos jogos, levando à autonomia • Discussão das regras dos jogos. • Participação em jogos coletivos. • Uso de suas possibilidades e limitações corporais. • Orientação e experimentação sobre as possibilidades de posicionamento da coluna de modo correto. • Exercícios de fortalecimento do hábito postural adequado. • Exercícios básicos de alongamento. • Utilização de habilidades (correr, saltar, chutar, arremessar, rolar, bater, rebater, amortecer, girar) durante jogos, brincadeiras e danças. • Participação em atividades rítmicas e expressivas, assim como em danças simples ou adaptadas e brincadeiras pertencentes a manifestações populares e folclóricas. • Localização no espaço percebendo os limites • Uso da atenção, observação e memória. • Participação em jogos pré-desportivos, jogos populares, brincadeiras ou outras atividades corporais. • Identificação das modalidades paralímpicas.	• Resolução de situações de conflito por meio do diálogo, com ajuda do professor. • Interiorização de uma nova postura perante a dinâmica da competição, apresentando mais uma opção, a cooperação. • Valorização de momentos de reflexão. • Reflexão sobre valores como autonomia, cooperação, limite e participação social. • Responsabilidade e compartilhamento com a intenção de afastar ao máximo a probabilidade de ocorrerem acidentes e atender as necessidades dos participantes. • Desenvolvimento de uma atitude crítica reflexiva em relação a padrões impostos pela cultura. • Exercício do “ganhar” e do “perder”. • Respeito às regras. • Reconhecimento, valorização e sustentação da participação de todas as diferenças, adotando atitudes de cooperação e solidariedade. • Respeito as suas possibilidades e limitações corporais. • Valorização e apreciação de danças e brincadeiras pertencentes à cultura brasileira. • Valorização da convivência solidária. • Valorização das diferentes manifestações de cultura corporal presentes no cotidiano. • Adoção de hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida, agindo com responsabilidade em relação a sua saúde e à saúde coletiva.

• Práticas esportivas adaptadas por meio de atividades interativas. • Uso da cooperação durante as atividades. • Utilização das diferentes linguagens: verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal, como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias. • Participação e apreciação de brincadeiras ensinadas pelos colegas. • Localização no espaço percebendo seus limites e do outro. • Uso de opiniões e estratégias a serem utilizadas em situações de jogos, esportes e brincadeiras. • Elaboração e desenvolvimento de jogos, brincadeiras, valorizando a participação de todos. • Experimentação de atividades de danças.	• Adoção de atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade em situações competitivas, repudiando qualquer espécie de violência. • Respeito na utilização dos espaços comuns. • Expressão de opiniões em situações de jogos, esportes e brincadeiras. • Respeito aos limites impostos pelas regras dos jogos e brincadeiras, respeitando as diferenças.

5º ANO	SOCIEDADE (Hist / Geo / Ens. Rel.)

HISTÓRIA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• História: o que é? • História pessoal: a história de vida do aluno e o uso de documentos; • Medições de tempo: calendário cristão (ano, década e século). • O Brasil indígena: o Brasil antes da chegada dos colonizadores: as nações indígenas, os indígenas hoje (modos de vida, hábitos, relação com a natureza e problemática atual) • Os colonizadores: o encontro de culturas, a dos portugueses e a dos indígenas: • Primeiras viagens e a colonização no Brasil • Capitanias hereditárias: implantação da cultura da cana-de-açúcar, capitania de São Vicente e Pernambuco. • Fundação da Vila de São Paulo (1554). • Os africanos : o continente africano e sua diversidade paisagístico-cultural. • A importância da África na formação do povo brasileiro. • A África e o Brasil: a escravidão negra (o tráfico de escravos para o Brasil e a exploração da mão-de-obra). • Inserção do negro na economia colonial: a cana-de-açúcar e a mineração. • Ser escravo no Brasil: resistência negra: quilombos e líderes negros. • O negro na sociedade atual: a desigualdade vivenciada pela população negra e outros setores da população.	• Pesquisa sobre a própria história e da família por meio de entrevistas com pessoas do seu convívio. • Pesquisa sobre personagens da história da sua localidade. • Troca de informações sobre o modo de viver, hábitos, histórias de vida, com as demais pessoas do convívio escolar. • Uso de diferentes fontes históricas: fotos, gravuras, pinturas, documentos escritos, músicas, etc. • Coleta de dados sobre as diferentes nações indígenas que habitavam e as que habitam o Brasil. • Apropriação dos dados coletados por meio de pinturas indígenas, teatro, texto, poesia, etc • Discussão sobre o encontro de culturas e as formas de dominação portuguesa. • Discussão dos termos encontro, conquista e descobrimento. • Leitura de textos de fontes diversas: música, poesia, texto jornalístico, etc. • Organização e registro das informações por meio de desenhos, quadros, tabelas, listas, textos e maquetes. • Diálogo sobre temas propostos. • Planejamento de estudos do meio com a ajuda do professor. • Contextualização dos principais acontecimentos e suas transformações para a sociedade de ontem e hoje.	• Respeito às regras produzidas coletivamente. • Desenvolvimento de atitudes positivas em relação aos amigos, ao professor e às demais pessoas do seu convívio escolar. • Integração aos grupos dos quais faz parte. • Valorização da própria história de vida. • Respeito às diferenças culturais e étnicas que formam o povo brasileiro. • Adoção de postura crítica em relação à conquista dos povos nativos. • Valorização da cultura indígena. • Empenho e colaboração nas atividades em grupo. • Reconhecimento da importância de saber situar-se no tempo. • Valorização da cultura negra como formadora da cultura brasileira. • Conhecimento sobre a realidade dos afro-descendentes no Brasil atual. • Valorização da diversidade cultural dos povos. • Aceitação das diferenças de cada um. • Respeito às formas de luta do passado e do presente. • Exposição do próprio pensamento. • Reconhecimento da importância da participação da população nas lutas pela democracia e o poder do voto.

• Transformações econômicas, culturais, sociais e políticas com a vinda da família real portuguesa para o Brasil: a independência do Brasil. • A expansão cafeeira: urbanização, porto de Santos, transporte, etc. • O movimento abolicionista e republicano. • O trabalho: a substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado. • Os imigrantes: influência na história de São Paulo e Santos. • Brasil República ontem e hoje. • A organização político-administrativa (Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário). • O desenvolvimento da indústria: condições de vida dos operários, as fábricas e o movimento operário. • Os direitos dos trabalhadores: leis trabalhistas. • Regime democrático X regime ditatorial Assembleia Constituinte, Constituição, eleição, voto, etc. • Direitos e deveres do cidadão na atualidade. • Principais acontecimentos políticos e sociais na atualidade.	• Estabelecimentos de diferenças entre o hoje e o ontem: permanências, rupturas e transformações. • Discussão sobre o papel do negro na sociedade atual e das diversas formas de preconceito existentes no Brasil. • Uso de mapas geográficos e históricos. • Por meio de desenhos, quadros, tabelas, listas, textos e maquetes. • Organização de entrevistas ou depoimentos com pessoas que viveram a época da ditadura em Santos. • Discussão sobre liberdade, democracia e ética.

5º ANO	**SOCIEDADE** (Hist / Geo / Ens. Rel.)

GEOGRAFIA

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
• Diferentes tipos de mapas observando título, escala e legenda, reconhecendo o objetivo de cada um. • Ocupação do espaço físico do Brasil reconhecendo as semelhanças e diferenças físicas e sociais das zonas rurais e urbanas, identificando a relação de complementaridade e interdependência existente entre ambas (noções gerais). • Consequências da transformação da natureza pelo homem: desmatamento, poluição e outros, compreendendo problemas característicos do nosso país, distinguindo-os de acordo com as regiões. • Aspectos físicos do país: relevo, clima, hidrografia e recursos naturais; • Relação homem-natureza reconhecendo as intervenções humanas no ambiente natural de acordo com suas necessidades: canalização de rios, construção de pontes, aplainamento de morros, áreas populacionais e outros. • O papel do trabalho e da tecnologia na transformação dos espaços. • Características de urbanização do Brasil observando a industrialização e comercialização percebendo-os a partir do próprio convívio;	• Leitura, interpretação e elaboração de mapas e plantas com escala, legenda e título; • Utilização da bússola e a rosa-dos-ventos como instrumento de orientação; • Pesquisa em diferentes fontes de consulta tais como: jornais, livros, enciclopédias, internet, fotografias, obras de arte e outros; • Registro por meio de listas, gráficos, textos narrativos, desenhos, fotografias, mapas, plantas e outros; • Confecção de maquete com escala. • Uso dos mapas e plantas como fonte e registro de informações;	• Desenvolvimento do hábito de pesquisa em diferentes fontes de consulta; • Desenvolvimento da autonomia na orientação espacial e temporal; • Valorização de formas sustentáveis de apropriação e transformação dos recursos naturais; • Valorização das diferentes manifestações culturais dos grupos étnicos do nosso país.

- Implicações do processo de industrialização tais como modernização da economia rural para atender a indústria, e revolução digital, compreendendo-as a partir de situações reais como uso de máquinas e computadores na elaboração de produtos utilizados no dia a dia;
- Movimento de migração e imigração e suas consequências tais como: mão-de-obra para a indústria, ocupação do espaço, desemprego e influências na cultura do país;
- Divisões do trabalho: por tarefas (um planta, outro transporta, outro embala e outras); social (patrão, empregado); por setor (primário, secundário, terciário); espacial (cidade e campo), tendo como foco a dinâmica da economia brasileira;
- Modos de vida dos diferentes grupos sociais comparando a nossa região a outras áreas do país;
- Coexistência de grupos que vivem de maneiras diferentes em uma mesma cidade/estado/país;
- Processo de urbanização e modernização do país promovido pela industrialização: concentração maior de pessoas, transporte, moradia, saneamento básico, energia elétrica, lazer, programas assistenciais, movimentos populares e organização político-administrativa.

5º ANO	SOCIEDADE (Hist / Geo / Ens Rel)

ENSINO RELIGIOSO

CONTEÚDOS

CONCEITUAIS	PROCEDIMENTAIS	ATITUDINAIS
HISTÓRIA DAS NARRATIVAS SAGRADAS ORAIS E ESCRITAS • Reconhecimento de que a origem da palavra mito (do grego – *mythos*) etimologicamente significa fábula, narrativa, na qual a palavra é usada para transmitir e comunicar coletivamente a tradição oral, preservando a sua memória e garantindo a continuidade da cultura. • Palavra sagrada para os povos. • Respeito à vida, bem maior do homem. • Origem dos mitos e os segredos sagrados na história dos povos. **RITUAIS** • A busca do Transcendente em práticas religiosa e nos mistérios. • Entendimento da dimensão da religiosidade humana e sua relação com o Transcendente por meio do conhecimento das várias cerimônias religiosas. • As práticas religiosas e os desígnios do Transcendente. **DIVINDADES** • As representações do Transcendente, valor supremo do povo. • As práticas religiosas e a relação com o Transcendente. **SÍMBOLOS** • Os símbolos são significativos e necessários para as Tradições Religiosas se expressarem e para nosso cotidiano.	• Elaboração de um calendário rudimentar das celebrações (datas comemorativas) das diferentes Tradições Religiosas. • Visualização no mapa dos locais de predominância das diferentes Tradições Religiosas. • Montagem de painéis com os diferentes nomes com os quais o Transcendente é chamado nas Tradições Religiosas, classificando-os conforme matriz de origem. • Pesquisa, seleção e discussão de mitos criados ao redor de crendices, da culinária, da linguagem. • Socialização de histórias da família, com o grupo. • Pesquisa de letras de músicas que abordam questões sociais (religiosidade, valores humanos). • Reflexão sobre os interesses (econômicos, sociais, políticos, religiosos) envolvidos na criação e disseminação dos mitos. • Pesquisa de mitos sobre a criação do mundo a partir das Tradições Religiosas mais significativas.	• Valorização da família. • Troca de opiniões e experiências com os colegas. • Avaliação do próprio comportamento ante a maneira de encarar as diferenças. • Posicionamento pessoal de repúdio em relação aos vários tipos de preconceitos. • Reconhecimento e valorização da pluralidade de manifestações culturais/religiosas. • Reconhecimento de que todo ser vivo depende de outro ser vivo.